

PRÉ-VESTIBULAR
SEMIEXTENSIVO

 **DOM BOSCO**
by Pearson

**MATERIAL DO
PROFESSOR**

- **Língua
Portuguesa**

VOLUME

1



PRÉ-VESTIBULAR
SEMIEXTENSIVO

**MATERIAL DO
PROFESSOR**

- **Língua
Portuguesa**

VOLUME

1

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

DOM BOSCO - SISTEMA DE ENSINO
PRÉ-VESTIBULAR SEMIEXTENSIVO 1
Linguagens, códigos e suas tecnologias.
© 2019 – Pearson Education do Brasil Ltda.

Vice-presidência de Educação	Juliano Melo Costa
Gerência editorial nacional	Alexandre Mattioli
Gerência de produto	Silvana Afonso
Autoria	Érica Antunes, Juliana Mello Souza, Rodrigo Noronha Cavalcanti
Coordenação editorial	Luiz Molina Luz
Edição de conteúdo	Éverton Silva, Luciano Delfini, Mariana Müller Cascadan, Felipe Cirelli, Egidio Trambaioli
Assistência de edição	Ana Carolina de Almeida Paulino
Leitura crítica	Adriana Cristina Cardoso, Diogo Souza, Mariana Müller Cascadan, Curso São Carlos Ltda.
Preparação	Sérgio Nascimento, Felipe Cirelli, Vera Lúcia Pereira
Revisão	Adriana Cristina Cardoso, Luzia Rodrigues, Natália de Moraes Silva, Sérgio Nascimento
Gerência de Design	Cleber Figueira Carvalho
Coordenação de Design	Diogo Mecabo
Edição de arte	Alexandre Silva
Coordenação de pesquisa e licenciamento	Maiti Salla
Pesquisa e licenciamento	Andrea Bolanho, Cristiane Gameiro, Heraldo Colon, Maricy Queiroz, Sandra Sebastião, Shirlei Sebastião
Ilustrações	Carla Viana
Projeto Gráfico	Apis design integrado
Diagramação	Editorial 5
Capa	Apis design integrado
Imagem de capa	mvp64/istock
Produtor multimídia	Cristian Neil Zaramella
PCP	George Baldim, Paulo Campos

Todos os direitos desta publicação reservados à
Pearson Education do Brasil Ltda.

Av. Santa Marina, 1193 - Água Branca
São Paulo, SP – CEP 05036-001
Tel. (11) 3521-3500

www.pearson.com.br

APRESENTAÇÃO

Um bom material didático voltado ao vestibular deve ser maior que um grupo de conteúdos a ser memorizado pelos alunos. A sociedade atual exige que nossos jovens, além de dominar conteúdos aprendidos ao longo da Educação Básica, conheçam a diversidade de contextos sociais, tecnológicos, ambientais e políticos. Desenvolver as habilidades a fim de obterem autonomia e entenderem criticamente a realidade e os acontecimentos que os cercam são critérios básicos para se ter sucesso no Ensino Superior.

O Enem e os principais vestibulares do país esperam que o aluno, ao final do Ensino Médio, seja capaz de dominar linguagens e seus códigos; construir argumentações consistentes; selecionar, organizar e interpretar dados para enfrentar situações-problema em diferentes áreas do conhecimento; e compreender fenômenos naturais, processos histórico-geográficos e de produção tecnológica.

O Pré-Vestibular do Sistema de Ensino Dom Bosco sempre se destacou no mercado editorial brasileiro como um material didático completo dentro de seu segmento educacional. A nova edição traz novidades, a fim de atender às sugestões apresentadas pelas escolas parceiras que participaram do Construindo Juntos – que é o programa realizado pela área de Educação da Pearson Brasil, para promover a troca de experiências, o compartilhamento de conhecimento e a participação dos parceiros no desenvolvimento dos materiais didáticos de suas marcas.

Assim, o Pré-Vestibular Semiextensivo Dom Bosco by Pearson foi elaborado por uma equipe de excelência, respaldada na qualidade acadêmica dos conhecimentos e na prática de sala de aula, abrangendo as quatro áreas de conhecimento com projeto editorial exclusivo e adequado às recentes mudanças educacionais do país.

O novo material envolve temáticas diversas, por meio do diálogo entre os conteúdos dos diferentes componentes curriculares de uma ou mais áreas do conhecimento, com propostas curriculares que contemplem as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como eixos integradores entre os conhecimentos de distintas naturezas; o trabalho como princípio educativo; a pesquisa como princípio pedagógico; os direitos humanos como princípio norteador; e a sustentabilidade socioambiental como meta universal.

A coleção contempla todos os conteúdos exigidos no Enem e nos vestibulares de todo o país, organizados e estruturados em módulos, com desenvolvimento teórico associado a exemplos e exercícios resolvidos que facilitam a aprendizagem. Soma-se a isso, uma seleção refinada de questões selecionadas, quadro de respostas e roteiro de aula integrado a cada módulo.

SUMÁRIO



5

GRAMÁTICA



221

LITERATURA

MATERIA DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



LÍNGUA PORTUGUESA

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

MATERIAL DIDÁTICO
SISTEMA DE ENSINO DE LIMBOSCO

1

HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

- História da língua portuguesa
- A língua portuguesa no mundo
- Origem
- Português arcaico
- Português clássico
- Português moderno
- Língua
- Linguagem

HABILIDADES

- Compreender a importância de se conhecer a história da Língua Portuguesa como parte integrante do conhecimento da língua materna e sua consequente valorização.
- Identificar o desenvolvimento da Língua Portuguesa ao longo de diferentes épocas e sua contribuição para a formação de diversificados estilos de produção textual.
- Identificar as diferentes linguagens e os seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação.
- Relacionar informações geradas nos sistemas de comunicação e informação, considerando a função social desses sistemas.
- Analisar a função da linguagem predominante nos textos em situações específicas de interlocução.
- Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social.
- Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

A LÍNGUA PORTUGUESA NO MUNDO

Com mais de 260 milhões de falantes, a língua portuguesa é o idioma oficial de nove países: Angola (África), Brasil (América do Sul), Cabo Verde (África), Guiné-Bissau (África), Guiné-Equatorial (África), Moçambique (África), Portugal (Europa, incluindo os Açores e a Ilha da Madeira), São Tomé e Príncipe (África) e Timor-Leste (Ásia). Considerando os territórios em que o português é falado, apesar de não ser língua oficial – Damão (Índia), Diu (Índia), Goa (Índia), Macau (China) e Malaca (Malásia) –, percebe-se que a língua está presente em todos os continentes.

A ORIGEM

A atual Península Ibérica, composta por Portugal, Espanha, Andorra e Gibraltar, foi habitada desde tempos muito antigos pelos iberos, povos provenientes do norte da África e do sudeste da Europa considerados os indígenas de Portugal.

Posteriormente, os celtas, provenientes da Europa Central, dominando o trabalho com o cobre, o bronze e o ferro, desenvolveram armas mais eficientes que as dos iberos, conquistando-os e, pouco a pouco, com eles se misturando.

Com isso, surgiram os celtiberos, os quais, organizados em tribos ou clãs, guerreavam frequentemente. Uma dessas tribos, localizada entre o rio Douro e o rio Tejo, era habitada pelos lusitanos, considerados os antepassados dos portugueses e tidos como destemidos, fortes e ágeis praticantes da caça e da guerra.

Por volta do século II a.C., os romanos invadiram a Lusitânia e, mesmo encontrando forte resistência, submeteram a seu domínio todos os celtiberos.

Com a construção de cidades, a cultura romana passou a ser amplamente difundida, incluindo a língua da civilização: o latim.

Palavras de origem latina

amar, areia, arena, agricultor, alienígena, apicultor, aurífero, ave
bacilo, baguete, benéfico, bípede, bom

cafeicultura, casa, cavalo

dizer, docente

cair

enfermo, estelionato, estilo

filho, forte

gato

homicida

imbecil, incesto

localidade, logro, lucro

mãe, mão, mortífero, multinacional

ocular, ônibus

paixão, pai, paternal, perdão, pluvial, popular, precoce, prematuro

retilíneo

saponáceo, sardinha, solitário, solteiro

trimestre

verde, vermífugo, vez, vidente, vice

Entre os séculos V e VII d.C., como parte das invasões bárbaras que deram cabo ao Império Romano, os visigodos dominaram alguns reinos germânicos e tentaram unificar a Península Ibérica, mas o latim continuou sendo a língua de prestígio, de modo que a contribuição linguística dos povos germânicos para o português se restringiu a empréstimos lexicais, toponímia e antroponímia.



Gravura do século XIX, em que se registra Turismundo sendo proclamado rei dos visigodos, no século V.

No início do século VIII, em 711, deu-se a invasão dos mouros, que tiveram grande importância na história das línguas ibero-românicas, legando muitas palavras ao português.

Em 722, iniciou-se o movimento de Reconquista, ou seja, uma ofensiva dos reinos cristãos contra os árabes muçulmanos, mas somente em 1096 é que ocorreu um dos fatos marcantes na história de Portugal: Afonso VI, rei das Hespanhas (Leão, Castela e Aragão), obteve auxílio de diversos reinos e, em troca, concedeu a Henrique de Borgonha, além da mão de uma de suas filhas, a infanta Tareja (Teresa de Leão), o Condado Portucalense.

Ao morrer, D. Henrique deixa o comando do condado à mulher, mas o filho do casal, D. Afonso Henriques, descontente com a nova vida amorosa da mãe, vence a batalha de São Mamede e se proclama rei em 1128, ato reconhecido por Afonso VII em 1142 e ratificado pelo papa Alexandre III em 1173.

Independentemente da Galiza, a expansão portuguesa em direção ao sul continuou até 1250, quando o Algarve foi conquistado e restaram determinadas as fronteiras atuais de Portugal. Nessa época, a língua falada pelas pessoas comuns era uma mistura das diversas influências dos povos que à Península Ibérica foram chegando ao longo do tempo, enquanto nos palácios, entre os nobres, o latim continuava difundido por poder ser documentado, escrito.

Português arcaico

O português arcaico compreende o período desde o nascimento da língua portuguesa (final do século XII e início do século XIII) até o início das grandes navegações portuguesas, em torno de 1415.

Datam dessa época a *Carta de Fundação da Igreja de Lardosa* e documentos escritos em galego-português, como a *Notícia de Torto*, entre 1210 e 1216, a *Demanda do Santo Graal*, a *Notícia de Fiadores*, de 1175, e o *Testamento de Afonso II*, de 1214.

A poesia lírica trovadoresca também se desenvolveu, podendo ser referidos o *Cancioneiro da Ajuda* (de fins do século XIII), o *Cancioneiro da Vaticana* e o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional de Lisboa*, compilações classificadas como cantigas de amigo, de amor, de escárnio e de maldizer.

Um trovador de reconhecida importância no período é D. Dinis, rei de Portugal e um dos principais responsáveis pela criação de uma identidade nacional portuguesa, marcada por atos como a definição das fronteiras, a criação da primeira universidade portuguesa e a instituição da língua portuguesa como língua oficial da corte.

Português clássico

O português clássico surge por volta de 1415, com o início das grandes navegações, e se consolida com aquela que é considerada a maior obra escrita em língua portuguesa, *Os Lusíadas*, de Luís de Camões, datada de 1572.

Em 1500, Portugal já conhecia, além das ilhas da Madeira, os Açores, a América (incluindo o Brasil) e vários domínios da África (entre eles Angola, Cabo Verde, Moçambique e São Tomé e Príncipe) e da Ásia (caso de Macau). Tais contatos com as mais diferentes realidades, povos, línguas e culturas foram muito importantes para a consolidação da língua portuguesa, uma vez que a ela foram incorporados diferentes vocábulos e várias inovações, aproximando-a da língua falada na atualidade.

Foi nesse período em que surgiram as primeiras gramáticas dedicadas à língua portuguesa, merecendo ser referida a *Gramática da linguagem portuguesa*, de Fernão de Oliveira, de 1536, e a *Gramática/Diálogo em louvor da nossa linguagem*, de João de Barros, de 1540.

Português moderno

O português moderno tem início em 1572 e segue seu curso – de modo diferente no Brasil, em Portugal, na África, na Ásia e na Índia – até os dias de hoje.

Abordando especificamente o caso do Brasil, percebe-se a presença das línguas indígenas e de origem africana, especialmente as línguas tupi e as línguas banto, em boa parte do léxico, sobretudo em nomes de lugares e de pessoas e a elementos que compõem a fauna, a flora e a culinária brasileira.

Palavras de origem indígena

abacaxi, açai, aipim, araponga, arapuca, arara

baiacu, biboca

caatinga, caipora, cajá, caju, capim, capivara, carioca, catapora, cipó, Copacabana, cupim, cupuaçu, Curitiba, curumim, cutia

gambá, guará

Palavras de origem indígena

Ibirapuera, ipê

jabuti, jabuticaba, jacaré, jararaca, jenipapo, jerimum, jiboia, jururu

mandioca, maniçoba, Maracanã, Morumbi

paçoca, Paraná, pereba, perereca, peteca, pipoca, pitanga, piranha, pirarucu, pororoca

sabiá, sagui, samambaia, Sapucaí, saúva, siri

tamanduá, tapioca, tocaia, tucano

abadá, acarajé, angu, axé

babaca, banguela, banzo, batuque, berimbau, borocoxô, bunda, búzio

caçamba, cachaça, cachimbo, caçula, cafofo, cafuné, cafundó, calango, calombo, cambada, camundongo, candango, canga, canjica, capanga, carimbo, caxumba, chuchu, cochilar, corcunda

dendê, dengo

farofa, fubá

gibi

inhame

jabá, jiló

macaco, macumba, marimondo, maxixe, miçanga, molambo, moleque, moqueca, muamba, muquirana, muvuca

orixá

quiabo, quitanda, quitute

samba, senzala

tanga

vatapá

xingar

zumbi

Outro fato que merece referência é a criação, em 17 de julho de 1996, da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), reunindo Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal e São Tomé e Príncipe. Em 20 de maio de 2002, Timor-Leste também se tornou membro da comunidade e, finalmente, em 2014, a Guiné-Equatorial tornou-se o nono membro de pleno direito.

LÍNGUA

A língua se materializa como código ou sistema de signos simbólicos. Nas concepções de forma e de estrutura, assentou-se como sistema homogêneo formado pelos níveis fonológico, morfológico, sintático e semântico, hierarquicamente distribuídos.

Há ainda um segundo entendimento sobre a língua, enquanto conteúdos de intercomunicação social que inferem a consciência do indivíduo, debruçando-se, portanto,

sobre a forma de o ser humano se expressar e se comunicar – sejam ideias, sejam sentimentos. É importante lembrar que o conceito de língua já fora tratado como sistema de representação mental, circunscrevendo a língua a atos de criação e de expressão do pensamento.

Concepções como essas acabam por desvincular a língua do seu caráter histórico e social, uma vez que tanto desconsidera a interação entre sujeitos como engessa o texto como produto pronto, de modo que o leitor decodifica a informação.

A leitura atual que se faz da língua entende-a como um conjunto de práticas sociais e cognitivas situadas historicamente. Tal concepção nos permite interpretá-la, portanto, como um fluxo dinâmico, flexível e heterogêneo. Dessa forma, não sendo algo estanque, a sua estrutura pode ser entendida como autônoma, imutável e alheia à realidade dos falantes.

São os textos – falados ou escritos, materializados em gêneros discursivos culturalmente compartilhados –, que imprimem toda manifestação real de língua.

LÍNGUA ESCRITA E LÍNGUA FALADA

As modalidades de uso da língua são a falada e a escrita. Quando manifestadas, elas se interconectam, se influem mutuamente, se mesclam. E são justamente as condições de produção e de edição de cada modalidade da língua que vão determinar a diferença entre fala e escrita.

A saber:

Fala	Escrita
<p>Elaborada e editada no momento da interação, em tempo real.</p> <p>É condicionada por vários fatores:</p> <ul style="list-style-type: none"> • interação face a face (de modo presencial ou à distância, por meio de chamadas de vídeo); • planejamento simultâneo ou quase simultâneo à execução; acesso imediato à reação do ouvinte; • possibilidade de redirecionar o texto, posteriormente. 	<p>Diferentemente da fala, permite ajustes e correções antes de ser publicada/divulgada.</p> <p>É determinada por algumas condições:</p> <ul style="list-style-type: none"> • interação à distância (tanto no espaço quanto no tempo); • planejamento anterior à execução; • réplica não instantânea (mesmo em interações de mensagens instantâneas, o interagente leva certo tempo para construir um enunciado); • o autor/escritor tem autonomia para modificar o texto de acordo com possíveis reações do leitor.

NORMA-PADRÃO

As regras ortográficas e prosódicas estão determinadas pela gramática normativa, que, exceto por alguma divergência pontual entre os gramáticos, tendem a ser homogêneas e consensuais.

VARIEDADE DE PRESTÍGIO

Refere-se ao conjunto de práticas linguísticas e de modelos de uso localizados, sobretudo em situações comunicativas formais, especialmente na modalidade escrita.

Traz consigo algumas características importantes: empregada com alguma uniformidade quando se faz necessário marcar prestígio político e cultural pelos membros de um grupo social de padrão cultural dito mais elevado; ensinada pela escola; presente em gêneros discursivos em que há maior formalidade; a mais próxima dos padrões da prescrição da gramática tradicional; a mais empregada na literatura.

LINGUAGEM

Entendida enquanto algo dialógico, social e histórico, a linguagem é um fenômeno da comunicação, vista então como atividade interlocutiva. Sendo a língua a expressão da imagem que os interlocutores fazem da situação social em que se encontram, para colocá-la em prática, o(s) seu(s) usuário(s) inicialmente verifica(m) o contexto de uso e escolhe(m), assim, a forma de expressão mais apropriada. Isso porque se faz necessário adequar as formas de emprego da língua à situação e à finalidade do ato comunicativo.

Linguagem artificial

É construída, sobretudo, para facilitar a comunicação em determinada área, tal como as linguagens científicas (Lógica, Matemática, Informática etc.).

Linguagem corporal

Parte da comunicação não verbal consiste no modo como o usuário da língua se move e se gesticula. Própria de cada pessoa ou animal, é usada para intercomunicação com outras pessoas ou animais.



Mulher gesticulando, com a mão, de modo a emitir uma mensagem que pode ser interpretada como “pare”, “não”, “agora não”, “chega” ou “silêncio”.

Linguagem familiar

Fundamentalmente empregada na esfera doméstica, tem as suas palavras ou expressões empregadas na literatura, no teatro ou em atividades afins, sobretudo quando é preciso recriar com realismo a atmosfera familiar.

Linguagem figurada

É caracterizada pelo emprego frequente de figuras de palavras, nomeadamente as que designam

alguma mudança de sentido, como a metáfora, a metonímia etc.

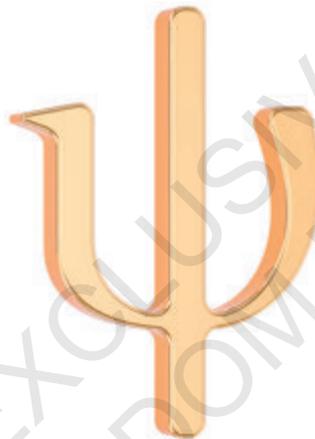
Linguagem natural

Surgida e desenvolvida de uma capacidade natural de uma determinada espécie, como as linguagens humanas e as linguagens dos animais.

Linguagem simbólica

Consiste no emprego de símbolos, especialmente convencionados para tornar a linguagem mais dinâmica.

ALEXIM/DREAMSTIME



As letras são símbolos, uma vez que representam os sons da língua. Nesse caso, a letra psi do alfabeto grego, pode simbolizar tanto o som [ps] quanto a psicologia, área do conhecimento.

O surgimento dos símbolos pode decorrer da necessidade de uma comunicação mais universal, abrangente.

Pode ocorrer de os símbolos serem resignificados, de acordo com a passagem do tempo ou da cultura que o adota ou de convenções diversas, como ocorre com a cruz.

JOHANEL/ISTOCKPHOTO



Os símbolos podem ser resignificados ao longo do tempo ou de acordo com quem o emprega. A cruz é um desses casos de resignificação simbólica.

Para os cristãos, a cruz representa a vitória de Jesus Cristo sobre a morte. Contudo, o uso desse símbolo remonta a milhares de anos antes de sua apropriação pelos cristãos, sendo encontrado nas mais diversas culturas, em suas diversas formas, associado sobretudo à adoração da natureza. Hoje, é muito comum seu uso representando também a morte, como ocorre em cemitérios, em que é empregada como ornamento assim como ao lado de datas de falecimento gravadas nas lápides.

ROTEIRO DE AULA

HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Português arcaico

O português arcaico compreende o período desde o nascimento da língua portuguesa (final do século XII e início do século XIII) até o início das grandes navegações portuguesas, em torno de 1415.

Português clássico

O português clássico surge por volta de 1415, com o início das grandes navegações, e se consolida com aquela que é considerada a maior obra escrita em língua portuguesa, Os Lusíadas, de Luís de Camões, datada de 1572.

Português moderno

O português moderno tem início em 1572 e segue seu curso – de modo diferente no Brasil, em Portugal, na África, na Ásia e na Índia – até os dias de hoje.

ROTEIRO DE AULA

LÍNGUA E LINGUAGEM

A linguagem é

a capacidade de comunicação, com que se produz e se desenvolve a compreensão das manifestações dos seres,

e pode ser expressa em forma de língua, que

pode ser escrita, o que permite

correções e emendas antes da leitura do interlocutor

e o estabelecimento de uma norma-padrão, composta de

regras impostas pela gramática normativa, geralmente homogêneas e consensuais.

é utilizada

como meio de comunicação entre os membros de um grupo social ou de uma comunidade linguística.

é diferente da fala, que

é produzida e editada em tempo real, no momento da interação

e comumente apresenta uma variante de prestígio, conjunto de

práticas linguísticas e modelos de uso em textos formais, especialmente na modalidade escrita.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UFAM – Uma das afirmativas abaixo, feitas a respeito da formação e difusão da língua portuguesa, bem como da incorporação de palavras de origem indígena e africana ao seu vocabulário, NÃO está correta. Assinale-a:

- a) A língua portuguesa é um dos resultados do latim, idioma que foi levado à Península Ibérica pelo Império Romano.
- b) A presença de palavras indígenas no português se deve aos jesuítas, que procuraram criar uma síntese entre o tupi e o nosso idioma.
- c) Foi Portugal, entre os séculos 15 e 16, no ciclo das grandes navegações, quem difundiu a língua portuguesa em várias partes do mundo.
- d) “Abacaxi”, “bauru” e “curumim” são palavras que, dadas como de origem indígena, se incorporaram ao português do Brasil.
- e) A aquisição de palavras como “jiló” e “dendê” se deu graças à presença da mão de obra africana em terras brasileiras.

Não houve tentativa de síntese da língua dos indígenas com o português por parte dos jesuítas. Esses missionários utilizaram a língua dos nativos, a fim de facilitar sua catequização, não havendo tentativa de uma síntese entre o português e os idiomas nativos.

2. Enem**C6-H20**

Quando os portugueses se instalaram no Brasil, o país era povoado de índios. Importaram, depois, da África, grande número de escravos. O Português, o Índio e o Negro constituem, durante o período colonial, as três bases da população brasileira. Mas no que se refere à cultura, a contribuição do Português foi de longe a mais notada.

Durante muito tempo o português e o tupi viveram lado a lado como línguas de comunicação. Era o tupi que utilizavam os bandeirantes nas suas expedições. Em 1694, dizia o Padre Antônio Vieira que “as famílias dos portugueses e índios em São Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras, que as mulheres e os filhos se criam mística e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos Índios, e a portuguesa a vão os meninos aprender à escola.”

TEYSSIER, Paul. *História da língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa, 1984. (Adaptado).

A identidade de uma nação está diretamente ligada à cultura de seu povo. O texto mostra que, no período colonial brasileiro, o português, o índio e o negro formaram a base da população e que o patrimônio linguístico brasileiro é resultado da

- a) contribuição dos índios na escolarização dos brasileiros.
- b) diferença entre as línguas dos colonizadores e as dos indígenas.
- c) importância do padre Antônio Vieira para a literatura de língua portuguesa.
- d) origem das diferenças entre a língua portuguesa e a língua tupi.
- e) interação pacífica no uso da língua portuguesa e da língua tupi.

O texto relata o momento anterior à imposição da língua portuguesa por parte de Pombal. Nesse momento, as línguas nativas se sobrepunham ao português como idiomas sociais.

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

3. Vunesp-SP – Examine a charge do cartunista argentino Quino (1932-).



Quino. *Potentes, prepotentes e impotentes*, 2003.

A charge explora, sobretudo, a oposição

- a) inocência × malícia.
- b) público × privado.
- c) progresso × estagnação.
- d) natureza × cidade.
- e) liberdade × repressão.

Quino explora a ideia de antonímia na charge, uma vez que a estátua do parque representa a liberdade — exemplo disso são os braços libertos da corrente presente na figura central. No entanto, o local está repleto de placas proibitivas, além de ser vigiada por um guarda.

4. PUC-SP (adaptada) – Leia os textos.

Texto I**De Caetano a Guimarães Rosa, veja as referências de Cármen Lúcia em seu discurso de posse**

Por Luma Poletti | 13/09/2016 10:00

Ao longo de seu discurso de posse, a ministra Cármen Lúcia, que assumiu a presidência do Supremo Tribunal Federal nesta segunda-feira (12), citou trechos de canções de Caetano Veloso, Titãs, além de versos de Cecília Meirelles, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e fez menção a Riobaldo, personagem de Grande sertão: veredas, clássico de Guimarães Rosa [...].

A escolha das referências musicais da ministra dá pistas sobre sua visão acerca do atual momento sociopolítico. Citando o cantor e compositor Caetano Veloso, presente na sessão — que interpretou em voz e violão o hino nacional — Cármen Lúcia concordou que “alguma coisa está fora da ordem”.

“Caetanos e não caetanos deste Brasil tão plural concluem em uníssono: alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial”, disse a ministra. “O que nos cumpre, a nós servidores públicos em especial, é questionar e achar resposta: de qual ordem está tudo fora...”, acrescentou. O cantor já se posicionou contra o governo do presidente Michel Temer, nos bastidores da cerimônia de abertura das Olimpíadas de 2016.

A nova presidente do STF também citou a música “Comida”, da banda Titãs. “Cumpramos dedicar-nos de forma intransigente e integral a dar cobro ao que nos é determinado pela Constituição da República e que de nós é esperado pelo cidadão brasileiro, o qual quer saúde, educação, trabalho, sossego para andar em paz por ruas, estradas do país e trilhas livres para poder sonhar além do mais. Que, como na fala do poeta da música popular brasileira, ninguém quer só comida, quer também diversão e arte”.

Um dos compositores da canção citada é Arnaldo Antunes, que também se posicionou contra o impeachment de Dilma Rousseff nas redes sociais.

Texto II

Versos

Cármen Lúcia também citou versos da escritora Cecília Meireles, ao dizer que “liberdade é um sonho que o mundo inteiro alimenta” _ da obra *Romanceiro da Inconfidência*, lançada em 1953.

“Se, no verso de Cecília Meireles, a liberdade é um sonho, que o mundo inteiro alimenta, parece-me ser a Justiça um sentimento, que a humanidade inteira acalenta”, discursou a ministra.

Mais adiante em seu discurso, Cármen Lúcia fez menção a um personagem do livro *Grande sertão: veredas*, do escritor mineiro (tal como a ministra) Guimarães Rosa. “Riobaldo afirmava que ‘natureza da gente não cabe em nenhuma certeza’.

Mas parece-me que a natureza da gente não se aguenta em tantas incertezas. Especialmente quando o incerto é a Justiça que se pede e que se espera do Estado”, disse a nova presidente do STF. Em seguida, outro escritor mineiro foi lembrado por Cármen Lúcia. “Em tempos cujo nome é tumulto escrito em pedra, como diria Drummond, os desafios são maiores. Ser difícil não significa ser impossível. De resto, não acho que para o ser humano exista, na vida, o impossível”, disse a ministra, em referência ao poema “Nosso tempo”, do escritor mineiro.

A sucessora de Ricardo Lewandowski concluiu o discurso citando um terceiro escritor mineiro: Paulo Mendes Campos. “O Judiciário brasileiro sabe dos seus compromissos e de suas responsabilidades. Em tempo de dores multiplicadas, há que se multiplicarem também as esperanças, à maneira da lição de Paulo Mendes Campos”, disse Cármen Lúcia, em referência ao “Poema didático”, de Paulo Mendes Campos.

Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/de-caetano-a-guimaraes-rosa-veja-as-referencias-de-carmen-lucia-em-seu-discurso-de-posse/>>. Acesso em: jun.2018. (Adaptado)

Ao recuperar fragmentos das canções, dos versos e do romance, a ministra

- faz uso da metalinguagem para ilustrar suas ideias e referir-se à própria linguagem como recurso expressivo que sustenta suas teses.
- recorre à paráfrase para, com suas próprias palavras, destacar os procedimentos linguísticos dos quais os diversos autores mencionados fazem uso.
- se vale da paródia para satirizar os pensamentos dos autores citados e diluir o conteúdo mais denso dos pensamentos retratados.
- estabelece a intertextualidade para manifestar traços de seu ponto de vista sobre diferentes aspectos da situação atual.

Em seu discurso, a ministra abarca diferentes citações e referências — o que caracteriza a intertextualidade — para expressar a sua visão sobre o papel do STF diante do atual momento que vive o país.

5. PUC-SP (adaptada) – Leia os textos.

Texto I

De Caetano a Guimarães Rosa, veja as referências de Cármen Lúcia em seu discurso de posse

Por Luma Poletti | 13/09/2016 10:00

Ao longo de seu discurso de posse, a ministra Cármen Lúcia, que assumiu a presidência do Supremo Tribunal Federal nesta segunda-feira (12), citou trechos de canções de Caetano Veloso, Titãs, além de versos de Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, Paulo Mendes Campos e fez menção a Riobaldo, personagem de *Grande sertão: veredas*, clássico de Guimarães Rosa [...].

A escolha das referências musicais da ministra dá pistas sobre sua visão acerca do atual momento sociopolítico. Citando o cantor e compositor Caetano Veloso, presente na sessão — que interpretou em voz e violão o hino nacional — Cármen Lúcia concordou que “alguma coisa está fora da ordem”.

“Caetanos e não caetanos deste Brasil tão plural concluem em uníssono: alguma coisa está fora da ordem, fora da nova ordem mundial”, disse a ministra. “O que nos cumpre, a nós servidores públicos em especial, é questionar e achar resposta: de qual ordem está tudo fora...”, acrescentou. O cantor já se posicionou contra o governo do presidente Michel Temer, nos bastidores da cerimônia de abertura das Olimpíadas de 2016.

A nova presidente do STF também citou a música “Comida”, da banda Titãs. “Cumpramos dedicar-nos de forma intransigente e integral a dar cobro ao que nos é determinado pela Constituição da República e que de nós é esperado pelo cidadão brasileiro, o qual quer saúde, educação, trabalho, sossego para andar em paz por ruas, estradas do país e trilhas livres para poder sonhar além do mais. Que, como na fala do poeta da música popular brasileira, ninguém quer só comida, quer também diversão e arte”.

Um dos compositores da canção citada é Arnaldo Antunes, que também se posicionou contra o impeachment de Dilma Rousseff nas redes sociais.

Texto II

Versos

Cármen Lúcia também citou versos da escritora Cecília Meireles, ao dizer que “liberdade é um sonho que o mundo inteiro alimenta” — da obra *Romanceiro da Inconfidência*, lançada em 1953.

“Se, no verso de Cecília Meireles, a liberdade é um sonho, que o mundo inteiro alimenta, parece-me ser a Justiça um sentimento, que a humanidade inteira acalenta”, discursou a ministra.

Mais adiante em seu discurso, Cármen Lúcia fez menção a um personagem do livro *Grande sertão: veredas*, do escritor mineiro (tal como a ministra) Guimarães Rosa. “Riobaldo afirmava que ‘natureza da gente não cabe em nenhuma certeza’.

Mas parece-me que a natureza da gente não se aguenta em tantas incertezas. Especialmente quando o incerto é a Justiça que se pede e que se espera do Estado”, disse a nova presidente do STF. Em seguida, outro escritor mineiro foi lembrado por Cármen Lúcia. “Em tempos cujo nome é tumulto escrito em pedra, como diria Drummond, os desafios são maiores. Ser difícil não significa ser impossível. De resto, não acho que para o ser humano exista, na vida, o impossível”, disse a ministra, em referência ao poema “Nosso tempo”, do escritor mineiro.

A sucessora de Ricardo Lewandowski concluiu o discurso citando um terceiro escritor mineiro: Paulo Mendes Campos. “O Judiciário brasileiro sabe dos seus compromissos e de suas responsabilidades. Em tempo de dores multiplicadas, há que se multiplicarem também as esperanças, à maneira da lição de Paulo Mendes Campos”, disse Cármen Lúcia, em referência ao “Poema didático”, de Paulo Mendes Campos.

Disponível em: <<http://congressoemfoco.uol.com.br/noticias/de-caetano-a-guimaraes-rosa-vejaas-referencias-de-carmen-lucia-em-seu-discurso-de-posse/>>. Acesso em: jun.2018. (Adaptado)

Caetanos e não caetanos deste Brasil tão plural concluem em uníssono.

Nessa passagem do discurso, a ministra refere-se

- a) exclusivamente aos artistas brasileiros.
- b) indiscriminadamente a todos os brasileiros.
- c) especialmente aos brasileiros que estão fora da ordem social.
- d) essencialmente aos adeptos das ideias do cantor baiano.

A expressão refere-se a todos os brasileiros, uma vez que a antítese presente na expressão “Caetanos e não caetanos” engloba tanto aqueles que se aproximam do cantor e compositor Caetano Veloso quanto aqueles que dele divergem, o que acaba por abarcar o conjunto dos cidadãos.

6. Enem

C6-H20

O acervo do Museu da Língua Portuguesa é o nosso idioma, um “patrimônio imaterial” que não pode ser, por isso, guardado e exposto em uma redoma de vidro. Assim, o museu, dedicado à valorização e difusão da língua portuguesa, reconhecidamente importante para a preservação

de nossa identidade cultural, apresenta uma forma expositiva diferenciada das demais instituições museológicas do país e do mundo, usando tecnologia de ponta e recursos interativos para a apresentação de seus conteúdos.

Disponível em: <www.museulinguaportuguesa.org.br>. Acesso em: 16 ago. 2012. (Adaptado).

De acordo com o texto, embora a língua portuguesa seja um “patrimônio imaterial”, pode ser exposta em um museu. A relevância desse tipo de iniciativa está pautada no pressuposto de que

- a) a língua é um importante instrumento de constituição social de seus usuários.
- b) o modo de falar o português padrão deve ser divulgado ao grande público.
- c) a escola precisa de parceiros na tarefa de valorização da língua portuguesa.
- d) o contato do público com a norma-padrão solicita o uso de tecnologia de última geração.
- e) as atividades lúdicas dos falantes com sua própria língua melhoram com o uso de recursos tecnológicos.

A língua portuguesa também contribui para a formação da identidade nacional, sendo assim, a exposição no museu também favorece que a língua seja instrumento de constituição social de seus usuários.

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de signos, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. UniRV-GO

Policarpo Quaresma, cidadão brasileiro, funcionário público, certo de que a língua portuguesa é emprestada ao Brasil; certo também de que, por esse fato, o falar e o escrever, em geral, sobretudo no campo das letras, se veem na humilhante contingência de sofrer continuamente censuras ásperas dos proprietários da língua; sabendo, além, que, dentro do nosso país, os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir azedas polêmicas entre os mais profundos estudiosos do nosso idioma – usando do direito que lhe confere a Constituição, vem pedir que o Congresso Nacional decrete o tupi-guarani como língua oficial e nacional do povo brasileiro.

O suplicante, deixando de parte os argumentos históricos que militam em favor de sua ideia, pede vênia para lembrar que a língua é a mais alta manifestação da inteligência de um povo, é a sua criação mais viva e original; e, portanto, a emancipação política do país requer como complemento e consequência a sua emancipação idiomática.

Demais, Senhores Congressistas, o tupi-guarani, língua originalíssima, aglutinante, é verdade, mas a que o polisintetismo dá múltiplas feições de riqueza, é a única capaz de traduzir as nossas belezas, de pôr-nos em relação com a nossa natureza e adaptar-se perfeitamente aos nossos órgãos vocais e cerebrais, por ser criação de povos que aqui viveram e ainda vivem, portanto, possuidores da organização fisiológica e psicológica para que tendemos, evitando-se, dessa forma, as estéreis controvérsias gramaticais,

oriundas de uma difícil adaptação de uma língua de outra região à nossa organização cerebral e ao nosso aparelho vocal – controvérsias que tanto impedem o progresso da nossa cultura literária, científica e filosófica.

Seguro de que a sabedoria dos legisladores saberá encontrar meios para realizar semelhante medida e cômico de que a Câmara e o Senado pesarão o seu alcance e utilidade,

P. e E. deferimento.

Lima Barreto. *Triste fim de Policarpo Quaresma*.

Marque (V) para a verdadeira e (F) para as falsas. Policarpo, autor da petição, chama de “proprietários da língua” os.

- a) Gramáticos. ()
- b) Escritores. ()
- c) Autores. ()
- d) Portugueses. ()

8. Enem

C6-H20

No Brasil de hoje são falados por volta de 200 idiomas. As nações indígenas do país falam cerca de 180 línguas, e as comunidades de descendentes de imigrantes cerca de 30 línguas. Há uma ampla riqueza de usos, práticas e variedades no âmbito da própria língua portuguesa falada no Brasil, diferenças estas de caráter diatópico (variações regionais) e diastrático (variações de classes sociais) pelo menos. Somos, portanto, um país de muitas línguas, tal qual a maioria dos países do mundo (em 94% dos países são faladas mais de uma língua).

Fomos no passado, ainda muito mais do que hoje, um território plurilíngue. Cerca de 1078 línguas indígenas eram faladas quando aqui aportaram os portugueses, há 500 anos, segundo estimativas de Rodrigues (1993). Porém, o Estado português e, depois da independência, o Estado brasileiro, que o sucedeu, tiveram por política impor o português como a única língua legítima, considerando-a “companheira do Império”. A política linguística principal do Estado sempre foi a de reduzir o número de línguas, num processo de glotocídio (eliminação de línguas) por meio do deslocamento linguístico, isto é, de sua substituição pela língua portuguesa. Somente na primeira metade do século XX, segundo Darcy Ribeiro, 67 línguas indígenas desapareceram no Brasil — mais de uma por ano, portanto. Das cerca de 1078 línguas indígenas faladas em 1500, ficamos com aproximadamente 180 em 2000 (um decréscimo de 85%), e várias destas 180 encontram-se em estado avançado de desaparecimento.

Disponível em: <www.cultura.gov.br>.
Acesso em: jun. 2018. (Adaptado).

As línguas indígenas contribuíram, entre outros aspectos, para a introdução de novas palavras no português do Brasil. De acordo com o texto apresentado, infere-se que a redução do número de línguas indígenas

- a) ocasionou graves consequências para a preservação do nosso patrimônio linguístico e cultural, uma vez que a redução dessas línguas significa a perda da herança cultural de um povo.
- b) manteve a preservação de nosso patrimônio linguístico e cultural, porque, assim como algumas línguas morrem, outras nascem de tempos em tempos, o que contribui para a conservação do idioma.
- c) foi um processo natural pelo qual a língua portuguesa passou, não significando, portanto, prejuízos para o patrimônio linguístico do Brasil, que se conservou inalterado até nossos dias.
- d) contribuiu para a mudança de posicionamento da política linguística do Estado, que passou a desconsiderar as línguas indígenas como um importante meio de comunicação dos primeiros habitantes.
- e) representou uma fase do desenvolvimento da língua portuguesa, que, como qualquer outra língua, passou pelo processo de renovação vocabular, que exige a redução das línguas.

9. Enem C6-H20

No Brasil colonial, os portugueses procuravam ocupar e explorar os territórios descobertos, nos quais viviam índios, que eles queriam cristianizar e usar como força de trabalho. Os missionários aprendiam os idiomas dos nativos para catequizá-los nas suas próprias línguas. Ao longo do tempo, as línguas se influenciaram. O resultado desse processo foi a formação de uma língua geral, desdobrada em duas variedades: o abanheenga, ao sul, e o nheengatu, ao norte. Quase todos se comunicavam na língua geral, sendo poucos aqueles que falavam apenas o português.

De acordo com o texto, a língua geral formou-se e consolidou-se no contexto histórico do Brasil-Colônia. Portanto, a formação desse idioma e suas variedades foi condicionada

- a) pelo interesse dos indígenas em aprender a religião dos portugueses.
- b) pelo interesse dos portugueses em aprimorar o saber linguístico dos índios.

- c) pela percepção dos indígenas de que as suas línguas precisavam aperfeiçoar-se.
- d) pelo interesse unilateral dos indígenas em aprender uma nova língua com os portugueses.
- e) pela distribuição espacial das línguas indígenas, que era anterior à chegada dos portugueses.

10. Enem C6-H20 Riqueza ameaçada

Boa parte dos 180 idiomas sobreviventes está ameaçada de extinção – mais da metade (110) é falada por menos de 500 pessoas. No passado, era comum pessoas serem amarradas em árvores quando se expressavam em suas línguas, lembra o cacique Felisberto Kokama, um alfabeto para os nossos padrões e um guardião da pureza de seu idioma (caracterizado por uma diferença marcante entre a fala masculina e a feminina), lá no Amazonas, no Alto Solimões. Outro Kokama, o professor Leonel, da região de Santo Antônio do Içá (AM), mostra o problema atual: “Nosso povo se rendeu às pessoas brancas pelas dificuldades de sobrevivência. O contato com a língua portuguesa foi exterminando e dificultando a prática da nossa língua. Há poucos falantes, e com vergonha de falar. A língua é muito *preconceituada* entre nós mesmos”.

Revista Língua Portuguesa.
São Paulo: Segmento, n° 26, 2007.

O desaparecimento gradual ou abrupto de partes importantes do patrimônio linguístico e cultural do país possui causas variadas. Segundo o professor Leonel, da região de Santo Antônio do Içá (AM), os idiomas indígenas sobreviventes estão ameaçados de extinção devido ao

- a) medo que as pessoas tinham de serem castigadas por falarem a sua língua.
- b) número reduzido de índios que continuam falando entre si nas suas reservas.
- c) contato com falantes de outras línguas e a imposição de um outro idioma.
- d) desaparecimento das reservas indígenas em decorrência da influência do branco.
- e) descaso dos governantes em preservar esse patrimônio cultural brasileiro.

11. UFES

Em 1757, o Marquês de Pombal proibiu que se falasse outra língua nas ruas que não o português e fez dele matéria de ensino obrigatório nas escolas. Assim, procurava garantir, pela difusão da língua, a integridade territorial dos domínios ultramarinos da coroa. A vinda da corte, em 1808, assentaria de vez essa institucionalização. A corte passou a polarizar atenções sobre o Rio de Janeiro, capital imperial, e todos os seus hábitos, entre eles o jeito de falar mais aporuguesado, ganharam um certo caráter modelar para o restante do país. A chegada da família real produziu um efeito de representação da unidade. A língua portuguesa, assim, se torna símbolo importante da união nacional, mas nem por isso deixou de exprimir a diversidade da nossa formação.

O Globo, 21-03-2008. (Adaptado).

No texto acima, a expressão “representação da unidade” remete às implicações político-culturais do uso da língua portuguesa no Brasil a partir do século XVIII. Dentro desse contexto, é INCORRETO afirmar que a língua portuguesa se torna

- a) importante símbolo de reintegração dos territórios submetidos à Coroa Portuguesa após a experiência da união Ibérica entre Portugal e Espanha.

- b) instrumento oficial utilizado para reforçar a unidade do país, num contexto de confronto entre a Coroa Portuguesa e a Companhia de Jesus.
- c) língua marcada, principalmente a partir da vinda da família real, pela polaridade entre falares de elite, tomados como modelo, e falares populares.
- d) língua de difusão da cultura escrita no Brasil, através de publicações em ciências e artes, sendo fundamental para bibliotecas, universidades e imprensa nascentes.
- e) língua homogênea, na qual não interfere a diversidade linguística e cultural da formação brasileira.

12. Enem

C8-H26

Assum preto

(Baião de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira)

Tudo em vorta é só beleza
 Sol de abril e a mata em frô
 Mas assum preto, cego dos óio
 Num vendo a luz, ai, canta de dor
 Tarvez por ignorança
 Ou mardade das pió
 Furaro os óio do assum preto
 Pra ele assim, ai, cantá mió
 Assum preto veve sorto
 Mas num pode avuá
 Mil vez a sina de uma gaiola
 Desde que o céu, ai, pudesse oiá.

As marcas da variedade regional registradas pelos compositores de "Assum preto" resultam da aplicação de um conjunto de princípios ou regras gerais que alteram a pronúncia, a morfologia, a sintaxe ou o léxico. No texto, é resultado de uma mesma regra, a:

- a) pronúncia das palavras "vorta" e "veve".
- b) pronúncia das palavras "tarvez" e "sorto".
- c) flexão verbal encontrada em "furaro" e "cantá".
- d) redundância nas expressões "cego dos óio" e "mata em frô".
- e) pronúncia das palavras "ignorança" e "avuá".

13. Fuvest-SP

O rumor crescia, condensando-se; o zum-zum de todos os dias acentuava-se; já se não destacavam vozes dispersas, mas um só ruído compacto que enchia todo o cortiço. Começavam a fazer compras na venda; ensarilhavam-se* discussões e rezingas**; ouviam-se gargalhadas e pragas; já se não falava, gritava-se. Sentia-se naquela fermentação sanguínea, naquela gula viçosa de plantas rasteiras que mergulham os pés vigorosos na lama preta e nutriente da vida, o prazer animal de existir, a triunfante satisfação de respirar sobre a terra.

Da porta da venda que dava para o cortiço iam e vinham como formigas; fazendo compras. Duas janelas do Miranda abriam-se. Apareceu numa a Isaura, que se dispunha a começar a limpeza da casa.

— Nhá Dunga! gritou ela para baixo, a sacudir um pano de mesa; se você tem cuscuz de milho hoje, bata na porta, ouviu?

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Klick Editora, 1997.

* ensarilhar-se: emaranhar-se.

** rezinga: resmungo.

Constitui marca do registro informal da língua o trecho

- a) "mas um só ruído compacto" (l. 2-3).
- b) "ouviam-se gargalhadas" (l. 5).
- c) "o prazer animal de existir" (l. 8-9).
- d) "gritou ela para baixo" (l. 14).
- e) "bata na porta" (l. 15).

14. Fuvest-SP – Examine esta propaganda.

Disponível em: <www.combustivellegal.com.br>.
 Acesso em: jun. 2018.

Por ser empregado tanto na linguagem formal quanto na linguagem informal, o termo "legal" pode ser lido, no contexto da propaganda, respectivamente, nos seguintes sentidos:

- a) lícito e bom.
- b) aceito e regulado.
- c) requintado e excepcional.
- d) viável e interessante.
- e) jurídico e autorizado.

15. UEMG

Imagine alguém contando essa historinha: "Depois de receber uma premagem, o ludâmbulo desligou o lucive-lo, colocou o focale, chamou o cinesiforo e foi ao local da runimol de que teve notícia por um amigo alvissareiro". Assim seria contada essa historinha se se tivesse adotado a proposta de Antônio Castro Lopes, filólogo que viveu de 1827 a 1901. Os neologismos que ele propôs, como ludâmbulo, focalo e cinesiforo não pegaram. Então, podemos contar hoje a mesma historinha assim: "Depois de receber uma massagem, o turista desligou o abajur, colocou o cachecol, chamou o motorista e foi ao local da avalanche de que teve notícia por um amigo repórter". Acho muito estranho nessas palavras a proposta de usar "alvissareiro" em vez de repórter. Alvissaras é uma palavra sempre relacionada a boas notícias, o que não é bem o caso da maioria do que ouvimos ou lemos dos repórteres.

BENEDITO, Mouzar. Disponível em: <<https://blogdaboitempo.com.br/2016/03/11/chato-cricric-ezung-zung/>>. Acesso em: jun. 2018. (Adaptado).

No fragmento, o autor questiona o emprego do termo “alvissareiro” por considerá-lo

- a) distante da realidade linguística do português brasileiro.
- b) impróprio para designar o dia a dia do trabalho de repórter.
- c) estranho para ser utilizado como sinônimo de “más notícias”.
- d) inadequado diante do teor negativo atribuído a notícias jornalísticas.

16. Mack-SP

Ciência é uma das formas de busca de conhecimento desenvolvida pelo homem moderno. Sob seu escopo, inserem-se as mais diferentes realidades físicas, sociais e psíquicas, entre outras. A linguagem, manifestação presente em todos os momentos de nossas vidas e em todas as nossas atividades, podendo até ser tomada como definidora da própria natureza humana, passou a ser tratada sob a perspectiva dessa forma de conhecimento, ou seja, passou a ser objeto de investigação científica, a partir do início do século XX.

Por ter um papel central na vida dos seres humanos, a linguagem tem como sua característica primordial ser multifacetada. Tal característica exige que, ao submeter-se ao tratamento científico, essa realidade multifacetada sofra cortes e abstrações, tendo como consequência o fato de que ela só pode ser entendida a partir de diferentes perspectivas, gerando uma pluralidade de teorias que buscam compreendê-la e explicá-la.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. A cartografia sintática. In: Fiorin, José Luís. (Org.). *Novos caminhos da Linguística*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2017, v. , p. 61-82.

Observe as afirmações.

- I. Pela existência de apenas uma teoria única e singular será possível compreender a natureza multifacetada da linguagem na vida dos seres humanos.
- II. A complexidade da linguagem humana demanda a necessidade de diferentes perspectivas científicas, que procurarão, cada uma a seu modo, explicar características diversas de uma realidade multifacetada.

III. A natureza multifacetada da linguagem humana se deve ao fato de que existem diferentes recortes científicos e abstrações que procuram compreender as línguas e os seus usos.

Assinale a alternativa correta.

- a) Apenas a afirmação I está correta.
- b) Apenas a afirmação II está correta.
- c) Apenas a afirmação III está correta.
- d) Todas as afirmações estão corretas.
- e) Nenhuma das afirmações está correta.

17. Mack-SP (adaptada) – Leia o texto.

Ciência é uma das formas de busca de conhecimento desenvolvida pelo homem moderno. Sob seu escopo, inserem-se as mais diferentes realidades físicas, sociais e psíquicas, entre outras. A linguagem, manifestação presente em todos os momentos de nossas vidas e em todas as nossas atividades, podendo até ser tomada como definidora da própria natureza humana, passou a ser tratada sob a perspectiva dessa forma de conhecimento, ou seja, passou a ser objeto de investigação científica, a partir do início do século XX.

Por ter um papel central na vida dos seres humanos, a linguagem tem como sua característica primordial ser multifacetada.

Tal característica exige que, ao submeter-se ao tratamento científico, essa realidade multifacetada sofra cortes e abstrações, tendo como consequência o fato de que ela só pode ser entendida a partir de diferentes perspectivas, gerando uma pluralidade de teorias que buscam compreendê-la e explicá-la.

NEGRÃO, Esmeralda Vailati. A cartografia sintática. In: Fiorin, José Luís. (Org.). *Novos caminhos da Linguística*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2017, v. , p. 61-82.

Assinale a alternativa com a relação correta entre sinônimos, tendo em vista o emprego das palavras no texto.

- a) inserem-se = concluem-se
- b) psíquicas = mentais
- c) primordial = única
- d) submeter-se = desenvolver-se
- e) abstrações = afirmações

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C6-H20

Yeda Pessoa de Castro — Durante três séculos, a maior parte dos habitantes do Brasil falava línguas africanas, sobretudo línguas angolanas, e as falas dessas regiões prevaleceram sobre o português. Antes se ignorava essa participação, se dizia que o português do Brasil ficou assim falado devido ao isolamento, à predominância cultural e literária do português de Portugal sobre os falantes negros africanos analfabetos. Eles realmente não sabiam ler ou escrever português, mas essas teorias eram baseadas em fatores extralinguísticos. Eu introduzi nessa discussão a prevalência e a participação dos falantes africanos, sobretudo das línguas níger-congo, que são cerca de 1 530 línguas. As mais faladas no Brasil foram as do Golfo do Benim e da região banto, sobretudo do Congo e de Angola.

SCARRONE, M. *Por que a participação da família africana (de línguas) é tão importante?* Disponível em: <<http://www.revis-tadehistoria.com.br>>. Acesso em: jun. 2018.

A importância das pesquisas linguísticas sobre a constituição do português do Brasil fica evidenciada nesse texto, porque registra a

- a) importância de aspectos extralinguísticos na formação da língua.
- b) proximidade entre aspectos da língua portuguesa e de línguas africanas.
- c) participação dos falares africanos na formação do português brasileiro.
- d) predominância dos falantes africanos em território brasileiro.
- e) supremacia do português de Portugal sobre os falares africanos.

19. Enem

C6-H20

A língua tupi no Brasil

Há 300 anos, morar na vila de São Paulo de Piratininga (peixe seco, em tupi) era quase sinônimo de falar língua

de índio. Em cada cinco habitantes da cidade, só dois conheciam o português. Por isso, em 1698, o governador da província, Artur de Sá e Meneses, implorou a Portugal que só mandasse padres que soubessem “a língua geral dos índios”, pois “aquela gente não se explica em outro idioma”.

Derivado do dialeto de São Vicente, o tupi de São Paulo se desenvolveu e se espalhou no século XVII, graças ao isolamento geográfico da cidade e à atividade pouco cristã dos mamelucos paulistas: as bandeiras, expedições ao sertão em busca de escravos índios. Muitos bandeirantes nem sequer falavam o português ou se expressavam mal. Domingos Jorge Velho, o paulista que destruiu o Quilombo dos Palmares em 1694, foi descrito pelo bispo de Pernambuco como “um bárbaro que nem falar sabe”. Em suas andanças, essa gente batizou lugares como Avanhanda (lugar onde o índio corre), Pindamonhangaba (lugar de fazer anzol) e Itu (cachoeira). E acabou inventando uma nova língua.

“Os escravos dos bandeirantes vinham de mais de 100 tribos diferentes”, conta o historiador e antropólogo John Monteiro, da Universidade Estadual de Campinas. “Isso mudou o tupi paulista, que, além da influência do português, ainda recebia palavras de outros idiomas.” O resultado da mistura ficou conhecido como língua geral do sul, uma espécie de tupi facilitado.

ÂNGELO. C. Disponível em: <<http://super.abril.com.br>>. Acesso em: jun. 2018. (Adaptado).

O texto trata de aspectos sócio-históricos da formação linguística nacional. Quanto ao papel do tupi na formação do português brasileiro, depreende-se que essa língua indígena

- a) contribuiu efetivamente para o léxico, com nomes relativos aos traços característicos dos lugares designados.
- b) originou o português falado em São Paulo no século XVII, em cuja base gramatical também está a fala de variadas etnias indígenas.

- c) desenvolveu-se sob influência dos trabalhos de catequese dos padres portugueses, vindos de Lisboa.
- d) misturou-se aos falares africanos, em razão das interações entre portugueses e negros nas investidas contra o Quilombo dos Palmares.
- e) expandiu-se paralelamente ao português falado pelo colonizador, e juntos originaram a língua dos bandeirantes paulistas.

20. Enem

C7-H21

O bonde abre a viagem,
No banco ninguém,
Estou só, 'stou sem.
Depois sobe um homem,
No banco sentou,
Companheiro vou.
O bonde está cheio,
De novo porém
Não sou mais ninguém.

ANDRADE, Mário de. *Poesias completas*.
Belo Horizonte: Vila Rica, 1993.

O desenvolvimento das grandes cidades e a consequente concentração populacional nos centros urbanos geraram mudanças importantes no comportamento dos indivíduos em sociedade. No poema de Mário de Andrade, publicado na década de 1940, a vida na metrópole aparece representada pela contraposição entre

- a) solidão e a multidão.
- b) a carência e a satisfação.
- c) a mobilidade e a lentidão.
- d) a amizade e a indiferença.
- e) a mudança e a estagnação.

LINGUAGEM VERBAL E NÃO VERBAL E NÍVEIS DE LINGUAGEM

2

LINGUAGEM

LÍNGUA E LINGUAGEM

A **língua** é um conjunto organizado de códigos que possibilitam a comunicação. Ela surge em sociedade, e todos os grupos humanos desenvolvem sistemas com esse fim: no Brasil, fala-se a língua portuguesa, nos Estados Unidos e na Argentina, falam-se, respectivamente, a língua inglesa e a língua espanhola. É importante observar, entretanto, que as línguas também podem se manifestar de forma oral ou gestual, como é o caso da Língua Brasileira de Sinais (Libras).

A **linguagem**, por sua vez, é a capacidade que os seres humanos têm de produzir, desenvolver e compreender a língua e outras manifestações, como a pintura, a música e a dança. Com isso, pode-se afirmar que a linguagem não é composta apenas por palavras faladas e escritas, mas também por outras formas de expressão, sejam elas verbais ou não verbais.

Linguagem verbal

A **linguagem verbal** organiza-se com base na linguagem articulada, que forma a língua. É utilizada de forma oral ou escrita, por meio de códigos, com a finalidade de promover a comunicação e está muito presente no dia a dia, aparecendo nos mais diversos gêneros textuais (contos, crônicas, poemas, notícias, romances, reportagens, artigos de opinião, receitas, bulas de remédio, sinopses, textos de divulgação científica etc.) e na oralidade (em toda a diversidade de gêneros orais de que nos servimos para interagir, como aulas, apresentações, entrevistas, audiências, discursos etc.).

Texto I



No cartaz, foi empregada a linguagem verbal escrita e o leitor que domina a língua portuguesa entenderá a mensagem de que, naquele local, é proibido fumar.

Linguagem não verbal

A linguagem não verbal é aquela em que a mensagem não é transmitida por meio de palavras escritas ou pronunciadas, mas, sim, por diferentes códigos não escritos, de modo a explorar outros campos sensoriais como o visual (pintura, fotografia, vídeo e desenho), o auditivo (música e som) e o cinestésico (dança, gestos e expressões).

- Língua e linguagem
- Linguagem verbal
- Linguagem não verbal
- Linguagem mista
- Linguagem formal: registro erudito, técnico-científico ou acadêmico, culto e comum.
- Linguagem informal

HABILIDADES

- Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.
- Reconhecer, no texto, estratégias argumentativas empregadas para o convencimento do público, tais como a intimidação, persuasão, comoção, coação, entre outras.
- Adequar o nível da linguagem ao contexto social.
- Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa em suas diferentes aplicações.
- Associar as variedades linguísticas ao uso social adequado da comunicação

Texto I

A pessoa que se deparar com esse símbolo provavelmente saberá que, no local onde se encontra, é proibido fumar. Não há nenhuma palavra expressando a mensagem, mas o desenho do cigarro é sobreposto pela faixa indicativa de interdição. Portanto, foi utilizada a linguagem não verbal.



ALESSANDRO0770/ISTOCKPHOTO

Linguagem mista

A **linguagem mista**, como sugere a nomenclatura, é a que reúne, na mensagem, a linguagem verbal e a não verbal.

Nos filmes, é empregada a linguagem mista, pois agrega diálogos, eventualmente algum texto escrito, legendas (linguagem verbal), sons de fundo, gestos, cenários (linguagem não verbal).

A linguagem mista também é recorrente em charges, quadrinhos e tiras.

Texto I

Nesse cartaz, há o símbolo impeditivo com a mensagem de que é "proibido fumar neste local", de modo que a mensagem possa ser perfeitamente compreendida.



ECELOP/ISTOCKPHOTO

Texto I

GONSALES, Fernando. Níquel Náusea. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/niquel/tiras_mes/2017/08/21.gif>. Acesso em: mai. 2018.

Se houvesse apenas o texto escrito (verbal) ou apenas o texto visual (não verbal), não seria possível compreender a mensagem. Assim, é necessária a junção das palavras e das imagens para que o leitor possa realizar uma leitura proveitosa da tirinha.

NÍVEIS DE LINGUAGEM

A **linguagem** é a capacidade humana de interagir com o seu semelhante por meio da palavra, oral ou escrita, gestos, expressões fisionômicas, imagens, notas musicais etc.

O **uso da linguagem** sempre objetivará a produção de sentido, ou seja, o entendimento entre os interlocutores (agentes do processo comunicativo). Para isso, o processo de adequação linguística é fundamental.

Os níveis de linguagem, também chamados de registros de linguagem, são classificados em formal e informal. Contudo, devido à grande massificação dos processos comunicativos, sobretudo com a expansão da internet e das redes sociais, alguns autores têm chamado a atenção para o nível/registro híbrido. Trata-se de um patamar intermediário de comunicação, contendo elementos tanto formais quanto informais.

LINGUAGEM FORMAL: ERUDITO, ACADÊMICO E CULTO

A linguagem/registro formal é usada quando não há familiaridade entre os interlocutores da comunicação ou em situações que requerem uma maior seriedade.

Características da linguagem/registro formal:

- Observância rigorosa das normas gramaticais (norma culta);
- Pronúncia clara e correta das palavras;
- O vocabulário utilizado é rico e diversificado;
- Registro cuidadoso, prestigiado, complexo e erudito.

REGISTRO ERUDITO

Também chamado de erudição, o registro erudito, é o mais rebuscado e aprimorado dos registros formais, com alto nível de complexidade e com frequentes demonstrações de palavras raramente pronunciáveis, o que só faz aumentar o nível de erudição de quem está se comunicando.

É comum ouvirmos essa forma de registro em discursos parlamentares, em cerimônias públicas, em artigos de crítica literária e também em decisões judiciais.

REGISTRO TÉCNICO-CIENTÍFICO OU ACADÊMICO

Os textos científicos ou acadêmicos possuem extrema clareza, concisão, precisão e objetividade. São específicos e têm como objetivo aprofundar algum tema. Assim, um texto científico muitas vezes requer uma leitura prévia de outros textos com informação sobre o assunto em questão.

A linguagem deve ser objetiva, não dando espaço para ambiguidade. No texto científico, não existe a preocupação da estética, como em um texto poético.

REGISTRO CULTO

Essa é a modalidade mais utilizada na escrita, por representar as práticas linguísticas de acordo com as nor-

mas cultas de utilização e padronização da língua portuguesa. Normalmente, está associada ao nível de estudo e acesso à educação do falante: quanto maior esse nível, maior será a adequação com as normas do registro culto.

REGISTRO COMUM

A língua culta e a coloquial compõem o mesmo sistema, mas com características particulares. Conhecer isso é extremamente importante no momento da adequação linguística.

A linguagem é muito fluida, por vezes coloquial, um certo apreço pelo não literário e o hibridismo presente na escrita.

O trânsito entre os diversos tipos de texto fez com que sua escrita se tornasse híbrida, já que nela podemos encontrar elementos da poesia, da prosa, do teatro, do conto e também da crítica literária, fazendo de seus textos um ponto de encontro entre o formal e o informal, compondo uma trama de influências que culminou em um estilo único. Graças a esse estilo estético é que caiu nas graças do grande público, tornando-se um escritor de grande apelo popular, principalmente nas redes sociais.

LINGUAGEM INFORMAL

A linguagem informal pode ser nomeada também de registro informal. É usada quando há familiaridade entre os interlocutores da comunicação ou em situações descontraídas, normalmente associada ao registro oral.

Características da linguagem informal:

- Despreocupação relativamente ao uso de normas gramaticais;
- Utilização de vocabulário simples, expressões populares e coloquialismos;
- Utilização de gírias, palavras obscenas, palavras inventadas, onomatopeias e gestos;
- Uso de palavras abreviadas ou contraídas: (cê, pra, tá, vâmo, entre outros);
- Sujeita a variações regionais, culturais e sociais;
- Registro espontâneo e pouco prestigiado, por vezes incorreto e desleixado.

Assim, enquanto a linguagem formal ou culta está pautada no uso correto das normas gramaticais, bem como na boa pronúncia das palavras, a linguagem informal ou coloquial representa a linguagem cotidiana, ou seja, espontânea, regionalista e despreocupada com as normas gramaticais.

Muito importante diferenciar essas duas variantes e suas utilizações em determinadas situações, ou seja, quando falamos com amigos e familiares utilizamos a linguagem informal, entretanto, se estamos em uma reunião corporativa, em uma entrevista de emprego ou escrevendo um texto, por exemplo, devemos utilizar a linguagem formal.

ROTEIRO DE AULA

LINGUAGEM

Linguagem verbal

Há o uso de palavras.

Linguagem não verbal

Há o uso de imagens, movimentos e sons.

Linguagem mista

Há o uso de palavras, imagens, movimentos e sons.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

NÍVEIS DE LINGUAGEM

Linguagem

É a capacidade humana de interagir com o seu semelhante por meio da palavra, oral ou escrita, gestos, expressões fisionômicas, imagens, notas musicais etc.

Registro da linguagem

Oral ou escrito.

Registro da linguagem formal

Situações de formalidade, predomínio da linguagem culta, comportamento linguístico mais tenso e mais refletido, vocabulário técnico e objetivo.

Registro da linguagem informal

É usada quando há familiaridade entre os interlocutores da comunicação ou em situações descontraídas, normalmente associada ao registro oral e pouco sujeita às normas gramaticais.

Registro da linguagem híbrida

Um nível intermediário de comunicação, contendo elementos tanto formais quanto informais.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

Registro erudito

A erudição, ou registro erudito, é o mais rebuscado e aprimorado dos registros formais, com alto nível de complexidade e uso de palavras raramente pronunciadas.

Registro técnico-científico ou acadêmico

Esses registros possuem extrema clareza, concisão, precisão e objetividade. São específicos e têm como objetivo aprofundar algum tema.

Registro culto

Essa é a modalidade mais utilizada na escrita, por representar as práticas linguísticas de acordo com as normas cultas de utilização e padronização da língua portuguesa.

Registro comum

Essa modalidade mistura grande articulação de palavras e domínio de regras gramaticais, com um jeito mais próximo do coloquialismo informal.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UERJ



©ANGELI - FOLHA DE S. PAULO
17 DEZ. 2013

Angeli. Folha de São Paulo, 17/12/2013.

No cartum, há uma alusão aos “rolezinhos”, manifestações em que jovens, em geral oriundos de periferias, formam grandes grupos para circular dentro de shoppings. Com base no diálogo entre os guardas e nos elementos visuais que compõem o cartum, é possível inferir uma crítica do cartunista baseada no seguinte fato:

- os jovens se descontrolam em grupos muito numerosos.
- os guardas pertencem à mesma classe social dos jovens.
- os guardas hesitam no cumprimento de medida repressiva.
- os jovens ameaçam as atividades comerciais dos shoppings.

Ao questionar o primeiro guarda, o segundo lembra que “aqueles tipos de pessoas” são parecidos com eles próprios, ou seja, poderiam ser eles a sentirem na pele a proibição de entrada no *shopping*. Em outras palavras, o segundo guarda se identifica com as pessoas excluídas à medida que se reconhece pertencente à mesma classe social dos jovens. Trata-se, pois, de uma crítica às diferenças sociais e à exclusão da população com menor poder aquisitivo de ambientes considerados elitistas, caso do *shopping*.

2. Enem (adaptada)

C7-H21



BRASIL - MINISTÉRIO DAS CIDADES

Disponível em: <www.paradapelavida.com.br>.
Acesso em: 15 nov. 2014.

Nesse texto, a combinação de elementos verbais e não verbais configura-se como estratégia argumentativa para

- manifestar a preocupação do governo com a segurança dos pedestres.
- associar a utilização do celular às ocorrências de atropelamento de crianças.
- orientar pedestres e motoristas quanto à utilização responsável do telefone móvel.
- influenciar o comportamento de motoristas em relação ao uso de celular no trânsito.
- alertar a população para os riscos da falta de atenção no trânsito das grandes cidades.

A questão solicita que seja analisada a combinação de elementos verbais e não verbais como estratégia argumentativa. Nesse caso, imagem e texto combinam-se a fim de que uma mensagem seja transmitida de modo mais objetivo, para que sua compreensão não seja comprometida.

Competência – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

Habilidade – Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.

3. Ibmecc-SP



Folha de S. Paulo, 04/05/2015

Pela relação entre texto verbal e não verbal, depreende-se que, na charge, o autor defende que

- toda criança tenha acesso à educação de qualidade.
- não se deve reduzir a maioridade penal.
- menor infrator fique detido.
- crianças praticam crimes porque são ensinadas a cometê-los.
- jovens e adultos criminosos sejam tratados da mesma forma.

O autor da charge defende que a maioridade penal não deve ser reduzida, já que, caso isso ocorra, os menores teriam contato com criminosos experientes e, assim, tornar-se-iam experientes para continuarem a cometer delitos que, certamente, seriam mais graves que os que motivaram a prisão inicial. Em outras palavras, a prisão seria uma espécie de “escola do crime” e os criminosos mais velhos e experientes seriam os professores.

4. Fuvest-SP – Examine este anúncio de uma instituição financeira, cujo nome foi substituído por X.



VALOR SETORIAL, JUNHO DE 2014, ADAPTADO

Compare os diversos elementos que compõem o anúncio e atenda ao que se pede.

- Considerando o contexto do anúncio, existe alguma relação de sentido entre a imagem e o slogan “É DIFERENTE QUANDO VOCÊ CONHECE”? Explique.

A relação existente entre a imagem e o slogan é de ênfase, re-

forço, reiteração, pois a imagem da pegada, metonimicamente,

está relacionada a uma marca distintiva específica: um sinal da presença de ser vivo em certo ambiente. Assim, essa pegada tanto pode fazer referência à presença do anunciante no local de atividade do cliente, quanto pode representar um sinal característico desse cliente, que permite reconhecê-lo, individualizá-lo, tal como uma pista, cuja interpretação requer conhecimentos prévios. Essa noção de que o conhecimento das especificidades permite uma interpretação mais acurada dos cenários particulares de cada cliente é reafirmada pelo *slogan*, que sustenta que o conhecimento, seja aquele decorrente de ter visitado o local de atividade do cliente, seja aquele que permite reconhecer suas marcas peculiares, é um pré-requisito que distingue e credencia o anunciante, tornando-o diferente dos concorrentes.

b) A inclusão, no anúncio, dos ícones e algarismos que precedem o texto escrito tem alguma finalidade comunicativa? Explique.

Tem, pois os algarismos e ícones fazem referência a dados específicos do possível cliente atendido pelo anunciante: os números indicam as coordenadas geográficas do ponto específico retratado, ou seja, sua localização espacial mais exata; o primeiro ícone representa uma rosa dos ventos, figura representativa dos pontos cardeais que servem de referencial para a determinação de latitudes e longitudes que compõem as coordenadas geográficas; o

segundo ícone é um apontador, um sinal, um *pin* que sinaliza em um mapa uma ocorrência ou acidente, identificando-os.

5. Vunesp

– ã-hã, quer entrar, pode entrar... Mecê sabia que eu moro aqui? Como é que sabia? Hum, hum... Cavalo seu é esse só? Ixe! Cavalo tá manco, aguado. Presta mais não.

ROSA, João Guimarães. *Estas estórias*: Meu tio o Iauaretê. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969, p. 126.

Observando-se a variedade linguística de que se vale o falante do trecho acima, percebe-se uso de:

- linguagem marcada por construções sintáticas complexas e inapropriadas para o contexto, responsáveis por truncar a comunicação e dificultar o entendimento.
- linguagem formal, utilizada pelas pessoas que dominam o nível culto da linguagem, sendo, portanto, adequada à situação em que o falante se encontra.
- gírias e interjeições, como *ixé* e *aguado*, prioritariamente utilizadas entre os jovens, sendo assim, incompatíveis com a situação em que o falante se encontra.
- coloquialismos e linguagem informal, como *mecê* e *tá*, apropriados para a situação de informalidade em que o falante se encontra.

A linguagem coloquial é empregada em situações informais, com os amigos, familiares e em ambientes e/ou situações em que o uso da norma culta da língua possa ser dispensado.

6. Fuvest-SP (adaptada)

As pessoas ficam zoando, falando que a gente não conseguiria entrar em mais nada, por isso vamos prestar Letras”, diz a candidata ao vestibular. Entre os motivos que a ligaram à carreira estão o gosto por literatura e inglês, que estuda há oito anos.

Folha de S. Paulo, 22/10/12. (Adaptado).

As aspas assinalam, no texto acima, a fala de uma pessoa entrevistada pelo jornal. Identifique duas marcas de coloquialidade presentes nessa fala.

As marcas são: uso de ‘a gente’ em lugar de ‘nós’, mas fazendo a concordância com ‘nós’ (a gente ...vamos prestar) e uso do verbo “zoar”.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. IFPE



GUI CRESPO/HAVAIANAS

Disponível em: <<http://guicresportfolio.blogspot.com.br/>>. Acesso: mai. 2018.

Com base na propaganda e no texto, analise as afirmativas abaixo.

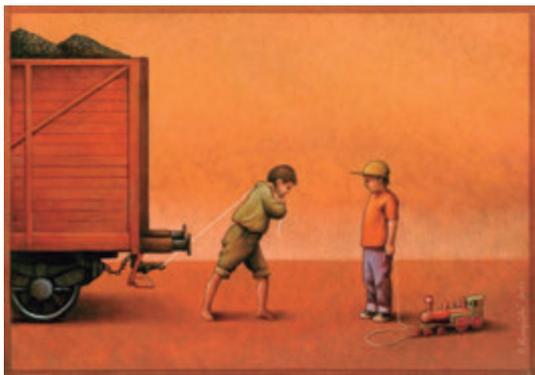
- Na propaganda das sandálias Havaianas, o caráter intertextual só pôde ser conferido por meio do diálogo entre o texto verbal e o texto não verbal.
- O texto imagético tem por base uma importante obra de Anita Malfati, membro do movimento indiana brasileiro.
- Abaporu*, obra parodiada no texto, é um marco do movimento antropofágico brasileiro.
- Ocorre entre *Abaporu* e a campanha de Havaianas uma intertextualidade implícita, uma vez que não se dá na superfície textual.
- O cacto e o sol, em segundo plano, não favorecem o diálogo entre a pintura de Tarsila do Amaral e a propaganda de Havaianas.

Estão CORRETAS apenas as proposições

- a) II, III e IV. c) III e V. e) II e IV.
b) I e III. d) I, II e IV.

8. Enem

C7-H21



PAWLA KUCZYNSKIEGO

KUCZYNSKIEGO, P. Ilustração, 2008.

Disponível em: <<http://capu.pl>>. Acesso em: 3 ago. 2012.

O artista gráfico polonês Pawla Kuczynskiego nasceu em 1976 e recebeu diversos prêmios por suas ilustrações. Nessa obra, ao abordar o trabalho infantil, Kuczynskiego usa sua arte para

- a) difundir a origem de marcantes diferenças sociais.
b) estabelecer uma postura proativa da sociedade.
c) provocar a reflexão sobre essa realidade.
d) propor alternativas para solucionar esse problema.
e) retratar como a questão é enfrentada em vários países do mundo.

9. Unifor-CE



SERGIO GUERINI / © PROJETO LEONILSON

LEONILSON, José. *O amigo em meio a números e palavras*. 1990. 1 original de arte, tinta preta e água-da sobre papel, 8,1 cm × 5,4 cm. Museu de Arte Moderna de São Paulo.

As manifestações artísticas do século XX assumem diversas formas e algumas fundem diferentes linguagens. No quadro, as palavras e números dentro e ao redor da figura central da imagem configuram o uso de uma linguagem

- a) mista, verbal e não-verbal, que também se funde ao lógico-matemático por meio dos algarismos.
b) regionalista, na qual ficam evidentes as influências de uma produção específica de uma região do país.
c) técnica, pouco acessível para aqueles que não são estudiosos das tendências artísticas do período.
d) não verbal, pois em se tratando de uma obra pictórica, esta linguagem prevalece diante das outras.
e) verbal, caracterizada pelas palavras e expressões contidas na obra de arte e que são seu foco principal.

10. UEPA – Considere a charge abaixo.



IVAN CABRAL

CABRAL, Ivan. out. 2018.

Em relação ao texto, a charge é um exemplo de que, em nosso país, há:

- a) escravidão, com a manutenção do trabalho infantil.
b) justiça e igualdade.
c) igualdade, garantindo o direito à infância.
d) tratamento igualitário para todas as crianças.
e) igualdade, independentemente da cor.

11. FASB-BA



FABIANO SANTOS

SANTOS, Fabiano dos. Charge.

Disponível em: <<https://cantinholiterariososriosdo-brasil.files.wordpress.com>>. Acesso em: mai. 2018.

Da relação entre a linguagem verbal e a não verbal, é correto afirmar:

- a) A presença indígena no cenário urbano pressupõe sua vontade de entender a razão dos conflitos existentes entre os índios e o poder público sobre a demarcação de terras.

- b) O efeito de humor passado pelo contexto é proveniente da pergunta maliciosa do garoto em face da paisagem observada e do constrangimento do pai, expresso em sua fisionomia.
- c) O questionamento do menino demonstra surpresa e, ao mesmo tempo, decepção e tristeza diante do visto, pois o conceito de civilização que lhe foi passado é bem diferente.
- d) O fato de o índio, ao ver a poluição, associar progresso à destruição ambiental deixa subentendido para o leitor que o processo civilizatório em nada contribuiu para o crescimento humano.
- e) O principal objetivo do chargista é contrapor o campo à cidade, satirizando os efeitos das ações antrópicas na natureza.

12. Fuvest-SP

“O que dói nem é a frase (Quem paga seu salário sou eu), mas a postura arrogante. Você fala e o aluno nem presta atenção, como se você fosse uma empregada.”

Entrevista dada por uma professora.
Folha de S. Paulo, 3/6/11. (Adaptado).

A quem se refere o pronome você, tal como foi usado pela professora? Esse uso é próprio de que variedade linguística?

13. UNESP – Murilo Mendes, em um de seus poemas, dialoga com a carta de Pero Vaz de Caminha:

A terra é mui graciosa,
Tão fértil eu nunca vi.
A gente vai passear,
No chão espeta um caniço,
No dia seguinte nasce
Bengala de castão de ouro.
Tem goiabas, melancias,
Banana que nem chuchu.
Quanto aos bichos, tem-nos muito
De plumagens mui vistosas.
Tem macaco até demais
Diamantes tem à vontade
Esmeralda é para os trouxas.
Reforçai, Senhor, a arca,
Cruzados não faltarão,
Vossa perna encanareis,
Salvo o devido respeito.

Ficarei muito saudosos

Se for embora daqui.

MENDES, Murilo. *Murilo Mendes* - poesia completa e prosa.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

Arcaísmos e termos coloquiais misturam-se nesse poema, criando um *efeito de contraste*, como ocorre em:

- a) A terra é mui graciosa / Tem macaco até demais
b) Salvo o devido respeito / Reforçai, Senhor, a arca
c) A gente vai passear / Ficarei muito saudosos
d) De plumagens mui vistosas / Bengala de castão de ouro
e) No chão espeta um caniço / Diamantes tem à vontade

14. UEL-PR

Contudo, a divergência está no fato de existirem pessoas que possuem um grau de escolaridade mais elevado e com um poder aquisitivo maior que consideram um determinado modo de falar como o “correto”, não levando em consideração essas variações que ocorrem na língua. Porém, o senso linguístico diz que não há variação superior à outra, e isso acontece pelo “fato de no Brasil o português ser a língua da imensa maioria da população não implica automaticamente que esse português seja um bloco compacto coeso e homogêneo.

BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49 ed.
São Paulo: Edições Loyola, 1999. p. 18.

Sobre o fragmento do texto de Marcos Bagno, podemos inferir, exceto:

- a) A língua deve ser preservada e utilizada como um instrumento de opressão. Quem estudou mais define os padrões linguísticos, analisando assim o que é correto e o que deve ser evitado na língua.
- b) As variações linguísticas são próprias da língua e estão alicerçadas nas diversas intenções comunicacionais.
- c) A variedade linguística é um importante elemento de inclusão, além de instrumento de afirmação da identidade de alguns grupos sociais.
- d) O aprendizado da língua portuguesa não deve estar restrito ao ensino das regras.
- e) Segundo Bagno, não podemos afirmar que exista um tipo de variante que possa ser considerada superior à outra, já que todas possuem funções dentro de um determinado grupo social.

15. UEPB

Ah, se já perdemos a noção da hora,
Se juntos já jogamos tudo fora,
Me conta agora como hei de partir...
Se, ao te conhecer, dei pra sonhar, fiz tantos desvarios,
Rompi com o mundo, queimei meus navios,
Me diz pra onde é que inda posso ir... (...)
Se entornaste a nossa sorte pelo chão,
Se na bagunça do teu coração
Meu sangue errou de veia e se perdeu... (...)
Como, se nos amamos como dois pagãos,
Teus seios inda estão nas minhas mãos,
Me explica com que cara eu vou sair...
Não, acho que estás só fazendo de conta,

Te dei meus olhos pra tomares conta,
Agora conta como hei de partir...

BUARQUE, Chico; JOBIM, Tom. *Eu te amo*.
Álbum: Vida. 1980. Polygram/Phillips.

Neste texto, em que predomina a linguagem culta, ocorre também a seguinte marca da linguagem coloquial:

- emprego de hei no lugar de tenho.
- falta de concordância quanto à pessoa nas formas verbais estás, tomares e conta.
- emprego de verbos predominantemente na segunda pessoa do singular
- redundância semântica, pelo emprego repetido da palavra conta na última estrofe.
- emprego das palavras bagunça e cara.

16. Fapec-MS – De acordo com os padrões da língua portuguesa, assinale a alternativa correta.

- A relação entre a palavra denotativa grifada e a sua classificação está incorreta nas frases: “A Senhora não trabalha e ainda reclama?” (adição) e “Foram assaltados por um mascarado, aliás, por dois.” (retificação).
- Alguns substantivos, ao receberem a desinência s de plural, alteram o timbre de sua vogal tônica, passando de o fechado para aberto, como acontece com as palavras poço / almoço.
- Nas frases “É importante que o empreendimento continue, pois isso não constitui problema.” e “É possível que o medicamento atenuie a febre do paciente, ele possui resistência.”, as palavras grifadas estão com a forma verbal flexionada corretamente.
- São formas variantes aceitas na Língua Portuguesa os seguintes pares: efeminado – afeminado / hein! – hem! / televisar – televisionar / maquiagem – maquiagem / cotidiano – quotidiano / aluguel – aluguer.
- Na frase “Comprei a gengibre para fazer remédio, o mascote está com a entorse incomodando.”, os substantivos grifados estão com a flexão de gênero correta. E a concordância da frase, a seguir, está correta: “Os réus devem ficar o mais afastados possíveis”.

17. Enem

C6-H18

De domingo

- Outrossim?
- O quê?
- O que o quê?
- O que você disse.
- Outrossim?
- É.
- O que que tem?
- Nada. Só achei engraçado.
- Não vejo a graça.
- Você vai concordar que não é uma palavra de todos os dias.
- Ah, não é. Aliás, eu só uso domingo.
- Se bem que parece uma palavra de segunda-feira.
- Não. Palavra de segunda-feira é óbice.
- “Ônus.
- “Ônus” também. “Desiderato”. “Resquício”.
- “Resquício” é de domingo.
- Não, não. Segunda. No máximo terça.
- Mas “outrossim”, francamente...
- Qual o problema?
- Retira o “outrossim”.
- Não retiro. É uma ótima palavra. Aliás, é uma palavra difícil de usar. Não é qualquer um que usa “outrossim”.

VERISSIMO, Luis Fernando. *Comédias da vida privada*.
Porto Alegre: LP&M, 1996.

No texto, há uma discussão sobre o uso de algumas palavras da língua portuguesa. Esse uso promove o (a):

- marcação temporal, evidenciada pela presença de palavras indicativas dos dias da semana.
- tom humorístico, ocasionado pela ocorrência de palavras empregadas em contextos formais.
- caracterização da identidade linguística dos interlocutores, percebida pela recorrência de palavras regionais.
- distanciamento entre os interlocutores, provocado pelo emprego de palavras com significados poucos conhecidos.
- inadequação vocabular, demonstrada pela seleção de palavras desconhecidas por parte de um dos interlocutores do diálogo.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C7-H21



Disponível em: <<http://impresso.em.com.br>>.
Acesso em: mai. 2018.

Nessa propaganda, a combinação entre linguagem verbal e não verbal promove um apelo à população para que

- tome a vacina contra gripe.
- se engaje em movimentos pela saúde no trabalho.
- se proteja contra o contágio pelo vírus HIV.
- combata a discriminação no local de trabalho.
- contribua com ações a favor de portadores do vírus HIV.

19. Enem

C8-H25

Mandinga — Era a denominação que, no período das grandes navegações, os portugueses davam à costa ocidental da África. A palavra se tornou sinônimo de feitiçaria porque os exploradores lusitanos consideram bruxos os africanos que ali habitavam — é que eles davam indicações sobre a existência de ouro na região. Em idioma nativo, mandinga designava terra de feiticeiros. A palavra acabou virando sinônimo de feitiço, sortilégio.

COTRIM, Márcio. *O pulo do gato* 3. São Paulo: Geração Editorial, 2009. (Fragmento).

No texto, evidencia-se que a construção do significado da palavra mandinga resulta de um (a):

- a) contexto sócio-histórico.
- b) diversidade técnica.
- c) descoberta geográfica.
- d) apropriação religiosa.
- e) contraste cultural.

20. Enem**C8-H25**

PINHÃO: sai ao mesmo tempo que BENONA entra.

BENONA: Eurico, Eudoro Vicente está lá fora e quer falar com você.

EURICÃO: Benona, minha irmã, eu sei que ele está lá fora, mas não quero falar com ele.

BENONA: Mas, Eurico, nós lhe devemos certas atenções.

EURICÃO: Passadas para você, mas o prejuízo foi meu. Esperava que Eudoro, com todo aquele dinheiro, se tornasse meu cunhado. Era uma boca a menos e um patrimônio

a mais. E o peste me traiu. Agora, parece que ouviu dizer que eu tenho um tesouro. E vem louco atrás dele, sedento, atacado da verdadeira hidrofobia. Vive farejando ouro, como um cachorro da molest'a, como um urubu, atrás do sangue dos outros. Mas ele está enganado. Santo Antônio há de proteger minha pobreza e minha devoção.

SUASSUNA, Ariano. *O santo e a porca*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2013.

Nesse texto teatral, o emprego das expressões "o peste" e "cachorro da molest'a" contribui para:

- a) marcar a classe social das personagens.
- b) caracterizar usos linguísticos de uma região.
- c) enfatizar a relação familiar entre as personagens.
- d) sinalizar a influência do gênero nas escolhas vocabulares.
- e) demonstrar o tom autoritário da fala de uma das personagens.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO, VARIAÇÃO E NORMA

SENTIDOS DENOTATIVO E CONOTATIVO

Na língua portuguesa, as palavras não têm significado fixo ou estático. A imaginação criadora do homem é capaz de ampliá-lo, de forma que a ideia original, objetiva, pode ser substituída por uma de caráter diverso, subjetivo.



BECK, Alexandre. *Armandinho*. Disponível em: <<https://tirasarmandinho.tumblr.com>>. Publicado em: 16 abr. 2017. Acesso em: jun. 2018.

O autor Alexandre Beck explora duas possibilidades de interpretação: a primeira parte do entendimento de que as frases “Está frio” / “Está quase congelando” se referem à baixa temperatura; a segunda, por sua vez, apresenta uma ampliação do sentido, estando associada ao quão próximo do objeto procurado está Armandinho.

O efeito de humor, nessa tirinha, é verificado à medida que o leitor percebe que Armandinho se detém à primeira acepção, ou seja, não compreende que, ao falar “Está frio” / “Está quase congelando”, o pai ultrapassa a literalidade das palavras. Trata-se, respectivamente, dos sentidos denotativo e conotativo

DENOTAÇÃO

A linguagem é **denotativa** quando empregada em **sentido literal**, básico, real, comum, encontrado facilmente em dicionários.

- Denotação e conotação.
- Cultura, linguagem e língua.
- Conceitos e tipos de variação linguística.
- Gíria e jargão.
- Relação entre variação e adequação.
- Estilo linguístico.

HABILIDADES

- Identificar os efeitos de sentido que resultam da utilização de determinados recursos linguísticos.
- Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação.
- Cultura, linguagem e língua.
- Conceitos e tipos de variação linguística.
- Gíria e jargão.
- Relação entre variação e adequação.
- Estilo linguístico.

De uma forma geral, pode-se afirmar que o sentido denotativo evidencia a **função referencial** do texto, tendo como objetivo transmitir informações ao leitor, por meio de argumentos e/ou de orientações.

Assim, é muito comum verificar a denotação em artigos de opinião, reportagens, editoriais, resenhas, receitas culinárias, bulas de remédio, manuais de instrução, matérias jornalísticas e outros gêneros textuais marcados pela objetividade e pela valorização do real, como podemos ver a seguir.

Brigadeiro

Ingredientes:

1 colher de manteiga

395g de leite condensado

4 colheres de chocolate em pó

100g de chocolate granulado

Modo de preparo:

1. Aqueça a panela.
2. Junte todos os ingredientes e leve ao fogo brando.
3. Mexa sem parar até que o doce comece a se soltar do fundo da panela.
4. Espere esfriar.
5. Faça bolinhas e passe-as no chocolate granulado.

Ao ler a receita de brigadeiro, qualquer pessoa habitada a cozinhar é capaz de preparar o docinho, já que os comandos são diretos e objetivos, priorizando a linguagem denotativa.

O texto denotativo, portanto, não está sujeito a interpretações diversas, há uma única forma de entendimento.

CONOTAÇÃO

A linguagem é conotativa quando empregada em sentido figurado, contendo palavras, expressões ou enunciados que ganham um novo significado quando compreendidos dentro de um contexto.

A conotação pode ser encontrada tanto nos diálogos cotidianos quanto em textos escritos, especialmente os literários, os publicitários, as tirinhas, as letras de música e as obras de arte, caracterizados pela maior expressividade e pelos diferentes efeitos de sentido alcançados.

Por meio da linguagem verbal e da não verbal, verifica-se também a união dos sentidos denotativo e conotativo, mas este se sobrepõe àquele conforme proporcione ao leitor entendimentos diversos da literalidade, contida na mensagem do cartaz, de que todos precisam se prevenir do HIV ou, caso já o portem, iniciem o tratamento imediatamente: as mãos unidas formam um laço que, além de traduzir o compromisso com a manutenção do companheirismo, simboliza a luta contra o vírus HIV e a síndrome Aids.



Campanha do Ministério da Saúde para o Dia Mundial de Luta Contra a Aids. Disponível em: <saude.gov.br>. Acesso em: jun. 2018.

Como se pode perceber, um bom leitor consegue, considerando o conteúdo, o contexto e a natureza da mensagem, discernir se predomina o sentido denotativo ou conotativo da linguagem. Tal habilidade, sem dúvida, é imprescindível para que o significado do texto seja compreendido em toda sua extensão.

Conceitos básicos: cultura, linguagem e língua

Antes de adentrarmos na análise da variação linguística, que será o foco deste módulo, é preciso ter em mente que a linguagem é parte inerente de um processo cultural de formação de todos os seres humanos, em qualquer sociedade.

Cultura significa todo aquele **complexo que inclui o conhecimento, a arte, as crenças, a lei, a moral, os costumes e todos os hábitos e aptidões adquiridos pelo ser humano** não somente em família, mas também através da sociedade em que ele está imerso.

Portanto, ao nascer, cada indivíduo está envolto em uma trama de símbolos, rituais e significados que ele precisará desvendar para ser aceito e para se sentir membro daquela cultura. Toda essa rede de informações é expressa por meio da linguagem, seja ela verbal ou não verbal.

Linguagem é o sistema através do qual os seres humanos comunicam as suas ideias e os seus sentimentos, seja através da fala, da escrita ou de outros signos convencionais. Onde há comunicação, há linguagem.

Na linguagem do cotidiano, o homem faz uso da linguagem verbal e não verbal para se comunicar. A **linguagem verbal** integra a fala e a escrita (diálogos, discursos, livros, jornais e aulas). Todos os outros recursos de comunicação como imagens, desenhos, símbolos, músicas, gestos, tom de voz etc. fazem parte da **linguagem não verbal**.

Já a **língua** é um instrumento de comunicação, sendo composta de regras gramaticais que possibilitam que determinado grupo de falantes consiga pro-

duzir enunciados que lhes permitam comunicar-se e compreender-se.

A língua possui um caráter social: pertence a todo um conjunto de pessoas, as quais podem agir sobre ela. Cada membro da comunidade pode optar por esta ou aquela forma de expressão. Por outro lado, não é possível criar uma língua particular e exigir que outros falantes a compreendam. Desta forma, cada indivíduo pode usar de maneira particular a língua comunitária, originando a fala. A fala está sempre condicionada pelas regras socialmente estabelecidas da língua, mas é suficientemente ampla para permitir um exercício criativo da comunicação.

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA

Agora que já passamos por esses três conceitos fundamentais, vamos entender como se dá a flutuação da língua dentro de seus domínios. A **variação linguística** é a alteração que pode ocorrer em algum ou em vários dos subsistemas característicos de uma língua (fonético, morfológico, sintático, léxico e semântico) de acordo com as condições sociais, culturais, regionais e históricas.



Meu rei!



Tchê!



Uai!



Já é!



Ô meu!



Massa!

VARIAÇÃO HISTÓRICA

Refere-se aos estágios de desenvolvimento de uma língua ao longo da história. Podemos notar esse contraste analisando anúncios de produtos da segunda metade do século XX. Note como eram escritas formalmente algumas palavras.



MEMÓRIA VIVA

VARIAÇÃO GEOGRÁFICA OU DIATÓPICA

É a variedade que a língua portuguesa assume nos diferentes lugares onde é falada. Inclusive, é importante saber que o português é a língua oficial em oito países de quatro continentes. São eles: Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe e Timor Leste.

Você sabia que o pãozinho quentinho que comemos pela manhã tem nomes bem diferentes pelo país?



Figurando também nesta modalidade de variação geográfica, estão os sotaques, ligados às características orais da linguagem.

VARIAÇÃO SOCIAL OU DIASTRÁTICA

Refere-se às formas da língua empregadas pelas diferentes classes ou grupos sociais. Estão diretamente ligadas aos grupos sociais de uma maneira geral e também ao grau de instrução das pessoas que integram esse grupo.

VARIAÇÃO SITUACIONAL OU DIAFÁSICA

É a capacidade que tem um mesmo indivíduo de empregar as diferentes formas da língua em situações comunicativas diversas, procurando adequar a forma e o vocabulário em cada situação. Em outras palavras, é quando a mesma pessoa altera a sua maneira de falar dependendo do ambiente no qual ela se encontra (informal ou formal).

Considerações importantes sobre as variações linguísticas



Todas as variações podem ser encontradas tanto na língua falada quanto na língua escrita. Podemos, inclusive, encontrar (e usar) as variações linguísticas em diferentes contextos de produção escrita.

Você conhece o projeto Atlas Linguístico Brasileiro? Esse projeto tem como objetivo registrar os diversos falares encontrados no território nacional. Disponível em: <<https://alib.ufba.br/>>.

É importante compreender as variações linguísticas para saber usá-las em diferentes situações. Utilizar a língua como meio de expressão, informação e comunicação requer, também, o domínio dos diferentes contextos de aplicação da língua.

JARGÃO E GÍRIA

Além das variações citadas, há ainda duas formas muito presentes no cotidiano:

Jargão

O jargão é um tipo de dialeto específico, geralmente falado por um grupo de profissionais da mesma área. Entre eles, temos:

- Jargão médico

"O paciente sofre de ELA, infelizmente a única coisa que podemos fazer é tratar os sintomas."

A sigla "ELA" significa Esclerose Lateral Amiotrófica. O uso da sigla acelera a comunicação e, para os leigos, ela se torna de alta complexidade.

- Jargão de informática

"Você pode encontrar estas informações na *homepage* da empresa, sem necessidade de entrar em contato por telefone."

"Homepage" é um jargão utilizado para conceituar a página inicial (ou de en-

trada) de um *site* da internet.

- **Jargão corporativo**

Provavelmente, uma pessoa pouco habituada a esses jargões ficará com a sensação de que não entendeu nada da conversa.

Gíria

Trata-se de palavras e expressões que entram e saem de moda, de acordo com a época. Comumente se originam em grupos sociais, marginalizados ou não, que estabelecem um "código" entendido só por eles. Atualmente, entende-se a gíria como expressões de grupos específicos, porém, tem seu uso normalmente vinculado à linguagem oral e informal.

VARIEDADE E ADEQUAÇÃO

A **variedade da língua** é tão importante para a vida cultural de uma sociedade quanto a variedade de espécies o é para a natureza. Tal variedade expressa a diversidade e a pluralidade de uma sociedade, respeitando os seus níveis sociais, históricos e geográficos.

Além dessa imensa variedade se manifestar nos níveis histórico, geográfico, social e situacional, como vimos anteriormente, há também um outro fator envolvido nessa inter-relação: **é a adequação linguística**.

Uma questão de estilo

Quanto maior o grau de conhecimento de um sujeito, maior será a sua capacidade de compreender e adequar o seu estilo linguístico, de modo a permitir uma completa e eficiente comunicação. Podemos dividir, de maneira bastante geral, os **estilos linguísticos** em dois grandes grupos:

- **Estilo formal:** possui caráter mais objetivo e orientado pelas regras da gramática normativa. Comumente utilizado em situações de menor proximidade entre os falantes, ou ainda, em situações que exigem maior formalidade, como palestras, aulas, textos de jornais, documentos oficiais ou comunicação com pessoas de nível hierárquico superior.
- **Estilo informal:** é quando ocorre o registro espontâneo, mais coloquial, utilizado em situações de muita informalidade e proximidade entre os falantes, demonstrando maior intimidade. Há uma despreocupação com as normas gramaticais do registro culto, porém, há muitos elementos ricos da linguagem presentes nesse estilo.

PRECONCEITO LINGUÍSTICO

Em um país de dimensões continentais e de enormes diferenças sociais como o Brasil, há sempre o risco de essas diferenças ou variações da língua se transformarem em um fenômeno conhecido como **preconceito linguístico**.

Ele pode ser definido como a discriminação existente entre os falantes de um mesmo idioma, em que não há respeito pelas variações linguísticas, como sotaques, regionalismos, dialetos, gírias e demais diferenças de fala de determinado grupo.

Claro está que precisamos valorizar a importância da norma culta da gramática para a preservação da ordem do idioma, porém, é também necessário considerar o fato de a língua ser fluída, mutável, adaptável e passível de constantes alterações e adaptações de acordo com seus contextos.

MATERIAL DE ENSINO
SISTEMA DE ENSINO

ROTEIRO DE AULA

DENOTAÇÃO E CONOTAÇÃO

Denotação

As palavras são empregadas em sentido literal, dicionarizado.

Conotação

As palavras são empregadas em sentido figurado, simbólico.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA**VARIAÇÃO
E NORMA****Cultura**

Conjunto acumulado de conhecimentos, crenças, rituais, práticas que formam uma sociedade.

Linguagem

Sistema pelo qual comunicamos os nossos pensamentos e as nossas ideias e pode ser subdividido em linguagem não verbal (comunicação como imagens, desenhos, símbolos, músicas, gestos e tom de voz) e linguagem verbal (diálogos, discursos, livros, jornais e aulas).

Língua

Instrumento da comunicação, sujeita a determinadas regras gramaticais.

ROTEIRO DE AULA

Varição linguística

É a alteração que pode ocorrer em algum ou em vários dos subsistemas característicos de uma língua:

- Variação histórica (alteração da língua falada e escrita ao longo do tempo);
- Variação social (diferenças da língua de acordo com as camadas sociais dos falantes);
- Variação geográfica (variação linguística de acordo com a região do país, inclusive seus diferentes sotaques regionais);
- Variação situacional (capacidade de empregar as diferentes formas da língua em situações comunicativas diversas);
- Gíria (palavras que entram e saem de moda de tempos em tempos);
- Jargão (expressões utilizadas por determinados grupos, normalmente entre profissionais de uma determinada área).

Variedade e adequação: estilos linguísticos

Expressa a diversidade e a pluralidade de uma sociedade, respeitando os seus níveis sociais, históricos e geográficos. Quanto maior a compreensão da variedade linguística, maior será a sua capacidade de adequar o estilo linguístico com eficiência.

Preconceito linguístico

A discriminação existente entre os falantes de um mesmo idioma, onde não há respeito pelas variações linguísticas, como sotaques, regionalismos, dialetos, gírias e demais diferenças de fala de determinado grupo.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. ESPM-SP

Deixei de roer as unhas, para espanto da minha mãe que já tinha feito ameaças de cortes de mesada ou proibição de festinhas no grêmio da cidade. Sem resultado. “Se eu contar, ninguém acredita” - disse ela quando viu que eu esfregava para valer a pimenta vermelha nas pontas dos dedos. Fiz minha cara inocente: na véspera, ele me advertira que eu podia ser uma moça de mãos feias, “ainda não pensou nisso?” Nunca tinha pensado antes, nunca me importei com as mãos, mas no instante em que ele fez a pergunta comecei a me importar. E se um dia elas fossem rejeitadas como as folhas defeituosas? Ou banais. Deixei de roer unhas e deixei de mentir. Ou mentir menos, mais de uma vez me falou no horror que tinha por tudo quanto cheirava falsidade, escamoteação.

Estávamos sentados na varanda. Ele selecionava as folhas ainda pesadas de orvalho quando me perguntou se já tinha ouvido falar em folha persistente. Não? Alisava o tenro veludo de uma malva-maçã. A fisionomia ficou branda quando amassou a folha nos dedos e sentiu seu perfume. As folhas persistentes duravam até mesmo três anos mas as cadentes amareleciam e se despregavam ao sopro do primeiro vento. Assim a mentira, folha cadente que podia parecer tão brilhante mas de vida breve. Quando o mentiroso olhasse para trás, veria no final de tudo uma árvore nua. Seca. Mas os verdadeiros, esses teriam uma árvore farfalhante, cheia de passarinhos - e abriu as mãos para imitar o bater das folhas e asas. Fechei as minhas. Fechei a boca em brasa agora que os tocos das unhas (já crescidas) eram tentação e punição maior. Podia dizer-lhe que justamente por me achar assim apagada é que precisava de me cobrir de mentira como se cobre com um manto fulgurante. Dizer-lhe que diante dele, mais do que diante dos outros, tinha de inventar e fantasiar para obrigá-lo a se demorar em mim como se demorava agora na verbena - será que não percebia essa coisa tão simples?

TELLES, Lygia Fagundes. Herbarium. In: *Seminário dos Ratos*.

No segmento: “- e abriu as mãos para imitar o bater das folhas e asas. Fechei as minhas;” a atitude da personagem de fechar as mãos:

- conota que havia certa revolta em não poder desfrutar de uma vida transparente e sincera.
- denota que era preciso ter muita disciplina para conseguir não roer unhas ou não mentir.
- revela figuradamente que era necessário um grande esforço para conter certas atitudes e comportamentos instintivos.
- denuncia literalmente a oposição às teorias do primo sobre verdade e mentira associadas à natureza.
- indica a impossibilidade de imitação e remete à metaforização da mentira por meio da “árvore nua”.

A atitude da personagem indica impossibilidade de abrir as mãos, para que seu hábito de roer as unhas não seja denunciado, além disso, remete à metáfora da árvore, pelo fato de a personagem admitir logo em seguida que precisa inventar fantasias, para ser considerada interessante pelo seu interlocutor.

2. FGV-SP (adaptado)

Era no tempo que ainda os portugueses não haviam sido por uma tempestade empurrados para a terra de Santa Cruz. Esta pequena ilha abundava de belas aves e em derredor pescava-se excelente peixe. Uma jovem tamoia,

cujos rostos pareciam tostados pelo fogo em que ardia-lhe o coração, uma jovem tamoia linda e sensível, tinha por habitação esta rude gruta, onde ainda então não se via a fonte que hoje vemos. Ora, ela, que até os quinze anos era inocente como a flor, e por isso alegre e folgazona como uma cabritinha nova, começou a fazer-se tímida e depois triste, como o gemido da rola; a causa disto estava no agradável parecer de um mancebo da sua tribo, que diariamente vinha caçar ou pescar à ilha, e vinte vezes já o havia feito sem que de uma só desse fé dos olhares ardentes que lhe dardejava a moça. O nome dele era Aoitin; o nome dela era Ahy.

A pobre Ahy, que sempre o seguia, ora lhe apanhava as aves que ele matava, ora lhe buscava as flechas disparadas, e nunca um só sinal de reconhecimento obtinha; quando no fim de seus trabalhos, Aoitin ia adormecer na gruta, ela entrava de manso e com um ramo de palmeira procurava, movendo o ar, refrescar a fronte do guerreiro adormecido. Mas tantos extremos eram tão mal pagos que Ahy, de cansada, procurou fugir do insensível moço e fazer por esquecê-lo; porém, como era de esperar, nem fugiu-lhe e nem o esqueceu. Desde então tomou outro partido: chorou. Ou porque a sua dor era tão grande que lhe podia exprimir o amor em lágrimas desde o coração até os olhos, ou porque, selvagem mesmo, ela já tinha compreendido que a grande arma da mulher está no pranto, Ahy chorou.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A Moreninha*. São Paulo: Ática, 1997, p. 62-63.

- a) O que significa, literalmente, dardejava?

Literalmente, “dardejar” significar “lançar dardo”.

- b) E no texto, o que significa esse verbo?

No texto, “dardejar” significar “lançar”, contudo nesse caso, não se trata de dardo, mas do olhar que Ahy lançava para Aoitin.

3. Enem

C8-H25

Em Bom Português

No Brasil, as palavras envelhecem e caem como folhas secas. Não é somente pela gíria que a gente é apanhada (aliás, não se usa mais a primeira pessoa, tanto do singular como do plural: tudo é “a gente”). A própria linguagem corrente vai-se renovando e a cada dia uma parte do léxico cai em desuso.

Minha amiga Lila, que vive descobrindo essas coisas, chamou minha atenção para os que falam assim:

– Assisti a uma fita de cinema com um artista que representa muito bem.

Os que acharam natural essa frase, cuidado! Não saber dizer que viram um filme que trabalha muito bem. E irão ao banho de mar em vez de ir à praia, vestido de roupa de

banho em vez de biquíni, carregando guarda-sol em vez de barraca. Comprarão um automóvel em vez de comprar um carro, pegarão um defluxo em vez de um resfriado, vão andar no passeio em vez de passear na calçada. Viajarão de trem de ferro e apresentarão sua esposa ou sua senhora em vez de apresentar sua mulher.

SABINO, F. *Folha de S. Paulo*, 13 abr. 1984. (Adaptado)

A língua varia no tempo, no espaço e em diferentes classes socioculturais. O texto exemplifica essa característica da língua, evidenciando que

- a) o uso de palavras novas deve ser incentivado em detrimento das antigas.
- b)** a utilização de inovações do léxico é percebida na comparação de gerações.
- c) o emprego de palavras com sentidos diferentes caracteriza diversidade geográfica.
- d) a pronúncia e o vocabulário são aspectos identificadores da classe social a que pertence o falante.
- e) o modo de falar específico de pessoas de diferentes faixas etárias é frequente em todas as regiões.

A constante mudança da língua é evidenciada no texto na comparação de gerações, pois mostra parte do léxico que caiu em desuso ao longo do tempo, ou seja, as palavras que usavam há anos atrás já não são faladas, pois foram substituídas por outras, como “fita de cinema” e “filme”.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.

4. UFRJ – Leia com atenção o texto:

[Em Portugal], você poderá ter alguns probleminhas se entrar numa loja de roupas desconhecendo certas sutilezas da língua. Por exemplo, não adianta pedir para ver os ternos — peça para ver os fatos. Paletó é casaco. Meias são peúgas. Suéter é camisola — mas não se assuste, porque calcinhas femininas são cuecas. (Não é uma delícia?)

Ruy Castro. *Viaje Bem*. Ano VIII, n. 3, 78.

O texto destaca a diferença entre o português do Brasil e o de Portugal quanto

- a)** ao vocabulário.
- b) à derivação.
- c) à pronúncia.
- d) ao gênero.
- e) à sintaxe.

Apesar de compartilharem o mesmo idioma, Brasil e Portugal possuem diferenças em seus vocabulários, como os que estão expressos no texto, o que demonstra a variedade regional ou diatópica.

5. Mack-SP – As dimensões continentais do Brasil são objeto de reflexões expressas em diferentes linguagens. Esse tema aparece no seguinte poema:

“(…) Que importa que uns falem mole descansado
Que os cariocas arranhem os erres na garganta
Que os capixabas e parouaras escancarem as vogais?
Que tem se o quinhentos réis meridional
Vira cinco tostões do Rio pro Norte?
Junto formamos este assombro de misérias e grandezas,
Brasil, nome de vegetal! (…)”

Mário de Andrade. *Poesias completas*. 6. ed. São Paulo: Martins Editora, 1980.

O texto poético ora reproduzido trata das diferenças brasileiras no âmbito

- a) étnico e religioso.
- b)** linguístico e econômico.
- c) racial e folclórico.
- d) histórico e geográfico.
- e) literário e popular.

A língua varia de acordo com a grande amplitude do território brasileiro, inclusive, na época em que foi escrita a poesia, havia também uma variação regional de nomenclatura da moeda nacional.

6. Enem C8-H26

Naquela manhã de céu limpo e ar leve, devido à chuva torrencial da noite anterior, saí a caminhar com o sol ainda escondido para tomar tenência dos primeiros movimentos da vida na roça. Num demorou nem um tiquinho e o cheiro intenso do café passado por dona Linda me invadiu as narinas e fez a fome se acordar daquela rema letárgica derivada da longa noite de sono. Levei as mãos até a água que corria pela bica feita de bambu e o contato gelado foi de arrepiar. Mas fui em frente e levei as mãos em concha até o rosto. Com o impacto, recuei e me faltou o fôlego por alguns instantes, mas o despertar foi imediato. Já aceso, entrei na cozinha na buscação de derrubar a fome e me acercar do aconchego do calor do fogão à lenha. Foi quando dei reparo da figura esguia e discreta de uma senhora acompanhada de um garoto aparentando uns cinco anos de idade já aboletada na ponta da mesa em proseio íntimo com a dona da casa. Depois de um vigoroso “Bom dia!”, de um vaporoso aperto de mãos nas apresentações de praxe, fiquei sabendo que Dona Flor de Maio levava o filho Adão para tratamento das feridas que pipocavam por seu corpo, provocando pequenas pústulas de bordas avermelhadas.

GUIÃO, M. Disponível em: <www.revistaecologico.com.br>. Acesso em: jun. 2018. (Adaptado)

A variedade linguística da narrativa é adequada à descrição dos fatos. Por isso, a escolha de determinadas palavras e expressões usadas no texto está a serviço da

- a) localização dos eventos de fala no tempo ficcional.
- b)** composição da verossimilhança do ambiente retratado.
- c) restrição do papel do narrador à observação das cenas relatadas.
- d) construção mística das personagens femininas pelo autor do texto.
- e) caracterização das preferências linguísticas da personagem masculina.

O uso de palavras características da linguagem coloquial, a que não correspondem muitas das regras da gramática normativa, como “num”, “dar reparo”, “tiquinho”, “buscação”, “pipocar” e “proseio”, é coerente com o cotidiano simples da realidade rural, conferindo verossimilhança à descrição.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unievangélica-GO – Leia o excerto a seguir.

“Garimpeiros do mar” encontram de tudo nas águas da Zona Sul

Histórias de quem passa os dias mergulhando na orla do Rio em busca de objetos que vão de joias a câmeras.

Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/rio/garimpeiros-do-mar-encontram-de-joias-cameras-fotograficas-notas-de-euro-na-zona-sul-13758585>>. Acesso em: jun. 2018.

As aspas são um sinal gráfico que exerce funções variadas no texto escrito.

No sintagma “Garimpeiros do mar”, as aspas servem para indicar que essa expressão

- faz alusão a uma grande obra da nossa literatura.
- está sendo empregada num sentido conotativo.
- coloca em dúvida a veracidade das histórias narradas.
- constitui uma citação direta da fala do mergulhador.

8. UFRR – Leia o fragmento a seguir:

De acordo com os cientistas, sou classificado pela ordem, subordem infraordem, família, gênero e espécie. [...] Trocando a miúdos, sou um guariba-vermelho, também conhecido por bugio-labareda, macaco-roncador e barbado. Sou mamífero de sangue quente. Espero que a genética da nossa espécie nunca se degenera a ponto de nos tornarmos seres infelizes e produtores de lixo como o bicho-homem. [...]

[...] Por que não consigo transformar meu luto em luta?

– Pois é, meu filho. Você é uma obra-prima da Mamãe Natureza. Você é um guariba querido e amado pelos parentes e pela floresta. Você é um barril de alegria, que explode a vida em aventura em aventuras mil.

SOUZA, Márcio. *Galvez: Imperador do Acre*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

De acordo com o texto, é correto afirmar que:

- Por que não consigo transformar meu *luto* em *luta*? As palavras destacadas pertencem a classes gramaticais distintas, sendo: luto, um substantivo masculino; luta, um adjetivo com função sintática de objeto direto.
- As palavras “subordem e infraordem” são formadas pelo processo de derivação prefixal e ambas devem ser grafadas com hífen por se tratar de um vocábulo iniciado com a vogal “o”.
- Os substantivos “mamífero, barril e ser” flexionados no diminutivo plural, teríamos: mamiferozinhos, barrilzinhos e seresinhos; enquanto que os vocábulo querido e amado não são adjetivos, apenas fazem referências a um macaco.
- O emprego do acento agudo na letra u na palavra “miúdos” justifica-se pela mesma razão que se acentua a letra i da palavra “família”.
- Em: “Você é um barril de alegria, que explode a vida em aventura em aventuras mil”. No termo destacado, aparece uma metáfora; o substantivo alegria é abstrato; e a linguagem empregada em todo o período é conotativa.

9. Unisa-SP – Leia a tira do cartunista Angeli.



ANGELI. Meredit. In: *Folha de S. Paulo*, 2.10.2012.

No contexto da fala da personagem, o termo *gordura* está empregado em sentido

- denotativo, sinalizando objetivamente as dificuldades de comunicação entre as pessoas.
- denotativo, sinalizando criticamente a dificuldade de comunicação entre homens e mulheres.
- conotativo, sinalizando que a mulher raramente consegue organizar a comunicação familiar.
- conotativo, sinalizando ironicamente os problemas advindos das relações interpessoais.
- conotativo, sinalizando sarcasticamente que as mulheres são mais vaidosas que os homens.

10. UFU-MG

Nóis quer carrão e mansão, né? Por que não?

Tã bem patrão de avião, né? Por que não?

Quer opção, quer salmão, né? Por que não?

Ser feliz, jã, diz aí, por que não?

Disponível em: <<http://letras.mus.br/emcida/gueto/>>. Acesso em: jun. 2018.

Leandro Roque de Oliveira, mais conhecido como Emicida, é um *rapper* brasileiro reconhecido pelo grande público e pela crítica especializada. No trecho da letra da canção *Gueto*, de sua autoria, a palavra “patrão”, no segundo verso,

- é empregada com sentido conotativo e refere-se a uma situação privilegiada.
- é retomada, no quarto verso, por “jã” e refere-se a qualquer pessoa da comunidade.
- é empregada com sentido denotativo e refere-se àquele que comanda, é o chefe.
- é empregada de forma ambígua, podendo significar tanto “chefe” como “jã”.

11. Uncisal



Mafalda. Disponível em: <<http://clubedamafalda.blogspot.com.br/2006/01/tirinha-004>>. Acesso em: jun. 2018.

Dadas as afirmações acerca da tirinha,

- I. Há, na tira, presença de linguagem conotativa, que é repetida pela ingenuidade da menina.
- II. Embora haja linguagem figurada, o jogo de palavras não nos possibilita detectar humor na tira, perdendo-se assim o sentido.
- III. O efeito de humor da tira está indicado pela seleção vocabular, isto é, pelo jogo de palavras que é visualizado por meio da palavra “campo”.
- IV. A forma inusitada de pensar da personagem Mafalda cria ambiguidade à situação.

Verifica-se que estão corretas

- | | |
|-------------------------|---------------------|
| a) I, III e IV, apenas. | d) I, II, III e IV. |
| b) II e III, apenas. | e) I e IV, apenas. |
| c) III e IV, apenas. | |

12. Fuvest-SP (adaptada)

– A correção da língua é um artificialismo – continuei epis-
copalmente.

– O natural é a incorreção. Note que a gramática só se atre-
ve a meter o bico quando escrevemos. Quando falamos,
afasta-se para longe, de orelhas murchas.

LOBATO, Monteiro, Prefácios e entrevistas.
São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

Entre a palavra “episcopalmente” e as expressões “me-
ter o bico” e “de orelhas murchas”, dá-se um contraste
de variedades linguísticas. Substitua as expressões co-
loquiais, que aí aparecem, por outras equivalentes, que
pertencam à variedade padrão.

13. Vunesp

Olha o meu povo nas favelas e vai perceber
Daqui eu vejo uma caranga do ano
Toda equipada e o tiozinho guiando
Com seus filhos ao lado estão indo ao parque
Eufóricos brinquedos eletrônicos
Automaticamente eu imagino
A molecada lá da área como é que tá
Provavelmente correndo pra lá e pra cá
Jogando bola descalços nas ruas de terra
E, brincam do jeito que dá
[...]
Olha só aquele clube, que da hora
Olha aquela quadra, olha aquele campo, olha
Olha quanta gente
Tem sorveteria, cinema, piscina quente
[...]
Aqui não vejo nenhum clube poliesportivo
Pra molecada frequentar nenhum incentivo
O investimento no lazer é muito escasso
O centro comunitário é um fracasso

Racionais MCs. Fim de semana no parque. *Raio-X do Brasil*.
São Paulo: Zimbabwue, 1993. (Fragmento).

A letra da canção apresenta uma realidade social quanto
à distribuição distinta dos espaços de lazer que

- a) retrata a ausência de opções de lazer para a popula-
ção de baixa renda, por falta de espaço adequado.
- b) ressalta a irrelevância das opções de lazer para dife-
rentes classes sociais, que o acessam a sua maneira.
- c) expressa o desinteresse das classes sociais menos
favorecidas economicamente pelas atividades de la-
zer.
- d) implica condições desiguais de acesso ao lazer, pela
falta de infraestrutura e investimentos em equipam-
entos.
- e) aponta para o predomínio do lazer contemplativo, nas
classes favorecidas economicamente; e do prático,
nas menos favorecidas.

14. UFU-MG

Como escrever na Internet

Regra 1 – Fale, não GRITE!

Combine letras maiúsculas e minúsculas, da mesma forma
que na escrita comum. Cartas em papel não são escritas
somente com letras maiúsculas; na internet, escrever em
maiúsculas é o mesmo que gritar! Para enfatizar frases e
palavras, use os recursos de `_sublinhar_` (colocando pa-
lavras ou frases entre sublinhados) e `*grifar*` (palavras ou
frases entre asteriscos). Frases em maiúsculas são aceitá-
veis em títulos e ênfases ou avisos urgentes.

Regra 2 – Sorria :-) pisque ;-) chore &- (...

Os emoticons (ou smileys) são ícones formados por pa-
rênteses, pontos, vírgulas e outros símbolos do teclado.

Eles representam carinhas desenhadas na horizontal e
denotam emoções. É difícil descobrir quando uma pessoa

está falando alguma coisa em tom de brincadeira, se está realmente brava ou feliz, ou se está sendo irônica, em um ambiente no qual só há texto; por isso, entram em cena os smileys. Comece a usá-los aos poucos e, com o passar do tempo, estarão integrados naturalmente às suas conversas on-line.

Disponível em: <http://www.icmc.usp.br>. Acesso em: jun. 2018.

O texto traz exemplos de regras que podem evitar mal-entendidos em comunicações eletrônicas, especialmente em e-mails e chats. Essas regras

- a) revelam códigos internacionalmente aceitos que devem ser seguidos pelos usuários da internet.
- b) constituem um conjunto de normas ortográficas incluídas na escrita padrão da língua portuguesa.
- c) representam uma forma complexa de comunicação, pois os caracteres são de difícil compreensão.
- d) foram desenvolvidas para que usuários de países de línguas diferentes possam se comunicar na web.
- e) reetem recomendações gerais sobre o uso dos recursos de comunicação facilitadores da convivência na internet.

15. UFTM-MG

Estrangeirismos são palavras e expressões de outras línguas usadas correntemente em nosso cotidiano. Sobre o emprego de palavras estrangeiras no português, o linguista Sírio Possenti comenta:

“Tomamos alguns verbos do inglês e os adaptamos a nosso sistema verbal exclusivamente segundo regras do português. Se adotarmos *start*, logo teremos *estartar* (e todas as suas flexões), pois nossa língua não tem sílabas iniciais como *st-*, que imediatamente se tornam *est-*. A forma nunca será *startar*, nem *ostartar* ou *ustartar*, nem *estarter* ou *estartir*, nem *printer* ou *printir*, nem *atcher* ou *atchir* etc., etc., etc.”

Adaptado de Sírio Possenti, A questão dos estrangeirismos, em Carlos Alberto Faraco, *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2001, p. 173-174.

Glossário:

Bug: falha devido ao mau funcionamento em um programa de informática.

Computar: contar, incluir.

Dar *load*: carregar.

Lolking: site da internet sobre o jogo.

Ranked: partida que dá pontos ao jogador.

Server: servidor; em informática, é um programa ou um computador que fornece serviços a uma rede de computadores.

Upar: subir de nível, recarregar.

As alternativas abaixo reproduzem trechos de um fórum de discussão na internet sobre um jogo eletrônico. Nessa discussão, um jogador queixa-se por não ter conseguido se conectar a uma partida e ter perdido pontos. Escolha a alternativa que contém um exemplo do processo de adaptação de verbos do inglês para o sistema verbal do português, como descreve Sírio Possenti.

- a) “Aconteceu logo na manhã deste domingo, quando iniciei uma *ranked*.”
- b) “Ela não deu *load* e pensei que era um *bug* no site.”
- c) “Entre no *lolking* para ver se a partida estava sendo computada.”
- d) “Nem upei meu personagem de tanto problema no *server*.”

16. UFES – A alternativa com palavras que NÃO integram uma relação de variação linguística é:

- a) degelar - degelar.
- b) rebite - arrebite.
- c) bêbado - bêbedo.
- d) enfarte - infarto.
- e) deferir - diferir.

17. FGV-SP – Observe o fragmento a seguir.

“Sou fio das mata, cantô da mão grossa
Trabaio na roça, de inverno e de estio
A minha chupana é tapada de barro
Só fumo cigarro de paia de mio”.

ASSARÉ, Patativa do. *O poeta da roça*.

No terreno da variação linguística, o aspecto a ser centralmente estudado nesse texto de Patativa do Assaré, intitulado “*O poeta da roça*” é a variação de

- a) construções sintáticas.
- b) situações sociocomunicativas.
- c) estratégias comunicativas.
- d) gêneros textuais realizados na fala.
- e) registros e níveis de fala.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Fatec-SP (adaptado)

C7-H22

De outras e muitas grandezas vos poderíamos ilustrar, senhoras Amazonas, não fora persignar demasiado esta epístola; todavia, com afirmar-vos que esta é, por sem dúvida, a mais bela cidade terráquea, muito hemos feito em favor destes homens de prol. Mas cair-nos-iam as faces, si ocultáramos no silêncio, uma curiosidade original deste povo. Ora sabereis que a sua riqueza de expressão intelectual é tão prodigiosa, que falam numa língua e escrevem noutra. Assim chegado a estas plagas hospitalares, nos demos ao trabalho de bem nos inteirarmos da etnologia da terra, e dentre muita surpresa e assombro que se nos deparou, por certo não foi das menores tal originalidade linguística. Nas conversas utilizam-se os

paulistanos dum linguajar bárbaro e multifário, crasso de feição e impuro na vernaculidade, mas que não deixa de ter o seu sabor e força nas apóstrofes, e também nas vozes do brincar. Destas e daquelas nos inteiramos, solícito; e nos será grata empresa vo-las ensinarmos aí chegado. Mas si de tal desprezível língua se utilizam na conversação os naturais desta terra, logo que tomam da pena, se despojam de tanta asperidade, e surge o Homem Latino, de Lineu, exprimindo-se numa outra linguagem, mui próxima da vergiliana, no dizer dum panegirista, meigo idioma, que, com imperecível galhardia, se intitula: língua de Camões! De tal originalidade e riqueza vos há-de ser grato ter ciência, e mais ainda vos espantareis com saberdes, que à grande e quase total maioria, nem essas

duas línguas bastam, senão que se enriquecem do mais lídimo italiano, por mais musical e gracioso, e que por todos os recantos da urbs é versado.

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*: O herói sem nenhum caráter. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

As palavras “epístola”, “terráquea” e “etnologia” associam-se pelo sentido, respectivamente, a

- a) arma, terra e humanidade.
- b) carta, terra e civilização.
- c) instrumento, planeta e raça.
- d) carta, Terra e povo.
- e) escrita, planeta e raça.

19. Enem

C8-H25

A questão tomará por base o seguinte texto, que inicia o romance *Palha de Arroz*:

Ruas quietas dentro duma tarde cinzenta de janeiro. Quase nada de movimento por aqueles becos estreitos e sujos entre casas pobres. O sol assim como se enferrujado. Quase mesmo que querendo se apagar de todo. Era assim uma coisa como se o próprio tempo estivesse de propósito para abafar o movimento daquelas vivalmas que por ali labutavam e faziam outras coisas. Palha de Arroz não era bairro, nem de longe, propenso a tamanha tranquilidade. Já a tarde ia-se findando. E não aparecia um vivente para fechar o ponto do dia, ou mesmo abrir o programa da noite que já vinha vindo bem perto. Tudo silente. Tudo parado que nem água de poço. Às portas dos armazéns, estivadores trabalhavam dando os últimos pospontos em sacos de oiticica, cera de carnaúba, babaçu. Já outros batiam e dobravam peles e espichados. Foi quando Parente, terminando sua tarefa, saiu assim rumo à ribanceira do rio. Jogou os panos fora e caiu n'água para derreter, mesmo sem sabão, ao menos a metade do grude. Alguns carroceiros, que davam jantar aos burros, atiraram-lhe pilhérias pesadas. Logo Parente lhes deu notícias das mães. Ninguém, entretanto, ao menos de leve se queimou. Qualquer um já bem sabia quem era aquele safado. Já ia para coisa de dez anos que morava na Barrinha. (...)

Já ia pardejando. Genoveva passou rebolando as ancas dentro duma saia de chita, subindo a rampa do cais. Toda imponente, empinada. Dengosa de faceira! Só que com o pescoço duro e meio torto, para a lata d'água não vomitar golfadas em seu corpo.

IBIAPINA, Fontes. *Palha de Arroz*. Teresina: Corisco, 2002, p. 11-2.

Assinale a alternativa que reproduz um trecho que serve como exemplo de variante linguística popular.

- a) Era assim uma coisa como se o próprio tempo estivesse de propósito para abafar o movimento daquelas vivalmas.

- b) Palha de Arroz não era bairro, nem de longe, propenso a tamanha tranquilidade.
- c) Às portas dos armazéns, estivadores trabalhavam dando os últimos pospontos em sacos de oiticica, cera de carnaúba.
- d) Foi quando Parente, terminando sua tarefa, saiu assim rumo à ribanceira do rio.
- e) Genoveva passou rebolando as ancas dentro duma saia de chita, subindo a rampa do cais.

20. Enem

C8-H25

Língua brasileiras

[...] O Brasil tem dessas coisas, é um país maravilhoso, com o português como língua oficial, mas cheio de dialetos diferentes. No Rio de Janeiro, é “e aí merrmão ! CB, sangue bom!” Até eu entender que merrmão era “meu irmão” levou um tempo. Para conseguir se comunicar, além de arranhar a garganta com o erre, você precisa aprender a chiar como chaleira velha: “vai roláumaschparadaschischperrtasch”. [...]

Em *Mins*, quer dizer, em Minas, eles engolem letras e falam *Belzonte*, *Nossenhora*, *Doidemais* da conta, sô! Qualquer objeto é chamado de *trem*. Lembrei daquela história do mineirinho na plataforma da estação. Quando ouviu um apito, falou apontando as malas: “Muié, pega os trem que o bicho tá vindo”. [...]

Mas o lugar mais interessante de todos é Florianópolis, um paraíso sobre a terra, abençoado por Nossa Senhora do Desterro. Os nativos tradicionais, conhecidos como *Manezinhos* da Ilha, têm o linguajar mais simpático da nossa língua brasileira. Chamam lagartixa de *crocodilinho da parede*. Helicóptero é *avião de rosca* (que deve ser lido *roschca*). Carne moída é *boi ralado*. Se você quiser um pastel de carne, precisa pedir um envelope de *boi ralado*. Telefone público, o popular orelhão, é conhecido como *poste de prosa* e a ficha de telefone é *pastilha de prosa*. Ovo eles chamam de *semente de galinha* e motel é *lugar de instantinho*. [...]

RAMIL, K. *Tipo assim*. Porto Alegre: RBS, 2003.

As variedades linguísticas constituem sistemas adequados à expressão das necessidades comunicativas e cognitivas dos falantes, refletindo diferenças de várias naturezas. O texto aborda variedade

- a) histórica, pois aponta palavras e expressões em desuso ou que não mais são usadas pelos brasileiros.
- b) social, que comumente entra em conflito com a norma de prestígio e estigmatiza os falantes.
- c) regional, mostrando diferenças fonéticas e semânticas entre brasileiros de várias regiões do país.
- d) estilística, que depende do maior ou menor grau de formalidade entre os falantes ou determinados pelo contexto.

MONITORAMENTO E INADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA E SEMÂNTICA

4

MONITORAMENTO LINGUÍSTICO

É o exercício feito pelo locutor para **controlar** o que fala ou escreve **a fim de adaptar** seu discurso à situação e ao interlocutor: trata-se do **monitoramento linguístico**.

A capacidade de efetuar a **adequação da linguagem** demonstra **competência discursiva**, ou seja, a habilidade de o locutor se adaptar às diferentes situações e, assim, comunicar-se de forma eficiente.

Monitoramento linguístico, portanto, é o cuidado que o locutor tem para tornar a linguagem adequada a uma situação e a um interlocutor específico.

INADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA

É a recusa do locutor a adequar o registro linguístico ao meio e ao interlocutor, gerando **ruído na comunicação** ou **mal-estar social**.

Isso significa que a pessoa deve se adaptar às situações: numa reunião, é esperado que haja o emprego da linguagem formal, ao passo que, numa roda de amigos, a informalidade é mais bem-vista. Se agir de forma diversa, ou seja, se não se adaptar ao **contexto**, o locutor cometerá uma **inadequação linguística**.

Para melhor compreender, leia o trecho da crônica “Que seria de mim sem a Solange?,” de Humberto Werneck:

– Meu cabelo está pendoando – anuncia a prima, apalmando as melenas.

Tenho anos, décadas de Solange, mas confesso que ela, com o seu solangês, às vezes me pega desprevenido.

– Seu cabelo está o quê?

– Pendoando – insiste ela – e, com a paciência de quem explica algo elementar a um total ignorante, traduz:

– Bifurcando nas extremidades.

É assim a Solange, criatura para a qual ninguém morre, mas falece, e, quando sobrevém esse infausto acontecimento, tem seu corpo acondicionado num ataúde, num esquife, quiçá num féretro, para ser inumado em alguma necrópole, ou, mais recentemente, incinerado em crematório. Cabelo de gente assim não se torna vulgarmente quebradiço, que nem o seu e o meu: pendoa, bifurca-se nas extremidades. Pendoado ou não, convém às mulheres prendê-lo com ramonas – que é como a Solange se refere ao grampo, desde que, faz tempo, foi passar uns meses no Triângulo Mineiro.

Conviver com a prima é como folhear um dicionário e ir botando o dedo no que haja ali de mais bizarro. Quem mais haveria de desovar na conversação esquisitices verbais como “alvedrio”? Certa vez (ela preferiria “de certa feita”), quando éramos adolescentes, a Solange me chamou de estroina, e por pouco não lhe agradei, pois cheguei a farejar elogio no termo para mim então desconhecido.

Você pode achar que estou sendo implicante, metido a policiar a linguagem alheia. Brasileiro é assim mesmo, adora embonitar a conversa para impressionar os outros. Sei disso. Eu próprio já andei escrevendo sobre o que chamei de ruibarboismo: o uso de palavreado rebarbativo como forma de, numa discussão, reduzir ao silêncio o interlocutor ignaro. Uma espécie de gás paralisante verbal.

WERNECK, Humberto. Que seria de mim sem a Solange? In: *Esse inferno vai acabar*. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2016. (Fragmento).

- Monitoramento linguístico.
- Inadequação linguística.
- Semântica
- Semântica diacrônica
- Semântica sincrônica
- Homonímia
- Paronímia
- Sinonímia
- Antonímia
- Polissemia
- Substantivos notáveis

HABILIDADES

- Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.
- Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social.
- Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.
- Identificar as diferentes linguagens e os seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação.
- Relacionar informações geradas nos sistemas de comunicação e informação, considerando a função social desses sistemas.
- Analisar a função da linguagem predominante nos textos em situações específicas de interlocução.
- Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social.
- Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

Considerando que o ambiente apresentado na crônica é informal, cotidiano, a linguagem empregada por Solange dele destoa, pois a personagem fala “solangês”; ou seja, uma língua que não está ao alcance de todos: “Conviver com a prima é como folhear um dicionário e ir botando o dedo no que haja ali de mais bizarro”. Tal procedimento causa, além de ruído na comunicação, o afastamento social e afetivo, sendo compreensível a rejeição dos interlocutores. Solange se regozija com a descoberta de palavras que escapam ao banal, gosta de ler dicionários e de aprender novos termos, o que é louvável desde que não cause constrangimentos injustificáveis.

Note-se que não se cogita que uma pessoa de simples, com pouco estudo, use a norma culta numa audiência judicial, nem que o pós-graduado cometa desvios da norma-padrão numa conversa com aquela. Definitivamente, não é essa a ideia. O que se espera é que, na audiência judicial, a pessoa simples e o pós-graduado demonstrem respeito e ajam de maneira formal, independentemente do fato de saberem ou não empregar as regras gramaticais. Entretanto, se o pós-graduado utilizar uma linguagem erudita apenas para impressionar ou humilhar a pessoa simples, estará cometendo uma **inadequação** e, mais que isso, demonstrará **preconceito linguístico**.

Se há uma palavra mágica para que a inadequação e o preconceito linguístico sejam evitados, essa palavra é **respeito**: o domínio da norma culta não pode se transformar numa espécie de pódio classificatório. Não há melhor ou pior falante: há, isto sim, diferentes circunstâncias, meios e, sobretudo, histórias de vida.

SEMÂNTICA

Em um contínuo de transformação, a língua se (re) adapta à realidade de seus falantes. Já os vocábulos (unidades linguísticas), por sua vez, guardam o significado de origem dessa língua e adquirem, pelo uso que se faz deles, significações variadas.

Semântica é a área que se ocupa do estudo do significado dessas unidades linguísticas, ou seja, dos vocábulos. A qual se divide em **Semântica diacrônica** (estudo das transformações das unidades linguísticas ao longo do tempo) e **Semântica sincrônica** (estudo do estágio atual de significação).

ASPECTOS SEMÂNTICOS

Diz respeito ao estabelecimento de alguma forma de identidade ou de oposição semântica ou de semelhança gráfica e fônica entre dois ou mais vocábulos.

Homonímia

Uma palavra será homônima de outra quando a identidade gráfica e/ou fônica de ambas se mantém. Os homônimos podem ser identificados de formas diferentes:

- homógrafos (mesma grafia): **sede** (empresa); **sede** (sensação fisiológica).
- homófonos (mesmo som): **cela** (cubículo); **sela** (assento; forma verbal selar).

- homônimos perfeitos (homógrafos homófonos): **banco** (instituição financeira); **banco** (assento; forma verbal bancar).

Paronímia

Uma palavra será parônima da outra quando houver alguma semelhança gráfica e fônica entre elas, como em **vadear** (atravessar a vau) / **vadiar** (andar ociosamente); **sortir** (abastecer, misturar) / **surtir** (produzir efeito).

Sinonímia

Uma palavra será sinônima da outra quando estabelecerem entre si significado próximo/equivalente.

Antonímia

Uma palavra será antônima da outra quando estabelecerem entre si significado contrário, de oposição.

Polissemia

Uma palavra é considerada polissêmica quando apresenta uma multiplicidade de significados.

Observe alguns exemplos.

Cabo de força (instrumento, peça ou parte de um objeto).

Cabo do exército (posto militar).

Dar **cabo** à situação (fim, término).

Cabo da Boa Esperança / **Cabo** Frio (acidente geográfico).

Substantivos notáveis

São substantivos notáveis as palavras que têm significados distintos quando empregadas em feminino e em masculino.

Palavra	Feminino	Masculino
cabeça	parte do corpo; pessoa inteligente; extremidade dilatada	líder, chefe, dirigente
capital	sede do Poder Executivo de país ou região administrativa	patrimônio, bens
cisma	preocupação; suspeita de algo	separação religiosa
crisma	cerimônia religiosa	óleo usado em um dos sacramentos religiosos
cura	ato ou efeito de curar	sacerdote
grama	relva	unidade de massa
estepe	planície com vegetação herbácea	pneu sobressalente
moral	honestidade, bons costumes, ética	ânimo, brio, autoestima
nascente	fonte, nascedouro	lado onde nasce o sol
rádio	estação retransmissora	elemento químico; aparelho radiofônico; osso do antebraço

ROTEIRO DE AULA

MONITORAMENTO E INADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA

Monitoramento

É o cuidado que o locutor tem para tornar a linguagem adequada a uma situação específica.

Inadequação

É a recusa do locutor a adequar o registro linguístico à situação.

SEMÂNTICA

Definição de Semântica

Estudo de cada unidade linguística.

Semântica diacrônica

Estudo das transformações das unidades linguísticas ao longo do tempo.

Semântica sincrônica

Estudo do estágio atual de significação.

Denotação

Uso da palavra em seu sentido original, literal.

ROTEIRO DE AULA

Conotação

Uso da palavra "fora" de seu sentido original — sentido figurado.

Homonímia

Palavras diferentes, mas com mesma grafia ou mesmo som.

Paronímia

Palavras com som ou grafia semelhantes, mas com significados diferentes.

Polissemia

Palavras que têm múltiplos significados.

Substantivos notáveis

Palavras com significados distintos quando empregadas em feminino e em masculino.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Enem

C8- H25

Nuances

Euforia: alegria barulhenta. Felicidade: alegria silenciosa.

Gravar: quando o ator é de televisão. Filmar: quando ele quer deixar claro que não é de televisão.

Grávida: em qualquer ocasião. Gestante: em filas e assentos preferenciais.

Guardar: na gaveta. Salvar: no Computador. Salvaguardar: no Exército.

Menta: no sorvete, na bala ou no xarope. Hortelã: na horta ou no suco de abacaxi.

Peça: quando você vai assistir. Espetáculo: quando você está em cartaz com ele.

DUVIVIER, Gregório. *Folha de S.Paulo*, 24 mar. 2014. (Adaptado).

O texto trata da diferença de sentido entre vocábulos muito próximos. Essa diferença é apresentada considerando-se a(s)

- alternâncias na sonoridade.
- adequação às situações de uso.
- marcação flexional das palavras.
- grafia na norma-padrão da língua.
- categorias gramaticais das palavras.

Apesar de serem sinônimas, as palavras estão adequadas às situações de uso. O emprego dessas palavras nas situações descritas indica proficiência por parte do falante que faz tal distinção.

Competência: Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade: Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.

2. Enem

C8-H26

Ainda os equívocos no combate aos estrangeirismos

Por que não se reconhece a existência de norma nas variedades populares? Para desqualificá-las? Por que só uma norma é reconhecida como norma e, não por acaso, a da elite?

Por tantos equívocos, só nos resta lamentar que algumas pessoas, imbuídas de crença de que estão defendendo a língua, a identidade e a pátria, na verdade estejam reforçando velhos preconceitos e imposições. O português do Brasil há muito distanciou-se do português de Portugal e das prescrições dos gramáticos, cujo serviço às classes dominantes é definir a língua do poder em face de ameaças - internas e externas.

ZILLES, A. M. S. In: FARACO, C. A. (Org.). *Estrangeirismos: guerras em torno da língua*. São Paulo: Parábola, 2004. (Adaptado).

O texto aborda a linguagem como um campo de disputas e poder. As interrogações da autora são estratégias que conduzem ao convencimento do leitor de que

- o português do Brasil é muito diferente do português de Portugal.
- as prescrições dos gramáticos estão a serviço das classes dominantes.
- a norma linguística da elite brasileira é a única reconhecida como tal.
- o português do Brasil há muito distanciou-se das prescrições dos gramáticos.
- a desvalorização das variedades linguísticas populares tem motivação social.

Considerando que as indagações da autora tratam da existência de norma linguística nas variedades populares, questionando o porquê de sua desqualificação e desconsideração em relação a normas elitizadas, sua

estratégia expõe a motivação social que sustenta essa desvalorização das variedades linguísticas populares, como afirma a alternativa E.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social.

3. Fuvest-SP



Laertevisão.

Folha de S. Paulo, 02.04.2016.

O texto que compõe as falas dos quadrinhos pertence inteiramente à modalidade escrita da língua portuguesa? Justifique sua resposta, com base em elementos presentes no texto.

As falas dos quadrinhos privilegiam a modalidade escrita da língua portuguesa, mas também apresentam algumas expressões coloquiais, como "você sabe", "com toda essa coisa de internet", "é escrever uma coisa".

4. PUC – "A única resolução aprovada foi a de que, para evitar a perseguição, todos se despojassem de sinais ostensivos de serem da classe média, como carro pequeno etc., e passassem a viver como pobres. Aí não seria rebaixamento social, seria disfarce."

Escreva duas frases em que a palavra "aí" esteja empregada com o valor semântico e de uso:

Contextualize, se necessário, para deixar o significado inquestionavelmente claro em cada caso.

a) igual ao do trecho acima;

Seria bom que todas as escolas tivessem o mesmo nível de qualidade.

Aí todos os alunos teriam as mesmas oportunidades.

b) diferente do trecho acima.

Não deixe a bicicleta aí, porque atrapalha a passagem.

5. UNESP – Examine as tiras do cartunista americano Bill Watterson (1958-).



WATTERSON, Bill. *O mundo é mágico: as aventuras de Calvin e Haroldo*. 2007.

- a) Na tira 1, como o garoto Calvin interpreta o choro da mãe? Reescreva a última fala de Calvin, substituindo o verbo “antropomorfiza” por outro de sentido equivalente.
- b) Na tira 2, a pergunta do tigre Haroldo poderia ser considerada uma resposta para a pergunta de Calvin? Justifique.

Na tira 1, Calvin interpreta o choro da mãe como consequência de uma ligação emocional com a cebola que ela está cortando; ele não entende que ao cortar uma cebola ela libera gases que reagem em contato com a água dos olhos, irritando-os. “Deve ser difícil cozinhar se você atribui características humanas às hortaliças”.

A pergunta retórica de Calvin é respondida por Haroldo, quebrando a expectativa do garoto que acreditava não haver maior desperdício de tempo do que o ato de banhar-se, mas é questionado sobre o quanto gastou para fazer os cálculos para chegar ao resultado de quatro dias por ano se banhando.

6. Enem

C6-H18

Nas conversas diárias, utiliza-se frequentemente a palavra “próprio” e ela se ajusta a várias situações. Leia os exemplos de diálogos:

- I. A Vera se veste diferente!
— É mesmo, é que ela tem um estilo próprio.
- II. A Lena já viu esse filme uma dezena de vezes! Eu não consigo ver o que ele tem de tão maravilhoso assim.
— É que ele é próprio para adolescente.
- III. Dora, o que eu faço? Ando tão preocupada com o Fabinho! Meu filho está impossível!
— Relaxa, Tânia! É próprio da idade. Com o tempo, ele se acomoda.

Nas ocorrências I, II e III, “próprio” é sinônimo de, respectivamente,

- a) adequado, particular, típico.
- b) peculiar, adequado, característico.
- c) conveniente, adequado, particular.
- d) adequado, exclusivo, conveniente.
- e) peculiar, exclusivo, característico.

Os sinônimos na alternativa b são adequados aos três contextos (I, II, III): “estilo próprio” é “estilo peculiar”; “próprio para adolescente” equivale a “adequado a adolescente”; e “próprio da idade” significa “característico da idade”.

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. FDSBC-SP

Ser velho virou ofensa

Mariliz Pereira Jorge

Folha de S.Paulo, 14/09/2017 02h02

A lista de xingamentos que já enfrentei aqui e nas redes sociais é longa, porém clichê. Em geral são variações mais ofensivas de “chata e burra”. Sou chamada de feminazi e de reaçã, o que me faz ter certeza que estou no caminho certo. Felizmente tenho a sorte de ser paga para escrever e não para agradar. E desconfio que alguns detratores ao deitar à noite, abraçam o travesseiro e repetem “Mariliz, te amo”, no escurinho do anonimato.

Ser xingada de velha, no entanto, é novidade. Não porque eu não seja. Na adolescência qualquer pessoa com mais de 30 era velha para mim. Por esse conceito, me encaixo na categoria faz tempo. O que me surpreende é que chamar uma pessoa de velha seja considerada munição para ofender. Foi xingamento porque veio em letras garrafais e com pontos de exclamação suficientes para que a entonação fosse negativa.

SUA VELHA!!!

Preconceito? Desdém?

O que é ser velha para essas pessoas a ponto de elas considerarem uma ofensa?

É ter rugas na testa de tanto franzi-la ao longo da vida, por alegria, tristeza, preocupação, êxtase? Talvez sejam as manchas de sol que eu guardo de lembrança dos verões. Tem bigode chinês, sim. A pele está flácida e talvez eu pareça um buldogue sacolejando as pelancas do rosto quando corro.

Ser velha é sentir dores na lombar até quando durmo? Tenho. Tenho mais. Joelho operado, queda de cabelo e uma pancinha que tá osso perder, na academia. Tenho sono também. Sexta passada, nem 21h30 e já estava na cama. Felicidade de velho, não ter mais a obrigação de ficar no bar até o garçom erguer as cadeiras. Você venceu, mãe. O que é ser velha? Ter amigos tão antigos que as fotos estão desbotadas, celebrar 20 anos de formada, ser chamada de tia pelos filhos dos colegas, sentir saudade de tantas coisas e também alívio por ter sobrevivido a elas e a mim mesma?

Sou velha.

É ter cicatrizes de amor no estômago e na alma, rugas de felicidade, marcas no corpo de paixão, remorsos por ter traído, magoado, deixado para trás? Casei, descasei, casei de novo. Morri por tantas histórias e ressuscitei apenas para morrer de novo.

Olho para trás e vejo, com otimismo, que talvez metade da vida já tenha passado. Talvez mais. Não sei se me restam mais 40 ou mais quatro anos, penso com um pouco de melancolia. Deve ser coisa de velho.

Vale nessa contabilidade ter mais carimbos no passaporte do que na carteira de trabalho? Mais dívidas do que dinheiro no banco? Colecionar vitórias, promoções e acertos, chorar demissões e fracassos? Tudo anotadinho.

E histórias para contar, lembranças para celebrar, burradas para se arrepender? Tudo no caderninho da vida. Aos montes.

Já nadei pelada num hotel famoso, saltei de paraquedas, viajei sozinha de mochila pela Europa, fugi de tarados no Nordeste, fiz trabalho voluntário, morei em tantas casas que já nem me lembro mais.

Isso é ser velha? Ok, sou velha. Que ótimo. Pode arranjar outro xingamento, esse não cola.

Disponível em: <www1.folha.uol.com.br/colunas/marilizpereirajorge/2017/09/1918334-ser-velho-virou-ofensa.shtml?utm_source=newsletter&utm_medium=email&utm_campaign=newscolumnista>.
Acesso em: jun. 2018. (Adaptado).

Em várias passagens, a colunista recorre a expressões informais como

- a) recurso argumentativo típico de assuntos irrelevantes como o do texto em tela.
- b) deslize de natureza gramatical, pois em textos jornalísticos é exigida formalidade.
- c) procedimento equivocado em função do ponto de vista que ela defende.
- d) estratégia para estabelecer mais proximidade com o leitor.

8. FAMEMA-SP – Leia o texto de Claudia Wallin.

Vossas excelências, ilustríssimos senhores e senhoras, trago notícias urgentes de um reino distante. É mister vos alertar, Vossas Excelências, que nesta estranha terra os habitantes criaram um país onde os mui digníssimos e respeitáveis representantes do povo são tratados, imaginem Vossas Senhorias, como o próprio povo. Insânia! Dirão que as histórias que aqui relato são meras alucinações de contos de fada, pois há neste rico reino, que chamam de Suécia, rei, rainha e princesas. Mas não se iludam! Os habitantes desta terra já tiraram todos os poderes do rei, em nome de uma democracia que proclama uma tal igualdade entre todos, e o que digo são coisas que tenho visto com os olhos que esta mesma terra um dia há de comer.

Nestas longínquas comarcas, os mui distintos parlamentares, ministros e prefeitos viajam de trem ou de ônibus para o trabalho, em sua labuta para adoçar as mazelas do povo. De ônibus, Eminências! E muitos castelos há pelos quatro cantos deste próspero reino, mas aos egrégios representantes do povo é oferecido abrigo apenas em pífias habitações de um cômodo, indignas dos ilustríssimos defensores dos direitos dos cidadãos e da democracia.

Este reino está cercado por outros ricos reinos, numa península chamada Escandinávia, onde também há príncipes e reis, e onde os representantes do povo vivem como sobrevive um súdito qualquer. E isto eu também vi, com os olhos que esta terra há de comer: em um dos povos vizinhos, conhecido como o reino dos noruegueses, os nobres representantes do povo chegam a almoçar sanduíches que trazem de casa, e que tiram dos bolsos dos paletós quando a fome aperta.

É preciso cautela, Vossas Excelências. Deste reino, que chamam de Suécia ainda pouco se ouve falar. Mas as notícias sobre o igualitário reino dos suecos se espalham.

Estocolmo, 6 de janeiro de 2013. Um país sem excelências e mordomias, 2014. (Adaptado).

Quanto aos recursos formais e ao conteúdo, o texto

- a) utiliza padrões de formalidade adequados à descrição de povos desconhecidos, por reverência regimental tanto a tais povos quanto ao leitor do relato.
- b) emprega linguagem simples e objetiva a fim de mimetizar o comportamento simplório dos dirigentes do povo retratado no relato.
- c) critica a falta de formalidade e a pobreza linguística do povo retratado, utilizando os padrões de linguagem da norma culta.
- d) elogia a rígida formalidade com que se comportam os dirigentes do povo retratado, utilizando no relato um padrão de linguagem elevado.
- e) contrapõe ironicamente a simplicidade do comportamento de membros da população retratada à linguagem rebuscada e cheia de reverências utilizada no relato.

9. UEG-GO

Norma e padrão

¹ Uma das comparações que os estudiosos de variação linguística mais gostam de utilizar é a ² da língua com a vestimenta. Esta, como sabemos, é bastante variada, indo da mais formal (longo e *smoking*) à ³ mais informal (biquíni e sunga, ou camisola e pijama). A ideia dos que fazem essa comparação é a ⁴ seguinte: não existem, a rigor, formas linguísticas erradas, existem formas linguísticas inadequadas. Como ⁵ as roupas: assim como ninguém vai à praia de *smoking* ou de longo, também ninguém usa de biquíni e de ⁶ sunga, ou de camisola e de pijama (sem negar que estas sejam vestimentas, e adequadas!), assim ⁷ ninguém diz “me dá esse troço aí” num banquete público e formal nem “faça-me o obséquo de passar-me ⁸ o sal” numa situação de intimidade familiar.

⁹ Os gramáticos e os sociolinguistas, cada um com seu viés, costumam dizer que o padrão ¹⁰ linguístico é usado pelas pessoas representativas de uma sociedade. Os gramáticos dizem isso, mas ¹¹ acabam não analisando o padrão, nem recomendando-o de fato. Recomendam uma norma, uma norma ¹² ideal. Vou dar uns exemplos: se o padrão é o usado pelos figurões, então deveriam ser considerados ¹³ padrões o verbo “ter” no lugar de “haver”; a regência de “preferir x do que y”, em vez de “preferir x a y”; o ¹⁴ uso do anacoluto (A inflação, ela estará dominada quando...); a posição enclítica dos pronomes átonos. O ¹⁵ que não significa proibir as mais conservadoras. Algumas dessas formas “novas” aparecem em muitíssimo ¹⁶ boa literatura, em autores absolutamente consagrados, que poderiam servir de base para que os ¹⁷ gramáticos liberassem seu uso – para os que necessitam da licença dos outros.

¹⁸ Vejam-se esses versos de Murilo Mendes: “Desse lado tem meu corpo / tem o sonho / tem a minha ¹⁹ namorada na janela / tem as ruas gritando de luzes e movimentos / tem meu amor tão lento / tem o mundo ²⁰ batendo na minha memória / tem o caminho pro trabalho. Do outro lado tem outras vidas vivendo da minha ²¹ vida / tem pensamentos sérios me esperando na sala de visitas / tem minha noiva definitiva me esperando ²² com flores na mão / tem a morte, as colunas da ordem e da desordem.”

²³ Faltou ao poeta acrescentar: tem uns gramáticos do tempo da onça / de antes do tempo em que se ²⁴ começou a andar pra frente.

²⁵ Não vou citar Drummond de Andrade, com seu por demais conhecido “Tinha uma pedra no meio ²⁶ do caminho...”, nem o Chico Buarque de “Tem dias que a gente se sente / como quem partiu ou morreu...”

²⁷ Mas acho que vou citar “Pronominais”, do glorioso Oswald de Andrade: Dê-me um cigarro / Diz a ²⁸ gramática / Do professor e do aluno / E do mulato sabido / Mas o bom negro e o bom branco / Da nação ²⁹ brasileira / Dizem todos os dias / Deixa disso camarada / Me dá um cigarro.

³⁰ Quero insistir: ao contrário do que se poderia pensar (e vários disseram), não sou anarquista, ³¹ defensor do tudo pode, ou do vale tudo. Nem estou dizendo que “Nós vai” é igual a “Tem muito filho que ³² obedece os pais”. O que estou fazendo é cobrar coerência, um pouquinho só: se o padrão vem da fala dos ³³ bacanas, se os mais bacanas são os poetas consagrados, por que, antes das dez, numa aula de literatura, ³⁴ podemos curtir seu estilo e em outra aula, depois das onze, dizemos aos alunos e aos demais ³⁵ interessados: viram o Drummond, o Murilo, o Machado, o Guimarães Rosa? Que criatividade!!! Mas vocês ³⁶ não podem fazer como eles.

POSSENTI, Sirio. *A cor da língua e outras crônicas de linguística*. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 111-112. (Adaptado).

Em razão das características do gênero textual, o autor busca imprimir ao seu texto um tom mais informal e próximo do uso cotidiano da língua. Essa escolha estilística pode ser exemplificada pelo uso da seguinte construção:

- a) “... nem recomendando-o de fato” (Ref. 11).
- b) “... ao contrário do que se poderia pensar...” (Ref. 30).
- c) “Vejam-se esses versos de Murilo Mendes...” (Ref. 18).
- d) “... se o padrão vem da fala dos bacanas...” (Refs. 32-33).
- e) “... dizemos aos alunos e aos demais interessados...” (Refs. 34-35).

10. FMPFASE-RJ

A internet e os direitos autorais

¹ A internet e outras tecnologias mudaram a rotina ² das famílias, a vida social e até a sua percepção ³ do mundo. Distâncias parecem menores, a ideia de ⁴ privacidade está em questão, e os relacionamentos ⁵ amorosos ganharam nova dimensão. De forma tão ⁶ avassaladora, que quem não participa das redes sociais ⁷ em algum momento pode se sentir excluído ou ⁸ desinformado.

⁹ A transformação trazida pela tecnologia, no entanto, ¹⁰ não pode ser confundida com ruptura com tudo ¹¹ o que havia antes. Os critérios para avaliar um livro ¹² continuam os mesmos, não importa se em *e-book* ou ¹³ edição de capa dura; a relação custo-benefício de ¹⁴ uma compra ainda precisa ser pensada com critério, ¹⁵ seja em *e-commerce* ou loja de *shopping*; e o cuidado ¹⁶ com a publicação de uma notícia, o que inclui a ¹⁷ sua correta apuração e a clareza do texto, deve ser o ¹⁸ mesmo em *site* ou jornal de papel.

¹⁹ O mesmo raciocínio se aplica à propriedade intelectual ²⁰ de músicas, textos, filmes e quaisquer outras ²¹ obras, que ganham novas formas de exposição com a ²² internet, mas continuam a ter donos. Da mesma maneira ²³ que antes do aparecimento das mídias digitais. ²⁴ Infelizmente, não é dessa forma que parecem pensar ²⁵ grandes empresas internacio-

nais da internet, que ²⁶ brigam na Justiça com a União Brasileira das Editoras ²⁷ de Música e impedem assim o pagamento aos ²⁸ filiados à entidade dos valores relativos à exibição de ²⁹ seus trabalhos nos canais de áudio e vídeo. É uma ³⁰ situação inadmissível, que já dura muitos meses.

³¹ O respeito aos direitos autorais na era da internet ³² é questão vital porque o mercado de CDs só faz ³³ encolher. As novas mídias representam a perspectiva ³⁴ de trabalho para os criadores a longo prazo. É necessário ³⁵ assegurar a sua adequada remuneração e, por ³⁶ extensão, os recursos para que a produção musical ³⁷ se sustente a longo prazo. A agilidade e a onipresença ³⁸ da rede podem — e devem — servir para trazer mais ³⁹ recursos ao compositor, e não o contrário.

⁴⁰ Empresas jornalísticas, no Brasil e no mundo, ⁴¹ também já viram o conteúdo da imprensa profissional ⁴² ser divulgado na internet sem contrapartida alguma, ⁴³ ignorando os altos custos de produção da notícia. No ⁴⁴ Brasil, a Associação Nacional de Jornais (ANJ) proíbe, ⁴⁵ por notificação judicial, que se reproduza a íntegra ⁴⁶ dos textos dos associados.

⁴⁷ Se as novas tecnologias facilitam o entretenimento ⁴⁸ e aumentam a oferta de bens culturais a consumidores ⁴⁹ no mundo inteiro, elas são bem-vindas. ⁵⁰ Mas isso não pode acontecer à custa do sagrado direito ⁵¹ autoral.

Rio de Janeiro, *O Globo*, Opinião, 23 abr. 2015, p.16. (Adaptado).

O texto atende às exigências do padrão culto formal da língua e é redigido em uma linguagem clara, objetiva e impessoal.

Entretanto, foi empregada uma expressão próxima de um contexto oral informal no seguinte trecho:

- a) “Se as novas tecnologias facilitam o entretenimento e aumentam a oferta de bens culturais a consumidores no mundo inteiro, elas são bem-vindas.” (Refs. 47-49)
- b) “O respeito aos direitos autorais na era da internet é questão vital porque o mercado de CDs só faz encolher.” (Refs. 31-33)
- c) “A internet e outras tecnologias mudaram a rotina das famílias, a vida social e até a sua percepção do mundo.” (Refs. 1-3)
- d) “Os critérios para avaliar um livro continuam os mesmos, não importa se em *e-book* ou edição de capa dura.” (Refs. 11-13)
- e) “A transformação trazida pela tecnologia, no entanto, não pode ser confundida com ruptura com tudo o que havia antes.” (Refs. 9-11)

11. Fuvest-SP

Sou feliz pelos amigos que tenho. Um deles muito sofre pelo meu descuido com o vernáculo. Por alguns anos ele sistematicamente me enviava missivas eruditas com precisas informações sobre as regras da gramática, que eu não respeitava, e sobre a grafia correta dos vocábulos, que eu ignorava. Fim sofrer pelo uso errado que fiz de uma palavra no último “Quarto de Badulaques”. Acontece que eu, acostumado a conversar com a gente das Minas Gerais, falei em “varreção” — do verbo “varrer”. De fato, tratava-se de um equívoco que, num vestibular, poderia me valer uma reprovação. Pois o meu amigo, paladino da língua portuguesa, se deu ao trabalho de fazer um xerox da página 827 do dicionário (...). O certo é “varrição”, e não “varreção”. Mas estou com medo de que os mineiros da roça façam troça de mim, porque nunca os ouvi falar de “varrição”. E se eles rirem de mim não vai me adiantar

mostrar-lhes o xerox da página do dicionário (...). Porque para eles não é o dicionário que faz a língua. É o povo. E o povo, lá nas montanhas de Minas Gerais, fala “varreção”, quando não “barreção”. O que me deixa triste sobre esse amigo oculto é que nunca tenha dito nada sobre o que eu escrevo, se é bonito ou se é feio. Toma a minha sopa, não diz nada sobre ela, mas reclama sempre que o prato está rachado.

Rubem Alves. Disponível em: <<http://rubemalves.uol.com.br/quartodebadulaques>>.

Ao manifestar-se quanto ao que seja “correto” ou “incorreto” no uso da língua portuguesa, o autor revela sua preocupação em

- a) atender ao padrão culto, em “fi-lo”, e ao registro informal, em “varrição”.
- b) corrigir formas condenáveis, como no caso de “barreção”, em vez de “varreção”.
- c) valer-se do tempo todo de um registro informal, de que é exemplo a expressão “missivas eruditas”.
- d) ponderar sobre a validade de diferentes usos da língua, em diferentes contextos.
- e) negar que costume cometer deslizes quanto à grafia dos vocábulos.

12. Ifal

O professor está sempre errado

¹ O material escolar mais barato que existe na ² praça é o professor!

³ Se é jovem, não tem experiência. Se é velho, está ⁴ superado. Se não tem automóvel, é um pobre ⁵ coitado. Se tem automóvel, chora de “barriga ⁶ cheia”. Se fala em voz alta, vive gritando. Se fala ⁷ em tom normal, ninguém escuta. Se não falta ao ⁸ colégio, é um ‘caxias’. Se precisa faltar, é um ⁹ ‘turista’. Se conversa com os outros professores, ¹⁰ está ‘malhando’ os alunos. Se não conversa, é ¹¹ um desligado. Se dá muita matéria, não tem dó ¹² do aluno. Se dá pouca matéria, não prepara os ¹³ alunos. Se brinca com a turma, é metido a ¹⁴ engraçado. Se não brinca com a turma, é um ¹⁵ chato. Se chama a atenção, é um grosso. Se não ¹⁶ chama a atenção, não sabe se impor. Se a prova ¹⁷ é longa, não dá tempo. Se a prova é curta, tira as ¹⁸ chances do aluno. Se escreve muito, não explica. ¹⁹ Se explica muito, o caderno não tem nada. Se ²⁰ fala corretamente, ninguém entende. Se fala a ²¹ ‘língua’ do aluno, não tem vocabulário. Se exige, ²² é rude. Se elogia, é debochado. Se o aluno é ²³ reprovado, é perseguição. Se o aluno é aprovado, ²⁴ deu ‘mole’. É, o professor está sempre errado, ²⁵ mas, se conseguiu ler até aqui, agradeça a ele!

Jô Soares. Disponível em: <<http://auniaofazavidaunistalda.blogspot.com.br/2011/10/professor-cronica-de-jo-soares.html>>.

Acesso em: jun. 2018.

Para demonstrar descontração e familiaridade com o interlocutor, o autor usa, no texto, uma linguagem informal, espontânea e recheada de coloquialismos. Marque a alternativa cuja expressão **NÃO** apresenta essa característica.

- a) ... está superado. (Refs. 3/4)
- b) ... é um desligado. (Refs. 10/11)
- c) ... não tem dó do aluno. (Refs. 11/12)
- d) ... não prepara os alunos. (Refs. 12/13)
- e) ... é metido a engraçado. (Refs. 13/14)

13. Unicamp-SP



Tirinha Mazza na padaria. Disponível em: <<http://museumazzaropi.org.br/tirinhas>>. Acesso em: jun. 2018.

Considerando os sentidos produzidos pela tirinha, é correto afirmar que o autor explora o fato de que palavras como “ontem”, “hoje” e “amanhã”

- mudam de sentido dependendo de quem fala.
- adquirem sentido no contexto em que são enunciadas.
- deslocam-se de um sentido concreto para um abstrato.
- evidenciam o sentido fixo dos advérbios de tempo.

14. Fuvest-SP

A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que se pode traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade. Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade*. Lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

A frase em que a palavra sublinhada preserva o sentido com que foi empregada no texto é:

- Na mais sumária **relação** das virtudes humanas não deixará de constar a sinceridade.
- Sobretudo os **pobres** sentem o peso do que seja banimento ou discriminação.
- É por vezes difícil a **discriminação** entre tolerância e menosprezo.
- Enfrentar a **contradição** é sempre um grande passo para o nosso crescimento.
- Se **traduzir** é difícil, mais difícil é o diálogo entre pessoas que se mascaram na mesma língua.

15. Unicamp-SP



LAERTE. *Afinador de piano*.

- Nessa tira de Laerte a graça é produzida por um deslizamento de sentido. Qual é ele?

- Descreva esse deslizamento quadro a quadro, mostrando a relação das imagens com o que é dito.

16. Fuvest-SP

Um dos traços marcantes do atual período histórico é [...] o papel verdadeiramente despótico da informação. [...] As novas condições técnicas deveriam permitir a ampliação do conhecimento do planeta, dos objetos que o formam, das sociedades que o habitam e dos homens em sua realidade intrínseca. Todavia, nas condições atuais, as técnicas da informação são principalmente utilizadas por um punhado de atores em função de seus objetivos particulares. Essas técnicas da informação (por enquanto) são apropriadas por alguns Estados e por algumas empresas, aprofundando assim os processos de criação de desigualdades. É desse modo que a periferia do sistema capitalista acaba se tornando ainda mais periférica, seja porque não dispõe totalmente dos novos meios de produção, seja porque lhe escapa a possibilidade de controle.

O que é transmitido à maioria da humanidade é, de fato, uma informação manipulada que, em lugar de esclarecer, confunde.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização*. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2001.

Observe os sinônimos indicados entre parênteses:

- “o papel verdadeiramente despótico (= tirânico) da informação”;
- “dos homens em sua realidade intrínseca (= inerente)”;
- “são apropriadas (= adequadas) por alguns Estados”.

Considerando-se o texto, a equivalência sinonímica está correta APENAS em:

- I. d) I e II.
- II. e) I e III.
- III.

17. Unicamp-SP – O seguinte enunciado está presente em uma campanha publicitária de provedor de Internet: Finalmente um líder mundial de Internet que sabe a diferença entre acabar em pizza e acabar em pizza. Terra. A Internet do Brasil e do mundo.

- a) A propaganda joga com um duplo sentido da expressão “acabar em pizza”. Qual é o duplo sentido?

- b) A propaganda trabalha com esse duplo sentido para construir a imagem de um provedor que se insere em âmbitos internacional e nacional. De que modo a expressão “acabar em pizza” ajuda na construção dessa imagem?

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C8-H27

Salvador, 10 de maio de 2012.

Consultoria PC Speed

Sr. Pedro Alberto

Assunto: Consultoria

Prezado Senhor,

Manifestamos nossa apreciação pelo excelente trabalho executado pela equipe de consultores desta empresa na revisão de todos os controles internos relativos às áreas administrativas.

As contribuições feitas pelos membros da equipe serão de grande valia para o aperfeiçoamento dos processos de trabalho que estão sendo utilizados.

Queira, por gentileza, transmitir-lhes nossos cumprimentos.

Atenciosamente,

Rivaldo Oliveira Andrade

Diretor Administrativo e Financeiro

Disponível em: <<http://www.pcspeed.com.br>>.

Acesso em: jun. 2018. (Adaptado)

A carta manifesta reconhecimento de uma empresa pelos serviços prestados pelos consultores da PC Speed. Nesse contexto, o uso da norma-padrão

- a) constitui uma exigência restrita ao universo financeiro e é substituível por linguagem informal.
 b) revela um exagero por parte do remetente e torna o texto rebuscado linguisticamente.
 c) expressa o formalismo próprio do gênero e atribui profissionalismo à relação comunicativa.
 d) torna o texto de difícil leitura e atrapalha a compreensão das intenções do remetente.
 e) sugere elevado nível de escolaridade do diretor e realça seus atributos intelectuais.

19. Enem

C6-H18



QUINO. *Toda Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

O humor presente na tirinha decorre principalmente do fato de a personagem Mafalda

- a) atribuir, no primeiro quadrinho, poder ilimitado ao dedo indicador.
 b) considerar seu dedo indicador tão importante quanto o dos patrões.
 c) atribuir, no primeiro e no último quadrinhos, um mesmo sentido ao vocábulo “indicador”.
 d) usar corretamente a expressão “indicador de desemprego”, mesmo sendo criança.
 e) atribuir, no último quadrinho, fama exagerada ao dedo indicador dos patrões.

20. Enem

C7-H23



O novo imposto será usado exclusivamente na saúde! *Folha de S.Paulo*, 02/09/2011.

Para criticar a possível aprovação de um novo imposto pelos deputados, o cartunista adotou como estratégias

- a) polissemia das palavras e onomatopéia.
 b) traços caricaturais e eufemismo.
 c) paradoxo e repetição de palavras.
 d) metonímia e círculo vicioso.
 e) preterição e prosopopeia.

5

FUNÇÕES DA LINGUAGEM E FONOLOGIA

- Funções da linguagem
- Função conotativa ou expressiva
- Função referencial
- Função tática
- Função metalinguística
- Função poética
- Intenção comunicativa
- Fonética.
- Fonologia.
- Elementos da fonologia.

HABILIDADES

- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Analisar a função da linguagem predominante nos textos em situações específicas de interlocução.
- Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.
- Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.
- Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação.
- Reconhecer as diferentes estruturas que formam o som em seus aspectos detalhados e, conseqüentemente, dão corpo às palavras.

FUNÇÕES DA LINGUAGEM

A linguagem é uma das formas de apreensão e comunicação do que há no mundo. Vivendo em sociedade, o ser humano usa vários códigos para representar o que pensa, sente, quer e faz.

Para a maior parte dos falantes, a linguagem é espontânea, por isso raramente se percebe o modo de organização da mensagem, diretamente ligado à função que se desejou dar a ela, ou seja, ligado à intenção, à finalidade para a qual ela foi elaborada. Essa intenção determina as funções da linguagem.

FUNÇÃO EMOTIVA OU EXPRESSIVA

Na função emotiva ou expressiva, o destaque é dado ao emissor. Caracteriza-se, em especial, pelo uso de:

- verbos e pronomes em primeira pessoa;
- ponto de exclamação e interjeições;
- expressão de estados de alma do emissor (subjetividade e personalidade).

FUNÇÃO CONATIVA OU APELATIVA

Na função conativa ou apelativa, o destaque é dado ao receptor. Caracteriza-se, em especial, pelo uso de:

- verbos no imperativo;
- verbos e pronomes na segunda ou terceira pessoa;
- tentativa de convencer o receptor a adotar determinado comportamento;
- presença predominante em textos de publicidade e propaganda.



PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA

Disponível em: <www.brasil.gov.br/cidadania-e-justica/2014/12/brasil-se-mobiliza-para-diminuir-a-violencia-contra-a-mulher>. Acesso em: jun. 2018.

Nessa função, a linguagem é utilizada com o intuito de modificar a atitude ou o comportamento do receptor e, geralmente, assume a forma de ordem, pedido ou conselho, como no cartaz elaborado pela prefeitura da cidade de Curitiba, no Paraná, em campanha contra a violência e o abuso sexual de mulheres.

FUNÇÃO REFERENCIAL

Na função referencial, o destaque é dado ao referente, ou seja, ao contexto, ao assunto. Caracteriza-se, em especial, pelo uso de:

- objetividade;
- clareza;
- finalidade de traduzir a realidade tal como seja;
- presença predominante em textos jornalísticos e científicos.

O intuito do primeiro ato de fala (intenção do emissor) é transmitir informação sobre algum aspecto da realidade, exterior ou interior. É, de certo modo, a função primária da linguagem, aquela em que se pensa imediatamente quando se fala em comunicação. O ato comunicativo centra-se predominantemente no contexto. Frases declarativas são as constantes.

FUNÇÃO FÁTICA

Na função fática, o destaque é dado ao canal. Exemplos típicos da função fática são os cumprimentos diários — *Oi!, Tudo bem?, Boa tarde*; as primeiras palavras de quem atende ao telefone — *Alô!, Pronto!*; as conversas de elevador etc. Nessas situações, o interesse do emissor, ao transmitir a mensagem, é testar o canal, que tem o mesmo valor de um aceno de mão, cabeça ou olhos. A finalidade última é estabelecer, manter ou prolongar contato com o receptor. A linguagem serve para testar o funcionamento do canal e manter contato entre emissor e receptor. Essa função é mais evidente nas conversas telefônicas e naturalmente se preocupa, sobretudo, com o canal.

A linguagem serve para testar o funcionamento do canal e manter contato entre emissor e receptor. Essa função é mais evidente nas conversas telefônicas e naturalmente se preocupa, sobretudo, com o canal.

FUNÇÃO METALINGÜÍSTICA

Na função metalingüística, o destaque é dado ao código. Em uma situação em que um linguista define a língua, observa-se que, para conceituar um termo do código, ele usa o próprio código, ou seja, define “língua” usando a própria língua.

Também ocorre metalingüagem quando o poeta, em um texto qualquer, reflete sobre a criação poética; o cineasta cria um filme tematizando o próprio cinema; um programa de televisão enfoca o papel da televisão no grupo social; um desenhista de quadrinhos elabora quadrinhos sobre o próprio meio de comunicação etc.

FUNÇÃO POÉTICA

Na função poética, o destaque é dado à própria mensagem e à sua elaboração. A preocupação do emissor

é com a melhor forma de passar essa mensagem, selecionando, escolhendo, sugerindo sons e imagens por meio da linguagem.

As figuras de estilo são recursos do emissor quando coloca em evidência a função poética. Os textos literários, em prosa ou em verso, são os melhores exemplos de presença predominante dessa função.

Por vezes a linguagem é empregada fundamentalmente para produzir prazer estético.

Os recursos lingüísticos são dispostos de forma a construir um objeto artístico, capaz de, por sua configuração, gerar, quer no emissor, quer no receptor, uma sensação de prazer semelhante à que se obtém com a música ou a pintura. São mais evidentes na poesia, mas estão também presentes na prosa literária, no discurso oral ou mesmo no discurso publicitário.

INTENÇÃO COMUNICATIVA

As seis funções da linguagem não se excluem, de modo que dificilmente um texto apresenta apenas uma delas. Em geral, há predominância de alguma das funções, em conformidade com a intenção da mensagem e a finalidade do emissor.

Ter clara a finalidade que se deseja alcançar ao produzir um texto faz a linguagem assumir uma ou mais funções.

O trabalho de definir o objetivo corresponde ao projeto de texto que deve responder a questões fundamentais como:

- Qual é o meu propósito?
- O que estou querendo dizer?
- A quem devo atingir?
- Com quem me comunico?

Em uma situação de avaliação, se o emissor redige uma resposta de Matemática, o uso de figuras de linguagem e de qualquer outro aparato lingüístico não é cabível, porque deve predominar a função referencial, considerando que a finalidade do emissor é mostrar domínio do conteúdo, de forma clara e precisa.

Na elaboração de um poema para o ser amado, a função emotiva predomina; e o coração, com todos os seus exageros e floreios, fala mais alto. Um cargo político depende, principalmente, do bom uso da função conativa, pois influenciar o comportamento do eleitor, trazendo-o para o seu lado, é a meta do candidato, daí os discursos serem predominantemente apelativos ou conativos.

Os atos comunicativos têm sempre determinada intenção, mais ou menos consciente. Justamente a intenção define a função da linguagem.

FONÉTICA

A **Fonética** é o estudo dos aspectos acústicos e fisiológicos dos sons reais no ato da fala, no que se refere à produção, articulação e também em suas variedades. Ou seja, preocupa-se com os sons da fala em sua realização concreta. Quando um falante pronuncia a palavra ‘dia’, à Fonética interessa de que forma a consoante /d/ é pronunciada: /d/ /i/ /a/ ou /dj/ /i/ /a/.

FONOLOGIA

A **Fonologia**, dentro da análise do idioma, é o estudo dos sons das palavras, voltado para a pronúncia e gramática. Cada idioma tem a sua fonologia própria, que a diferencia das demais. O objetivo da Fonologia é estudar a forma como os sons de uma palavra se organizam para produzir significados diferentes.

Na **Fonologia**, a unidade de som mínima é chamada de **fonema**, e é a partir dela que todo o estudo é desenvolvido, desde as sílabas à acentuação das palavras. Graças ao estudo da Fonologia, há uma maior organização e padronização da língua, caso contrário, haveria muito mais palavras com mais de um significado, pois não seria possível diferenciá-las pela sua sonoridade.

FONÉTICA X FONOLOGIA: COMPARAÇÕES

A Fonética também estuda os sons, porém de maneira diferente da Fonologia. Enquanto a Fonologia é voltada para a análise dos sons das palavras e em como a diferenciação desses sons determina significados, a Fonética concentra-se nos aspectos físicos dos sons da fala humana: a pronúncia, como é percebida (escutada) ou falada, quais os órgãos envolvidos e quais suas funções na produção do som. Podemos dizer que, de maneira bastante geral e para efeito didático, a Fonética volta-se para o que é falado e escutado, enquanto a Fonologia concentra-se no estudo do que será escrito, na representação gráfica dos sons.

A **letra** é representação gráfica do fonema, enquanto o fonema é a representação sonora, unidade mínima do som.

ELEMENTOS DA FONOLOGIA

O estudo dos sons das palavras envolve alguns aspectos importantes para a compreensão da Fonologia. São eles:

- **Fonemas:** unidades mínimas de som usadas na Fonologia.
- **Sílabas:** conjunto de um ou mais fonemas que produz um som completo.
- **Encontros vocálicos:** agrupamento de duas ou três vogais e/ou semivogais.
- **Encontro consonantais:** agrupamento de duas ou mais consoantes.
- **Dígrafos:** agrupamento de duas letras que formam o mesmo fonema.
- **Tonicidade e prosódia:** estudo dos tons mais intensos presentes nas sílabas fortes.

FONEMAS

Os fonemas da nossa língua são classificados em vogais, semivogais e consoantes.

Vogais: são os fonemas sonoros produzidos por uma corrente de ar que passa livremente pela boca, representando a função de núcleo das sílabas. As vogais

podem ser classificadas de acordo com a posição da boca (boca aberta ou entreaberta), quanto ao timbre e quanto à zona de articulação.

Com relação à **posição da boca**, as vogais podem ser:

- **Orais** (o ar sai apenas pela boca):
a, e, i, o, u.
- **Nasais** (o ar sai pela boca e pelas fossas nasais): /ã/:
fã, canto, manta;
/ê/: dente, enfeite;
/ĩ/: lindo, mim; /ô/: bonde, tonto;
/ũ/: nunca, nenhum.
- **Átonas** (pronunciadas com menor intensidade):
ameaçar, cardeal, tigela, diminuir.
- **Tônicas** (pronunciadas com maior intensidade):
bolero, canção, túnel, café.

Com relação ao **timbre**, elas ainda podem ser:

- **Abertas:** pé.
- **Fechadas:** amor.
- **Reduzidas** (usualmente aparecem no final das palavras): antigo, ambidestro, impedir, informar, empate, emblema.

Com relação à **zona de articulação**, as vogais podem ser assim divididas:

- **Médias:** é articulada com a língua abaixada, quase em repouso
a (pasta).
- **Anteriores:** são articuladas com a língua elevada em direção ao palato duro, próximo aos dentes
é (pé), ê (dedo), i (botina).
- **Posteriores:** são articuladas quando a língua se dirige ao palato mole
ó (pó), ô (lobo), u (resumo).

Semivogais

Em alguns casos, os fonemas /u/ e /i/ não formam vogais, eles surgem apoiados em uma vogal, formando uma sílaba. Neste caso, esses fonemas são denominados semivogais.

As semivogais, diferentemente das vogais, não desempenham o papel de centro ou núcleo da sílaba, como em saudade, história, série.

Consoantes

Na produção das consoantes, a corrente de ar encontra barreiras ao passar pela boca, resultando em “ruídos” que não atuam como núcleos silábicos. No português, elas sempre consoam (“soam em conjunto”) as vogais.

Na nossa língua, temos as seguintes consoantes:

B, C, D, F, G, H, J, K, L, M, N, P, Q, R, S, T, V, W, X, Z.

No nosso alfabeto há, tradicionalmente, cinco vogais e 18 consoantes. Contudo, com a entrada das letras k, y, w no alfabeto português, ocorre uma alteração nessa divisão: o k é uma consoante, o y é uma vogal e o w pode ser uma consoante ou uma vogal, dependendo da forma como é usado na palavra.

As sílabas são as unidades fonológicas que formam as palavras. Pode definir-se a sílaba como sendo

o som que, a partir de uma articulação, compõe um núcleo fônico, diferenciando-se de outros através de ondulações da voz.

A divisão silábica ocorre da seguinte forma:

- **Monossílabas:** possuem apenas uma sílaba
mãe, flor, lá, meu.
- **Dissílabas:** possuem duas sílabas
ca-fé, i-ra, a-í, trans-por.
- **Trissílabas:** possuem três sílabas
ci-ne-ma, pró-xi-mo, pers-pi-caz, O-da-ir.
- **Polissílabas:** possuem quatro ou mais sílabas
a-ve-ni-da, li-te-ra-tu-ra, a-mi-ga-vel-men-te,
o-tor-ri-no-la-rin-go-lo-gis-ta.

ENCONTROS VOCÁLICOS

Os encontros vocálicos são ocasiões, na língua portuguesa, em que duas ou mais vogais ou semivogais são agrupadas sem que haja uma consoante como intermediária. Não se pode ter mais nem menos de uma vogal por **sílaba**, por isso esses encontros se dão entre vogais de sílabas diferentes, ou, se for na mesma sílaba, entre vogal e semivogal. Os encontros vocálicos podem confundir na hora de separar as sílabas de uma palavra, então o conhecimento sobre elas é importante. Há três classificações de encontros vocálicos: **hiato**, **ditongo** e **tritongo**.

Hiato

Os hiatos são os encontros entre vogais que estão em sílabas diferentes. As duas vogais separam-se quando a palavra é dividida em sílabas. Também pode ser considerado hiato o encontro de uma vogal com semivogal e vice-versa, contanto que ambos estejam em sílabas separadas, como em vo/ar, pe/ão e po/e/ta.

Ditongo

Os ditongos são os encontros que se dão entre uma vogal e uma semivogal ou entre uma semivogal e uma vogal, na mesma sílaba. A vogal /a/ nunca será uma semivogal, e, sempre que as vogais /i/ e /u/ aparecem em um ditongo, elas serão as semivogais, a menos que seja indicado o contrário por acentuação. Podemos dividir os **ditongos** nas seguintes categorias:

- **Crescentes:** quando a semivogal vem antes da vogal na sílaba
guar/da/na/po e fé/ri/as.
- **Decrescentes:** quando a semivogal vem depois da vogal na sílaba
vai e moi/ta.
- **Orais:** pronunciados apenas com o ar passando pela boca
guar/da/na/po, fé/ri/as, vai e moi/ta (além de poderem ser classificados como ditongos crescentes e decrescentes, respectivamente, eles são classificados como orais).
- **Nasais:** pronunciados através da via nasal
mão, mãe e cão.

Nas terminações -em e -am ocorrem ditongos nasais decrescentes. Apesar de E e M serem, respectivamente, vogal e consoante, assim como A e M, quando estão em sequência essas letras são pronunciadas como um ditongo, como em também, mantém, aguentaram, voaram.

Tritongo

É a aglutinação de uma semivogal, uma vogal e outra semivogal na mesma sílaba, exatamente nessa ordem. Assim como os ditongos, os tritongos podem ser classificados em orais e nasais, mas, como têm uma ordem determinada, não possuem as variações crescente e decrescente, como em Uruguai (u-ru-guai), Paraguai (pa-ra-guai), saguões (sa-guões), quão (quão), quaisquer (quais-quer), iguais (i-guais).

ENCONTROS CONSONANTAIS

Os encontros consonantais são agrupamentos de duas ou mais consoantes que não possuem nenhuma vogal entre elas. Importante é não confundir um encontro consonantal com um dígrafo, que veremos mais à frente, pois o que define um dígrafo é o fato de duas letras formarem apenas um fonema, o que não acontece nos encontros consonantais. Na língua portuguesa, esse tipo de agrupamento de letras pode ser considerado:

- **encontros consonantais perfeitos:**
formados por consoante + l ou r na mesma sílaba. A pronúncia deles possui dois fonemas, porém, como não existe nenhuma vogal em sua composição, as letras que representam cada fonema não podem ser separadas, como em clava, bravo, briga, blindado, frígido, placar, triturador e triplo.
- **encontros consonantais imperfeitos:**
formados por consoantes que ficam em sílabas distintas, como em abdução, ritmo, explodir e opção.
- **encontros fonéticos:**
muito comuns no emprego da letra X e seu fonema /ks/. Nesse caso, o x é considerado difono, ou seja, uma única letra representa dois fonemas, como em táxi e máximo.
- **encontros mistos:**
uma mesma palavra também pode ter mais de um encontro consonantal, e algumas vezes até três consoantes podem estar juntas na mesma palavra, como em estrutura, extravagante e infiltração.

DÍGRAFOS

Trata-se de uma palavra originária do grego: “di” significa “dois” e “grafo” significa “escrever”. Os dígrafos são duas letras que quando escritas juntas criam apenas um **fonema**, e podemos dividi-los em dois grupos: os consonantais e os vocálicos.

Dígrafos consonantais

É o encontro de duas letras formando um único som consonantal. Alguns são bem conhecidos, mas outros são facilmente confundidos com encontros consonantais. Por produzirem apenas um fonema, eles não podem ser considerados encontros consonantais.

Dígrafo	Exemplos
rr (apenas entre vogais)	arrasar, terra, morrer.
ss (apenas entre vogais)	possui, assunto, péssimo.
ch	chave, cachorro, chamar.
lh	calha, baralho, falho.
nh	sanha, senhor, sonhar.
sc	ascensão, nascer.
sç	nasça, cresço.
xc	excessivo, exceto.
xs	exsudar.
gu (apenas seguido de e ou i)	guerra, guia.
qu (apenas seguido de e ou i)	querido, vaqueiro, quilometragem.

Dígrafos vocálicos

Os dígrafos vocálicos são formados por uma vogal seguida pelas letras m ou n, representando fonemas vocálicos nasalados, isto é, quando as correntes de ar que saem dos pulmões passam pelo nariz e pela boca.

Dígrafo	Exemplos
am/an	amplificador, antagonista, banca.
em/en	envergonhado, empatia, tentativa.
im/in	impresso, indigestão, fincar.
om/on	computador, congresso.
um/un	algum, fungos.

Lembre-se que palavras com a terminação -am ou -em podem não ser dígrafos, pois o m nessas situações assume um outro fonema, ao invés de produzir apenas um som junto à vogal. Isso ocorre, por exemplo, nas palavras “também” e “ficam”, e nesses casos -am e -em são considerados ditongos.

TONICIDADE E PROSÓDIA

Na língua portuguesa escrita, a acentuação é um dos elementos mais difíceis de serem memorizados, embora não seja difícil de ser entendido. A acentua-

ção, na maioria das vezes, é feita para indicar a **tonicidade** de uma palavra escrita. Na fala, o acento, por vezes, passa despercebido, porém, na escrita, torna-se fundamental.

A prosódia trata da correta posição da sílaba tônica de uma palavra: oxítona, paroxítona ou proparoxítona.

Aprender quais são os acentos gráficos da língua portuguesa e quais são suas funções é tão importante quanto aprender como usá-los. No português, utilizamos quatro acentos, cada qual com seu respectivo símbolo:

• Acento agudo (´)

Sua função é simples: indicar as vogais tônicas. O acento agudo sempre será usado na vogal da sílaba tônica. Quando aparece sobre o “e” e “o” também indica timbre aberto.

• Acento circunflexo (ˆ)

Só é usado nas vogais “a”, “e” e “o”, e, além de indicar a vogal tônica, indica timbre fechado na pronúncia.

• Til (~)

É usado nas vogais para indicar nasalidade. Não necessariamente é usado na vogal tônica. Uma palavra pode ter um acento til e outro agudo ou circunflexo.

• Acento grave (`)

Mais conhecido como crase, é o acento que indica uma fusão entre as preposições “a” e “as” com os pronomes demonstrativos “a” e “as”, ou com a letra inicial de “aquela(s)”, “aquele(s)” e “aquilo”, além dos artigos definidos femininos “a” e “as”.

O USO CORRETO DOS ACENTOS GRÁFICOS

O uso dos acentos gráficos tônicos (agudo e circunflexo) está relacionado a alguns fatores como sílaba tônica, terminações, pronúncia e encontros de vogais. Além disso, os acentos podem ser usados para diferenciar palavras que têm a mesma grafia. Vamos aprofundar esse assunto, analisando cada um dos fatores de acentuação:

Monossílabos

- Acentua-se os monossílabos tônicos terminados em “a”, “e” e “o”, seguidos de “s” ou não, como em pá, cá, lá, já, gás, pé, fé, três, ré, pó, vô, dó, nós.
- Não são acentuados os monossílabos terminados em “z”, “i(s)” e “u(s)”, como em paz, faz, dez, voz, vi, li.
- Os monossílabos átonos também não são acentuados em artigos definidos, conjunções, preposições, pronomes oblíquos, contrações e pronome relativos.

Oxítonas

- São acentuadas as oxítonas terminadas em “a(s)”, “e(s)” e “o(s)”, assim como as monossílabas., como em café, xará, cipó, guaraná, cadê.
- Levam acentos também as oxítonas terminadas em “em” e “ens”, como em alguém, parabéns, amém.

Paroxítonas

- São acentuadas as paroxítonas terminadas em “i(s)”

e “u(s);” como em táxi, júri, lápis, vírus, bônus.

- As palavras paroxítonas terminadas em consoantes são acentuadas, como em difícil, Éden, ônix, túnel, íons.
- Toda terminação em “ã(s)” e “ão(s)” em palavras paroxítonas levam acentos, como em ímã, bênção, sótão.
- Paroxítonas terminadas em ditongo (seguido ou não de “s”) levam acento, como em área, várzea, contínuo, água.

Proparoxítonas

- São acentuadas todas as palavras proparoxítonas, como em última, lágrima, tráfego, música, máquina, príncipe, única.

Ditongos

- Os ditongos “eu”, “ei” e “oi” com pronúncia aberta são acentuados, como em céu, papéis, dói, réu.

Hiatos

- São acentuados os hiatos cujas letras “i” e “u” estão em uma sílaba isolada e são precedidas de vogal, como em saída, caída, viúva, saúde.

Acentos diferenciais

- Há uma classe de palavras com grafia semelhante e pronúncia diferente que exigem o uso obrigatório de acentos para que possam ser diferenciadas pelo leitor, como em pôde (pretérito perfeito do indicativo do verbo “poder”) / pode (verbo no presente do indicativo do verbo “poder”), pôr (verbo) / por (preposição), vêm (terceira pessoa do plural do verbo “vir”) / vem (terceira pessoa do singular do verbo “vir”).

Dupla identidade

- Algumas palavras que admitem dupla pronúncia na língua portuguesa, como em ajáx / ajax; alópata / alo-pata; anídrido / anidrido; acróbata / acrobata; biópsia / biopsia; crisântemo / crisantemo; dário / Dario; gâ-davo / gandavo; hieróglifo / hieroglifo; madagáscar / Madagascar; oceânia / oceania; ortoépia / ortoepia; oxímoro / oximoro; projétil / projétil; réptil / reptile; sóror / soror; transistor / transistor; xérox / xerox.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMINUS

ROTEIRO DE AULA

FUNÇÕES DA LINGUAGEM

Funções da linguagem

Cada texto tem seu objetivo próprio, podendo o autor utilizar mais de uma função da linguagem para atingir a finalidade pretendida.

Função emotiva ou expressiva

O destaque é o emissor, que transmite suas emoções, seu estado de espírito.

Função conativa ou expressiva

O destaque é o receptor, que procura influenciar, convencer alguém de alguma coisa.

Função referencial

O destaque é o assunto, chamado de referente. Essa função tem a intenção de expor a realidade de modo objetivo e claro.

ROTEIRO DE AULA

Função fática

O destaque é o canal, pois procura estabelecer a comunicação verificando se a mensagem está sendo transmitida.

Função metalinguística

Para conceituar um termo do código, utiliza-se o próprio código.

Função poética

O destaque está na mensagem e na sua elaboração, que conta com forma, sonoridade, ritmo e combinações de palavras.

Intenção comunicativa

A finalidade que se deseja alcançar ao produzir um texto.

ROTEIRO DE AULA

FONOLOGIA

Fonética

Estudo dos aspectos acústicos e fisiológicos dos sons reais no ato da fala.

Fonologia

Estudo dos sons das palavras voltado para a pronúncia e a gramática.

Fonemas

Unidades mínimas de som usadas na Fonologia, classificados em:

- Orais.
- Nasais.
- Átonas.
- Tônicas.
- De acordo com o timbre: aberto, fechado ou reduzido.
- De acordo com a zona de articulação: média, anterior ou posterior.
- Semivogais.
- Consoantes.

Sílabas

Conjunto de um ou mais fonemas que produz um som completo, classificados em:

- Monossílabas.
- Dissílabas.
- Trissílabas.
- Polissílabas.

Encontros vocálicos

Agrupamento de duas ou três vogais e/ou semivogais, classificados em:

- Hiato.
- Ditongo (crescente, decrescente, oral e nasal).
- Tritongo.
- Encontros instáveis.

ROTEIRO DE AULA

Encontro consonantais

Agrupamento de duas ou mais consoantes, classificados em:

- Encontro consonantal perfeito.
- Encontro consonantal imperfeito.
- Encontros fonéticos.
- Encontros mistos.

Dígrafos

Agrupamento de duas letras que formam o mesmo fonema, classificados em:

- Dígrafos vocais.
- Dígrafos consonantais.

Tonicidade e prosódia

Estudo dos tons mais intensos presentes nas sílabas fortes, classificados em:

- Acento agudo.
- Acento circunflexo.
- Acento grave (crase).
- Til.

O uso correto dos acentos gráficos

Classificados em:

- Monossílabos.
- Oxítonas.
- Paroxítonas.
- Proparoxítonas.
- Ditongos.
- Hiatos.
- Acentos diferenciais.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. IFMA (adaptada) – No anúncio publicitário que segue, encontra-se uma função de linguagem bem característica das propagandas. Qual das opções abaixo classifica a função da linguagem presente no anúncio seguinte?



- a) Metalinguística.
- b) Fática.
- c) Emotiva.
- d) Conativa ou apelativa.
- e) Referencial ou denotativa.

No cartaz da campanha, a função da linguagem predominante é a apelativa ou conativa, pois o objetivo é convencer o leitor de que a mudança no trânsito precisa começar com ele, leitor. O pronome “você” e o verbo no modo imperativo proporcionam, respectivamente, a aproximação e o convencimento do leitor: “Seja você a mudança no trânsito!”

2. Faculdade Guanambi-BA

A música da Morte, a nebulosa,
estranha, imensa música sombria,
passa a tremer pela minh’alma e fria
gela, fica a tremer, maravilhosa...

Onda nervosa e atroz, onda nervosa,
letes sinistro e torvo da agonia,
recresce a lancinante sinfonia
sobe, numa volúpia dolorosa...

Sobe, recresce, tumultuando e amarga,
tremenda, absurda, imponderada e larga,
de pavores e trevas alucina...

E alucinando e em trevas delirando,
como um ópio letal, vertiginando,
os meus nervos, letárgica, fascina...

CRUZ e SOUSA. *Poesias Completas de Cruz e Sousa*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1995, p.54-55.

Predominam, no poema, as funções da linguagem denominadas de

- 01) Apelativa e poética.
- 02) Poética e emotiva.
- 03) Fática e referencial.
- 04) Referencial e apelativa.
- 05) Metalinguística e Emotiva.

“A música da Morte, a nebulosa, / estranha, imensa música sombria, / passa a tremer pela minh’alma e fria / gela, fica a tremer, maravilhosa...”

No poema “Música da Morte”, de Cruz e Sousa, predominam as funções poética e emotiva, pois o destaque é dado à mensagem e à sua elaboração, bem como aos sentimentos do eu lírico, como revelam os versos escritos em primeira pessoa:

3. Enem

C7-H23

Centro das atenções em um planeta cada vez mais interconectado, a Floresta Amazônica expõe inúmeros dilemas. Um dos mais candentes diz respeito à madeira e sua exploração econômica, uma saga que envolve os muitos desafios para a conservação dos recursos naturais às gerações futuras.

Com o olhar jornalístico, crítico e ao mesmo tempo didático, adentramos a Amazônia em busca de histórias e sutilezas que os dados nem sempre revelam. Lapidamos estatísticas e estudos científicos para construir uma síntese útil a quem direciona esforços para conservar a floresta, seja no setor público, seja no setor privado, seja na sociedade civil.

Guiada como uma reportagem, rica em informações ilustradas, a obra *Madeira de ponta a ponta* revela a diversidade de fraudes na cadeia de produção, transporte e comercialização da madeira, bem como as iniciativas de boas práticas que se disseminam e trazem esperança rumo a um modelo de convivência entre desenvolvimento e manutenção da floresta.

VILLELA, M.; SPINK, P. In: ADEODATO, S. et al. *Madeira de ponta a ponta: o caminho desde a floresta até o consumo*. São Paulo: FGV RAE, 2011. (Adaptado).

A fim de alcançar seus objetivos comunicativos, os autores escreveram esse texto para

- a) apresentar informações e comentários sobre o livro.
- b) noticiar as descobertas científicas oriundas da pesquisa.
- c) defender as práticas sustentáveis de manejo da madeira.
- d) ensinar formas de combate à exploração ilegal de madeira.
- e) demonstrar a importância de parcerias para a realização da pesquisa.

O texto é uma resenha, ou seja, uma apreciação sobre a obra *Madeira de ponta a ponta*, com o objetivo de apresentar algumas informações e comentários ao leitor, para que este decida se deseja ou não lê-la.

Competência – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

Habilidade – Inferir em um texto quais são os objetivos de seu produtor e quem é seu público-alvo, pela análise dos procedimentos argumentativos utilizados.

4. Fac. Caxias do Sul-RS – A alternativa em que, nas três palavras, há um ditongo decrescente é:

- a) água, série, memória
- b) coração, razão, paciência
- c) joia, véu, área
- d) balaio, veraneio, ciência
- e) apoio, gratuito, fluido

Ditongo crescente ocorre quando a semivogal vem antes da vogal na sílaba, tal como em “a-poi-o”, “gra-tui-to” e “flu-do”.

5. UFSC – A única alternativa que apresenta palavra com encontro consonantal e dígrafo é:

- a) graciosa
- b) prognosticava
- c) carrinhos
- d) cadeirinha
- e) trabalhava

O encontro consonantal ocorre no “tr” (trabalhava) e o dígrafo ocorre no encontro de “lh”, formando, assim um único fonema.

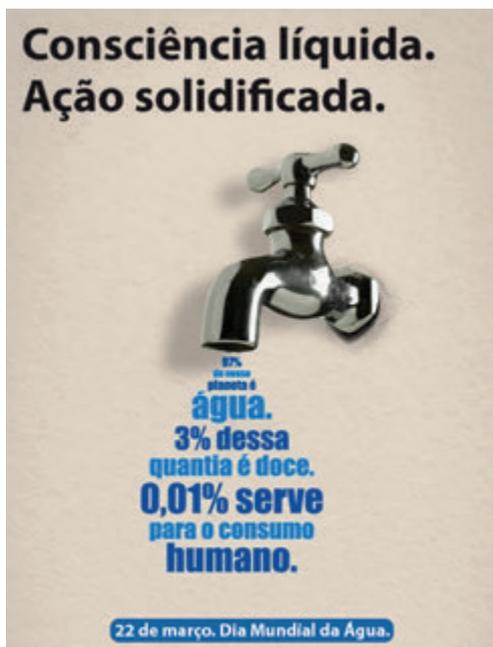
6. Funrio-RJ – Assinale a única alternativa que mostra uma frase escrita inteiramente de acordo com as regras de acentuação gráfica vigentes.

- a) Nas aulas de Literatura, eu li poemas árcades do tempo da Inconfidência.
- b) Nas aulas de Filosofia, estudei um pouco sobre os pensadores iconoclastas.
- c) Nas aulas de Química, aprendi um pouco de eletrólise, alcalinos e alogênios.
- d) Nas aulas de Português, estudei figuras como metáfora, metonímia e prosopopéia.
- e) Nas aulas de Música, eu descobri instrumentos como a cítara, o trompéte e o oboé.

“Árcade” é acentuada, pois é uma proparoxítona, e toda essa classe de palavras é acentuada. “Inconfidência” também é acentuada, pois é uma proparoxítona terminada em ditongo.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. UEFS-BA



22 de março. Dia Mundial da Água. Disponível em: <<https://cadeiacriativa.files.wordpress.com/2011/03/dia-da-agua.jpg>>. Acesso em: jun. 2018.

O principal objetivo dessa campanha publicitária é

- orientar os cidadãos sobre como utilizar, de forma consciente e ecológica, os recursos hídricos do planeta.
- criticar as pessoas que ainda não compreenderam a necessidade de economizar a água, diante da sua escassez.
- denunciar indivíduos que não preservam o meio ambiente, consumindo água sem se preocupar com a sustentabilidade do planeta.
- dar uma explicação didática da distribuição e do aproveitamento da água existente na Terra diante da necessidade de preservação ambiental.
- sensibilizar os cidadãos para o uso consciente da água, através da apresentação de dados numéricos da realidade dos recursos hídricos apropriados para consumo humano.

8. Faculdade Baiana de Direito-BA (adaptado)



Disponível em: <www.lpm-blog.com.br/?p=16927>. Acesso em: jun. 2018.

O principal objetivo dessa campanha do Ministério da Cultura é

- estimular a juventude a ler cada vez mais e a ter, assim, um olhar crítico e comprometido com a convivência coletiva.
- convencer os menores de idade, que apresentam atos considerados transgressores, a mudar de comportamento a partir do estudo e da leitura.
- conscientizar as pessoas da importância da leitura como mecanismo de inserção dos indivíduos na família, na comunidade e na sociedade.
- propor aos cidadãos que contribuam para a reintegração social de jovens infratores através da doação de livros de vários gêneros textuais.
- alertar todo o corpo social sobre a responsabilidade que tem em relação a crianças e adolescentes que vivem no mundo do crime.

9. Unifor-CE

A missão chinesa surpreendeu o mundo, que estava esperando uma investida tripulada somente em 2018, e provou que o país entrou para valer na corrida espacial do futuro. Não faltam projetos. Um deles, anunciado na semana passada, dá conta de uma estação espacial produzida 100% na China. O objetivo é “realizar experiências científicas de grande escala” e criar uma “sólida base para utilização pacífica do espaço e exploração de seus recursos”. Essa estação ajudará o país a avançar em projetos muito mais ambiciosos. Em 2017, por exemplo, a sua agência espacial lançará missão com robô para a lua. Se tudo correr bem, em 2020 serão os próprios taikonautas que pisarão o solo lunar. E o passo seguinte já está previsto: Marte, até 2040.

Revista Istoé, 08/10/2008.

Considerando o texto acima, marque a opção que indica a função da linguagem predominante.

- | | |
|---------------------|-------------|
| a) Conativa. | d) Poética. |
| b) Metalinguística. | e) Fática. |
| c) Referencial. | |

10. Mack-SP

¹ Os bebês nascem com instintos que os ajudam a sintonizar ² rapidamente os ritmos da fala e a gramática. São muito sensíveis ³ à direção do olhar de outra pessoa, que os ajuda a decifrar frases ⁴ incompreensíveis, como “olha aquele cachorro engraçado”. Os bebês ⁵ murmuram e balbuciam, ações que tornam as cordas vocais mais ⁶ afinadas. Eles também viram a cabeça instintivamente por causa de ⁷ um barulho e se extasiam com a voz da mãe ou do pai. O elo afetivo ⁸ é muito importante para o seu desenvolvimento intuitivo e emocional. ⁹ Embora a linguagem ainda não esteja conectada no seu cérebro, o ¹⁰ bebê tem várias artimanhas genéticas que lhe permitem aprender ¹¹ desde o dia de seu nascimento.

John McCrone

É predominante no texto a função:

- metalinguística, uma vez que, ao falar do desenvolvimento da linguagem nos bebês, o autor trata com destaque o código linguístico e seus recursos.
- emotiva, já que o autor do texto e sua subjetividade em relação ao que narra são destacados por meio de elementos linguísticos.

- c) referencial, pois a intenção principal do texto é informar o leitor de um assunto que é tratado de modo objetivo pelo seu autor.
- d) fática, porque estão presentes no texto, ao longo de seu desenvolvimento, marcas de interação com o leitor, como perguntas retóricas.
- e) poética, pois mais do que informar sobre algo o autor procurou persuadir o leitor pelo modo com que elaborou a mensagem, caracterizada pela linguagem figurada.

11. UnitaU-SP

Estou farto do lirismo comedido
do lirismo bem comportado

Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e [manifestações de apreço ao senhor diretor

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo [...].

BANDEIRA, Manuel. Poética. In: _____. *Libertinagem*. Rio de Janeiro: Ed. do autor, 1930.

O fragmento de poema acima trata do lirismo, da lírica, portanto, do fazer poético. Há o predomínio, no poema, de uma das funções da linguagem. Qual alternativa abaixo indica essa função?

- a) Função conativa.
- b) Função apelativa.
- c) Função metalinguística.
- d) Função poética.
- e) Função referencial.

12. UFSC (adaptado)



Disponível em: <http://castelodaalegria.blogspot.com.br/2015/04/blog-post_13.html>. [Adaptado]. Acesso em: jun. 2018.

Atribua verdadeiro (V) ou falso (F) às afirmativas abaixo e assinala a alternativa que apresenta a sequência correta, de cima para baixo.

- () As vírgulas (quadrinhos 1, 2 e 3) estão sendo empregadas para isolar vocativos.
- () A palavra "pamonha" contém um dígrafo.
- () O verbo "foi"; no último quadrinho, está conjugado no pretérito imperfeito.
- () As palavras "flor" e "pamonha" são antônimos.
- a) V - F - V - V
- b) F - V - F - V
- c) V - V - F - F
- d) F - F - V - F
- e) V - V - V - F

13. IFCE – Indique a alternativa em que ocorre uma sequência de palavras nas quais os fonemas "i" e "u" representem, sucessivamente, 'vogal', 'semivogal', 'semivogal' e 'vogal'.

- a) bolsa, piso, canção, viuvez
- b) adequar, teimosia, régua, touro
- c) negócio, irmão, calma, pacifista
- d) açougue, cabeleireiro, pujante, irmã
- e) aviso, estourar, feixe, saída

14. PUC-SP – Nas palavras enquanto, queimar, folhas, hábil e grossa, constatamos a seguinte sequência de letras e fonemas:

- a) 8 - 7, 7 - 6, 6 - 5, 5 - 4, 6 - 5
- b) 7 - 6, 6 - 5, 5 - 5, 5 - 5, 5 - 5
- c) 8 - 6, 7 - 5, 6 - 4, 5 - 4, 5 - 4
- d) 8 - 6, 7 - 6, 6 - 5, 5 - 4, 6 - 5
- e) 8 - 5, 7 - 6, 6 - 5, 5 - 5, 5 - 5

15. UFAM – Leia o texto a seguir:

O alagoano Graciliano Ramos mostrou-se merecedor dos parabéns de toda a imprensa brasileira, quando lançou o romance "Vidas Secas", livro que confirmou sua excelência como escritor. Nessa obra, ele narra de maneira subliminar a caminhada de uma família pela caatinga. Eram todos fugitivos da seca e quase não falavam. A personagem marcante, por incrível que pareça, é a cachorra Baleia.

Assinale a alternativa CORRETA:

- a) Existe ditongo nasal em "parabéns," "falavam" e "ascensão".
- b) Existe dígrafo em "imprensa," "quando" e "quase".
- c) A divisão silábica de "caatinga" é ca-a-tin-ga; e de "subliminar" é su-bli-mi-nar.
- d) Em "excelência" o ditongo é decrescente, pois a vogal vem antes da semivogal.
- e) Existe encontro consonantal em "narra," "romance" e "brasileira".

16. UFSCar-SP – Assinale a alternativa em que a palavra sublinhada está grafada de acordo com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

- a) A organização curricular do Bacharelado em Lingüística está pautada por três eixos.
- b) A homenagem ao exdiretor foi marcada para o dia 25/11/2017.
- c) O encontro tem caráter suprarregional.
- d) Esta prateleira destina-se aos livros que os alunos lêem especificamente nos cursos introdutórios.
- e) Informamos que a palestra "Presença do taoísmo no Brasil" foi cancelada.

17. Instituto Excelência-SP – Sobre Fonologia e Fonética, observe as afirmativas a seguir:

- I. A Fonética se diferencia da Fonologia por considerar os sons independentes das oposições paradigmáticas e combinações sintagmáticas.
- II. A Fonética estuda os sons como entidades físico-articulatórias associadas. É a parte da Gramática que estuda de forma geral os fonemas, ou seja, os sons que as letras emitem.
- III. À Fonologia cabe estudar as diferenças fônicas intencionais, distintivas, isto é, que se unem a diferenças

de significação; estabelecer a relação entre os elementos de diferenciação e quais as condições em que se combinam uns com os outros para formar morfemas, palavras e frases.

Assinale a alternativa CORRETA:

- a) As afirmativas I e II estão corretas.
- b) As afirmativas II e III estão corretas.
- c) As afirmativas I e III estão corretas.
- d) A alternativa II.
- e) Nenhuma das alternativas.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C6-H19

O livro *A fórmula secreta* conta a história de um episódio fundamental para o nascimento da matemática moderna e retrata uma das disputas mais virulentas da ciência renascentista. Fórmulas misteriosas, duelos públicos, traições, genialidade, ambição – e matemática! Esse é o instigante universo apresentado no livro, que resgata a história dos italianos Tartaglia e Cardano e da fórmula revolucionária para resolução de equações de terceiro grau. A obra reconstitui um episódio polêmico que marca, para muitos, o início do período moderno da matemática.

Em última análise, *A fórmula secreta* apresenta-se como uma ótima opção para conhecer um pouco mais sobre a história da matemática e acompanhar um dos debates científicos mais inflamados do século XVI no campo. Mais do que isso, é uma obra de fácil leitura e uma boa mostra de que é possível abordar temas como álgebra de forma interessante, inteligente e acessível ao grande público.

GARCIA, M. *Duelos, segredos e matemática*. Disponível em: <www.cienciahoje.org.br/noticia/v/ler/id/4815/n/duelos,_segredos_e_matematica>. Acesso em: jun. 2018. (Adaptado).

Na construção textual, o autor realiza escolhas para cumprir determinados objetivos. Nesse sentido, a função social desse texto é

- a) interpretar a obra a partir dos acontecimentos da narrativa.
- b) apresentar o resumo do conteúdo da obra de modo impessoal.

- c) fazer a apreciação de uma obra a partir de uma síntese crítica.
- d) informar o leitor sobre a veracidade dos fatos descritos na obra.
- e) classificar a obra como uma referência para estudiosos da matemática.

19. Enem

C8-H27

O grupo de palavras que obedecem às normas de acentuação da Língua Portuguesa é

- a) raízes, difícil, século
- b) rúbrica, saúva, amavel
- c) também, possível, êxito
- d) idolo, parabéns, ciencia
- e) indústria, saude, ninguem

20. Enem

C8-H27

Assinale a alternativa correta referente aos encontros das letras e dos sons que ocorrem na língua portuguesa.

- a) Na palavra “pesquisa” há, respectivamente, um encontro consonantal e um ditongo.
- b) Em “crescente” há, respectivamente, três encontros consonantais: “cr”, “sc” e “nt”.
- c) Há dígrafo na palavra “negro”.
- d) Há dígrafo na palavra “empreender”.
- e) Há dígrafo na palavra “igualdade”.

6

ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

- Morfemas
- Formação de palavras
- Derivação prefixal (ou por prefixação)
- Derivação sufixal (ou por sufixação)
- Derivação prefixal e sufixal (ou por prefixação e sufixação)
- Derivação parassintética (ou parassíntese)
- Derivação regressiva (ou deverbal)
- Derivação imprópria (ou conversão)
- Composição por justaposição
- Composição por aglutinação
- Hibridismo
- Redução
- Siglonimização
- Onomatopeia
- Palavra-valise
- Neologismo
- Empréstimos lexicais

HABILIDADE

- Compreender o conceito de morfema.
- Reconhecer os morfemas da palavra e suas funções estruturais.
- Identificar as diferentes linguagens e seus recursos expressivos como elementos de caracterização dos sistemas de comunicação.
- Relacionar as variedades linguísticas às situações específicas de uso social.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.
- Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

As unidades mínimas das palavras

Observe as palavras abaixo e como estão divididas

JOGU	-	INH	-	O
SONH	-	A	-	NDO
LEIT	-	E		

Perceba que as palavras não estão divididas em sílabas, pois foi levada em consideração sua estrutura para a divisão.

Cada estrutura possui uma função e adiciona um significado na composição da palavra, sendo tais unidades mínimas chamadas de **elementos mórficos** ou **morfemas**.

Veja:

JOGU- Base de significação	-INH- Grau diminutivo	-O Gênero gramatical masculino
SONH- Base de significação	-A- Conjugação	-NDO Tempo e o modo
LEIT- Base de significação	-E Vogal temática nominal	

A área da Gramática responsável pelo estudo dos morfemas é a **Morfologia**. Esses elementos mórficos cumprem funções, como as vistas acima, e são classificados como radical, desinência, vogal temática, afixos e vogais e consoantes de ligação.

RADICAL E RAIZ

O **radical** e a **raiz** são os morfemas que dão base de significado, isto é, de onde o significado se origina. Porém, há uma pequena diferença entre eles:

Raiz

A raiz é considerada um elemento histórico da construção de significado. É a parte originária e irredutível de significação, onde envolve estudos etimológicos.

Essa estrutura pode se transformar de acordo com o passar dos tempo se das adaptações que a língua sofre.

Observe:

Raiz - **loc** (do latim, *locus*, lugar)

Loc-a

A-**loc**-ar

Loco-moção

Loc-ação

Des-**loc**-ado

Radical

O radical é a parte fundamental da palavra e define o significado, tem caráter mais prático, gramatical e consolidado na língua; também é conhecido como **morfema lexical**.

As palavras que têm o mesmo radical pertencem a uma família de palavras que são chamadas **cognatas**.

Observe:

Cor

Decorar

Decoração

Corar

Corante

Colorir

Incolor

Tricolor

Coloração

Existem palavras que são constituídas apenas por radical, como **céu, lua, luz, mel**.

A principal diferença entre **raiz** e **radical** é que para fazer a análise da raiz são necessários estudos etimológicos, isto é, verificar a historicidade e origem do morfema; já o radical é reconhecido na forma mais analítica da palavra, onde é possível fazer comparações entre palavras de forma mais visível e previsível na forma atual do morfema e de sua significação.

DESINÊNCIAS

As desinências são morfemas que indicam as flexões dos nomes e dos verbos, sendo classificadas como **nominais** ou **verbais**, de acordo com a natureza da classe gramatical em que ocorrem.

Desinência nominal

Elas indicam as flexões de número (singular ou plural) e flexões de gênero (feminino e masculino) de substantivos, adjetivos e alguns pronomes.

Desinência verbal

As desinências verbais indicam as flexões de **número (singular/plural)** e **persona (1ª, 2ª e 3ª)** e de **tempo (presente e pretérito)** e **modo (indicativo e gerúndio)** dos verbos.

VOGAL TEMÁTICA

A vogal temática torna possível a pronúncia das palavras, pois ela liga o radical e as desinências.

Veja essa palavra:

Cantássemos

Cant-: radical

-á-: vogal temática

-sse-: desinência verbal modo-temporal (indica tempo imperfeito e modo subjuntivo)

-mos: desinência nominal número-pessoal (indica 1ª pessoa do plural)

Vogais temáticas nominais

As vogais -a, -e e -o, quando átonas finais, como nas palavras **livro, lento, escola, quente**, fazem a ligação do radical com as desinências nominais de plural:

Livr-**o-s**

Lent-**o-s**

Escol-**a-s**

Quent-**e-s**

Vogais temáticas verbais

As vogais -a, -e e -i classificam as conjugações dos verbos.

Observe os exemplos abaixo de verbos em diferentes tempos e modos:

1ª conjugação "-a"	2ª conjugação "-e"	3ª conjugação "-i"
Abraç- a -va	Com- e -r	Part- i -ram
Atac- a -va	Viv- e -ndo	Corrig- i -ndo
Esper- a -r	Debat- e -mos	Abr- i -mos
Gost- a -mos	Prend- e -is	Decid- i -u
Lev- a -s	Morr- e -rá	Invad- i -as
Avis- a -is	Corr- e -ram	Divid- i -am

AFIXOS

Os **afixos** são morfemas que podem vir antes ou depois do radical e cuja presença altera a significação básica da palavra a que se afixa.

Prefixos

Quando os afixos são inseridos antes do radical, são chamados de **prefixos**. Normalmente, não alteram a classe gramatical da base a que se afixam.

Por exemplo:

Desatualizado

Incoerente

Pressuposto

Inato

Imaturo

Sufixos

Quando os afixos são inseridos após o radical, são chamados de sufixos. Normalmente, alteram a classe gramatical da base a que se afixam.

Por exemplo:

Felizmente

Calmamente

Maturidade

Sensatez

Fraternal.

VOGAIS E CONSOANTES DE LIGAÇÃO

As vogais e consoantes de ligação são auxiliares que tornam possível a pronúncia da palavra. A língua

portuguesa, por exemplo, que deriva do latim, obteve suas adaptações para ser falada e escrita como é hoje, assim como sofre alterações constantemente. As inserções destas vogais e consoantes são resultados da adaptação de falantes da língua.

Veja:

Café-**t**-eira

Pe-**z**-inho

Paris-**i**-ense

Gas-**ô**-metro

Formação de palavras

Existem dois processos básicos pelos quais se formam as palavras: a **derivação** e a **composição**.

DERIVAÇÃO

Derivação é o processo pelo qual se obtém uma palavra nova, chamada **derivada**, a partir de outra já existente, chamada **primitiva**.

Primitiva	Derivada
pedra	pedreira, apedrejar, pedregulho
pescar	pesca, pescaria, pescador

COMPOSIÇÃO

Composição é o processo que forma palavras compostas, a partir da junção de dois ou mais radicais.

PROCESSOS ESPECIAIS

Além de derivação e composição, alguns processos especiais geram novos vocábulos ou novos sentidos para o léxico já empregado na língua.

Hibridismo

Chama-se híbrida a palavra em cuja formação se combinam elementos de línguas diferentes. Como em:

Palavras híbridas	Combinações
astronauta	grego e latim
autoclave	grego e latim

Redução

A redução consiste na supressão de parte de vocábulo, normalmente polissílabo.

Vocábulo	Redução
apartamento	apê
cinema	cine
ex	ex-namorado, ex-marido, ex-esposa etc.
extra	extraordinário
Floripa	Florianópolis
fone	telefone
foto	fotografia
hidro	hidromassagem
lipo	lipoaspiração
moto	motocicleta
neuro	neurologia, neurologista
oftalmo	oftalmologia, oftalmologista
otorrino	otorrinolaringologia, otorrinolaringologista
quilo	quilograma

Siglonimização

Siglonimização é a abreviação ou a combinação de duas ou mais palavras, em geral representadas por iniciais, como em:

- USP (Universidade de São Paulo).
- SUS (Sistema Único de Saúde).
- BB (Banco do Brasil).
- DETRAN (Departamento Estadual de Trânsito).
- RG (Registro Geral).
- TPM (tensão pré-menstrual).
- SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial).
- IR (Imposto de Renda).

Onomatopeia

Onomatopeia consiste na reprodução escrita de forma aproximada de sons naturais como sons de animais, ruídos de máquinas, timbres de voz etc. A representação dos sons de animais distingue-se de um idioma para outro.

Neologismo

Neologismo é qualquer palavra ou expressão recém-criada, mas que não se incorporou definitiva ou oficialmente ao léxico da língua. Exemplos:

- deletar.
- internetês.
- instagramers.
- becapear.
- namorado.

ROTEIRO DE AULA**Estrutura da palavra****Morfema**

Unidade mínima significativa que compõe a palavra.

Raiz

É a parte originária e irreduzível de significação, onde envolvem estudos etimológicos.

Radical

É a parte fundamental da palavra e define o significado. Palavras com mesmo radical são chamadas de cognatas.

Desinência nominal

Indicam as flexões de número (singular ou plural) e flexões de gênero (feminino e masculino) de substantivos, adjetivos e alguns pronomes.

Desinência verbal

Indicam as flexões de número (singular/plural) e pessoa (1ª, 2ª e 3ª) e de tempo (presente, pretérito) e modo (indicativo, gerúndio...) dos verbos.

ROTEIRO DE AULA

Vogal temática nominal

As vogais “-a”, “-e” e “-o”, quando átonas finais, fazem a ligação do radical com as desinências nominais de plural.

Vogal temática verbal

As vogais “-a”, “-e” e “-i” classificam as conjugações dos verbos. Sendo 1ª conjugação “-a”, 2ª conjugação “-e” e 3ª conjugação “-i”.

Afixo

Podem vir antes ou depois do radical, cuja presença altera a significação básica da palavra.

Prefixo

Morfemas que precedem o radical.

Sufixo

Morfemas que sucedem o radical.

Vogal e consoante de ligação

São morfemas auxiliares que tornam possível a pronúncia da palavra.

ROTEIRO DE AULA

FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Composição

Ocorre quando ao menos uma das palavras primitivas sofre queda ou substituição de fonema.

Hibridismo

Híbrida é a palavra em cuja formação se combinam elementos de línguas diferentes.

Redução

Ocorre na supressão de parte de vocábulo, normalmente polissílabo.

Siglonimização

É a abreviação ou a combinação de duas ou mais palavras, em geral representadas por iniciais.

Onomatopeia

É a reprodução escrita de forma aproximada de sons naturais, como sons de animais, ruídos de máquinas, timbres de voz etc.

Palavra-valise

É o resultado da junção de duas ou mais palavras, sendo que em geral uma delas sofre supressão de fonemas.

Neologismo

É qualquer palavra ou expressão recém-criada, mas que não se incorporou definitivamente ou oficialmente ao léxico da língua.

Empréstimos lexicais

Ocorre devido ao contato entre os povos, às influências que as culturas exercem umas sobre as outras.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. PUC-SP – Sabendo-se que prefixo é um morfema que se antepõe ao radical, alterando sua significação, assinale a alternativa que apresenta as quatro palavras iniciadas por um prefixo.

- a) perfazer, decifrar, disparidade e reposição.
- b) retidão, dissonância, divindade e insatisfação.
- c) discorrer, entrever, perguntar e reler.
- d) inamovível, bisavô, comprimento e descansar.
- e) surpresa, asmático, esbravejar e anulação.

"per-", "de-", "dis-" e "re-" são prefixos.

2. Fuvest-SP – Assinalar a alternativa que registra a palavra que tem sufixo formador de advérbio:

- a) desesperança.
- b) pessimismo.
- c) empobrecimento.
- d) extremamente.
- e) sociedade.

O sufixo "-mente" quando é adicionado após um adjetivo dá origem a um advérbio de modo.

3. Unirio-RJ – O elemento destacado não é vogal temática em:

- a) está.
- b) coalhou.
- c) beber.
- d) poupei.
- e) calço.

O "-o" da palavra "calço" é uma desinência verbal número-pessoal que indica no verbo "calçar" a primeira pessoa do singular.

4. IFMG – Leia o texto abaixo:

Gota-de-orvalho

Ao contrário de sua parente, a dama-da-noite, esta herbácea rasteira tem flores que se abrem com o amanhecer. Quando substitui a grama, formando um conjunto, suas flores brancas e pequenas parecem gotas de orvalho sobre o verde de suas folhas.

Disponível em: <<http://revistacasejardim.globo.com/Casa-e-Jardim/Paisagismo/noticia/2014/11/15-palntas-com-nomes-curiosos.html>>. Acesso em: jun. 2018.

As palavras *dama-da-noite*, *amanhecer* e *verde*, do texto acima, foram formadas, respectivamente, a partir dos seguintes processos:

- a) composição por aglutinação, parassíntese, derivação regressiva.
- b) composição por aglutinação, derivação prefixal e sufixal, derivação sufixal.
- c) composição por justaposição, parassíntese, derivação imprópria.
- d) composição por justaposição, derivação prefixal e sufixal, derivação imprópria.

A palavra "dama-da-noite" é formada pelo processo de composição por justaposição, já que não há alteração fonética na junção dos termos "dama" + "da" + "noite". A palavra "amanhecer" é formada pelo processo de derivação parassintética, pois a palavra "manhã" recebe, simultaneamente, o prefixo "a-" e o sufixo "-ecer". A palavra "verde" é formada pelo processo de derivação imprópria, pois mudou de classe gramatical ao ser acompanhada pelo artigo "o", passando a substantivo: "o verde".

5. Unievangélica-GO

"WhatsAppitis"

A doença, uma inflamação no extensor curto do polegar causada por excesso de digitação em telefones celulares, foi descrita pela primeira vez no periódico médico Lancet.

Veja, ed. 2367. Ano 47. N. 14. 02 abr. 2014. Sobe desce. p. 53.

Conforme sugerem os textos, o termo "WhatsAppitis" é

- a) palavra usada para criar um efeito cômico.
- b) jogo fonético curioso desprovido de significado.
- c) vocábulo regional desconhecido em outras variedades.
- d) neologismo criado para definir uma nova situação.

O termo "WhatsAppitis" é um neologismo criado para definir uma nova situação, já que o sufixo "-ite" exprime inflamação e, no contexto, está associado ao hábito de as pessoas digitarem o teclado de telefone celular utilizando apenas os polegares.

6. Unicamp-SP –

C8-H27

O brasileiro João Guimarães Rosa e o irlandês James Joyce são autores reverenciados pela inventividade de sua linguagem literária, em que abundam neologismos. Muitas vezes, por essa razão, Guimarães Rosa e Joyce são citados como exemplos de autores "praticamente intraduzíveis". Mesmo sem ter lido os autores, é possível identificar alguns dos seus neologismos, pois são baseados em processos de formação de palavras comuns ao português e ao inglês.

Entre os recursos comuns aos neologismos de Guimarães Rosa e de James Joyce, estão:

- I. Onomatopeia (formação de uma palavra a partir de uma reprodução aproximada de um som natural, utilizando-se os recursos da língua); e
- II. Derivação (formação de novas palavras pelo acréscimo de prefixos ou sufixos a palavras já existentes na língua).

Os neologismos que aparecem nas opções abaixo foram extraídos de obras de Guimarães Rosa (GR) e James Joyce (JJ). Assinale a opção em que os processos (I) e (II) estão presentes:

- a) Quinculinculim (GR, *No Urubuquaquá, no Pinhém*) e tattarrattat (JJ, *Ulisses*).
- b) Transtrazer (GR, *Grande sertão: veredas*) e monoideal (JJ, *Ulisses*).
- c) Rttststr (JJ, *Ulisses*) e quinculinculim (GR, *No Urubuquaquá, no Pinhém*).
- d) Tattarrattat (JJ, *Ulisses*) e inesquecer-se (GR, *Ave, palavra*).

"Tattarrattat" é uma onomatopeia, pois se trata da reprodução aproximada de um som: na obra de James Joyce, indica o som de alguém batendo na porta. Já o neologismo "inesquecer-se" é formado por derivação prefixal, uma vez que ao verbo "esquecer-se" é acrescido o prefixo "in-", significando "não se esquecer".

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. ITA-SP – Considere as seguintes significações:

- “nove ângulos”
- “governo de poucos”
- “som agradável”
- “dor de cabeça”

Escolha a alternativa cujas palavras traduzem os significados apresentados acima:

- a) pentágono, plutocracia, eufonia, mialgia.
- b) eneágono, oligarquia, eufonia, cefalalgia.
- c) non-angular, democracia, cacofonia, dispneia.
- d) eneágono, aristocracia, sinfonia, cefalalgia.
- e) hendecágono, monarquia, sonoplastia, cefaleia.

8. PUC-RJ – Assinale a alternativa em que todos os itens são formados a partir de um verbo.

- a) sentimento, ventania, extinção, mofino.
- b) resistência, regressar, cerebral, preocupação.
- c) facilidade, pacificar, regularmente, alimentício.
- d) fumaça, intimidade, prática, inexplorado.
- e) explicável, sabedor, sofrimento, contemplação.

9. Cesgranrio-RJ – Assinale a opção em que nem todas as palavras provêm de uma mesma base.

- a) noite, anoitecer e noitada.
- b) luz, luzeiro e alumiar.
- c) incrível, crente e crer.
- d) festa, festeiro e festejar.
- e) riqueza, ricoço e enriquecer.

10. PUC-PR – Dentre as alternativas, assinale aquela em que ocorrem dois prefixos que representam ideia de negação.

- a) anarquia e decair.
- b) pressupor e ambíguo.
- c) importar e soterrar.
- d) impune e acéfalo.
- e) ilegal e refazer.

11. UFPR – O significado do prefixo em **insensibilidade** assemelha-se ao da série de palavras da alternativa:

- a) desacreditar, impor e contradizer.
- b) desfazer, injetar e ateu.
- c) discordar, impermeável e analgésico.
- d) subsolo, impróprio e amnésia.
- e) intocável, anarquia e ingerência.

12. UFRJ – Assinale a alternativa cujo prefixo **sub-** tem sentido de “posterioridade”:

- a) sublinhar
- b) subsequente
- c) subdesenvolvido
- d) subjacente
- e) submisso

13. IFPE (adaptado) – A Língua Portuguesa, assim como todas as línguas modernas, é dinâmica. Isso quer dizer que o tempo todo palavras caem em desuso e novas surgem para suprir a necessidade dos usuários da língua.

Diante dessa constante mudança, os dois processos básicos para a formação das palavras em Língua

Portuguesa são a derivação e a composição. O termo “impraticabilidade”, presente no texto, é um exemplo de palavra formada por um tipo de derivação.

Assinale a alternativa que apresenta outras palavras formadas pelo mesmo tipo de derivação que impraticabilidade.

- a) Passatempo e ajoelhar.
- b) Deslealdade e infelizmente.
- c) Amanhecer e enfraquecer.
- d) Anoitecer e insuportável.
- e) Girassol e boquiaberto.

14. PUC-GO

Queimada

À fúria da rubra língua

do fogo

na queimada

envolve e lambe

o campinhal

estiolado em focos

fenos

sinal.

É um correr desesperado

de animais silvestres

o que vai, ali, pelo mundo

incendiado e fundo,

talvez,

como o canto da araponga

nos vãos da brisa!

Tambores na tempestade

[...]

E os tambores

e os tambores

e os tambores

soando na tempestade,

ao efêmero de sua eterna

[idade].

[...]

Onde?

Eu vos contemplo

à inércia do que me leva

ao movimento

de naufragar-me

eternamente

na secura de suas águas

mais à frente!

Ó tambores

rufai

sacudi suas dores!

Eu

que não me sei

não me venho

por ser

busco apenas ser somenos

no viver,

nada mais que isso!

VIEIRA, Delermundo. *Os tambores da tempestade*. Goiânia: Poligráfica, 2010. p. 164, 544, 552.

Sobre a palavra “somenos”, presente nos versos finais do fragmento do poema “Tambores na tempestade”, segunda parte do texto, assinale a alternativa correta:

- a) Formada por justaposição, a palavra “somenos” revela a posição de um quase nada assumida pelo enunciador do texto.
- b) Tendo características de verbo no imperativo, a palavra “somenos” é um veículo pelo qual o enunciador conclama o leitor a refletir sobre as consequências destruidoras de uma tempestade.
- c) Formada pelo prefixo “só” e pelo radical “menos”, a palavra “somenos” expressa a minimização do significado da vida para aqueles que dela são privados.
- d) Tendo o “-s” final como marca de plural, a palavra “somenos” contrapõe o tudo com o nada, o muito com o pouco presentes na dinâmica do mundo descrita no texto.

15. PUC-PR

Dores de cabeça nos aeroportos

No decorrer da Copa das Confederações, muitos visitantes reclamaram das falhas na infraestrutura aeroportuária brasileira. Em sedes como Belo Horizonte e Rio de Janeiro (Galeão), deram de cara com aeroportos em obras. Em Salvador, viram um terminal ficar cheio d'água após um temporal. E em quase todas as sedes, sofreram com pequenos transtornos que já viraram rotina para os passageiros brasileiros — e que fazem a experiência de voar no país ser muito mais desagradável. Exemplos: a constante troca de portões de embarque, que faz o viajante zanzar de um lado para outro nos momentos que antecedem o voo, e a longa espera nas esteiras de retirada de bagagens. Além da baixa qualidade dos serviços oferecidos em muitos aeroportos brasileiros, há um outro obstáculo para a Copa: ela está marcada para um período do ano em que muitos aeroportos, principalmente no Sul e no Sudeste, ficam fechados por causa da neblina. Garantia de fortes emoções para quem tiver voos marcados para os dias de jogos em Porto Alegre, Curitiba, São Paulo (Congonhas) e Rio de Janeiro (Santos Dumont).

Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/esporte/rumo-a-2014-apos-afesta-e-hora-de-trabalhar-ainda-mais>>.

Sobre os vocábulos empregados no texto, assinale a alternativa **INCORRETA** em relação à sua análise morfológica e/ou ortográfica.

- A derivação sufixal é o processo de formação de palavras pelo acréscimo de um sufixo à base. São exemplos desse processo as seguintes palavras do texto: "brasileira, principalmente e aeroportuária".
- As palavras "Copa das Confederações, Santos Dumont e Belo Horizonte" são exemplos de formação por composição, quando duas ou mais bases passam a constituir uma outra palavra.
- Segundo o Novo Acordo Ortográfico, a palavra "voo" não é mais grafada com acento circunflexo, pois houve a eliminação desse acento nos encontros vocálicos – oo.
- A palavra "obstáculo" permanece com o acento agudo, pois todas as palavras proparoxítonas são acentuadas.
- A derivação parassintética ocorre quando prefixo e sufixo são acrescentados simultaneamente a um radical. A palavra "desagradável" é um exemplo desse processo de formação.

16. UFRGS-RS (adaptado) – Na coluna da esquerda, há quatro palavras, na coluna da direita, descrições relacionadas à formação dessas palavras. Associe corretamente a coluna da esquerda à da direita.

- | | |
|-------------------|--|
| () desiguais | 1. contém sufixo que forma substantivos a partir de verbos |
| () pressupostos | 2. contém prefixo com sentido de negação |
| () planejamento | 3. contém prefixo que designa anterioridade |
| () totalitarismo | 4. contém sufixo que designa movimentos ideológicos |

A sequência correta de preenchimento dos parênteses, de cima para baixo, é

- 4 — 2 — 3 — 1.
- 3 — 1 — 2 — 4.
- 2 — 3 — 1 — 4.
- 1 — 4 — 2 — 3.
- 1 — 2 — 3 — 4.

17. IFMA



VERISSIMO, Luis Fernando. *As cobras*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1987. v. 2.

As palavras "gradualmente" (1º quadrinho), "animado" (5º quadrinho) e "eufórico" (7º quadrinho) são formadas pelo mesmo processo de formação de palavras. Que processo de formação é esse?

- Derivação prefixal.
- Composição por justaposição.
- Composição por aglutinação.
- Neologismo.
- Derivação sufixal.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Fuvest-SP

C8-H27

Sinhá Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves mataram bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher, desconfiado, julgou que ela estivesse tresvariando.

(Graciliano Ramos, *Vidas secas*)

O prefixo assinalado em "tresvariando" traduz ideia de

- substituição.
- contiguidade.
- privação.
- inferioridade.
- intensidade.

19. Enem

C7-H22

Texto I

Um ato de criatividade pode contudo gerar um modelo produtivo. Foi o que ocorreu com a palavra sambódromo, criativamente formada com a terminação -(ó)dromo (= corrida), que figura em hipódromo, autódromo, cartódromo, formas que designam itens culturais da alta burguesia. Não demoraram a circular, a partir de então, formas populares como rangódromo, beijódromo, camelódromo.

AZEREDO, José Carlos de. *Gramática Houaiss da língua portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

Texto II

Existe coisa mais descabida do que chamar de sambódromo uma passarela para desfile de escolas de samba? Em grego, -dromo quer dizer “ação de correr, lugar de corrida”, daí as palavras autódromo e hipódromo. É certo que, às vezes, durante o desfile, a escola se atrasa e é obrigada a correr para não perder pontos, mas não se desloca com a velocidade de um cavalo ou de um carro de Fórmula 1.

GULLAR, Ferreira. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: 3 ago. 2012.

Há nas línguas mecanismos geradores de palavras. Embora o Texto II apresente um julgamento de valor sobre a formação da palavra sambódromo, o processo de formação dessa palavra reflete

- a) o dinamismo da língua na criação de novas palavras.
- b) uma nova realidade limitando o aparecimento de novas palavras.
- c) a apropriação inadequada de mecanismos de criação de palavras por leigos.
- d) o reconhecimento da impropriedade semântica dos neologismos.
- e) a restrição na produção de novas palavras com o radical grego.

20. Fuvest-SP**C7-H22**

A explosão dos computadores pessoais, as “infovias”, as grandes redes - a Internet e a World Wide Web - atropelaram o mundo. Tornaram as leis antiquadas, reformularam a economia, reordenaram prioridades, redefiniram os locais de trabalho, desafiaram constituições, mudaram o conceito de realidade e obrigaram as pessoas a ficar sentadas, durante longos períodos de tempo, diante de telas de computadores, enquanto o CD-Rom trabalha. Não há dúvida de que vivemos a revolução da informação e, diz o professor do MIT, Nicholas Negroponte, revoluções não são sutis.

Jornal do Brasil, 13/02/96.

As aspas foram usadas em “infovias” pela mesma razão por que foram usadas em:

- a) Mesmo quando a punição foi confirmada, o “Alemão”, seu apelido no Grêmio, não esmoreceu.
- b) ... fica fácil entender por que há cada vez mais pessoas preconizando a “fujimorização” do Brasil.
- c) o Paralamas, que normalmente sai “carregado” de prêmios, só venceu em edição.
- d) A renda média “per capita” da América latina baixou para 25% em 1995.
- e) A torcida gritava “olé” a cada toque de seus jogadores.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMESTICO

7

SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

- Tipos e flexões de substantivos
- Adjetivo

HABILIDADES

- Compreender o conceito de substantivo e seus tipos.
- Reconhecer as estruturas morfosintáticas dos substantivos nas frases.
- Compreender os tipos de flexões dos substantivos.
- Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos ortográficos e/ou morfosintáticos.
- Identificar os elementos organizacionais e estruturais de textos de diferentes gêneros.
- Identificar aspectos morfosintáticos e semânticos nos usos da língua.
- Obedecer a regras- padrão de concordância verbal e nominal (artigo e substantivo; substantivo e adjetivo) e flexão de gênero (masculino/feminino) e número (singular/plural).

O que é um substantivo?

Todas as palavras que nomeiam seres, objetos, fenômenos, qualidades, lugares, entre outros, são chamadas de substantivos. Assim como apontado pelo linguista Ataliba Castilho, o significado de substantivo origina-se da palavra greco-latina que significa *a base, o substancial*, isto é, tudo o que dá nome àquilo que existe, que conhecemos, que vivemos. Logo, qualquer língua é estruturada de acordo com os substantivos e os verbos, que constituem as categorias sintáticas de base, sem as quais não é possível construir uma sentença.

No exemplo abaixo, os termos destacados são todos substantivos:

Não troco o meu **prato** de **arroz** com **feijão** por nenhum outro.

Se retirarmos os termos em destaque, a sentença deixa de ter sentido.

CLASSIFICAÇÃO DOS SUBSTANTIVOS

Os substantivos podem ser classificados de acordo com sua estrutura, sua função e o tipo de ser que nomeia, nas seguintes categorias: **comum** ou **próprio**, **simples** ou **composto**, **concreto** ou **abstrato**, **primitivo** ou **derivado** e **coletivo**.

Substantivo comum

Substantivo comum é a palavra que nomeia seres da mesma espécie de uma forma mais genérica.

Exemplos: pessoa, gente, humano.

Substantivo próprio

Substantivo próprio é aquele que é necessariamente escrito com letra maiúscula, pois particulariza pessoas, países, estados, entidades.

Exemplos: Heitor, França, Rio Grande do Sul.

Substantivo simples

Substantivo simples é aquele constituído apenas por uma palavra.

Exemplos: prédio, ônibus, mulher.

Substantivo composto

Substantivo composto é aquele que é constituído por mais de uma palavra.

Exemplos: cor-de-rosa, pimenta-do-reino, guarda-roupa.

Substantivo concreto

Substantivo concreto é aquele que nomeia seres, lugares, objetos, pessoas, animais etc.

Exemplos: gato, montanha, rio.

Substantivo abstrato

Substantivo abstrato é aquele que nomeia sentimentos, qualidades, ações, estados que não são materializados.

Exemplos: felicidade, maldade, sensatez.

Substantivo primitivo

Substantivo primitivo é a palavra que não é derivada de nenhuma outra.

Exemplos: pedra, livro, flor.

Substantivo derivado

O substantivo derivado, como o próprio nome diz, deriva do substantivo primitivo.

Exemplos: pedreira (derivado de pedra), livraria (derivado de livro), floricultura (derivado de flor).

Substantivo coletivo

O substantivo coletivo nomeia um conjunto de seres.

Exemplos: fauna (conjunto de animais), time (conjunto de jogadores), comunidade (conjunto de cidadãos).

FLEXÃO DOS SUBSTANTIVOS

Gênero

Quando o substantivo permite variação de gênero feminino ou masculino.

Exemplos:
amiga / amigo,
apresentador / apresentadora
filho / filha.

É importante ressaltar que existem substantivos cuja estrutura não muda, independentemente do gênero.

Exemplos:
o artista / a artista

Há casos de substantivos que diferenciam o gênero e, nesse caso, não é uma flexão:

Exemplos:
o boi / a vaca
o cavalo / a égua

Há substantivos que não permitem flexão de gênero na sua estrutura e podem performar com um gênero:

Exemplos:
a porta
a criança
o isqueiro.

Número

Os substantivos podem variar em número, ou seja, em singular ou plural.

Exemplos:
a estratégia / as estratégias
o país / os países.

Grau

Os substantivos podem variar de acordo com o seu grau, isto é, podem ser aumentativos ou diminutivos.

AUMENTATIVO

Analítico: quando um substantivo vem acompanhado de um adjetivo que expressa grandeza.

Exemplo:

praia enorme, homem grande.

Sintético: quando um substantivo é acrescido de sufixo que indica aumento.

Exemplos:

amicíssimo, copão, panelona.

DIMINUTIVO

Analítico: quando um substantivo vem acompanhado de um adjetivo que expressa diminuição.

Exemplo:

porta pequena, mesa baixa.

Sintético: quando um substantivo é acrescido de sufixo que indica diminuição.

Exemplos:

portinha, mesinha, estrelinha.

FUNÇÕES MORFOSSINTÁTICAS

Os substantivos podem exercer diversas funções sintáticas na posição de sintagmas nominais. Veja:

- Núcleo do sujeito: **Maria** gosta de você.
- Predicativo do sujeito: Eles eram **amigos**.
- Núcleo do objeto direto: Entregamos os **brindes** aos clientes.
- Núcleo do objeto indireto: Eu preciso de um **trabalho**.
- Núcleo do agente da passiva: As árvores foram derubadas pelo **caminhão**.
- Complemento nominal: Os caminhoneiros protestaram contra o aumento do **diesel**.
- Aposto: Laranja, limão, acerola, todas essas **frutas** têm vitamina C.
- Vocativo: **Pai**, não quero tomar banho agora!
- Adjunto adverbial: Eduardo convivia com o **inimigo**.
- Adjunto adnominal: A mala do **Renato** está muito cheia.

ADJETIVO

O adjetivo é a classe de palavras que caracteriza o substantivo, atribuindo-lhe características, como adjunto ou como predicador.

Adjetivos tanto podem qualificar os substantivos a que estão adjungidos, tal qual ocorre com as palavras **naturais, humanas, sociais** e **último**, como podem também predicar substantivos, tal qual ocorre, no

exemplo, com a palavra **anacrônico** em relação à palavra **termo**.

A palavra *adjetivo*, do latim *adjectivus*, significa “colocado ao lado, adicionado”. Assim, o adjetivo funciona paralelamente ao substantivo, podendo ser alocado antes ou depois deste. E isso faz diferença, pois, se anteposto ao substantivo, ele pode ser mais enfático ou até ter seu sentido alterado.

TERMOS ACESSÓRIOS?

Apesar de os adjetivos serem eminentemente adjuntos dos substantivos, é preciso estar atento ao contexto para, em alguns casos, não confundir os com o substantivo, pois sua atuação efetiva na frase é que o define como adjetivo.

ADJETIVOS E PUBLICIDADE

Os adjetivos são de grande importância por criarem distinções e são muito utilizados em textos descritivos – como os publicitários, por exemplo –, dada a sua função caracterizadora.

Observe esse efeito pelo emprego do adjetivo “responsáveis” no anúncio:



Cartaz de campanha da Confederação Nacional de Municípios contra o assédio.

A palavra “responsáveis” na frase “Somos todos responsáveis” é um adjetivo predicativo, qualificando o pronome substantivado “todos”, concordando em gênero e número com este.

CLASSIFICAÇÃO DOS ADJETIVOS

Os adjetivos podem ser classificados, de acordo com sua formação, como **primitivos** ou **derivados**, sua estrutura, como **simples** ou **compostos**, e sua função, como **explicativos** ou **restritivos**.

Primitivos

Quanto à formação, são classificados como primitivos os adjetivos a que não foram adicionados afixos derivacionais, como prefixos e sufixos, o que indica que não derivam de outras palavras.

Um casal que construía uma relação em que o amor verdadeiro inclui ser razoavelmente livre e admiravelmente honesto.

MACHADO, Ana Maria. OK, você venceu. *Contos*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

A palavra “livre” não é derivada, logo, trata-se de um adjetivo primitivo.

Derivados

Quanto à formação, são classificados como derivados os adjetivos a que foram adicionados afixos derivacionais, como prefixos e sufixos, o que indica que derivam de outras palavras.

O menino doente está no pátio da casa vizinha, tomando sol. Tem a cabeça recostada no espaldar da cadeira. Está imóvel, parece até que dorme.

VERISSIMO, Erico. *Clarissa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. (Companhia de Bolso).

A palavra “imóvel” é derivada do também adjetivo “móvel”, a que foi adicionado o prefixo de negação **i-**. Assim, trata-se de um adjetivo derivado.

Simples

Quanto à estrutura, são classificados como simples os adjetivos formados apenas por um radical, em que se tem apenas uma palavra.

Um povo que convive em amenidade e cortesia, um povo prestativo, de coração bondoso, em que todas as cores e raças se misturam livremente, pois desconhece o preconceito racial, visto que aqui o preconceito é econômico.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

No exemplo apresentado, a palavra “econômico” é formada apenas por um radical, sendo, portanto, simples quanto à sua formação.

Compostos

Quanto à estrutura, são classificados como compostos os adjetivos formados por mais de um radical, havendo, entretanto, apenas uma palavra.

É proposta ainda a presença de psicólogos no quadro funcional das escolas e a inclusão de competências socioemocionais como tema transversal nos ensinamentos fundamental e médio.

BRASIL. Congresso. Senado Federal. CPI dos maus-tratos apresenta 26 propostas. *Jornal do Senado*. Ano XXIV — n. 4.940 — Brasília, sexta-feira, 13 de julho de 2018.

A palavra “socioemocionais” é formada pela composição dos radicais “sociais” e “emocionais”, sendo, portanto, composta quanto à sua formação.

Explicativos

Quanto à função, são classificados como explicativos os adjetivos que esclarecem o sentido dos substantivos, atribuindo-lhes características que lhes são

próprias, entendidas como essenciais do ser, mesmo que apenas poeticamente. Eles sempre ficam entre vírgulas e têm função sintática de aposto.

Ó Lua, Lua triste, **amargurada**,/Fantasma de brancuras vaporosas,/A tua nívea luz ciliciada/Faz murcheçar e congelar as rosas.

CRUZ E SOUZA, João da. Monja. *Broquéis*. Rio de Janeiro: Livraria Moderna, 1893.

A palavra “amargurada” é considerada pelo eu lírico como uma característica explicativa da Lua, reforçando o estado de tristeza do corpo celeste, assim como sua personificação, um dos recursos poéticos do autor.

Restritivos

Quanto à função, são classificados como restritivos os adjetivos que limitam, restringem o significado de um substantivo ou pronome ao qualificá-lo com uma característica que não lhe é própria, que não é considerada inerente ao ser qualificado.

Tantas vezes já recebeu o meritíssimo aquele dinheiro pelas fuças e cada vez reagia da mesma forma: erguendo as mãos para os céus, abrindo a boca para **enérgico** protesto; apenas não protestava, não dizia nada, como se, vítima da maior das injustiças, desistisse de qualquer **indiscutível** explicação ou **fulminante** defesa, a bem da paz **conjugal**.

AMADO, Jorge. *Tereza Batista cansada de guerra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

Os adjetivos “enérgico”, “indiscutível”, “fulminante” e “conjugal” são qualidades que foram adicionadas aos substantivos e têm função sintática de adjunto.

LOCUÇÃO ADJETIVA

Locução adjetiva é a combinação de duas ou mais palavras, formando uma expressão com valor de adjetivo.

A maioria das locuções adjetivas é formada por uma preposição mais um substantivo.

Na vitrina, quadros de santos, livros de orações em encadernações luxuosas, terços **de ouro**, relicários **de prata**.

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (Companhia de Bolso).

No exemplo, as locuções “de ouro” e “de prata” podem ser substituídas pelos adjetivos simples “dourados” e “prateados”, respectivamente.

Contudo, as locuções adjetivas também podem ser formadas por uma preposição mais um advérbio.

Para ele sair pela porta **da frente** teríamos de acabar com a festa, disse Farah.

FONSECA, Rubem. *A festa. A confraria dos espadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

No trecho, a locução “da frente” pode ser substituída pelo adjetivo simples “frontal”.

Embora nem sempre uma locução adjetiva possa ser substituída por um adjetivo, a maioria delas tem um adjetivo correspondente.

Há, ainda, locuções adjetivas que correspondem a adjetivos eruditos — palavras formadas por radicais latinos em sua forma original. Por exemplo: a palavra *capillum*, do latim, formou o adjetivo erudito “capilar”, mas por via popular deu origem à palavra “cabelo”.

ADJETIVOS PÁTRIOS (OU GENTÍLICOS)

FLEXÕES

Como são classes morfológicas da categoria dos nomes, os adjetivos apresentam apenas flexões nominais, como gênero (feminino e masculino) e número (singular e plural). Apresentam, ainda, variação de grau (comparativo e superlativo).

Gênero

Quanto ao gênero, os adjetivos podem ser classificados como **uniformes** ou **biformes**:

Uniformes

São classificados como uniformes os adjetivos que apresentam a mesma forma tanto para o gênero feminino quanto para o masculino.

São uniformes, também, os adjetivos compostos em que o segundo elemento é um substantivo, ainda que o gênero do nome qualificado seja diferente do gênero do adjetivo.

Biformes

São classificados como biformes os adjetivos que apresentam uma forma para o gênero feminino e outra forma para o gênero masculino.

Se o adjetivo for composto e formado por dois adjetivos, somente o segundo elemento varia em gênero.

Número

O adjetivo pode concordar em número com o substantivo a que está relacionado, conforme sua estrutura morfológica seja **simples** ou **composta**.

Adjetivo simples

O adjetivo de estrutura simples concorda com o substantivo a que se refere.

Adjetivo composto

Caso o adjetivo tenha estrutura composta, concorda com o substantivo a que se refere apenas o último elemento da composição.

O GRAU DOS ADJETIVOS

Quando se deseja comparar ou intensificar a característica atribuída por um adjetivo, ocorre variação em grau da palavra qualificadora. Assim, há dois graus de adjetivo: o **comparativo** e o **superlativo**.

Grau comparativo

Ocorre variação de grau comparativo quando se compara a mesma característica atribuída a dois ou mais seres ou, de modo oposto, duas ou mais características atribuídas ao mesmo ser. Dessa maneira, são estabelecidas gradações de:

Igualdade

Há gradação do adjetivo em igualdade quando a ocorrência de uma característica em um ser é comparada para descrever a mesma ocorrência em outro ser, ou para descrever que um mesmo ser ter a mesma característica ou mais em igual intensidade.

Superioridade

Há gradação do adjetivo em superioridade quan-

do a ocorrência de uma característica em um ser é descrita para comparar a maior intensidade de ocorrência dessa característica em relação a outro ser, ou para descrever que certa característica ocorre com mais intensidade em comparação com outra(s) característica(s) do mesmo ser.

Inferioridade

Há gradação do adjetivo em inferioridade quando a ocorrência de uma característica em um ser é descrita para comparar a menor intensidade de ocorrência dessa característica em relação a outro ser, ou para descrever que certa característica ocorre com menos intensidade em comparação com outra(s) característica(s) do mesmo ser.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

Substantivos

Definição:

todas as palavras que nomeiam seres, objetos, fenômenos, qualidades, lugares, entre outros, são chamadas de substantivos.

São classificados em:

próprios, comuns, simples, compostos, concretos, abstratos, coletivos, primitivos, derivados..

Os substantivos podem ser flexionados em:

número, gênero e grau.

Podem exercer funções morfossintáticas de:

núcleo do sujeito, núcleo do objeto direto, núcleo do objeto indireto, adjunto adnominal, adjunto adverbial, vocativo, aposto, complemento nominal, predicativo do sujeito e núcleo do agente da passiva.

ROTEIRO DE AULA

ADJETIVO

Adjetivo substantivo

Em alguns casos, o adjetivo pode exercer a função de um substantivo, se estiver referenciando ou qualificando um ser.

Adjetivos na publicidade

Os adjetivos são muito utilizados em textos descritivos, como os publicitários, dada a sua função caracterizadora.

Adjetivos primitivos

São classificados como primitivos os adjetivos a que não foram adicionados afixos derivacionais, como prefixos e sufixos, o que indica que não derivam de outras palavras.

Adjetivos derivados primitivos

São classificados como derivados os adjetivos a que foram adicionados afixos derivacionais, como prefixos e sufixos, o que indica que derivam de outras palavras.

Adjetivos simples

São classificados como simples os adjetivos formados apenas por um radical, em que se tem apenas uma palavra.

ROTEIRO DE AULA

Adjetivos compostos

São classificados como compostos os adjetivos formados por mais de um radical, havendo, entretanto, apenas uma palavra.

Adjetivos explicativos

São classificados como explicativos os adjetivos que esclarecem o sentido dos substantivos, atribuindo-lhes características que lhes são próprias, entendidas como essenciais do ser, mesmo que apenas poeticamente.

Adjetivos restritivos

São classificados como restritivos os adjetivos que limitam, restringem o significado de um substantivo ou pronome ao qualificá-lo com uma característica que não lhe é própria, que não é considerada inerente ao ser qualificado.

Locução adjetiva

Locução adjetiva é a combinação de duas ou mais palavras, formando uma expressão com valor de adjetivo. A maioria das locuções adjetivas é formada por uma preposição mais um substantivo. Contudo, as locuções adjetivas também podem ser formadas por uma preposição mais um advérbio. Embora nem sempre uma locução adjetiva possa ser substituída por um adjetivo, a maioria delas tem um adjetivo correspondente.

Adjetivos pátrios (ou gentílicos)

Adjetivos pátrios (ou gentílicos) qualificam os seres de acordo com o local em que nasceram, habitam ou de onde procedem, relacionando-os com a província, povoado, cidade, estado, região, país, continente em questão.

ROTEIRO DE AULA

Flexão de gênero

Quanto ao gênero, os adjetivos podem ser classificados como uniformes ou biformes. São classificados como uniformes os adjetivos que apresentam a mesma forma tanto para o gênero feminino quanto para o masculino. São classificados biformes o adjetivo que apresenta uma forma para o gênero feminino e outra forma para o gênero masculino.

Flexão de número

O adjetivo pode concordar em número com o substantivo a que está relacionado, conforme sua estrutura morfológica seja simples ou composta. O adjetivo de estrutura simples concorda com o substantivo a que se refere. Caso o adjetivo tenha estrutura composta, concorda com o substantivo a que se refere apenas o último elemento da composição.

O grau dos adjetivos

Quando se deseja comparar ou intensificar a característica atribuída por um adjetivo, ocorre variação em grau da palavra qualificadora. Assim, há dois graus de adjetivo: o comparativo, que pode ser de igualdade, superioridade ou inferioridade, e o superlativo, que pode ser relativo – de superioridade ou inferioridade – ou absoluto – sintético ou analítico.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Metodista-SP – Assinale a alternativa em que há um substantivo cuja mudança de gênero não altera o significado.

- a) cabeça, cisma, capital
- b) águia, rádio, crisma
- c) cura, grama, cisma
- d) lama, coral, moral
- e) agente, praça, lama**

As demais alternativas contêm mudança de significado ao alterar o gênero, por exemplo: a cabeça (membro do corpo), o cabeça (menção ao líder); a capital (referência de cidade dentro de um estado), o capital (referência a base do sistema capitalista).

2. Metodista-SP – Indique o período que não contém um substantivo no grau diminutivo.

- a) Todas as moléculas foram conservadas com as propriedades particulares, independentemente da atuação do cientista.
- b) O ar senhoril daquele homúnculo transformou-o no centro de atenções na tumultuada assembleia.
- c) Através da vitrina da loja, a pequena observava curiosamente os objetos decorados expostos à venda, por preço bem baratinho.**
- d) De momento a momento, surgiam curiosas sombras e vultos apressados na silenciosa viela.
- e) Enquanto distraía as crianças, a professora tocava flautim, improvisando cantigas alegres e suaves.

A palavra "baratinho" é um adjetivo e não um substantivo.

3. FMU-FIAM-SP – Indique a alternativa em que só aparecem substantivos abstratos.

- a) tempo, angústia, saudade, ausência, esperança, imagem
- b) angústia, sorriso, luz, ausência, esperança, inimizade
- c) inimigo, luto, luz, esperança, espaço, tempo
- d) angústia, saudade, ausência, esperança, inimizade**
- e) espaço, olhos, luz, lábios, ausência, esperança, angústia

Palavras como imagem, sorriso, luz, inimigo, olhos e lábios são substantivos concretos, isto é, materializados.

4. Faap-SP – Acentuadíssimas - adjetivo "acentuadas" está flexionado no grau:

- a) comparativo de superioridade
- b) comparativo de igualdade
- c) superlativo relativo de superioridade
- d) superlativo absoluto sintético**
- e) superlativo absoluto relativo

O sufixo "-íssimas" é típico do superlativo absoluto sintético; ele é adicionado a um adjetivo sem vogal final, caso tenha (neste caso, acentuad + íssimas).

5. Univ. Metodista-SP – A palavra cearense é:

- a) substantivo gentílico
- d) adjetivo pátrio**
- b) adjetivo biforme
- e) adjetivo superlativo
- c) substantivo pátrio

A palavra cearense é um adjetivo pátrio porque se refere ao estado do Ceará como local de origem de alguém.

6. Vunesp

C8 – H27

Os pais de Luís eram pessoas simples, todavia ele era feliz e sempre foi capaz de vencer obstáculos, pois além de inteligente era muito audaz.

Em relação aos adjetivos que aparecem no texto acima, é correto dizer:

- a) o primeiro é uniforme quanto ao gênero e ao número; os demais são uniformes quanto ao número e biformes quanto ao gênero.
- b) com exceção do primeiro, são todos uniformes quanto ao gênero e biformes quanto ao número.**
- c) são todos uniformes quanto ao gênero e ao número.
- d) com exceção do primeiro, todos são biformes quanto ao gênero e ao número.
- e) com exceção do primeiro, são todos uniformes quanto ao gênero e ao número.

Com exceção de "simples" todos os outros adjetivos (feliz, capaz, inteligente, audaz) são iguais no feminino e no masculino e têm plural e singular diferentes.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unimep-SP – O adjetivo está mal flexionado em grau em:

- a) livre: libérrimo
- d) triste: tristíssimo
- b) magro: macérrimo
- e) fácil: fácilimo
- c) doce: docilimo

8. UCMG – O adjetivo é suficiente para definir o gênero do substantivo em:

- a) antevisão difícil
- d) puro romance
- b) forma livre
- e) romance usual
- c) gente grave

9. Vunesp-SP – Identique a alternativa na qual os dois substantivos estão corretamente flexionados no plural:

- a) o cidadão - os cidadãos / o cartão-postal - os cartões-postal
- b) o tico-tico - os tico-tico / o melão - os melões
- c) o cônsul - os cônsules / o navio-escola - os navios-escola

d) o acórdão - os acórdões / o decreto-lei - os decretos-lei

e) o alto-relevo - os altos-relevos / o capelão - os capelães

10. Metodista-SP – Numere a segunda coluna de acordo com o significado das expressões da primeira coluna e assinale a alternativa que contém os algarismos na sequência correta.

- | | |
|------------------------|--------------|
| (1) óleo santo | () a moral |
| (2) a relva | () a crisma |
| (3) um sacramento | () o moral |
| (4) a ética | () o crisma |
| (5) a unidade de massa | () a grama |
| (6) o ânimo | () o grama |

a) 6, 1, 4, 3, 5, 2

d) 4, 3, 6, 1, 2, 5

b) 6, 3, 4, 1, 2, 5

e) 6, 1, 4, 3, 2, 5

c) 4, 1, 6, 3, 5, 2

11. CFG/IME-RJ – Aponte a alternativa em que nem todas as palavras apresentem sufixo de grau diminutivo:

- a) poemeto, maleta
- b) rapazola, bandeirola
- c) viela, ruela
- d) lugarejo, vilarejo
- e) menininho, carinho

12. UnB-DF (adaptada) – Relacione as listas.

- | | |
|-------------------------|--------------|
| (1) água | () pluvial |
| (2) chuva | () ebúrneo |
| (3) gato | () felino |
| (4) marfim | () aquilino |
| (5) prata | () argênteo |
| (6) rio | |
| (7) não consta da lista | |

A sequência correta é:

- a) 7, 7, 3, 1, 7
- b) 6, 3, 7, 1, 4
- c) 2, 4, 3, 7, 5
- d) 2, 4, 7, 1, 7

13. ITA-SP – Os superlativos absolutos sintéticos de: comum, soberbo, fiel, miúdo são, respectivamente:

- a) comuníssimo, super, fielíssimo, minúsculo
- b) comuníssimo, sobérriimo, fidelíssimo, minúsculo
- c) comuníssimo, superbíssimo, fidelíssimo, minutíssimo
- d) comunérrimo, sobérriimo, fidelíssimo, miudérrimo
- e) comunérrimo, sobérriimo, fielíssimo, minutíssimo

14. FEI-SP – Siga o modelo:

Modificação da paisagem
Modificação paisagística.

- a) água da chuva

-
- b) exageros da paixão
-

- c) atitudes de criança
-

- d) soro contra veneno de serpente
-

15. UFPA – Há situações em que o adjetivo muda de sentido, caso seja colocado antes ou depois do substantivo. Observe:

Lá se vão os pobres meninos

Pelas ruas da cidade.

Meninos pobres,
pelas ruas da cidade rica.

Qual é o significado da primeira e da segunda ocorrência da palavra “pobres” no trecho acima?

- a) humildes/modestos
- b) mendigos/sem recursos
- c) dignos de pena/improdutivos
- d) dignos de compaixão/desprovidos de recursos
- e) ingênuos/sem posses

16. UPM-SP – Assinale a alternativa em que ambos os adjetivos não se flexionam em gênero.

- a) elemento motor, tratamento médico-dentário
- b) esforço vão, passeio matinal
- c) juiz arrogante, sentimento fraterno
- d) cientista hindu, homem célebre
- e) costume andaluz, manual lúdico-instrutivo

17. UNEP-PR – Em “A torre é **muito alta**”, a expressão destacada é:

- a) superlativo relativo de superioridade
- b) superlativo absoluto sintético
- c) comparativo de superioridade
- d) superlativo absoluto analítico
- e) comparativo relativo

ESTUDO PARA O ENEM

18. Sistema Dom Bosco –

C8-H27

Entre as frases abaixo, assinale aquela em que há, de fato, flexão de grau do substantivo.

- a) O advogado deu-me seu cartão.
- b) Deparei-me com um portão, imenso e suntuoso.
- c) Moravam num casebre, à beira do rio.
- d) A abelha, ao picar a vítima, perde seu ferrão.
- e) A professora distribuiu as cartilhas a todos os alunos

19. FGV-SP

C8 – H27

Aponte a alternativa que traga os superlativos absolutos sintéticos de acordo com a norma culta.

- a) celebésimo, crudelíssimo, dulcíssimo, nigérrimo, nobérrimo

- b) celebérrimo, crudelíssimo, dulcíssimo, nigérrimo, nobilíssimo
- c) celebríssimo, cruelérrimo, dulcésimo, negérrimo, nobérrimo
- d) celebríssimo, crudelérrimo, dulcíssimo, negérrimo, nobérrimo

20. UFU-MG

C8 – H27

Na sentença “Há frases que contêm mais beleza do que verdade”, temos grau:

- a) comparativo de superioridade
- b) superlativo absoluto sintético
- c) comparativo de igualdade
- d) superlativo relativo
- e) superlativo por meio de acréscimo de sufixo

ARTIGO, NUMERAL E PRONOMES PESSOAIS

8

ARTIGO

É a palavra que precede o substantivo e lhe indica o gênero e o número, estabelecendo também sua determinação ou indeterminação.

São artigos: **o, a, os, as, um, uns, uma, umas.**

Exemplos:

- **O** vestido.
- **A** pessoa.
- **Um** leopardo.
- **Uma** viagem.
- **Uns** amigos.
- **Umas** flores.

CLASSIFICAÇÃO DOS ARTIGOS

Artigo definido

É o artigo que determina claramente o substantivo que acompanha. Ou seja, ele particulariza um nome, especificando-o de forma precisa. Temos como artigos definidos: **a, o, as, os.**

Exemplos:

- **O** planeta Marte.
- **A** Estrela d'Alva.
- Apoiou **os** meninos.
- **As** borboletas-azuis.

Note, nesses exemplos, que os artigos grifados *definem* de que planeta, estrela, meninos e borboletas se fala. Assim, são artigos *definidos*.

Artigo indefinido

O artigo indefinido é generalizante, ou seja, ele acompanha um substantivo sem particularizá-lo. Temos como artigos indefinidos: **um, uma, uns, umas.**

Exemplos:

- **Um** planeta.
- **Uma** estrela.
- **Uns** meninos.
- **Umas** borboletas.

Note que, nesses exemplos, foram usados os mesmos substantivos do exemplo anterior. Porém, agora *não se definiu* de que planeta, estrela, meninos e borboletas se fala, pode ser qualquer um entre eles. Sabemos disso porque foram usados artigos *indefinidos*.

É comum o uso do artigo indefinido antes de um numeral para expressar aproximação.

Exemplos:

- A reunião durou **umas** duas horas.
- O custo total da reforma seria de **uns** 5 mil.

- Definição
- Estrutura
- Formação
- Flexão
- Pronomes pessoais

HABILIDADES

- Compreender o conceito de artigo e de numeral.
- Reconhecer artigos e numerais nas frases.
- Compreender os tipos de artigos e numerais.
- Identificar aspectos morfosintáticos e semânticos nos usos da língua.
- Reconhecer o efeito de sentido decorrente da exploração de recursos morfossintáticos.
- Demonstrar o domínio da linguagem em situações de interação social e exercício da cidadania.
- Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

Forma simples e forma contraída

Os artigos, tanto definidos quanto indefinidos, podem ser empregados de forma **simples** (pura), ou **contraída** (contracta); nesta última forma, se trata de artigos combinados com uma preposição.

Na forma simples, o artigo precede o substantivo sem se ligar a uma preposição.

Exemplos:

- Joana nunca leu **o** livro!
- Joana nunca leu **um** livro!

Agora, observe o uso dos artigos combinados com preposições, de forma contraída:

Exemplos:

- Ela leu só um capítulo **do** livro. (preposição **de** + artigo **o**).
- Paulo precisa **duma** música que goste para dançar. (preposição **de** + artigo **uma**).
- Referiu-se **aos** filhos **num** programa de televisão. (preposição **a** + artigo **os** / preposição **em** + artigo **um**).
- Minha amiga fez anotações **na** página final. (preposição **em** + artigo **a**).

As formas contraídas não devem ser usadas quando o artigo é parte de um sujeito com o verbo no infinitivo. Note, nas frases a seguir, que por esse motivo as preposições e os artigos estão separados.

Exemplos:

- Apesar **de o** professor explicar bem, alguns alunos não prestam atenção.
- Alguém bateu na porta depois **de a** reunião ter começado.

Do mesmo modo, deve-se evitar as contrações de preposição e artigo quando este integrar um título (de livro, filme, poema, revista etc.)

Exemplos:

- Meu avô ainda guarda exemplares **de** *O Cruzeiro*, uma revista antiga.
- Essa matéria foi publicada **em** *O Estado de São Paulo*.

NUMERAL

É a classe de palavras que *quantifica* os seres, denotando um número exato de coisas, seres ou conceitos, ou lhes *ordena*, indicando sua posição em uma determinada ordem ou sequência.

CLASSIFICAÇÃO DOS NUMERAIS

Os numerais classificam-se em cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

Cardinais

São os que esclarecem a quantidade, determinam o número de seres, como um, dois, três, cinquenta, cem, mil, milhão, bilhão etc.

Apesar de designarem quantidade precisa, é muito comum os cardinais aparecerem em hipérboles, exprimindo certo exagero na indeterminação.

Exemplos:

- Já te expliquei **um milhão** de vezes!
- Depois daquela leitura, brotaram ideias **mil** para o meu projeto.

A conjunção **e** deve ser intercalada entre as unidades, as dezenas e as centenas. Porém, não a empregamos entre o milhar e a centena.

Exemplos:

- Trinta **e** sete (37)
- Quatrocentos **e** trinta (430)
- Mil trezentos e vinte e dois (1 322)

O termo “ambos” substitui “os dois” (artigo os + cardinal). Podem, ainda, ser usadas as duas formas em situações de recurso enfático: ambos os dois.

Exemplos:

- **Ambas** as convidadas chegaram no horário marcado.
- **Ambos** os dois me trouxeram presentes!

Ordinais

São os que indicam a ordem dos seres em uma sequência, como primeiro, segundo, décimo sétimo, quinquagésimo, milésimo etc.

Os ordinais são utilizados para designar imperadores, séculos, reis, papas e partes de uma obra apenas até o décimo. A partir daí, utiliza-se os cardinais. Observe que na escrita se usa números romanos, mas na leitura os ordinais.

Exemplos:

- Papa João Paulo II (**segundo**)
- D. João VI (**sexto**)
- Tomo VIII (**oitavo**)
- Século XX (**vinte**)

Empregamos os ordinais para designar portarias, decretos e leis até o nono; mas, na sequência, usamos os cardinais.

Exemplos:

- Artigo 1º (**primeiro**)
- Artigo 9º (**nono**)
- Decreto 13 (**treze**)

Algumas vezes se utiliza o latinismo primo(a) em lugar de primeiro(a).

Exemplos:

- Número **primo**.
- Matéria-**prima**.
- Obra-**prima**.
- De **prima** (de primeira).

Frequentemente os ordinais são, por derivação imprópria, empregados como adjetivos e denotam qualidade em vez de ordem, precedidos da preposição “de”

- Assisti a um filme **de primeira**.
- Isso é carne **de segunda!**

Multiplicativos

São os que indicam aumentos proporcionais de quantidade, números múltiplos de outros, multiplicação, como dobro, duplo, triplo, tríplice, quádruplo, quíntuplo, décuplo, cêntuplo.

Fracionários

São os que indicam uma divisão, um fracionamento, a diminuição proporcional da quantidade de algo, como em metade, dois terços, um quinto, três décimos, vinte avos etc.

FLEXÕES

Cardinais

Variam em gênero, como *um/uma; dois/duas*; centenas a partir de duzentos (*duzentos/duzentas*).

A palavra **ambos**, que substitui *os dois* (cardinal), também varia em gênero, como *ambos/ambas*.

Variam em número, como milhão/milhões; bilhão/bilhões; trilhão/trilhões.

Os demais cardinais são invariáveis.

Ordinais

Todos os números ordinais variam em gênero e número, como em *primeiro/primeira; vigésimo/vigésima; centésimo/centésima*.

Multiplicativos

Os números multiplicativos são invariáveis quando equivalem a substantivos.

Exemplos:

- Tenho **o dobro** da sua idade e **o dobro** do seu tamanho.

Sofrem flexão de gênero e número quando usados como adjetivos:

Exemplos:

- Pediu uma **dose dupla** de uísque.

Fracionários

Os cardinais são flexionados de acordo com a flexão do numeral de sua fração:

Exemplos:

- Um **quinto**.
- Dois **quintos**.
- Quatro **oitavos**.

Meio concorda em gênero com o designativo da quantidade de que é fração:

Exemplos:

- Uma quadra e **meia**.
- Dois capítulos e **meio**.

PRONOME

É a palavra que se usa para substituir um nome (substantivo), a ele se referir ou, ainda, acompanhá-lo.

Os pronomes costumam ser usados como conectivos entre frases, sendo por isso importantes para a coesão textual. Como exemplo, veja este caso em que o pronome faz referência, na segunda frase, aos nomes da frase anterior, substituindo-os:

Joana e Bárbara foram a Paris juntas. Elas se divertiram muito, claro!

Alguns dos pronomes estão diretamente ligados às pessoas do discurso: são eles os **pronomes pessoais**.

PRONOMES PESSOAIS

São os que designam as três pessoas gramaticais — 1ª, 2ª e 3ª pessoas —, também chamadas de pessoas do discurso porque nele indicam:

- quem fala: *eu* (singular); *nós* (plural)
- com quem se fala: *tu* (singular); *vós* (plural)
- de quem se fala: *ele/ela* (singular); *eles/elas* (plural)

Os pronomes se dividem em **retos** e **oblíquos**, conforme sua função na oração.

Pronomes pessoais do caso reto

São os que têm, essencialmente, a função de sujeito nas frases. Porém, eles também podem ser empregados como predicativo do sujeito ou como vocativo.

Exemplos:

Eles vieram de longe para a festa. (sujeito)

Desde ontem (eu) não sou mais **eu** mesma. (predicativo do sujeito)

Ó **tu**, que não me ouves! (vocativo)

Pronomes pessoais do caso oblíquo

Em geral, são empregados como complementos verbais, ou seja, objeto direto ou indireto. Exercem também outras funções, exceto a de sujeito, e podem ser **átomos** ou **tônicos**, conforme a acentuação. Observe-os no quadro a seguir.

		Pronomes pessoais retos	Pronomes pessoais oblíquos	
			Átonos	Tônicos
Singular	1ª pessoa	eu	me	mim, comigo
	2ª pessoa	tu	te	ti, contigo
	3ª pessoa	ele, ela	se, o, a, lhe	ele, ela, si, consigo
Plural	1ª pessoa	nós	nos	conosco
	2ª pessoa	vós	vos	convosco
	3ª pessoa	eles, elas	se, os, as, lhes	eles, elas, si, consigo

PRONOMES DE TRATAMENTO

A pessoa do discurso com quem se fala (2ª pessoa – tu, vós) também pode ser expressa pelo que chamamos de **pronomes de tratamento**: você, senhor, Vossa Excelência, Vossa Senhoria, entre outras formas correlatas.

Embora correspondam à 2ª pessoa, esses pronomes levam o verbo que os acompanha para a 3ª pessoa:

Onde **você vai**?

Vossa Santidade pode **me abençoar**?

Quando falamos diretamente com a pessoa, usamos o pronome de tratamento na forma **Vossa**, mas, se nos referimos à pessoa, usamos a forma **Sua**:

Vossa Alteza já se pronunciou?

(Assim falamos com o príncipe.)

Sabes se Sua Alteza já chegou?

(Assim nos referimos ao príncipe.)

ROTEIRO DE AULA

Artigo e numeral

Artigo

É a palavra que precede o substantivo e lhe indica o gênero e o número, estabelecendo também sua determinação ou indeterminação.

São artigos: o, a, os, as, um, uns, uma, umas.

São classificados em

Definido, indefinido, forma simples e forma contraída.

Numeral

É a classe de palavras que quantifica os seres, denotando um número exato de coisas, seres ou conceitos, ou lhes ordena, indicando sua posição em uma determinada ordem ou sequência.

São classificados em

Cardinais, ordinais, multiplicativos e fracionários.

ROTEIRO DE AULA

Pronomes pessoais

Pronomes são:

palavras usadas para substituir um nome (substantivo), a ele se referir ou, ainda, acompanhá-lo.

Pronomes pessoais são:

os que designam as três pessoas gramaticais — 1ª, 2ª e 3ª pessoas.

Pronomes pessoais do caso reto são:

os que têm, essencialmente, a função de sujeito nas frases. Porém, eles também podem ser empregados como predicativo do sujeito ou como vocativo.

Pronomes pessoais do caso oblíquo são:

empregados como complementos verbais, ou seja, objeto direto ou indireto. Exercem também outras funções, exceto a de sujeito, e podem ser átonos ou tônicos, conforme a acentuação.

De acordo com a posição, a colocação dos pronomes oblíquos átonos é classificada como:

próclise, mesóclise ou ênclise.

Pronomes pessoais do caso oblíquo são:

aqueles que indicam a pessoa do discurso com quem se fala.

O pronome de tratamento *vossa*:

é usado quando se fala diretamente com a 2ª pessoa da enunciação.

O pronome de tratamento *sua*:

é usado quando a pessoa a quem o pronome de tratamento faz referência é assunto da enunciação.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UFPI – Aponte a alternativa em que os numerais estão bem empregados.

- a) Ao papa Paulo Seis sucedeu João Paulo Primeiro.
- b) Após o parágrafo nono virá o parágrafo décimo.
- c) Depois do capítulo sexto, li o capítulo décimo primeiro.
- d) Antes do artigo dez vem o artigo nono.
- e) O artigo vigésimo segundo foi revogado.

Para designar portarias, decretos e leis, empregamos número ordinal até o nono e, a partir do dez, número cardinal.

2. FCM-MG (Adaptado) – Para responder à questão, leia o texto a seguir.

O compromisso com a educação integral

A sociedade contemporânea impõe um olhar inovador e inclusivo a questões centrais do processo educativo: o que aprender, para que aprender, como ensinar, como promover redes de aprendizagem colaborativa e como avaliar o aprendizado.

No novo cenário mundial, reconhecer-se em seu contexto histórico e cultural, comunicar-se, ser criativo, analítico-crítico, participativo, aberto ao novo, colaborativo, resiliente, produtivo e responsável requer muito mais do que o acúmulo de informações. Requer o desenvolvimento de competências para aprender a aprender, saber lidar com a informação cada vez mais disponível, atuar com discernimento e responsabilidade nos contextos das culturas digitais, aplicar conhecimentos para resolver problemas, ter autonomia para tomar decisões, ser proativo para identificar os dados de uma situação e buscar soluções, conviver e aprender com as diferenças e as diversidades.

Nesse contexto, a BNCC afirma, de maneira explícita, o seu compromisso com a educação integral. Reconhece, assim, que a Educação Básica deve visar à formação e ao desenvolvimento humano global, o que implica compreender a complexidade e a não linearidade desse desenvolvimento, rompendo com visões reducionistas que privilegiam ou a dimensão intelectual (cognitiva) ou a dimensão afetiva. Significa, ainda, assumir uma visão plural, singular e integral da criança, do adolescente, do jovem e do adulto – considerando-os como sujeitos de aprendizagem – e promover uma educação voltada ao seu acolhimento, reconhecimento e desenvolvimento pleno, nas suas singularidades e diversidades. Além disso, a escola, como espaço de aprendizagem e de democracia inclusiva, deve se fortalecer na prática coercitiva de não discriminação, não preconceito e respeito às diferenças e diversidades.

Independentemente da duração da jornada escolar, o conceito de educação integral com o qual a BNCC está comprometida se refere à construção intencional de processos educativos que promovam aprendizagens sintonizadas com as necessidades, as possibilidades e os interesses dos estudantes e, também, com os desafios da sociedade contemporânea. Isso supõe considerar as diferentes infâncias e juventudes, as diversas culturas juvenis e seu potencial de criar novas formas de existir.

Assim, a BNCC propõe a superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento, o estímulo à sua aplicação na vida real, a importância do contexto para dar

sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem e na construção de seu projeto de vida.

BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular: Ensino Médio*. Terceira versão. Brasília: ME, 2017. p. 312. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: set. 2018.

Na frase do texto “a importância do contexto para dar sentido ao que se aprende e o protagonismo do estudante em sua aprendizagem”, o uso do artigo definido em “do estudante” pode se justificar porque

- a) determina um estudante em particular.
- b) restringe uma categoria específica.
- c) generaliza uma classe social.
- d) vulgariza o grupo por sua relevância.
- e) refere-se a estudantes com perfil de protagonismo.

A expressão “do estudante” faz referência aos estudantes de modo geral.

3. UFRJ

Na verdade, à primeira vista, seu aspecto era de um velho como tantos outros, de idade indefinida, rugas, cabelos brancos, uma barba que lhe dará um vago ar de sabedoria e respeitabilidade. Mas uma certa agilidade e o porte ereto darão a impressão de que, apesar da aparência de velho, o viajante guardará o vigor da juventude. E os olhos... ah, o brilho dos olhos será absolutamente sem idade, um brilho deslumbrado como o de um bebê, curioso como o de um menino, desafiador como o de um jovem, sábio como o de um homem maduro, maroto como o de um velhinho bem-humorado que conseguisse somar tudo isso.

MACHADO, Ana Maria. *O canto da praça*. Rio de Janeiro: Salamandra, 1986.

Confronte os trechos destacados nos trechos A e B:

A “apesar da aparência DE VELHO”

B “seu aspecto era DE UM VELHO COMO TANTOS OUTROS” “maroto como o DE UM VELHINHO BEM-HUMORADO”

- a) Como se justifica a ausência de artigo no trecho destacado no trecho A?

A ausência do artigo generaliza a palavra ‘velho’.

- b) No trecho B, o artigo indefinido tem seu sentido reiterado em um dos dois trechos destacados. Que recurso linguístico é responsável por essa reiteração? Explique sua resposta.

O artigo indefinido UM denota ideia de que se trata de um velho qual-

quer, não particularizado. A expressão COMO TANTOS OUTROS faz o

mesmo, criando assim um efeito enfático, pleonástico.

4. UFPR – Complete com os pronomes e indique a opção correta, dentre as indicadas abaixo:

1. De repente, deu-lhe um livro para ler.
2. De repente, deu um livro para
3. Nada mais há entre e você.
4. Sempre houve entendimentos entre e ti.

5. José, espere vou

- a) ele, mim, eu, eu, consigo
- b) ela, eu, mim, eu, contigo
- c) ela, mim, mim, mim, com você**
- d) ela, mim, eu, eu, consigo
- e) ela, mim, eu, mim, contigo

A alternativa **c** está correta porque: em 1, o pronome pessoal do caso reto é usado antes de infinitivo; em 2, 3 e 4, justifica-se o uso do pronome oblíquo pela presença de preposição a antecedê-lo; em 5 a forma "com você" está correta porque o imperativo "espere" está em 3ª pessoa, impedindo o uso da forma "contigo", usada para 2ª pessoa (com esta o imperativo seria "espere").

5. UFV-MG – Das alternativas abaixo, apenas uma preenche de modo correto as lacunas das frases. Assinale-a.

Quando saíres, avisa-nos que iremos _____ .

Meu pai deu um livro para _____ ler.

Não se ponha entre _____ e ela.

Mandou um recado para você e para _____ .

- a) contigo, eu, eu, eu
- b) com você, mim, mim, mim
- c) consigo, mim, mim, eu
- d) consigo, eu, mim, mim
- e) contigo, eu, mim, mim**

Na conjugação de verbos, usa-se pronome pessoal do caso reto ("para eu ler").

Depois de preposição, usa-se pronomes pessoais do caso oblíquo. ("entre mim e ela" e "para você e para mim").

6. UFRJ

C8-H27

Numa das frases, está usado indevidamente um pronome de tratamento. Assinale-a:

- a) Os Reitores das Universidades recebem o título de Vossa Magnificência.
- b) Sua Excelência, o Senhor Ministro, não compareceu à reunião.
- c) Senhor Deputado, peço a Vossa Excelência que conclua a sua oração.**
- d) Sua Eminência, o Papa Paulo VI, assistiu à solenidade.
- e) Procurei o chefe da repartição, mas Sua Senhoria se recusou a ouvir as minhas explicações.

O pronome de tratamento utilizado para o Papa é Vossa Santidade.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. PUC-SP – Os ordinais referentes aos números 80, 300, 700 e 90 são respectivamente:

- a) octagésimo, trecentésimo, septingentésimo, nongentésimo
- b) octogésimo, trecentésimo, septingentésimo, nonagésimo
- c) octingentésimo, tricentésimo, septuagésimo, nonagésimo
- d) octagésimo, tricentésimo, septuagésimo, nongentésimo
- e) N.D.R.

8. Fuvest-SP

Ele é o homem,
eu sou apenas
uma mulher.

Nesses versos, reforça-se a oposição entre os termos "homem" e "mulher".

- a) Identifique os recursos linguísticos utilizados para provocar esse reforço.

- b) Explique por que esses recursos causam tal efeito.

9. Univ. Metodista – Em qual das alternativas o artigo definido corresponderia a todos os substantivos?

- a) () sócia, doente, lança-perfume
- b) () dó, telefonema, diabete
- c) () clã, eclipse, pijama
- d) () cal, eclipse, dinamite
- e) () champanha, criança, estudante

10. Fasp-SP – Ele obteve o... (123º) lugar.

- a) centésimo vigésimo terceiro
- b) centésimo trigésimo terceiro
- c) cento e vinte trigésimo
- d) cento e vigésimo terceiro

- 11. ITA-SP** – Assinale o que estiver correto.
- a) Seiscentismo se refere ao século XVI.
 - b) O algarismo romano da frase anterior se lê “décimo sexto.”
 - c) Duodécuplo significa duas vezes; dodécuplo, doze vezes.
 - d) Ambos os dois é forma enfática correta.
 - e) Quadragésimo, quarentena, quadragésima, quaresma só aparentemente se referem a quarenta.

- 12. FMU-SP** – Triplo e tríplice são numerais:
- a) ordinal do primeiro e multiplicativo o segundo.
 - b) ambos ordinais.
 - c) ambos cardinais.
 - d) ambos multiplicativos.
 - e) multiplicativo o primeiro e ordinal o segundo.

- 13. Fecap-SP** – Assinale a frase gramaticalmente correta:
- a) Quando recebe-o em minha casa, fico feliz.
 - b) Tudo fez-se como você mandou.
 - c) Por este processo, teriam-se obtido melhores resultados.
 - d) Em se tratando disto, podemos contar com ele.
 - e) Me levantei assim que você saiu.

- 14. UNB-DF** – Assinale a melhor resposta - O resultado das combinações: “põe + o”, “reténs + as”, “deduz + a”, é:
- a) põe-lo, reténs-la, dedu-la
 - b) põe-no, retém-nas, dedu-la

- c) põe-lo, retém-las, deduz-la
- d) põe-no, retém-las, dedu-la
- e) põe-lo, retém-las, dedu-la

- 15. UFPR** – Aponte a alternativa que contém o período correto quanto à colocação do pronome pessoal:
- a) Se encontrá-lo, não lhe diga que viu-me.
 - b) Se o encontrar, não lhe diga que viu-me.
 - c) Se encontrá-lo, não diga-lhe que me viu.
 - d) Se o encontrar, não diga-lhe que me viu.
 - e) Se o encontrar, não lhe diga que me viu.

- 16. UEL-PR** – Admirou-me a despesa por que não que o presente tão caro.
- a) me havias dito - iria custar-te
 - b) havias-me dito - iria te custar
 - c) me havias dito - iria-te custar
 - d) havias me dito - te iria custar
 - e) havias me dito - iria-te custar

- 17. PUC-RS** – Complete convenientemente as lacunas: Logo que,,, cientes de que não
- a) os vir - os farei - os poderemos contratar
 - b) os ver - fá-los-ei - poderemo-los contratar
 - c) vê-los - fá-los-ei - podemos contratá-los
 - d) os vir - fá-los-ei - podemos contratá-los
 - e) os ver - far-lhes-ei - poderemos contratá-los

ESTUDO PARA O ENEM

- 18. Unifesp** C8-H27
- “E correr uns bons 20 km!” - o termo “uns” assume valor de
- a) posse.
 - b) exatidão.
 - c) definição.
 - d) especificação.
 - e) aproximação.

- 19. Esam-SP** C8-H27
- Em qual dos casos o artigo denota familiaridade?
- a) O Amazonas é um rio imenso.

- b) D. Manoel, o Venturoso, era bastante esperto.
- c) O Antônio comunicou-se com o João.
- d) O professor João Ribeiro está doente.
- e) Os Lusíadas são um poema épico.

- 20. Fatec-SP** C8-H27
- O pronome pessoal oblíquo átono está bem colocado em:
- a) Certos pormenores não te interessam.
 - b) Queremos que todos sintam-se felizes.
 - c) Me empresta o lápis?
 - d) As cartas que enviaram-nos serão respondidas brevemente.
 - e) Não contar-te-ei a última novidade.

9

PRONOMES ADJUNTOS E RELATIVOS E ESTRUTURA VERBAL

- Pronomes relativos
- Pronomes adjuntos
- Pronomes possessivos
- Pronomes demonstrativos
- Pronomes indefinidos
- Pronomes interrogativos
- Verbo
- Estrutura das formas verbais

HABILIDADES

- Distinguir a presença de características semânticas, morfológicas e sintáticas presentes nas mais variadas aplicações da língua portuguesa.
- Diferenciar as diversas possibilidades de significado de acordo com o emprego dos variados recursos morfológicos e sintáticos.
- Apresentar o domínio da linguagem nas situações que demandam interação social e requerem o exercício da cidadania.
- Compreender a definição morfológica do verbo, permitindo sua identificação e correta aplicação na língua falada e escrita.
- Reconhecer as partes que constituem a estrutura verbal, garantindo o uso da norma-padrão da língua portuguesa.
- Diferenciar as formas verbais rítmicas das arítmicas, juntamente com os demais elementos que compõem estrutura verbal.

OS PRONOMES

Os pronomes podem ser analisados sob o ponto de vista **semântico**, **morfológico** e **sintático**.

Semanticamente, pronomes são palavras cujo significado só pode ser encontrado dentro de uma determinada língua, designando um ser ou um elemento, substituindo-lhes o nome.

*A professora percebeu que **todos** os alunos compreenderam bem a explicação.*

Morfologicamente, pronomes são uma classe que pode, ou não, ser flexionada em gênero e número.

Singular	Plural
noSS-o	noSS-o-s
Feminino	Masculino
aquel-a	aquel-e

Sintaticamente, pronomes podem ser analisados como núcleo ou como adjunto. Neste momento, vamos nos deter nesse aspecto.

Quando o pronome ocupa o lugar do substantivo, exerce a função de **núcleo**.

*Só depois que **todos** se foram, pois não havia nada a fazer além de registrar queixa de desaparecimento, e a casa ficou em silêncio [...]*

ABREU, Fernando Caio. *Ovelhas negras*: de 1962 a 1995. Porto Alegre: L&PM, 2002.

Quando o pronome acompanha o substantivo, definindo-o, determinando semanticamente o núcleo nominal, exerce a função de **adjunto adnominal**.

*Somente em **algumas** raras ocasiões, a receptividade talvez não haja sido tão boa, como no caso do *meat loaf* à baiana, quando eu empreguei **alguns** condimentos na Bahia usados para dar **alguma** graça à papinha do bebê, mas aqui provavelmente mortíferos.*

RIBEIRO, João Ubaldino. *Um brasileiro em Berlim*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

Ao analisarmos um pronome, é necessário identificar uma diferenciação fundamental que o caracteriza: aquela entre o pronome núcleo e o pronome adjunto.

PRONOME NÚCLEO

Quando um pronome é empregado ocupando o lugar do substantivo, ele terá a função de **núcleo**, sendo classificado como pronome substantivo. Os pronomes pessoais e os relativos são considerados núcleos.

*As **nadadoras** fizeram uma boa prova final; **muitas** conquistaram medalhas em suas categorias.*

No exemplo acima, o pronome pessoal “muitas” substitui o substantivo “nadadoras”, tornando-se um pronome núcleo.

As **mulheres que** viajaram estão maravilhadas.

Neste segundo exemplo, o pronome relativo “que” refere-se ao substantivo “mulheres”, ocupando simultaneamente o núcleo da estrutura nominal.

PRONOME ADJUNTO

Se um pronome acompanha, modifica ou determina um substantivo, sem substituí-lo, ele se torna adjunto desse substantivo, atribuindo-lhe particularidades. Os pronomes **possessivos, demonstrativos, interrogativos e indefinidos** assumem essa função.

Meu irmão vai para um curso de férias.

O pronome possessivo adjunto “meu” determina o substantivo comum “irmão”.

Aquelas bicicletas são as mais velozes.

O pronome demonstrativo adjunto “aquelas” adjetiva “bicicletas”, determinando-as.

Algumas cores causam uma sensação de bem-estar.

“Algumas” é o pronome indefinido adjunto que define o substantivo “cores”.

PRONOMES RELATIVOS



Os pronomes relativos retomam, em uma oração subordinada, algum elemento da oração principal, ocupando, assim, o núcleo nominal.

Os pronomes relativos cumprem a função de pronome núcleo em uma oração subordinada, substituindo algum elemento da oração principal, como ocorre no período da charge “Eu adoraria saber quem sou na vida real...”, em que o pronome relativo “quem” retoma o pronome sujeito “Eu”.

TABELA DOS PRONOMES RELATIVOS

Variáveis			
Masculino		Feminino	
Singular	Plural	Singular	Plural
o qual	os quais	a qual	as quais
cujo	cujos	cuja	cujas
quanto	quantos	quanta	quantas

Invariáveis

que

quem

como

onde

quando

O USO DOS PRONOMES RELATIVOS

Que

É um dos pronomes mais recorrentes. Sua utilização é observada preferencialmente com as preposições **a, de, com, em e por**.

*Aquela é a mulher **que** venceu o torneio.*

*O conceito **a que** me refiro é “liberdade.”*

Apesar de sua concisão, há casos em que seu emprego pode gerar ambiguidade.

*O irmão daquela mulher, **que** conversou conosco nesta semana, está no Pantanal.*

Neste caso, seriam necessárias informações de contexto, a fim de que se possa definir se a conversa ocorreu com o irmão ou com a mulher.

O qual (e suas flexões)

Este pronome cumpre a mesma função que o pronome **que**, podendo ainda ser empregado nos casos em que o relativo **que** gera alguma imprecisão de sentido.

*Vou encaminhar a você o nome das músicas sobre **as quais** conversamos.*

*Este viaduto **sobre o qual** estamos passando foi reformado.*

Quem

O uso deste pronome é bastante específico, pois seu emprego retoma o antecedente que indica um indivíduo no período em questão.

*O garoto já era mais alto **que** seu pai, de **quem** herdara a estatura.*

*Aí está uma pessoa por **quem** sinto bastante respeito.*

Onde

Seu emprego, na linguagem formal, retoma um anteposto que indica lugar.

*A cidade **onde** crescemos já está bastante diferente.*

*O parque **onde** nos conhecemos foi reformado.*

O emprego do pronome **onde** deve ser evitado quando o referente não for propriamente um lugar.

*Era uma discussão **onde** não havia vencedor.

Era uma discussão em **que** não havia vencedor. (emprego preferencial do pronome regido pela preposição)

Como

É empregado como pronome relativo se for precedido pela palavra **modo** ou seus equivalentes.

*Gosto do jeito **como** me trata.*

*A forma **como** falou comigo foi impiedosa.*

Quando

Este pronome deve ser empregado para referir e também para retomar uma ideia de tempo, seja em dias, horas, anos etc.

*Em 2002, **quando** a seleção brasileira foi pentacampeã de futebol, ingressei na faculdade.*

Quanto (e suas flexões)

Este pronome funciona como relativo quando é locução com os pronomes indefinidos tudo, todo(a) ou tanto(a).

*Dormiu tantas horas **quantas** tinha disponíveis.*

*Escreveu tudo **quanto** lhe permitiram.*

Cujo

Este pronome indica uma relação de posse entre dois termos em uma oração, de modo que aquele que o antecede cumpre papel temático de possuidor em relação àquele que o sucede, sempre concordando com este termo, não sendo empregado artigo após o pronome relativo.

*Não consigo ministrar aulas em classes **cujos** alunos sejam desinteressados.*

*O escritor a **cujo** livro me refiro é o português José Saramago.*

PRONOMES ADJUNTOS

São classificados como adjuntos os pronomes que acompanham os substantivos, atribuindo-lhes qualidade, cumprindo função análoga à dos adjetivos, sendo também classificados como adjuntos adnominais. São semanticamente definidos como possessivos, demonstrativos, indefinidos e interrogativos.

PRONOMES POSSESSIVOS

Os pronomes possessivos são aqueles que indicam posse em relação às pessoas do discurso.

*Emprestei **meu** caderno. (1ª pessoa do singular)*

*Preciso de **tua** ajuda. (2ª pessoa do singular)*

*Ele trouxe **seus** livros. (3ª pessoa do plural)*

Além do uso demonstrado acima, os pronomes possessivos também são utilizados para fazer referência a determinados elementos da 3ª pessoa do texto, como no exemplo:

A **diretoria** tem **seus** problemas. (utilização como referencial)

	Pessoa possuidora	Um item possuído	Mais de um item possuído
Singular	1ª pessoa	meu, minha	meus, minhas
	2ª pessoa	teu, tua	teus, tuas
	3ª pessoa	seu, sua	seus, suas
Plural	1ª pessoa	nosso, nossa	nossos, nossas
	2ª pessoa	vosso, vossa	vossos, vossas
	3ª pessoa	seu, sua	seus, suas

É importante notar que na 3ª pessoa o pronome é o mesmo, **seus** e as respectivas flexões. Essa particularidade faz que, não raro, aconteça ambiguidade em sua utilização.

*Enzo disse à Valentina que **seu** filho estava atrasado.*

Não fica muito claro se o filho era do Enzo ou da Valentina, ou ainda de ambos. Por isso, é possível reescrever a frase acima utilizando possessivos auxiliares e invariáveis, de modo a torná-la mais clara:

*Enzo disse à Valentina que o filho **dela** estava atrasado.*

*Enzo disse à Valentina que o filho **dele** estava atrasado.*

*Enzo disse à Valentina que o filho **deles** estava atrasado.*

Possessivos e artigos

Pronomes possessivos adjetivos podem dispensar artigos definidos quando ocorrem antes do substantivo, sem que isso implique a mudança de significado da frase. Em termos de concisão, podemos dizer que é preferível dispensar o artigo, apesar de seu uso ser possível e não infringir a norma culta.

*Este é o **meu** livro.*

*Este é **meu** livro.*

Quando o pronome possessivo aparece após o substantivo, pode vir desacompanhado de artigo definido, embora este também possa ser utilizado.

*Esse livro é o **meu**.*

*Esse livro é **meu**.*

Possessivos e locuções interjetivas

O pronome possessivo também está presente em **locuções interjetivas**, cujo valor possessivo fica menos intenso, como se vê:

Meu Deus!

Minha Nossa Senhora!

Meu Senhor!

PRONOMES DEMONSTRATIVOS

São classificados como demonstrativos os pronomes que indicam a localização, seja no tempo ou no espaço, de um ser ou de um elemento, em relação às pessoas do discurso. Os pronomes **isto**, **isso** e **aquilo** não variam em gênero.

Pessoa	Variáveis		Invariáveis	Espaço	Tempo
	Masculino	Feminino			
1ª	este, estes	esta, estas	isto	aqui (próximo do emissor)	presente (ou histórico)
2ª	esse, esses	essa, essas	isso	aí (próximo do receptor)	passado ou futuro recente
3ª	aquele, aqueles	aquela, aquelas	aquilo	lá, ali (longe dos interlocutores)	passado vago ou distante

Outros pronomes demonstrativos: o(s), a(s); semelhante(s); tal, tais; mesmo(s), mesma(s); próprio(s), própria(s).

O uso dos pronomes demonstrativos *isto*, *isso*, *aquilo* e suas flexões

Situação no espaço

Quando utilizados para indicar uma posição no espaço, são usados da seguinte forma:

1ª pessoa: para mostrar aquilo que está próximo a ela.

Esta bolsa que carrego é muito pesada.

2ª pessoa: para indicar o que está próximo do receptor da mensagem.

Essa bolsa que carregas é muito pesada.

3ª pessoa: para indicar o que se distancia tanto da 1ª pessoa quanto da 2ª pessoa.

Aquela bolsa que está em cima da mesa é muito pesada.

Situação no tempo

Quando utilizados para indicar uma posição no tempo, são usados da seguinte forma:

1ª pessoa: para situação do presente (próximo).

*Farei a prova admissional **este** ano.* (o ano presente)

*O que você fará **esta** noite?* (a noite de hoje)

2ª pessoa: para a situação do passado e do futuro.

*A economia tem previsão de recessão para 2019. Como será **esse** ano?*

3ª pessoa: em situações de passado remoto ou vago.

*Você se lembra de 1968? **Aquele** foi um ano que não terminou.*

Uso textual

Em geral, os pronomes de 1ª pessoa servem para antecipar um elemento que será introduzido na sequência do texto.

*O problema é **este**: você gasta demais.* (1ª pessoa)

Enquanto os de 2ª pessoa retomam um elemento já mencionado, mas não muito distanciado.

*Você gasta demais: **esse** é o problema.* (2ª pessoa)

Além disso, no caso de retomarem dois elementos distintos, porém, os pronomes de 1ª pessoa se referem ao último mencionado (mais próximo), e os de 3ª pessoa retomam o primeiro mencionado (mais distante).

*Paula e Bebeto são experientes no salto de paraquedas: **este** já saltou quinze vezes; **aquela**, saltou mais de vinte.*

Demonstrativo com valor afetivo

Em nossa língua, é possível encontrar pronomes demonstrativos carregados de significado afetivo, como ironia, indignação, espanto ou alegria, especialmente se estiverem acompanhados (na língua falada) por gestos e alterações na voz.

***Isso** é inacreditável!* (espanto)

Essa não! (expressão de quem não acredita no que está acontecendo)

Anáfora e catáfora

Os pronomes demonstrativos, sobretudo, podem identificar elementos já citados no texto, assumindo **função anafórica**, ou elementos ainda a serem citados, assumindo **função catafórica**.

ANÁFORA

É um recurso linguístico através do qual um termo recupera outro termo que o antecedeu no texto. Esse processo é eminentemente realizado com o emprego de demonstrativos, mas pode ocorrer também emprego de sinônimos.

*Rita comprou um violino e um **violão**. **Este** é acústico.
Rita comprou um **violão**. O **instrumento** é acústico.*

Assim como o demonstrativo “este”, o substantivo “instrumento” retoma o substantivo “violão”, já mencionado na frase.

CATÁFORA

É um recurso linguístico através do qual o termo referente ainda será mencionado no texto. Trata-se também de um processo eminentemente realizado com o emprego de demonstrativos, mas pode ocorrer emprego de sinônimos.

*Os ingredientes comprados por Sonia foram **estes**: **sal, farinha, pimenta e alho**.*

*Sonia comprou **vários ingredientes**: **sal, farinha, pimenta e alho**.*

Assim como o demonstrativo “este”, a expressão “vários ingredientes”, antecede o referente que apresenta quais itens Sonia comprou: “sal, farinha, pimenta e alho”.

Contração

Alguns demonstrativos combinam-se com preposições. Veja a tabela:

Preposição	Pronomes demonstrativos			
	Isto/ este(a)	Isso/ esse(a)	Aquilo	O(s), a(s)
em	nisto, neste, nesta(s)	nisso, nesse(s), nessa(s)	naquilo, naquele(s), naquela(s)	no(s), na(s)
de	disto, deste(s), desta(s)	disso, desse(s), dessa(s)	daquilo, daquele(s), daquela(s)	do(s), da(s)
a	—	—	àquilo, àquele(s), àquela(s)	ao(s), à(s)

*Estou **nesta*** (preposição **em** + demonstrativo **esta**) *mesma festa.*

*Os problemas **daquele*** (preposição **de** + demonstrativo **aquelaque**) *governo são insolúveis.*

Não** estou **nesse (preposição **em** + demonstrativo **esse**)

*restaurante, **mas** **no*** (preposição **em** + demonstrativo **o**) *que ele recomendou.*

Demonstrativos o, a, os, as

Quando no singular, o demonstrativo **o** tem o valor de **isto, isso, aquilo, aquele**. Já os demais demonstrativos (**a, os, as**), possuem o valor de **aquela, aqueles, aquelas**, respectivamente.

***Não** olhei **o** que fizeste.* (Não olhei **aquilo** que fizeste.)

***Essa** praça **não** é **a** que lhe indiquei.* (Essa praça não é **aquela** que lhe indiquei.)

Demonstrativo tal

Quando o elemento **tal** (ou **tais**) estiver sendo usado no sentido de **isto, isso, aquilo** ou suas variações, ele terá o valor de um pronome substantivo.

***Tal** foi o que ele disse em seu discurso.* (tal = isto)

Se **tal** estiver sendo utilizado no texto com a equivalência de semelhante(s), ele terá o valor de pronome adjetivo, podendo funcionar sintaticamente como um adjunto adnominal.

***Tal** constrangimento fez o aluno calar-se.* (tal = semelhante)

O **tal qual** possui flexão de número

*As garotas eram **tais quais** suas mães.*

*Eles eram **tais qual a** personagem do filme.*

Se **tal** tiver função de substantivo, estará denotando grande destaque e importância, além de poder ser utilizado em tom de ironia.

***Aquela** garoto sempre se achou o **tal**.*

Demonstrativo semelhante

Este pronome comporta-se como adjetivo que indica similaridade. Desta forma, ele surge antes do substantivo, tendo uma função sintática como adjunto adnominal.

*O outro juiz também daria **semelhante** sentença.*

Demonstrativos mesmo, próprio

Quando usados no sentido de pronomes, **mesmo** (mesma, mesmos, mesmas) e **próprio** (própria, próprios e próprias) precisam concordar em número e gênero com o termo a que se referem e que os antecede no texto. São utilizados como reforço dos pronomes pessoais.

***Ela mesma** comprou a passagem de trem.*

***Eles próprios** decidiram entrar na casa.*

PRONOMES INDEFINIDOS

Os pronomes que se referem a pessoas e a coisas de maneira indefinida e imprecisa ou que indicam quantidades não muito exatas de substantivos são classificados como pronomes indefinidos.

Veja no quadro abaixo os mais recorrentes.

Variáveis			
Singular		Plural	
Masculino	Feminino	Masculino	Feminino
algum	alguma	alguns	algumas
nenhum	nenhuma	nenhuns	nenhumas
todo	toda	todos	todas
outro	outra	outros	outras
muito	muita	muitos	muitas
pouco	pouca	poucos	poucas
certo	certa	certos	certas
vário	vária	vários	várias
tanto	tanta	tantos	tantas
quanto	quanta	quantos	quantas
qualquer		quaisquer	
bastante		bastantes	
qual		quais	
um		uns	
Invariáveis			
algo	tudo	menos	
quem	ninguém	mais	
menos	cada	alguém	
nada	outrem	mais	

Locuções pronominais indefinidas

Cumprem a mesma função dos pronomes indefinidos. A saber, alguns dos mais utilizados: *quem quer que; o que quer que; qualquer que; cada um; cada qual; seja quem for.*

Colocando em prática o uso de alguns pronomes indefinidos

Algum

Dependendo da sua colocação na sentença, o pronome **algum** pode trazer ideias contrárias.

a) Anteposto ao substantivo, tem sentido afirmativo.

Algum cientista descobrirá a fórmula. (ideia afirmativa)

b) Posposto ao substantivo, tem sentido negativo.

Cientista **algum** descobrirá a fórmula. (ideia negativa)

Nenhum

O uso de nenhum admite duas formas, igualmente válidas.

Não vi **nenhum** dos meus amigos.

Não vi **nem um** nem outro foi encontrado.

Certo

Aqui, a análise também dependerá da colocação do pronome.

*Estou procurando **certas** pessoas.* (pronome indefinido)

*Estou procurando as pessoas **certas**.* (as pessoas ideais, certas)

Um

Uma das funções da palavra **um** é a de pronome indefinido, desde que esteja em oposição a outro pronome, como **outro**.

***Um** amigo me recomendou o filme, **outro** não disse nada.*

PRONOMES INTERROGATIVOS

São utilizados para determinar um elemento desconhecido e são empregados nas interrogativas diretas e indiretas, além de frases exclamativas: **que, o que, quem, qual (quais), quanto(s), quanta(s)**.

Uso em interrogativas diretas

A frase tem estrutura de interrogação, indicada sobretudo pela pontuação na escrita e pela entonação na fala.

Que sorvete você quer? (pronome interrogativo adjetivo)

Quem foi até lá? (pronome interrogativo substantivo)

Uso em interrogativas indiretas

A frase tem estrutura declarativa, mas explicita uma interrogação, como ocorrência de pronome interrogativo.

Quero saber o **que** houve ontem à noite.

Perguntaram-me **quantos** andares tem a escada.

Verbo

Verbo é uma classe de palavra que expressa acontecimentos representados no tempo, como um processo, um fenômeno da natureza, um estado e também uma ação, enunciando um elemento, animado ou inanimado, como participante do que é descrito no verbo, seja como agente ou sofrendo o que se descreve.

Complementando essa definição, podemos afirmar também que “morfossintaticamente” verbo é toda palavra que pode ser flexionada em modo, tempo, número, pessoa e voz.

Exemplos de verbos que indicam ação

Pedir	Nadar	Estudar	Fazer
-------	-------	---------	-------

Exemplos de verbos que indicam estado

Ser	Estar	Permanecer	Continuar
-----	-------	------------	-----------

Exemplos de verbos que indicam fenômeno da natureza

Nevar	Anoitecer	Trovejar	Chover
-------	-----------	----------	--------

Exemplos de verbos que indicam processo ou ocorrência

Decorrer	Suceder	Acontecer	Sobrevir
----------	---------	-----------	----------

ESTRUTURA DAS FORMAS VERBAIS

Seguindo o padrão estrutural morfológico predominante na língua portuguesa, o verbo é composto de radical, vogal temática e desinências, podendo ocorrer afixos em alguns casos.

Radical + Vogal temática + Desinência (+ Afixos)

Radical

É o morfema que carrega o sentido do verbo, sua identidade principal. É invariável em sua quase totalidade, exceto em alguns verbos irregulares.

Nadar – radical = nad-

Correr – radical = corr-

Sorrir – radical = sorr-

Vogal temática

É a vogal que serve como elemento de ligação entre o radical e as desinências, formando assim o **tema**. A vogal temática verbal, por sua vez, pode ser encontrada em três formas:

- Vogal “a” – para os verbos da **1ª conjugação -ar**

Cantar, falar e amar.

Nos três exemplos acima, a vogal temática “a” se junta aos radicais (cant-, fal-, am-) formando o **tema** do verbo.

- Vogal “e” – para os verbos da **2ª conjugação -er**

Fazer, perder, dizer.

Nos três exemplos acima, a vogal temática “e” se junta aos radicais (faz-, perd-, diz-) formando o **tema** do verbo.

O caso do verbo pôr

Na passagem do latim para o português, o verbo *ponĕre* se transforma em *poer*, por conta de um fenômeno linguístico fonético conhecido como síncope, que se caracteriza pela queda de sons no interior de uma palavra, geralmente em posição de limite de sílabas e muito produtivamente em contexto intervocálico, tal qual ocorre com as palavras *venātus*, que resulta em *veado*, e *persōna*, que resulta em *peessoa*.

Essa trajetória explica o porquê de **pôr** ser classificado como um verbo da 2ª conjugação, sendo possível a confirmação de tal dado com a análise da palavra *poente*, característica daquilo que se põe, em que a vogal temática é enunciada.

- Vogal “i” – para os verbos da **3ª conjugação -ir**

Sorrir, partir, surgir

Nos três exemplos acima, a vogal temática “i” se junta aos radicais (sorr-, part-, surg-) formando o **tema** do verbo.

Desinência verbal

É a parte que se liga ao tema (radical + vogal temática) para indicar a flexão do verbo em número e pessoal (**número-pessoal**) ou também em modo e tempo (**modo-temporal**).

- **Número:** singular ou plural.
- **Pessoa:** 1ª, 2ª ou 3ª pessoa.
- **Modo:** indicativo, subjuntivo e imperativo.
- **Tempo:** presente, pretérito e futuro.

Fariamos	-ía-	Desinência verbal modo-temporal: pretérito imperfeito do indicativo
	-mos	Desinência verbal número-pessoal: 1ª pessoa do plural
Beberei	-ei	Desinência verbal: modo-temporal – futuro do presente do indicativo; número-pessoal – 1ª pessoa do singular
Partisse	-sse	Desinências verbais: modo-temporal – pretérito imperfeito do subjuntivo e número-pessoal – 1ª ou 3ª pessoa do singular

Afixos

São os elementos que podem assumir função eminentemente semântica (**prefixos**) ou ainda função eminentemente morfológica (**sufixos**) nos verbos.

Os prefixos vêm antes do radical do verbo, e os sufixos vêm após o tema (união do radical + vogal temática).

Prefixos de origem latina

Prefixo	Significado	Exemplo
ambi-	duplicação	ambivalente
i-, in-	negação	ilegal, infeliz
pos-	posição	posposto
semi-	metade	semicírculo

Prefixos de origem grega

Prefixo	Significado	Exemplo
anti-	oposição	antipatia
dis-	dificuldade	displasia
hemi-	metade, meio	hemisfério
meta-	mudança	metamorfose

Seguem alguns exemplos de emprego dos sufixos verbais:

Emprego de sufixos

Sufixo	Significado	Exemplo
-ear	ação repetitiva	folhear
-icar	ação diminutiva	bebericar
-escer	ação principiante	florescer
-ecer	ação principiante	amanhecer

Formas rízetônicas e arrízetônicas

As formas rízetônicas e arrízetônicas são classificações da estrutura verbal que dependem da posição do acento tônico.

Forma rízetônica

Se a sílaba tônica recair no radical do verbo, sua forma é rízetônica. Para cada verbo, existem oito formas rízetônicas, quatro delas no presente do indicativo e outras quatro no presente do subjuntivo.

Tomemos como exemplo o verbo **cantar**:

	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo
1ª pessoa singular	(Eu) canto	(Que eu) cante
2ª pessoa singular	(Tu) cantas	(Que tu) cantes
3ª pessoa singular	(Ele) canta	(Que ele) cante
3ª pessoa plural	(Eles) cantam	(Que eles) cantem

Forma arrízetônica

Quando o acento recair fora do radical, sua forma é arrízetônica.

Se o verbo estiver sendo conjugado na 1ª pessoa do plural ou na 2ª pessoa do plural, as formas arrízetônicas ocorrem apenas nos tempos presente do indicativo, presente do subjuntivo e imperativo:

Observe estes exemplos ainda com o verbo **cantar**:

	Presente do indicativo	Presente do subjuntivo	Imperativo
1ª pessoa do plural	(Nós) cantamos	(Que) nós cantemos	Cantemos (nós)
2ª pessoa do plural	(Vós) cantais	(Que) vós canteis	Cantai (vós)

Nos demais tempos verbais, há ocorrência das formas verbais arrízetônicas em todas as pessoas verbais. Vejamos esses exemplos nas três pessoas do singular:

	1ª pessoa singular	2ª pessoa singular	3ª pessoa singular
Preterito perfeito do indicativo	(Eu) cantei	(Tu) cantaste	(Ele) cantou
Preterito imperfeito do indicativo	(Eu) cantava	(Tu) cantavas	(Ele) cantava
Preterito mais-que-perfeito do indicativo	(Eu) cantara	(Tu) cantaras	(Ele) cantara
Futuro do presente do indicativo	(Eu) cantarei	(Tu) cantarás	(Ele) cantará
Futuro do preterito do indicativo	(Eu) cantar	(Tu) cantar	(Ele) cantar
Preterito imperfeito do subjuntivo	(Se eu) cantasse	(Se tu) cantasses	(Se ele) cantasse
Futuro do subjuntivo	(Quando eu) cantar	(Quando tu) cantares	(Quando ele) cantar

ROTEIRO DE AULA

PRONOMES ADJUNTOS E RELATIVOS

Pronome

Os pronomes são a classe de palavras que nos permitem substituir um substantivo ou mesmo referir-se a ele. São divididos em:

Pronomes núcleo

Quando ocupam o lugar do substantivo, substituindo-o.

São eles os pronomes pessoais e os relativos.

Pronomes adjuntos

Também chamados de adjetivos, essa classe determina o substantivo, sem substituí-lo. São eles:

Pronomes relativos

classe gramatical que representa termos anteriormente mencionados na oração e com os quais se relaciona.

Pronomes possessivos

estabelece uma relação de posse entre as pessoas e os seres do discurso

Pronomes demonstrativos

empregados para indicar a localização de um ser (pessoa ou coisa) no tempo ou no espaço

Pronomes indefinidos

são utilizados quando há apenas uma ideia vaga e imprecisa a respeito de quaisquer quantidades.

Pronomes interrogativos

utilizados para determinar um elemento desconhecido e empregados nas interrogativas diretas e indiretas, além de frases exclamativas.

ROTEIRO DE AULA

ESTRUTURA VERBAL

Verbo

Classe de palavra que expressa acontecimentos representados no tempo, como um processo, um fenômeno da natureza, um estado e também uma ação. Além disso, podemos afirmar também que verbo é toda palavra que se flexiona em modo, tempo, número, pessoa e voz.

Estrutura das formas verbais

Todo verbo é composto por: radical + vogal temática + desinência (a desinência pode ser modo-temporal ou número-pessoal).

Radical

É o morfema que carrega o sentido do verbo, sua identidade principal. É invariável em sua quase totalidade, exceto em alguns verbos irregulares.

Vogal temática

É a vogal que serve como elemento de ligação entre o radical e as desinências, formando assim o **tema**.

Pode ser encontrada nas três formas a seguir:

vogal "a" – para os verbos da **1ª conjugação – ar**

vogal "e" – para os verbos da **2ª conjugação – er**

vogal "i" – para os verbos da **3ª conjugação – ir**

Desinência verbal

É a parte que se liga ao tema (radical + vogal temática) para indicar a flexão do verbo em número e pessoal (**número-pessoal**) ou também em modo e tempo (**modo-temporal**).

Afixos

São os elementos que podem possuir função semântica (**prefixos**) ou ainda função morfológica (**sufixos**) nos verbos. Os prefixos vêm antes do radical do verbo, e os sufixos vêm após o tema (união do radical + vogal temática).

Formas verbais ríztônicas e arríztônicas

Se a sílaba tônica recair no radical do verbo, sua forma é ríztônica. Quando a sílaba tônica se encontra fora do radical, a forma é arríztônica.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UNESP

Durante o século VI a.C., o comércio entre os vários Estados gregos cresceu em importância, e a riqueza gerada levou a uma melhoria das cidades e das condições de vida. O centro das atividades era em Mileto, uma cidade-Estado situada na parte sul da Jônia, hoje a costa mediterrânea da Turquia. Foi em Mileto que a primeira escola de filosofia pré-socrática floresceu. Sua origem marca o início da grande aventura intelectual que levaria, 2 mil anos depois, ao nascimento da ciência moderna. De acordo com Aristóteles, Tales de Mileto foi o fundador da filosofia ocidental.

A reputação de Tales era legendária. Usando seu conhecimento astronômico e meteorológico (provavelmente herdado dos babilônios), ele previu uma excelente colheita de azeitonas com um ano de antecedência. Sendo um homem prático, conseguiu dinheiro para alugar todas as prensas de azeite de oliva da região e, quando chegou o verão, os produtores de azeite de oliva tiveram que pagar a Tales pelo uso das prensas, que acabou fazendo uma fortuna.

Supostamente, Tales também previu um eclipse solar que ocorreu no dia 28 de maio de 585 a.C., que efetivamente causou o fim da guerra entre os lídios e os persas. Quando lhe perguntaram o que era difícil, Tales respondeu: "Conhecer a si próprio". Quando lhe perguntaram o que era fácil, respondeu: "Dar conselhos". Não é à toa que era considerado um dos Sete Homens Sábios da Grécia Antiga. No entanto, nem sempre ele era prático. Um dia, perdido em especulações abstratas, Tales caiu dentro de um poço. Esse acidente aparentemente feriu os sentimentos de uma jovem escrava que estava em frente ao poço, a qual comentou, de modo sarcástico, que Tales estava tão preocupado com os céus que nem conseguia ver as coisas que estavam a seus pés.

GLEISER, Marcelo. *A dança do universo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. Adaptado.

Sua origem marca o início da grande aventura intelectual que levaria, 2 mil anos depois, ao nascimento da ciência moderna. (1º parágrafo)

O pronome em destaque refere-se a:

- a) cidade-Estado (Mileto).
- b) ciência moderna.
- c) grande aventura intelectual.
- d) primeira escola de filosofia pré-socrática.**
- e) costa mediterrânea da Turquia.

O pronome relativo "que" faz referência à grande aventura intelectual que foi a primeira escola de filosofia pré-socrática, com Tales de Mileto, que seria o embrião da ciência moderna quase dois mil anos depois.

2. IFPE (adaptada)

Música, divina música!

Tanto duvidaram dele, da teoria daquele jovem gênio musical, que ele resolveu provar pra si mesmo, empiricamente, a teoria de que não existem animais selvagens. Que os animais são tão ou mais sensíveis do que os seres humanos. E que são sensíveis sobretudo ao envolvimento da música, quando esta é competentemente interpretada.

Por isso, uma noite, esgueirou-se sozinho pra dentro do Jardim Zoológico da cidade e, silenciosamente, se aproximou da jaula dos orangotangos. Começou a tocar baixinho, bem suave, a sua magnífica flauta doce, ao mesmo tempo em que abria a porta da jaula. Os macacões quase

que não pestanejaram. Se moveram devagarinho, fascinados, apenas pra se aproximar mais do músico e do som.

O músico continuou as volutas de sua fantasia musical enquanto abria a jaula dos leões. Os leões, também hipnotizados, foram saindo, pé ante pé, com o respeito que só têm os grandes aficionados da música. E assim a flauta continuou soando no meio da noite, mágica e sedutora, enquanto o gênio ia abrindo jaula após jaula e os animais o acompanhavam, definitivamente seduzidos, como ele previra.

Uma lua enorme, de prata e ouro, iluminava os jacarés, elefantes, cobras, onças, tudo quanto é animal de Deus ali reunido, envolvidos na sinfonia improvisada no meio das árvores. Até que o músico, sempre tocando, abriu a última jaula, do último animal – um tigre.

Que, mal viu a porta aberta, saltou sobre ele, engolindo músico e música - e flauta doce de quebra. Os bichos todos deram um oh! de consternação. A onça, chocada, exprimiu o espanto e a revolta de todos:

— Mas, tigre, era um músico estupendo, uma música sublime! Por que você fez isso?

E o tigre, colocando as patas em concha nas orelhas, perguntou:

— Ahn? O quê, o quê? Fala mais alto, pô!

Moral: os animais também têm deficiências humanas.

FERNANDES, Millôr. *Fábulas fabulosas*. Disponível em: <www2.uol.com.br/millor/fabulas/055.htm>. Acesso em: nov. 2018.

Analise as afirmativas abaixo sobre as formas verbais empregadas no terceiro parágrafo do texto.

- I. No primeiro período, "O músico continuou as volutas de sua fantasia musical enquanto abria a jaula dos leões"; os verbos "continuar" e "abrir", embora conjugados em tempos diferentes, estabelecem ações concomitantes, relação estabelecida pela conjunção "enquanto".
- II. Em "Os leões, também hipnotizados, foram saindo [...]"; a locução verbal grifada indica uma ação passada prolongada, repetida e com limites imprecisos.
- III. Em "o respeito que só têm os grandes aficionados da música"; o verbo "ter" marca uma ação pontual ocorrida no passado contínuo das ações descritas no terceiro parágrafo.
- IV. IA forma verbal "acompanhavam" em "os animais o acompanhavam" indica uma ação consumada, momentânea e delimitada temporalmente e sem qualquer relação com outro tempo do passado.
- V. No final do parágrafo, "os animais o acompanhavam, definitivamente seduzidos, como ele previra"; a forma verbal grifada foi escolhida para retomar a previsão feita pelo músico no início da história, indicando, assim, uma ação anterior a todas as outras já narradas.

São verdadeiras, apenas, as afirmativas

- a) II, III e IV.
- b) I, III e V.
- c) I, II e V.**
- d) III, IV e V.
- e) I, II e IV.

III – Incorreta: o verbo "ter" marca uma "verdade universal"; isto é, indica um fato que é verdadeiro no presente.

IV – Incorreta: "acompanhavam" está no pretérito imperfeito, indicando uma desinência temporal, uma ação sem limites muito nítidos no passado, apresentando certa duração.

3. Fuvest-SP (adaptada)

É triste ver a flor que desabrocha
Ou quer no prado, ou na deserta rocha,
Pender no fraco hastil!
É bem triste dos anos nos verdores
Morrer mancebo, no brotar das flores,
Na quadra juvenil!

Meu Deus! tu que és tão bom e tão clemente,
P'ra que apagas, Senhor, a chama ardente
Num crânio de vulcão?
P'ra que poupas o cedro já vetusto
E, sem dó, vais ferir o pobre arbusto
Às vezes no embrião?!...

Pois não fora melhor vivesse a planta
Cujo perfume a solidão encanta
No sossego do val?...
- Não veríamos nós neste martírio
Desfalecer tão belo o pobre lírio
Pendido ao vendaval!

Pobre mancebo! Nesse peito nobre
E nessa fronte que o sepulcro cobre
Era fundo o sentir!
Agora solitário tu descansas,
E contigo esse mundo de esperanças
Tão rico de porvir!

Oh! lamentemos essa pura estrela
Sumida, como no horizonte a vela
Nas névoas da manhã!
A sepultura foi há pouco aberta...
Mas o dormente já se não desperta
À voz de sua irmã!

É mudo aquele a quem irmão chamamos,
E a mão que tantas vezes apertamos
Agora é fria já!
Não mais nos bancos esse rosto amigo
Hoje escondido no fatal jazigo
Conosco sorrirá!

Mancebo, atrás da glória que sorria,
Sonhou grandezas para a pátria um dia,
E a ela os sonhos deu;
Mártir do estudo, na ciência ingrata
Bebeu nos livros esse fel que mata
E pobre adormeceu!

Era bem cedo! - na manhã da vida
Chegar não pôde à terra prometida
Que ao longe lhe sorriu!
Embora desta estrada nos espinhos
Feliz tivesse os maternais carinhos,
Cansado sucumbiu!

Era bem cedo! - Tanta glória ainda
O esperava, meu Deus, na aurora linda
Que a vida lhe dourou!
Pobre mancebo! no fervor dessa alma
Ao colher do futuro a verde palma
Na cova tropeçou!

Dorme pois! Sobre a campa mal cerrada,
Nós que sabemos que esta vida é nada
Choramos um irmão;
E d'envolta c'os prantos da amizade
Aqui trazemos, nos goivos da saudade,
As vozes da oração!

Eu que fui teu amigo inda na infância,
Quando as almas das rosas na fragrância
Bendizem só a Deus -
Hoje venho nas cordas do alaúde
Sentido e grave, à beira do ataúde
Dizer-te o extremo adeus!

Descansa! se no céu há luz mais pura,
De certo gozarás nessa ventura
Do justo a placidez!
Se há doces sonhos no viver celeste,
Dorme tranquilo à sombra do cipreste...
— Não tarda a minha vez!

ABREU, Casimiro de. *As primaveras*. Lisboa: Typographia do Panorama, 1864. Adaptado.

No trecho

[...]

É mudo aquele a quem irmão chamamos,
E a mão que tantas vezes apertamos
Agora é fria já!
Não mais nos bancos esse rosto amigo
Hoje escondido no fatal jazigo
Conosco sorrirá!
[...]

o pronome sublinhado revela um emprego denotativo de

- a) tempo presente e proximidade física.
- b) tempo passado e proximidade física.
- c) tempo futuro e afastamento físico.
- d) tempo futuro e proximidade física.
- e) tempo passado e afastamento físico.

No poema de Casimiro de Abreu, o pronome sublinhado, "... aquele..." faz referência a alguém outrora chamado de irmão, o que indica que esteja morto. Isso pode ser constatado pelo uso de verbos no tempo passado, como "chamamos" e "apertamos"; assim como a enunciação de que "... a mão... Agora é fria já!". Dessa forma, ocorre também afastamento físico, corroborado pela constatação de que "... aquele a quem irmão chamamos," está "Hoje escondido no fatal jazigo."

4. Uncisal-AL — Ao analisar o verbo "*Farejando*", identificamos que ele apresenta em sua estrutura:

- a) radical: farej- / vogal temática: -a- / tema: fareja / desinência: -ndo.

- b)** radical: far- / tema: farej- / vogal temática: -e- / desinência: -ndo.
c) radical: fareja / vogal temática: -a- / sufixo: -ndo.
d) tema: farej- / radical: fareja / sufixo: -ndo.

A única alternativa corretamente grifada é a alternativa A. o radical é "farej-"; a vogal temática "a" o torna um verbo da 1ª conjugação; o tema é fareja (farej + a); a desinência modo-temporal é "-ndo".

5. Univag-MT

Nem parecia um meio-dia de inverno. O sol deixava cair sobre as ruas uma claridade macia, que não queimava, mas cujo calor acariciava como a mão de uma mulher. No jardim próximo as flores desabrochavam em cores. Margaridas e onze-horas, rosas e cravos, dalias e violetas. Parecia haver na rua um perfume bom, muito sutil, mas que Pirulito sentia entrar nas suas narinas e como que embriagá-lo. Tinha comido na porta de uma casa de portugueses ricos as sobras de um almoço que fora quase um banquete. A criada, que lhe trouxera o prato cheio, dissera, mirando as ruas, o sol do inverno, os homens que passavam sem capa: – Tá fazendo um dia lindo.

Essas palavras foram com Pirulito pela rua. Um dia lindo, e o menino ia des preocupado, assoviando um samba.

AMADO, Jorge. *Capitães da Areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

"O sol deixava cair sobre as ruas uma claridade macia, **que** não queimava, mas **cujo** calor acariciava como a mão de uma mulher."

Em relação às suas funções sintáticas, os pronomes relativos em destaque referem-se

- a)** a "sol" e a "claridade macia", respectivamente
b) a "mão de uma mulher", ambos
c) a "claridade macia", ambos
d) a "claridade macia" e a "sol", respectivamente
e) a "sol" e a "mão de uma mulher", respectivamente

Ambos os pronomes se referem à "claridade macia". O primeiro deles, "que", retoma o termo que o antecede imediatamente. Já o pronome relativo "cujo" traz a ideia de posse, ou seja, o calor (que pertence à claridade macia) "acariciava como a mão de uma mulher".

6. Funrio-RJ

C8- H27

Assinale a única forma verbal que **não possui** desinência modo-temporal

- a)** riam
b) cantavam
c) contamos
d) insistirdes
e) enrolássemos

Na alternativa "C" o verbo contamos apresenta desinência número-pessoal, que indica número (plural) e a pessoa do verbo (3º do singular).

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. IFMA



BROWNE, Dik. Hagar. *Folha de S.Paulo*, 8 mar. 1999.

Com relação ao pronome **isto**, utilizado por Hagar no primeiro quadrinho, é **incorreto** afirmar que:

- a)** não é possível entender pelo contexto a que se refere.
b) refere-se à comida servida por Helga.
c) foi empregado corretamente de acordo com a norma-padrão, visto que se refere a algo que está próximo de quem fala.
d) foi utilizado com o sentido pejorativo, evidenciado através do destaque dado ao pronome na frase.
e) tem o mesmo referente do pronome "isso", utilizado por Helga no segundo quadrinho.

8. ESPM-SP – Assinale o item em que a frase transgrida as normas gramaticais, envolvendo o emprego do pronome relativo:

- a)** Deputado aceitou sair, pois temia sofrer retaliações em outras comissões cujas as vagas são definidas pelos líderes partidários.
b) O comando da Lava Jato, sobre cujas formas decisórias ainda pairam dúvidas, resolveu acelerar o passo.

- c)** O caso, em cujos levantamentos se baseiam, traz de volta à tona discussões sobre a falta de controle na mineração.
d) ...como resultados positivos em amostras no líquido amniótico de gestantes cujos bebês apresentaram microcefalia, no sangue e tecidos de crianças.
e) Ele gosta de desafios, mas há um cuja solução não depende dele: a falta de vaga no transporte escolar gratuito da Prefeitura.

9. PUC-MG – Encontramos pronome indefinido em:

- a)** "Muitas horas depois, ela ainda permanecia esperando o resultado."
b) "Foram amargos aqueles minutos, desde que resolveu abandoná-las."
c) "A nós, provavelmente, enganariam, pois nossa participação foi ativa."
d) "Havia necessidade de que tais ideias ficassem sepultadas."
e) "Sabíamos o que você deveria dizer-lhe ao chegar da festa."

10. UFCE

Desvantagens de ser muito inteligente

Pesquisas já mostraram que pessoas com o QI alto têm mais chance de ter uma vida longa. Viver mais, porém, não necessariamente tem a ver com viver bem. É o que mostra um estudo realizado com 3715 membros do American Mensa, uma sociedade que reúne as pessoas com QI acima de 130 – cerca de 2% da população. A média geral de QI do planeta fica entre 85 e 115.

Eles responderam uma série de questões sobre a ocorrência de diversos problemas psicológicos, como variações de humor, crises de ansiedade e déficit de atenção; e físicos, como alergias e asma. As respostas incluíram casos já diagnosticados ou simples suspeitas da pessoa. Depois compararam-se os resultados com as estatísticas dos Estados Unidos para cada enfermidade.

O resultado mostra que a vida nem sempre é fácil para quem é muito inteligente. Do ponto de vista psicológico, eles têm 285% mais chances de desordens de humor; 242% mais chances de crises de ansiedade; 239% de déficit de atenção; 530% mais chances de doenças dentro do espectro de autismo. Já em relação às patologias fisiológicas, apresentam 150% mais chances de ter alergia a algum tipo de comida; 33% a mais de desenvolver alergia ao ambiente; 134% mais chances de asma; e 100% de doenças autoimunes.

De acordo com o estudo, isso acontece pois quanto mais inteligente, maior é seu nível de consciência sobre o que acontece ao seu redor. Assim, reagem mais sobre o que acontece no ambiente em que vivem, desencadeando uma hiperatividade do sistema nervoso central. É a comprovação científica de que a ignorância é uma bênção.

Texto disponível em: <<https://revistagalileu.globo.com>>. Acesso em: ago. 2018. Adaptado.

Assinale a alternativa que classifica corretamente o elemento mórfico destacado na palavra:

- a) **Res-**ponderam: raiz
- b) **Inclu-i-**ram: vogal de ligação
- c) **Des-**encadeando: prefixo
- d) **Re-a-**gem: desinência de gênero feminino
- e) **Mostr-a-**ram: desinência modo-temporal

11. Fuvest-SP

Conheci **que (1)** Madalena era boa em demasia...

A culpa foi desta vida agreste **que (2)** me deu uma alma agreste.

Procuo recordar o **que (3)** dizíamos.

Terá realmente piado a coruja? Será a mesma **que (4)** piava há dois anos?

Esqueço **que (5)** eles me deixaram e **que (6)** esta casa está quase deserta.

Nas frases anteriores, o "que" aparece seis vezes; em três delas é pronome relativo. Quais?

- a) 1, 2, 4
- b) 2, 4, 6
- c) 3, 4, 5
- d) 2, 3, 4
- e) 2, 3, 5

12. UFSM-RS (adaptada) – A beleza da forma física feminina constituiu assunto predileto da poesia arcádica brasileira. Leia as seguintes estrofes da Lira XXVII de Marília de Dirceu, de Tomás Antônio Gonzaga.

Vou retratar a Marília,
a Marília, meus amores;
porém como? se eu não vejo
quem me empreste as finas cores:
dar-mas a terra não pode;
não, que a sua cor mimosa
vence o lírio, vence a rosa,
o jasmim e as outras flores.

Ah! socorre, Amor, socorre
ao mais grato empenho meu!
Voa sobre os astros, voa,
Traze-me as tintas do céu.
[...] Entremos, Amor, entremos,
entremos na mesma esfera;
venha Palas, venha Juno,
venha a deusa de Citera.
Porém, não, que se Marília
no certame antigo entrasse,
bem que a Páris não peitasse,
a todas as três vencera.
Vai-te, Amor, em vão socorre
sao mais grato empenho meu!
para formar-lhe o retrato
não bastam tintas do céu.

GONZAGA, Tomás Antônio. Marília de Dirceu. In: *A POESIA dos inconfindentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1996.

Vocabulário

Certame: disputa

Juno: deusa da mitologia romana, esposa de Júpiter

Palas: deusa da mitologia romana, presidia a guerra

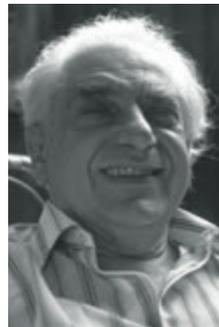
Deusa de Citera: Afrodite, deusa do amor

Páris: príncipe troiano, responsável por escolher a deusa mais bela do Olimpo

Analisando o verbo **entremos**, na segunda estrofe, podemos afirmar que:

- a) seu radical é "-e-".
- b) trata-se de verbo da 1ª conjugação.
- c) sua desinência modo-temporal está no tempo futuro do subjuntivo.
- d) sua desinência número-pessoal é da 1ª pessoa do singular.

13. UFRJ (adaptada) – O trecho a seguir é um fragmento de *Marcha contra o saber*: O golpe militar de 1964 e o AI-5 na Universidade de São Paulo, de Carlos Giannazi.



Mário Schenberg



Florestan Fernandes

As discussões na Congregação sobre o encarceramento arbitrário do professor Mário Schenberg.

A reunião de 27 de maio de 1964 foi o preciso momento em que a discussão da Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, ao lado dos

assuntos administrativos e acadêmicos, atingisse um caráter político mais determinado. Esse fato decorreu da manifestação do professor Florestan Fernandes, **que** (1) censurou a instituição por não haver demonstrado publicamente sua solidariedade ao professor Mário Shenberg, **que** (2) havia sido recentemente encarcerado pela polícia política. Recordou então o professor que a tomada dessa atitude seria “uma prova do zelo que temos pela autonomia universitária, pois é do maior interesse defender-se as condições mínimas para a nossa liberdade de pensamento. (...)”

Concordando com Florestan Fernandes, manifestou-se o professor Lívio Teixeira, que entendeu que “a Faculdade e a Universidade deveriam assumir uma atitude mais combativa com relação ao expurgo de professores, ocasionado pela atual situação política”. Assim, era de opinião que “a Universidade deve defender a sua liberdade de pensamento e sofrer por ela”.

Relativamente aos termos destacados e numerados no texto dado, é **INCORRETO** afirmar que:

- a) ambos são pronomes relativos.
- b) ambos introduzem orações subordinadas adjetivas explicativas.
- c) (1) é recurso de coesão e retoma Florestan Fernandes.
- d) (1) é interjeição e (2) é preposição.
- e) (2) é recurso de coesão e refere-se a Mário Shenberg.

14. UECE (adaptada)

Guerra às bactérias

Numa rara boa notícia, como não se ouvia há mais de 25 anos, cientistas anunciaram a descoberta de uma nova classe de antibióticos.

Melhor ainda, a teixobactina revelou-se eficaz ao combater alguns dos piores pesadelos dos infectologistas, como o *Staphylococcus aureus* resistente à metilicina (MRSA), cepas da tuberculose difíceis de tratar e certas variedades do *Clostridium difficile*.

Acredita-se que, em até dois anos, a nova droga, que inibe a capacidade da bactéria de sintetizar lipídios usados na formação de sua parede celular, esteja pronta para ensaios clínicos em humanos.

Havia de fato a demanda por novos fármacos capazes de conter bactérias super-resistentes. O mais recente até aqui, a dap-tomicina, havia sido descoberto no já longínquo ano de 1987.

Se bactérias imunes a antibióticos antes afetavam de forma quase exclusiva pacientes imunodeprimidos, que já haviam passado por vários tratamentos, hoje médicos enfrentam infecções comunitárias que não respondem bem às drogas de primeira escolha.

E as previsões da biologia evolutiva indicam que as bactérias sempre serão mais eficientes em desenvolver resistência do que cientistas em desenvolver drogas.

Um aspecto do problema diz respeito aos incentivos. A combinação de regras para proteção de patentes consideradas fracas e os custos cada vez maiores para criar, testar e comercializar um medicamento fez com que os grandes laboratórios se desinteressassem pela pesquisa de antimicrobianos. Eles preferem dedicar-se a áreas mais rentáveis, como as moléstias crônicas. Sem mudanças na política de incentivos ou a mobilização de universidades e laboratórios públicos, novidades tenderão a ser raras.

O outro aspecto diz respeito ao uso pouco sábio desses antibióticos. Os despautérios começam fora da medi-

na, com criadores que os utilizam só para facilitar a engorda dos animais, passam por médicos que os receitam mesmo quando não há indicação e terminam nos pacientes que se valem até de falsificações para adquiri-los. O péssimo hábito de profissionais de saúde de não lavar as mãos antes e depois de encostar em doentes e equipamentos também contribui para criar ambientes promíscuos nos quais bactérias trocam fragmentos de DNA que as ajudam a driblar a ação das drogas.

Sem coordenação de esforços para acertar esses aspectos, a crise mundial em torno da resistência a antibióticos só tende a piorar.

Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: ago. 2018.

Escolha a opção correta quanto à formação de palavras

- a) anunciaram: possui desinência número-pessoal e está no pretérito perfeito do indicativo
- b) “desinteress-” é a raiz de desinteressassem
- c) em desenv-o-lver, o elemento em destaque “o” é a vogal temática
- d) “dri” é o tema do verbo driblar

15. FGV-RJ — Leia o texto a seguir e responda à questão.

São cada vez mais numerosas as vozes que se levantam contra o acordo ortográfico. Não só em Portugal, como também noutros países que falam a língua de Camões. No Brasil, por exemplo, os principais opositores do acordo citam o Manifesto em Defesa da Língua Portuguesa, contra o Acordo Ortográfico, promovido por Vasco Graça Moura, que já conta com mais de 115 mil assinaturas. Há dias, a petição esteve na base de um artigo publicado no jornal *O Globo*, com o título Portugal reage.

Quem também ataca o acordo é o jornalista e escritor Carlos Heitor Cony, membro da Academia Brasileira de Letras. “No tempo do Getúlio (Brasil) e de Salazar (Portugal) foram feitos acordos que não prevaleceram, porque, na realidade, quem faz a língua não são as academias, nem os governos. Quem faz a língua é o povo”, afirma. “Os portugueses jamais vão deixar de chamar o trem de ‘comboio’, não adianta. Em Portugal, ‘facto’ é ‘fato’, e ‘fato’ é ‘roupa’. Também temos nossas particularidades e jamais vamos chegar a um acordo”.

O vocábulo “acordo” é derivado do verbo “acordar”. Nesse caso, as vogais finais de palavras como janta, embarque, grito, caça devem ser vistas como

- a) desinências número-pessoais, pois são retiradas das formas verbais do presente do indicativo
- b) desinências modo-temporais, já que, em alguns casos, são retiradas de formas do presente do subjuntivo.
- c) sufixos, já que formam novos vocábulos, algumas vezes de classes distintas, com valor principal de “vogais temáticas das três conjugações correspondentes aos verbos de onde foram deslocadas para os substantivos.”
- d) vogais temáticas das três conjugações correspondentes aos verbos de onde foram deslocadas para os substantivos.
- e) desinências nominais de gênero, pois marcam formalmente as palavras derivadas.

16. Cress-PR



Assinale a alternativa em que haja apenas pronomes.

- "ver" (1º quadrinho) e "a gente" (3º quadrinho)
- "este" (1º quadrinho) e "que" (2º quadrinho)
- "de" (1º quadrinho) e "crianças" (2º quadrinho)
- "novo" (1º quadrinho) e "quando" (4º quadrinho)
- "sempre" (3º quadrinho) e "os" (4º quadrinho)

17. Unimontes-MG

O príncipe e o sabiá: e outros perfis

Quando tinha dúvida, ou queria aprofundar a sua certeza, consultava pessoas competentes. Uma vez, almoçamos

juntos, Antonio Callado, ele e eu. Rosa expôs a Callado uma série de dúvidas acerca de palavras e expressões inglesas. Discutia as várias alternativas. Como ao fim **andássemos** pela rua, Rosa parava e, apoiado contra a parede, tomava notas do que lhe pudesse ser útil.

João Guimarães Rosa gabava-se de escrever de pé, em seu apartamento da rua Francisco Otaviano. Gostava muito de lápis, de cuja ponta cuidava com esmero. Antes de começar a escrever, dizia que era preciso "limpar o aparelho". Assim chamava o trabalho prévio de rabiscar, escrever uma ou outra palavra, desenhar garatujas, até que o "santo" baixava e se punha a escrever febrilmente.

RESENDE, Otto Lara. *O príncipe e o sabiá: e outros perfis*. Mariana Lara Resende (Org.). São Paulo: Companhia das Letras: 2017.

Com relação à forma verbal **andássemos**, identifique qual opção classifica corretamente a estrutura deste verbo:

- anda-: tema.
-sse-: desinência número-pessoal (1ª pessoa plural);
-mos: sufixo de modo (indicativo).
- and-: radical;
-á-: sufixo de gênero (feminino);
-sse-: desinência modo-temporal (modo subjuntivo e tempo pretérito imperfeito);
-mos: desinência de voz passiva.
- and-: radical;
-á-: vogal temática da 1ª conjugação;
-sse-: desinência modo-temporal (modo subjuntivo e tempo pretérito imperfeito);
-mos: desinência número-pessoal (1ª pessoa plural).
- and-: radical;
-á-: desinência de modo (indicativo);
-sse-: desinência modo-temporal (modo subjuntivo e tempo pretérito imperfeito);
-mos: desinência número-pessoal (1ª pessoa plural).

ESTUDO PARA O ENEM

18. Nupepe-PE

C8-H27

Nos últimos 50 anos e em especial a partir da década de 1980, professores de português e pesquisadores da língua têm feito a crítica do ensino tradicional de português [...]. Houve e continua havendo esforços para construir alternativas a esse ensino. Não obstante, o quadro pedagógico tem mudado pouco. Talvez porque ainda não tenhamos conseguido fazer e **disseminar**, com todas as letras, a crítica radical ao normativismo e à gramatiquice.

E essa não é uma tarefa fácil, porque o normativismo e a gramatiquice não são apenas concepções e atitudes ligadas à língua e seu ensino. Pelo seu caráter conservador, impositivo e excludente, o normativo e a gramatiquice são parte intrínseca de todo um conjunto de conceitos, atitudes e valores fundamentalmente autoritários, muito adequados ao funcionamento de uma sociedade profundamente marcada pela divisão social.

O ensino de português, nesse sentido, não está separado da sociedade que o justifica e o sustenta. Desse modo, criticá-lo é também criticar essa mesma socieda-

de: agir para mudá-lo é também agir para transformar a sociedade.

De saída, temos de ter sempre claro que a questão da língua é, fundamentalmente, uma questão política e como tal deve ser tratada.

[...]

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008, p. 158.

Considerando-se o verbo "disseminar", no tempo mais-que-perfeito do modo indicativo, é correto o que se afirma sobre seus elementos mórficos constitutivos.

- Em todas as pessoas, após o radical, o segmento **-a** constitui desinência de modo e tempo
- Nesse modo e tempo, as formas verbais são destituídas de vogais temáticas
- A desinência de número e pessoa, na primeira e na terceira pessoa do singular é zero
- O segmento **-ramos**, da primeira pessoa do plural, constitui desinência de número e pessoa
- O segmento **-is**, de segunda pessoa do plural, constitui desinência de modo e tempo

19. IBFC

C8H27

O que é filosofia?

Querida Sofia,

Muitas pessoas têm hobbies diferentes. Algumas colecionam moedas e selos antigos, outras gostam de trabalhos manuais, outras ainda dedicam quase todo o seu tempo livre a uma determinada modalidade de esporte. Também há os que gostam de ler. Mas os tipos de leitura também são muito diferentes. Alguns leem apenas jornais ou gibis, outros gostam de romances, outros ainda preferem livros sobre temas diversos como astronomia, a vida dos animais ou as novas descobertas da tecnologia.

Se me interesse por cavalos ou pedras preciosas, não posso querer que todos os outros tenham o mesmo interesse. Se fico grudado na televisão assistindo a todas as transmissões de esporte, tenho que aceitar que outras pessoas achem o esporte uma chatice.

Mas será que alguma coisa interessa a todos? Será que existe alguma coisa que concerne a todos, não importando quem são ou onde se encontram? Sim, querida Sofia, existem questões que deveriam interessar a todas as pessoas. E é sobre tais questões que trata este curso.

Qual é a coisa mais importante da vida? Se fazemos esta pergunta a uma pessoa de um país assolado pela fome, a resposta será: a comida. Se fazemos a mesma pergunta a quem está morrendo de frio, então a resposta será: o calor. E quando perguntamos a alguém que se sente sozinho e isolado, então certamente a resposta será: a companhia de outras pessoas.

Mas, uma vez satisfeitas todas essas necessidades, será que ainda resta alguma coisa de que todo mundo precise? Os filósofos acham que sim. Eles acham que o ser humano não vive apenas de pão. É claro que todo mundo precisa comer. E precisa também de amor e cuidado. Mas ainda há uma coisa de que todos nós precisamos. Nós temos a necessidade de descobrir quem somos e por que vivemos. Portanto, interessar-se em saber por que vivemos não é um interesse "casual" como colecionar selos por exemplo. Quem se interessa por tais questões toca um problema que vem sendo discutido pelo homem praticamente desde quando passamos a habitar este planeta. A questão de saber como surgiu o universo, a Terra e a vida por aqui é uma questão maior e mais importante do que saber quem ganhou mais medalhas de ouro nos últimos Jogos Olímpicos.

GAARDER, Jostein. *O mundo de Sofia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 24-25.

Observe que a estratégia de coesão empregada pelo autor no trecho abaixo é marcada pelo uso de pronomes.

Muitas pessoas têm *hobbies* diferentes. Algumas colecionam moedas e selos antigos, outras gostam de trabalhos manuais, outras ainda dedicam quase todo o seu tempo livre a uma determinada modalidade de esporte. (1º parágrafo)

Assinale a alternativa que indica a correta classificação do tipo de pronome que cumpriu esse papel.

- | | |
|-------------------|----------------|
| a) demonstrativos | d) relativos |
| b) pessoais | e) possessivos |
| c) indefinidos | |

20. UFU-MG (adaptada)

C8-H27

Texto I

Logo descobriu que não podia absolutamente mais se mexer. Não se admirou com esse fato, pareceu-lhe antes um pouco natural que até agora tivesse conseguido se movimentar com aquelas perninhas finas. No restante sentia-se relativamente confortável. Na realidade tinha dores no corpo, mas para ele era como se elas fossem ficar cada vez mais fracas e finalmente desaparecer por completo. A maçã apodrecida nas suas costas e a região inflamada em volta, inteiramente cobertas por uma poeira mole, quase não o incomodavam. Recordava-se da família com emoção e amor. Sua opinião de que precisava desaparecer era, se possível, ainda mais decidida que a da irmã. Permaneceu nesse estado de meditação vazia e pacífica até que o relógio da torre bateu a terceira hora da manhã. Ele vivenciou o início do **clarear** geral do dia lá do lado de fora da janela. Depois, sem intervenção da sua vontade, a cabeça afundou completamente e das suas ventas fluiu fraco o último fôlego.

KAFKA, Franz. *A metamorfose*. Trad. Modesto Carone. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

Texto II

Saciada, espantada, continuou a **passear** com os olhos mais abertos, em atenção às voltas violentas que a água pesada dava no estômago, acordando pequenos reflexos pelo resto do corpo como luzes.

A estrada subia muito. A estrada era mais bonita que o Rio de Janeiro, e subia muito. Mocinha sentou-se numa pedra que havia junto de uma árvore, para poder apreciar. O céu estava altíssimo, sem nenhuma nuvem. E tinha muito passarinho que voava do abismo para a estrada. A estrada branca de sol estendia sobre um abismo verde. Então, como estava cansada, a velha encostou a cabeça no tronco da árvore e morreu.

LISPECTOR, Clarice. *O grande passeio*. In: *Felicidade clandestina*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

Assinale a alternativa em que os verbos **clarear** no texto I e **passear** no texto II estão corretamente analisados.

- Ambos são formados pelo emprego do sufixo "-ear", indicador de ação repetitiva.
- O verbo "clarear" possui a letra "-a-" como vogal temática, enquanto a vogal temática de "passear" é a letra "-e-".
- O radical de *clarear* é "claro" e o radical de *passear* é "passeio".
- A desinência modo-temporal de ambos está no imperativo afirmativo.

FLEXÕES VERBAIS E CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

10

FLEXÕES VERBAIS



BECK, Alexandre. *Armandinho*. Disponível em: <<https://tirasarmandinho.tumblr.com>>. Acesso em: out. 2018.

O autor da tira brinca com o processo de flexão verbal, já que a flexão do verbo “ver” na forma nominal gerúndio abre a possibilidade de ocorrência de polissemia, uma vez que o discurso fica ambíguo, pois “Vendo” poder ser lido tanto como flexão do verbo “vender” na primeira pessoa do singular do presente do indicativo, como do verbo “ver”, na forma nominal gerúndio.

De todas as classes gramaticais, a que mais apresenta possibilidade de flexão é o verbo. Ocorre que, ao se comunicar, os falantes procuram adequar ao máximo a fala à realidade que descrevem. Nesse sentido, a flexão é uma ferramenta fundamental, pois permite que a realidade seja mais fielmente descrita, a partir da alteração da forma das palavras, o que é tecnicamente definido como flexão.

Na língua portuguesa, os verbos podem ser flexionados em **número, pessoa, modo, tempo, aspecto e voz**.

FLEXÃO DE NÚMERO

Na língua portuguesa, o verbo é flexionado no **singular** ou no **plural**, para concordar com o sujeito a que faz referência.

Singular

Ocorre flexão do verbo no singular quando o sujeito a que está ligado também é singular.

Maurício remexia o corpo sobre a vasta e desconhecida extensão da cama, sentindo os membros descolarem-se uns dos outros.

ABREU, Caio Fernando. Tempo de silêncio. In: _____. *Limite branco*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

O verbo “remexia” concorda com a forma singular do substantivo próprio “Maurício”.

Plural

Ocorre flexão do verbo no plural quando o sujeito a que está ligado também é plural.

Caminhos de lama pelo chão, coisas de fora que as solas dos sapatos das pessoas traziam e depositavam no assoalho encerado dois dias antes pela própria Luciana.

ABREU, Caio Fernando. Luciana. In: _____. *Limite branco*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.

Os verbos “traziam” e “depositavam” concordam com a forma plural do substantivo “solas”; núcleo da estrutura nominal.

- Flexões verbais
- Flexão de número
- Flexão de pessoa
- Flexão de modo
- Flexão de tempo
- Flexão de aspecto
- Flexão de voz
- Formas nominais
- Verbos regulares
- Verbos irregulares
- Verbos anômalos
- Verbos defectivos
- Verbos auxiliares
- Locuções verbais

HABILIDADES

- Compreender a riqueza e amplitude da flexão verbal em sua aplicação na língua portuguesa.
- Reconhecer as regras para o emprego correto da flexão verbal em número, pessoa, tempo, modo, aspecto e voz.
- Diferenciar as formas nominais do verbo de acordo com a norma culta da língua, garantindo a construção adequada de seus elementos.
- Reconhecer o modo de classificação dos verbos em regulares e irregulares, compreendendo o seu emprego correto na construção das orações.
- Identificar as especificidades verbais, principalmente relacionadas aos verbos defectivos e anômalos.
- Compreender a estrutura das locuções verbais, formadas por um verbo principal e um verbo auxiliar.

FLEXÃO DE PESSOA

Na língua portuguesa, o verbo é flexionado para concordar com a pessoa da enunciação expressa no núcleo nominal a que faz referência. As pessoas da enunciação são organizadas de acordo com o papel que exercem na enunciação, o que influencia diretamente na flexão verbal:

Pessoa	Papel na enunciação
1ª pessoa	Indica quem fala
2ª pessoa	Indica com quem se fala
3ª pessoa	Indica de quem ou de que se fala

Chamei o garçom, ele recitou quatro ou cinco opções de bebida, ela escolheu conhaque [...]

RUFFATO, Luiz. O presente absoluto. In: _____. *Flores artificiais*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

Os verbos “Chamei”, “recitou” e “escolheu” estão concordando com as pessoas da enunciação expressas no núcleo nominal a que fazem referência, 1ª pessoa no caso do verbo “cheguei” e 3ª no caso dos verbos “recitou” e “escolheu”.

Flexão número-pessoal

A flexão do verbo em número e em pessoa, **número-pessoal**, oferece a estrutura da conjugação verbal.

Pronome pessoal	Flexão de pessoa	Flexão de Número
Eu	1ª pessoa	singular
Tu	2ª pessoa	singular
Ele	3ª pessoa	singular
Nós	1ª pessoa	plural
Vós	2ª pessoa	plural
Eles	3ª pessoa	plural

FLEXÃO DE MODO

A flexão de modo permite que o enunciador se posicione em relação ao que é enunciado no verbo, utilizando três variações possíveis:

Indicativo – considerando o que enuncia como real.

Subjuntivo – considerando o que enuncia como eventual.

Imperativo – considerando o que enuncia como necessário.

Modo indicativo

O falante enuncia algo objetivo, concreto, sobre o qual tem certeza da ocorrência.

*O atleta **treina** todos os dias.*

Modo subjuntivo

O falante enuncia uma potencialidade, com incerteza e dúvida.

*Seria melhor se nós **participássemos** da reunião.*

Modo imperativo

O falante enuncia uma ordem, uma solicitação, uma sugestão, um conselho ou um pedido.

Aprecie com moderação! (Advertência)

Explique sua posição. (Ordem)

FLEXÃO DE TEMPO

O que é descrito pelo verbo pode ser localizado no presente, no passado/pretérito ou no futuro.

Tempo presente

Grosso modo, enuncia algo concomitante ao momento da enunciação.

*Hoje, ela **visita** os avós.*

Tempo passado/pretérito

Enuncia algo anterior ao momento da enunciação.

*Na semana passada, ela **visitou** os avós.*

Tempo futuro

Enuncia algo cuja ocorrência será posterior ao momento da enunciação.

*Amanhã, ela **visitará** os avós.*

FLEXÃO DE ASPECTO

Apesar de não ser o processo central em língua portuguesa para a localização temporal e para o posicionamento do enunciador em relação ao que descreve, o aspecto verbal constitui-se como um recurso auxiliar secundário em relação ao sistema modo-temporal.

Por não ser tão produtivo em língua portuguesa, esse recurso não apresenta expressão morfológica tão desenvolvida como ocorre em outras línguas, como as eslavas, por exemplo. Entretanto, é expresso, sobretudo, com o auxílio de outras ferramentas linguísticas, como afixos, verbos auxiliares, verbos nominais e advérbios.

Ainda que seja uma ferramenta auxiliar, é essencial para a comunicação, na medida em que emprega um conjunto de traços que contribuem na distinção das nuances da semântica verbal, permitindo, assim, que os enunciados sejam mais bem desenvolvidos do ponto de vista semântico no que diz respeito à **completude**, à **duração** e ao **desenvolvimento** do que é descrito na estrutura verbal.

Completude do processo

O aspecto pode ser classificado como **perfectivo** ou como **imperfectivo**, de acordo com a completude do processo descrito.

ASPECTO PERFECTIVO

É utilizado quando se quer destacar o fato de o processo estar finalizado.

*Ela **lançou** um livro de poemas.*

Nesse caso, o aspecto é inerente à semântica modo-temporal. Ou seja, o fato de o verbo estar no

pretérito **perfeito** faz que o aspecto perfectivo seja um de seus traços semânticos.

ASPECTO IMPERFECTIVO

É utilizado quando se quer destacar o fato de o processo ser temporalmente aberto, inconcluso.

*Ele **estuda** francês.*

Nesse caso, o aspecto é inerente à semântica modo-temporal. Ou seja, o fato de o verbo estar no presente, que é essencialmente **imperfeito**, faz que o aspecto imperfectivo seja um de seus traços semânticos.

Duração do processo

O aspecto também pode ser classificado como **pontual**, **durativo** ou **iterativo/frequentativo**, de acordo com a duração do processo descrito.

ASPECTO DURATIVO

É utilizado quando se quer destacar o fato de que a ação se estende temporalmente, não correndo de forma pontual, podendo estar em processo inclusive no momento da fala.

*A pintura do prédio está **ocorrendo** há uma semana.*

Nesse caso, o aspecto é expresso, sobretudo, pelo verbo nominal na flexão de gerúndio, que reforça o prolongamento do que é descrito no verbo “está”, auxiliar. Ainda assim, é a combinação entre esses verbos que caracteriza a ocorrência de aspecto durativo.

ASPECTO PONTUAL/MOMENTÂNEO

É utilizado quando se quer destacar o fato de que a duração do processo é pontual, não se estendendo no tempo.

***Respondi** ao questionário e **saí** da sala.*

Nesse caso, o aspecto é inerente à semântica modo-temporal. Ou seja, o fato de o verbo estar no pretérito **perfeito** faz que o aspecto pontual/momentâneo seja um de seus traços semânticos.

ASPECTO ITERATIVO/FREQUENTATIVO

É utilizado quando se quer destacar o fato de que o processo ocorre frequentemente, reforçando a ideia da repetição.

*Ele tem **falado** sempre do tempo em que era jovem.*

Nesse caso, o aspecto é expresso, sobretudo, pelo verbo auxiliar “tem”, que reforça a repetição do que é descrito no verbo nominal, “falado”.

Desenvolvimento do processo

O aspecto ainda pode ser classificado como **inceptivo/incoativo**, **cursorio** ou **terminativo/cessativo**, de acordo com o fato de o processo ser apresentado no momento específico de seu início ou de seu encerramento ou ainda estando em curso.

ASPECTO INCEPTIVO/INCOATIVO

É utilizado quando se quer destacar o início do processo que o verbo descreve.

***Chegou** pela manhã, **abriu** o escritório e **iniciou** o expediente.*

Nesse caso, o aspecto é inerente à semântica lexical. Ou seja, o sentido do próprio verbo destaca o traço inceptivo/incoativo.

ASPECTO CURSIVO

É utilizado quando se quer destacar o processo em seu desenvolvimento, em seu curso.

*Enquanto a música tocava, todos **cantavam** juntos.*

Nesse caso, além de o aspecto ser inerente à semântica modo-temporal, uma vez que o verbo da oração principal está no pretérito **imperfeito**, sendo um dos traços semânticos desse sistema modo-temporal, ocorre oração subordinada adverbial de valor temporal, ressaltando a ocorrência concomitante de dois processos, um ocorre enquanto o outro está em curso.

ASPECTO TERMINATIVO/CESSATIVO

É utilizado quando se quer indicar o término de um processo.

*O ônibus **terminava** sua rota diurna.*

Nesse caso, o aspecto é inerente à semântica lexical. Ou seja, o sentido do próprio verbo destaca o traço terminativo/cessativo.

FLEXÃO DE VOZ

O verbo também pode ser flexionado na voz **ativa**, **passiva** ou **reflexiva**, para indicar o papel cumprido pelos elementos envolvidos no que é descrito pelo verbo.

Voz ativa

O sujeito da oração cumpre papel de agente do que é descrito no verbo.

*Mariana **desenhou** o projeto.*

Nesse caso, o sujeito é “Mariana”, que também é agente do evento “desenhar”.

Voz passiva

O sujeito da oração cumpre papel de paciente do que é descrito no verbo, uma vez que “sofre” as consequências do processo apresentado.

A prova de que o paciente ocupa a posição de sujeito é o fato de concordar com o verbo, tanto o auxiliar como o principal.

*Ela **foi conquistada** por uma fotografia.*

TEZZA, Cristovão. *O fotógrafo*. Rio de Janeiro: Record, 2013.

No trecho apresentado, o pronome “Ela”, que ocupa a posição de sujeito, concorda com o auxiliar em número, singular, e pessoa, 3ª; assim como com o particípio, mas em gênero, feminino, e número, singular. Caso

substituíssimos “Ela” pelo pronome *Eles*, o verbo precisaria ser adequado, para estabelecer concordância: *Eles foram conquistados* [...]. Assim, percebe-se que, de fato, a estrutura de sujeito das orações passivas é ocupada pelo conteúdo que cumpre o papel de paciente do que se descreve no verbo.

A estrutura que cumpre função de agente se posiciona posteriormente ao verbo, sendo introduzida pela preposição *por* ou por suas contrações; é classificada como agente da passiva, tópico a ser mais bem detalhado posteriormente.

A ocorrência de voz passiva pode ser classificada como **analítica** ou **sintética**, de acordo com a estrutura sintática apresentada.

VOZ PASSIVA ANALÍTICA

Ocorre quando o sujeito da oração cumpre papel de paciente do que é descrito na estrutura verbal, cuja organização sintática apresenta verbo auxiliar, em que constam as flexões verbais, mais verbo principal, em que constam as flexões nominais, o particípio, indicando que o sujeito é paciente.

*O projeto foi **desenhado** por Mariana.*

*O projeto havia sido **desenhado** por Mariana.*

Em ambos os casos, a estrutura do sujeito é ocupada pelo conteúdo que cumpre papel de paciente, “O projeto.”

VOZ PASSIVA SINTÉTICA/PRONOMINAL

Ocorre quando o sujeito da oração cumpre papel de paciente do que é descrito na estrutura verbal, cuja organização sintática apresenta verbo na 3ª pessoa mais pronome apassivador.

*Desenhou-**se** o projeto.*

*Havia-**se** desenhado o projeto.*

Ainda sobre a voz passiva sintética, é indicado que apenas elementos inanimados componham sua estrutura de sujeito. Caso essa estrutura seja ocupada por um ser animado, humano e animais, é indicado que ocorra a estrutura analítica.

Voz reflexiva

O verbo é flexionado na voz reflexiva quando o sujeito da oração, seja simples ou composto, cumpre concomitantemente o papel de agente e de paciente do que é descrito na estrutura verbal, que é sempre preenchida por um verbo transitivo, cujo complemento é um pronome oblíquo átono, classificado como pronome reflexivo.

*Nós nos **olhávamos** no espelho.*

*Os congressistas se **cumprimentaram**.*

Em ambos os casos, o verbo é transitivo, complementado por um pronome reflexivo, o que indica que o sujeito cumpre concomitantemente papel de agente e de paciente do conteúdo descrito na estrutura verbal.

FORMAS NOMINAIS

Os verbos nominais recebem esse nome porque, apesar de exercerem funções típicas de categorias nominais,

sua raiz indicar ação, evento, processo ou estado, como é comum nos verbos. Quando no **infinitivo**, podem ser empregados como substantivo; quando no **particípio**, podem ser empregados como adjetivo e quando no **gerúndio**, podem ser empregados como advérbios.

Infinitivo

Exprime a ação em si, podendo assumir o valor de um substantivo. É morfologicamente expresso com o morfema **-r**.

Correr, estudar, dirigir, falar.

Essa forma nominal pode ainda ser classificada como **pessoal** ou **impessoal**.

INFINITIVO PESSOAL

Pode ser flexionado, variando em número e pessoa.

*Eu pedi para eles **abrirem** as janelas.*

*Seria importante **sabermos** disso.*

INFINITIVO IMPESSOAL

Por não se referir a alguma pessoa do discurso, não pode ser flexionado, aproximando-se do valor de substantivo.

***Rir** é o melhor remédio.*

***Fazer** exercícios diariamente é muito importante.*

Gerúndio

Reforça a ideia de progressividade do conteúdo verbal, equivalendo a um adjetivo ou a um advérbio, sobretudo. É morfologicamente expresso com o morfema **-ndo**.

Correndo, estudando, dirigindo, falando.

GERUNDISMO

Leia a tirinha.



ORLANDELI. Grump – Acordo Ortográfico. Disponível em: <www.orlandeli.com.br>. Publicado em: 30 mar. 2017. Acesso em: out. 2018.

É bastante comum ouvir na língua falada esse uso que a personagem faz do gerúndio. Embora comum, é importante destacar que, dependendo do contexto, tal uso não está adequado à norma-padrão da língua portuguesa.

O emprego desnecessário do gerúndio em contexto não adequado de enunciação de aspecto verbal cursivo é classificado como um vício de linguagem conhecido como **gerundismo**.

No gerundismo, a estrutura de locução em que o verbo *estar*, flexionado no futuro, é auxiliar do verbo principal, flexionado no gerúndio: *estarei estudando*, ou a estrutura de locução com valor de futuro, em que o verbo auxiliar *ir*, flexionado no futuro, mais o verbo *estar*, como principal, flexionado no infinitivo, mais o gerúndio: *vou estar estudando*, são equivalentes a uma estrutura de futuro simples: *estudarei*.

Contudo, isso não quer dizer que as estruturas *estar* (fut.) + *gerúndio* ou *ir* (fut.) + *estar* + *gerúndio* são completamente inadequadas. Quando ocorrem para enunciar ocorrências concomitantes no futuro, estão completamente adequadas: *Enquanto outros se distraírem, estarei estudando/Enquanto outros se distraírem, vou estar estudando*. O que não pode ocorrer é o uso em um período em que caberia o futuro simples, sem a necessidade de enunciar mais de um processo concomitantemente.

Particípio

Expressa, nos nomes com que concorda, o resultado da ação, sendo empregado como um adjetivo pelo fato de apresentar como traço nominal as flexões de gênero e de número. É morfologicamente expresso com o morfema **-ado**, em verbos da 1ª conjugação, e **-ido**, em verbos 2ª e da 3ª conjugações.

Corrido(a), estudado(a), dirigido(a), falado(a).

Por indicar o estado de uma ação já ocorrida, transmite a ideia de conclusão da ação verbal.

Também pode ser dividido em duas formas: participios **regulares** e **irregulares**.

PARTICÍPIO REGULAR

A maioria dos verbos apresenta um particípio regular terminado em “-ado” na 1ª conjugação e em “-ido” na 2ª e 3ª conjugações. É uma forma empregada preferencialmente em locuções da voz ativa, com os verbos auxiliares *ter* e *haver*.

Alguns verbos com particípio regular:

Verbo	Particípio regular
Amar	Amado
Falar	Falado
Comer	Comido
Sofrer	Sofrido
Partir	Partido
Sorrir	Sorrido

*Os campeões do torneio **têm vivido** dias de glória. Os funcionários já **haviam aceitado** o acordo sobre os novos contratos de trabalho.*

PARTICÍPIO IRREGULAR

Nesta forma, o verbo pode exercer o papel de adjetivo e é empregado geralmente na voz passiva, com os verbos auxiliares *ser* e *estar*. É importante notar que, enquanto os verbos regulares mantêm o mesmo **radical**, os verbos irregulares possuem uma variação ampla em sua flexão.

Alguns verbos com particípio irregular:

Verbo	Particípio irregular
Medir	Meço
Trazer	Trago
Dizer	Digo
Ouvir	Ouço
Pedir	Peço

*A última escultura do artista **foi vista** há dois anos. As artesãs **têm feito** trabalhos impressionantes.*

O DUPLO PARTICÍPIO: VERBOS ABUNDANTES

Há verbos que admitem a forma regular e irregular no particípio e, por isso, são chamados de abundantes.

1ª Conjugação: “-ar”

Verbo	Particípio Regular	Particípio Irregular
Pegar	Pegado	Pego
Salvar	Salvado	Salvo
Ganhar	Ganhado	Ganho

2ª conjugação: “-er”

Verbo	Particípio regular	Particípio irregular
Eleger	Elegido	Eleito
Morrer	Morrido	Morto
Prender	Prendido	Preso

3ª Conjugação: “-ir”

Verbo	Particípio regular	Particípio irregular
frigir	Frigido	Frito
Imprimir	Imprimido	Impresso
Incluir	Incluído	Incluso

Os verbos podem ser classificados como sendo regulares, irregulares, anômalos e defectivos, dependendo de o quão alterada é sua estrutura morfológica durante o processo de flexão.

VERBOS REGULARES

Quando um verbo não apresenta alteração em seu radical ou em suas desinências, é considerado um verbo regular, ou seja, não é alterado ao ser conjugado.

Seguem dois verbos regulares de cada uma das conjugações, exemplificando como eles não sofrem alteração em sua estrutura, mesmo em conjugações diferentes.

Verbos da 1ª conjugação - terminados em "-ar"			
Verbo	Indicativo		Subjuntivo
	Presente	Futuro do presente	Pretérito imperfeito
cantar	eu canto	eu cantarei	se eu cantasse
amar	eu amo	eu amarei	se eu amasse

Verbos da 2ª conjugação - terminados em "-er"			
Verbo	Indicativo		Subjuntivo
	Presente	Futuro do presente	Pretérito imperfeito
viver	eu vivo	eu viverei	se eu vivesse
correr	eu corro	eu cantarei	se eu cantasse

Verbos da 3ª conjugação - terminados em "-ir"			
Verbo	Indicativo		Subjuntivo
	Presente	Futuro do presente	Pretérito imperfeito
partir	eu parto	eu partirei	se eu partisse
assistir	eu assisto	eu assistirei	se eu assistisse

VERBOS IRREGULARES



A irregularidade verbal ocorre quando a conjugação de um verbo ocasiona alteração em sua estrutura fundamental ou flexional, como ocorre com o verbo *prever*, flexionado "prevendo", na forma nominal gerúndio, mas "previ" e "previu" no pretérito perfeito.

Diferentemente dos regulares, os verbos irregulares não possuem uma estrutura fixa ao serem conjugados, sofrendo alterações tanto no radical quanto nas terminações.

Verbos da 2ª conjugação - terminados em "-er"			
Verbo	Indicativo		Subjuntivo
	Presente	Futuro do Presente	Pretérito Imperfeito
dizer	eu digo	eu direi	se eu dissesse
poder	eu posso	eu poderei	se eu pudesse

Verbos da 3ª conjugação - terminados em "-ir"

Verbo	Indicativo		Subjuntivo
	Presente	Futuro do Presente	Pretérito Imperfeito
medir	eu meço	eu medirei	se eu medisse
pedir	eu peço	eu pedirei	se eu pedisse

VERBOS ANÔMALOS



A anomalia verbal ocorre quando a conjugação de um verbo ocasiona alteração dramática em sua estrutura fundamental ou flexional, como ocorre com o verbo *ser*, flexionado "é" e "somos", no presente do indicativo, mas "fosse", no pretérito imperfeito do subjuntivo.

Os verbos que apresentam uma profunda alteração em seu radical, ao serem conjugados, são chamados de anômalos.

Verbos da 2ª conjugação - terminados em "-er"

Verbo	Indicativo		Subjuntivo
	Presente	Pretérito Mais-que-perfeito	Presente
ser	ele é	eu fora	que eu seja

Verbos da 3ª conjugação - terminados em "-ir"

Verbo	Indicativo		Subjuntivo
	Presente	Pretérito Mais-que-perfeito	Presente
ir	ele vai	eu fora	que eu vá

VERBOS DEFECTIVOS



Os verbos defectivos são assim classificados por não apresentarem flexão que complete o paradigma verbal, ou seja, não podem ser flexionados em todas as pessoas de todos os tempos e modos de conjugação.

São assim chamados por não apresentarem uma conjugação completa em todas as pessoas e tempos verbais. Podem ser divididos em pessoais, impessoais e unipessoais.

Verbos defectivos pessoais

Apesar de possuírem sujeito, não são conjugados em todas as formas.

Presente do indicativo			
Verbo			
Pessoa	Falir	Ressarcir	Extorquir
Eu	*	*	*
Tu	*	*	Extorques
Ele(a)/Você	*	*	Extorque
Nós	Falimos	Ressarcimos	Extorquimos
Vós	Falis	Ressarcis	Extorquis
Eles(as)/Vocês	*	*	Extorquem

São ainda exemplos de verbos defectivos: adequar, falir, doer, reaver, abolir, banir, brandir, carpir, colorir, delir, explodir, ruir, exaurir, demolir, puir, delinquir, fulgir (resplandecer), feder, aturdir, bramir, esculpir, extorquir e retorquir.

Verbos defectivos impessoais

Não possuem sujeito e podem indicar fenômenos da natureza, como gear, chover, relampejar, trovejar, anoitecer, ventar etc.

Choveu muito esta noite!

Na oração anterior, note que não há nenhum sujeito, e o verbo chover refere-se a um fenômeno da natureza.

É importante notar que algumas orações são construídas emprestando um sentido figurado a alguns fenômenos da natureza, como nos exemplos acima. Se forem assim empregados, os verbos perdem a sua classificação como defectivos impessoais.

Amanheci com um sorriso inexplicável.

O diretor **trovejava** insultos durante a reunião.

Além de indicar fenômenos naturais, vejamos outros **verbos impessoais** muito utilizados no dia a dia:

HAVER

Se empregado no sentido de acontecer, existir, fazer ou realizar-se.

Havia muitos rumores sobre o escândalo.

Houve dois jogos na final do campeonato.

Haverá cursos extras aqui.

Inaugurei minha loja **há** muitos anos.

FAZER, SER e ESTAR

Quando indicam tempo.

Faz invernos rigorosos na serra catarinense.

Era primavera quando ela decidiu partir.

Estava frio naquele dia.

Verbos defectivos unipessoais

São considerados verbos defectivos unipessoais aqueles conjugados apenas na terceira pessoa do singular ou na terceira pessoa do plural. Classificam-se automaticamente como unipessoais os verbos que enunciam as vozes dos animais.

O touro estacou. Era zebuno e enorme. O vaqueiro, a pé, não lhe inspirava o menor respeito.

Cresceu, sacudindo cabeça, cocuruto e cachaço, como um sistema de torres superpostas. Encurtou-se, encolhendo os quartos dianteiros e inclinando a testa. E veio.

E nem tempo de mudar dois passos, obrigando-o a alterar, em pleno avanço, a mira do arremesso: Badú mal pôde quadrar-se, em guarda — a vara sustida como uma enxada, mão esquerda a dois palmos da aguilhada, a direita bem lá atrás.

— Põe p'ra lá, vaca velha!

Agora! O ferrão toca o chanfro e resvala para a bochecha. Por centímetros! Badú nega o corpo, descaindo de banda. Evita chifre e choque, mas mesmo o raspão já era um trompaço: mal-governou-se e quase cai, enquanto o touro afunda adiante, sopraz, num rufar de tambor.

— É hora!

E Badú faz vira-cara, que o touro voltava, cru, em ofensiva sagital.

Hora de não olhar o imenso vulto montanhoso, máquina de trem-de-ferro — terra tremendo e ar tremendo — para não ver a cabeça, vertiginosa, que aumenta de volume, com um esboço giratório e mil maldades na carranca. Olhar para a ponta da vara, apenas...

— Põe p'ra lá, marroeiro!

Preciso. O aguilhão feriu o focinho, a vara jogou como um braço de biela, e já Badú empurrou o perfil do boi, tirando o corpo para a esquerda, num pulo de pés juntos.

— Passa, corisco! Aratanha!

Passou, com ventania e estrondo.

— Topada certa! Boa vara e bom vaqueiro meu!...

Já o touro, tendo ido a poucos passos, **mugiu** curto e voltava, com sua fúria no mais, mais. Tomara a dor e entrava em Badú outra vez.

ROSA, João Guimarães. O burrinho pedrês. In: _____. *Sagarana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

São também unipessoais alguns verbos a que não se pode atribuir sujeito, como o verbo **passar** (seguido de preposição), indicando tempo.

Já **passa** das duas da tarde.

e os verbos **bastar** e **chegar**, seguidos da preposição **de**, indicando suficiência.

Basta de tolices.

Chega de saudade.

OS VERBOS AUXILIARES E AS LOCUÇÕES VERBAIS

Um verbo é classificado como auxiliar quando é empregado de maneira secundária a um verbo principal, este flexionado nas formas nominais, seja no infinitivo, no gerúndio ou no particípio.



Os verbos auxiliares compõem as locuções verbais, permitindo que sejam enunciadas informações de modo, tempo, número e pessoa, não expressas pelas formas nominais que preenchem o núcleo da locução, como ocorre com “Estou precisando”, em que o verbo auxiliar “Estou” enuncia informações modo-temporais e número-pessoais, não constantes na forma nominal “precisando”, em que o aspecto cursivo e a informação semântica são mais relevantes.

A locução verbal é caracterizada pelo emprego de mais de uma forma verbal para enunciar a mesma informação que seria possível enunciar empregando apenas um verbo flexionado.

A locução verbal é composta de verbo auxiliar com flexões modo-temporais e número-pessoais + verbo principal flexionado em uma das formas nominais.

No cartum, ocorre a locução “Estou precisando”, em que o verbo auxiliar “Estou” enuncia informações modo-temporais (presente do indicativo) e número-pessoais (primeira pessoa do singular), não constantes na forma nominal “precisando”, em que o aspecto cursivo e a informação semântica (a precisão/necessidade) são mais relevantes.

É possível substituir essa locução verbal por uma forma verbal simples, com flexões modo-temporais e número-pessoais:

■ **Preciso** trocar a espuma e revestir [...]

Isso porque a informação semântica mais as flexões modo-temporais e número-pessoais estão presentes na forma “Preciso”. Contudo, muito da informação aspectual seria perdida, uma vez que, para o falante contemporâneo de língua portuguesa, a informação aspectual cursiva de verbos flexionados no modo indicativo, ainda que no tempo presente, não é tão evidente, o que explica a opção por locuções ser mais recorrente na língua falada.

Os principais verbos auxiliares são: **ser**, **estar**, **ter**, **haver** e **ficar**.

SER

A presidente **é aguardada** para a cerimônia. = **Aguardam** a presidente para a cerimônia.

ESTAR

Estou esperando o resultado do teste. = **Espero** o resultado do teste.

TER

Eu **tenho falado** a mesma coisa todo dia. = Eu **falo** a mesma coisa todo dia.

HAYER

Hei de alcançar meus objetivos. = **Alcançarei** meus objetivos.

FICAR

A menina **fica imaginando** como seria sua vida em outro lugar. = A menina **imagina** como seria sua vida em outro lugar.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

FLEXÕES VERBAIS

Conceito

A estrutura do verbo permite que ele seja flexionado em número, pessoa, modo, tempo, aspecto e voz.

Flexão de número

Singular ou plural.

Flexão de pessoa

1º, 2º ou 3º pessoas da conjugação, tanto no singular quanto no plural.

Flexão de modo

Indicativo, subjuntivo e imperativo.

Flexão de tempo

Presente, passado e futuro.

Flexão de aspecto

- a) Completude do processo (perfectivo e imperfectivo);
- b) Duração do processo (durativo, pontual ou frequentativo);
- c) Desenvolvimento do processo (incoativo, cursivo ou terminativo).

Flexão de voz

Ativa, passiva (analítica ou sintética) e reflexiva.

Formas nominais do verbo

Recebem esse nome porque permitem que o verbo seja empregado com funções muito parecidas com os nomes, como substantivos, adjetivos e advérbios.

Infinitivo

Pessoal e impessoal.

Gerúndio

Terminação em "-ndo".

Particípio

Regular e irregular.

O duplo particípio

Verbos abundantes.

ROTEIRO DE AULA

ESTRUTURA VERBAL

Verbo

Classe de palavra que expressa acontecimentos representados no tempo, como um processo, um fenômeno da natureza, um estado e também uma ação. Além disso, podemos afirmar também que verbo é toda palavra que se flexiona em modo, tempo, número, pessoa e voz.

Estrutura das formas verbais

Todo verbo é composto por: radical + vogal temática + desinência (a desinência pode ser modo-temporal ou número-pessoal).

Radical

É o morfema que carrega o sentido do verbo, sua identidade principal. É invariável em sua quase totalidade, exceto em alguns verbos irregulares.

Vogal temática

É a vogal que serve como elemento de ligação entre o radical e as desinências, formando assim o **tema**.

Pode ser encontrada nas três formas a seguir:

vogal "a" – para os verbos da **1ª conjugação – ar**

vogal "e" – para os verbos da **2ª conjugação – er**

vogal "i" – para os verbos da **3ª conjugação – ir**

Desinência verbal

É a parte que se liga ao tema (radical + vogal temática) para indicar a flexão do verbo em número e pessoal (**número-pessoal**) ou também em modo e tempo (**modo-temporal**).

Afixos

São os elementos que podem possuir função semântica (**prefixos**) ou ainda função morfológica (**sufixos**) nos verbos. Os prefixos vêm antes do radical do verbo, e os sufixos vêm após o tema (união do radical + vogal temática).

Formas verbais rízetônicas e arízetônicas

Se a sílaba tônica recair no radical do verbo, sua forma é rízetônica. Quando a sílaba tônica se encontra fora do radical, a forma é arízetônica.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UECE

Envelhecer

A coisa mais moderna que existe nessa vida

[é envelhecer

A barba vai descendo e os cabelos vão

[caindo pra cabeça aparecer

Os filhos vão crescendo e o tempo vai

[dizendo que agora é pra valer

Os outros vão morrendo e a gente

[aprendendo a esquecer

Não quero morrer pois quero ver

Como será que deve ser envelhecer

Eu quero é viver pra ver qual é

E dizer venha pra o que vai acontecer

Eu quero que o tapete voe

No meio da sala de estar

Eu quero que a panela de pressão pressione

E que a pia comece a pingar

Eu quero que a sirene soe

E me faça levantar do sofá

Eu quero pôr Rita Pavone

No *ringtone* do meu celular

Eu quero estar no meio do ciclone

Pra poder aproveitar

E quando eu esquecer meu próprio nome

Que me chamem de velho gagá

Pois ser eternamente adolescente nada é

[mais démodé

Com uns ralos fi os de cabelo sobre a testa

[que não para de crescer

Não sei por que essa gente vira a cara pro

[presente e esquece de aprender

Que felizmente ou infelizmente sempre o

[tempo vai correr

[...]

ANTUNES, Arnaldo; GENECCI, Marcelo; ORTINHO. Envelhecer.

Intérprete: Arnaldo Antunes. In: ANTUNES, Arnaldo. *Iê-iê-iê*. São Paulo: Rosa Celeste, 2009. 1 CD.

Sobre as locuções verbais presentes na primeira estrofe da canção (“vai descendo”, “vão caindo”, “vão crescendo”, “vai dizendo”, “vão morrendo”), não é adequado afirmar que

- a) nestas locuções verbais formadas com o verbo “ir” é comum que elas expressem algo que ocorrerá antes do momento da fala.
- b) são locuções formadas pelo verbo auxiliar “ir” somado a um verbo principal no gerúndio.
- c) o último verbo destas locuções representa a ação que se quer expressar, enquanto o primeiro verbo exprime o modo e o tempo em que ela se realiza.

d) o verbo auxiliar, além de expressar o modo e o tempo em que a ação se realiza, faz também referência à duração da ação verbal.

As locuções formadas pelo verbo “ir” indicam ações presentes e futuras.

2. UFRGS-RS

É preciso estabelecer uma distinção radical entre um “brasil” escrito com letra minúscula, nome de um tipo de madeira de lei ou de uma feitoria interessada em explorar uma terra como outra qualquer, e o Brasil que designa um povo, uma nação, um conjunto de valores, escolhas e ideais de vida. O “brasil” com b minúsculo é apenas um objeto sem vida, pedaço de coisa que morre e não tem a menor condição de se reproduzir como sistema. Mas o Brasil com B maiúsculo é algo muito mais complexo.

Estamos interessados em responder esta pergunta: afinal de contas, o que faz o brasil, BRASIL? Note-se que se trata de uma pergunta relacional que, tal como faz a própria sociedade brasileira, quer juntar e não dividir. Queremos, isto sim, descobrir como é que eles se ligam entre si; como é que cada um depende do outro; e como os dois formam uma realidade única que existe concretamente naquilo que chamamos de “pátria”.

Se a condição humana determina que todos os homens devem comer, dormir, trabalhar, reproduzir-se e rezar, essa determinação não chega ao ponto de especificar também qual comida ingerir, de que modo produzir e para quantos deuses ou espíritos rezar. É precisamente aqui, nessa espécie de zona indeterminada, mas necessária, que nascem as diferenças e, nelas, os estilos, os modos de ser e estar; os “jeitos” de cada grupo humano. Trata-se, sempre, da questão de identidade.

Como se constrói uma identidade social? Como um povo se transforma em Brasil? A pergunta, na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante. É que, no meio de uma multidão de experiências dadas a todos os homens e sociedades, algumas necessárias à própria sobrevivência – como comer, dormir, morrer, reproduzir-se etc. – outras acidentais ou históricas –, o Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por chineses, a geografia do Brasil ter certas características, falarmos português e não francês, a família real ter se transferido para o Brasil no início do século XIX etc. –, cada sociedade (e cada ser humano) apenas se utiliza de um número limitado de “coisas” (e de experiências) para se construir como algo único.

Nessa perspectiva, a chave para entender a sociedade brasileira é uma chave dupla. E, para mim, a capacidade relacional — do antigo com o moderno — tipifica e singulariza a sociedade brasileira. Será preciso, portanto, discutir o Brasil como uma moeda. Como algo que tem dois lados. E mais: como uma realidade que nos tem iludido, precisamente porque nunca lhe propusemos esta questão relacional e reveladora: afinal de contas, como se ligam as duas faces de uma mesma moeda? O que faz o brasil, Brasil?

Adaptado de: DAMATTA, R. O que faz o brasil, Brasil? A questão da identidade. In: _____. *O que faz o brasil, Brasil?*. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

Assinale a alternativa que apresenta a correta passagem de segmento do texto da voz ativa para a voz passiva.

- a) como os dois formam uma realidade única – como uma realidade única é formada pelos dois.
- b) Trata-se, sempre, da questão de identidade – é tratado, sempre, da questão de identidade.
- c) A pergunta, na sua discreta singeleza, permite descobrir algo muito importante – algo muito importante é perguntado, na sua discreta singeleza.
- d) o Brasil ter sido descoberto por portugueses e não por chineses – portugueses, e não chineses, terem descoberto o Brasil.
- e) nunca lhe propusemos esta questão relacional e reveladora – esta questão relacional e reveladora nunca lhe foi proposta.

A alteração de voz verbal está correta, respeitando a manutenção de tempo e modo verbais, assim como a concordância.

3. FGV-RJ

Ser autor

O processo de iniciação à escrita deve ser cercado de alguns cuidados. Talvez o principal seja o de estimular a criança a assumir a autoria dos seus primeiros textos. Uma fase prévia de reprodução é inevitável. Experiências pedagógicas mostram o entusiasmo da meninada, ao ver, no papel, seus primeiros desenhos gráficos a falarem de alguma coisa. Outras experiências já provam que tal entusiasmo vai arrefecendo a partir da terceira série. O que parece acontecer, pelo que andei lendo (as palavras são minhas), é que os alunos vão sendo freados em seus intentos comunicativos. Como? Por um lado, surgem os ditongos, os hiatos, os tritongos (e a semivogal!), listas de aumentativos e de diminutivos de menos ou nenhuma valia, de superlativos eruditos (amaríssimo, dulcíssimo, macérrimo, que tal?), enfim, muita memorização, para nada, de palavras isoladas, fora de um contexto, como costumam dizer os estudiosos da linguagem. Boas puxadas de orelha levei, porque, ao decorar certos verbos considerados irregulares, não tinha guardado a forma caibo! Um amigo me contou que, ao escrever uma carta, vacilou no plural de anão e apelou para esta inusitada expressão: “um anão e outro anão”! Por outro lado, nasce cedo para os estudantes a cultura do erro, que marca ainda o ensino e que impregna a nossa sociedade, sem que ela se dê conta do processo.

Disponível em: <www.carloseduardouchoa.com.br/>. Acesso em: ago. 2018. Adaptado.

O autor cita o verbo “caber” como verbo irregular; a gramática portuguesa mostra uma extensa classificação dos verbos. Entre as alternativas a seguir, aquela que exemplifica verbos inadequados à classificação é:

- a) verbos abundantes: suspender e incluir
- b) verbos anômalos: ir e ser
- c) verbos defectivos: caber e doer
- d) verbos auxiliares: ter e haver
- e) verbos unipessoais: colorir e reaver

Colorir e reaver são verbos defectivos e não unipessoais: aqueles que só se empregam na terceira pessoa do singular ou na terceira pessoa do plural.

Fazem parte deste grupo:

- a) os verbos que exprimem fenômenos da natureza (chover, ventar, anoitecer) – só se empregam na terceira pessoa do singular.
- b) os verbos que exprimem vozes de animais (latir, miar, urrar, coaxar) – só se empregam na terceira pessoa do singular ou na terceira pessoa do plural.

4. UNESP – Para responder à questão, leia o poema de Catulo da Paixão Cearense (1863-1946).

O Azulão e os tico-ticos

Do começo ao fim do dia,
um belo Azulão cantava,
e o pomar que atento ouvia
o seus trilos de harmonia,
cada vez mais se enflorava.

Se um tico-tico e outras aves
vaiavam sua canção...
mais doce ainda se ouvia
a flauta desse Azulão.

Um papagaio, surpreso
de ver o grande desprezo,
do Azulão, que os desprezava,
um dia em que ele cantava
e um bando de tico-ticos
numa algazarra o vaiava,
lhe perguntou: “Azulão,
olha, dize-me a razão
por que, quando estás cantando
e recebes uma vaia
desses garotos joviais,
tu continuas gorgear
e cada vez canta mais?!”

Numas volatas sonoras,
o Azulão lhe respondeu:
“Caro Amigo! Eu prezo muito
esta garganta sublime
e esta voz maravilhosa...
este dom que Deus me deu!”

Quando, há pouco, eu descantava,
pensando não ser ouvido
nestes matos por ninguém,
um Sabiá*, que me escutava,
num capoeirão, escondido,
gritou de lá: — meu colega,
bravos! Bravos... muito bem!

Pergunto agora a você:
quem foi um dia aplaudido
pelo príncipe dos cantos
de celestes harmonias,
(irmão de Gonçalves Dias,
um dos cantores mais ricos...)
— que caso pode fazer
das vaias dos tico-ticos?”

* Nota do editor: Simbolicamente, Rui Barbosa está representado neste Sabiá, pois foi a “Águia de Haia” um dos maiores admiradores de Catulo e prefaciador do seu livro *Poemas bravios*.

Poemas escolhidos, s/d.

Na fala do papagaio,

"Azulão,/ olha, dize-me a razão/ por que, quando estás cantando/ e recebes uma vaia/ desses garotos joviais,/ tu continuas gorgearndo/ e cada vez canta mais?!"

, uma das formas verbais não apresenta, como deveria, flexão correspondente à mesma pessoa gramatical das demais. Trata-se de

- a) continuas.
 b) dize.
 c) canta.
 d) recebes.
 e) estás.
- O papagaio define a 2ª pessoa do singular como forma de tratar o Azulão, logo a forma verbal "canta" deveria ser conjugada igualmente ("cantas"), dando continuidade à frase anterior: ("tu continuas gorgearndo e cada vez cantas mais?!").

5. Epcar-MG – Observe a tirinha de Fernando Gonsales:



FERNANDO GONSALES



GONSALES, Fernando. *Nem tudo que balança cai*. São Paulo: Devir, 2003. p. 16.

Os verbos do primeiro e segundo quadrinhos – "abaixa, enrola, puxa, torce, vira, remexe, pula" – estão no modo verbal:

- a) indicativo
 b) subjuntivo
 c) imperativo
 d) gerúndio

O modo imperativo pode expressar uma ideia de ordem, pedido ou conselho.

6. UEFS-BA

C8-H27

Acordou. Levantou-se. Aprontou-se. Lavou-se. Barbeou-se. Enxugou-se. Perfumou-se. Lanchou. Escovou. Abraçou. Beijou. Saiu. Entrou. Cumprimentou. Orientou. Controlou. Advertiu. Chegou. Desceu. Subiu. Entrou. Cumprimentou. Assentou-se. Preparou-se. Examinou. Leu. Convocou. Leu. Comentou. Interrompeu. Leu. Despachou. Conferiu. 1Vendeu. Vendeu. 2Ganhou. Ganhou. Ganhou. 3Lucrou. Lucrou. Lucrou. Lesou. Explorou. Escondeu. Burlou. Safou-se. Comprou. Vendeu. Assinou. Sacou. Depositou. Depositou. Depositou. Associou-se. Vendeu-se. Entregou. Sacou. Depositou. Despachou. Repreendeu. 4Suspendeu. Demitiu. Negou. Explorou. Desconfiou. Vigiou. Ordenou. Telefonou. Despachou. Esperou. Chegou. Vendeu. Lucrou. Lesou. Demitiu. Convo- cou. Saiu. Despiu-se. Dirigiu-se. Chegou. Beijou. Negou. Lamentou. Dormiu. Roncou. Sonhou. Sobressaltou-se. Acordou. Preocupou-se. Temeu. Suou. Ansiou. Tentou. Bebeu. Dormiu. Dormiu. Dormiu. Acordou. Levantou-se. Aprontou-se...

MINO. Como se conjuga um empresário. Disponível em: <[http:// docslide.com.br/documents/como-se-conjuga-um-empresario.html](http://docslide.com.br/documents/como-se-conjuga-um-empresario.html)>. Acesso em: 18 jan. 2016. Adaptado.

No texto de Mino, a utilização e a organização sequencial das formas verbais permitem inferir que a persoa- nam principal

- a) não mantém uma rotina adequada a seus princípios éticos.
 b) exime-se de qualquer compromisso com a sua própria família.
 c) não apresenta sinais de que irá rever seus valores e sua forma de agir.
 d) alterna contextos de sucesso e lucro com situações de fracasso e desespero.
 e) revela momentos de compaixão diante do outro, re- tomando algumas atitudes.

Os verbos estão conjugados no pretérito perfeito do indicativo; trata-se de ações, portanto, executadas e concluídas no passado. Além disso, a sequência inicial é idêntica à final, cuja interpretação aponta para a inflexibilidade da personagem principal.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. IFsul-RS – Leia:

Levanta-se, bebe o pouco da água que restou do copo ao lado da cama.

Tomando-se a frase isoladamente do texto, caso o pronome "se" fosse substituído pelo pronome "te", o verbo levantar

- a) sofreria mudança em seu modo verbal, passando do subjuntivo para o imperativo, e o verbo beber permaneceria inalterado.
 b) não sofreria alteração em seu modo verbal, permanecendo no indicativo, assim como o verbo beber.

c) sofreria modificação em seu modo verbal, passando do indicativo para o imperativo, e o verbo beber não necessitaria de ajustes.

d) não sofreria alteração em seu modo verbal, permanecendo no subjuntivo, mas o verbo beber seria modificado.

8. Fuvest-SP

Revelação do subúrbio

Quando vou para Minas, gosto de ficar de pé, contra a vidraça do 1carro,

vendo o subúrbio passar.

O subúrbio todo se condensa para ser visto depressa,
com medo de não repararmos suficientemente
em suas luzes que mal têm tempo de brilhar.

A noite como o subúrbio e logo o devolve,
ele reage, luta, se esforça,

até que vem o campo onde pela manhã repontam laranjais
e à noite só existe a tristeza do Brasil.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*.
São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

I: carro: vagão ferroviários para passageiros.

Considerados no contexto, dentre os mais de dez verbos no presente, empregados no poema, exprimem ideia, respectivamente, de habitualidade e continuidade

- "gosto" e "repontam".
- "condensa" e "esforça".
- "vou" e "existe".
- "têm" e "devolve".
- "reage" e "luta".

9. IBGP-MG – Leia o texto abaixo para responder à questão.



Lúcio Oliveira, Zé Manguaça - *Turma do Edibar*. Disponível em: <www.facebook.com/edibardasilva>. Acesso em: nov. 2018.

Assinale a alternativa correta sobre o uso de verbos na tirinha:

- existem dois verbos no infinitivo
- existem três verbos no particípio
- existem três verbos no infinitivo
- existem dois verbos no particípio

10. UERJ

A invasão dos blablablás

O planeta é dividido entre as pessoas que falam no cinema – e as que não falam. É uma divisão recente. Por décadas, os falantes foram minoria. E uma minoria reprimida. Quando alguém abria a boca na sala escura, recebia logo um shhhhhhhhhhhhhhh. E voltava ao estado silencioso de onde nunca deveria ter saído. Todo pai ou mãe que honrava seu lugar de educador ensinava a seus filhos que o cinema era um lugar de reverência. Sentados na poltrona, as luzes se apagavam, uma música solene saía das caixas de som, as cortinas se abriam e um novo mundo começava. Sem sair do lugar, vivíamos outras vidas, viajávamos por lugares desconhecidos, chorávamos, ríamos, nos apaixonávamos. Sentados ao lado de desconhecidos, passávamos por todos os estados de alma de uma vida inteira sem trocar uma palavra. Comungávamos em silêncio do mesmo encantamento. (...)

Percebi na sexta-feira que não ia ao cinema havia três meses. Não por falta de tempo, porque trabalhar muito não é uma novidade para mim. Mas porque fui expulsa do cinema. Devagar, aos poucos, mas expulsa. Pertencço, desde sempre, às fileiras dos silenciosos. Anos atrás, nem imaginava que pudesse haver outro comportamento além do silêncio absoluto no cinema. Assim como não imagino alguém cochichando em qualquer lugar onde entramos com o compromisso de escutar.

Não é uma questão de estilo, de gosto. Pertence ao campo do respeito, da ética. Cinema é a experiência da escuta de uma vida outra, que fala à nossa, mas nós não falamos uns com os outros. No cinema, só quem fala são os atores do filme. Nós calamos para que eles possam falar. Nossa vida cala para que outra fale.

Isso era cinema. Agora mudou. É estarecedor, mas os blablablás venceram. Tomaram conta das salas de cinema. E, sem nenhuma repressão, vão expulsando a todos que entram no cinema para assistir ao filme sem importunar ninguém. (...)

BRUM, Eliane. A invasão dos blablablás. *Época*, 10 ago. 2009.

Isso era cinema.

O verbo assume, nesta frase, o sentido específico de indicar um estado de coisas que durava. No entanto, ele assume o sentido específico de indicar uma mudança sem retorno na seguinte reescritura:

- Isso foi o cinema.
- Isso será o cinema.
- Isso tem sido o cinema
- Isso teria sido o cinema.

11. FGV-RJ

Imagine reunir um grupo diverso de pessoas toda quinta-feira, durante dez anos, para estudar e treinar visões sobre o trabalho do ator e da arte. Imagine que a pessoa que conduz essa iniciativa o faz por crença no ofício, dedicação de uma vida inteira, com apoios eventuais, mas sem nenhum ressentimento. Para aqueles que miram na arte uma forma de estar na vida, a diretora Celina Sodré é um exemplo a ser mirado. Para outros que olham com desdém a profissão de artista de teatro, é uma possibilidade de mudar de ponto de vista.

FAUSTINI, Marcus. Toda Quinta. *O Globo*. 11 abr. 2017.

No texto há um conjunto de verbos no infinitivo; se substituirmos essas formas verbais por substantivos correspondentes, a única frase INCORRETA será:

- "Imagine reunir um grupo" / imagine a reunião de um grupo
- "para estudar" / para o estudo
- "treinar visões" / treino de visões
- "uma forma de estar na vida" / uma forma de estada na vida
- "uma possibilidade de mudar" / uma possibilidade de mutação

12. FGV-RJ

Uma mensagem para toda humanidade

Todos desejamos ajudar uns aos outros. Os seres humanos são assim. Desejamos viver para a felicidade do

próximo – não para o seu infortúnio. Por que temos de odiar e desprezar uns aos outros? Neste mundo há espaço para todos. A terra, que é boa e rica, pode prover a todas as nossas necessidades.

O caminho da vida pode ser o da liberdade e da beleza, porém nos deixamos extraviar. A cobiça envenenou a alma dos homens, levantou no mundo as muralhas do ódio e tem-nos feito marchar a passo de ganso para a miséria e os morticínios. Criamos a época da velocidade, mas nos sentimos enclausurados dentro dela. A máquina, que produz abundância, tem-nos deixado em penúria. Nossos conhecimentos fizeram-nos céticos; nossa inteligência, empedernidos e cruéis. Pensamos em demasia e sentimos bem pouco. Mais do que de máquinas, precisamos de humanidade. Mais do que de inteligência, precisamos de afeição e doçura. Sem essas virtudes, a vida será de violência e tudo será perdido.

A aviação e o rádio nos aproximou. A própria natureza dessas coisas são um apelo eloquente à bondade do homem, um apelo à fraternidade universal, à união de todos nós. Neste mesmo instante, a minha voz chega a milhares de pessoas pelo mundo afora. Milhões de desesperados: homens, mulheres, criancinhas, vítimas de um sistema que tortura seres humanos e encarcera inocentes. Aos que podem me ouvir eu digo: não desesperéis! A desgraça que tem caído sobre nós não é mais do que o produto da cobiça em agonia, da amargura de homens que temem o avanço do progresso humano. Os homens que odeiam desaparecerão, os ditadores sucumbirão e o poder que do povo arrebataram há de retornar ao povo. Sei que os homens morrem, mas a liberdade não perecerá jamais.

Disponível em: <www.revistaprosaversoarte.com>.
Acesso em: ago. 2018. Adaptado.

Assinale a opção que indica a forma verbal sublinhada que **não** constitui uma locução verbal, ou seja, forma mais de uma oração.

- a) Todos desejamos ajudar uns aos outros.
- b) Desejamos viver para a felicidade do próximo.
- c) Por que havemos de odiar e desprezar uns aos outros?
- d) A terra, que é boa e rica, pode prover a todas as nossas necessidades.
- e) Porém nos deixamos extraviar.

13. UFAL

Jaburu malandro

No dia seguinte deu-se isto: estavam almoçando quando a porta se abriu, Pietro! Era um ingrato, era tudo o que você quisesse, mas era filho. Foi uma festa. Tanto tempo, como é que viera sem avisar! Como estava grande! Pois fazem seis anos já! – Meu pai desculpa...

[...]

ANDRADE, Mário de. *O melhor de Mário de Andrade: contos e crônicas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015. p. 73.

Na narrativa, a ação possui um movimento temporal que a dinamiza. Esse movimento é marcado no texto, principalmente, pelas formas verbais

- a) no gerúndio e no particípio
- b) no infinitivo impessoal e pessoal

- c) nos modos subjuntivo e imperativo
- d) nos tempos pretérito perfeito simples e no pretérito imperfeito
- e) nos tempos futuro do presente simples e do presente composto

14. IF-ES (adaptado)

Texto I

Esses textos

O texto primeiro existe só, como ponto.

Se transforma depois em linha com sua própria força de deslocação, sua velocidade própria.

Depois, o leitor institui outra linha, lendo. O leitor constitui um feixe de linhas cruzadas organizando os textos. No percurso do texto e no trânsito da leitura, as linhas se chocam, se repudiam, se perdem, correm paralelas e podem se amar. Depois, saber fazer retorná-las a ponto.

(Mas o importante é o leitor. Você.)
É preciso ter calma. Saber ir abotoando os elementos vários à espera do clique de colchete. Quando dois ou mais se engatam, fecha-se um sentido único e exclusivo. Mas que você pode emprestar a alguém, desde que o diga (Não tenha medo da alta-velocidade. Não tenha receio de dar marcha à ré.)

É preciso ter pressa. Saber ir desabotoando os colchetes de sentido como quem quer tirar

camisa usada e suada
de dia de trabalho.
Cada camisa,
depois de surrada,
é fonte
de novo esforço.
Ou então vira
camisa-de-força.

É preciso saber vestir
o texto,
como tatuagem na própria
pele.

É preciso saber tatuar
o texto,
como sulcos feitos
na bruta realidade.

O duplo estilete
do texto e da leitura,
do autor e do leitor.
A dupla tatuagem
contra o próprio corpo
e a realidade bruta.

A tatuagem que se imprime
para poder forçar
a barra.
A tatuagem que o corpo,
depois de violado
tatuava. Violentando.

SANTIAGO, Silviano. *Crescendo durante a guerra numa província ultramarina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1978.

Texto II

Leitura nas diversas disciplinas

Heloisa Amaral

O ensino, na escola, não existe sem a leitura. Ou é leitura direta pelo aluno, ou explicações do professor sobre textos que ele, o professor, leu. Ou seja, a linguagem falada pelo professor é uma didatização do conhecimento acumulado pela escrita (em letras ou números e sinais) na disciplina que ele leciona. Quando a fala é uma transposição de leituras, ela não é uma fala similar a uma conversa casual, como as que usamos no cotidiano. Ao contrário, está carregada de conceitos e de relações complexas entre os conceitos provenientes de estudos sobre os diferentes conhecimentos, seja qual for a matéria que esteja sendo ensinada. E em geral é preciso acrescentar, para complementar as aulas expositivas ou dialogadas feitas pelos professores, textos (didáticos ou não) relacionados às disciplinas ministradas. Assim, o que se tem como prática constante em todas as disciplinas escolares é a leitura de textos. Antes ou depois da aula expositiva, leituras. Leitura de textos escritos, de imagens, de gráficos, mas leitura. Isso significa que sem desenvolver capacidades de leitura o aluno não consegue

aprender as disciplinas escolares na dimensão proposta pelos conteúdos programáticos. Significa, também, que os professores das diversas disciplinas precisam ensinar o aluno a ler os gêneros próprios de suas matérias, uma vez que eles são gêneros textuais produzidos de forma particular em cada área de conhecimento. Ler literatura, por exemplo, não é o mesmo que ler enunciados de problemas; ler textos de história não é o mesmo que ler gráficos em geografia. O aluno não lê textos de cada uma das disciplinas com facilidade sem ter compreendido os conceitos e as relações entre eles, do modo particular como são abordados nelas. Seja qual for a disciplina, a leitura se dá de forma particular, e exige conhecimentos específicos para ser bem-sucedida.

Então, ler é uma competência indispensável para a aprendizagem em cada uma das áreas, uma competência que precisa ser ensinada pelos professores de cada uma delas. Mas o que é necessário para que os alunos leiam verdadeiramente em qualquer disciplina, compreendendo o que leem? A compreensão dos textos de diferentes gêneros está relacionada a dois aspectos: primeiramente, à natureza dos próprios textos e, em segundo lugar, às capacidades de leitura desenvolvidas pelo leitor.

Em primeiro lugar, não há como ler textos, gráficos ou imagens, sem ter compreendido bem a natureza dos gêneros textuais das diferentes áreas de conhecimento, ou seja, a situação particular em que textos, gráficos ou imagens foram produzidos. A situação de produção de um texto é sempre histórica, isto é, está ligada ao momento histórico atual e, ao mesmo tempo, faz referências a um conhecimento produzido em um dado momento da história da humanidade. Em matemática, por exemplo, o professor pode ensinar a situação de produção de um gênero textual matemático trabalhando com o nascimento de conceitos a eles relacionados, registrados na história da matemática.

Em segundo lugar, não há leitores que leiam bem sem ter suas capacidades de leitura, necessárias para ler qualquer gênero de texto, bem desenvolvidas. As capacidades de leitura, portanto, podem e devem ser desenvolvidas em qualquer disciplina escolar. [...]

Publicado originalmente no site da Olimpíada de Língua Portuguesa Escrivendo o Futuro. Disponível em: <<https://dialogosassessoria.wordpress.com/2014/09/11/leitura-nas-diversas-disciplinas/>>.

Marque a única opção que apresenta uma frase com a justificativa CORRETA sobre a classificação do verbo em destaque:

- a) "Saber ir abotoando"; "você pode emprestar a alguém" (Os verbos "saber" e "poder" são irregulares, porque sofrem alterações em seu radical quando conjugados, a começar pelo presente do indicativo);
- b) "O ensino, na escola, não existe sem a leitura." (O verbo "existir" é um verbo irregular, porque é da terceira conjugação);
- c) "... seja qual for a matéria que esteja sendo ensinada." (Os verbos "ser" e "estar" sofrem profunda modificação em seus radicais. Portanto, são "defectivos");
- d) "É preciso saber vestir o texto, como tatuagem na própria pele." (O verbo "vestir" é um verbo regular da 2ª conjugação);
- e) "Seja qual for a disciplina, a leitura se dá de forma particular, e exige conhecimentos específicos para ser bem-sucedida." (A palavra "for" é a forma de um verbo "defectivo", porque tem mais de um radical!)

15. Escola Naval-RJ

Leitura - Leituras: Quando ler (bem) é preciso

[...] Alguns leitores ao lerem estas frases (poesia citada) não compreenderam logo. Creio mesmo é impossível compreender inteiramente à primeira leitura pensamentos assim esquematizados sem uma certa prática.

Mário de Andrade, "Artista"

Eu sou um escritor difícil
Que a muita gente enquizila,
Porém essa culpa é fácil
De se acabar numa vez:
É só tirar a cortina
Que entra luz nesta escurez.

Mário de Andrade, "Lundu do escritor difícil"

No eterno criar e recriar da atividade verbal, a criatividade, a semanticidade, a intersubjetividade, a materialidade e a historicidade são propriedades essenciais da linguagem, indispensáveis a todos os atos da fala, sejam eles presentes, passados ou futuros.

Porém, é a atividade semântica que intermedeia a conexão dos seres humanos com o mundo dos objetos, estabelecendo a relação entre o EU e o Universo, e, junto com a alteridade (relação do EU com o Outro, de caráter interlocutivo), permite a identificação da linguagem como tal, pois a linguagem existe não apenas para significar, mas significar alguma coisa para o outro.

A semanticidade possibilita o indivíduo conceber e revelar as coisas pertencentes ao mundo do real e da imaginação. Logo, é ao mesmo tempo significação, modo de conceber, ou melhor, uma configuração linguística de conhecimento, uma organização verbal do pensamento, e designação ou referência, aplicação dos conceitos às coisas extralinguísticas. [...].

No processo de leitura do texto, para que o leitor se aproprie desse(s) sentido(s), é necessário que ele domine não apenas o código linguístico, mas também compartilhe bagagem cultural, vivências, experiências, valores, correlacione os conhecimentos construídos anteriormente (de gênero e de mundo, entre outros) com as novas informações expressas no texto; faça inferências e comparações; com-

preenda que o texto não é uma estrutura fechada, acabada, pronta; perceba as significações, as intencionalidades, os dialogismos, o não dito, os silêncios.

Em resumo, é fundamental que, por meio de uma série de contribuições, o interlocutor colabore para a construção do conhecimento. Assim, ler não significa traduzir um sentido já considerado pronto, mas interagir com o outro (o autor), aceitando, ou não, os propósitos do interlocutor.

CEZAR, Marina. Revista *Villegagnon*. Ano IV. Nº 4. 2009. (Adaptado.)

Assinale a opção em que, de acordo com a variante padrão brasileira, o verbo indicado entre parênteses segue a mesma flexão da forma verbal observada em:

[...] a atividade semântica que intermedeia a conexão dos seres humanos com o mundo dos objetos [...] de onde vêm as anedotas? / de onde terão vindo as anedotas?

- a) Queremos que ele (confiar) em sua competência.
- b) Acredita no aluno que (ansiar) por novas leituras.
- c) Encontrou uma empresa que (premiar) as boas ideias.
- d) Ele quer uma leitura que (ampliar) seus conhecimentos.
- e) Todos procuramos um exercício que (afiar) nossa memória.

16. UFU-MG – Assinale a frase que não está na voz passiva:

- a) Esperavam-se manifestações de grupos radicais japoneses de esquerda e de direita...
- b) Foram salvos pelo raciocínio rápido de um agente do serviço secreto...
- c) Vocês se dão pouca importância nessa tarefa.
- d) Documentos inúteis devem ser queimados em praça pública.
- e) Devem-se estudar estas questões.

17. Espcex-SP/Aman-RJ – Assinale a alternativa em que o verbo sublinhado no particípio está utilizado de acordo com a norma culta.

- a) O policial tinha **pego** o bandido.
- b) O condenado foi **prendido** por dez anos.
- c) A pena fora **suspendida** pelo juiz.
- d) Foi terrível o juiz ter **aceitado** aquela denúncia.
- e) O preso tinha **ganho** a liberdade.

ESTUDO PARA O ENEM

18. IFSP

C8-H27

Leia o poema "Meninos Carvoeiros" abaixo, de Manuel Bandeira, escrito em 1921, para responder à questão.

Os meninos carvoeiros

Passam a caminho da cidade.

– Eh, carvoero!

E vão tocando os animais com um relho enorme.

Os burros são magrinhos e velhos.

Cada um leva seis sacos de carvão de lenha.

A aniagem é toda remendada.

Os carvões caem.

(Pela boca da noite vem uma velhinha que os recolhe, dobrando-se com um gemido.)

– Eh, carvoero!

Só mesmo estas crianças raquíticas

Vão bem com estes burrinhos descadeirados.

A madrugada ingênua parece feita para eles...

Pequenina, ingênua miséria!

Adoráveis carvoeirinhos que trabalhais como se brincásseis!

– Eh, carvoero!

Quando voltam, vêm mordendo num pão encarvoado,

Encarapitados nas alimárias,

Apostando corrida,

Dançando, bamboleando nas cangalhas como espantalhos desamparados.

De acordo com a gramática normativa e tradicional, assinale a alternativa que apresenta uma frase cujo verbo destacado esteja conjugado no mesmo tempo, modo e pessoa do verbo destacado abaixo na frase transcrita do poema.

Adoráveis carvoeirinhos que **trabalhais** [...]

- a) **Deveis** pois progredir!
- b) Se **queres** sentir a felicidade de amar.
- c) **Deixaras** aqui tua filha, tua avó, teu marido, teu amante.
- d) Tu **és** o louco da imortal loucura.
- e) **Prende-te** nela a extrema Desventura

19. Enem

C8-H27

Palavras jogadas fora

Quando criança, convivia no interior de São Paulo com o curioso verbo pinchar e ainda o ouço por lá esporadicamente. O sentido da palavra é o de “jogar fora” (pincha fora essa porcaria) ou “mandar embora” (pincha esse fulano daqui). Teria sido uma das muitas palavras que ouvi menos na capital do estado e, por conseguinte, deixei de usar. Quando indago às pessoas se conhecem esse verbo, comumente escuto respostas como “minha avó fala isso”. Aparentemente, para muitos falantes, esse verbo é algo do passado, que deixará de existir tão logo essa geração antiga morrer.

As palavras são, em sua grande maioria, resultados de uma tradição: elas já estavam lá antes de nascermos. “Tradição”, etimologicamente, é o ato de entregar, de passar adiante, de transmitir (sobretudo valores culturais). O rompimento da tradição de uma palavra equivale à sua extinção. A gramática normativa muitas vezes colabora criando preconceitos, mas o fator mais forte que motiva os falantes a extinguirem uma palavra é associar a palavra, influenciados direta ou indiretamente pela visão normativa, a um grupo que julga não ser o seu. O pinchar, associado ao ambiente rural, onde há pouca escolaridade e refinamento cidadão, está fadado à extinção?

É louvável que nos preocupemos com a extinção das aranhas-azuis ou dos micos-leão-dourados, mas a extinção de uma palavra não promove nenhuma comoção, como não nos comovemos com a extinção de insetos, a não ser dos extremamente belos. Pelo contrário, muitas vezes a extinção das palavras é incentivada.

VIARO, Mário Eduardo. *Língua Portuguesa*, n. 77, mar. 2012. Adaptado.

A discussão empreendida sobre o (des) uso do verbo “pinchar” nos traz uma reflexão sobre a linguagem e seus usos, a partir da qual compreende-se que

- a) as palavras esquecidas pelos falantes devem ser descartadas dos dicionários, conforme sugere o título.
- b) o cuidado com espécies animais em extinção é mais urgente do que a preservação de palavras.
- c) o abandono de determinados vocábulos está associado a preconceitos socioculturais.
- d) as gerações têm a tradição de perpetuar o inventário de uma língua.
- e) o mundo contemporâneo exige a inovação do vocabulário das línguas.

20. UFCE

C8-H27

Liberdade

Deve existir nos homens um sentimento profundo que corresponde a essa palavra LIBERDADE, pois sobre ela se

têm escrito poemas e hinos, a ela se têm levantado estátuas e monumentos, por ela se tem até morrido com alegria e felicidade.

Diz-se que o homem nasceu livre, que a liberdade de cada um acaba onde começa a liberdade de outrem; que onde não há liberdade não há pátria; que a morte é preferível à falta de liberdade; que renunciar à liberdade é renunciar à própria condição humana; que a liberdade é o maior bem do mundo; que a liberdade é o oposto à fatalidade e à escravidão; nossos bisavós gritavam “Liberdade, Igualdade e Fraternidade!”; nossos avós cantaram: “Ou ficar a Pátria livre/ ou morrer pelo Brasil!”; nossos pais pediam: “Liberdade! Liberdade/ abre as asas sobre nós”, e nós recordamos todos os dias que “o sol da liberdade em raios fúlgidos/ brilhou no céu da Pátria...” em certo instante.

Somos, pois, criaturas nutridas de liberdade há muito tempo, com disposições de cantá-la, amá-la, combater e certamente morrer por ela.

Ser livre, como diria o famoso conselheiro, é não ser escravo; é agir segundo a nossa cabeça e o nosso coração, mesmo tendo de partir esse coração e essa cabeça para encontrar um caminho... Enfim, ser livre é ser responsável, é repudiar a condição de autômato e de teleguiado, é proclamar o triunfo luminoso do espírito. (Suponho que seja isso.) Ser livre é ir mais além: é buscar outro espaço, outras dimensões, é ampliar a órbita da vida. É não estar acorrentado. É não viver obrigatoriamente entre quatro paredes. Por isso, os meninos atiram pedras e soltam papagaios. A pedra inocentemente vai até onde o sonho das crianças deseja ir. (Às vezes, é certo, quebra alguma coisa, no seu percurso...)

Os papagaios vão pelos ares até onde os meninos de outrora (muito de outrora!...) não acreditavam que se pudesse chegar tão simplesmente, com um fio de linha e um pouco de vento!

Acontece, porém, que um menino, para empinar um papagaio, esqueceu-se da fatalidade dos fios elétricos e perdeu a vida.

E os loucos que sonharam sair de seus pavilhões, usando a fórmula do incêndio para chegarem à liberdade, morreram queimados, com o mapa da liberdade nas mãos!

São essas coisas tristes que contornam sombriamente aquele sentimento luminoso da LIBERDADE. Para alcançá-la estamos todos os dias expostos à morte. E os tímidos preferem ficar onde estão, preferem mesmo prender melhor suas correntes e não pensar em assunto tão ingrato.

Mas os sonhadores vão para a frente, soltando seus papagaios, morrendo nos seus incêndios, como as crianças e os loucos. E cantando aqueles hinos, que falam de asas, de raios fúlgidos linguagem de seus antepassados, estranha linguagem humana, nestes andaimes dos construtores de Babel...

MEIRELES, Cecília. *Escolha o seu sonho*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

As formas verbais “abre”, no 2º parágrafo, e “chegarem”, no 7º parágrafo, são:

- a) Verbos regulares, o 1º está na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo e 2º está no futuro do presente;
- b) O 1º é regular, na 2ª pessoa do singular do imperativo afirmativo e o 2º está no futuro do subjuntivo;
- c) Verbos irregulares, o 1º está na 2ª pessoa do presente do indicativo e o 2º, no presente do subjuntivo;
- d) O 1º é irregular e o 2º é regular, ambos da mesma conjugação, no presente do indicativo;
- e) Os dois são regulares de conjugações diferentes, no futuro do subjuntivo.

A FORMAÇÃO DOS TEMPOS VERBAIS E ADVÉRBIOS

11

A FORMAÇÃO DOS TEMPOS VERBAIS

Já aprendemos que os verbos são as palavras que, além de exprimirem ação, mudança de estado ou um fenômeno da natureza, podem ser flexionadas. Para aprofundarmos o nosso estudo sobre essa classe gramatical, vamos entender como se dá a formação dos tempos verbais, ou seja, que estrutura é utilizada para indicar se a ação expressa pelo verbo está no presente, passado ou futuro e suas variações.

Os tempos verbais são divididos em tempos **simples** e tempos **compostos**.

FORMAÇÃO DOS TEMPOS SIMPLES

Apresentam uma ação (um verbo), por isso são chamados tempos simples. Eles ainda podem ser subdivididos em tempos primitivos e derivados:

Tempos primitivos

São eles: **presente do indicativo**, **pretérito perfeito do indicativo** e **infinitivo impessoal**. Recebem esse nome porque a partir deles se originam os demais tempos verbais.

Tomemos como exemplo o verbo da 3ª conjugação **sorrir**:

	Indicativo	
	Presente	Pretérito perfeito
Eu	sorrio	sorri
Tu	sorris	sorriste
Ele/Ela	sorri	sorriu
Nós	sorrimos	sorrimos
Vós	sorrides	sorristes
Eles/Elas	sorriem	sorriram
Infinitivo impessoal		
sorrir		

Tempos derivados

Recebem esse nome porque derivam dos tempos primitivos, utilizando os seus radicais com o acréscimo das desinências de tempo e modo. Esse padrão, ou paradigma, se refere apenas aos verbos regulares por não apresentarem nenhuma alteração no seu radical ao serem flexionados.

Derivados do presente do indicativo

São derivados do presente do indicativo: pretérito imperfeito do indicativo, presente do subjuntivo e imperativo.

- Formação dos tempos simples
- Formação dos tempos compostos
- Correlação entre os tempos Verbais
- Advérbios
- Advérbio vs adjetivo
- Classificação do advérbio
- Variação de grau do advérbio
- Locuções adverbiais
- Palavras e locuções denotativas

HABILIDADES

- Reconhecer a importância dos tempos verbais na construção de orações de acordo com a norma culta da língua portuguesa.
- Identificar as regras de correlação na aplicação dos tempos verbais, de modo a harmonizar o texto.
- Compreender a relevância da formação dos tempos verbais como instrumento de interpretação de textos dos mais diferentes gêneros.
- Reconhecer a importância dos advérbios, enquanto classe gramatical presente na língua falada e escrita.
- Identificar os elementos que constituem a classificação semântica dos advérbios, das locuções adverbiais e das palavras e locuções denotativas.
- Compreender a característica fundamental do advérbio, que é a de comunicar a circunstância expressa pelo verbo.

	Indicativo	Subjuntivo	Imperativo	
	Pretérito imperfeito	Presente	Afirmativo	Negativo
Eu	sorria	que eu sorria	*	*
Tu	sorrias	que tu sorrias	sorri tu	não sorrias tu
Ele/Ela	sorria	que ele sorria	sorria você	não sorria você
Nós	sorríamos	que nós sorriamos	sorriamos nós	não sorriamos nós
Vós	sorríeis	que vós sorriais	sorride vós	não sorriais vós
Eles/Elas	sorriam	que eles sorriam	sorriam vocês	não sorriam vocês

Derivados do pretérito perfeito do indicativo

São derivados do pretérito perfeito do indicativo: pretérito mais-que-perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo.

	Indicativo	Subjuntivo	
	Pretérito mais-que-perfeito	Pretérito imperfeito	Futuro do subjuntivo
Eu	sorrira	se eu sorrisse	quando eu sorrir
Tu	sorriras	se tu sorrisses	quando tu sorrir
Ele/Ela	sorrira	se ele sorrisse	quando ele sorrir
Nós	sorríamos	se nós sorríssemos	quando nós sorrirmos
Vós	sorríreis	se vós sorrísseis	quando vós sorrirdes
Eles/Elas	sorriam	se eles sorrissem	quando eles sorrirem

Derivados do infinitivo impessoal

São derivados do infinitivo impessoal: futuro do presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, infinitivo pessoal, gerúndio e particípio.

	Indicativo		Infinitivo pessoal
	Futuro do presente	Futuro do pretérito	
Eu	sorrerei	sorriria	por sorrir eu
Tu	sorrirás	sorririas	por sorrir tu
Ele/Ela	sorrirá	sorriria	por sorrir ele
Nós	sorriremos	sorriríamos	por sorrirmos nós
Vós	sorrireis	sorriríeis	por sorrirdes vós
Eles/Elas	sorrirão	sorririam	por sorrirem eles
	Gerúndio	Particípio	
	sorrindo	sorrido	

FORMAÇÃO DOS TEMPOS COMPOSTOS

Nos tempos compostos, diferentemente dos tempos simples, são empregados um verbo auxiliar ligado a um verbo principal no particípio.

São conjugados apenas os verbos auxiliares **ter** e **haver**, enquanto os verbos principais permanecem no particípio. Há os tempos compostos do indicativo, do subjuntivo e nominais.

Tempos compostos do indicativo

Os tempos compostos do indicativo são pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro do presente e futuro do pretérito.

Tomemos como exemplo o verbo auxiliar **ter** ligado ao verbo da 2ª conjugação **correr** e o verbo auxiliar **haver** ligado ao verbo da 1ª conjugação **falar**.

Correr	
Quando o tempo composto está no pretérito perfeito	
O verbo auxiliar é conjugado no presente do indicativo	
Eu	tenho corrido
Tu	tens corrido
Ele/Ela	tem corrido
Nós	temos corrido
Vós	tendes corrido
Eles/Elas	têm corrido

Quando o tempo composto está no pretérito mais-que-perfeito	
O verbo auxiliar é conjugado no pretérito imperfeito do indicativo	
Eu	tinha corrido
Tu	tinhas corrido
Ele/Ela	tinha corrido
Nós	tínhamos corrido
Vós	tínheis corrido
Eles/Elas	tinham corrido

Falar	
Quando o tempo composto está no futuro do presente	
O verbo auxiliar é conjugado no futuro do presente do indicativo	
Eu	haverei falado
Tu	haverás falado
Ele/Ela	haverá falado
Nós	havemos falado
Vós	havereis falado
Eles/Elas	haverão falado

Quando o tempo composto está no futuro do pretérito	
O verbo auxiliar é conjugado no futuro do pretérito	
Eu	haveria falado
Tu	haverias falado
Ele/Ela	haveria falado
Nós	haveríamos falado
Vós	haveríeis falado
Eles/Elas	haveriam falado

Tempos compostos do subjuntivo

São pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro.

Tomemos como exemplo o verbo auxiliar **ter** ligado ao verbo da 1ª conjugação **pular** e o verbo auxiliar **haver** ligado ao verbo da 2ª conjugação **escrever**.

Pular	
Quando o tempo composto está no pretérito perfeito	
O verbo auxiliar é conjugado no presente do subjuntivo	
Eu	tenha pulado
Tu	tenhas pulado
Ele/Ela	tenha pulado
Nós	tenhamos pulado
Vós	tenhais pulado
Eles/Elas	tenham pulado

Quando o tempo composto está no pretérito mais-que-perfeito	
O verbo auxiliar é conjugado no pretérito imperfeito do subjuntivo	
Eu	tivesse pulado
Tu	tivesses pulado
Ele/Ela	tivesse pulado
Nós	tivéssemos pulado
Vós	tivésseis pulado
Eles/Elas	tivessem pulado

Escrever	
Quando o tempo composto está no futuro	
O verbo auxiliar é conjugado no futuro do subjuntivo	
Eu	houver escrito
Tu	houveres escrito
Ele/Ela	houver escrito
Nós	houvermos escrito
Vós	houverdes escrito
Eles/Elas	houverem escrito

Tempos compostos nominais

São infinitivo pessoal, infinitivo impessoal e gerúndio.

Note que nestes casos o verbo auxiliar é conjugado acompanhando o verbo principal. Tomemos como exemplo o verbo da 1ª conjugação **brincar** antecedido pelos auxiliares **ter** e **haver**.

Quando o tempo composto está no infinitivo pessoal	
O verbo auxiliar é conjugado no infinitivo pessoal	
Eu	ter brincado
Tu	teres brincado
Ele/Ela	ter brincado
Nós	termos brincado
Vós	terdes brincado
Eles/Elas	terem brincado
Quando o tempo composto está no infinitivo impessoal	
O verbo auxiliar é conjugado no infinitivo impessoal	
	ter ou haver brincado
Quando o tempo composto está no gerúndio	
O verbo auxiliar é conjugado no gerúndio	
	tendo ou havendo brincado

Correlação entre os tempos verbais

Na formação dos períodos, observam-se algumas correlações que permitem a adequada harmonização no que se refere às variadas possibilidades de uso dos tempos e modos verbais. Assim, nos exemplos que seguem, é mais adequada a correlação dos tempos apresentada:

*Quem **estuda**, **faz** a prova com mais facilidade.*
*Se **estudar**, **fará** a prova com mais facilidade.*
*Se **estudasse**, **faria** a prova com mais facilidade.*

Segue um dos exemplos, sem ocorrência da correlação verbal.

*Se **estudasse**, **farei** a prova com mais facilidade.*

Isso ocorre porque “estudasse” (pretérito imperfeito do subjuntivo) exprime uma hipótese e requer o emprego da forma “faria” (futuro do pretérito do indicativo), que exprime uma possibilidade, condicionada à ocorrência do que se expressa em “estudasse”.

Essa forma de articulação temporal recebe o nome de correlação verbal, que está sistematizada na tabela.

Correlações verbais indicadas pela norma-padrão

Presente do indicativo	+	Presente do subjuntivo
------------------------	---	------------------------

Espero que **caia** esse conteúdo na prova.

Presente do indicativo	+	Pretérito perfeito composto do subjuntivo
------------------------	---	---

Espero que **tenha acertado** as alternativas.

Pretérito perfeito do indicativo	+	Pretérito imperfeito do subjuntivo
----------------------------------	---	------------------------------------

Torci para que a prova **contemplasse** o que estudei.

Pretérito imperfeito do indicativo	+	Mais-que-perfeito composto do subjuntivo
------------------------------------	---	--

Gostaria que os simulados **tivessem surtido** efeito.

Pretérito imperfeito do subjuntivo	+	Futuro do pretérito do indicativo
------------------------------------	---	-----------------------------------

Se eu **fizesse** os simulados, **otimizaria** o tempo de resposta das questões.

Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo	+	Futuro do pretérito composto do indicativo
--	---	--

Se eu **tivesse feito** os simulados, **teria otimizado** o tempo de resposta das questões.

Futuro do subjuntivo	+	Futuro do presente do indicativo
----------------------	---	----------------------------------

Quando eu **estudar** os conteúdos, **farei** o simulado.

Futuro do subjuntivo	+	Futuro do presente composto do indicativo
----------------------	---	---

Quando eu **fizer** o simulado, **terei estudado** os exercícios.

ADVÉRBIOS

Chamamos de advérbio as palavras que modificam um verbo, um adjetivo ou ainda outro advérbio. É a classe gramatical que altera as circunstâncias em que acontece a ação verbal, além de poder intensificar a característica dessa ação. Essas circunstâncias podem ser de intensidade, negação, afirmação, lugar, tempo, entre outras.

Os advérbios são invariáveis em gênero (masculino e feminino) e em número (singular e plural), mas podem receber flexão de grau.

ADVÉRBIO vs. ADJETIVO

Enquanto um adjetivo, o advérbio confere alguma característica a um substantivo e relaciona-se com a ação verbal.

Bom e mau

São empregados como adjetivos, ou seja, conferem qualidade a um substantivo.

O Lobo **mau** [...]

[...] **mau** hálito.

[...] lado **bom**.

Bem e mal

Como o emprego do advérbio altera o verbo, o adjetivo ou o próprio advérbio, as palavras **bem** e **mal** cumprem tal função.

[...] **enxerga mal**.

[...] **bem gostoso**.

Mal chegou [...]

CLASSIFICAÇÃO DO ADVÉRBIO

De acordo com a circunstância expressa pelo advérbio, a sua classificação semântica pode mudar.

CLASSIFICAÇÃO	EXEMPLOS
Lugar	aqui, lá, perto, longe, por dentro <i>Nunca estive longe de casa.</i>
Tempo	sempre, nunca, brevemente, à noite, de vez em quando, agora, amanhã, hoje <i>Falarei brevemente.</i>
Modo	mal, assim, devagar, rapidamente <i>Não precisa sair rapidamente.</i>
Intensidade	pouco, bastante, muito, tão, demais, quase <i>Aprendi bastante no curso.</i>
Dúvida	talvez, acaso, eventualmente <i>Talvez ela não saiba o que houve.</i>
Afirmação	sim, certamente, realmente, seguramente <i>Realmente fizemos um bom negócio.</i>
Negação	Não, nunca, jamais <i>Não preciso de óculos.</i>

FIQUE LIGADO!

Os advérbios que terminam em “-mente” são **advérbios de modo**, como: calmamente, tristemente, propositadamente, pacientemente, amorosamente, docemente, escandalosamente, bondosamente, generosamente etc.

Advérbios interrogativos

Uma das particularidades do advérbio é o seu emprego na forma interrogativa, introduzindo uma pergunta que indica uma ideia de tempo, lugar, modo ou causa. São eles: **quando**, **onde**, **como** e **por que**.

Onde

Expressa ideia de lugar.

Onde será a premiação do campeonato?

Como

Indica ideia de modo.

Como foi seu passeio no parque?

Quando

Relaciona-se com a ideia de tempo.

Quando fomos ao cinema pela última vez?

Por que

Expressa a noção referente à causa.

Por que gostam mais desta música?

VARIAÇÃO DE GRAU NOS ADVÉRBIOS

Esta é a única flexão que os advérbios recebem, podendo variar nos graus **comparativo** e **superlativo**.

Variação de grau comparativo

Inferioridade

Menos + advérbio + que

Aquela bailarina dança menos tecnicamente que as demais.

Igualdade

Tão + advérbio + quanto

*O filho acordou tão tarde quanto seu pai.
O ator interpretava tão bem quanto a atriz.*

Superioridade

Mais + advérbio + que

O soldado lutava mais bravamente que seus inimigos.

Variação de grau superlativo

Absoluto analítico

Acompanhado de outro advérbio.

*Chegaremos muito atrasados.
O carro estava correndo mais rápido.*

Absoluto sintético

Formado com sufixos.

*Chegaremos atrasadíssimos.
O carro estava correndo rapidíssimo.*

LOCUÇÕES ADVERBIAIS

Chamamos de locução adverbial o conjunto de duas ou mais palavras que exercem a função de advérbio, ou seja, alteram a circunstância da ação verbal. A maior parte das locuções adverbiais é formada por uma preposição seguida de um substantivo, mas há também um número menor delas que é formada por uma preposição seguida de um adjetivo ou de um advérbio.

Preposição + substantivo = de novo

Preposição + adjetivo = em breve

Preposição + advérbio = por ali

Classificação das locuções adverbiais

De acordo com a circunstância alterada pela locução adverbial, ela pode ser classificada como sendo de **tempo**, **lugar**, **modo**, **intensidade**, **dúvida**, **afirmação** e **negação**.

CLASSIFICAÇÃO		EXEMPLOS
Lugar	à esquerda, à frente, ao lado, em cima, pela manhã, de noite	<i>A caneta está à esquerda do livro.</i>
Tempo	à tarde, em breve	<i>Faço aula de yoga à tarde.</i>
Modo	em silêncio, de cor, ao contrário, às pressas	<i>A plateia o ouvia em silêncio.</i>
Intensidade	de muito, de pouco, de todo, em excesso	<i>Ele bebeu em excesso.</i>
Dúvida	quem sabe	<i>Quem sabe se tudo acabará bem?</i>
Afirmação	por certo, com certeza, sem dúvida	<i>Resolveremos, sem dúvida, esse impasse.</i>
Negação	de modo algum, de forma alguma	<i>Não me espere de modo algum.</i>



DAVIS, Jim. *Garfield*.

Na tirinha, a locução adverbial “Com certeza”, confirma os discursos da mesma personagem no primeiro e no terceiro quadrinhos. É possível substituí-la pelo advérbio “certamente”, sem prejuízo do sentido da oração.

PALAVRAS E LOCUÇÕES DENOTATIVAS

Agora, vamos estudar um conjunto de palavras muito peculiar, que não se encaixa em nenhuma das classes gramaticais: são as palavras e locuções denotativas.

Mas essa singularidade não lhes retira a importância. Ao contrário, são imprescindíveis dentro do contexto onde são encontradas e conseguem denotar alguns fatos, evidenciar algumas ocorrências fora do alcance das classes gramaticais.

Elas podem ser classificadas como sendo de inclusão, exclusão, designação, realce, retificação e **de situação**, de acordo com a ideia que expressam.

CLASSIFICAÇÃO		EXEMPLOS
Inclusão	ainda, além disso, ademais, até, afora, apenas, apesar	<i>Ele almoçou e ainda está com fome.</i>
Exclusão	senão, somente, sequer, exceto	<i>Todos, exceto Mário, foram à festa.</i>
Designação	eis	<i>Eis a nossa nova casa!</i>
Realce (ou expletiva)	cá, é que, mesmo, sobretudo, só, ora	<i>Eu é que não falo mais nessa reunião.</i>
Retificação	aliás, isto é, ou seja, ou melhor	<i>Fizemos três bolos, ou melhor, quatro.</i>
Situação	afinal, agora, então, pois	<i>Então, como vamos resolver esse impasse?</i>

ROTEIRO DE AULA

FORMAÇÃO DOS TEMPOS VERBAIS

Conceito

A formação dos tempos verbais indica se a ação expressa pelo verbo está no presente, passado ou futuro. Pode ser dividido em tempos simples e compostos.

Tempos simples

Formados por um único verbo, ainda pode ser dividido em primitivo e derivado.

Primitivo

Presente do indicativo, pretérito perfeito do indicativo e infinitivo impessoal. É a partir desses tempos que derivam todos os demais.

Derivados do presente do indicativo

Pretérito imperfeito do indicativo, presente do subjuntivo e imperativo.

Derivados do pretérito perfeito do indicativo

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do subjuntivo, futuro do subjuntivo.

Derivados do infinitivo impessoal

Futuro do presente do indicativo, futuro do pretérito do indicativo, infinitivo pessoal, gerúndio e particípio.

Tempos compostos

Diferentemente dos tempos simples, são empregados um verbo auxiliar (ter ou haver) ligado a um verbo principal no particípio. Quando a sílaba tônica se encontra no radical verbo, sua forma é ríztônica. Se a sílaba tônica se encontra fora do radical, temos a presença de uma forma aríztônica.

Tempos compostos do indicativo

Pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito, futuro do presente e futuro do pretérito.

Tempos compostos do subjuntivo

Pretérito perfeito, pretérito mais-que-perfeito e futuro.

Tempos compostos nominais

Infinitivo pessoal, infinitivo impessoal e gerúndio.

Correlação entre os tempos verbais

Permitem a adequada harmonização no que se refere às variadas possibilidades de uso dos tempos e modos verbais.

ROTEIRO DE AULA

ADVÉRBIO

Advérbio

Classe de palavras que modificam um verbo, um adjetivo ou ainda outro advérbio.

Advérbio vs. Adjetivo

Enquanto um adjetivo confere alguma característica a um substantivo, o advérbio relaciona-se com a ação verbal.

Classificação dos advérbios

Lugar, tempo, modo, intensidade, dúvida, afirmação e negação.

Advérbios interrogativos

Quando, onde, como e por que.

Comparativo

Inferioridade, igualdade e superioridade.

Variação de grau nos advérbios

Superlativo

Absoluto analítico e absoluto sintético.

Locuções adverbiais

Chamamos de locução adverbial o conjunto de duas ou mais palavras que exercem a função de advérbio.

Classificação das locuções adverbiais

Tempo, lugar, modo, intensidade, dúvida, afirmação e negação.

Palavras e locuções denotativas

Inclusão, exclusão, designação, realce, retificação e de situação.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UECE – Leia o texto e responda à questão:

Velhice

Virá o dia em que eu hei de ser um velho experiente

Olhando as coisas através de uma filosofia sensata

E lendo os clássicos com a afeição que a minha mocidade não permite.

Nesse dia Deus talvez tenha entrado definitivamente em meu espírito

Ou talvez tenha saído definitivamente dele

Então todos os meus atos serão

encaminhados no sentido do túmulo

E todas as ideias autobiográficas da

mocidade terão desaparecido:

Ficará talvez somente a ideia do testamento bem escrito.

Serei um velho, não terei mocidade, nem sexo, nem vida

Só terei uma experiência extraordinária.

Fecharei minha alma a todos e a tudo

Passará por mim muito longe o ruído da vida e do mundo

Só o ruído do coração doente me avisará de uns restos de vida em mim.

Nem o cigarro da mocidade restará.

Será um cigarro forte que satisfará os pulmões viciados

E que dará a tudo um ar saturado de velhice.

Não escreverei mais a lápis

E só usarei pergaminhos compridos.

Terei um casaco de alpaca que me fechará os olhos.

Serei um corpo sem mocidade, inútil, vazio

Cheio de irritação para com a vida

Cheio de irritação para comigo mesmo.

O eterno velho que nada é, nada vale, nada vive

O velho cujo único valor é ser o cadáver de uma mocidade criadora.

MORAES, Vinicius. Velhice. Disponível em: <www.viniciusdemoraes.com.br>. Acesso: dez. 2018.

Sobre o uso da expressão verbal composta “eu hei de ser” (1º verso) no poema, é correto afirmar que

- a) não mantém, com a forma “virá” (1º verso), paralelismo de tempo verbal de indicação de futuro.
- b) poderia ser perfeitamente substituída pela forma simples “serei”, em razão de esta forma manter equivalência de mesmo tempo verbal com a expressão “hei de ser”.
- c) marca uma atitude de plena certeza do sujeito enunciatador frente ao que ele pretende ser quando se tornar velho.

d) entra em desarmonia com o uso predominante do futuro como tempo verbal no poema para indicar que as ações e os estados do enunciatador ainda irão acontecer quando chegar a sua velhice.

Ambas expressões fazem referência ao futuro, logo a substituição pode ser feita.

2. UVA-CE (adaptada) – Assinale a alternativa em que a palavra “muito” não é advérbio:

- a) Pedro é muito trabalhador.
- b) Ela acenou-me em muitos momentos.
- c) Saímos muito cedo da festa.
- d) Todos lutaram muito.

Advérbio é uma classe que não varia em gênero e número; assim sendo, as alternativas A/C/D são advérbios.

A única alternativa em que o “muito” varia é na letra B, indicando não se tratar de advérbio, mas de um pronome indefinido.

Ela acenou-me em muitos momentos.

3. Fuvest-SP – Texto para a questão a seguir.

Uma obra de arte é um desafio; não a explicamos, ajustamo-nos a ela. Ao interpretá-la, fazemos uso dos nossos próprios objetivos e esforços, dotamo-la de um significado que tem sua origem nos nossos próprios modos de viver e de pensar. Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna.

As obras de arte, porém, são como altitudes inacessíveis. Não nos dirigimos a elas diretamente, mas contornamo-las. Cada geração as vê sob um ângulo diferente e sob uma nova visão; nem se deve supor que um ponto de vista mais recente é mais eficiente do que um anterior. Cada aspecto surge na sua altura própria, que não pode ser antecipada nem prolongada; e, todavia, o seu significado não está perdido porque o significado que uma obra assume para uma geração posterior é o resultado de uma série completa de interpretações anteriores.

HAUSER, Arnold. *Teorias da arte*. Lisboa: Presença, 2005.

No trecho “Numa palavra, qualquer gênero de arte que, de fato, nos afete, torna-se, deste modo, arte moderna”, as expressões sublinhadas podem ser substituídas, sem prejuízo do sentido do texto, respectivamente, por

- a) realmente; portanto.
- b) invariavelmente; ainda.
- c) com efeito; todavia.
- d) com segurança; também.
- e) possivelmente; até.

A expressão “de fato” constitui uma locução adverbial de afirmação que pode ser substituída por “sem dúvida”, “com certeza” ou “realmente”. Assim, é correta a opção [A], pois a locução conjuntiva “deste modo” expressa conclusão, como “por conseguinte”, “por isso” ou “portanto”.

4. Uncisal – A questão refere-se a tirinha a seguir.



A forma verbal “quebrei”, do último quadrinho, está flexionada em que tempo?

- a) Presente do subjuntivo
- b) Pretérito perfeito do indicativo**
- c) Pretérito imperfeito do indicativo
- d) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
- e) Futuro do pretérito do subjuntivo

O pretérito perfeito do indicativo consiste num processo verbal que exprime um fato passado não habitual, ocorrido em sua totalidade. A título de ilustração, analisemos:

Sempre que a encontrava revivia os bons tempos. (pretérito imperfeito)

Sempre que a encontrei revivi os bons tempos. (pretérito perfeito)

Concluímos que o verbo “quebrei” está no tempo verbal do pretérito perfeito do indicativo.

5. IFG-GO

A arte perdida de ler um texto até o fim

A internet é um banquete de informações, mas só aguentamos as primeiras garfadas

Danilo Venticinque

[...]

Estamos sozinhos agora, eu e você. Talvez você se considere um ser fora de moda. Na era de distração generalizada, é preciso ser um pouco antiquado para perseverar na leitura. Imagino que você já tenha pensado em desistir desse estranho hábito e começar a ler apenas as primeiras linhas, como fazem as pessoas ao seu redor. O tempo economizado seria devidamente investido em atividades mais saudáveis, como o Facebook ou games para celular. Aproveite estas últimas linhas, que só você está lendo, para tentar te convencer do contrário. Esqueça a modernidade. Quando o assunto é leitura, não há nada melhor do que estar fora de moda. A história está repleta de textos cheios de sabedoria, que merecem ser lidos do começo ao fim. Este, evidentemente, não é um deles. Mas seu esforço um dia será recompensado. Não desanime, leitor. As tuas glórias vêm do passado.

Disponível em: <http://epoca.globo.com >. Acesso em: out. 2018.

No trecho “Este, evidentemente, não é um deles.,” o advérbio em destaque apresenta uma circunstância de:

- a) Afirmação**
 - b) Dúvida
 - c) Intensidade
 - d) Modo
 - e) Tempo
- Os advérbios e locuções adverbiais de afirmação se ligam aos verbos para expressar uma opinião afirmativa do emissor da mensagem. Eis alguns exemplos de advérbios de afirmação: sim, decerto, certamente, efetivamente, seguramente, realmente, positivo etc.

6. UEFS-BA (adaptada)

C8-H27

A questão da água

Estudo da Universidade Federal de Goiás sinaliza um horizonte nebuloso para uma das maiores riquezas do Estado, que são os mananciais hídricos. Das 126 bacias hidrográficas goianas, 107 merecem adjetivo ruim ou péssimo do ponto de vista ambiental. O diagnóstico conduzido pela professora Karla Alcione da Silva Cruvinel leva em conta quatro aspectos: qualidade da água, perda de solo, baixa vegetação nativa e ocupação urbana. Em todos os casos, segundo a pesquisa, há o uso desordenado do solo como denominador comum. Como a situação se agrava nos mananciais próximos aos centros urbanos, a região metropolitana de Goiânia só tem bacias nestas condições mais degradadas. Configura-se aí um cenário preocupante, que merece um olhar da sociedade como um todo. Embora incipientes, se não observados desde já, os problemas podem se agravar. Sem mata nativa que as protejam, as nascentes secam a ponto de reduzir a vazão de água, com impactos previsíveis para a população. Urge, pois, que pensemos o futuro a partir deste inequívoco alerta. Sem planos de manejo destes recursos, o futuro promete ser sombrio – ou seco, para ficarmos com o adjetivo mais adequado.

Disponível em: <www.opopular.com.br/editorias/opiniao/editorial-1.145048/a-quest%C3%A3o-da-%C3%A1gua-1.1268175>.

Acesso em: jun. 2018.

Observe o modo por meio do qual o verbo pensar foi empregado (destacado em negrito). Analisando isoladamente o verbo mencionado, fora do contexto em que foi utilizado, é verdadeiro afirmar que a conjugação “pensemos” pode ser resultante dos seguintes tempos verbais:

- a) Pretérito mais-que-perfeito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo
- b) Futuro do pretérito do indicativo e futuro do subjuntivo.
- c) Infinitivo e futuro do presente do indicativo.
- d) Pretérito perfeito do indicativo e futuro do presente do indicativo.
- e) Presente do subjuntivo e imperativo afirmativo.**

A 3ª pessoa do singular (eles), a 1ª pessoa do plural (nós) e a 3ª pessoa do plural (eles) derivam do presente do subjuntivo, sendo conjugadas da mesma forma.

Presente do subjuntivo	Imperativo afirmativo
Que ele pense	Pense ele
Que nós pensemos	Pensemos nós
Que eles pensem	Pensem eles

Competência: Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade: Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unemat-MT

Derrotados pelo mosquito

Depois da dengue, da chikungunya e da zika, o Brasil vive o ressurgimento da febre amarela. A doença, que tem se espalhado em sua versão silvestre, transmitida por mosquitos *Haemagogus e Sabethes*, ainda não repete os números do surto registrado no início de 2017, mas já causou dezenas de mortes em todo o país, e a população corre para se vacinar – a alta demanda tem levado alguns estados a fracionar a dose padrão para que mais pessoas possam ser imunizadas. A Organização Mundial de Saúde emitiu recomendação para que estrangeiros que visitem o estado de São Paulo tomem a vacina antes de embarcar.

[...]

E a volta da febre amarela era um desastre anunciado. Desde 2014 o Ministério da Saúde já registrava mortes de macacos contaminados pelo vírus no Centro-Oeste do país e, mais tarde, no Sudeste – um indício de que em breve a doença voltaria a ser mais frequente entre humanos. Como se pode ver desde o surto de 2017, a resposta das autoridades não foi rápida nem intensa o suficiente para proteger a população. [...]

Editorial *Gazeta do Povo*. Disponível em: <www.gazetadopovo.com.br>. Acesso em: fev. 2018. (Adaptado).

No último parágrafo, em

Desde 2014 o Ministério da Saúde já registrava mortes de macacos contaminados pelo vírus no Centro-Oeste do país e, mais tarde, no Sudeste – um indício de que em breve a doença voltaria a ser mais frequente entre humanos a correlação verbal contribui para construir o sentido de que a febre amarela era um desastre anunciado.

A classificação dos tempos e modos verbais de “registra” e “voltaria”, nessa correlação, é respectivamente:

- Presente do modo indicativo e futuro do pretérito do modo indicativo.
- Pretérito perfeito do modo indicativo e futuro do presente do modo indicativo.
- Pretérito mais-que-perfeito do modo indicativo e futuro do modo subjuntivo.
- Pretérito imperfeito do modo indicativo e futuro do modo subjuntivo.
- Pretérito imperfeito do modo indicativo e futuro do pretérito do modo indicativo.

8. UFAL (adaptado)

Robert Louis Stevenson saiu de casa e fez a longa caminhada até a praia no momento exato em que o sol se punha. Por causa das árvores, da varanda não se avistava o mar, que, duzentos metros abaixo, penetrava as extremidades de dois vales cobertos de mata; para apreciar o mergulho final do sol antes de ter início a escuridão límpida, o melhor era postar-se em meio às raízes dos mangues, apesar (disse ele a si próprio, enchendo-se de coragem) dos mosquitos e dos flebotomos. Stevenson levou algum tempo para se dar conta da presença de um outro vulto humano, porque este parecia ser apenas mais uma sombra em meio a sombras; porém a figura virou-se e por um momento deu a impressão de que estava olhando para ele. O homem usava um chapéu de

aba larga semelhante ao que o próprio Stevenson tinha na cabeça; e este, embora visse que a pele do outro era branca, não conseguia distinguir suas feições.

MANGUEL, Alberto. *Stevenson sob as palmeiras*. Trad. Paulo Henriques Brito. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 11.

Considerando a formação e o emprego dos tempos verbais, predominam no texto:

- o pretérito perfeito e o imperfeito do indicativo
- o presente e o pretérito imperfeito do indicativo.
- o futuro do pretérito e o futuro simples do subjuntivo.
- o pretérito imperfeito e o futuro simples do indicativo.
- o pretérito perfeito e o mais-que-perfeito do subjuntivo

9. UPE

Português no topo das línguas mais importantes

A língua portuguesa é a segunda língua mais importante no mundo dos negócios, pelo menos para quem tem o inglês como língua materna. Quem o diz é Ofer Shoshan, um colaborador da revista norte-americana *Entrepreneur*, num artigo divulgado esta semana.

Espanhol, português e chinês são, na opinião do autor do artigo, as línguas que “todos os diretores executivos de empresas globais devem aprender”. A lista refere um total de 6 línguas, incluindo o russo, o árabe e o alemão.

“A língua portuguesa já é a quarta língua mais traduzida, na nossa empresa, o que reflete o seu crescimento nos últimos anos”, diz Ofer, que é o diretor executivo da empresa de traduções One Hour Translations.

O autor admite, contudo, que este aumento da ‘procura’ da língua portuguesa está ligado ao Brasil e não a Portugal, já que “a economia brasileira está a deixar de ser emergente para passar a ser uma das mais ricas do mundo, com uma população gigantesca, vastos recursos naturais e uma forte comunidade tecnológica”.

Ofer Shoshan recorda que o próprio Bill Gates assumiu, recentemente, um dos seus maiores arrependimentos: não falar uma segunda língua para além do inglês.

Por outro lado, o autor refere o momento em que o fundador do Facebook, Mark Zuckerberg, “mostrou um impressionante domínio da língua chinesa, durante uma visita, em outubro passado, a uma universidade de Pequim”.

“Ao aprender chinês, Zuckerberg demonstrou que dominar a língua local é fundamental para aprofundar relações de negócio e conquistar a alma e o coração dos mercados”, diz Ofer Shoshan.

Disponível em: <<https://iilp.wordpress.com/2015/05/06/portugues-no-topo-das-linguas-mais-importantes/>>. Acesso em: 23/05/2015. Adaptado.

Considerando algumas formas verbais empregadas no texto, assinale a alternativa correta.

- O tempo e o modo da forma verbal empregada no trecho: “A língua portuguesa é a segunda língua mais importante no mundo dos negócios” expressam a incerteza do autor em relação à afirmação que ele faz.
- Na variante brasileira do português, o fato de os verbos “ter” e “haver” serem, às vezes, empregados como equivalentes, pode ser exemplificado no trecho “para quem tem o inglês como língua materna”.

- c) No trecho: “Ofer Shoshan recorda que o próprio Bill Gates assumiu, recentemente, um dos seus maiores arrependimentos”; a variação presente/passado das formas verbais destacadas resulta em incorreção no texto.
- d) Com a forma verbal selecionada no trecho: “Mark Zuckerberg mostrou um impressionante domínio da língua chinesa”; o autor pretendeu indicar uma ação iniciada no passado e ainda não concluída.
- e) No trecho: “Ao aprender chinês, Zuckerberg demonstrou que [...]”, diz Ofer Shoshan”; a forma verbal destacada, embora esteja no presente, indica uma ação do passado.

10. Fauel-PR (adaptada)

Memórias de um aprendiz de escritor

Escrevo há muito tempo. Costumo dizer que, se ainda não aprendi – e acho mesmo que não aprendi, a gente nunca para de aprender –, não foi por falta de prática. Porque comecei muito cedo. Na verdade, todas as minhas recordações estão ligadas a isso, a ouvir e contar histórias. Não só as histórias dos personagens que me encantaram, o Saci-Pererê, o Negrinho do Pastoreio, a Cuca, Hércules, Tarzan, os piratas. Mas também as minhas próprias histórias, as histórias de meus personagens, essas criaturas reais ou imaginárias, com quem convivi desde a infância.

“Na verdade”, eu escrevi ali em cima. Verdade é uma palavra muito relativa para um escritor de ficção. O que é verdade, o que é imaginação? No colégio onde fiz o segundo grau, havia um rapaz que tinha fama de mentiroso. Fama, não; ele era mentiroso. Todo mundo sabia que ele era mentiroso. Todo mundo, menos ele.

SCLIAR, Moacyr. *Memórias de um aprendiz de escritor*. São Paulo: Ed. Nacional, 1984. Adaptado.

Estas criaturas reais ou imaginárias com quem convivi **desde a infância**.

Esta frase, retirada do final do 1º parágrafo, apresenta, no termo em destaque:

- a) locução adverbial temporal.
- b) locução adverbial de intensidade.
- c) locução adverbial de modo.
- d) locução adverbial de afirmação.

11. UFAM – Leia a frase a seguir:

Antes dessa tese levantada pelos intelectuais modernos, vários escritores do passado já tinham abordado o tema do chamado “complexo de fidalguia” existente no Brasil.

Assinale a alternativa que se refere, de modo correto, à conjugação do verbo “abordar”:

- a) Infinitivo pessoal composto
- b) Pretérito mais-que-perfeito composto do subjuntivo
- c) Pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo
- d) Pretérito perfeito composto do subjuntivo
- e) Pretérito perfeito composto do indicativo

12. UECE – Leia o texto para responder à questão.

João Gilberto Noll nasceu em Porto Alegre, no ano de 1946. Além de contista e romancista, fez incursões pela literatura infantil. Ganhou cinco prêmios Jaboti. João Gilberto Noll faz uma literatura caracterizada pela dissolução. Seus romances são concisos e apresentam

enredos episódicos sustentados pela causalidade. Essa técnica difere da técnica narrativa que estabelece o elo entre o real e o ficcional. Os personagens de Noll são seres não localizados e alijados da experiência; muito embora lançados numa sucessão frenética de acontecimentos e passando por um sem número de lugares, o que vivem não se converte em saber, em consciência de ser e de estar no mundo.

Duelo antes da noite

No caminho a menina pegou uma pedra e atirou-a longe, o mais que pôde. O menino puxava a sua mão e reclamava da vagareza da menina. Deviam chegar até a baixa noite a Encantado, e o menino sabia que ele era responsável pela menina e deveria manter uma disciplina. Que garota chata, ele pensou. Se eu fosse Deus, não teria criado as garotas, seria tudo homem igual a Deus. A menina sentia-se puxada, reclamada, e por isso emitia uns sons de ódio: graças a Deus que eu não preciso dormir no mesmo quarto que você, graças a Deus que eu não vou morar nunca mais com você. Vamos e não resmungue, exclamou o menino. E o sol já não estava sumindo? Isso nenhum dos dois perguntava porque estavam absortos na raiva de cada um. A estrada era de terra e por ela poucos passavam. Nem o menino nem a menina notavam que o sol começava a se pôr e que os verdes dos matos se enchiam cada vez mais de sombras. Quando chegassem a Encantado o menino poria ela no Opala do prefeito e ela nunca mais apareceria. Ele não gosta de mim, pensou a menina cheia de gana. Ele deve estar pensando: o mundo deveria ser feito só de homens, as meninas são umas chatas. O menino cuspiu na areia seca. A menina pisou sobre a saliva dele e fez assim com o pé para apagar cuspe.

Até que ficou evidente a noite. E o menino disse a gente não vai parar até chegar em Encantado, agora eu proíbo que você olhe pros lados, que se atrase. A menina não queria chorar e prendia-se por dentro porque deixar arrebentar uma lágrima numa hora dessas é mostrar muita fraqueza, é mostrar-se muito menina. E na curva da estrada começaram a aparecer muitos caminhões apinhados de soldados e a menina não se conteve de curiosidade. Para onde vão esses soldados? – ela balbuciou. O menino respondeu ríspido. Agora é hora apenas de caminhar, de não fazer perguntas, caminha! A menina pensou eu vou parar, fingir que torci o pé, eu vou parar. E parou. O menino sacudiu-a pelos ombros até deixá-la numa vertigem escura. Depois que a sua visão voltou a adquirir o lugar de tudo, ela explodiu chamando-o de covarde. Os soldados continuavam a passar em caminhões paquidérmicos. E ela não chorava, apenas um único soluço seco. O menino gritou então que ela era uma chata, que ele a deixaria sozinha na estrada que estava de saco cheio de cuidar de um traste igual a ela, que se ela não soubesse o que significa traste, que pode ter certeza que é um negócio muito ruim. A menina fez uma careta e tremeu de fúria. Você é o culpado de tudo isso, a menina gritou. Você é o único culpado de tudo isso. Os soldados continuavam a passar.

Começou a cair o frio e a menina tiritou balançando os cabelos molhados, mas o menino dizia se você parar eu te deixo na beira da estrada, no meio do caminho, você não é nada minha, não é minha irmã, não é minha vizinha, não é nada. E Encantado era ainda a alguns lerdos quilômetros. A menina sentiu que seria bom se o encantado chegasse logo

para se ver livre do menino. Entraria no Opala e não olharia uma única vez pra trás para se despedir daquele chato. Encantado apareceu e tudo foi como o combinado. Doze e meia da noite e o Opala esperava a menina parado na frente da igreja. Os dois se aproximaram do Opala tão devagarinho que nem pareciam crianças. O motorista bigodudo abriu a porta traseira e falou: pode entrar, senhorita. Senhorita... o menino repetia para ele mesmo. A menina se sentou no banco traseiro. Quando o carro começou a andar, ela falou bem baixinho: eu acho que vou virar a cabeça e olhar pra ele com uma cara de nojo, vou sim, vou olhar. E olhou. Mas o menino sorria. E a menina não resistiu e sorriu também. E os dois sentiram o mesmo nó no peito.

NOLL, João Gilberto. In: Romances e contos reunidos. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 690-692. Adaptado.

Segundo Massaud Moisés, o conto é, do ponto de vista dramático, univalente: contém um só drama, uma só história, um só conflito (oposição, luta entre duas forças ou personagens), uma só ação. As outras características (limitação do espaço e do tempo; quantidade reduzida de personagens; unidade de tom ou de emoção provocada no leitor, concisão de linguagem) decorrem da unidade dramática.

Leia com atenção o trecho transcrito a seguir:

No caminho a menina pegou uma pedra e atirou-a longe, o mais que pôde. O menino puxava a sua mão e reclamava da vagareza da menina. Deviam chegar até a baixa noite a Encantado, e o menino sabia que ele era responsável pela menina e deveria manter uma disciplina. Que garota chata, ele pensou.

Atente ao que se diz sobre os verbos desse excerto.

- I. O pretérito imperfeito (do indicativo), empregado no texto, em vez de reportar-se ao passado, parece neutralizar o valor desse passado, dando a impressão de que as ações se realizam ou pelo menos se estendem ao momento da fala.
- II. Os verbos no pretérito perfeito do indicativo indicam que a ação ou as ações que estão sendo narradas aconteceram antes do momento em que fala o enunciador (narrador). Não é por acaso que os contos tradicionais são narrados nesse tempo verbal.
- III. O verbo “dever”, que exprime obrigação, usado como auxiliar em uma locução verbal, tem o papel de modalizar o enunciado em que aparece (isto é, mostrar a relação do falante com o conteúdo daquilo que expressa). No enunciado em análise, o verbo “dever” aparece duas vezes como auxiliar nas seguintes locuções verbais: “deviam chegar” e “deveria manter”. A primeira, em virtude de “dever” estar no presente do indicativo, causa impressão de que o enunciador assume como certo o que diz o enunciado (sem dúvida eles devem “chegar até a baixa noite a Encantado”). Já a segunda, em virtude de o verbo “dever” vir no futuro do pretérito, produz a impressão de que o enunciador assume com reservas o conteúdo do seu enunciado.

Está correto o que se diz em

- | | |
|-------------------|---------------------|
| a) I, II e III. | c) I e III apenas. |
| b) I e II apenas. | d) II e III apenas. |

13. UFU-MG

Na Olimpíada da crise, os convidados especiais não vão contar assim com tanta mordomia. Graças à baixa procura e ao desinteresse dos patrocinadores, o comitê organiza-

dor dos Jogos está com dificuldade de erguer camarotes para algumas modalidades. O de vôlei de praia, esporte no qual o Brasil é destaque, não vai dispor da estrutura. O camarote para o tênis, no Parque Olímpico, também foi cancelado. A construção **ocorre** apenas se os pedidos **são** suficientes para compensar os custos.

Veja, ed. 2460, ano 49, n.º 2, 13 de janeiro de 2016, p. 29.

No último período do texto, as formas verbais em destaque foram empregadas para

- a) expressar temporalmente o futuro.
- b) representar eventos sem historicidade.
- c) expressar fatos que independem do tempo cronológico.
- d) expressar atitude do enunciador.

14. IFSP – De acordo com a norma-padrão da língua portuguesa e com a gramática normativa e tradicional, assinale a alternativa em que o termo destacado tem valor de advérbio.

- a) Não há **meio** mais difícil de trabalhar.
- b) Só preciso de **meio** metro de aniagem para sacos de carvão.
- c) Encarou os meninos carvoeiros, esboçando **meio** sorriso.
- d) Os carvões caíram no **meio** da estrada.
- e) Achei o menino **meio** triste, raquítico.

15. Vunesp (adaptada)

Um homem de consciência

Chamava-se João Teodoro, só. O mais pacato e modesto dos homens. Honestíssimo e lealíssimo, com um defeito apenas: não dar o mínimo valor a si próprio. Para João Teodoro, a coisa de menos importância no mundo era João Teodoro.

Nunca fora nada na vida, nem admitia a hipótese de vir a ser alguma coisa. E, por muito tempo, não quis nem sequer o que todos ali queriam: mudar-se para terra melhor.

Mas João Teodoro acompanhava com aperto no coração o desaparecimento visível de sua Itaoca.

“Isto já foi muito melhor”, dizia consigo. “Já teve três médicos bem bons – agora um e bem ruinzote. Já teve seis advogados e hoje mal dá serviço para um rábula ordinário como o Tenório. Nem circo de cavalinhas bate mais por aqui. A gente que presta se muda. Fica o restolho. Decididamente, a minha Itaoca está se acabando...”

LOBATO, Monteiro. *Cidades Mortas*. São Paulo: Globo, 2009.

Na passagem

Decididamente, a minha Itaoca está se acabando...

O advérbio em destaque expressa sentido de:

- a) negação, podendo ser substituído, nesse contexto, pela locução adverbial “De modo algum”.
- b) afirmação, podendo ser substituído, nesse contexto, pela locução adverbial “Sem dúvida”.
- c) modo, podendo ser substituído, nesse contexto, pela locução adverbial “Dessa maneira”.
- d) intensidade, podendo ser substituído, nesse contexto, pela locução adverbial “De muito”.
- e) dúvida, podendo ser substituído, nesse contexto, pela locução adverbial “Quem sabe”.

16. Vunesp – Leia o poema de Mario Quintana para responder à questão.

Outra estatística

Leio que certa cidade,
E olhe que não das maiores,
Tem quatro milhões de almas...
Mas isso deve ser para atenuar a situação.
O que a cidade tem, no duro,
São quatro milhões de bocas!

QUINTANA, Mario. *Da preguiça como método de trabalho*. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

Com base no verso

O que a cidade tem, **no duro**...

assinale a alternativa que traz, correta e respectivamente, a relação de sentido estabelecida pela locução adverbial destacada e o advérbio que pode substituí-la nesse contexto.

- a) Intensidade/excessivamente.
- b) Tempo/hodiernamente.
- c) Afirmação/certamente.
- d) Modo/rigorosamente.
- e) Dúvida/provavelmente.

17. Epcar(AFA)-SP

Recentemente, vi na televisão a propaganda de um jipe que saltava obstáculos como se fosse um cavalo de corrida. Já tinha visto esse comercial, mas comecei a prestar atenção na letra da música, soando forte e repetindo a estrofe de uma canção muito conhecida, “*forever young... I wanna live forever and young...*” (para sempre jovem... quero viver para sempre e jovem). Será que, realmente, queremos viver muito e, de preferência, para sempre jovens? (...)

O crescimento da população idosa nos países desenvolvidos é uma bomba-relógio que já começa a implodir os sistemas previdenciários, despreparados

para amparar populações com uma média de vida em torno de 140 anos. A velhice se tornou uma epidemia incontrolável nos países desenvolvidos. Sustentar a população idosa sobrecarrega os jovens, cada vez em menor número, pois, nesses países, há também um declínio da natalidade. Será isso socialmente justo?

Uma pessoa muito longeva consome uma quantidade total de alimentos muito maior do que as outras, o que contribui para esgotar mais rapidamente os recursos finitos do planeta e agravar ainda mais os desequilíbrios sociais. Para que uns poucos possam viver muito, outros terão de passar fome. Será que, em um futuro breve, teremos uma guerra de extermínio aos idosos, como na ficção do escritor argentino Bioy Casares, *O diário da guerra do porco?* Seria uma guerra justa? [...]

TEIXEIRA, João. Para sempre jovens. In: *Revista Filosofia: ciência & vida*. Ano VII, n. 92, março-2014, p. 54. Adaptado.

Elementos de modalização são responsáveis por expressar intenções e pontos de vista do enunciador. Por intermédio deles, o enunciador inscreve no texto seus julgamentos e opiniões sobre o conteúdo, fornecendo ao interlocutor “pistas” de reconhecimento do efeito de sentido que pretende produzir. Observe os elementos de modalização destacados nos excertos e as respectivas análises

- I. “...e agravar ainda mais os desequilíbrios sociais.” – O advérbio destacado ratifica a ideia de que a situação que já é caótica vai piorar.
- II. “...terão de passar fome.” – O verbo auxiliar utilizado ressalta a total falta de saída para os jovens.
- III. “Será que, realmente, queremos viver muito...” – O advérbio utilizado reforça o questionamento sobre o desejo de viver muito, presente no senso comum.
- IV. “...queremos viver muito e, de preferência, para sempre jovens?” – A locução adverbial sugere que a vida longa será também de qualidade.

Apresentam afirmações corretas as alternativas

- a) I e II apenas.
- b) III e IV apenas.
- c) I, II e III apenas.
- d) I, II, III e IV.

ESTUDO PARA O ENEM

18. ESPM-SP

C6-H18

A arte de manipular segundo Schopenhauer

Manipulando as palavras, é possível construir falácias e sofismas a fim de superar nossos adversários no campo da argumentação. Adotando certas atitudes que desestabilizam emocionalmente nossos antagonistas parecemos estar cobertos de razão. São expedientes que muitas vezes, até por instinto, acabamos por utilizar em conversas e discussões. Por uma questão de honestidade intelectual, porém, precisamos tomar consciência de que somos algozes e vítimas nesse jogo sujo.

O pensador alemão Arthur Schopenhauer (1788-1860), apoiando-se em sua observação e inspirando-se nas lições de Aristóteles, denunciou várias estratégias que, com maior ou menor brilhantismo, nós empregamos todos os dias, não propriamente para descobrir e divulgar a verdade, mas neutralizar e desmerecer o discurso do nosso interlocutor.

O que Maquiavel (1469-1527) pretendeu com *O Príncipe*, ao descrever o que se deve fazer para conquistar e preservar o poder político, assim Schopenhauer fez com relação às disputas verbais. O objetivo é defender-se das ameaças externas e ganhar a briga na base da palavra e da instauração de um clima emocional perturbador, deixando claro quem tem a mente mais arguta e a língua mais afiada, mesmo que seja necessário atropelar os escrúpulos e esmagar a ética. [...]

Gabriel Perissé, Prof. da Universidade Católica de Santos, *Revista Língua*, set. 2014.

Na frase: “**mesmo que** seja necessário atropelar os escrúpulos e esmagar a ética.”, o termo em negrito estabelece uma relação de:

- a) oposição com a oração anterior, em que as respectivas ideias coexistem.
- b) oposição com a oração anterior, em que as respectivas ideias se anulam.

- c) causa, sendo a oração anterior a consequência.
- d) consequência, sendo a oração anterior a causa.
- e) conclusão, sendo a oração anterior a explicação.

19. ITA-SP**C8-H27****Proibido para menores de 50 anos**

Nos últimos meses, em meio ao debate sobre as reformas na Previdência, um ponto acabou despertando a atenção. Afinal, existem empregos para quem tem mais de 50 anos? Pendurar as chuteiras nem sempre é fácil. Às vezes, pode significar uma quebra tão grande na rotina que afeta até mesmo o emocional. Foi a partir de uma experiência familiar nesta linha que o paulistano Mórri Litvak criou a *startup* MaturiJobs. Trata-se de uma agência virtual de empregos, especializada em profissionais com mais de 50 anos.

Revista *Isto é Dinheiro*. Mercado de Trabalho. Maio/2017. p. 6.

Às vezes, pode significar uma quebra tão grande na rotina que afeta **até mesmo** o emocional.

As expressões em destaque, respectivamente, têm os valores semânticos de

- a) ambiguidade e conformidade.
- b) dúvida e exclusão.
- c) causa e consequência.
- d) eventualidade e gradação.
- e) temporalidade e finalidade.

20. UFRN**C8-H27**

A questão a seguir refere-se ao fragmento de *Capitães da areia* reproduzido abaixo.

O trapiche

Sob a lua, num velho trapiche abandonado, as crianças dormem.

Antigamente aqui era o mar. Nas grandes e negras pedras dos alicerces do trapiche as ondas ora se rebentavam fragorosas, ora vinham se bater mansamente. A água passava por

baixo da ponte sob a qual muitas crianças repousam agora, iluminadas por uma réstia amarela de lua. Desta ponte saíram inúmeros veleiros carregados, alguns eram enormes e pintados de estranhas cores, para a aventura das travessias marítimas. Aqui vinham encher os porões e atracavam nesta ponte de tábuas, hoje comidas. Antigamente diante do trapiche se estendia o mistério do mar oceano, as noites diante dele eram de um verde escuro, quase negras, daquela cor misteriosa que é a cor do mar à noite.

Hoje a noite é alva em frente ao trapiche. É que na sua frente se estende agora o areal do cais do porto. Por baixo da ponte não há mais rumor de ondas. A areia invadiu tudo, fez o mar recuar de muitos metros. Aos poucos, lentamente, a areia foi conquistando a frente do trapiche. Não mais atracaram na sua ponte os veleiros que iam partir carregados. Não mais trabalharam ali os negros musculosos que vieram da escravatura. Não mais cantou na velha ponte uma canção um marinheiro nostálgico. A areia se estendeu muito alva em frente ao trapiche. E nunca mais encheram de fardos, de sacos, de caixões, o imenso casarão. Ficou abandonado em meio ao areal, mancha negra na brancura do cais.

AMADO, Jorge. *Capitães da areia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 25.

Em relação aos tempos verbais presentes no fragmento, o narrador emprega

- a) o pretérito perfeito e o presente, tempos básicos da narração, para simular a presença do leitor na realidade degradante do trapiche.
- b) o pretérito imperfeito e o presente nos trechos narrativos, para construir uma imagem decadente do trapiche.
- c) o pretérito perfeito e o presente, tempos básicos da descrição, para relatar o processo contínuo, do passado até o presente, de invasão da areia no trapiche.
- d) o pretérito imperfeito e o presente nos trechos descritivos, para construir duas imagens do trapiche contrastantes entre si.

12

PREPOSIÇÃO, INTERJEIÇÃO E CONJUNÇÃO

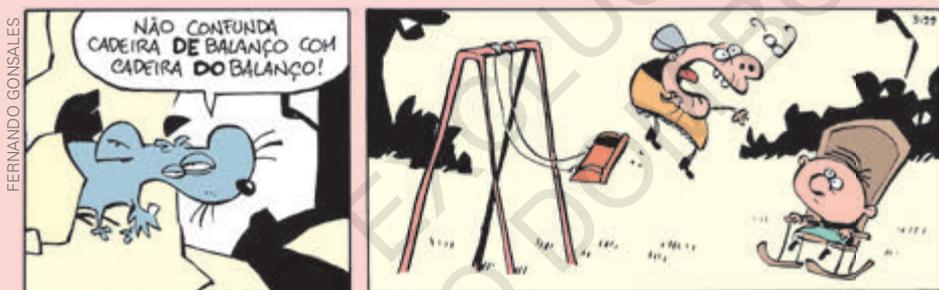
- Preposição
- Tipos de preposição
- Combinação e contração das preposições
- Locução prepositiva
- Interjeição
- Tipos de interjeição
- Locuções interjetivas
- Conjunção
- Conjunções coordenativas
- Conjunções subordinativas

HABILIDADES

- Reconhecer a importância das preposições na construção de orações coesas, claras e objetivas, dentro da norma culta da língua portuguesa.
- Identificar as regras que classificam as preposições e as interjeições, permitindo a sua correta aplicação.
- Compreender o emprego das preposições como elemento de ligação entre os termos de uma oração, ou entre duas orações e um termo.
- Reconhecer a importância das conjunções enquanto parte essencial na construção de um pensamento coeso e coerente.
- Identificar as particularidades que diferem as conjunções coordenativas e subordinativas.
- Compreender a função de elemento de ligação exercida pelas conjunções, garantindo significado mais amplo aos textos.

Preposição

A **preposição** é a palavra invariável empregada como conectivo que liga dois termos de uma oração, criando uma relação de regência entre eles. Entretanto, a preposição pode também ligar duas orações ou, ainda, um termo e uma oração, sempre com o objetivo de garantir a coesão, a clareza e a objetividade na comunicação da mensagem.



GONSALES, Fernando. *Níquel Náusea*. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>. Acesso em: nov. 2018.

Na tirinha, “**de**” e “**do**” são exemplos do emprego de preposição. Percebe-se que, além do caráter gramatical, pode haver concomitantemente valor semântico atrelado ao emprego da preposição.

TIPOS DE PREPOSIÇÃO

A preposição pode ser classificada como **essencial** e **acidental**.

Essencial

Como o próprio nome diz, ela funciona exclusivamente como preposição e não possui nenhum outro emprego. São as formas mais comuns encontradas na língua escrita e falada:

a, ante, após, até, com, contra, de, desde, em, entre, para, perante, por, sem, sob, sobre, trás.

Aplicação das preposições essenciais

*Viagem **a** Salvador.*

*O professor encerrou a aula **após** o discurso.*

*Olhou **até** onde a vista alcança.*

*Não nos vemos **desde** o último natal.*

*Passamos **por** aquela ponte **de** pedra.*

*Prefiro chá **sem** açúcar.*

*Ela está **sob** meus cuidados.*

Acidental

Pertencem a outras classes de palavras e são empregadas como preposição apenas ocasionalmente. São elas:

conforme, durante, como, fora, segundo, exceto, salvo, mediante, consoante, tirante, malgrado.

Aplicação das preposições acidentais

*Sairam **durante** a palestra.*

Tudo correu **conforme** planejado.
 Todos concordaram, **exceto** os mais exaltados.
 A cerimônia ocorreu **consoante** os costumes.

COMBINAÇÃO E CONTRAÇÃO DAS PREPOSIÇÕES

Em orações é comum a ocorrência do encontro entre uma preposição e um artigo, ou mesmo um pronome. Esse encontro pode gerar uma junção, contraindo ou combinando a preposição.

Combinação

Quando não há alteração fonética:

PREPOSIÇÃO COMBINADA				
a	+	o(s)	=	ao(s)
a	+	onde	=	aonde

Contração

Quando há alteração fonética:

PREPOSIÇÃO				PREPOSIÇÃO CONTRAÍDA	
em	+	o	=	no	
de	+	a	=	da	
de	+	aquilo	=	daquilo	
em	+	aquele	=	naquele	
de	+	esta	=	desta	
de	+	aqui	=	daqui	
a	+	a	=	à	
a	+	aquilo	=	àquilo	
a	+	aquele	=	àquele	
a	+	aquela	=	àquela	
a	+	as	=	às	

LOCUÇÃO PREPOSITIVA

Quando duas ou mais palavras juntas possuem o valor de uma preposição, dizemos que elas formam uma locução prepositiva.

As principais locuções prepositivas são:

abaixo de	a par de	embaixo de	graças a
acerca de	a respeito de	em cima de	junto de
acima de	de acordo com	em frente a	perto de
além de	dentro de	ao redor de	por cima de
ao lado de	diante de	em vez de	em virtude de

Interjeição

A **interjeição**, também invariável, expressa o estado de espírito, as emoções ou as sensações do emissor da mensagem. Essa classe de palavras também pode agir sobre o interlocutor, interferindo em seu comportamento, sem o uso de uma linguagem mais elaborada.



No primeiro quadrinho, a expressão de admiração "Uau!" é uma interjeição que reforça o estado de espírito da personagem.

TIPOS DE INTERJEIÇÃO

Elencamos a seguir algumas das principais interjeições utilizadas na língua portuguesa, bem como a sensação ou estado de ânimo que elas exprimem:

Emoção ou sensação	Interjeição
Encorajamento	Avante! Força!
Alívio	Ufa!
Chamamento	Alô! Psiu! Ei! Ô!
Apelo vocativo	Ó
Dor	Ai! Ui!
Espanto	Puxa! Oh! Ah!
Cumprimento	Oi! Olá!
Alegria	Ah! Oba! Viva!
Compaixão	Coitado! Oh!
Reprovação	Francamente! Ora essa!
Suspensão	Alto! Chega! Basta!
Desejo	Oxalá! Tomara! Quiçá!

LOCUÇÕES INTERJETIVAS

Foram analisados alguns exemplos de interjeição. Todavia, há ocasiões em que duas ou mais palavras formam uma expressão com sentido de interjeição e, assim, são chamadas de locuções interjetivas.

Exemplos:

Muito bem!

Valei-me Deus!

Ai de mim!

Ó meu Deus!

Quem me dera!

Alto lá!

Graças a Deus!

Conjunção

Trata-se de um elemento de conexão, que liga dois ou mais termos em uma mesma oração, estabelecendo uma relação entre eles. Assim como a preposição, a conjunção também é uma palavra invariável.

As conjunções podem ser divididas em **coordenativas** e **subordinativas**.

Conjunções coordenativas

As **conjunções coordenativas** são as que ligam duas ou mais orações **independentes** entre si. Elas são divididas em **aditivas**, **adversativas**, **alternativas**, **conclusivas** e **explicativas**.

COORDENATIVA ADITIVA

Expressa ideia de adição, soma, acréscimo ou inclusão: **e**, **não só**, **mas também**, **bem como**, **mas ainda**.
A sua carta é clara e objetiva.

COORDENATIVA ADVERSATIVA

Exprime ideia de contraste ou compensação: **mas**, **porém**, **contudo**, **entretanto**, **no entanto**, **todavia**.
Não ganhamos o campeonato, entretanto, registramos nosso melhor desempenho."

COORDENATIVA ALTERNATIVA

Expressa sentido de alternância ou escolha, indicando fatos separados uns dos outros: **ou**, **ora**, **já que**, **seja**, **talvez**.

Ou você tem estilo próprio, ou não tem nada.

COORDENATIVA CONCLUSIVA

Expressa a conclusão de um pensamento, ligando e fechando a ideia geral contida nos dois termos de uma oração: **logo**, **por isso**, **pois** (quando vem depois do verbo), **portanto**, **por conseguinte**, **assim**.

Vou de bicicleta para o trabalho, assim chego antes dos que vão de automóvel.

COORDENATIVA EXPLICATIVA

Indica uma razão ou motivo que elucida a oração: **que**, **porque**, **assim**, **pois** (quando vem antes do verbo), **porquanto**, **por conseguinte**.

Ele foi demitido, porque infringiu o código de ética da empresa.

Uso das conjunções coordenativas

- I. As conjunções **e**, **antes**, **agora**, quando adversativas, equivalem a **mas**.

O prefeito fala, e não faz.

Um verdadeiro líder não repreende, antes orienta.

A professora era dócil; agora, boba ela não era.

Foram de carro para o ginásio, quando poderiam ter ido de metrô.

- II. **Senão** é conjunção adversativa quando equivale a **mas sim**.

Conseguimos vencer não por méritos próprios, senão pela ajuda dos amigos.

- III. Das conjunções adversativas, a conjunção **mas** deve ser utilizada sempre no começo da oração: as outras (**porém**, **todavia**, **contudo** etc.) podem ser empregadas no início ou no meio.

Todos estavam perdidos, mas os monitores sabiam o caminho.

Todos estavam perdidos; os monitores, porém, sabiam o caminho.

- IV. A palavra **pois**, quando empregada como conjunção conclusiva, vem geralmente após um ou mais termos da oração a que está relacionada.

Você o irritou com essas atitudes; não se queixe, pois, de seu mau humor.

Quando é empregado como conjunção explicativa, **pois** vem, geralmente, após um verbo no imperativo e sempre no início da oração em que está relacionada.

Não se esqueça, pois eles já estão aguardando por você.

Conjunções subordinativas

As conjunções subordinativas são empregadas como conectivos de orações **dependentes** (ou subordinadas) uma da outra, não possuindo, a oração subordinada, sentido isoladamente.

O almoço já havia sido servido, quando ela chegou.

Oração principal ←
Conjunção subordinativa ←
Oração subordinada ←
Período composto por subordinação ←

As conjunções subordinativas podem ser **integrantes**, se associam uma oração substantiva à oração principal, ou **adverbiais**, se associam uma oração adverbial à oração principal.

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS INTEGRANTES

Indicam que a oração por elas subordinadas completam ou integram o sentido da oração principal, exercendo função de substantivo. São **que** e **se**.

Quero que você volte. (Quero sua volta).

CONJUNÇÕES SUBORDINATIVAS ADVERBIAIS

Com subdivisão mais extensa, essa classificação indica que a oração subordinada iniciada pelas conjunções subordinativas exerce o papel de **adjunto adverbial** em relação à oração principal. De acordo com a circunstância expressa pelas conjunções subordinativas adverbiais, elas podem ser classificadas como **causais, comparativas, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, temporais, proporcionais e finais**.

Subordinativas adverbiais causais

Indicam a ideia de causa: **que, porque, como, pois, visto que, já que, uma vez que, pois que**.

*Não consegui viajar **porque** minhas férias foram canceladas.*

Subordinativas adverbiais comparativas

Indicam comparação entre as orações: **que, do que, como**.

*Meu carro é mais veloz **do que** o seu.*

Subordinativas adverbiais concessivas

Introduz uma oração que se expressa contrária à principal, sem, contudo, impedir que ela se realize: **embora, ainda que, apesar de que, se bem que, mesmo que, por mais que, posto que, conquanto**.

*Ela não desistiria do plano, **mesmo que** ninguém a apoiasse.*

Subordinativas adverbiais condicionais

Indica a condição ou hipótese para que a ideia da oração principal seja realizada ou não: **caso, contanto que, salvo se, desde que, a não ser que**.

*Conseguirei preparar o almoço, **contanto que** me tragam os ingredientes.*

Subordinativas adverbiais conformativas

Expressam concordância, conformação ou compatibilidade de um fato com outro: **segundo, consoante, conforme, como**.

*Os soldados agiram **conforme** as ordens que receberam do comandante.*

Subordinativas adverbiais consecutivas

Expressam uma consequência ou resultado: **tanto que, tão que, de forma que, de sorte que, de maneira que**.

*Os filhos insistiram **tanto que** o pai teve que concordar.*

Subordinativas adverbiais temporais

Indicam uma relação temporal na oração: **quando, enquanto, agora que, logo que, tanto que, assim que**.

*Viajaremos para a praia, **quando** estivermos de férias.*

Subordinativas adverbiais finais

Indicam uma finalidade, propósito ou intuito: **a fim de que, para que, que**.

*Vimos até aqui **para que** você fique tranquilo.*

Subordinativas adverbiais proporcionais

Exprimem uma relação de simultaneidade, proporcionalidade ou equiparação entre as orações: **à medida que, ao passo que, quanto mais, quanto menos, quanto menor, quanto melhor**.

***Quanto mais** implorava por ajuda, **menos** era ouvido pelas pessoas na rua.*

MATERIAL DE ESTUDO
SISTEMA DE ENSINO

ROTEIRO DE AULA

PREPOSIÇÃO

Preposição

É a palavra invariável empregada como conectivo que liga dois termos de uma oração, criando uma relação de subordinação entre eles.

Interjeição

Também é invariável, expressa o estado de espírito, as emoções ou sensações do emissor da mensagem.

Tipos de preposição

Essencial: como o próprio nome diz, ela funciona exclusivamente como preposição e não possui nenhum outro emprego.

Acidental: pertencem a outras classes de palavras e são empregadas como preposição apenas ocasionalmente.

Combinação e contração das preposições

Combinação: quando não há alteração fonética na junção da preposição com outro termo.

Contração: quando há alteração fonética na junção da preposição com outro termo.

Locução prepositiva

Quando duas ou mais palavras juntas possuem o valor de uma preposição, dizemos que elas formam uma locução prepositiva.

Tipos de interjeição

Encorajamento, alívio, chamamento, apelo vocativo, dor, alegria, compaixão, suspensão, desejo, reprovação.

Locuções interjetivas

Quando duas ou mais palavras formam uma expressão com sentido de interjeição.

ROTEIRO DE AULA

CONJUNÇÃO

A conjunção é

o conectivo que liga dois ou mais termos de orações distintas em um período, estabelecendo relação entre essas orações.

As conjunções podem ser classificadas como

coordenativas

quando ligam duas ou mais orações independentes entre si.

São distribuídas entre:

aditivas

e, não só, mas também, bem como, mas ainda.

adversativas

mas, porém, contudo, entretanto, no entanto, todavia.

alternativas

ou, ora, já que, seja, talvez.

subordinativas

quando empregadas como conectivos de orações dependentes (ou subordinadas) uma da outra e que não possuem sentido isoladamente.

conclusivas

logo, por isso, pois (quando vem depois do verbo), portanto, por conseguinte, assim.

explicativas

que, porque, assim, pois (quando vem antes do verbo), porquanto, por conseguinte.

ROTEIRO DE AULA

São distribuídas entre:

integrantes,

se associam uma oração substantiva
à oração principal.

São as conjunções

que e se.

adverbiais,

se associam uma oração adverbial à
oração principal.

As adverbiais são classificadas como

causais

que, porque, como, pois, visto que,
já que, uma vez que, pois que.

proporcionais

à medida que, ao passo que, quanto mais,
quanto menos, quanto menor, quanto melhor.

comparativas

que, do que, como.

finais

a fim de que, para que, que.

concessivas

embora, ainda que, apesar de que,
se bem que, mesmo que, por mais
que, posto que, conquanto.

conformativas

segundo, consoante, conforme,
como.

temporais

quando, enquanto, agora que, logo
que, tanto que, assim que.

condicionais

caso, contanto que, salvo se, desde
que, a não ser que.

consecutivas

tanto que, tão que, de forma que, de
sorte que, de maneira que.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. UNESP – Leia o soneto “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia”, do poeta Gregório de Matos (1636-1696), para responder à questão a seguir:

Moraliza o poeta nos ocidentes do Sol a inconstância dos bens do mundo.

Nasce o Sol, e não dura mais que um dia,
Depois da Luz se segue a noite escura,
Em tristes sombras morre a formosura,
Em contínuas tristezas a alegria.

Porém, se acaba o Sol, por que nascia?
Se é tão formosa a Luz, por que não dura?
Como a beleza assim se transfigura?
Como o gosto da pena assim se fia?

Mas no Sol, e na Luz falte a firmeza,
Na formosura não se dê constância,
E na alegria sinta-se tristeza.

Começa o mundo enfim pela ignorância,
E tem qualquer dos bens por natureza
A firmeza somente na inconstância.

Poemas escolhidos, 2010.

Em “Nasce o Sol, e não dura mais que um dia” (1ª estrofe), a conjunção aditiva “e” assume valor

- a) causal. **d) adversativo.**
b) alternativo. **e) explicativo.**
c) conclusivo.

A conjunção coordenativa “e”, normalmente aplicada com noção de adição, pode apresentar-se com sentido adversativo quando exprime oposição ou contraste, podendo ser substituída por *mas, porém, todavia, contudo, entretanto*, como acontece no verso do enunciado.

2. Vunesp

O rio

Ser como o rio que deflui
Silencioso dentro da noite.
Não temer as trevas da noite.
Se há estrelas nos céus, refleti-las.
E se os céus se pejam de nuvens,
Como o rio as nuvens são água,
Refleti-las também sem mágoa
Nas profundidades tranquilas

BANDEIRA, Manuel. O rio. In: *Belo belo*. São Paulo: Global, 2014.

As conjunções destacadas – **como** e **se** – estabelecem, respectivamente, relações de

- a) proporcionalidade e condição.
b) comparação e condição.
c) comparação e causa.
d) causa e condição.
e) comparação e conclusão.

Conjunções comparativas: introduzem orações que representam o elemento que é relacionado ao se fazer uma comparação: *como, (tal) qual, tal e qual, assim como, (tal) como, (tão ou tanto) como, (mais) que ou do que, (menos) que ou do*

que, (tanto) quanto, *que nem, feito (= como, do mesmo modo que), o mesmo que (= como).*

Conjunções condicionais: iniciam orações que exprimem condição ou hi

3. ITA-SP (adaptada)

Vídeos falsos confundem o público e a imprensa

Por Jasper Jackson, tradução de Jo Amado.

Cerca de duas horas depois da divulgação dos atentados de terça-feira (22/03) em Bruxelas, apareceu um vídeo no YouTube, sob a alegação de que seriam imagens do circuito fechado de televisão (CCTV), mostrando uma explosão no aeroporto Zaventem, da cidade. As imagens rapidamente se espalharam pelas redes sociais e foram divulgadas por alguns dos principais *sites* de notícias. Depois desse, surgiu outro vídeo, supostamente mostrando uma explosão na estação de metrô Maelbeek, próxima ao Parlamento Europeu, e ainda um outro, alegando ser do aeroporto.

Entretanto, nenhum dos vídeos era o que alegava ser. Os três vídeos eram gravações de 2011, dois de um atentado ao aeroporto Domodedovo, de Moscou, e um de uma bomba que explodiu numa estação de metrô de Minsk, capital da Belarus.

As imagens distorcidas dos cliques do circuito fechado de televisão foram convertidas de cor em preto e branco, horizontalmente invertidas, novamente etiquetadas e postadas como se tivessem surgido dos acontecimentos do dia. Embora a conta do YouTube que compartilhou as imagens com falsos objetivos tenha sido rapidamente tirada do ar, outros veículos as reproduziram dizendo que eram de Bruxelas.

Os vídeos ilusórios são exemplos de um fenômeno que vem se tornando cada vez mais comum em quase todas as matérias importantes que tratam de acontecimentos violentos e que ocorrem rapidamente. Reportagens falsas ou ilusórias espalham-se rapidamente pelas redes sociais e são acessadas por organizações jornalísticas respeitáveis, confundindo ainda mais um quadro já incrivelmente confuso.

A disseminação e divulgação de falsas informações não têm nada de novo, mas a internet tornou mais fácil plantar matérias e provas falsas e ilusórias, que serão amplamente compartilhadas pelo Twitter e pelo Facebook.

Alastair Reid, editor administrativo do *site* First Draft, que é uma coalizão de organizações que se especializam em checar informações e conta com o apoio do Google, disse que parte do problema é que qualquer pessoa que publique em plataformas como o Facebook tem a capacidade de atingir uma audiência tão ampla quanto aquelas que são atingidas por uma organização jornalística. “Pode tratar-se de alguém tentando desviar propositalmente a pauta jornalística por motivos políticos, ou muitas vezes são apenas pessoas que querem os números, os cliques e os compartilhamentos porque querem fazer parte da conversa ou da validade da informação”, disse ele. “Eles não têm quaisquer padrões de ética, mas têm o mesmo tipo de distribuição.”

Nesse meio tempo, a rápida divulgação das notícias *online* e a concorrência com as redes sociais também aumentaram a pressão sobre as organizações jornalísticas para serem as primeiras a divulgar cada avanço, ao mesmo tempo em que eliminam alguns dos obstáculos que permitem informações equivocadas.

Uma página na *web* não só pode ser atualizada de maneira

a eliminar qualquer vestígio de uma mensagem falsa, mas, quando muitas pessoas apenas se limitam a registrar qual o *website* em que estão lendo uma reportagem, a ameaça à reputação é significativamente menor que no jornal impresso. Em muitos casos, um fragmento de informação, uma fotografia ou um vídeo são simplesmente bons demais para checar.

Alastair Reid disse: “Agora talvez haja mais pressão junto a algumas organizações para agirem rapidamente, para clicar, para ser a primeira... E há, evidentemente, uma pressão comercial para ter aquele vídeo fantástico, aquela foto fantástica, para ser de maior interesse jornalístico, mais compartilhável e tudo isso pode se sobrepor ao desejo de ser certo.”

Adaptado de: <http://observatoriodaimprensa.com.br>. Publicado originalmente no jornal *The Guardian* em 23 mar. 2016. Acesso em: 30 mar. 2016.

No primeiro período do sexto parágrafo, indique a única opção em que a palavra “que” é empregada como conjunção.

- a) [...] que é uma coalizão [...]
- b) [...] que se especializam [...]
- c) [...] que parte do problema [...]
- d) [...] que publique em plataformas [...]
- e) [...] que são atingidas por uma organização jornalística.

A única opção em que o termo “que” é conjunção subordinativa integrante é a C, que inicia oração subordinada substantiva objetiva direta. Nas demais opções, “que” é pronome relativo, pois remete a um termo antecedente: “First Draft”, “organizações”, “qualquer pessoa” e “aquelas”, respectivamente.

4. Vunesp – As preposições destacadas estão empregadas de acordo com a norma-padrão em:

- a) Embora seja inerente **com** o ser humano desejar ser bem-sucedido profissionalmente, é uma situação que, muitas vezes, implica **em** desgaste emocional.
- b) Uma existência rica **em** amizades que nos incentivam **da** sociabilidade é um privilégio que se deve cultivar.
- c) Há pessoas que se lamentam **da** falta de predisposição para realizar certas atividades, entretanto são avessas **a** exercícios físicos.
- d) O livro de Margaret Hefferann pode ser útil **com** os gestores que pretendem se contrapor **das** práticas administrativas convencionais.

e) As galinhas superprodutivas procederam **ao** término de algumas companheiras visto que se encontravam em ambiente propício **em** competição.

O verbo “lamentar” rege a preposição “de”; enquanto o nome “avessa” rege a preposição “a”.

5. UERR

Senhoras e senhores

vão embora

por favores.

A fera

não tolera

sofredores.

ANTUNES, Arnaldo. *N. d. a.* São Paulo: Iluminuras, 2010.

Assinale a alternativa falsa.

- a) “Por favores” é uma locução.
- b) “Por favor” é uma expressão fixa da língua portuguesa.
- c) Por ser fixa, sentimos estranhamento no plural de “favor”.
- d) Em outros contextos, “favor” pode ir para o plural sem causar estranhamento.
- e) “Necessito de dois favor” é norma padrão da língua portuguesa.

Apesar de ocorrer de forma fixa na locução “Por favor”, a palavra “favor” varia, estabelecendo concordância.

6. IFSP

C8-H27

Considerando a norma-padrão, assinale a alternativa em que as preposições foram empregadas corretamente.

- a) Todos sabem disso, mas as atitudes das pessoas não correspondem com seu grau de conhecimento.
- b) Atualmente, apenas 327 municípios dispõem de algum sistema público de coleta de lixo.
- c) Todos os eventos realizados no Estádio Nacional de Brasília seguem rigorosamente às normas de segurança em vigor.
- d) Hoje se sabe que o inconsciente responde o que chega ao cérebro por meio das terminações nervosas do corpo.

O verbo “dispor” exige o complemento de uma preposição: quem dispõe dispõe **de** algo.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. IME-RJ

Das vantagens de ser bobo

O bobo, por não se ocupar com ambições, tem tempo para ver, ouvir e tocar o mundo. O bobo é capaz de ficar sentado quase sem se mexer por duas horas. Se perguntado por que não faz alguma coisa, responde: “Estou fazendo. Estou pensando”.

Ser bobo às vezes oferece um mundo de saída porque os espertos só se lembram de sair por meio da esperteza, e o bobo tem originalidade, espontaneamente lhe vem a ideia.

O bobo tem oportunidade de ver coisas que os espertos não veem. Os espertos estão sempre tão atentos às espertezas alheias que se descontraem diante dos bobos, e estes os

veem como simples pessoas humanas. O bobo ganha utilidade e sabedoria para viver. O bobo nunca parece ter tido vez. No entanto, muitas vezes, o bobo é um Dostoiévski.

Há desvantagem, obviamente. Uma boba, por exemplo, confiou na palavra de um desconhecido para a compra de um ar refrigerado de segunda mão: ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso porque se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo sequer. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava tão estragado que o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e portanto estar tranquilo, enquanto o esperto não dorme à noite com medo de

ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu.

Aviso: não confundir bobos com burros. Desvantagem: pode receber uma punhalada de quem menos espera. É uma das tristezas que o bobo não prevê. César terminou dizendo a célebre frase: “Até tu, Brutus?”.

Bobo não reclama. Em compensação, como exclama!

Os bobos, com todas as suas palhaçadas, devem estar todos no céu. Se Cristo tivesse sido esperto não teria morrido na cruz.

O bobo é sempre tão simpático que há espertos que se fazem passar por bobos. Ser bobo é uma criatividade e, como toda criação, é difícil. Por isso é que os espertos não conseguem passar por bobos. Os espertos ganham dos outros. Em compensação os bobos ganham a vida. Bem-aventurados os bobos porque sabem sem que ninguém desconfie. Aliás não se importam que saibam que eles sabem.

Há lugares que facilitam mais às pessoas serem bobas (não confundir bobo com burro, com tolo, com fútil). Minas Gerais, por exemplo, facilita ser bobo. Ah, quantos perdem por não nascer em Minas!

Bobo é Chagall, que põe vaca no espaço, voando por cima das casas. É quase impossível evitar o excesso de amor que o bobo provoca. É que só o bobo é capaz de excesso de amor. E só o amor faz o bobo.

LISPECTOR, Clarice. *Das vantagens de ser bobo*. Disponível em: <www.revistapazes.com>. Acesso em 10 de maio de 2017. Originalmente publicado no Jornal do Brasil, em 12 de setembro de 1970.

Observe os conectivos destacados no trecho abaixo, retirado do texto. Assinale a opção em que a análise semântica está de acordo com a que foi estabelecida no texto.

[...] ele disse que o aparelho era novo, praticamente sem uso porque se mudara para a Gávea onde é fresco. Vai a boba e compra o aparelho sem vê-lo **sequer**. Resultado: não funciona. Chamado um técnico, a opinião deste era de que o aparelho estava tão estragado que o conserto seria caríssimo: mais valia comprar outro. Mas, em contrapartida, a vantagem de ser bobo é ter boa-fé, não desconfiar, e **portanto** estar tranquilo, **enquanto** o esperto não dorme à noite com medo de ser ludibriado. O esperto vence com úlcera no estômago. O bobo não percebe que venceu.

- a) O conectivo **porque** estabelece uma relação de consequência.
- b) O advérbio **sequer** introduz uma ideia de exceção.
- c) A expressão **tão... que** estabelece uma relação de causa.
- d) O conectivo **portanto** estabelece uma ideia de finalidade.
- e) O conectivo **enquanto** estabelece ideia de comparação.

8. UFAM – Leia a frase a seguir:

*Ontem à noite, passei **com** amigos, mas não falamos **de** política.*

As preposições em destaque têm, respectivamente, o valor semântico de:

- a) tempo e referência. d) companhia e assunto.
- b) companhia e matéria. e) tempo e assunto.
- c) tempo e matéria.

Texto para a questão 9.

Limites da manipulação genética

Nos últimos anos, a possibilidade de manipulação genética de seres humanos se tornou tecnicamente real, o que levou à publicação de vários manifestos da comunidade científica internacional contra o uso da técnica em embriões, óvulos e espermatozoides humanos. Não aceitamos alterações genéticas que possam ser transmitidas às próximas gerações. Apesar disso, cientistas chineses publicaram um trabalho descrevendo a criação de embriões humanos geneticamente modificados! Abrimos a Caixa de Pandora?

Ainda não. Os pesquisadores chineses só testaram o quão segura a técnica é de fato em embriões humanos – afinal, se um dia pudéssemos, por exemplo, corrigir a mutação no gene do câncer de mama, interromperíamos a herança genética familiar e os filhos não correriam o risco de herdar a doença.

Se temos algo a ganhar com a técnica, não vale a pena testá-la? Sim, mas existe uma linha muito tênue entre ousadia e irresponsabilidade, e o desenvolvimento científico não pode cruzá-la. Assim, para ficar do lado de cá dessa fronteira, foram usados embriões defeituosos de fertilização *in vitro*. Neles foram injetadas pequenas moléculas construídas para consertar um gene que, quando “mutado”, causa uma forma grave de anemia. Dos 54 embriões analisados, somente quatro tinham o gene corrigido... Além disso, eles também tinham alterações genéticas em outros locais não planejados do genoma – ou seja, a tal molécula muitas vezes erra o seu alvo...

Em resumo, o trabalho demonstrou que a técnica de edição de genoma é ineficiente e insegura para se utilizar em embriões humanos – exatamente o que a comunidade científica previa e questionava, com o objetivo de que esse procedimento não fosse feito em embriões humanos.

O que não significa que as pesquisas nesse sentido devam ser interrompidas. Se tivéssemos proibido as pesquisas em transplante cardíaco em 1968, quando 80% dos pacientes transplantados morriam, nunca teríamos tornado esse procedimento uma realidade que hoje em dia salva muitas vidas. Cientistas seguirão aprimorando a técnica para torná-la mais eficiente e segura. Porém, essas pesquisas devem ser conduzidas de forma absolutamente ética – aliás, todas as pesquisas devem ser conduzidas assim; mas, quando envolvem embriões humanos, mais ainda.

E enquanto nós, cientistas, resolvemos os aspectos técnicos, conclamamos legistas, psicólogos, sociólogos e a população em geral para discutir as vantagens e os riscos de usar a tecnologia de edição do genoma em seres humanos. Para pesquisar ou para evitar doenças como câncer e Alzheimer? Sim. E para que o bebê nasça com olhos azuis, mais inteligente, mais alto? Não. Em que situações permitiremos sua aplicação?

Um cenário que, há 15 anos, era ficção científica agora é tão real que devemos discuti-lo urgentemente. No Brasil, já estamos precavidos: a Lei de Biossegurança de 2005 proíbe “engenharia genética em célula germinal humana, zigoto humano e embrião humano”. Talvez um dia tenhamos que rever o texto para considerar casos específicos em que essa engenharia genética possa ser feita. Mas, por enquanto, estamos protegidos – que orgulho!

PEREIRA, L. O Globo. *Opinião*. 12 maio 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com>>. Acesso em: 20 jun. 2017. Adaptado.

9. FMP-RJ – No trecho do texto “O que não significa **que** as pesquisas nesse sentido devam ser interrompidas.”, a palavra destacada exerce a mesma função textual que em:

- a) ... para considerar casos específicos em **que** essa engenharia genética possa ser feita.
- b) Um cenário **que**, há 15 anos, era ficção científica agora é tão real **que** devemos discuti-lo urgentemente.
- c) Em resumo, o trabalho demonstrou **que** a técnica de edição de genoma é ineficiente e insegura.
- d) ... nunca teríamos tornado esse procedimento uma realidade **que** hoje em dia salva muitas vidas.
- e) E para **que** o bebê nasça com olhos azuis, mais inteligente, mais alto?

10. FGV-RJ

No Japão, ataque a faca em centro para deficientes deixa 15 mortos

Ao menos 15 pessoas morreram e 45 ficaram feridas após serem esfaqueadas por um homem que invadiu um centro de assistência a pessoas com deficiência em Sagami-hara, no Japão.

O suspeito, que havia trabalhado no local, se entregou à polícia logo após o ataque. A motivação dele ainda é desconhecida.

Segundo o *Aurélio*, o lide é a “parte introdutória de matéria jornalística, na qual se procura dar o fato, objetiva e sinteticamente, com o fim de responder às questões: o quê, quem, quando, onde, como e por quê”.

Folha de S.Paulo, 26 jul. 2016

No texto, há várias ocorrências de preposições; a ocorrência em que a preposição tem seu valor semântico indicado de forma inadequada:

- a) “ataque **a** faca” / meio ou instrumento;
- b) “ataque a faca **em** centro para deficientes” / lugar;
- c) “centro **para** deficientes” / finalidade;
- d) “ficaram feridas **após** serem esfaqueadas” / tempo;
- e) “pessoas **com** deficiência” / companhia.

11. Espcex-SP/Aman-RJ

Pela primeira vez na história, pesquisadores conseguiram projetar do zero o genoma de um ser vivo (uma bactéria, **para** ser mais exato) e “instalá-lo” com sucesso numa célula, **como** quem instala um aplicativo no celular.

É um feito e tanto, sem dúvida. Paradoxalmente, **porém**, o próprio sucesso do americano Craig Venter e de seus colegas deixa claro o quanto ainda falta **para que** a humanidade domine os segredos da vida. Cerca de um terço do DNA da nova bactéria (apelidada de syn3.0) foi colocado lá por puro processo de tentativa e erro – os cientistas não fazem a menor ideia do porquê ele é essencial.

Folha de S.Paulo, 26 mar. 2016.

O texto informativo acima, que apresenta ao público a criação de uma bactéria apenas com genes essenciais à vida, contém vários conectivos, propositadamente destacados. Pode-se afirmar que

- a) **para** inicia uma oração adverbial condicional, pois restringe o genoma à condição de bactéria.
- b) **e** introduz uma oração coordenada sindética aditiva, pois adiciona o projeto à instalação do genoma.

- c) **como** introduz uma oração adverbial conformativa, pois exprime acordo ou conformidade de um fato com outro.
- d) **porém** indica concessão, pois expressa um fato que se admite em oposição ao da oração principal.
- e) **para que** exprime uma explicação: falta muito para a humanidade dominar os segredos da vida.

12. Vunesp

Em tempos difíceis como o que estamos vivendo, uma boa dose de otimismo pode nos ajudar a enfrentar as dificuldades do dia a dia. Os otimistas costumam ser mais positivos mesmo diante das adversidades, e, com isso, têm mais chance não só de encontrar meios para sobreviver à crise como de criar alternativas para sair dela.

Reconhecemos os otimistas de algumas maneiras. Uma delas é pelo tempo verbal de seu discurso. Enquanto os pessimistas falam no pretérito, os otimistas preferem falar no futuro. Os pessimistas insistem em ponderar sobre como deveria ter sido. Os otimistas ocupam-se em discorrer sobre como poderá vir a ser.

Outra maneira de diferenciar um pessimista de um otimista é pelo uso do “mas”, palavrinha de três letras muito usada quando dois pensamentos se complementam e parecem ser opostos. Cada vez que você diz “agora faz sol, mas mais tarde vai chover”, ou “minha cabeça dói, mas já vai passar”, está usando uma conjunção, que tem a finalidade de estabelecer ligações.

Voltando ao tema do otimismo e do pessimismo, sabemos que esses dois estados, que demonstram a visão que as pessoas têm da situação em que se encontram, bem como das perspectivas futuras, se refletem no uso dos recursos linguísticos. Ou melhor, na ordem em que se colocam os termos da oração em torno deles. Explico. Uma coisa é dizer: “Eu sei que está ruim, mas vai melhorar”. Outra é afirmar: “Eu sei que vai melhorar, mas que está ruim, está”. As duas frases envolvem exatamente os mesmos elementos em sua construção, a diferença entre elas está no foco.

Há “mas” para todos os gostos. Depende de nós usá-lo para criar um bom ambiente ou para jogar um balde de água fria no ânimo de qualquer um. Quando algo não está bem, como o atual momento econômico, surgem dois pensamentos: o de que tudo vai piorar e o de que, daqui pra frente, só é possível melhorar.

E, já que é assim, proponho o otimismo consciente. Aquele que não nega a realidade, mas que acredita na solução, no recomeço, na recuperação, na melhoria, no crescimento. Nosso país está como está porque fizeram com ele o que fizeram. Mas ele será o que será porque faremos o que faremos. E, neste caso, como diz o ditado, “não tem ‘mas’ nem meio ‘mas’”. Só depende de nós.

MUSSAK, Eugênio. Entre o otimismo e o pessimismo. Disponível em: <<http://vidasimples.uol.com.br>>. 16 nov. 2015. Adaptado.

As preposições servem para relacionar dois termos de uma mesma oração e estabelecer uma relação de sentido entre eles. Assinale a alternativa em que a expressão destacada é uma preposição com valor de finalidade.

- a) ... os otimistas preferem falar **sobre** o futuro.
- b) Outra maneira de diferenciar um pessimista **de** um otimista...
- c) ... o otimista encontra nele os elementos **para** avançar o futuro.

- d) ... envolvem exatamente os mesmos elementos **em** sua construção...
- e) Nosso país está como está porque fizeram **com** ele o que fizeram.

13. Instituto Quadrix-SP (adaptada)



GOMES, Clara. *Bichinhos de jardim*. Disponível em: <<http://bichinhosdejardim.com/>>, 11 de maio de 2008. Acesso em: nov. 2018.

Entre as alternativas apresentadas, assinale aquela em que há ocorrência de preposição.

- a) É um estrondo de trovões ameaçadores!
- b) Uma chuvinha constante, fria e desoladora!
- c) Caramelo, o que é mágoa?
- d) E a angústia, é o quê?

14. UFRN (adaptada)

Um tiro no escuro

A escolha profissional é um caso típico de tomada de decisão na ausência de informações

O conto "Profession", publicado em 1957 por Isaac Asimov, retrata a Terra em um futuro distante e distópico. As crianças são educadas por um sistema central, que liga diretamente seus cérebros a um computador. As futuras profissões são definidas com base em um algoritmo. Não cabe aos indivíduos escolherem seus ofícios. "Profession" é uma entre muitas obras de ficção científica a tratar da questão da escolha ou direcionamento profissional.

O tema também ocupa lugar de destaque entre as preocupações de jovens, pais, psicólogos, educadores e gestores da área. No Brasil, temo uma associação de orientadores profissionais e uma revista científica dedicada ao tema. Em nosso país, todos os anos, no segundo semestre, centenas de milhares de jovens preparam-se para a maratona dos exames vestibulares.

Segundo o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, o Brasil ultrapassou, em 2012,

a marca de 7 milhões de alunos no ensino superior. Eles estão matriculados em 32 mil cursos, oferecidos por mais de 2 mil instituições de ensino. Nosso sistema superior de educação cresceu aceleradamente desde o fim da década de 1990 e quase duplicou nos últimos dez anos.

No entanto, o crescimento e o gigantismo não foram ainda suficientes para atender à demanda por formação de alta qualidade. Nos cursos mais procurados e nas instituições de maior renome, a relação candidato/vaga frequentemente supera a dezena e vez ou outra se aproxima da centena. O funil de acesso coloca legiões de pais e filhos à beira de um ataque de nervos.

Nos últimos anos, a realização de um curso superior tornou-se aspiração de novos contingentes de jovens, antes aliados da universidade por barreiras econômicas. Em paralelo, visando atender ao novo "mercado", nasceram e prosperaram instituições privadas de ensino superior com um olho na educação e outro no bolso, não necessariamente nessa ordem. Na esquina ideológica oposta, o sistema público, caro e anacrônico, salta de crise em crise, a vergar sob o peso de querelas políticas, governança excêntrica e interesses corporativistas. Enquanto isso, o mundo gira e o mercado de trabalho é convulsionado por estripulias econômicas, algumas profissões emergem e outras submergem, enquanto certas carreiras rompem as fronteiras tradicionais.

No meio da confusão, nossos jovens enfrentam o descaído desafio de, aos 17 anos, definir o próprio futuro. Os manuais de autoajuda vocacional costumam ser pródigos em sugestões tão sensatas quanto inexequíveis: conheça a si próprio, as profissões, os profissionais, trabalhe e experimente. Alguns jovens têm vocação clara, mas são raros. Outros pensam tê-la, mas titubeiam diante dos primeiros choques de realidade. A maioria lança-se semiconsciente ao mar, torcendo para que uma corrente amiga a leve a um porto seguro.

A escolha profissional é um caso típico de tomada de decisão na ausência de informações. Quem sou eu? Quais são meus potenciais? O que quero da vida? São perguntas básicas, mas difíceis de responder aos 17 anos. A outra ponta não é mais simples. Como estará o mercado de trabalho daqui a quatro ou cinco anos? Quais serão as melhores profissões do futuro? O que me trará satisfação? O que me garantirá uma vida confortável?

E, não bastassem as dificuldades naturais, as paixões e as ansiedades envolvidas, as decisões são tomadas em um teatro de consumo, no qual escolas secundárias competem pelas maiores taxas de sucesso no vestibular, cursinhos vendem seus serviços e as novas instituições de ensino tentam atrair recrutas para suas "propostas diferenciadas".

Não é incomum muitos jovens iniciarem cursos superiores, os interromperem pouco depois e tentarem outros caminhos. Há também aqueles fiéis à escolha original que, mesmo frustrados, terminam o curso e seguem a padecer pela vida profissional afora. O custo da escolha malfeita é alto para os jovens, seus pais e a sociedade. Mais sábios seriam, na opinião de alguns, os nossos pares do Hemisfério Norte, que oferecem aos seus universitários a oportunidade de inícios com conteúdos mais genéricos e consequente adiamento das decisões profissionais para momentos de maior maturidade e lucidez.

WOOD JR., Thomaz. *Carta na Escola*. São Paulo: Confiança, n 92, dez. 2014. p. 64. Adaptado.

Alguns jovens têm vocação clara, mas são raros. Outros pensam tê-la, mas titubeiam diante dos primeiros choques de realidade. A maioria lança-se semiconsciente ao mar, torcendo para que uma corrente amiga a leve a um porto seguro.

O segundo período do trecho pode ser reescrito, substituindo-se a preposição **diante** por **perante**. Na reescrita,

- a) deve-se substituir também, obrigatoriamente, “dos” por “os”.
- b) dispensa-se outra alteração, uma vez que as duas preposições têm valor idêntico.
- c) pode-se substituir também, opcionalmente, “dos” por “aos”.
- d) dispensa-se outra alteração, visto que as duas preposições têm a mesma regência.

15. UNESP – Leia o excerto do “Sermão do bom ladrão”, de Antônio Vieira (1608-1697).

Navegava Alexandre [Magno] em uma poderosa armada pelo Mar Eritreu a conquistar a Índia; e como fosse trazido à sua presença um pirata, que por ali andava roubando os pescadores, repreendeu-o muito Alexandre de andar em tão mau ofício; porém ele, que não era medroso nem lerdo, respondeu assim: “Basta, Senhor, que eu, porque roubo em uma barca, sou ladrão, e vós, porque roubais em uma armada, sois imperador?”. Assim é. O roubar pouco é culpa, o roubar muito é grandeza: o roubar com pouco poder faz os piratas, o roubar com muito, os Alexandres. Mas Sêneca, que sabia bem distinguir as qualidades, e interpretar as significações, a uns e outros, definiu com o mesmo nome: [...] Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Quando li isto em Sêneca, não me admirei tanto de que um filósofo estoico se atrevesse a escrever uma tal sentença em Roma, reinando nela Nero; o que mais me admirou, e quase envergonhou, foi que os nossos oradores evangélicos em tempo de príncipes católicos, ou para a emenda, ou para a cautela, não preguem a mesma doutrina. Saibam estes eloquentes mudos que mais ofendem os reis com o que calam que com o que disserem; porque a confiança com que isto se diz é sinal que lhes não toca, e que se não podem ofender; e a cautela com que se cala é argumento de que se ofenderão, porque lhes pode tocar. [...]

Suponho, finalmente, que os ladrões de que falo não são aqueles miseráveis, a quem a pobreza e vileza de sua fortuna condenou a este gênero de vida, porque a mesma sua miséria ou escusa ou alivia o seu pecado [...]. O ladrão que furta para comer não vai nem leva ao Inferno: os que não só vão, mas levam, de que eu trato, são os ladrões de maior calibre e de mais alta esfera [...]. Não são só ladrões, diz o santo [São Basílio Magno], os que cortam bolsas, ou espreitam os que se vão banhar, para lhes colher a roupa; os ladrões que mais própria e dignamente merecem este título são aqueles a quem os reis encomendam os exércitos e legiões, ou o governo das províncias, ou a administração das cidades, os quais já com manha, já com força, roubam e despojam os povos. Os outros ladrões roubam um homem, estes roubam cidades e reinos: os outros furtam de baixo do seu risco, estes sem temor, nem perigo: os outros, se furtam, são enforcados: estes furtam e enforcam.

VIEIRA, Antônio. Sermão do bom ladrão. In: _____. *Padre Antônio Vieira – Essencial*. Alfredo Bosi (Org.). São Paulo: Penguin Classics/ Companhia das Letras, 2011.

Se o rei de Macedônia, ou qualquer outro, fizer o que faz o ladrão e o pirata; o ladrão, o pirata e o rei, todos têm o mesmo lugar, e merecem o mesmo nome.

Em relação ao trecho que o sucede, o trecho destacado tem sentido de:

- a) condição.
- b) proporção.
- c) finalidade.
- d) causa.
- e) consequência.

16. UEL-PR

A Lei Bernardo e o assédio moral na família

O caso do menino Bernardo Uglione Boldrini chocou o Brasil. Ainda sem julgamento, a história do homicídio do menino de apenas 11 anos de idade, que tem como principais suspeitos o pai, a madrasta e a assistente social amiga da família, trouxe à tona diversos assuntos, em especial, a convivência familiar. As versões dos acusados são diversas e contraditórias, mas a principal questão reside em torno do tratamento interpessoal dentro da entidade familiar. Nesse tocante, surge preocupação com a situação que muitas famílias vivenciam de tratamento cruel ou degradante, que a Lei Bernardo repudia.

A Lei Bernardo, antiga Lei Palmada, eterniza o nome de Bernardo Boldrini. Em vida, o menino chegou a reclamar judicialmente dos maus-tratos sofridos no ambiente familiar, demonstrando que, antes de sua morte física noticiada, Bernardo já estava sofrendo o chamado homicídio da alma, também conhecido como assédio moral.

O assédio moral é conduta agressiva que gera a degradação da identidade da vítima assediada, enquanto o agressor sente prazer de hostilizar, humilhar, perseguir e tratar de forma cruel o outro. Justamente essa conduta que o Art. 18-A do ECA, trazido pela Lei Bernardo, disciplina na tentativa de proteger a criança e o adolescente de tais práticas. O assédio moral possui várias denominações pelo mundo, como bullying, mobbing, ijime, harassment, e é caracterizado por condutas violentas, sorrateiras, constantes, que algumas vezes são entendidas como inofensivas, mas se propagam insidiosamente. A figura do assédio moral na família surge exatamente quando o afeto deixa de existir dando espaço à desconsideração da dignidade do outro no dia a dia. Demonstrando, assim, que, embora haja necessidade de afetividade para que surja uma entidade familiar, com o desaparecimento do sentimento de afeto surgem situações de violência, inclusive a psíquica.

A gravidade é majorada no âmbito da família, eis que ela é principal responsável pelo desenvolvimento da personalidade de seus membros e do afeto, elemento agregador.

A morte da alma do menino Bernardo ainda em vida, resultado de tratamento degradante, diário e sorrateiro, que culminou na morte física, faz refletir sobre a importância da família no desenvolvimento da personalidade de seus membros, de modo a valorizar a existência do afeto para que não haja na entidade familiar a figura do assédio moral.

O assédio moral na família, ou psicoterror familiar, deve ser amplamente combatido, principalmente pelo papel exercido pela família de atuar no desenvolvimento da criança e do adolescente, de modo que a integridade psíquica deve ser sempre resguardada, no afeto e no respeito à dignidade da pessoa humana, desde seu nascimento.

SENGIK, K. B. *Jornal de Londrina*, 14 set. 2014. Ponto de vista. ano 26. n. 7.855. p.2. Adaptado.

Acerca do texto, considere as afirmativas a seguir.

- I. A expressão “à tona” no trecho “trouxe à tona diversos assuntos, em especial, a convivência familiar.” diverge do sentido da expressão “à baila” em: “O assédio moral trouxe à baila a importância da afetividade no convívio familiar.”
- II. A expressão “à tona” equivale às expressões “à superfície” e “à flor”. Além disso, como expressões femininas, há uma contração da preposição “a” com o artigo “a”, resultando na crase.
- III. A expressão “Nesse tocante” pode ser substituída por “A respeito disso”, sem prejuízo do sentido original.
- IV. O trecho “que tem como principais suspeitos o pai, a madrastra e a assistente social amiga da família” pode ser reescrito da seguinte forma: “cujos principais suspeitos são o pai, a madrastra e a assistente amiga da família”.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente a afirmativa I.
- b) Somente as afirmativas I e IV são corretas.
- c) Somente as afirmativas III e IV são corretas.
- d) Somente as afirmativas I, II e III são corretas.
- e) Somente as afirmativas II, III e IV são corretas.

17. UFRGS-RS

Entre as situações linguísticas que o português já viveu em seu contato com outras línguas, cabe considerar uma situação que se realiza em nossos dias: aquela em que ele é uma língua de emigrantes. Para o leitor brasileiro, soará talvez estranho que falemos aqui do português como uma língua de emigrantes, pois o Brasil foi antes de mais nada um país para o qual se dirigiam em massa, durante mais de dois séculos, pessoas nascidas em vários países europeus e asiáticos; assim, para a maioria dos brasileiros, a representação mais natural é a da convivência no Brasil com imigrantes vindos de outros países. Sabemos, entretanto, que, nos últimos cem anos, muitos falantes do português foram buscar melhores condições de vida,

partindo não só de Portugal para o Brasil, mas também desses dois países para a América do Norte e para vários países da Europa: em certo momento, na década de 1970, viviam na região parisiense mais de um milhão de portugueses – uma população superior à que tinha então a cidade de Lisboa. Do Brasil, têm emigrado nas últimas décadas muitos jovens e trabalhadores, dirigindo-se aos quatro cantos do mundo.

A existência de comunidades de imigrantes é sempre uma situação delicada para os próprios imigrantes e para o país que os recebeu: normalmente, os imigrantes vão a países que têm interesse em usar sua força de trabalho, mas qualquer oscilação na economia faz com que os nativos encarem sua presença como indesejável; as diferenças na cultura e na fala podem alimentar preconceitos e desencadear problemas reais de diferentes ordens.

Em geral, proteger a cultura e a língua do imigrante não é um objetivo prioritário dos países hospedeiros, mas no caso do português tem havido excessões. Em certo momento, o português foi uma das línguas estrangeiras mais estudadas na França; e, em algumas cidades do Canadá e dos Estados Unidos, um mínimo de vida associativa tem garantido a sobrevivência de jornais editados em português, mantidos pelas próprias comunidades de origem portuguesa e brasileira.

ILARI, Rodolfo; BASSO, Renato. *O português da gente: a língua que estudamos a língua que falamos*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 42-43.

Considere as seguintes sugestões de alteração de segmentos do texto.

- I. Em “... – uma população superior **à** que tinha então a cidade de Lisboa...”, **a** forma **à** poderia ser substituída por **àquela**, porque não acarretaria problemas de uso da norma culta do português.
- II. Em: “A existência de comunidades de imigrantes é sempre uma situação delicada **para** os próprios imigrantes e **para** o país que os recebeu...”, a preposição **para** poderia ser substituída por **entre** na primeira ocorrência e elidida na segunda, preservando a correção e o sentido do trecho original.
- III. Em “... qualquer oscilação na economia faz **com** que os nativos encarem sua presença como indesejável...”, a preposição **com** poderia ser elidida da oração sem prejuízo da correção gramatical.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Unifesp

C8-H27

Leia um trecho do artigo “Reflexões sobre o tempo e a origem do Universo”, do físico brasileiro Marcelo Gleiser, para responder à questão:

Qualquer discussão sobre o tempo deve começar com uma análise de sua estrutura, que, por falta de melhor expressão, devemos chamar de “temporal”. É comum dividirmos o tempo em passado, presente e futuro. O passado é o que vem antes do presente e o futuro é o que vem depois. Já o presente é o “agora”, o instante atual.

Isso tudo parece bastante óbvio, mas não é. Para definirmos passado e futuro, precisamos definir o presente. Mas, segundo nossa separação estrutural, o presente não pode ter duração no tempo, pois nesse caso poderíamos definir um período no seu passado e no seu futuro. Portanto, para sermos coerentes em nossas definições, o presente não pode ter duração no tempo. Ou seja, o presente não existe!

A discussão acima nos leva a outra questão, a da origem do tempo. Se o tempo teve uma origem, então existiu um

momento no passado em que ele passou a existir. Segundo nossas modernas teorias cosmológicas, que visam explicar a origem do Universo, esse momento especial é o momento da origem do Universo “clássico”. A expressão “clássico” é usada em contraste com “quântico”, a área da física que lida com fenômenos atômicos e subatômicos. [...]

As descobertas de Einstein mudaram profundamente nossa concepção do tempo. Em sua teoria da relatividade geral, ele mostrou que a presença de massa (ou de energia) também influencia a passagem do tempo, embora esse efeito seja irrelevante em nosso dia a dia. O tempo relativístico adquire uma plasticidade definida pela realidade física à sua volta. A coisa se complica quando usamos a relatividade geral para descrever a origem do Universo.

GLEISER, Marcelo. Reflexões sobre o tempo e a origem do Universo. *Folha de S. Paulo*, 7 jun. 1998.

Em

[Einstein] mostrou que a presença de massa (ou energia) também influencia a passagem do tempo, **embora** esse efeito seja irrelevante em nosso dia a dia.

a conjunção destacada pode ser substituída, sem prejuízo para o sentido do texto, por:

- a) visto que.
- b) a menos que.
- c) ainda que.
- d) a fim de que.
- e) desde que.

19. Unifesp (adaptada)

C8-H27

Leia a fábula “A raposa e o lenhador”, do escritor grego Esopo (620 a.C.?-564 a.C.?), para responder à questão.

Enquanto fugia de caçadores, uma raposa viu um lenhador e lhe pediu que a escondesse. Ele sugeriu que ela entrasse em sua cabana e se ocultasse lá dentro. Não muito tempo depois, vieram os caçadores e perguntaram ao lenhador se ele tinha visto uma raposa passar por ali. Em voz alta ele negou tê-la visto, mas com a mão fez gestos indicando onde ela estava escondida. Entretanto, como eles não prestaram atenção nos seus gestos, deram crédito às suas palavras. Ao constatar que eles já estavam longe, a raposa saiu em silêncio e foi indo embora. E o lenhador se pôs a repreendê-la, pois ela, salva por ele, não lhe dera nem uma palavra de gratidão. A raposa respondeu: “Mas eu seria grata, se os gestos de sua mão fossem condizentes com suas palavras”.

Desta fábula pode servir-se uma pessoa a propósito daqueles homens que nitidamente proclamam ações nobres, mas na prática realizam atos vis.

ESOPO. A raposa e o lenhador. In: _____. *Fábulas completas*. Tradução de Maria Celeste Consolin Dezotti. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Entretanto, **como eles não prestaram atenção nos seus gestos**, deram crédito às suas palavras.

Em relação à oração que a sucede, a oração destacada tem sentido de

- a) causa.
- b) conclusão.
- c) proporção.

- d) consequência.
- e) comparação.

20. Unifesp

C6-H18

Leia a crônica “Premonitório”, de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987), para responder à questão.

Do fundo de Pernambuco, o pai mandou-lhe um telegrama: “Não saia casa 3 outubro abraços”. O rapaz releu, sob emoção grave. Ainda bem que o velho avisara: em cima da hora, mas avisara. Olhou a data: 28 de setembro. Puxa vida, telegrama com a nota de urgente, levar cinco dias de Garanhuns a Belo Horizonte! Só mesmo com uma revolução esse telégrafo endireita. E passado às sete da manhã, veja só; o pai nem tomara o mingau com broa, precipitara-se na agência para expedir a mensagem.

Não havia tempo a perder. Marcara encontros para o dia seguinte, e precisava cancelar tudo, sem alarde, como se deve agir em tais ocasiões. Pegou o telefone, pediu linha, mas a voz de d. Anita não respondeu. Havia tempo que morava naquele hotel e jamais deixara de ouvir o “pois não” melodioso de d. Anita, durante o dia. A voz grossa, que resmungara qualquer coisa, não era de empregado da casa; insistira: “como é?”, e a ligação foi dificultosa, havia besouros na linha. Falou rapidamente a diversas pessoas, aludiu a uma ponte que talvez resistisse ainda uns dias, teve oportunidade de escandir as sílabas de arma *virumque* cano¹, disse que achava pouco cem mil unidades, em tal emergência, e arrematou: “Dia 4 nós conversamos.” Vestiu-se, desceu. Na portaria, um sujeito de panamá bege, chapéu de aba larga e sapato de duas cores levantou-se e seguiu-o. Tomou um carro, o outro fez o mesmo. Desceu na praça da Liberdade e pôs-se a contemplar um ponto qualquer. Tirou do bolso um caderninho e anotou qualquer coisa. Aí, já havia dois sujeitos de panamá, aba larga e sapato bicolor, confabulando a pequena distância. Foi saindo de mansinho, mas os dois lhe seguiram na cola. Estava calmo, com o telegrama do pai dobrado na carteira, placidez satisfeita na alma. O pai avisara a tempo, tudo correria bem. Ia tomar a calçada quando a baioneta em riste advertiu: “Passe de largo”; a Delegacia Fiscal estava cercada de praças, havia armas cruzadas nos cantos. Nos Correios, a mesma coisa, também na Telefônica. Bondes passavam escoltados. Caminhões conduziam tropa, jipes chispavam. As manchetes dos jornais eram sombrias; pouca gente na rua. Céu escuro, abafado, chuva próxima.

Pensando bem, o melhor era recolher-se ao hotel; não havia nada a fazer. Trancou-se no quarto, procurou ler, de vez em quando o telefone chamava: “Desculpe, é engano”, ou ficava mudo, sem desligar. Dizendo-se incomodado, jantou no quarto, e estranhou a camareira, que olhava para os móveis como se fossem bichos. Deliberou deitar-se, embora a noite apenas começasse. Releu o telegrama, apagou a luz.

Acordou assustado, com golpes na porta. Cinco da manhã. Alguém o convidava a ir à Delegacia de Ordem Política e Social. “Deve ser engano.” “Não é não, o chefe está à espera.” “Tão cedinho? Precisa ser hoje mesmo? Amanhã eu vou.” “É hoje e é já.” “Impossível.” Pegaram-lhe dos braços e levaram-no sem polêmica. A cidade era uma praça de guerra, toda a polícia a postos. “O senhor vai dizer a verdade bonitinho e logo” – disse-lhe o chefe. – “Que sabe a respeito do troço?” “Não se faça de bobo, o

troço que vai estourar hoje.” “Vai estourar?” “Não sabia? E aquela ponte que o senhor ia dinamitar mas era difícil?” “Doutor, eu falei a meu dentista, é um trabalho de prótese que anda abalado. Quer ver? Eu tiro.” “Não, mas e aquela frase em código muito vagabundo, com palavras que todo mundo manja logo, como arma e cano?” “Sou professor de latim, e corriji a epígrafe de um trabalho.” “Latim, hem? E a conversa sobre os cem mil homens que davam para vencer?” “São unidades de penicilina que um colega tomou para uma infecção no ouvido.” “E os cálculos que o senhor fazia diante do palácio?” Emudeceu. “Diga, vamos!” “Desculpe, eram uns versinhos, estão aqui no bolso.” “O senhor é esperto, mas saia desta. Vê este telegrama? É cópia do que o senhor recebeu de Pernambuco. Ainda tem coragem de negar que está alheio ao golpe?” “Ah, então é por isso que o telegrama custou tanto a chegar?” “Mais custou ao país, gritou o chefe. Sabe que por causa dele as Forças Armadas ficaram de prontidão, e que isso custa cinco mil contos? Diga depressa.” “Mas, doutor...” Foi levado para outra sala, onde ficou horas. O

que aconteceu, Deus sabe. Afinal, exausto, confessou: “O senhor entende conversa de pai pra filho? Papai costuma ter sonhos premonitórios, e toda a família acredita neles. Sonhou que me aconteceria uma coisa no dia 3, se eu saísse de casa, e telegrafou prevenindo. Juro!”

Dia 4, sem golpe nenhum, foi mandado em paz. O sonho se confirmara: realmente, não devia ter saído de casa.

(70 historinhas, 2016.)

¹arma *virumque cano*: “canto as armas e o varão” (palavras iniciais da epopeia Eneida, do escritor Vergílio, referentes ao herói Eneias).

De acordo com a crônica, o filho recebeu o telegrama do pai no dia

- a) 28 de setembro.
- b) 29 de setembro.
- c) 2 de outubro.
- d) 4 de outubro.
- e) 3 de outubro.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

13

FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

- Frase
- Oração
- Período
- Termos essenciais da oração
- Sujeito
- Tipos de sujeito
- Predicado
- Tipos de predicado

HABILIDADES

- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática, a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

FRASE

Frase é toda unidade de comunicação verbal (oral e escrita) que possui sentido completo, constituindo-se por uma ou mais palavras – ou seja, a frase apresenta ideia plena mesmo quando se constitui de uma só palavra.

As frases são classificadas como **nominal** ou **verbal**, de acordo com o tipo de enunciação.

FRASE NOMINAL

É toda aquela que não apresenta verbo.

Fogo!

Socorro!

Tudo ótimo!

FRASE VERBAL

É toda aquela que apresenta verbo.

*O carro **está** pegando fogo!*

***Ajudem-me**, por favor!*

*Tudo **está** ótimo!*

OUTRAS CLASSIFICAÇÕES DAS FRASES

Simultaneamente à classificação da natureza nominal ou verbal das frases, elas podem ser ainda **interrogativas**, **exclamativas**, **declarativas**, **imperativas** e **optativas**.

Interrogativas

Frases cujo propósito é perguntar, questionar, tirar dúvida etc., de forma direta ou indireta.

Aonde você vai? (interrogativa direta)

Gostaria de saber aonde você vai. (interrogativa indireta)

Exclamativas

Quando expressam sentimentos em relação a algo.

A prova estava bastante difícil!

Infelizmente, não poderei ir à festa amanhã!

Declarativas

Quando informam ou constatam um fato, podendo ser afirmativas ou negativas.

O jogo começará às vinte horas. (declarativa afirmativa)

O jogo não começará às vinte horas. (declarativa negativa)

Imperativas

Quando se pretende dar uma ordem ou fazer um pedido, podendo ser afirmativas ou negativas.

Entregue esse documento ao seu chefe. (imperativa afirmativa)

Não buzine na frente do hospital. (imperativa negativa)

Optativas

Quando se pretende exprimir um desejo ou uma vontade.

Vá em paz!

Tomara que tudo dê certo!

ORAÇÃO

Oração é a frase que se estrutura em torno de um verbo ou de uma locução verbal.

*Você **fez** os exercícios?*

*Nós **fizemos** um dos exercícios.*

*Então, **façam** todos os exercícios!*

As três são orações. Verbo: *fazer*.)

A oração pode ou não apresentar um sentido completo.

Se a oração contém apenas um verbo e tem sentido completo, é chamada de absoluta.

*Vovó **assou** um bolo.*

Às vezes, entretanto, é necessário acrescentar outra oração para que haja sentido comunicativo completo. Cada verbo ou locução verbal presente em um enunciado corresponde a uma oração.

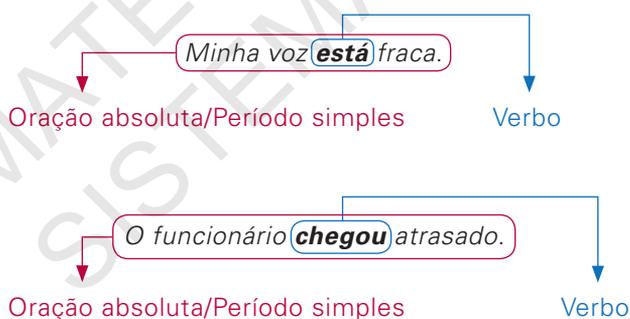
***Espero** (uma oração) / **que o policial chegue** rápido (outra oração).*

PERÍODO

Período é a frase constituída por uma ou mais orações, classificando-se como simples ou composto, a depender da ocorrência de uma ou mais orações em sua estrutura.

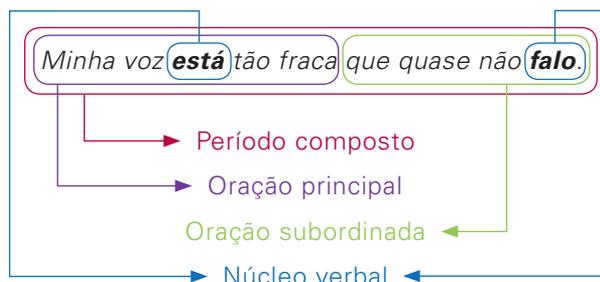
PERÍODO SIMPLES

Quando apresenta apenas uma oração, chamada de oração absoluta, o período é classificado como simples, em que ocorre apenas um núcleo verbal.



PERÍODO COMPOSTO

Quando apresenta mais de uma oração, o período é classificado como composto, pois ocorre a composição de mais de um núcleo verbal na formação do enunciado.



São considerados essenciais os termos sem os quais não pode haver oração. Como o **sujeito** e o **predicado** são termos sem os quais uma estrutura não pode ser classificada como oração, são assim considerados essenciais.

TERMOS ESSENCIAIS

ORAÇÃO

SUJEITO

PREDICADO

Considerando que a oração é uma unidade centrada em um verbo, pode-se afirmar que, na língua portuguesa contemporânea, há a possibilidade de existir uma oração sem sujeito, mas não pode haver oração sem predicado.

ORAÇÃO

Pode não ocorrer sujeito.

Deve sempre ocorrer predicado.

Sujeito



LAERTE. Eu adoraria saber quem sou na vida real.... *Overman*. Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte/tiras/index-overman.html>. Acesso em: dez. 2018.

No primeiro quadrinho da tira, o verbo “adorar” concorda com a estrutura “Eu”, acerca de quem a per-

sonagem afirma algo: "... adoraria saber quem sou na vida real...". Sintaticamente, é natural que a estrutura "Eu" seja classificada como sujeito do verbo, já que intuitivamente o falante o associa a quem adoraria alguma coisa.

Contudo, no último quadrinho, temos "... a campainha toca!"; em que "campainha" é sujeito do verbo "tocar". Esse é um dado interessante para o reforço do argumento de que, sintaticamente, sujeito é a estrutura que concorda com o sujeito, enquanto, semanticamente, trata-se do elemento a respeito de que se declara algo, não necessariamente sendo esse elemento o agente do que está descrito no verbo, como é o caso de "campainha"; que, sendo um elemento inanimado, não poderia agir sobre outro elemento.

A estrutura "sujeito" pode ser classificada de acordo com a quantidade de núcleos que apresenta, assim como de acordo com a enunciação ou não de elementos em sua estrutura.

TIPOS DE SUJEITO

Na língua portuguesa, o sujeito pode ser expresso ou ocorrer de forma implícita, sendo depreendido gramaticalmente ou do contexto de enunciação.

Explícito

É aquele que vem expresso na oração.

João gosta de sorvete.

A professora e o diretor marcaram reunião.

O sujeito explícito pode ser **simples** ou **composto**.

SIMPLES

O sujeito é classificado como simples quando apresenta apenas um núcleo.

A fome é uma das maiores adversidades do planeta.

Sujeito: "A fome".

Núcleo do sujeito: "fome" (substantivo).

Logo: "A fome" = sujeito simples.

Como há apenas um núcleo na estrutura de sujeito da oração, trata-se de uma oração de sujeito simples.

COMPOSTO

O sujeito é classificado como composto quando são enunciados mais de um núcleo.

André e Thiago fizeram todas as lições ontem.

Sujeito: "André e Thiago".

Núcleos do sujeito: "André"; "Thiago" (substantivos).

Logo: "André e Thiago" = sujeito composto.

Como há mais de um núcleo na estrutura de sujeito da oração, trata-se de uma oração de sujeito composto.

Implícito

É aquele que não ocorre explicitamente na oração, sendo depreendido apenas pelo contexto de enunciação.

Reagendaram o jogo por conta do mau tempo.

Combinamos de estudar hoje para a prova.

O sujeito implícito pode ser **oculto**, **indeterminado**, **oracional** ou **inexistente**.

OCULTO

Oculto é o sujeito que, embora esteja suprimido por elipse, pode ser subentendido, recuperado pela desinência verbal ou pelo contexto.

Fizemos um bolo para o café da manhã.

Sujeito oculto: "Nós" (recuperado pela desinência do verbo, conjugado na 1ª pessoa do plural).

Ela estava muito contente. Até fez um bolo para o café da manhã.

Na primeira oração, o sujeito é explícito e simples: "Ela". Contudo, na segunda oração, o sujeito está oculto, pois o sujeito foi recuperado pelo contexto: "Quem fez um bolo para o café da manhã?". A resposta será: "ela", uma vez que o verbo foi conjugado na 3ª pessoa do singular, concordando com o pronome de 3ª pessoa do singular.

O **sujeito oculto** pode ser também chamado de **elíptico**, **subentendido** ou **desinencial**.

INDETERMINADO

Indeterminado é o sujeito que, embora existindo, não pode ser determinado pelo contexto nem pela terminação do verbo. São três as formas de indeterminar o sujeito de uma oração:

a) Com verbo ou locução verbal na 3ª pessoa do plural, sem que se refira a nenhum termo identificado anteriormente (nem em outra oração).

Deixaram uma mensagem para você na portaria. (Quem deixou? Não é possível determinar).

Estão alertando na tevê que amanhã ocorrerá um temporal. (Quem está alertando? Não é possível determinar).

b) Com verbo intransitivo, transitivo indireto ou de ligação na 3ª pessoa do singular, acrescido de índice de indeterminação do sujeito ("se").

Vive-se muito bem no interior. (Verbo intransitivo + "se").

Precisa-se de ajudante de obra. (Verbo transitivo indireto + "se").

Em provas, sempre se fica ansioso. (Verbo de ligação + "se")

c) Com verbo no infinitivo impessoal.

É gratificante participar da educação de uma criança.

Não é possível determinar quem participa do que está descrito no verbo.

ORACIONAL

O sujeito é oracional quando, em período composto, a oração funciona como sujeito, recebendo o nome de oração subordinada substantiva subjetiva.

É preciso que todos auxiliem na limpeza da casa. (Sujeito oracional – oração subordinada substantiva subjetiva).

INEXISTENTE/ORÇÃO SEM SUJEITO

É possível que haja orações sem sujeito, sendo classificadas como orações de sujeito inexistente.

a) Verbos que exprimem fenômenos da natureza:

Relampejou muito essa noite.

Chove demais no sul do Brasil.

Quando empregados na forma figurada, as estruturas que concordam com o verbo podem ser classificadas como sujeito determinado.

*Choviam **mensagens de felicitação** pelo resultado da atleta.* (Mensagens de felicitação: sujeito determinado).

Amanheci radiante. (Sujeito oculto: "Eu").

b) Verbos "ser", "estar", "fazer" e "haver", quando empregados para indicar uma ideia de tempo ou para indicar fenômenos meteorológicos.

Era cedo.

Está muito frio.

São cinco horas da manhã.

Fez um grau negativo ontem.

Há horas estamos maratonando essa série!

Fazia dois anos que eu não via meus primos.

Em caso de oração sem sujeito, toda ela será considerada predicado.

Predicado



LAERTE. Isto se chama CA-NE-TA. Quer uma pra você?. Hugo. Disponível em: <www2.uol.com.br/laerte/tiras/index-hugo.html>. Acesso em: dez. 2018.

No segundo quadrinho, a oração "Quero" é composta apenas de predicado, uma vez que o sujeito está oculto.

Semanticamente, predicado é aquilo que se afirma acerca do sujeito, quando este existe; caso contrário, é o enunciado puro de uma ocorrência.

*Nossos amigos **chegaram muito tarde**.*

***Choveu excessivamente no domingo**.*

TIPOS DE PREDICADO

Verbal

É verbal o predicado que tem como núcleo um verbo significativo transitivo ou intransitivo.

*Todos **dormiram antes de o filme acabar**.*

Predicado verbal: "dormiram antes de o filme acabar".

Núcleo do predicado: "dormiram" (verbo intransitivo).

Quase todos **gostam de doce**.

Predicado: “gostam de doce”.

Núcleo do predicado: “gostam” (verbo transitivo indireto).

Nominal

É nominal o predicado que apresenta verbo de ligação e tem como núcleo um predicativo do sujeito.

Estou muito feliz com o seu desempenho na prova.

Predicado: “muito feliz com o seu desempenho na prova”.

Núcleo do predicado: “feliz” (predicativo do sujeito).

O pássaro parecia triste na gaiola.

Predicado: “parecia triste na gaiola”.

Núcleo do predicado: “triste” (predicativo do sujeito).

Os verbos “ficar”, “estar”, “ser”, “parecer”, “permanecer”, “andar” e “continuar” são frequentemente de ligação. No entanto, é preciso sempre considerar o contexto para classificá-los como tal.

Verbo-nominal

É verbo-nominal o predicado que apresenta dois núcleos, sendo um verbal (verbo transitivo ou intransitivo) e um nominal (predicativo do sujeito ou do objeto).

As crianças chegaram cansadas.

Predicado: “chegaram cansadas”.

Núcleos do predicado: “chegaram” (verbo intransitivo) e “cansadas” (predicativo do sujeito).

O pai observou emocionado o nascimento do filho.

Predicado: “observou emocionado o nascimento do filho”. Núcleos do predicado: “observou” (verbo transitivo direto) e “emocionado” (predicativo do sujeito).

Alguns julgaram os réus insensíveis.

Predicado: “julgaram os réus insensíveis”.

Núcleos do predicado: “julgaram” (verbo transitivo direto) e “insensíveis” (predicativo do objeto).

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMBOSCO

ROTEIRO DE AULA

FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO

Frase

toda unidade de comunicação verbal (oral e escrita) que possui sentido completo, constituindo-se por uma ou mais palavras.

A frase pode ser

nominal, quando não ocorre verbo.

verbal, quando o verbo é o núcleo da frase.

interrogativa, podendo ser direta ou indireta.

exclamativa.

A frase pode ser ainda classificada como

declarativa, que pode ser afirmativa ou negativa.

imperativa, que pode ser afirmativa ou negativa.

optativa.

Oração

é a frase que se estrutura em torno de um verbo ou de uma locução verbal.

Período

é a frase constituída por uma ou mais orações.

Pode ser classificado como

simples, quando apresenta apenas uma oração.

composto, quando ocorre mais de uma oração em sua estrutura.

ROTEIRO DE AULA

TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

São considerados termos essenciais da oração:

sujeito,

predicado,

que pode ser classificado quanto à sua enunciação ou não na oração como

que pode ser classificado de acordo com a classe a ocupar o núcleo como

explícito,

implícito,

podendo assim ser classificado quanto à ocorrência de um ou mais elementos no núcleo como

verbal, quando o núcleo é um verbo transitivo ou intransitivo, desde que não seja de ligação.

verbo-nominal, quando ocorre verbo transitivo ou intransitivo, desde que não seja de ligação, mais predicativo do sujeito.

simples, se possuir apenas um núcleo.

composto, se possuir mais de um núcleo.

podendo ocorrer como

nominal, quando ocorre verbo de ligação e predicativo do sujeito como núcleo do predicado.

oculto, embora esteja suprimido por elipse, pode ser subentendido, recuperado na desinência verbal ou no contexto.

indeterminado, pois não pode ser determinado nem pelo contexto, nem pela desinência verbal.

oracional, quando, em período composto, a oração funciona como sujeito, recebendo o nome de oração subordinada substantiva subjetiva.

inexistente, quando ocorre uma oração sem sujeito.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Fatec-SP

Não havia um segundo a perder. Tirou o machado de sob o capote, levantando-o com as duas mãos e, com um gesto seco, quase mecânico, deixou-o cair na cabeça da velha. Suas mãos pareciam-lhe não ter mais forças. Entretanto, readquiriu-as assim que vibrou o primeiro golpe.

A velha estava com a cabeça descoberta, como de hábito. Os cabelos claros, grisalhos e escassos, abundantemente oleados, formavam uma pequena trança, presa à nuca por um fragmento de pente. Como era baixa, o golpe atingiu-a nas têmporas. Deu um grito fraco e caiu, tendo tido, no entanto, tempo de levar as mãos à cabeça.

DOSTOIEVSKI, Fiódor. *Crime e Castigo*. São Paulo: Abril, 2010. p.111.

No trecho “Deu um grito fraco e caiu.”, o sujeito dos verbos destacados é

- a) indeterminado, pois não se pode determinar a posição do pronome pessoal ela no trecho.
- b) desinencial, pois se subentende a conjugação do verbo com o pronome pessoal ela.**
- c) composto, porque as ações dos dois verbos são atribuídas ao pronome pessoal ela.
- d) inexistente, pois o pronome pessoal ela não aparece na sentença.
- e) simples, porque o pronome pessoal ela está no singular.

No período “Deu um grito fraco e caiu”, os verbos “deu” e “caiu” indicam que o sujeito é oculto ou desinencial, referindo-se à 3ª pessoa do singular: “ela”.

2. Fieb-SP

Fonte: Autor anônimo – Dados fictícios

Financie até 95% do seu imóvel.

O enunciado acima pode ser classificado como:

- a) Frase nominal, por ser curta.
- b) Oração, por se organizar em torno de um verbo.**
- c) Período composto, por estar formado por mais de uma oração.
- d) Oração, por não apresentar verbo.
- e) Frase, por não apresentar sentido completo.

“Financie até 95% do seu imóvel” é uma oração, uma vez que sua estrutura se dá em torno do verbo “financiar” (“financie”).

3. UNESP

O surto de ebola que afeta a Guiné, Serra Leoa, Libéria e Nigéria é maior do que indicam as cifras oficiais, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS). Essa situação supõe que por vários meses a epidemia ainda durará, e, portanto, a OMS adaptou seus planos de resposta a tais previsões.

Disponível em: <http://brasil.elpais.com/brasil.15.08.14>. Adaptado.

Na passagem – Essa situação supõe que por vários meses a epidemia ainda **durará...** –, o sujeito do verbo em destaque é

- a) simples (a epidemia).**
- b) composto (vários meses).
- c) simples (Essa situação).
- d) indeterminado.

Na passagem, verificam-se duas orações: “Essa situação supõe” e “que por vários meses a epidemia ainda durará...”. Para descobrir quem é o sujeito a que se refere o verbo “durará”, pergunta-se: “Quem durará?”. A resposta será: “a epidemia”. Trata-se de um sujeito simples, pois há um único núcleo: “epidemia”.

4. Fac. Cultura Inglesa-SP

Falação

O Cabralismo. A civilização dos donatários. A Querência e a Exportação.

O Carnaval. O Sertão e a Favela. Pau-Brasil. Bárbaro e nosso. A formação étnica rica. A riqueza vegetal. O minério. A cozinha. O vatapá, o ouro e a dança.

Toda a história da Penetração e a história comercial da América. Pau-Brasil.

Conta a fatalidade do primeiro branco aportado e dominando diplomaticamente as selvas selvagens. Citando Virgílio para tupiniquins. O bacharel.

País de dores anônimas. De doutores anônimos. Sociedade de naufragos eruditos.

Donde a nunca exportação de poesia. A poesia emaranhada na cultura. Nos sípós das metrificações.

Século XX. Um estouro nos aprendimentos. Os homens que sabiam tudo se deformaram como babéis de borracha. Rebutaram de enciclopedismo.

A poesia para os poetas. Alegria da ignorância que descobre. Pedr’Álvares.

Uma sugestão de Blaise Cendrars: — Tendentes as locomotivas cheias, ides partir. Um negro gira a manivela do desvio rotativo em que estais. O menor descuido vos fará partir na direção oposta ao vosso destino.

Contra o gabinetismo, a palmilhação dos climas.

A língua sem arcaísmos. Sem erudição. Natural e neológica. A contribuição milionária de todos os erros.

ANDRADE, Oswald de. *Pau-Brasil*. São Paulo: Globo, 2003.

Como recurso de expressão e de sentido, predominam no texto as sequências de

- a) termos e ideias em oposição.
- b) expressões sinonímicas.
- c) inversões sintáticas.
- d) frases nominais.**
- e) expressões genéricas.

No texto de Oswald de Andrade, predominam as frases nominais, que não contêm verbo, como, por exemplo, “O Cabralismo. A civilização dos donatários. A Querência e a Exportação”.

5. FCM-MG

Pessoas e nuvens

Existe gente que carrega no semblante, nos gestos e nas palavras um jeito de nuvem que chove na roseira de cada um de nós. Molham de afeto a nossa convivência. Parecem trazer sobre a cabeça um regador para banhar os amigos e semelhantes. Incitam o lado bom da vida, a criação, a amizade, o companheirismo. Essas são as pessoas que gosto de encontrar quando ando pelas ruas de nossa e outras cidades. É o tipo que ameniza o calor e nos protege do frio. Inteligentes e interessantes, logo bonitos. Chegam e partem sorrindo. A simples presença contagia e o perfume fica quando se vão.

Outros carregam tempestade e raios, trovões, reclamações e ódio. Gastam todo o seu tempo para maquinizar maldades e desejar que o pior aconteça com os seus desafetos. São minoria, mas têm aptidão para enxergar, no mundo, o lixo e, na humanidade, um exército de adversários e inimigos que devem ser eliminados.

Seria bom que só existisse gente chuva prazenteira, mas viver em sociedade é complexo e estamos expostos aos chatos e bruxos. São estações inevitáveis, a primavera que traz colheita de frutos e flores e o outono das desesperanças. Confesso que não consigo compreender a razão de alguém somente agir para prejudicar, torcer pela derrota e infelicidade, trabalhar pelo caos. Na cabeça desses eu não entro e nem quero entrar. Tento evitá-los e me proteger de seus projetos de terremotos. Mas é necessário preservar nossas defesas para que não sejamos contaminados.

Quem reclama já perdeu, dizia o mestre João Saldanha; quem não se conforma com o sucesso de alguém, e reclama, odeia, xinga e vitupera, perdeu a chance de aproveitar o que a existência tem de bom.

O mundo não caminha nem nunca caminhou de maneira justa, mas a vida, ah! a vida, é uma aventura deslumbrante que vale a pena ser degustada, em todos os sentidos. Meus olhos se concentram nesse território bendito habitado e irrigado pelos que amo.

BRANT, Fernando. *Casa aberta*. Sabará, MG: Ed. Dubolsinho, 2012. Adaptado.

A frase nominal está presente na alternativa:

- a) "Chegam e partem sorrindo."
- b) "Inteligentes e interessantes, logo bonitos."**
- c) "Tento evitá-los e me proteger de seus projetos de terremotos."
- d) "Outros carregam tempestade e raios, trovões, reclamações e ódio."

"Inteligentes e interessantes, logo bonitos" é uma frase nominal, pois tem sentido completo e não apresenta verbos.

6. IFCE

C6-H18

– Não há quem não saia no Carnaval disposto ao excesso, disposto aos transportes da carne e às maiores extravagâncias. O desejo, quase doentio, é como incutido, infiltrado pelo ambiente. Tudo respira luxúria, tudo tem da ânsia e do espasmo, e nesses quatro dias paranoicos, de pulos, de guinchos, de confianças ilimitadas, tudo é possível. Não há quem se contente com uma...

– Nem com um, atalhou Anatólio. –

Os sorrisos são ofertas, os olhos suplicam, as gargalhadas passam como arrepios de urtiga pelo ar. É possível que muita gente consiga ser indiferente. Eu sinto tudo isso. E saindo, à noite, para a porneia da cidade, saio como na Fenícia saíam os navegadores para a procissão da primavera, ou os alexandrinos para a noite de Afrodite.

– Muito bonito! Ciciou Maria de Flor.

– Está claro que este ano organizei uma partida com quatro ou cinco atrizes e quatro ou cinco companheiros. Não me sentia com coragem de ficar só como um trapo no vagonete de volúpia e de prazer da cidade. O grupo era o meu salva-vidas. No primeiro dia, no sábado, andamos de automóvel a percorrer os bailes. Íamos indistintamente beber champanhe nos clubes de jogo que anunciavam bailes e nos maxixes mais ordinários. Era divertidíssimo e ao quinto clube estávamos de todo excitados. Foi quando lembrei uma visita ao baile público do Recreio. – "Nossa Senhora!" Disse a primeira estrela de revistas, que ia conosco. "Mas é horrível! Gente ordinária, marinheiros à paisana, fúfiás dos pedaços mais esconso da rua de S. Jorge, um cheiro atroz, rolos constantes..." – Que tem isso? Não vamos juntos?

RIO, João do. O bebê de tarlatana rosa. In: _____. *Dentro da Noite*. Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 1910. Adaptado.

Sobre a sintaxe do período,

E saindo, à noite, para a porneia da cidade, saio como na Fenícia saíam os navegadores para a procissão da primavera, ou os alexandrinos para a noite de Afrodite.

é correto afirmar que

- a) o sujeito do verbo "saíam" é indeterminado.
- b) o sujeito do verbo "saio" está implícito/oculto.**
- c) "Os navegadores" é objeto do verbo "saíam".
- d) "Na Fenícia" é adjunto adverbial de tempo.
- e) o predicado cujo núcleo é o verbo "saio" é classificado como predicado nominal.

No período em destaque, o verbo "saio" indica o sujeito oculto, implícito ou desinencial "eu", já que está conjugado na 1ª pessoa do singular.

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Fuvest-SP

Zoo

Uma cascavel, nas encolhas*. Sua massa infame.

Crime: prenderam, na gaiola da cascavel, um ratinho branco. O pobrinho se comprime num dos cantos do alto da parede de tela, no lugar mais longe que pôde. Olha para

fora, transido, arrepiado, não ousando choramingar. Periodicamente, treme. A cobra ainda dorme.

*

Meu Deus, que pelo menos a morte do ratinho branco seja instantânea!

*

Tenho de subornar um guarda, para que liberte o ratinho branco da jaula da cascavel. Talvez ainda não seja tarde.

*

Mas, ainda que eu salve o ratinho branco, outro terá de morrer em seu lugar. E, deste outro, terei sido eu o culpado.

ROSA, Guimarães. *Ave, palavra*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

(*) nas encolhas = retraída, imóvel

Neste texto, o parágrafo em que ocorrem elementos descritivos expressos por meio de frases nominais é o

- a) primeiro.
- b) segundo.
- c) terceiro.
- d) quarto.
- e) quinto.

8. Unirg-TO

— Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus.

RAMOS, Graciliano. *São Bernardo*. Rio de Janeiro: Record, 1996.

Assinale a alternativa que indica corretamente o sujeito gramatical do verbo “servir” na primeira linha do texto:

- a) As criaturas.
- b) Os currais.
- c) Os bezerrinhos.
- d) A cartilha.

9. IFAL

A ilusão das redes sociais

É indiscutível o importante papel que as redes sociais desempenham hoje nos rumos de nossa vida política e privada. São indiscutíveis também os avanços que introduziram nas comunicações, favorecendo o reencontro e a aproximação entre as pessoas e, se forem redes profissionais, facilitando a visibilidade e a circulação de pessoas e produtos no mercado de trabalho.

Temos sido testemunhas, e também alvo, do seu poder de convocação e mobilização, assim como da sua eficiência em estabelecer interesses comuns rapidamente, a ponto de atuarem como disparadoras das várias manifestações e movimentos populares em todo o mundo atual.

As redes sociais provocam mudanças de fundo no modo como as nossas relações ocorrem, intervindo significativamente no nosso comportamento social e político. Isso merece a nossa atenção, pois acredito que uma característica das redes sociais é, por mais contraditório que pareça, a implantação do isolamento como padrão para as relações humanas.

Ao participar das redes sociais acreditamos ter muitos amigos à nossa volta, ser populares, estar ligados a todos os acontecimentos e participando efetivamente de tudo. Isso é uma verdade, mas também uma ilusão, porque essas conexões são superficiais e instáveis. Os contatos se formam e se desfazem com imensa rapidez; os vínculos

estabelecidos são voláteis e atrelados a interesses momentâneos.

O outro parece importar, mas de fato não importa. Importam apenas a própria posição e a autoexposição. Daí a constante informação sobre as viagens, os pensamentos, as emoções, as atividades de alguém. É preciso estar em cena e sempre. Há nisso um evidente desenvolvimento do narcisismo e, conseqüentemente, do reforço do distanciamento entre as pessoas.

Essas tendências das redes sociais – a virtualidade, o distanciamento, a superficialidade, a superfluidade do ser humano, a exposição narcísica, a ilusão de intimidade e popularidade, a “falação” e a “avidez de novidades”... – constituem o padrão de isolamento das relações pessoais. E quanto mais isolados, mais ficamos à mercê de controles e manipulações. Cada vez mais ameaçados na autoria do nosso destino pessoal e político.

CRITELLI, Dulce. A ilusão das redes sociais. *Carta Educação*, 7 nov. 2013. Disponível em: <www.cartaeduacao.com.br>. Acesso em: 10 maio 2016. Adaptado.

Assinale a alternativa correta: quanto à organização sintática das ideias do texto acima, pode-se dizer que concorre para seu caráter opinativo

- a) a inexistência de coordenação.
- b) a ausência da subordinação na composição dos períodos.
- c) a recorrência de frases optativas.
- d) o uso de frases declarativas.
- e) o apagamento dos conectores entre os períodos.

10. FCM-PB (adaptado) – Leia o fragmento:

[...] Ou será que é tão divertido passar dois dias na Ilha de Caras fotografando junto a todos os produtos dos patrocinadores? Compensa passar a vida comendo alface para ter o corpo que a profissão de modelo exige? Será tão gratificante ter um *paparazzo* na sua cola cada vez que você sai de casa? Estarão mesmo todos realizando um milhão de coisas interessantes enquanto só você está sentada no sofá pintando as unhas do pé?

MEDEIROS, Martha. A grama do vizinho. Disponível em: <www.asomadetedodosafetos.com>. Acesso em: nov. 2018.

As frases interrogativas que integram o penúltimo parágrafo do texto

- I. Traduzem o desejo de que o leitor reflita sobre a necessidade de perceber a magia das coisas simples que caracterizam a vida das pessoas comuns.
- II. Revelam a intenção de recriminar duramente aqueles leitores que não corroboram as ideias veiculadas no texto.
- III. Representam um simples pedido de informação ao leitor para amenizar a insegurança da cronista ao abordar o tema.
- IV. Levam o leitor a questionar a validade dos fatos que, atualmente, marcam a vida das celebridades.

Estão corretas apenas:

- a) I e IV
- b) I e II
- c) II e III
- d) III e IV
- e) I, II e IV

11. Famerp-SP

A experiência do cotidiano nos brinda sempre com anomalias, incongruências, contradições. E, quando tentamos explicá-las, explicações à primeira vista razoáveis acabam por revelar-se insatisfatórias após exame mais acurado. A natureza das coisas e dos eventos não nos parece facilmente inteligível. As opiniões e os pontos de vista dos homens são dificilmente conciliáveis ou, mesmo, uns com os outros inconsistentes. Consensos porventura emergentes se mostram provisórios e precários. Quem sente a necessidade de pensar com um espírito mais crítico e tenta melhor compreender essa diversidade toda o desnorteia.

Talvez a maioria dos homens conviva bem com esse espetáculo da anomalia mundana. Uns poucos não o conseguem e essa experiência muito os perturba. Alguns destes se fazem filósofos e buscam na filosofia o fim dessa perturbação e a tranquilidade de espírito. Uma tranquilidade de espírito que esperam obter, por exemplo, graças à posse da verdade. A filosofia lhes promete explicar o mundo, dar conta da experiência cotidiana, dissipar as contradições, afastar as névoas da incompreensão. Revelando o ser, que o aparecer oculta; ou, se isso não for possível, desvendando os mistérios do conhecimento e deste delineando a natureza e os precisos limites; ou, pelo menos, esclarecendo a natureza e a função de nossa humana linguagem, na qual dizemos o mundo e formulamos os problemas da filosofia. A filosofia distingue e propõe-se ensinar-nos a distinguir entre verdade e falsidade, conhecimento e crença, ser e aparência, sujeito e objeto, representação e representado, além de muitas outras distinções.

Mas a filosofia não nos dá o que nos prometera e buscáramos nela. Muito pelo contrário, o que ela nos descobre é uma extraordinária diversidade de posições e pontos de vista, totalmente incompatíveis uns com os outros e nunca conciliáveis. A discordância que divide o comum dos homens, nós a encontramos de novo nas filosofias, mas potencializada agora como ao infinito, de mil modos sofisticada num discurso arguto. Sobre coisa nenhuma se põem os filósofos de acordo, nem mesmo sobre o objeto, a natureza ou o método do próprio empreendimento de filosofar.

PEREIRA, Oswaldo Porchat. *Rumo ao ceticismo*. São Paulo: Editora Unesp, 2006. Adaptado.

Sobre coisa nenhuma se põem os filósofos de acordo

A expressão destacada na frase tem a mesma função sintática do termo destacado em:

a)

A natureza das coisas e dos eventos não nos parece facilmente inteligível.

b)

Consensos porventura emergentes se mostram provisórios e precários.

c)

essa experiência muito os perturba.

d)

essa diversidade toda o desnorteia.

e)

Mas a filosofia não nos dá o que nos prometera.

12. IFRS

Idade dos hábitos

Na adolescência, queremos ser diferentes da família e iguais aos colegas e amigos de tribo. Em casa, não suportamos a repetição. Na rua, não aceitamos a diferença. É por isso que o adolescente costuma ser chamado de ovelha negra. Quer ser diferente, mas no rebanho. Até certo momento da idade adulta, queremos novidades, distinções e descobertas. Em algum momento, porém, começa a idade dos hábitos.

– Que tal sair para jantar?

– Boa ideia!

– Um lugarzinho diferente!

– Ah, não!

– Que mania de ir sempre nos mesmos lugares.

– Os mesmos bons lugares.

[...] É a vida. A cada etapa uma mania. Existe a etapa da mania de ganhar dinheiro. E a etapa da mania de gastar dinheiro. Tem a época de gastar dinheiro em lugares diferentes e a época de gastar dinheiro sempre no mesmo lugar. O ser humano é um animal de hábitos. O verbo habitar diz tudo. O apogeu do hábito é não querer mais sair de casa.

SILVA, Juremir Machado da. *Correio do Povo*, 12 de julho de 2014.

Na frase

Na adolescência, queremos ser diferentes da família e iguais aos colegas e amigos de tribo,

o sujeito classifica-se como

a) simples.

b) composto.

c) oculto.

d) indeterminado.

e) inexistente.

13. ESPM-SP

Crianças brincando

Uma psicóloga da PM-SP defende que crianças de oito anos podem manusear armas de fogo, “desde que acompanhadas pelos pais”. É normal, diz ela, que o filho de um policial tenha curiosidade sobre o instrumento de trabalho de seu pai, “assim como o filho do médico tem sobre o estetoscópio”. A recente tragédia em São Paulo, envolvendo o menino Marcelo Pesseghini, 13, suspeito de matar seus pais (ambos, policiais militares), a avó e a tia-avó, e que se matou em seguida, tudo a tiros, não abalou sua convicção.

Vejamos. É normal que o filho de oito anos de um piloto de aviação tenha curiosidade sobre o instrumento de trabalho do pai – o avião. Isso autoriza o piloto a pôr o filho na cadeira do copiloto e “acompanhá-lo” enquanto ele pousa o aparelho levando 300 passageiros? O filho de um madeireiro, apenas por ser quem é, estará autorizado a brincar com uma motosserra? E o filho de um proctologista estará apto a manipular o instrumento de trabalho de seu pai? [...]

A professora Maria de Lourdes Trassi, da Faculdade de Psicologia da PUC-SP, rebate o argumento da psicóloga da PM, dizendo: “O cirurgião pode até dar o estetoscópio ou a luva [para o filho brincar]. Mas não vai lhe apresentar o bisturi”.

Também acho. E há muitas coisas com que o filho de um PM pode brincar – gás de mostarda, bombas de gás lacrimogêneo, balas de borracha –, sem ter de apelar para armas de fogo.

CASTRO, Ruy. *Folha de S.Paulo*. Disponível em: <www1.folha.uol.com.br>.

No 2º parágrafo, as perguntas feitas pelo autor são:

- a) declarativas, que comparam a periculosidade das mais variadas atividades profissionais.
- b) retóricas, que contradizem a declaração da professora da PUC.
- c) retóricas, que questionam o posicionamento da psicóloga da PM.
- d) ideológicas, que polemizam a postura tanto da psicóloga quanto da professora.
- e) exclamativas, que expressam os sentimentos de ironia sobre o tema em questão.

14. UFAM

Escolhi a mesinha que estava na calçada e pedi um suco de frutas naturais mas sabendo que viria um suco com sabor de frutas artificiais, as frutas de laboratório, os bebês de laboratório – mas onde estamos? Enfim, já anunciaram que temos usinas nucleares, um dia vai chegar um sergipano (ou um paulistano, não tenho preconceito de região) e vai apertar distraidamente o botão errado. Pronto. O Brasil vira memória. E as pessoas tão inconscientes ouvindo uma musiquinha na porta da loja de discos. Também vejo um homem engraxando o sapato. E, no prédio em frente, passam um filme certamente desinteressante: noto que apenas um casal está na fila do cinema. Vejo também um velho com o netinho jogando migalhas para os pombos. Chovem propagandas de produtos comerciais, poluindo a paisagem. Era bom antes, lembra? Quando as paisagens eram limpas. Mas agora é tarde. É tarde no planeta.

TELLES, Lygia Fagundes. *É tarde no planeta*. In: _____. *A Disciplina do Amor*. Adaptado.

Assinale a opção em que a frase não tem o seu sujeito (ou a sua inexistência) corretamente explicado:

- a) Oração sem sujeito, pois o verbo expressa um fenômeno da natureza
Chovem propagandas de produtos comerciais
- b) Sujeito indeterminado, pois o verbo na 3ª pessoa do plural torna desconhecida a identidade de quem praticou a ação
Passam um filme certamente desinteressante
- c) Sujeito implícito, mas facilmente identificável pela forma verbal
lembra?
- d) Oração sem sujeito, pois o verbo ser está empregado no sentido de tempo
É tarde no planeta
- e) Sujeito simples, pois possui apenas um núcleo
E as pessoas tão inconscientes ouvindo uma musiquinha

15. Uncisal

O direito à saúde é reconhecido formalmente como um direito humano voltado à preservação da vida e dignidade humana. Pode-se dizer que, nesse aspecto, há absoluta concordância entre o direito vigente, nas leis internacionais e nacionais, e a moralidade comum. Por isso,

acredita-se que o respeito e a proteção ao direito à vida e à saúde sejam obrigações morais e legais simples de serem cumpridas. A expressão tão genérica e abrangente desses direitos permite uma relativização que traz dificuldades no momento de sua realização, de diversas ordens: filosóficas, políticas, jurídicas, sociais, econômicas, culturais e técnico-científicas. Além disso, é importante lembrar que a efetivação do direito à saúde possui relação íntima com a realização de outros direitos humanos, que abrangem outras dimensões da vida humana.

VENTURA, Miriam. Direitos humanos e saúde: possibilidades e desafios. *Saúde e Direitos Humanos*, Brasília, ano 7, n. 7, p. 87-101, 2010.

Dadas as afirmativas acerca das regras formais da sintaxe do sujeito,

- I. No trecho, o vocábulo destacado constitui o núcleo do sujeito.

O direito à **saúde** é reconhecido formalmente como um direito humano...

- II. No trecho, o sujeito é inexistente.

...há absoluta concordância entre o direito vigente...

- III. No contexto, o sujeito da forma verbal “acreditar” é oracional.

Por isso, acredita-se que o respeito e a proteção ao direito à vida e à saúde...

- IV. No trecho, o sujeito da oração é simples e representado pelo antecedente do pronome relativo.

...que abrangem outras dimensões da vida humana

Verifica-se que estão corretas apenas

- a) I e II.
- b) I e III.
- c) III e IV.
- d) I, II e IV.
- e) II, III e IV.

16. UFRN – Leia abaixo o trecho de *O santo e a porca*, de Ariano Suassuna.

EURICÃO — Ai, gritaram “Pega o ladrão!”. Quem foi? Onde está? Pega, pega! Santo Antônio, Santo Antônio, que diabo de proteção é essa? Ouí gritar “Pega o ladrão!”. Ai, a porca, ai meu sangue, ai minha vida, ai minha porquinha do coração! Levaram, roubaram! Ai, não, está lá, graças a Deus! Que terá havido, minha Nossa Senhora? Terão desconfiado porque tirei a porca do lugar? Deve ter sido isso, desconfiaram e começaram a rondar para furtá-la! É melhor deixá-la aqui mesmo, à vista de todos, assim ninguém lhe dará importância! Ou não? Que é que eu faço, Santo Antônio? Deixo a porca lá, ou trago-a para aqui, sob sua proteção?

SUASSUNA, Ariano. *O santo e a porca*. 22. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010. p. 97.

Nessa passagem, a recorrência da interrogação é um recurso literário revelador da

- a) desconfiança da personagem em relação a Santo Antônio e a Nossa Senhora.
- b) perplexidade da personagem resultante da perda da proteção divina.

19. FSPUSP-SP

C6-H18

Desnaturação da vida

Na realidade, a transição alimentar/nutricional, depois de grandes conquistas, está se encaminhando para uma vertente perigosa: a desnaturação dos alimentos, a desnaturação da vida humana e dos biomas em seu conjunto, o confronto com a natureza, como uma guerra não declarada: os ganhos da tecnologia a serviço dos mercados. Assim, 80% a 90% dos alimentos, antes de entrar em nossas bocas, passa pela boca das máquinas. (...)

Com a modernização tecnológica, o trabalho muscular foi sendo substituído gradualmente e com grandes vantagens, em termos de produtividade e redução de custos, seja na agropecuária seja em várias outras atividades produtivas. Resultado: liberados do trabalho físico, praticamente nos alimentamos para atender pouco mais que o metabolismo basal. (...)

As automações, os servomecanismos entraram, visceralmente, em nossos corpos, incluindo seu próprio metabolismo, agora quase restrito às atividades vegetativas. Por outra parte, a obsolescência programada pelos modismos do mercado está levando a um impasse ambiental: assim, se o padrão de consumo dos Estados Unidos e Japão fossem espalhados por toda a humanidade, seriam necessários três planetas Terra para atender a efetiva demanda de matérias-primas. Já se questiona: o homem ainda é naturalmente humano? Para onde caminha o conflito homem/natureza? Como se projetam, nesse cenário de imprevisões, as perspectivas da alimentação e da nutrição? Para onde transitamos? Para as fronteiras do sem fim e sem direção de um futuro sem valores referenciais? Valerá a pena um projeto de civilização que deve constituir o desenvolvimento humano em várias dimensões simultâneas e interativas? Ou seja, unificando os desafios econômicos, sociais, políticos, ecológicos, culturais e coparticipativos, direcionados por princípios éticos e por razões de sustentabilidade? Mais que uma utopia, é o que se discute, se estuda e se propõe no Centro Internacional de Desenvolvimento, fundado por um brasileiro exilado, Josué de Castro, um pioneiro da luta contra a fome e as desigualdades, na Universidade de Paris VIII. Ou ficamos com o discurso radical da pós-modernidade, enunciando que a história não tem nem terá rumos? E viva o niilismo! Mas isto não seria uma sentença de morte?

Malaquias B. Filho e Luciano V. Batista. Transição alimentar/nutricional ou mutação antropológica?. Disponível em: <<http://cienciaecultura.bvs.br>>. Adaptado.

O trecho

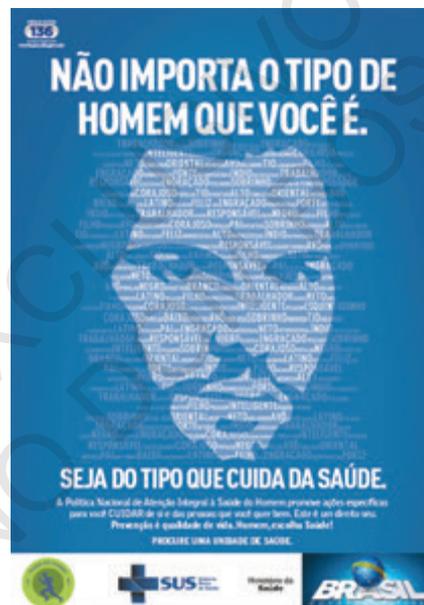
Valerá a pena um projeto de civilização que deve constituir o desenvolvimento humano em várias dimensões simultâneas e interativas?

a) reitera, explicitando-o e o reforçando, o conteúdo das duas interrogações imediatamente anteriores a ele.

- b) configura-se como uma pergunta retórica, uma vez que sua resposta já está dada na estrutura do próprio texto.
- c) constitui a antítese do que se expressa na interrogação que o sucede imediatamente.
- d) tem sua mensagem desqualificada pelos próprios autores do texto, que o consideram mera expressão de uma utopia.
- e) expressa uma postulação humanística, já devidamente ultrapassada pela investigação científica desenvolvida na Universidade de Paris VIII.

20. EBMSP-BA

C8-H27



MINISTÉRIO DA SAÚDE. Política Nacional de Atenção Integral da Saúde do Homem (PNAISH), out. 2016. Disponível em: <www.blog.saude.gov.br>. Acesso em: nov. 2018.

Alguns aspectos linguísticos, nessa campanha institucional, têm papel essencial para a constituição da função apelativa, e, por isso, o uso

- a) de todos os adjetivos que compõem a face do homem evidencia as qualidades que não podem faltar naquele que zela regularmente por seu bem-estar.
- b) do pronome de tratamento “você” direciona o discurso para o perfil do colocutor, que é criticado pela campanha.
- c) da forma verbal no imperativo “Seja” é um recurso utilizado, dentre outros, para persuadir o interlocutor, convencendo-o da necessidade de cuidar da saúde.
- d) do substantivo “tipo”, repetido na segunda frase escrita com letras maiúsculas, visa reforçar a principal informação dessa publicidade.
- e) da oração adjetiva “que cuida da saúde” restringe a mensagem que veicula ao próprio locutor do texto.

14

- Termos integrantes da oração
- Transitividade verbal
- Complementos verbais
- Complemento nominal
- Agente da passiva
- Termos acessórios
- Adjunto adnominal
- Adjunto adverbial
- Aposto
- Vocativo

HABILIDADES

- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática, a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.
- Reconhecer as concepções referentes à formação de sujeitos, predicados e complementos verbais.
- Identificar aspectos linguísticos e discursivos nas construções da variedade culta da língua.
- Traduzir o que se compreende por construções sintáticas, semânticas e pragmáticas presentes em diversas situações discursivas, considerando a variedade culta e outras variedades da língua.

TERMOS INTEGRANTES E TERMOS ACESSÓRIOS

Termos integrantes da oração

Em uma oração, nem sempre os verbos ou os nomes possuem sentido completo, necessitando de outros termos para que tenham significação integral. Tais termos integrantes da oração são os **complementos verbais** (objeto direto e objeto indireto), o **complemento nominal** e o **agente da passiva**.

Transitividade verbal

Para identificar o objeto direto, o objeto indireto e o complemento nominal, é preciso compreender a transitividade dos verbos, que podem exigir ou não complementos para que seus sentidos sejam plenamente enunciados. Por isso, esses verbos podem ser **significativos** ou **não significativos**.

VERBOS SIGNIFICATIVOS

Significativos são os verbos que possuem carga semântica representativa do mundo extralinguístico, isto é, têm sentido em si mesmos para caracterizar tudo o que se queira. Podem ser: **intransitivos** e **transitivos (diretos; indiretos e diretos; e indiretos)**.

Verbos intransitivos

Verbos intransitivos são aqueles que não necessitam de complemento, pois o sentido não transita (se movimenta) para outro termo da oração.

*Luciana **chegou** muito cedo.*

*André **dormiu** na casa da avó.*

*Thiago e Raquel **viajaram** no final de semana.*

Verbos transitivos

Verbos transitivos são aqueles cujos sentidos somente se completam com outro termo da oração. Podem ser **diretos**, **indiretos** ou **diretos e indiretos**.

DIRETOS

Verbos transitivos diretos são os que possuem sentido integralizado por elementos não introduzidos por preposição obrigatória.

***Quero** torta de maçã no café da tarde.*

*O agricultor **cultivou** a terra.*

*Minha mãe **comprou** seis pães.*

INDIRETOS

Verbos transitivos indiretos são os que exigem elementos obrigatoriamente preposicionados.

*Os pássaros **gostam** de chuva mansa.*

*Rita de Cássia **precisa** de ajuda.*

*Você **acredita** em vida extraterrestre?*

DIRETOS E INDIRETOS

Verbos transitivos diretos e indiretos são os que exigem dois elementos, um não introduzido por preposição e outro obrigatoriamente preposicionado.

Maurício **ofereceu** chocolates à amiga.

Ontem **emprestei** um vestido à minha irmã.

Luísa **enviou** os documentos ao advogado.

VERBOS NÃO SIGNIFICATIVOS

Não significativos são os verbos que têm a função de conectar ao sujeito um estado, uma característica, recaindo sobre este a carga maior de sentido. São os chamados **verbos de ligação**.

Felipe **está** chateado.

É preciso sempre observar o contexto, pois muitas vezes verbos tipicamente de ligação aparecem acompanhados de **adjuntos adverbiais**, que indicam circunstância (lugar, modo, tempo etc.) e, portanto, tornam-se **significativos**. Sempre que os verbos forem **não significativos**, haverá **predicativo do sujeito**.

Alana **anda** triste e cansada. (verbo não significativo).

Alana **anda** depressa até a escola. (verbo significativo).

Meu cachorro **está** bravo. (verbo não significativo).

Meu cachorro **está** em casa. (verbo significativo).

Complementos verbais

OBJETO DIRETO

Objeto direto é o complemento de um verbo transitivo direto **sem preposição obrigatória**. Ele indica o ser para o qual se dirige a ação verbal. Pode ser representado por substantivo ou palavra substantivada, pronome, numeral ou oração substantiva.

Sérgio fez **compras** hoje de manhã.

Luana perdeu **a carteira**.

O ônibus atropelou **um animal**.

O **objeto direto** também pode ser preposicionado ou pleonástico.

Preposicionado

O objeto direto é chamado de preposicionado quando sua introdução se dá por preposição com a finalidade de evidenciar o contraste entre verbo e complemento, ou seja, **o objeto direto preposicionado** é precedido de uma preposição, apesar de a ideia expressa pelo verbo não exigí-la. Costuma ser empregado nos seguintes casos:

→ Para evitar ambiguidade.

Venceram **aos croatas** os franceses.

→ Acompanhado de verbos que exprimem sentimentos.

Não odeio **a ninguém**.

→ Quando for expresso por pronome pessoal oblíquo tônico.

Nunca enganaram **a mim**.

→ Quando for um pronome substantivo, indefinido ou interrogativo.

O delegado prendeu **a todos**.

→ Quando aparecer antecipado.

A crianças ninguém ofenda.

→ Quando for o substantivo próprio "Deus".

Os fiéis adoram **a Deus**.

Pleonástico

O **objeto direto** é chamado de **pleonástico** quando há sua **repetição por meio de um pronome**, com a intenção de reforçar a ideia.

Este menino, ninguém **o** encontrou.

O canto do pássaro, ouço-**o** todos os dias.

OBJETO INDIRETO

Objeto indireto é o complemento de um verbo transitivo indireto, **obrigatoriamente acompanhado de preposição**. Pode ser representado por substantivo ou palavra substantivada, pronome, numeral ou oração substantiva.

Carlos precisa **de ajuda**.

A proposta de trabalho interessava **ao rapaz**.

Todos obedeceram **à regra**.

O **objeto indireto** é chamado de **pleonástico** quando há sua **repetição por meio de um pronome**, com a intenção de reforçar a ideia.

Ao redator, falta-**lhe** experiência.

Aos pais, Camila não **lhes** obedece.

Complemento nominal

Complemento nominal é o termo preposicionado que completa o sentido de um nome, como um substantivo, um adjetivo ou um advérbio.

O paciente tinha necessidade **de medicamentos**.

O fumo é prejudicial **à saúde**.

Ricardo ficou contente **com a promoção**.

Apesar de o complemento nominal ser um termo preposicionado, não deve ser confundido com o objeto indireto.

O objeto indireto completa o sentido de um verbo, enquanto o complemento nominal completa o sentido de um nome.

*Necessitamos **de ajuda**.* → objeto indireto (complementa o verbo).

*Temos necessidade **de ajuda**.* → complemento nominal (complementa o substantivo).

*Rafael confia **na namorada**.* → objeto indireto (complementa o verbo).

*Rafael tem confiança **na namorada**.* → complemento nominal (complementa o substantivo).

Agente da passiva

Agente da passiva é o termo da oração que indica o ser que pratica a ação, quando o verbo se apresenta na voz passiva. Vem regido pela preposição “por” e eventualmente pela preposição “de”.

*As verduras foram colhidas **pelo agricultor**.*

*A maior parte do trabalho foi feita **por mim**.*

*João já era velho conhecido **de todos**.*

Termos acessórios são aqueles que, em uma oração, adicionam informações de circunstância ao que se descreve no núcleo verbal ou que caracterizam ou determinam os núcleos nominais.

Amanheceu.

Trata-se de uma oração sem sujeito, formada por um verbo impessoal, suficiente para transmitir a mensagem. Os termos acessórios poderiam ser utilizados para ampliar a informação.

***Lentamente** amanheceu **na fazenda**.*

Perceba que a ideia central continua expressa pelo verbo; entretanto, os termos acessórios “lentamente” e “na fazenda”; embora não sejam indispensáveis, acrescentam informações.

A seguir, abordaremos cada um dos termos acessórios, que são: **adjunto adnominal**, **adjunto adverbial**, **aposto** e **vocativo**.

ADJUNTO ADNOMINAL

Adjunto adnominal é o termo que acompanha o substantivo e tem como função caracterizá-lo, modificá-lo, determiná-lo ou qualificá-lo. Assim, pode ser representado por um pronome, **numeral**, **artigo**, **adjetivo** ou **locução adjetiva**.

***Aquele** soldado é muito corajoso.* (pronome → adjunto adnominal).

***Cinco** pessoas sofreram um acidente hoje.* (numeral → adjunto adnominal).

***O** jornal estava sobre a mesa.* (artigo → adjunto adnominal).

*Crianças **obedientes** são sempre bem-vindas.* (adjetivo → adjunto adnominal).

*Amor **de mãe** é muito especial.* (locução adjetiva → adjunto adnominal).

ADJUNTO ADVERBIAL

Adjunto adverbial é o termo da oração que modifica o sentido de um verbo, de um adjetivo ou de um advérbio, indicando uma circunstância que pode ser de tempo, lugar, modo, meio, instrumento, causa, companhia, assunto, frequência, intensidade, dúvida, negação, afirmação etc.

***Amanhã** farei um bolo.* (adjunto adverbial de tempo).

*Maurício mora **na França**.* (adjunto adverbial de lugar).

*Mamãe bateu as claras **suavemente**.* (adjunto adverbial de modo).

*Voltei da escola **muito cansada**.* (adjunto adverbial de intensidade).

***Talvez** André passe as férias aqui.* (adjunto adverbial de dúvida).

***Não** se atrase para o compromisso.* (adjunto adverbial de negação).

Os adjuntos adverbiais podem ser formados por uma única palavra ou por uma locução adverbial.

Valor semântico	Advérbio/Locução adverbial
Afirmção	Sim, realmente, efetivamente, certamente, com certeza.
Dúvida	Talvez, quiçá, provavelmente, possivelmente.
Intensidade	Muito, bastante, pouco, demais, quanto, quase.
Lugar	Aqui, ali, dentro, fora, longe, perto, através, cá, à direita, ao lado, por aqui, em cima.
Modo	Depressa, mal, bem, suavemente, levemente, à vontade, com amor, à toa, por acaso.
Negação	Não, nem, de forma alguma, de modo nenhum.
Tempo	Hoje, ontem, amanhã, cedo, depois, antes, à noite, de madrugada, de vez em quando, em breve.

APOSTO

Aposto é o termo que tem como função explicar, resumir ou especificar algo enunciado anteriormente. Normalmente, o aposto aparece separado por vírgulas, parênteses ou travessões.

O aposto pode ser **explicativo, enumerativo, resumidor, comparativo, especificativo** ou **distributivo**.

Explicativo

Explica o termo a que se refere.

*Dona Rosane, **avó de Eliane**, passou as férias na praia.*

Enumerativo

Enumera dados relacionados ao termo a que se refere.

*A bailarina deve sempre considerar duas atitudes: **disciplina e dedicação**.*

Resumidor

Resume os termos anteriores.

*Foco, força, fé, **tudo** é necessário para enfrentar os problemas.*

Comparativo

Compara um termo da oração com algo.

*Os olhos do tigre, **faróis na escuridão**, acompanhavam a presa.*

Especificativo

Especifica um termo genérico da oração.

*O escritor **Machado de Assis** é um dos melhores do Brasil.*

Distributivo

Distribui informações de forma separada.

*Os dois são bons atletas, **um** no futebol e o **outro** na natação.*

VOCATIVO

Vocativo é o termo que, em uma oração, tem a função de chamar, invocar, interpelar o interlocutor de quem enuncia o texto.

***Amiga**, a gente precisa conversar!*

***Chérie**, vamos jantar fora hoje?*

*Você está bem, **Miguel**?*

O vocativo não faz parte da estrutura básica da oração, ou seja, é um termo independente e deve sempre aparecer separado por vírgula.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

TERMOS INTEGRANTES DA ORAÇÃO

São considerados termos integrantes da oração:

agente da passiva,

que pode cumprir papel temático de

agente,

ainda que não ocupe a posição sintática de

sujeito.

Complementos

verbais:

objeto direto,

que completa um verbo transitivo

direto.

objeto indireto,

que completa um verbo transitivo

indireto.

objeto direto e indireto,

que completa um verbo transitivo

direto e indireto.

nominais,

que completam o sentido de um

nome.

ROTEIRO DE AULA

TERMOS ACESSÓRIOS DA ORAÇÃO

Os termos acessórios da oração são

aqueles que, em uma oração, adicionam informações de circunstância ao que se descreve no núcleo verbal, caracterizando ou determinando os núcleos nominais.

São considerados termos acessórios da oração:

o adjunto adnominal,

o adjunto adverbial,

o aposto,

o vocativo

que acompanha o núcleo

que acompanha o núcleo

que acompanha o núcleo

que, apesar de não fazer parte da estrutura básica da oração, quando ocorre, tem função de

nominal

verbal

nominal

chamar, invocar ou interpelar o interlocutor de quem enuncia o texto.

e pode ser morfologicamente representado por

um pronome, um numeral, um artigo, um adjetivo ou uma locução adjetiva.

e pode indicar circunstância de

tempo, lugar, modo, meio, instrumento, causa, companhia, assunto, frequência, intensidade, dúvida, negação, afirmação etc.

e tem por função

explicar, resumir ou especificar algo enunciado anteriormente.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unifor-CE (adaptada)

No princípio era a linguagem...

E a linguagem armou tenda entre nós.

BÍBLIA. Português. Jó, 1:1-14. *A Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 1985.

Em relação ao texto, a expressão “No princípio” funciona como

- a) adjunto adnominal.
- b) adjunto adverbial.**
- c) sujeito.
- d) complemento nominal.
- e) objeto indireto.

A expressão “no princípio” exerce, na oração, a função de adjunto adverbial, já que indica uma circunstância de tempo.

2. IFMA



Qual a função sintática da palavra “vitória”, no segundo quadrinho da tirinha acima?

- a) Objeto indireto
- b) Adjunto adnominal
- c) Complemento nominal**
- d) Aposto
- e) Sujeito

“Vitória” é complemento nominal, já que complementa o substantivo “chances”.

3. IFSP – Considerando a norma padrão da Língua Portuguesa, marque (VP), para voz passiva, (VA), para voz ativa e assinale a alternativa correta.

- I. O jogador marcou um belo gol na última semana. ()
 - II. O ônibus atrasou bastante na tarde de ontem. ()
 - III. A bola foi atrasada de modo muito forte pelo zagueiro. ()
 - IV. O computador foi desligado inadequadamente na última vez. ()
- a) VA, VP, VP, VA.
 - b) VP, VA, VA, VP.
 - c) VA, VA, VP, VA.**
 - d) VP, VP, VA, VA.
 - e) VP, VA, VP, VA.

I e II estão na voz ativa, pois os sujeitos praticam as ações: “O jogador marcou um belo gol” e “O ônibus atrasou bastante”; III e IV estão na voz passiva, pois os sujeitos sofrem as ações praticadas pelos agentes da passiva: “A bola foi atrasada [...] pelo zagueiro” e “O computador foi desligado”.

4. IFSP (adaptada)

C8-H27

No português, encontramos variedades históricas, tais como a representada na cantiga trovadoresca de D. Dinis, ilustrada a seguir.

Non chegou, madre, o meu amigo,
e oje est o prazo saído!

Ai, madre, moiro d’amor!

Non chegou, madre, o meu amado,
e oje est o prazo passado!

Ai, madre, moiro d’amor!

E oje est o prazo saído!

Por que mentiu o desmentido?

Ai, madre, moiro d’amor!

E oje, est o prazo passado!

Por que mentiu o perjurado?

Ai, madre, moiro d’amor!

D. DINIS. Non chegou, madre, o meu amigo. *Cantigas galego-portuguesas*. Disponível em: <<http://cantigas.fch.unl.pt>>. Acesso em: dez. 2018.

No verso – Ai, madre, moiro d’amor! – a função sintática do termo “madre” é a seguinte:

- a) sujeito.
- b) objeto direto.
- c) adjunto adnominal.
- d) vocativo.**
- e) aposto.

No verso, “madre” exerce a função sintática de vocativo, pois indica um chamamento, uma invocação.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

5. Fuvest-SP – Leia o texto.

No Brasil colonial, o indissolúvel vínculo do matrimônio, tal como ele era concebido pela Igreja Católica, nem sempre terminava com a morte natural de um dos cônjuges. A crise do casamento assumia várias formas: a clausura das mulheres, enquanto os maridos continuavam suas vidas; a separação ou a anulação do matrimônio decretadas pela Igreja; a transgressão pela bigamia ou mesmo pelo assassinio do cônjuge.

DA SILVA, Maria Beatriz Nizza. *História da Família no Brasil Colonial*. Adaptado.

Reescreva a oração “tal como ele era concebido pela Igreja Católica”, empregando a voz ativa e fazendo as adaptações necessárias.

Passando-se a oração da voz passiva para a ativa, tem-se: “tal como

a Igreja Católica o concebia (ou concebia-o)”. Isso porque o agente

da passiva passa a ser o sujeito (“pela Igreja Católica” → “a Igreja

Católica”) e o tempo do verbo auxiliar, que, na voz passiva, estava no

pretérito imperfeito, deve ser mantido na voz ativa (“era concebido” →

“concebia”). O pronome oblíquo “o” refere-se a “vínculo do matrimônio”.

6. UFES (fragmento)

[...] o meu é M.N., um M.N. nu em pêlo, muito mais em pêlo do que eu, ele é peludo à beça, assim na base do macaco. Mas um macaco lindo, a cara tão intelectual, tão rara, o olho direito um pouco menor do que o esquerdo e tão triste, todo um lado da sua cara é infinitamente mais triste do que o outro. Infinitamente. Eu poderia ficar repetindo infinitamente infinitamente.

TELLES, Lygia Fagundes. *As meninas*. 7. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1975, p. 4.

Identifique, no fragmento, duas palavras ou expressões indicadoras de intensidade.

São várias as palavras ou expressões indicativas

de intensidade: "muito", "mais", "à beça", "tão", "pouco", "infinitamente"

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unifor-CE (adaptada)

No princípio era a linguagem...

E a linguagem armou tenda entre nós.

BÍBLIA. Português. Jó, 1:1-14. *A Bíblia de Jerusalém*.

São Paulo: Paulus, 1985.

Com base no texto acima, o termo "tenda" funciona como

- | | |
|---------------------|-----------------|
| a) sujeito. | d) predicativo. |
| b) objeto indireto. | e) aposto. |
| c) objeto direto. | |

8. IFSC



BROWNE, Chris. *Hagar, o Horível*, 30 abr. 2014.

Ainda com relação ao texto, assinale a alternativa correta.

- Helga demonstra imensa alegria com a volta de Hagar.
- Em "Helga ficará radiante" e "Por quê?", os vocábulos *ficará* e *quê* recebem acento gráfico pela mesma razão: ambos são paroxítonos.
- A fala de Hagar no segundo quadrinho, "Helga ficará radiante por me ver de novo!", traduz a felicidade de Helga por ter conhecido a Europa.
- Em "Cheguei, querida", o termo destacado é um vocativo.
- No segundo quadrinho, "por me ver de novo" indica uma consequência de Helga ficar radiante.

9. Unifor-CE

Mas não desisto da rosa

Que plantei no meu jardim

Nem da poesia ou da prosa

Que trago dentro de mim.

João Soares Lôbo.

De acordo com o texto, assinale a alternativa correta:

- Os dois "quês" que aparecem no quarteto são conjunção.
- "da rosa" é objeto indireto.
- "no meu jardim" é objeto direto.
- Cada "que" é um sujeito.
- "Dentro de mim" é adjunto adnominal.

10. PUC-SP – É que o circo dá ensejo ao estabelecimento de um sem número de tipos e personagens: a lírica bailarina, o gigante feroz, o administrador prepotente...

O segmento destacado acima exerce a mesma função sintática do destacado em:

- O episódio enseja uma análise mais cuidadosa do regimento interno da instituição.
- Chegou a apresentar seu pedido de demissão, mas não foi aceito.
- A vontade de encontrar o irmão aumentava a cada dia.
- Eles enviaram o caso ao mais notável especialista.
- Enfrentam a concorrência com disposição e criatividade.

11. IFCE (adaptada) – O trecho a seguir foi extraído da obra *O quinze*, da escritora Rachel de Queirós.

Mas foi em vão que Chico Bento contou ao homem das passagens a sua necessidade de se transportar a Fortaleza com a família. Só ele, a mulher, a cunhada e cinco filhos pequenos.

O homem não atendia.

— Não é possível. Só se você esperar um mês. Todas as passagens que eu tenho ordem de dar, já estão cedidas. Por que não vai por terra?

— Mas, meu senhor, veja que ir por terra com esse magote de meninos é uma morte!

O homem sacudiu os ombros:

Que morte! Agora é que retirante tem esses luxos... No 77 não teve trem para nenhum. É você dar um jeito, que, passagens, não pode ser...

Chico Bento foi saindo.

Na porta, o homem ainda o consolou:

— Pois se quiser esperar, talvez se arranje mais tarde. Imagine que tive de ceder cinquenta passagens ao Matias Pa-roara, que anda agenciando rapazes solteiros para o Acre!

Na loja do Zacarias, enquanto matava o bicho, o vaqueiro desabafou a raiva:

— Desgraçado! Quando acaba, andam espalhando que o governo ajuda os pobres... Não ajuda nem a morrer!

O Zacarias segredou:

— Ajudar, o governo ajuda. O preposto é que é um ratuíno... Anda vendendo as passagens a quem der mais...

Os olhos do vaqueiro luziram:

— Por isso é que ele me disse que tinha cedido cinquenta passagens ao Matias Paroara!...

— Boca de ceder! Cedeu, mas foi mão pra lá, mão pra cá... O Paroara me disse que pouco faltou pro custo da tarifa... Quase não deu interesse...

Chico Bento cuspiu com a ardência do mata-bicho:

— Cambada ladrona!

QUEIRÓS, Rachel de. *O quinze*. Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 2015.

No texto, “meu senhor” está entre vírgulas, porque é um

- a) vocativo.
- b) aposto.
- c) complemento nominal deslocado.
- d) adjunto adnominal.
- e) adjunto adverbial antecipado.

12. UNESP – Observe a charge.



ALPINO. Dia da criança. *Yahoo*, 12 out. 2013.

Entre as frases que retomam a cena, empregou-se voz passiva em:

- a) O carrinho não era um brinquedo eletrônico, por esse motivo não possuía entrada USB.
- b) O carrinho foi analisado atentamente pelo garoto, mas o menino não conseguiu encontrar a entrada USB.
- c) A entrada USB não existia, pois, para movimentar o carrinho, o próprio garoto deveria puxá-lo pela corda.
- d) Ao admirar o novo brinquedo, a criança disse ao pai que não estava achando a entrada USB.
- e) Ao admirar o novo brinquedo, o filho comentou com o pai que não estaria vendo a entrada USB.

13. Fatec-SP

A diretora-geral da Organização Mundial da Saúde (OMS), Margaret Chan, voltou a elogiar a atuação do governo brasileiro para o enfrentamento ao vírus Zika. Durante entrevista coletiva, após visitar as instalações da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), no Rio de Janeiro, Chan ressaltou a articulação dos três níveis governamentais com a sociedade civil, que será essencial para o combate eficiente e rápido aos mosquitos *Aedes aegypti*.

Em relação ao crescimento inusitado de casos de microcefalia constatados no Brasil, Margaret Chan disse que as evidências coletadas pelas autoridades brasileiras apontam o vírus Zika como causa. “Até que possamos provar o contrário, temos afirmado que o vírus Zika é o culpado”, afirmou a diretora-geral da OMS.

BRASIL. OMS reconhece que o Brasil está preparado para enfrentar o vírus Zika. *Ministério da Saúde*, 24 fev. 2016. Adaptado.

No trecho “após **visitar** as instalações”, o verbo **visitar** exige como complemento um

- a) objeto direto, pois não necessita de preposição.
- b) objeto direto, pois requer um objeto abstrato.
- c) objeto direto e indireto, pois precisa de flexibilidade.
- d) objeto indireto, pois exige preposição.
- e) objeto indireto, pois exige conjunção.

14. IFMA



HART, John. B.C., 30 dez. 2011.

Analisando as estruturas sintáticas do primeiro quadrinho da tira, podemos inferir que:

- a) “este ano” é adjunto adverbial de tempo, “eu” é o sujeito elíptico do verbo *prometer*.
- b) “este ano” é adjunto adverbial de lugar, “eu” é o sujeito elíptico do verbo *prometer*.
- c) “este ano” é complemento nominal, “eu” é o sujeito elíptico do verbo *prometer*.
- d) “este ano” é adjunto adverbial de tempo, “eu” é o sujeito inexistente do verbo *prometer*.
- e) “este ano” é complemento nominal, “eu” é o sujeito simples do verbo *prometer*.

15. Espcex-SP – Leia a frase abaixo e assinale a alternativa que traduz, na sequência em que aparecem, as circunstâncias grifadas.

Num **átimo**, cessou **de todo** o ruído das vozes e ele entrou a falar **à vontade**, **calma e decididamente**.

- a) tempo - intensidade - modo - modo - modo
- b) modo - inclusão - explanação - modo - modo
- c) tempo - intensidade - intensidade - modo - modo
- d) modo - intensidade - intensidade - modo - modo
- e) realce - intensidade - modo - afetividade - modo

18. Famema-SP

C8-H27

Leia o texto de Claudia Wallin.

Vossas excelências, ilustríssimos senhores e senhoras, trago notícias urgentes de um reino distante. É mister vos alertar, Vossas Excelências, que nesta estranha terra os habitantes criaram um país onde os mui digníssimos e respeitáveis representantes do povo são tratados, imaginem Vossas Senhorias, como o próprio povo. Insânia! Dirão que as histórias que aqui relato são meras alucinações de contos de fada, pois há neste rico reino, que chamam de Suécia, rei, rainha e princesas. Mas não se iludam! Os habitantes desta terra já tiraram todos os poderes do rei, em nome de uma democracia que proclama uma tal igualdade entre todos, e o que digo são coisas que tenho visto com os olhos que esta mesma terra um dia há de comer.

Nestas longínquas comarcas, os mui distintos parlamentares, ministros e prefeitos viajam de trem ou de ônibus para o trabalho, em sua labuta para adoçar as mazelas do povo. De ônibus, Eminências! E muitos castelos há pelos quatro cantos deste próspero reino, mas aos egrégios representantes do povo é oferecido abrigo apenas em pífias habitações de um cômodo, indignas dos ilustríssimos defensores dos direitos dos cidadãos e da democracia.

Este reino está cercado por outros ricos reinos, numa península chamada Escandinávia, onde também há príncipes e reis, e onde os representantes do povo vivem como sobrevive um súdito qualquer. E isto eu também vi, com os olhos que esta terra há de comer: em um dos povos vizinhos, conhecido como o reino dos noruegueses, os nobres representantes do povo chegam a almoçar sanduíches que trazem de casa, e que tiram dos bolsos dos paletós quando a fome aperta.

É preciso cautela, Vossas Excelências. Deste reino, que chamam de Suécia ainda pouco se ouve falar. Mas as notícias sobre o igualitário reino dos suecos se espalham.

Estocolmo, 6 de janeiro de 2013.

Um país sem excelências e mordomias, 2014. Adaptado.

Os habitantes desta terra já tiraram todos os poderes do rei.

Assinale a alternativa que expressa, na voz passiva, o conteúdo dessa oração.

- Todos os poderes do rei já tiraram os habitantes desta terra.
- Os habitantes desta terra já tiram todos os poderes do rei.
- Os habitantes desta terra já foram tirados por todos os poderes do rei.
- Todos os poderes do rei já foram tirados pelos habitantes desta terra.
- Todos os poderes do rei já são tirados pelos habitantes desta terra.

19. UNESP

C8-H27

Leia o trecho do conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis (1839-1908).

A escravidão levou consigo ofícios e aparelhos, como terá sucedido a outras instituições sociais. Não cito alguns aparelhos senão por se ligarem a certo ofício. Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois peccados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. Os funileiros as tinham penduradas, à venda, na porta das lojas. Mas não cuidemos de máscaras.

O ferro ao pescoço era aplicado aos escravos fujões. Imaginai uma coleira grossa, com a haste grossa também, à direita ou à esquerda, até ao alto da cabeça e fechada atrás com chave. Pesava, naturalmente, mas era menos castigo que sinal. Escravo que fugia assim, onde quer que andasse, mostrava um reincidente, e com pouco era pegado.

Há meio século, os escravos fugiam com frequência. Eram muitos, e nem todos gostavam da escravidão. Sucedia ocasionalmente apanharem pancada, e nem todos gostavam de apanhar pancada. Grande parte era apenas repreendida; havia alguém de casa que servia de padrinho, e o mesmo dono não era mau; além disso, o sentimento da propriedade moderava a ação, porque dinheiro também dói. A fuga repetia-se, entretanto. Casos houve, ainda que raros, em que o escravo de contrabando, apenas comprado no Valongo, deitava a correr, sem conhecer as ruas da cidade. Dos que seguiam para casa, não raro, apenas ladinos, pediam ao senhor que lhes marcasse aluguel, e iam ganhá-lo fora, quitandando.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho levasse. Punha anúncios nas folhas públicas, com os sinais do fugido, o nome, a roupa, o defeito físico, se o tinha, o bairro por onde andava e a quantia de gratificação. Quando não vinha a quantia, vinha promessa: “gratificar-se-á generosamente” – ou “receberá uma boa gratificação”. Muita vez o anúncio trazia em cima ou ao lado uma vinheta, figura de preto, descalço, correndo, vara ao ombro, e na ponta uma trouxa. Protestava-se com todo o rigor da lei contra quem o acoutassem.

Ora, pegar escravos fugidios era um ofício do tempo. Não seria nobre, mas por ser instrumento da força com que se mantém a lei e a propriedade, trazia esta outra nobreza implícita das ações reivindicadoras. Ninguém se metia em tal ofício por desfastio ou estudo; a pobreza, a necessidade de uma achega, a inaptidão para outros trabalhos, o acaso, e alguma vez o gosto de servir também, ainda que por outra via, davam o impulso ao homem que se sentia bastante rijo para pôr ordem à desordem.

Contos: uma antologia, 1998.

Quem perdia um escravo por fuga dava algum dinheiro a quem lho **levasse**.

Na oração em que está inserido, o termo destacado é um verbo que pede

- a) apenas objeto direto, representado pelo vocábulo “lho”.
- b) objeto direto e objeto indireto, ambos representados pelo vocábulo “lho”.
- c) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”; e objeto indireto, representado pelo vocábulo “lho”.
- d) apenas objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.
- e) objeto direto, representado pelo vocábulo “dinheiro”; e objeto indireto, representado pelo vocábulo “quem”.

20. PUC-SP

C8-H27

Lembrando e pensando a TV

Houve um tempo em que a TV – acreditem, ó jovens! – ainda não existia. Ouvia-se rádio, ia-se ao cinema. Mas um dia chegou às casas das pessoas um aparelho com o som vivo do rádio acoplado a vivas imagens, diferentes das do cinema, imagens chegadas de algum lugar do presente, “ao vivo”. Logo saberíamos que todas as imagens do mundo, inclusive os filmes do cinema, poderiam estar ao nosso alcance, naquela telinha da sala. Modificaram-se os hábitos das famílias, seus horários, sua disponibilidade, seus valores. A TV chegou para reinar.

A variedade da programação já indicava o amplo alcance do novo veículo: notícias, reportagens, musicais, desenhos animados, filmes, propagandas, seriados, esportes, programas humorísticos, peças de teatro – tudo desfilava ali, diante dos nossos olhos, ainda no tubo comandado por grandes válvulas e com imagem em preto e branco. Boa parte dos primeiros aparelhos de TV tinham telas de 16 a 21 polegadas, acondicionadas numa enorme e pesada caixa de madeira. Havia uns três ou quatro canais, com alcance bastante limitado e programação restrita a cinco ou seis horas por dia. Mais tarde as transmissões passariam a ser via satélite e ocupariam as 24 horas do dia.

Os custos da programação eram pagos pela publicidade, que tomava boa parte do tempo de transmissão. Vendia-se de tudo, de automóveis a margarina, de xaropes para tosse a apartamentos. Filmetes gravados e propagandas ao vivo sucediam-se e misturavam-se a notícias sobre exploração espacial, enquanto documentários estrangeiros falavam da revolução russa, da II Guerra, do nazismo e do fascismo, das convicções pacifistas de Ghandi, das ideias do físico Einstein sobre a criação e a legitimação da ONU etc. etc. Já as incursões históricas propiciadas pelos filmes nos levavam ao tempo de Moisés e do Egito Antigo, ao Império Romano e advento do Cristianismo, tudo entreteendo-se ao humor de Chaplin, às caretas de Jerry Lewis e às trapalhadas das primeiras comédias nacionais do gênero chanchada. Houve também o tempo em que as famílias se agrupavam diante dos festivais da canção, torcendo por músicas de protesto, baladas românticas ou de ritmos populares “de raiz”. Enfim, a TV oferecia a um público extasiado um espetáculo variadíssimo, tudo nas poucas polegadas do

aparelho, que não tardou a incorporar outras medidas, outros sistemas de funcionamento, projeção em cores e controle remoto.

As telas de plasma, o processo digital e a interface com a informática foram dotando a TV de muitos outros recursos, até que, bem mais tarde, tivesse que enfrentar a concorrência de outras telas, muito menores, portáteis, disponíveis nos celulares, carregados de aplicativos e serviços. Apesar disso, nada indica que a curto prazo desapareçam da casa os aparelhos de TV, enriquecidos agora por incontáveis dispositivos.

No plano da cultura e da educação, a televisão teve e tem papel importante. Os telecursos propiciam informação escolar específica nas áreas de Matemática, Física, História, Química, Língua e Literatura, fazendo as vezes da educação formal por meio de incontáveis dispositivos pedagógicos, inclusive a dramatização de conteúdos. Aqui e ali há entrevistas com artistas, políticos, pensadores e personalidades várias, atualizando ideias e promovendo seu debate. No campo da política, é relevante, às vezes decisivo, o papel que a TV tem na formação da opinião pública. A ecologia conta, também, com razoável cobertura, informando, por exemplo, sobre os benefícios da reciclagem de lixo, da cultura de produtos orgânicos e da energia solar.

Seja como forma de entretenimento, veículo de informação, indução aos debates e repercussão atualizada dos grandes temas de interesse social, a TV vem garantindo seu espaço junto a bilhões de pessoas no mundo todo. Por meio dela, acompanhamos ao vivo momentos agudos da política internacional, a divulgação de um novo plano econômico do governo, a escalada da violência urbana. Ao toque de uma tecla do controle remoto, você pode se transferir, aleatoriamente, do palco de um ataque terrorista para o final meloso de uma comédia romântica.

Numa espécie de espelhamento multiplicativo e fragmentário da nossa vida e dos poderes da nossa imaginação, a TV vem acompanhando os passos da vida moderna e ditando, mesmo, alguns deles, sem dar sinal de que deixará tão cedo de nos fazer companhia.

Percival de Lima e Souto, *texto inédito*.

É apropriado o comentário na alternativa:

- a) O segmento *um aparelho com o som vivo do rádio acoplado a vivas imagens* exerce na frase a função de objeto direto.
- b) Em *Apesar disso, nada indica que a curto prazo desapareçam da casa os aparelhos de TV*, o segmento destacado pode ser substituído pela expressão “Em virtude disso”, sem prejuízo do sentido original.
- c) Em *a televisão teve e tem papel importante*, a colocação de um travessão depois da palavra *teve* não afeta a correção da frase.
- d) Em *não tardou a incorporar outras medidas, outros sistemas de funcionamento*, o segmento sublinhado constitui reformulação do que se indica em negrito.
- e) Em *sem dar sinal de que deixará tão cedo de nos fazer companhia*, o segmento destacado exerce a função de complemento nominal.

15

- Período composto por coordenação
- Orações coordenadas assindéticas
- Orações coordenadas sindéticas
- Período composto por subordinação
- Orações subordinadas substantivas

HABILIDADES

- Reconhecer as concepções referentes à formação de sujeitos, predicados e complementos verbais.
- Identificar aspectos linguísticos e discursivos nas construções da variedade culta da língua.
- Traduzir o que se compreende por construções sintáticas, semânticas e pragmáticas presentes em diversas situações discursivas, considerando a variedade culta e outras variedades da língua.

ORAÇÕES COORDENADAS E ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

Período composto por coordenação

O período composto é assim chamado por conter mais de uma oração (sujeito + + predicado).

*Maria **chegou, deitou, dormiu.***

*Maria **chegou, mas deitou e não dormiu.***

As orações se organizam em torno de um verbo, de modo que, em cada um dos exemplos, há três orações:

Maria **chegou, / deitou, / dormiu.**

Maria **chegou, / mas deitou / e não dormiu.**

Os dois períodos são compostos por coordenação, já que as orações estão unidas pelo sentido, mas não há relação de dependência entre elas.

No entanto, pode-se notar uma grande diferença entre eles: em “*Maria chegou, deitou, dormiu*”, não há conectivos, de modo que o período é composto por três orações coordenadas assindéticas; em “*Maria chegou, mas deitou e não dormiu*”, por sua vez, há uma oração coordenada assindética e duas orações coordenadas sindéticas, introduzidas, respectivamente, pelas conjunções “mas” e “e”.

Orações coordenadas

No período composto por coordenação, as orações podem ser **assindéticas** ou **sindéticas**.

ORAÇÕES COORDENADAS ASSINDÉTICAS

Orações coordenadas assindéticas são aquelas que não são introduzidas por conjunção.

As luzes se apagam, abre-se a cortina, começa o espetáculo.

Há três orações coordenadas assindéticas: *As luzes se apagam; abre-se a cortina e começa o espetáculo.*

Hoje estudei francês, nadei, saí para jantar, diverti-me bastante.

Há quatro orações coordenadas assindéticas: *Hoje estudei francês, nadei, saí para jantar e diverti-me bastante.*

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS

Orações coordenadas sindéticas são aquelas que são introduzidas por conjunção.

*Paulo não foi à escola **porque** passou mal.*

Há uma oração coordenada assindética (*Paulo não foi à escola*) e uma oração coordenada sindética (*porque passou mal*).

*Milena caiu e se machucou, **mas** não chorou.*

Há uma oração coordenada assindética (*Milena caiu*) e duas orações coordenadas sindéticas: 1) *e se machucou*; 2) *mas não chorou*.

Classificação das orações coordenadas sindéticas

De acordo com o tipo de conjunção que as introduz, as orações coordenadas sindéticas podem ser classificadas como **aditivas**, **adversativas**, **alternativas**, **conclusivas** ou **explicativas**.

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS ADITIVAS

As orações coordenadas sindéticas aditivas expressam a ideia de adição, acréscimo.

Ana acordou cedo **e** correu no parque.

Joaquim não comeu **nem** bebeu ontem.

Rafael não só lê, **como também** escreve bem.

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS ADVERSATIVAS

As orações coordenadas sindéticas adversativas expressam a ideia de contraste, oposição, em relação à oração anterior.

Manuela gosta de brócolis, **mas** detesta banana.

Joaquim levou o filho à escola, **todavia** não o buscou.

O rapaz toca piano, **entretanto** desconhece partituras.

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS ALTERNATIVAS

As orações coordenadas sindéticas alternativas expressam a ideia de alternância de fatos ou escolha.

Diga agora **ou** cale-se para sempre.

Zelinda **ora** é ríspida, **ora** parece um cordeirinho.

Quer se rendesse, **quer** reagisse, acabaria morto pelo ladrão.

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS CONCLUSIVAS

As orações coordenadas sindéticas conclusivas expressam a ideia de conclusão ou consequência em relação à oração anterior.

Penso, **logo** existo.

Tenho muito trabalho, **portanto** não irei à festa.

Há uma grande crise no país; devemos, **pois**, economizar.

ORAÇÕES COORDENADAS SINDÉTICAS EXPLICATIVAS

As orações coordenadas sindéticas explicativas indicam uma justificativa ou uma explicação referente ao fato expresso na oração anterior.

O cão precisa de um banho, **que** está imundo.

Vera deve estar exausta, **porque** correu dez quilômetros.

Somos democráticos, **pois** elegemos o candidato mais votado.

PRINCIPAIS CONJUNÇÕES E LOCUÇÕES COORDENATIVAS

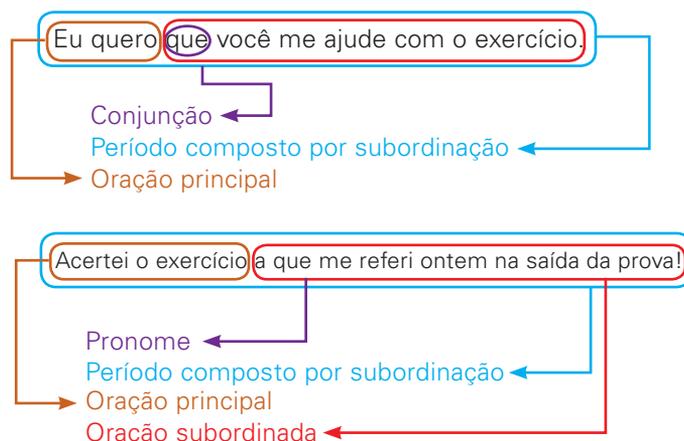
O quadro apresenta as conjunções e locuções coordenativas mais recorrentes.

Conjunções e locuções coordenativas	
Aditivas	E, nem, mas também, como também, bem como.
Adversativas	Mas, porém, contudo, todavia, entretanto, no entanto, não obstante.
Alternativas	Ou, ou... ou, ora... ora, já... já, quer... quer, seja... seja.
Conclusivas	Portanto, logo, pois (depois do verbo), então, assim, por isso, por conseguinte, de modo que, em vista disso.
Explicativas	Que, porque, pois (antes do verbo), isto é, porquanto.

Período composto por subordinação

O período é composto por subordinação quando ocorrem duas ou mais orações, de modo que pelo menos uma dessas orações exerça uma função sintática em relação à outra oração, chamada de principal.

A relação entre a oração principal e a subordinada pode ser estabelecida com ou sem o uso de termo copulador – seja uma conjunção, seja um pronome.



As orações subordinadas são classificadas de acordo com a natureza da estrutura sintática que ocupem, podendo ser **substantivas**, caso ocupem a posição sintática de uma estrutura substantiva, **adjetivas**, caso ocupem a posição sintática de uma estrutura adjetiva, ou **adverbiais**, caso ocupem a posição sintática de uma estrutura adverbial.

As orações subordinadas substantivas são aquelas que, ocupando na oração a estrutura característica de um substantivo, podem ser iniciadas por um pronome, um advérbio ou, eminentemente, por uma conjunção integrante.

As conjunções integrantes mais produtivas são “que” e “se”:

*Meu desejo é **que** você tenha sucesso.*

*Perguntei **se** o menino chegou tarde.*

*Ninguém sabe **como** ele se machucou.*

Conforme sua função sintática em relação à oração principal, a oração subordinada substantiva pode ser **subjativa**, **objetiva direta**, **objetiva indireta**, **completiva nominal**, **predicativa** ou **apositiva**.

Oração subordinada substantiva subjativa

A oração subordinada substantiva subjativa exerce a função de sujeito da oração principal.

*Convém **que** você compareça à reunião.*

*É preciso **que** os meninos estudem para a prova.*

*Sabe-se **que** o país está em crise.*

Como identificar uma oração subordinada substantiva subjativa

A oração subordinada substantiva subjativa pode ser identificada a partir de qualquer das três características a seguir:

1 A oração principal é constituída apenas por verbo conjugado na 3ª pessoa do singular.

*Convém **que** você compareça à reunião.*

São casos análogos: “convir”; “constar”; “cumprir”; “ocorrer”; “acontecer”.

2 A oração principal é constituída por verbo de ligação + predicativo.

*É preciso **que** os meninos estudem para a prova.*

São casos análogos: “é bom”; “é conveniente”; “é certo”; “está claro”; “parece certo”; “está comprovado”; “é preciso”.

3 A oração principal é iniciada por expressões na voz passiva, que em alguns casos pode reproduzir a descrição da característica anterior.

*Sabe-se **que** o país está em crise.*

São análogos: “conta-se”; “diz-se”; “é sabido”; “foi anunciado”; “ficou provado”; “sabe-se”.

Oração subordinada substantiva objetiva direta

A oração subordinada substantiva objetiva direta exerce a função de objeto direto da oração principal.

*As pessoas queriam **que** o Brasil vencesse a Copa do Mundo.*

*A menina explicou **que** não estava com fome.*

*Todos sabem **quando** começarão as aulas?*

Oração subordinada substantiva objetiva indireta

A oração subordinada substantiva objetiva indireta exerce a função de objeto indireto da oração principal.

*Lembrei-me **de** que hoje não é feriado.*

*Necessitamos **de** que todos ajudem nas tarefas de casa.*

Oração subordinada substantiva completiva nominal

A oração subordinada substantiva completiva nominal exerce a função de complemento nominal da oração principal.

*Tenho consciência **de** que não conheço todos os problemas.*

*O avô sentiu orgulho **do** quanto o neto evoluiu nas aulas de dança.*

Oração subordinada substantiva predicativa

A oração subordinada substantiva predicativa exerce a função de predicativo do sujeito ou de predicativo do objeto da oração principal.

*A verdade é **que** Felipe sempre foi um bom aluno.*

*Nosso desejo era **que** ele fosse aprovado no vestibular.*

*Eles consideram o professor como **quem** deve ser valorizado.*

Oração subordinada substantiva apositiva

A oração subordinada substantiva apositiva exerce a função de aposto da oração principal.

*Desejo aos noivos uma única coisa: **que** sejam muito felizes.*

*Maria esperava apenas isto: **que** você se desculpasse.*

ROTEIRO DE AULA

ORAÇÕES COORDENADAS

As orações são classificadas como coordenadas quando

são relacionadas pelo sentido, mas não há dependência entre elas.

Podem ser classificadas de acordo com a ocorrência ou ausência de

conjunção,

sendo classificada como

assindética

sindética

a oração que não apresenta conjunção.

a oração que apresenta conjunção; sendo nomeada, de acordo com o valor semântico relacional que expressa, como

aditiva,

quando expressa ideia de

adição, acréscimo.

adversativa,

quando expressa ideia de

contraste, oposição.

conclusiva,

quando expressa ideia de

conclusão ou consequência.

justificativa,

quando expressa ideia de

justificação ou explicação.

alternativa,

quando expressa ideia de

alternância ou escolha.

ROTEIRO DE AULA

ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

As orações subordinadas podem ser

substantivas,

adjetivas,

adverbiais,

caso ocupem a posição sintática de um

caso ocupem a posição sintática de um

caso ocupem a posição sintática de um

substantivo

adjetivo.

advérbio.

que, sintaticamente, podem ser classificadas como

subjéitiva,

apósitiva,

caso ocupem a posição sintática de um

caso ocupem a posição sintática de um

sujeito.

apóstro.

objéitiva direta,

objéitiva indireta,

completiva nominal,

predicativa,

caso ocupem a posição sintática de um

objéto direto.

objéto indireto.

complemento nominal.

predicativo do sujeito ou do objéto.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Uni-FACEF-SP – Leia o texto publicitário.

VIVER BEM É VIVER COM SAÚDE. FIQUE LONGE DO CIGARRO.

TODO TIPO DE CIGARRO FAZ MAL. SAIBA POR QUÊ.

Uma das substâncias contidas em todo cigarro é o nicotina. Mesmo que você não fuma, o cigarro agita a fumaça e acaba por atingir os olhos e a pele. Além disso, o cigarro libera uma grande quantidade de alcatrão e outros produtos químicos que podem causar danos à saúde. O consumo de cigarros também é prejudicial ao sistema circulatório e à capacidade de absorver oxigênio do ar.

Se você não quiser fumar, não tente parar sozinho. Procure ajuda de um médico ou de um profissional especializado em dependência química. Há muitas opções disponíveis para ajudar você a parar de fumar de maneira segura e saudável.

Para mais informações, consulte o site www.saude.gov.br ou ligue para o número 130.

BRASIL

Assinale a alternativa em que o conector destacado estabelece relação de conclusão entre o alerta “fique longe do cigarro” e a afirmação “viver bem é viver com saúde”:

- a) Viver bem é viver com saúde, **à medida que** fique longe do cigarro.
- b) Viver bem é viver com saúde; **contudo**, fique longe do cigarro.
- c) Viver bem é viver com saúde, **desde que** fique longe do cigarro.
- d) Viver bem é viver com saúde; **portanto**, fique longe do cigarro.
- e) Viver bem é viver com saúde, **enquanto** fique longe do cigarro.

“Portanto” é uma conjunção coordenativa conclusiva, podendo ser substituída, entre outras, por “logo”; “então”; “assim”; “por conseguinte”.

2. Fieb-SP – Leia o poema de Fernando Pessoa.

Houve um ritmo no meu sono,
Quando acordei o perdi.
Por que saí do abandono
De mim mesmo, em que vivi?

Não sei que era o que não era.
Sei que suave me embalou,
Como se o embalar quisesse
Tornar-me outra vez quem sou.

Houve uma música finda
Quando acordei de a sonhar,
Mas não morreu: dura ainda
No que me faz não pensar.

Cancioneiro. In: *Obra poética*. 3. ed. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1995, p. 182.

O termo “mas”, em destaque no penúltimo verso, introduz, com relação aos versos anteriores, uma

- a) condição.
- b) finalidade.

- c) oposição.
- d) consequência.
- e) proporção.

“Mas” é uma conjunção coordenativa adversativa e, como tal, indica uma oposição, podendo ser substituída, entre outras, por “porém”; “contudo”; “todavia”; “no entanto”; “entretanto”.

3. IFGO



QUINO. Mafalda 09 – *As férias da Mafalda*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

No primeiro e segundo quadrinhos verifica-se o uso repetido da palavra “que”. Observe o trecho sublinhado e assinale a alternativa correta em relação ao uso do primeiro que em:

As pessoas esperam que o ano que está começando seja melhor que o anterior.

- a) A palavra “que” introduz uma oração adverbial causal.
- b) A palavra “que” introduz uma oração adjetiva explicativa.
- c) A palavra “que” representa uma interjeição.
- d) A palavra “que” introduz uma oração subordinada substantiva.
- e) A palavra “que” representa uma partícula expletiva.

O primeiro “que” é uma conjunção integrante e introduz uma oração subordinada substantiva objetiva direta, posto que esta exerce a função de objeto direto em relação à oração principal: “As pessoas esperam o quê?” → “que o ano que está começando seja melhor”.

4. IFCE – Observe as orações destacadas e assinale a alternativa que apresenta **incorreta** classificação quanto ao tipo de oração.

- a) Não deixe de estudar, *pois isso se tornará um prejuízo*. (Oração coordenada explicativa).
- b) Ela ia de um lado a outro da sala e *parecia inquieta demais*. (Oração coordenada aditiva).
- c) O Brasil é um país extremamente rico; *grande parte de seu povo, todavia, vive em condição miserável*. (Oração coordenada adversativa).
- d) Nossos atletas não jogaram muito bem, *nem conseguiram vencer o campeonato*. (Oração coordenada conclusiva).
- e) Ele demonstrou ser extremamente teimoso e irritadiço; *não tem, pois, condição de trabalhar com o público*. (Oração coordenada conclusiva).

“Nem” tem valor de adição e, portanto, é uma conjunção coordenativa aditiva, indicativa de uma oração coordenada sindética aditiva. Seria conclusiva se a conjunção fosse, entre outras, “portanto”; “logo”; “então”; “assim”.

5. IFMA

C8-H27



DAVIS, Jim. Garfield. *Folha de S.Paulo*, Ilustrada, 8 abr. 2014.

Sobre a tirinha *Garfield* responda: O período composto por subordinação, presente no texto, é formado por uma oração principal e por uma oração:

- subordinada substantiva completiva nominal
- subordinada substantiva objetiva indireta
- subordinada substantiva objetiva direta
- subordinada substantiva predicativa
- subordinada substantiva apositiva

Na tirinha, o período composto por subordinação é “Os antigos achavam que os gatos traziam boa sorte” e, nele, “que os gatos traziam boa sorte” é uma oração subordinada substantiva objetiva direta, pois exerce a função de objeto direto em relação à oração principal, que é “Os antigos achavam”: “Os antigos achavam o quê?” → “que os gatos traziam boa sorte”.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

6. UERJ

Olhou para o céu, certificando-se de que não ia chover.

— Passa já pra dentro, Jaú. Olha a carrocinha!

Jaú, costelas à mostra e rabinho impertinente, continuou impassível a se espichar ao sol, num desrespeito sem nome à sua dona e numa ignorância santa das perseguições municipais.

Clarete também teve o bom senso de não insistir, o que aliás era uma das suas mais evidentes qualidades. Carregou mais uma vez a boina escarlate sobre o olhar cinematográfico¹, bateu a porta com força – té logo, mamãe! – e desceu apressada, sob um sol de rachar pedras, a extensa ladeira para apanhar o bonde, pois tinha de estar às oito e meia, sob pena de repreensão, na estação Sul da Cia. Telefônica.

No bonde, afinal, tirou da bolsa o relóginho-pulseira e deu-lhe corda. Era um bom relógio aquele. Também, era Longines e no rádio do vizinho, que se mudara, um sujeito mal-encajado, ouvira sempre dizer que era o relógio mais afamado do mundo inteiro. Fora presente de seu Rosas quando ela morava na avenida. E, à falta de outra coisa, foi remexendo o seu passado pequenino com a lembrança do seu Rosas.

Rosas. Que nome! Não lhe entrava na cabeça que uma pessoa pudesse se chamar Rosas. Nem Rosas, nem Flores.

Que esquisitice, já se viu?

Arregalou os olhos fotogênicos.

— Que amor!

Uma senhora ocupava o banco da frente, com um chapéu, rico, de feltro, enterrado até às sobranceiras.

O solavanco da curva não a deixou ter inveja. Calculou o preço, assim por alto: cento e poucos mil-réis, no mínimo. Quase seu ordenado. Quase... E sem querer voltou a seu Rosas.

Fora ele quem lhe dera aquele relóginho. A mãe torcera o nariz, nada, porém, dissera. Devia contudo ter pensado dela coisas bem feias. Clarete sorriu. O rapaz da ponta, com o Rio Esportivo aberto nas mãos e os olhos pregados nela, sorriu também. Clarete arrumou-lhe² em cima um olhar que queria dizer: idiota! e o rapaz zureta afundou os óculos de tartaruga na entrevista do beque³ carioca sobre o jogo contra os paulistas.

(...)

Praia de Botafogo. Meu Deus! Pendurou-se nervosamente na campainha, saltou e atravessou a rua sob o olhar perseguidor da rapaziada que ia no bonde.

Houve tempo em que Clarete se chamava simplesmente Clara. Tinha, então, os cabelos compridos, pestanas sem rímel, sobranceiras cerradas, uma magreza de menina que ajuda a mãe na vida difícil e um desejo indisfarçável de acabar com as sardas que lhe pintalgavam⁴ as faces e punham no narizinho arrebitado uma graça brejeira.

Trabalhava numa fábrica de caixas de papelão e vinha para a casa às quatro e meia, quando não havia serão, doidinha de fome e recendendo a cola de peixe.

Quando ela passava, os meninos buliam na certa:

— Ovo de tico-tico! Ovo de tico-tico!

Ela arredondava-lhes um palavãozinho que aprendera na fábrica com a Santinha e continuava a subir a ladeira comprida, rebolando, provocante. (...)

Verdade é que eles a chamavam de ovo de tico-tico, menos pelas sardas do que por despeito. Ela não dava confiança a nenhum – vê lá!... – e no coração deles andava uma loucura por Clarete. Ai! se ela quisesse!... – suspiravam todos intimamente. Ela, porém, não queria, estava mais que visto. E eles ficavam se regalando amoravelmente com o palavãozinho jogado assim num desprezo superior, pela boca minúscula que todas as noites aparecia, tentadoramente se ofertando, nos seus sonhos juvenis.

REBELLO, Marques. *Contos reunidos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2002.

¹ cinematográfico – que se movimenta em várias direções

² arrumar-lhe – dirigir-lhe

³ beque – zagueiro

⁴ pintalgar – pintar

Considere, nas passagens abaixo, as orações iniciadas por preposição:

Olhou para o céu, certificando-se de que não ia chover.

Clarete também teve o bom senso de não insistir,

Aposte o valor sintático de cada uma dessas orações.

No primeiro período, o valor sintático da oração “de que não ia chover”

é de objeto indireto, de modo que se trata de uma oração subordinada

substantiva objetiva indireta: “certificando-se de quê?” (pergunta-se ao verbo) → “de que não ia chover”. No segundo período, o valor sintático da oração “de não insistir” é de complemento nominal, de modo que

se trata de uma oração subordinada substantiva completiva nominal: “Clarete também teve o bom senso de quê?” (pergunta-se ao substantivo) → “de não insistir”.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Espcex-SP – Assinale a alternativa correta quanto à classificação sintática das orações grifadas abaixo, respectivamente.

- Acredita-se **que a banana faz bem à saúde**.
- Ofereceram a viagem **a quem venceu o concurso**.
- Impediram o fiscal **de que recebesse a propina combinada**.
- Os patrocinadores tinham a convicção **de que os lucros seriam compensadores**.

- a) subjetiva – objetiva indireta – objetiva indireta – completiva nominal
- b) subjetiva – objetiva indireta – completiva nominal – completiva nominal
- c) adjetiva – completiva nominal – objetiva indireta – objetiva indireta
- d) objetiva direta – objetiva indireta – objetiva indireta – completiva nominal
- e) subjetiva – completiva nominal – objetiva indireta – objetiva indireta

8. IFRS

Graças aos aspectos polimórficos de sua poesia, Olavo Bilac encarnou brilhantemente o verso e o reverso de nosso Parnasianismo. Mais ainda: ao aderir à nova corrente poética, não só cuidou de materializá-la em suas composições, como também buscou traduzir-lhe e divulgar-lhe a doutrina de modo tão direto quanto possível.

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. 20. ed. São Paulo: Cultrix, 1971. p. 230.

As orações conectadas a partir das expressões “não só” e “como também” apresentam ideia de:

- a) consequência.
- b) oposição.
- c) adição.
- d) comparação.
- e) concessão.

9. IFMA

– Leia a tirinha “Armandinho”.



BECK, Alexandre. *Armandinho*, 14 ago. 2013.

Ainda sobre a tirinha *Armandinho*, a frase Às vezes parece **que esperamos algum sinal**.

, a oração destacada é classificada como oração subordinada substantiva:

- a) predicativa.
- b) subjetiva.
- c) completiva nominal.
- d) objetiva direta.
- e) objetiva indireta.

10. UEL-PR

– Analise a imagem, leia o texto a seguir.

O gordo é o novo fumante



ABRIL

Nunca houve tanta gente acima do peso – nem tanto preconceito contra gordos.

De um lado, o que há por trás é uma positiva discussão sobre saúde. Por outro, algo de podre: o nascimento de uma nova eugenia.

REZENDE, Rodrigo. O gordo é o novo fumante. *Superinteressante*, n. 306, 15 jul. 2012. Adaptado.

Analise o período “Nunca houve tanta gente acima do peso – nem tanto preconceito contra gordos” e assinale a alternativa correta.

- a) A segunda oração apresenta a elipse do termo “peso”; portanto a ideia expressa em relação à primeira oração é de oposição.
- b) Há um período composto no qual a segunda oração apresenta a ideia de adição em relação à primeira.
- c) O período apresenta uso inadequado dos elementos coordenados “nunca” e “nem” presentes nas duas orações.
- d) Os termos “nunca” e “nem”; apesar de estarem em orações diferentes, possuem o mesmo valor semântico indicativo de tempo.
- e) Para expressar valor aditivo, na segunda oração, é necessário o emprego da conjunção “e” junto à conjunção “nem”.

11. IFAL (adaptada)

Amizade inseparável

Eu talvez não tenha muitos amigos.

Mas os que eu tenho são os melhores que alguém poderia ter. Além disso tenho sorte, porque os amigos que tenho têm muitos amigos e os dividem comigo.

Assim o meu número de amigos sempre aumenta, já que eu sempre ganho amigos dos meus amigos.

Foi assim aqui, uns eu ganhei há tempos, outros são mais recentes.

E quem os deu não ficou sem eles, pois a amizade pode sempre ser dividida sem nunca diminuir ou enfraquecer.

Pelo contrário, quanto mais dividida, mais ela aumenta. E há mais vantagens na amizade: é uma das poucas coisas que não custam nada e valem muito, embora não sejam vendáveis.

Entretanto, é preciso que se cuide um pouco das amizades. As mais recentes, por exemplo, precisam de alguns cuidados... poucos, é verdade, mas indispensáveis.

É preciso mantê-las com um certo calor, falar com elas mais amiúde e, no início, com muito jeito.

Com o tempo elas crescem, ficam fortes e até suportam alguns trancos. Prezo muito minhas amizades e reservo sempre um canto no meu peito para elas.

E, sempre que surge a ocasião, também não perco a oportunidade de dar um amigo a um amigo, da mesma forma que eu ganhei.

E não adiantam as despedidas, de um amigo ninguém se livra fácil.

A amizade além de contagiosa é totalmente incurável.

Vinicius de Moraes.

No parágrafo

Pelo contrário, quanto mais dividida, mais ela aumenta. **E** há mais vantagens na amizade: é uma das poucas coisas que não custam nada **E** valem muito, embora não sejam vendáveis.

, a conjunção “e”, aí utilizada duas vezes, dá ideia, respectivamente, de

- a) alternância e adição.
- b) adição e explicação.
- c) adição e consequência.
- d) adição e adversidade.
- e) explicação e conclusão.

12. IFCE

O anjo Rafael

Cansado da vida, descrente dos homens, desconfiado das mulheres e aborrecido dos credores, o dr. Antero da Silva determinou um dia despedir-se deste mundo.

Era pena. O dr. Antero contava trinta anos, tinha saúde, e podia, se quisesse, fazer uma bonita carreira. Verdade é que para isso fora necessário proceder a uma completa reforma dos seus costumes. Entendia, porém, o nosso herói que ⁵ o defeito não estava em si, mas nos outros; cada pedido de um credor inspirava-lhe uma apóstrofe contra a sociedade; julgava conhecer os homens, por ter tratado até então com alguns bonecos sem consciência; pretendia conhecer as mulheres, quando

apenas havia praticado com meia dúzia de regateiras do amor.

O caso é que o nosso herói determinou matar-se, e para isso foi à casa da viúva Laport, comprou uma pistola e entrou em casa, que era à rua da Misericórdia.

Davam então quatro horas da tarde.

O dr. Antero disse ao criado que pusesse o jantar na mesa.

- A viagem é longa, disse ele consigo, e eu não sei se há hotéis no caminho.

Jantou com efeito, tão tranquilo como se tivesse de ir dormir a sesta e não o último sono. O próprio criado reparou que o amo estava nesse dia mais folgazão que nunca. Conversaram alegremente durante todo o jantar. No fim dele, quando o criado lhe trouxe o café, Antero preferiu paternalmente as seguintes palavras:

- Pedro, tira de minha gaveta uns cinquenta mil-réis que lá estão, são teus. Vai passar a noite fora e não voltes antes da madrugada.

- Obrigado, meu senhor, respondeu Pedro.

- Vai.

Pedro apressou-se a executar a ordem do amo.

O dr. Antero foi para a sala, estendeu-se no divã, abriu um volume do *Dicionário filosófico* e começou a ler.

Já então declinava a tarde e aproximava-se a noite. A leitura do dr. Antero não podia ser longa. Efetivamente daí a algum tempo levantou-se o nosso herói e fechou o livro.

Uma fresca brisa penetrava na sala e anunciava uma agradável noite. Corria então o inverno, aquele benigno inverno que os fluminenses têm a ventura de conhecer e agradecer ao céu.

O dr. Antero acendeu uma vela e sentou-se à mesa para escrever. Não tinha parentes, nem amigos a quem deixar carta; entretanto, não queria sair deste mundo sem dizer a respeito dele a sua última palavra. Travou da pena e escreveu as seguintes linhas:

Quando um homem, perdido no mato, vê-se cercado de animais ferozes e traiçoeiros, procura fugir se pode. De ordinário a fuga é impossível. Mas estes animais meus semelhantes tão traiçoeiros e ferozes como os outros, tiveram a inépcia de inventar uma arma, mediante a qual um transviado facilmente lhes escapa das unhas.

É justamente o que vou fazer.

Tenho ao pé de mim uma pistola, pólvora e bala; com estes três elementos reduzirei a minha vida ao nada. Não levo nem deixo saudades. Morro por estar enjoado da vida e por ter certa curiosidade da morte.

Provavelmente, quando a polícia descobrir o meu cadáver, os jornais escreverão a notícia do acontecimento, e um ou outro fará a esse respeito considerações filosóficas. Importam-me bem pouco as tais considerações.

Se me é lícito ter uma última vontade, quero que estas linhas sejam publicadas no *Jornal do Commercio*. Os rimadores de ocasião encontrarão assunto para algumas estrofes.

O dr. Antero releu o que tinha escrito, corrigiu em alguns lugares a pontuação, fechou o papel em forma de carta, e pôs-lhe este sobrescrito: *Ao mundo*.

Depois carregou a arma; e, para rematar a vida com um traço de impiedade, a bucha que meteu no cano da pistola foi uma folha do Evangelho de S. João.

Era noite fechada. O dr. Antero chegou-se à janela, respirou um pouco, olhou para o céu, e disse às estrelas:

- Até já.

E saindo da janela acrescentou mentalmente:

- Pobres estrelas! Eu bem quisera lá ir, mas com certeza não de impedir-me os vermes da terra. Estou aqui, e estou feito um punhado de pó. É bem possível que no futuro século sirva este meu invólucro para macadamizar a rua do Ouvidor. Antes disso; ao menos terei o prazer de ser pisado por alguns pés bonitos.

Ao mesmo tempo que fazia estas reflexões, lançava mão da pistola, e olhava para ela com certo orgulho.

- Aqui está a chave que me vai abrir a porta deste cárcere, disse ele.

Depois sentou-se numa cadeira de braços, pôs as pernas sobre a mesa, à americana, firmou os cotovelos, e segurando a pistola com ambas as mãos, meteu o cano entre os dentes.

Já ia disparar o tiro, quando ouviu três pancadinhas à porta. Involuntariamente levantou a cabeça. Depois de um curto silêncio repetiram-se as pancadinhas. O rapaz não esperava ninguém, e era-lhe indiferente falar a quem quer que fosse. Contudo, por maior que seja a tranquilidade de um homem quando resolve abandonar a vida, é-lhe sempre agradável achar um pretexto para prolongá-la um pouco mais.

O dr. Antero pôs a pistola sobre a mesa e foi abrir a porta.

ASSIS, Machado de. O Anjo Rafael. In: MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo (Org.). *Machado de Assis: contos fantásticos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Bloch Ed, 1998.

A oração sublinhada em

O próprio criado reparou em que o amo estava nesse dia mais folgazão que nunca.

é

- a) subordinada substantiva objetiva indireta.
- b) subordinada substantiva objetiva direta.
- c) subordinada substantiva apositiva.
- d) subordinada explicativa.
- e) coordenada sindética alternativa.

13. IFES – Observe a cena e leia a opinião do garotinho Calvin.



WATERSON, Bill. *Calvin e Haroldo*.

A respeito da organização sintática e dos tipos de orações subordinadas presentes no período empregado por Calvin, é incorreto afirmar que:

- a) A oração "...de que existe vida inteligente..." é subordinada ao verbo "acho", completando-lhe o sentido

e pode ser classificada, portanto, como oração subordinada substantiva objetiva direta desenvolvida.

- b) A oração "...eu acho..." é a principal do período e possui um objeto direto que começa em "...que o sinal..."
- c) Na segunda parte do período, a partir do verbo "é", temos outra oração subordinada substantiva completiva nominal desenvolvida, referindo-se ao mesmo nome, que, no caso, está implícito.
- d) Dentro do objeto direto do verbo "achar" podemos encontrar a oração "...de que existe vida inteligente..." que é complemento nominal de "sinal", podendo ser classificada, portanto, como oração subordinada substantiva completiva nominal desenvolvida.
- e) Na segunda parte do período, temos um elemento elíptico, que é a palavra "sinal", que, por sua vez, tem uma oração que funciona como complemento nominal.

14. Unifor-CE – Considere atentamente os enunciados e uma breve explicação sobre eles:

- I. A casa é grande, **mas** é cara.
- II. **Embora** seja cara, a casa é grande.

Para a teoria da semântica argumentativa, todo enunciado é um argumento para uma conclusão.

No primeiro período "a adversidade não se dá entre as duas orações explícitas (não há nada em "caro" que se oponha à "grande"), mas entre as conclusões que se tiram de "casa grande" e de "casa cara". O fato de a casa ser cara é um argumento para não "comprar" / "alugar". A oração sindética adversativa descarta a oração assindética. No segundo período, a oração concessiva enfraquece o argumento da oração principal, mas não o anula, ou seja, "ser grande" domina o argumento de "ser cara." A construção adversativa é "autoritária"; a concessiva é mais "democrática".

Texto baseado em Sírio Possenti. *Notas sobre Semântica argumentativa*.

Baseado nesse raciocínio, assinale a alternativa em que haja, argumentativamente, equivalência entre duas orações, isto é, aquela em que o argumento predominante seja o mesmo nos dois enunciados.

- a) Lauro Maia era um excelente compositor, mas era indisciplinado.
Embora fosse um excelente compositor, Lauro Maia era indisciplinado.
- b) Apesar de o livro ser bom, é muito caro.
O livro é muito caro, mas é bom.
- c) Gostei do filme, mas não o indicaria a você.
Gostei do filme, por isso o indico a você.
- d) Sou fã de Chico Buarque, portanto tenho todos os seus discos e livros.
Como sou fã de Chico Buarque, tenho todos os seus discos e livros.
- e) Os livros são acessíveis, entretanto pouca gente lê.
Os livros não são acessíveis e pouca gente lê.

15. IFCE

– Não há quem não saia no Carnaval disposto ao excesso, disposto aos transportes da carne e às maiores extravagâncias. O desejo, quase doentio, é como incutido, infiltrado pelo ambiente. Tudo respira luxúria, tudo tem da ânsia e do espasmo, e nesses quatro dias paranoicos, de pulos, de guinchos, de confianças ilimitadas, tudo é possível. Não há quem se contente com uma...

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C8-H27



QUINO. *Toda Mafalda*. Trad. Andréa Stahel M. da Silva et al. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

Nessa charge, o recurso morfossintático que colabora para o efeito de humor está indicado pelo(a)

- emprego de uma oração adversativa, que orienta a quebra da expectativa ao final.
- uso de conjunção aditiva, que cria uma relação de causa e efeito entre as ações.
- retomada do substantivo “mãe”, que desfaz a ambiguidade dos sentidos a ele atribuídos.
- utilização da forma pronominal “la”, que reflete um tratamento formal do filho em relação à “mãe”.
- repetição da forma verbal “é”, que reforça a relação de adição existente entre as orações.

19. UDESC

C8-H27

Mé, baliu um engraçadinho, um disse que o camelo parecia seu chefe. Somente quando foram abertas as lojas em torno da praça e, na esquina defronte à figueira, o banco escancarou de par em par sua grande porta gradeada, o moço tirou as fotografias do envelope, deu uma rápida olhada, determinou que o estábulo fosse montado encostado à figueira e, orientado pelo segundo plano (fachadas, árvores, estátuas) das fotos, pediu ajuda aos seguranças para a colocação dos animais, o que levou o resto da manhã. Permitiu-se uma única mudança e transferiu o menor dos carneiros da entrada do estábulo para o canteiro mais distante, alteração sem propósito, quase inexplicável, porém suficiente para originar uma secreta ponta de orgulho, um toque, meu, de mestre, e voltou a sentir-se importante, ainda mais que um dos guardas quis saber o porquê da modificação. [...]

BOOS, Adolfo Jr. O presépio. In: *13 Cascaes*, p. 25.

Assinale a alternativa que contém a oração com a mesma classificação sintática que em “um disse que o camelo parecia seu chefe”.

- O homem tanto insistiu que acabou vendendo as imagens sacras.
- Foram inábeis os documentos que ele apresentou.
- Agora vá embora, que estou muito ocupado.
- O certo é que ele não teve muita sorte.
- O encarregado descobriu que faltavam fotografias.

20. Fac. Guanambi-BA (adaptado)

C8-H27

Já tive medo da morte. Hoje não tenho mais. O que sinto é uma enorme tristeza. Concordo com Mário Quintana: “Morrer, que me importa? [...] O diabo é deixar de viver.” A vida é tão boa! Não quero ir embora...

Eram 6h. Minha filha me acordou. Ela tinha três anos. Fez-me então a pergunta **que eu nunca imaginara**: “Papai, quando você morrer, você vai sentir saudades?”. Emudeci. Não sabia o que dizer. Ela entendeu e veio em meu socorro: “Não chore, **que eu vou te abraçar**...” Ela, menina de três anos, sabia que a morte é onde mora a saudade.

Cecília Meireles sentia algo parecido: “E eu fico a imaginar se depois de muito navegar a algum lugar enfim se chega... O que será, talvez, até mais triste. Nem barcas, nem gaiotas. Apenas sobre-humanas companhias... Com que tristeza o horizonte avisto, aproximado e sem recurso. Que pena a vida ser só isto...”

D. Clara era uma velhinha de 95 anos, lá em Minas. Vivia uma religiosidade mansa, sem culpas ou medos. Na cama, cega, a filha lhe lia a Bíblia. De repente, ela fez um gesto, interrompendo a leitura. O que ela tinha a dizer era infinitamente mais importante. “Minha filha, sei que minha hora está chegando... Mas, que pena! A vida é tão boa...”

Mas tenho muito medo do morrer. O morrer pode vir acompanhado de dores, humilhações, aparelhos e tubos enfiados no meu corpo, contra a minha vontade, sem que eu nada possa fazer, porque já não sou mais dono de mim mesmo; solidão, ninguém tem coragem ou palavras para, de mãos dadas comigo, falar sobre a minha morte, medo de que a passagem seja demorada. Bom seria se, depois de anunciada, ela acontecesse de forma mansa e sem dores, longe dos hospitais, em meio às pessoas que se ama, em meio a visões de beleza.

Mas a medicina não entende. Um amigo contou-me dos últimos dias do seu pai, já bem velho. As dores eram terríveis. Era-lhe insuportável a visão do sofrimento do pai. Dirigiu-se, então, ao médico: “O senhor não poderia aumentar a dose dos analgésicos, para que meu pai não sofra?”. O médico olhou-o com olhar severo e disse: “O senhor está sugerindo que eu pratique a eutanásia?”.

Há dores **que fazem sentido**, como as dores do parto: uma vida nova está nascendo. Mas há dores que não fazem sentido nenhum. Seu velho pai morreu sofrendo uma dor inútil. Qual foi o ganho humano? **Que eu saiba**, apenas a consciência apaziguada do médico, que dormiu em paz por haver feito aquilo que o costume mandava; costume a que frequentemente se dá o nome de ética.

Um outro velhinho querido, 92 anos, cego, surdo, todos os esfíncteres sem controle, numa cama — de repente um acontecimento feliz! O coração parou. Ah, com certeza fora o seu anjo da guarda, que assim punha um fim à sua miséria! Mas o médico, movido pelos automatismos costumeiros, apressou-se a cumprir seu dever: debruçou-se sobre o velhinho e o fez respirar de novo. Sofreu inutilmente por mais dois dias antes de tocar de novo o acorde final.

Dir-me-ão que é dever dos médicos fazer todo o possível para que a vida continue. Eu também, da minha forma, luto pela vida. A literatura tem o poder de ressuscitar os mortos. Aprendi com Albert Schweitzer que a “reverência pela vida” é o supremo princípio ético do amor. Mas o que é vida? Mais precisamente, o que é a vida de um ser humano? O que e quem a define? O coração que continua a bater num corpo aparentemente morto? Ou serão

os ziguezagues nos vídeos dos monitores, que indicam a presença de ondas cerebrais?

Confesso que, na minha experiência de ser humano, nunca me encontrei com a vida sob a forma de batidas de coração ou ondas cerebrais. A vida humana não se define biologicamente. Permanecemos humanos enquanto existe em nós a esperança da beleza e da alegria. Morta a possibilidade de sentir alegria ou gozar a beleza, o corpo se transforma numa casca de cigarra vazia.

Muitos dos chamados “recursos heroicos” para manter vivo um paciente são, do meu ponto de vista, uma violência ao princípio da “reverência pela vida”. Porque, se os médicos dessem ouvidos ao pedido que a vida está fazendo, eles a ouviriam dizer: “Liberta-me”.

Comovi-me com o drama do jovem francês Vincent Humbert, de 22 anos, há três anos cego, surdo, mudo, tetraplégico, vítima de um acidente automobilístico. Comunicava-se por meio do único dedo que podia movimentar. E foi assim que escreveu um livro em que dizia: “Morri em 24 de setembro de 2000. Desde aquele dia, eu não vivo. Fazem-me viver. Para quem, para que, eu não sei...”. Implorava que lhe dessem o direito de morrer. Como as autoridades, movidas pelo costume e pelas leis, se recusassem, sua mãe realizou seu desejo. A morte o libertou do sofrimento.

Dizem as escrituras sagradas: “Para tudo há o seu tempo. Há tempo para nascer e tempo para morrer”. A morte e a vida não são contrárias. São irmãs. A “reverência pela vida” exige **que sejamos sábios** para permitir que a morte chegue quando a vida deseja ir. Cheguei a sugerir uma nova especialidade médica, simétrica à obstetria: a “morienterapia”, o cuidado com os que estão morrendo. A missão da morienterapia seria cuidar da vida que se prepara para partir. Cuidar para que ela seja mansa, sem dores e cercada de amigos, longe de UTIs. Já encontrei a padroeira para essa nova especialidade: a “Pietà” de Michelangelo, com o Cristo morto nos seus braços. Nos braços daquela mãe, o morrer deixa de causar medo.

ALVES, Rubem. *Sobre a morte e o morrer*. Disponível em: <www.releituras.com/rubemalves_morte.asp>. Acesso em: 12 out. 2016.

A alternativa cujo conector “que”, no texto de Rubem Alves, introduz uma oração com função de complemento direto está registrada em

- a) que eu nunca imaginara.
- b) que eu vou te abraçar.
- c) que fazem sentido.
- d) que eu saiba.
- e) que sejamos sábios.

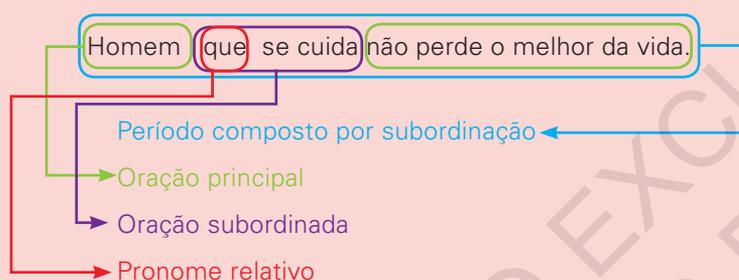
MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS E ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

16

As orações subordinadas adjetivas são aquelas que cumprem a função sintática de um adjunto adnominal em relação ao núcleo nominal a que estão relacionadas necessariamente por um pronome relativo.

O nome desse tipo de oração decorre, semanticamente, do fato de essas orações funcionarem como adjetivos do núcleo nominal a que estão relacionadas.



No texto da campanha publicitária, a oração principal é "Homem... não perde o melhor da vida." Contudo, segundo o enunciador da campanha, não é todo homem que pode usufruir dessa possibilidade, esse homem é especificamente aquele "... que se cuida...". Essa informação é enunciada por uma oração subordinada de caráter adjetivo, uma vez que restringe de modo qualificativo o significado da palavra "homem..."; como faria um adjetivo.

Pronomes relativos

Pronomes relativos são aqueles que representam nomes já mencionados anteriormente e com os quais se relacionam.

*Lohayne é a minha prima **que** casou há dois anos.*

O pronome relativo "que" se refere à palavra "prima" e introduz uma oração subordinada adjetiva, pois não se trata de qualquer prima, mas especificamente daquela "que casou há dois anos".

Confira, a seguir, o quadro com os principais pronomes relativos:

Pronomes relativos				
Variáveis				Invariáveis
Masculino		Feminino		
o qual	os quais	a qual	as quais	que
cujo	cujos	cuja	cujas	quem
quanto	quantos	quanta	quantas	onde

Os pronomes "o qual", "a qual", "os quais" e "as quais" são exclusivamente relativos e, por isso, são utilizados como **paradigma** para verificar se palavras como "que", "quem" e "onde" também o são, considerando que estas podem ter outras classificações.

- Orações subordinadas adjetivas
- Pronomes relativos
- Orações subordinadas adjetivas explicativas
- Orações subordinadas adjetivas restritivas
- Orações subordinadas adverbiais causais, comparativas, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, finais, proporcionais e temporais

HABILIDADES

- Identificar aspectos linguísticos e discursivos nas construções da variedade culta da língua.
- Reconhecer as concepções referentes à formação de sujeitos, predicados e complementos verbais.
- Traduzir o que se compreende por construções sintáticas, semânticas e pragmáticas presentes em diversas situações discursivas, considerando a variedade culta e outras variedades da língua.

A professora admira os alunos **que** se esforçam.
(= A professora admira os alunos os quais se esforçam).

A irmã de Murilo, **que** é mais velha, levou-o à festa.
(= A irmã de Murilo, a qual é mais velha, levou-o à festa).

O salão **onde** faremos a reunião está fechado. (= O salão **no qual** faremos a reunião está fechado).

É importante salientar que os pronomes relativos podem ser precedidos de preposição de acordo com a regência verbal do verbo que compõe a oração.

As ideias **com que** concordávamos eram as do estagiário. (= As ideias **com as quais** concordávamos eram as do estagiário).

As orações subordinadas adjetivas podem ser **explicativas** ou **restritivas**.

Orações subordinadas adjetivas explicativas

As orações subordinadas adjetivas explicativas, como o nome já sugere, explicam ou esclarecem o termo ao qual se referem e, por isso, são sempre separadas por vírgulas.

A prova, **que estava bastante difícil**, deixou os alunos preocupados.

(que = a qual → pronome relativo)

Oração principal: *A prova deixou os alunos preocupados.*

Oração subordinada adjetiva explicativa: *que estava bastante difícil.*

As crianças, **que são sempre muito ativas**, precisam de supervisão constante.

(que = as quais → pronome relativo)

Oração principal: *As crianças precisam de supervisão constante.*

Oração subordinada adjetiva explicativa: *que são sempre muito ativas.*

Orações subordinadas adjetivas restritivas

As orações subordinadas adjetivas restritivas restringem ou delimitam o significado do termo antecedente e não são separadas por vírgulas.

As pessoas **que chegaram cedo** conseguiram os melhores lugares.

(que = as quais → pronome relativo)

Oração principal: *As pessoas conseguiram os melhores lugares.*

Oração subordinada adjetiva restritiva: *que chegaram cedo.*

Gosto de pessoas **que são otimistas**.

(que = as quais → pronome relativo)

Oração principal: *Gosto de pessoas.*

Oração subordinada adjetiva restritiva: *que são otimistas.*

A importância da vírgula na oração subordinada adjetiva

1 *Mandeí um e-mail para minha tia que mora em São Paulo.*

2 *Mandeí um e-mail para minha tia, que mora em São Paulo.*

No período 1, a oração em destaque é subordinada substantiva restritiva, pois o locutor dá a entender que possui pelos menos duas tias e uma delas mora em São Paulo.

No período 2, a oração em destaque é subordinada substantiva explicativa, pois o locutor dá a entender que possui uma única tia e que ela mora em São Paulo.

Portanto, pode-se afirmar que a presença ou ausência da vírgula determina o modo como a mensagem deve ser interpretada pelo leitor.

Orações subordinadas adverbiais

As orações subordinadas adverbiais são aquelas que, em um período composto, exercem a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal, em uma relação análoga à de um advérbio em uma estrutura absoluta.

Ele tentou substituir Deus pelo homem, colocar o homem no centro do Universo. ... Sua ambição era encontrar uma ordem humana sobre a Terra, na qual prevalecessem a liberdade e a felicidade, sem apoios transcendentais ou sobrenaturais – uma ordem inteiramente humana. ... Mas, para que o indivíduo se tornasse o ponto focal do Universo, ele deveria ter um lugar para se apoiar que não se movesse sob seus pés. O humanismo precisava construir uma rocha. Tinha de criar do nada algo tão forte quanto a fé do Novo Testamento, capaz de mover montanhas.

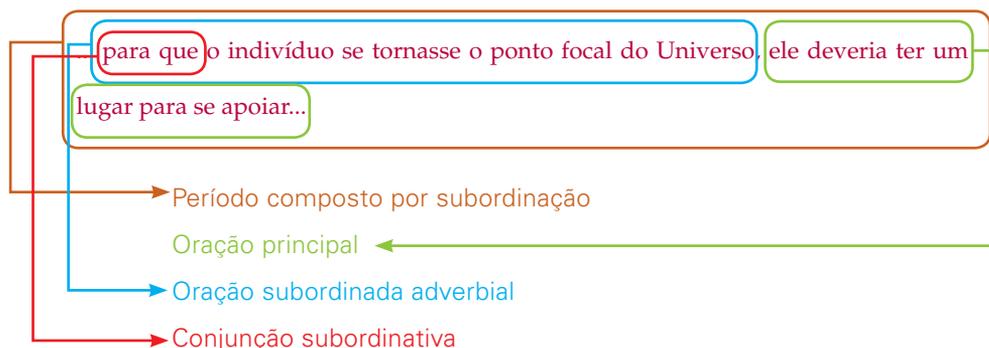
CARROLL, John. *Humanism: The Wreck of Western Culture*. Londres: Fontana Press, 1983. *apud*.

BAUMAN, Zygmunt. *A cultura como autoconsciência da sociedade moderna*. In: _____. *Ensaios sobre o conceito de cultura*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

No excerto apresentado, ocorrem períodos compostos tanto por coordenação quanto por subordinação. Uma dessas ocorrências de período composto por subordinação é do tipo adverbial. No período:

Mas, para que o indivíduo se tornasse o ponto focal do Universo, ele deveria ter um lugar para se apoiar que não se movesse sob seus pés.

O trecho "... para que o indivíduo se tornasse o ponto focal do Universo..." funciona como um adjunto adverbial da oração principal deste período: "... ele deveria ter um lugar para se apoiar..."



Dessa forma, a oração subordinada é classificada como adverbial, havendo identificação circunstancial de finalidade, como será desenvolvido posteriormente.

Classificação das orações subordinadas adverbiais

De acordo com as circunstâncias que acrescentam à oração, as orações subordinadas adverbiais podem ser classificadas como **causais, comparativas, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, finais, proporcionais e temporais**.

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS CAUSAIS

As orações subordinadas adverbiais causais exprimem a causa ou o motivo do acontecimento da oração principal.

Como cheguei atrasado, não assisti ao espetáculo.

*O rio inundou a cidade, **uma vez que** choveu muito.*

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS COMPARATIVAS

As orações subordinadas adverbiais comparativas exprimem comparação com o acontecimento da oração principal.

*Paulo é estudioso **tanto quanto** a irmã.*

*Mário come **como** um leão. (na segunda oração, o verbo está implícito: "como um leão come").*

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS CONCESSIVAS

As orações subordinadas adverbiais concessivas exprimem concessão ao acontecimento da oração principal.

***Embora** ajudasse a mãe, Marília não gostava dos afazeres domésticos.*

*Fernando irá ao show, **mesmo que** chova.*

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS CONDICIONAIS

As orações subordinadas adverbiais condicionais exprimem condição para a realização ou não do acontecimento da oração principal.

***Se** meu pai chegar cedo, fará o jantar.*

*Fernando irá ao show, **desde que** não chova.*

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS CONFORMATIVAS

As orações subordinadas adverbiais conformativas exprimem conformidade em relação ao acontecimento da oração principal.

*Maria faz bolo **conforme** a avó ensinou.*

***Segundo** minha prima disse, essa planta não cresce em vaso.*

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS CONSECUTIVAS

As orações subordinadas adverbiais consecutivas exprimem a consequência do acontecimento da oração principal.

*A professora falou **tanto que** ficou rouca.
O livro custava **tão caro que** não comprei.*

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS FINAIS

As orações subordinadas adverbiais finais exprimem a finalidade do acontecimento da oração principal.

*Felipe se esforçou **para que** o empregassem na usina.
A fim de que fossem à praia, Marcelo comprou duas pranchas.*

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS PROPORCIONAIS

As orações subordinadas adverbiais proporcionais exprimem a proporção do acontecimento da oração principal.

*Renata dirigia melhor **à medida que** ganhava confiança.
Quanto mais João gasta, **menos** dinheiro poupa.*

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS TEMPORAIS

As orações subordinadas adverbiais temporais exprimem circunstância de **tempo** em relação ao acontecimento da oração principal.

*Fico triste **quando** ouço essa música.
Viajarei **assim que** entrar em férias.*

Conjunções subordinativas adverbiais

Como já visto anteriormente, as conjunções estão entre as principais ferramentas de textualidade, por contribuírem para a progressão textual, permitindo que haja conexão entre as partes do texto.

As conjunções subordinativas adverbiais permitem que as orações que ocupam a estrutura adverbial sejam conectadas com a estrutura principal do período composto, estabelecendo também uma relação semânti-

ca que reforça a circunstância expressa pela oração subordinada.

As principais conjunções e locuções subordinativas adverbiais são:

Valor semântico	Conjunção ou locução conjuntiva
Causais	Porque, já que, uma vez que, visto que, pois que, como, posto que.
Comparativas	Como, mais do que, menos do que, assim como, bem como, que nem, tanto quanto.
Concessivas	Embora, ainda que, mesmo que, conquanto, se bem que, posto que, apesar de que, por mais que, por pouco que, por muito que.
Condicionais	Se, salvo se, desde que, exceto se, caso, desde, contanto que, sem que, a menos que, uma vez que, sempre que, a não ser que.
Conformativas	Conforme, segundo, como, consoante, de acordo.
Consecutivas	Tanto que, tão que, tal que, tamanho que, de forma que, de modo que, de sorte que, de tal forma que
Finais	Para, para que, a fim de que.
Proporcionais	À medida que, à proporção que, ao passo que, quanto mais... mais, quanto menos... menos, quanto maior... maior, quanto maior... menor.
Temporais	Quando, enquanto, agora que, logo que, desde que, assim que, tanto que, apenas, antes que, até que, sempre que, depois que, cada vez que, mal.

ROTEIRO DE AULA

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS

As orações são classificadas como subordinadas adjetivas quando

cumprem a função sintática de um adjunto adnominal em relação ao núcleo nominal a que estão relacionadas necessariamente por um nome relativo.

Podem ser classificadas de acordo com a ocorrência ou ausência de

vírgulas

como

explicativas

as orações que

explicam ou esclarecem o termo ao qual se referem, sempre separadas por vírgulas.

restritivas

as orações que

restringem delimitam o significado do termo antecedente.

ROTEIRO DE AULA

ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

As orações subordinadas adverbiais são aquelas que,

em um período composto, exercem a função de adjunto adverbial do verbo da oração principal,

em uma relação análoga à de um advérbio em uma estrutura absoluta.

Essas orações são semanticamente classificadas de acordo com a

conjunção por que são introduzidas.

São classificadas como

causais

as que
presentam as
conjunções

que, porque, como, pois,
visto que, já que, uma vez
que, pois que.

comparativas

as que
presentam as
conjunções

que, do que, como.

concessivas

as que
presentam as
conjunções

embora, ainda que, apesar
de que, se bem que, mes-
mo que, por mais que, posto
que, conquanto.

condicionais

as que
presentam as
conjunções

caso, contanto que, salvo
se, desde que, a não ser
que.

conformativas

as que
presentam as
conjunções

segundo, consoante, con-
forme, como.

ROTEIRO DE AULA

Sendo classificadas como

consecutivas

**as que
presentam as
conjunções**

tanto... que, tão... que, de forma
que, de sorte que, de maneira
que.

finais

**as que
presentam as
conjunções**

a fim de que, para que, que.

proporcionais

**as que
presentam as
conjunções**

à medida que, ao passo que,
quanto mais, quanto menos,
quanto menor, quanto melhor.

temporais

**as que
presentam as
conjunções**

quando, enquanto, agora que,
logo que, tanto que, assim que.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unifacs-BA

Pneumotórax

Febre, hemoptise, dispneia e suores noturnos.

A vida inteira que podia ter sido e que não foi.

Tosse, tosse, tosse.

Mandou chamar o médico:

— Diga trinta e três.

— Trinta e três...trinta e três.... trinta e três..

— Respire.

— O senhor tem uma escavação no pulmão esquerdo e o pulmão direito infiltrado.

— Então, doutor, não é possível tentar o Pneumotórax?

— Não. A única coisa a fazer é tocar um tango argentino.

BANDEIRA, Manuel. Pneumotórax. *Poesia Completa e Prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1983. p. 206.

Em relação aos aspectos linguísticos que possibilitam a estruturação do poema, é correto afirmar:

- a) As vírgulas na primeira estrofe do poema aplicam-se por diferentes razões.
- b) O termo coesivo “e”, nos versos dois e oito, semanticamente, expressa valor aditivo.
- c) O conector “que”, nas duas situações do verso dois, introduz oração com valor adjetivo.
- d) Registra-se um aposto explicativo no verso nove.
- e) As ações verbais utilizadas no verso dez constituem uma locução verbal.

No verso “A vida inteira que podia ter sido e que não foi”, há duas orações subordinadas adjetivas, pois exercem a função de adjetivo do substantivo “vida”, de modo que, em ambas, “que” é pronome relativo: “que podia ter sido” (“a qual podia ter sido”) e “que não foi” (“a qual não foi”).

2. Famema-SP – Assinale a alternativa e que a oração subordinada indica uma finalidade.

- a) Mesmo que tivesse dado dinheiro ao mendigo, não teria evitado as sensações desagradáveis que sua presença me provocava.
- b) Dei dinheiro ao mendigo porque isso evitaria as sensações desagradáveis que sua presença me provocava.
- c) Assim que dei dinheiro ao mendigo, evitei as sensações desagradáveis que sua presença me provocava.
- d) Caso tivesse dado dinheiro ao mendigo, teria evitado as sensações desagradáveis que sua presença me provocava.
- e) Dei dinheiro ao mendigo para evitar as sensações desagradáveis que sua presença me provocava.

A oração “para evitar as sensações desagradáveis” é subordinada adverbial final, já que a preposição “para” indica a finalidade de dar a esmola ao mendigo.

3. Fatec-SP

É boa a notícia para os fãs da natação, vôlei de praia, futebol, hipismo, ginástica rítmica e tiro com arco **que buscam ingressos para os Jogos Olímpicos Rio 2016**. Entradas para catorze sessões esportivas dessas modalidades, que tinham se esgotado na primeira fase de sorteio de ingressos, estão à venda.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. Disponível em: <www.olympic.org >. Acesso em: 12.09.2015. Adaptado.

A oração subordinada destacada nesse fragmento é

- a) adjetiva restritiva.
- b) adjetiva explicativa.
- c) substantiva subjetiva.
- d) substantiva apositiva.
- e) substantiva predicativa.

A oração “que buscam ingressos para os Jogos Olímpicos Rio 2016” é subordinada adjetiva restritiva, pois há pronome relativo (“que” = “os quais”) e não está separada por vírgulas, exercendo a função de adjetivo de “fãs de natação, vôlei de praia, futebol, hipismo, ginástica rítmica e tiro com arco”.

4. FGV-RJ

O yuan cai – na nossa cabeça

Assim que a China anunciou, no dia 11 [11/08/2015], que permitira uma queda de 1,9% no valor de sua moeda, o yuan, Bolsas e moedas de outros países desabaram. Foi a maior desvalorização cambial na China desde 1994. Ao baratear sua moeda e, como consequência, seus salários e seus produtos, os chineses impulsionaram suas exportações. Mas dificultam a vida da concorrência e a recuperação econômica em outros países. Entre esses sofrendores, está o Brasil.

O Brasil já vinha sentindo um baque duplo: a China em desaceleração consome menos de nossa soja e de nosso minério de ferro, e os preços desses produtos no mercado internacional estão em baixa. O Brasil normalmente vende para a China mais do que compra.

Época, 17.08.2015.

Análise o período inicial do texto

Assim que a China anunciou, no dia 11 [11/08/2015], que permitira uma queda de 1,9% no valor de sua moeda, o yuan, Bolsas e moedas de outros países desabaram.

O período está organizado a partir de uma perspectiva temporal, como indica a conjunção “Assim que”. Reescreva-o numa perspectiva de causa.

Uma das possíveis formas de reescrever o período numa perspectiva de

causa é: “Bolsas e moedas de outros países desabaram porque [visto

que] a China anunciou, no dia 11 [11.08.2015], que permitira uma queda

de 1,9% no valor de sua moeda, o yuan.”

5. PUC-GO

Sacristão — Só tenho a lamentar minha pobreza, que não me permite ajudar os amigos.

Severino — Mais pobre do que Vossa Senhoria é Severino do Aracaju, **que não tem ninguém por ele**, a não ser seu velho e pobre papo-amarelo. Mas mesmo assim eu quero ajudá-lo, porque Vossa Senhoria é meu amigo. (Tirando o dinheiro.) Três contos! Estou quase pensando em deixar o cangaço. Eu deixava vocês viverem, o bispo demitia o sacristão e me nomeava no lugar dele. Com mais uns cinquenta cachorros que se enterrassem, eu me aposentava. (Sonhador.) Podia comprar uma terrinha e ia criar meus bodes. Umaz quatro ou cinco cabeças de gado e podia-se viver em paz e morrer em paz, sem nunca mais ouvir falar no velho papo-amarelo.

Bispo — Mas é uma grande ideia, Severino.

Severino — É uma grande ideia agora, porque a polícia fugiu. Mas ela volta com mais gente e eu não dava três dias para o senhor bispo fazer o enterro do novo sacristão. [...]

SUASSUNA, Ariano. *Auto da Compadecida*. 32. ed. São Paulo: Agir, 2006. p. 109. Adaptado.

Assinale a alternativa que indica corretamente a função da oração “que não tem ninguém por ele”, presente na fala de Severino:

- Justificar o motivo pelo qual Severino se considera mais pobre do que o Sacristão.
- Provocar no Bispo um sentimento de piedade e de coação em relação à condição de solitário de Severino.
- Apresentar uma informação adicional sem valor textual-discursivo, sendo, portanto, possível suprimi-la do texto.
- Restringir a ideia expressa anteriormente como forma de especificar o personagem.

A oração “que não tem ninguém por ele” está presente no período “Mais pobre do que Vossa Senhoria é Severino do Aracaju, que não tem ninguém por ele, a não ser seu velho e pobre papo-amarelo”, sendo classificada como subordinada adjetiva explicativa, pois há um pronome relativo (“que” = “o qual” → “Severino do Aracaju”), está separada por vírgula e, portanto, indica uma explicação.

6. FGV-RJ

C8-H27

Pardais novos

Um dia o meu telefone, instalado à cabeceira de minha cama, retiniu violentamente às sete da manhã. Estremunhado tomei do receptor e ouvi do outro lado uma voz que dizia: “Mestre, sou um pardal novo. Posso ler-lhe uns versos para que o senhor me dê a sua opinião?” Ponderei com mau humor ao pardal que aquilo não eram horas para consultas de tal natureza, que ele me telefonasse mais tarde. O pardal não telefonou de novo: veio às nove e meia ao meu apartamento.

Mal o vi, percebi que não se tratava de pardal novo. Ele mesmo como que concordou que o não era, pois perguntando-lhe eu a idade, hesitou contrafeito para responder que tinha 35 anos. Ainda por cima era um pardal velho!

Desde esse dia passei a chamar de pardais novos os rapazes que me procuram para mostrar-me os seus primeiros ensaios de voo no céu da poesia. Dizem eles que desejam saber se têm realmente queda para o ofício, se vale a pena persistir etc. Fico sempre embaraçado para dar qualquer conselho. A menos que se seja um Rimbaud ou, mais modestamente, um Castro Alves, que poesia se pode fazer antes dos vinte anos? Como Mallarmé afirmou certa vez que todo verso é um esforço para o estilo, acabo aconselhando ao pardal que vá fazendo os seus versinhos, sem se preocupar com a opinião de ninguém, inclusive a minha.

[...]

BANDEIRA, Manuel, *Melhores crônicas*. São Paulo: Global Editora, 2003.

A oração sublinhada no trecho “Mal o vi, percebi que não se tratava de pardal novo” tem valor

- causal.
- final.
- concessivo.
- temporal.
- consecutivo.

Na oração “mal o vi”, “mal” é conjunção temporal, podendo ser substituída por “assim que”, “logo que”, estendendo o valor temporal para toda a estrutura destacada.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. UPE

Articulista da Forbes ironiza o status que o brasileiro dá para o automóvel

Até a americana revista *Forbes* anda rindo da obsessão do brasileiro em encarar o automóvel como símbolo de status. No último sábado, o *blog* do colaborador Kenneth Rapoza, especialista nos chamados Bric’s (Brasil, Rússia, Índia e China), trouxe um artigo intitulado “O Jeep Grand Cherokee de ridículos 80 mil dólares do Brasil”. A tese do artigo: os brasileiros confundem qualidade com preço alto e se dispõem a pagar 189 mil reais (89.500 dólares) por um carro desses que, nos Estados Unidos, é só mais um carro comum. Por esse preço, ironiza Rapoza, “seria possível comprar três Grand Cherokees se esses brasileiros vivessem em Miami junto de seus amigos.”

O articulista lembra que a Chrysler lançará o Dodge Durango SUV, que nos Estados Unidos custa 54 mil reais, no Salão do Automóvel de São Paulo por 190 mil reais. “Um professor de escola primária do Bronx pode comprar um Durango. Ok, não um zero-quilômetro, mas um de dois ou três anos, absolutamente bem conservado”, exemplifica, para mostrar que o carro supostamente não vale o quanto custa no País.

O autor salienta que o alto custo ocorre por conta da taxa de 50% em produtos importados e da ingenuida-

de do consumidor que acredita que um Cherokee tem o mesmo valor que um BMW X5 só porque tem o mesmo preço. “Desculpem, ‘Brazukas’, mas não há nenhum status em um Toyota Corolla, Honda Civic, Jeep Grand ou Dodge Durango. Não sejam enganados pelo preço de etiqueta. Vocês definitivamente estão sendo roubados.”

E conclui o artigo: “Pensando dessa maneira, imagine que um amigo americano contasse que acabou de comprar um par de Havaianas de 150 dólares. Você diria que ele pagou demais. É claro que esses chinelos são *sexy* e *chic*, mas não valem 150 dólares. Quando o assunto é carro e seu status no Brasil, as camadas mais altas estão servindo Pitu e 51 em suas caipirinhas e pensando que é bebida de alta qualidade.”

Disponível em: <www.cartacapital.com.br>. Adaptado.

No trecho

O articulista lembra que a Chrysler lançará o Dodge Durango SUV, que nos Estados Unidos custa 54 mil reais, no Salão do Automóvel de São Paulo por 190 mil reais.

, a oração em destaque

- compara duas ideias.
- apresenta a consequência de um fato anterior.

- c) insere uma explicação.
- d) opõe duas afirmações.
- e) estabelece uma restrição.

8. Unifesp – Leia o excerto do “Sermão de Santo Antônio aos peixes” de Antônio Vieira (1608-1697).

A primeira cousa que me desedifica, peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. [...] Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os tapuias se comem uns aos outros, muito maior açougue é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas: vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão de comer, e como se hão de comer. [...]

Diz Deus que comem os homens não só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe: *Plebem meam*, porque a plebe e os plebeus, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultam na república, estes são os comidos. E não só diz que os comem de qualquer modo, senão que os engolem e os devoram: *Qui devorant*. Porque os grandes que têm o mando das cidades e das províncias, não se contenta a sua fome de comer os pequenos um por um, poucos a poucos, senão que devoram e engolem os povos inteiros: *Qui devorant plebem meam*. E de que modo se devoram e comem? *Ut cibum panis*: não como os outros comerem, senão como pão. A diferença que há entre o pão e os outros comerem é que, para a carne, há dias de carne, e para o peixe, dias de peixe, e para as frutas, diferentes meses no ano; porém o pão é comer de todos os dias, que sempre e continuamente se come: e isto é o que padecem os pequenos. São o pão cotidiano dos grandes: e assim como pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseráveis pequenos, não tendo, nem fazendo ofício em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comam, traguem e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes?

VIEIRA, Antônio. Sermão do bom ladrão. In: _____. *Padre Antônio Vieira – Essencial*. Alfredo Bosi (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Santo Agostinho, que pregava aos homens, **para** encarecer a fealdade deste escândalo mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, **para** que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens.

Nas duas ocorrências, o termo “para” estabelece relação de

- a) consequência.
- b) conformidade.
- c) proporção.
- d) finalidade.
- e) causa.

9. FMABC-SP (adaptada)

Deve ser criado um imposto para financiar a saúde pública no Brasil?

NÃO

É preciso enxotar o fantasma da CPMF

A regulamentação da emenda constitucional 29 (EC29), que definirá os gastos dos municípios e Estados com os serviços de saúde, trouxe à tona um fantasma do brasileiro, o retorno da CPMF (ainda que com outra sigla), e um debate sobre o financiamento do setor.

Precisamos enxotar o fantasma e organizar o debate, pois o “encosto” procura materializar-se na legitimidade indiscutível dos gastos governamentais com a saúde.

AMORIM, Maria Cristina Sanches. Deve ser criado um imposto para financiar a saúde pública no Brasil?. *Folha de S.Paulo*, 24 set. 2011. Adaptado.

No texto, a oração

que definirá os gastos dos municípios e Estados com os serviços de saúde

está entre vírgulas, porque

- a) contesta a emenda 29.
- b) explica o propósito da emenda.
- c) traz à tona um fantasma brasileiro.
- d) enxota o fantasma brasileiro.
- e) explica um debate sobre o setor da saúde.

10. IFMA



KERBER, MÁRIO. *Vela*. Publicado em: <www.ideiasmariokerber.com>, 29 mar. 2010.

A oração

[...] para que menos florestas sejam queimadas

, presente no texto acima, exprime uma ideia de:

- a) tempo
- b) conclusão
- c) condição
- d) finalidade
- e) causa

11. UNESP – Considere a passagem de um romance de Autran Dourado (1926- 2012).

A gente Honório Cota

Quando o coronel João Capistrano Honório Cota mandou erguer o sobrado, tinha pouco mais de trinta anos. Mas já era homem sério de velho, reservado, cumpridor. Cuidava muito dos trajes, da sua aparência medida. O jaquetão de casimira inglesa, o colete de linho atravessado pela grossa corrente de ouro do relógio; a calça é que era como a de todos na cidade — de brim, a não ser em certas ocasiões (batizado, morte, casamento — então era parêntese mesmo, por igual), mas sempre muito bem passada, o vinco perfeito. Dava gosto ver:

O passo vagaroso de quem não tem pressa — o mundo podia esperar por ele, o peito magro estufado, os gestos lentos, a voz pausada e grave, descia a rua da Igreja cumprimentando cerimoniosamente, nobremente, os que por ele passavam ou os que chegavam na janela muitas vezes só para vê-lo passar.

Desde longe a gente adivinhava ele vindo: alto, magro, descarnado, como uma ave pernalta de grande porte. Sendo assim tão descomunal, podia ser desajeitado: não era, dava sempre a impressão de uma grande e ponderada figura. Não jogava as pernas para os lados nem as trazia abertas, esticava-as feito medisse os passos, quebrando os joelhos em reto.

Quando montado, indo para a sua Fazenda da Pedra Menina, no cavalo branco ajaezado de couro trabalhado e prata, aí então sim era a grande, imponente figura, que enchia as vistas. Parecia um daqueles cavaleiros antigos, fugidos do Amadis de Gaula ou do Palmeirim, quando iam para a guerra armados cavaleiros.

Autran Dourado. *Ópera dos mortos*, 1970.

No início do segundo parágrafo, por ter na frase a mesma função sintática que o vocábulo “vagaroso” com relação a “passo”, a oração “de quem não tem pressa” é considerada

- a) coordenada sindética.
- b) subordinada substantiva.
- c) subordinada adjetiva.
- d) coordenada assindética.
- e) subordinada adverbial.

12. UFAC – Leia os fragmentos a seguir.

Cientistas criam árvore artificial contra aquecimento global

Um grupo de cientistas da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, anunciou ter criado árvores artificiais que podem ajudar no combate ao aquecimento global, já que absorvem CO₂ da atmosfera quase mil vezes mais rapidamente do que árvores de verdade.

[...] Embora alguns ambientalistas critiquem os métodos de enterrar dióxido de carbono, Lackner afirma que o uso de suas árvores daria ao mundo tempo para encontrar alternativas melhores, como, por exemplo, o desenvolvimento de energias ‘limpas’, que não produzem gases.

[...] De acordo com Klaus Lackner, cada uma dessas árvores artificiais poderia absorver uma tonelada de dióxido de carbono por dia, tirando da atmosfera CO₂ equivalente ao produzido por 20 carros.

[...] ‘O mundo produz cerca de 70 milhões de carros por ano, quer dizer, a produção de unidades neste patamar é certamente possível e também existe espaço suficiente no mundo para instalar as máquinas,’ disse [...]

BBC, 8 jul. 2009. Disponível em: <www.bbc.com/portuguese>. Acesso em: nov. 2018.

A oração “que podem ajudar no combate ao aquecimento global” deve ser classificada como:

- a) Oração coordenada assindética.
- b) Oração subordinada substantiva.
- c) Oração subordinada adjetiva.
- d) Oração subordinada adverbial.
- e) Oração coordenada sindética aditiva.

13. FGV-RJ

Eram tempos menos duros aqueles vividos na casa de Tia Vicentina, em Madureira, subúrbio do Rio, onde Paulinho da Viola podia traçar, sem cerimônia, um prato de feijoada – comilança que deu até samba, “No Pagode do Vavá”. Mas como não é dado a saudades (lembre-se: é o passado que vive nele, não o contrário), Paulinho aceitou de bom grado a sugestão para que o jantar ocorresse em um dos mais requintados italianos do Rio. A escolha pela alta gastronomia tem seu preço. Assim que o sambista chega à mesa redonda ao lado da porta da cozinha, forma-se um círculo de garçons, com o maître à frente. [...]

Paulinho conta que cresceu comendo o trivial. Seu pai viveu 88 anos à base de arroz, feijão, bife e batata frita. De vez em quando, feijoada. Massa, também. “Mas nada muito sofisticado.”

Com exceção de algumas dores de coluna, aos 70 anos, goza de plena saúde. O músico creditsua boa forma ao estilo de vida, como se sabe, não dado a exageros e grandes ansiedades.

T. Cardoso, *Valor*, 28 jun. 2013. Adaptado.

À frente das frases citadas abaixo, está indicado o tipo de circunstância que elas expressam no texto. A indicação não está correta em:

- a) Causa
como não é dado a saudades
- b) Finalidade
para que o jantar ocorresse em um ... do Rio
- c) Simultaneidade
Assim que o sambista chega à mesa ... da porta da cozinha
- d) Consequência
que cresceu comendo o trivial
- e) Conformidade
como se sabe

14. IBMEC-SP

Racismo distraído

Nosso racismo tem a desculpa de ser distraído. O que nos absolve é que não nos damos conta. O Grafite não considera o seu apelido racista. Como é negro e comprido, deve achar o apelido bem bolado. Implícita neste racismo que não se reconhece está a ideia de que caricaturar carinhosamente ou infantilizar o negro é uma maneira de consolá-lo pela sua condição de diferente. Entre o negro

e o negrinho está a nossa incapacidade de dar nome certo ao preconceito.

E não é só com negros. Há anos que o humor brasileiro recorre a estereótipos raciais sem medir o insulto: o judeu sempre retratado como o avarento de sotaque carregado, o japonês invariavelmente bobo, etc., além do negro em suas várias versões de primitivo divertido.

Luis Fernando Verissimo.

No trecho,

Implícita neste racismo que não se reconhece está a ideia de que caricaturar carinhosamente ou infantilizar o negro é uma maneira de consolá-lo pela sua condição de diferente.

, as duas orações sublinhadas são classificadas, respectivamente, como:

- Subordinada adjetiva restritiva / subordinada substantiva completiva nominal
- Subordinada adjetiva restritiva / subordinada substantiva objetiva indireta
- Subordinada adjetiva explicativa / subordinada substantiva objetiva direta
- Coordenada sindética explicativa / subordinada adverbial consecutiva
- Subordinada adjetiva restritiva / subordinada substantiva objetiva direta

15. FACISB-SP – Leia o trecho de “Os jornais”, de Rubem Braga.

Meu amigo lança fora, alegremente, o jornal que está lendo e diz:

– Chega! Houve um desastre de trem na França, um acidente de mina na Inglaterra, um surto de peste na Índia. Você acredita nisso que os jornais dizem? Será o mundo assim, uma bola confusa, onde acontecem unicamente desastres e desgraças? Não! Os jornais é que normalmente falsificam a imagem do mundo e nunca publicam uma nota assim:

“Anteontem, cerca de 21 horas, na rua Arlinda, no Méier, o sapateiro Augusto Ramos, de 28 anos, casado com a senhora Deolinda Brito Ramos, 23 anos de idade, aproveitou-se de um momento em que sua consorte erguia os braços para segurar uma lâmpada para abraçá-la alegremente, dando-lhe beijos na garganta e na face, culminando em um beijo na orelha esquerda. Em vista disso, a senhora em questão voltou-se para o seu marido, beijando-o longamente na boca e murmurando as seguintes palavras: ‘Meu amor’, ao que ele retorquiu: ‘Deolinda’.

Na manhã seguinte Augusto Ramos foi visto saindo apressadamente de sua residência às 7:45 da manhã, isto é, dez minutos mais tarde do que o habitual, pois se demorou, a pedido de sua esposa, para consertar a gaiola de um canário-da-terra de propriedade do casal”.

E meu amigo:

– Se um repórter redigir essa notícia e a levar a um secretário de redação, será chamado de louco. Porque os jornais noticiam tudo, tudo, menos, uma coisa tão banal de que ninguém se lembra: a vida...

BRAGA, Rubem. *A Borboleta Amarela*. Rio de Janeiro: Editora Sabiá, 1963.

Nos segmentos para *segurar uma lâmpada* (3º parágrafo) e *se um repórter redigir essa notícia* (6º parágrafo),

encontram-se orações subordinadas que indicam, respectivamente,

- condição e concessão.
- finalidade e condição.
- finalidade e causa.
- causa e condição.
- concessão e finalidade.

16. ITA-SP

A vegetação do cerrado é influenciada pelas características do solo e do clima, bem como pela frequência de incêndios. O excesso de alumínio provoca uma alta acidez no solo, o que diminui a disponibilidade de nutrientes e o torna tóxico para plantas não adaptadas. A hipótese do escleromorfismo oligotrófico defende que a elevada toxicidade do solo e a baixa fertilidade das plantas levariam ao nanismo e à tortuosidade da vegetação.

Além disso, a variação do clima nas diferentes estações (sazonalidade) tem efeito sobre a quantidade de nutrientes e o nível tóxico do solo. Com baixa umidade, a toxicidade se eleva e a disponibilidade de nutrientes diminui, influenciando o crescimento das plantas.

Já outra hipótese propõe que o formato tortuoso das árvores do cerrado se deve à ocorrência de incêndios. Após a passagem do fogo, as folhas e gemas (aglomerados de células que dão origem a novos galhos) sofrem necrose e morrem. As gemas que ficam nas extremidades dos galhos são substituídas por gemas internas, que nascem em outros locais, quebrando a linearidade do crescimento.

Quando a frequência de incêndios é muito elevada, a parte aérea (galhos e folhas) do vegetal pode não se desenvolver e ele se torna uma planta anã. Pode-se dizer, então, que a combinação entre sazonalidade, deficiência nutricional dos solos e ocorrência de incêndios determina as características da vegetação do cerrado.

André Stella e Isabel Figueiredo. *Ciência Hoje*, março/2008, adaptado.

Considere o trecho abaixo:

Após a passagem do fogo, as folhas e gemas (aglomerados de células que dão origem a novos galhos) sofrem necrose e morrem. As gemas que ficam nas extremidades dos galhos são substituídas por gemas internas, que nascem em outros locais, quebrando a linearidade do crescimento.

Nesse trecho, as orações adjetivas permitem afirmar que

- nem todas as células produzem novos galhos.
- algumas gemas se localizam nas extremidades dos galhos.
- todas as gemas internas nascem em outros pontos do galho.

Está(ão) correta(s)

- apenas a I.
- apenas I e II.
- apenas a II.
- apenas a III.
- todas.

17. FCM-PB

Os desígnios e a caracterização da ciência aplicada

Se perguntássemos o que caracteriza efetivamente a ciência aplicada, eu diria que, essencialmente, sua condição intrínseca de observação dos fatos reais, de análise experimental em laboratório, ou em campos específicos e,

posteriormente, pelo retorno às suas fontes originais de pesquisa, como forma de intervenção, em vista de melhorias sociais e de novas descobertas técnico-científicas. Esse desdobramento final depende muito mais de ações políticas e de interesses econômicos do que propriamente da vontade dos pesquisadores ou das comunidades científicas. É desnecessário dizer que nenhuma produção do conhecimento deveria ter um fim em si mesma, ou que se destina exclusivamente a grupos restritos. Sua finalidade é fazer que, cada vez mais, pessoas sejam beneficiadas.

Decorre, nesse sentido, a realidade consequencial de que o que a ciência pode fazer pela sociedade nada mais é do que um reflexo daquilo que a sociedade tem feito pela ciência. Porém, o que, em tese, parece ser uma obviedade não é tão evidente quanto julgamos, pois essa caracterização da ciência é permanentemente contestada por fatos que atentam diariamente contra o que é essencial na vida das pessoas como, por exemplo, as garantias e os direitos fundamentais que devem servir de regra básica em todos os países cujos regimes políticos se baseiam nos princípios de uma sociedade livre e democrática.

No que concerne ao Brasil, a Constituição Federal de 1988, no seu art. 5º, estabelece que todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo a todos a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à segurança e à propriedade, o que nos leva a questionar sobre como ficam esses direitos e garantias fundamentais, quando nos deparamos com problemas relacionados à falta de infraestrutura sanitária para grande parte da população? Com a falta ou má qualidade da alimentação? A existência de doenças tropicais, cujos vetores já foram erradicados em todos os países desenvolvidos? As epidemias, de dengue, chikungunya e, mais recentemente, a contaminação causada pelo vírus zika? São perguntas para as quais não teremos respostas nos próximos 30 ou 40 anos.

Tais resoluções dependem de inovação tecnológica e pesquisas científicas, mas, sobretudo, dependem de mobilização social e nova consciência das lideranças políticas. Não nos abrandamos o fato de que, por ironia ou não, essa situação de ameaças epidêmicas não se limite aos países subdesenvolvidos.

Com muita propriedade escreveu J.L. Poersch, em 1972, no livro de síntese às teorias evolucionistas de Teilhard de Chardin, sob o título *Evolução e Antropologia no espaço e no tempo*, em que nos diz "... o centro coletor das energias cósmicas, o Homem está predestinado a crescer em valor e dignidade, em poder e grandeza, até submeter todas as

potências do mundo ao seu completo domínio". É bem verdade que, de acordo com esse conceito de pleno domínio das energias cósmicas e potências mundiais, ora contrariando, ora confirmando o que foi escrito por J.L. Poersch, avanços já foram alcançados ao longo desses últimos 50 anos como, por exemplo, as descobertas no campo da medicina. O lado injusto de todo o progresso aqui mencionado é que ele é alcançado apenas por uma parcela bem pequena da população mundial.

Direcionando nosso discurso para o campo da saúde, observemos o relato do documento interministerial elaborado conjuntamente com os Ministérios da Saúde e da Educação em 2015: "Desigualdades geográficas na distribuição de médicos podem ser encontradas em vários países e regiões. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que 50% da população mundial reside em áreas rurais remotas, mas essas áreas são servidas por menos de 25% da força de trabalho médico". Assim, fica claro que ainda há muito a ser feito para que os direitos e as garantias fundamentais sejam uma realidade extensiva a todos. [...]

LIMA, João Batista Gomes de Lima. Os designios e a caracterização da Ciência Aplicada. *O mundo da Saúde*. v. 39. nº. 4.

Considere os fragmentos:

É desnecessário dizer **que** nenhuma produção do conhecimento deveria ter um fim em si mesma [...]

[...] as garantias e os direitos fundamentais **que** devem servir de regra básica em todos os países, [...]

Sobre os elementos destacados, pode-se afirmar que:

- I. No primeiro fragmento, introduz estrutura oracional que tem função complementar.
- II. No segundo fragmento, introduz estrutura oracional de função adjetiva.
- III. Em ambos os fragmentos, introduzem estruturas oracionais que desempenham a mesma função.
- IV. No segundo fragmento, além de ter valor restritivo, exerce a função sintática de sujeito da locução verbal "devem servir".

Está(ão) correta(s):

- a) apenas I e II
- b) apenas III e IV
- c) apenas II, III e IV
- d) I, II, III e IV
- e) apenas I, II e IV

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C8-H27

O senso comum é que só os seres humanos são capazes de rir. Isso não é verdade?

Não. O riso básico – o da brincadeira, da diversão, da expressão física do riso, do movimento da face e da vocalização – nós compartilhamos com diversos animais. Em ratos, já foram observadas vocalizações ultrassônicas – que nós não somos capazes de perceber – e que eles emitem quando estão brincando de "rolar no chão". Acontecendo de o cientista provocar um dano em um local específico no cérebro, o rato deixa de fazer essa vocalização e a brincadeira vira briga séria. Sem o riso, o outro pensa que está sendo atacado. O que

nos diferencia dos animais é que não temos apenas esse mecanismo básico. Temos um outro mais evoluído. Os animais têm o senso de brincadeira, como nós, mas não têm senso de humor. O córtex, a parte superficial do cérebro deles, não é tão evoluído como o nosso. Temos mecanismos corticais que nos permitem, por exemplo, interpretar uma piada.

Disponível em: <<http://globonews.globo.com>>. Acesso em: 31 maio 2012. Adaptado.

A coesão textual é responsável por estabelecer relações entre as partes do texto. Analisando o trecho

Acontecendo de o cientista provocar um dano em um local específico no cérebro

verifica-se que ele estabelece com a oração seguinte uma relação de

- a) finalidade, porque os danos causados ao cérebro têm por finalidade provocar a falta de vocalização dos ratos.
- b) oposição, visto que o dano causado em um local específico no cérebro é contrário à vocalização dos ratos.
- c) condição, pois é preciso que se tenha lesão específica no cérebro para que não haja vocalização dos ratos.
- d) consequência, uma vez que o motivo de não haver mais vocalização dos ratos é o dano causado no cérebro.
- e) proporção, já que à medida que se lesiona o cérebro não é mais possível que haja vocalização dos ratos.

19. ESCS-DF

C8-H27

Enquanto a nutrição é uma ciência, o nutricionismo é um paradigma que classifica os alimentos de acordo com seus componentes. Para alguns, essa é uma abordagem reducionista: a qualidade da comida é entendida apenas no nível bioquímico e, mesmo nesse nível, os nutrientes são analisados isoladamente dos alimentos. É claro que essa especialização da ciência, que conseguiu entender a função de diversos nutrientes, trouxe muitos ganhos à humanidade. Se a abordagem nutricionista mantém o foco no detalhe, outros tipos de análise consideram a alimentação como um todo: não só os componentes químicos, mas também o tamanho das porções, as estratégias de *marketing* e até a companhia no momento das refeições são levados em conta. Esse olhar vem, aos poucos, ganhando influência na elaboração de políticas de saúde.

Bárbara Lopes. Comida integral. In: *Vida Simples*, out./2012 (com adaptações).

Assinale a opção que apresenta uma ideia dependente de outra expressa no período sintático e que constitui oração subordinada de natureza explicativa e introduzida por conectivo.

- a) e, mesmo nesse nível, os nutrientes são analisados isoladamente dos alimentos
- b) que conseguiu entender a função de diversos nutrientes
- c) Se a abordagem nutricionista mantém o foco no detalhe
- d) que classifica os alimentos de acordo com seus componentes
- e) Para alguns, essa é uma abordagem reducionista

20. UECE

C8-H27

Transferência de Neymar ao PSG é golpe de soft power do Catar a países do Golfo, dizem especialistas

A transferência do fenômeno brasileiro Neymar ao Paris Saint-Germain (PSG) representa uma estratégia de marketing e um golpe de *soft power* do Catar contra os países do Golfo que cortaram relações diplomáticas com o emirado. Esta é a análise de especialistas ouvidos pela agência de notícias France Presse e do comentarista da GloboNews, Marcelo Lins.

Neymar se tornou o jogador mais caro da história do futebol, com o pagamento da cláusula de rescisão no valor de € 222 milhões (R\$ 812 milhões).

Segundo Mathieu Guidere, especialista em geopolítica do mundo árabe consultado pela AFP, o anúncio da transferência do jogador ao PSG, que é de um fundo de investimentos do Catar, “foi testado entre catarianos como uma espécie de estratégia de comunicação que ofuscaria o debate em torno de outras considerações, como o terrorismo”.

Marcelo Lins, comentarista da GloboNews, afirmou que a transferência beneficia a imagem do Catar. “Um pequeno país riquíssimo em petróleo, do Golfo, que bota tanto dinheiro para dar alegria a uma torcida, ou a milhões de torcedores espalhados pelo mundo... você tem uma volta disso na imagem do Catar, que é muito grande”, disse à GloboNews. “É uma grande jogada de marketing do Catar como um todo”, acrescentou.

O Catar enfrenta a sua pior crise política em décadas, com a Arábia Saudita e outros países do Golfo tendo cortado relações diplomáticas com o emirado por acusações de apoio a grupos terroristas. O Catar nega as acusações e diz que o objetivo é prejudicar o emirado rico em gás.

Com a transferência de Neymar, Doha pode estar de olho em investir em *soft power*. O conceito de *soft power* (“poder suave”, em tradução livre) foi elaborado para definir a influência de países nas relações internacionais por meio de investimentos em ações positivas.

Esse é um golpe de *soft power*. O Catar precisa demonstrar ao mundo que, apesar de todas as acusações, é o país mais resiliente no Oriente Médio”, disse à AFP Andreas Krieg, analista de risco político no King’s College de Londres. “Ter o melhor jogador do mundo mostra ao resto do mundo que se o Catar é determinado, eles ainda têm os maiores recursos para tirar e, se necessário, usar o dinheiro que têm para promover a sua agenda”, acrescentou.

O custo da transferência de Neymar “envia um sinal muito forte para o mundo esportivo e um sinal muito forte de desafio contra os Emirados Árabes Unidos e a Arábia Saudita”, disse Krieg. “Eles queriam esse jogador e usaram o dinheiro para comprá-lo a qualquer preço”.

[...]

G1, 03 ago. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com>>. Acesso em: dez. 2018.

No enunciado

O Catar precisa demonstrar ao mundo que, apesar de todas as acusações, é o país mais resiliente no Oriente Médio, a expressão parentética “apesar de todas as acusações” estabelece com a oração com a qual está ligada uma relação de

- a) condição, pois, se o Catar não demonstrar ao mundo que é o país mais resiliente do Oriente Médio, ele continuará ainda sofrendo muitas acusações.
- b) finalidade, porque o propósito do Catar, diante de todas as acusações, é o de precisar demonstrar ao mundo que é o país mais resiliente do Oriente Médio.
- c) consequência, visto que o motivo de o Catar precisar demonstrar ao mundo que é o país mais resiliente do Oriente Médio deve-se às acusações sofridas.
- d) concessão, já que, independentemente das acusações, o Catar precisa demonstrar ao mundo que é o país mais resiliente do mundo.



WAVEBREAKMEDIA/ISTOCK

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

LITERATURA

LINGUAGENS, CÓDIGOS E SUAS TECNOLOGIAS

1

LINGUAGEM ARTÍSTICA, LITERATURA, GÊNEROS LITERÁRIOS E NÃO LITERÁRIOS

- A arte da palavra
- Panorama da literatura
- Gêneros literários e não literários

HABILIDADE

- Compreender o conceito de arte, assim como suas funções, o trabalho e produções de artistas.
- Reconhecer e utilizar os conhecimentos sobre arte, realidade e literatura.
- Identificar a arte e literatura como geradoras de significação e integração da organização do mundo e de sua identidade.
- Reconhecer a literatura como produção estética e artística.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Analisar a função da linguagem predominante nos textos em situações específicas de interlocução.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

Conceito e importância da arte

A arte está presente em todas as civilizações, tendo se firmado como elemento definidor da humanidade no transcorrer do tempo. Por meio de sua história, composta tanto de desenhos rupestres iniciais, feitos nas paredes das cavernas, como de produções contemporâneas, percebemos que o ser humano não consegue ficar sem se expressar artisticamente, o que leva à sugestão de que essa expressão nasce de uma necessidade própria do ser humano.



Pintura rupestre no Parque Nacional Serra da Capivara, Piauí, Brasil.

MARCOS AMENDI/SHUTTERSTOCK

COMO DEFINIR A ARTE

De acordo com o crítico e historiador de literatura brasileira Alfredo Bosi, existem três dimensões em uma obra de arte: o fazer, o conhecer e o exprimir.

O fazer

Para que uma obra de arte seja concebida, é preciso que a inspiração ou impulso artístico sejam desenvolvidos por meio de uma forma estética elaborada tecnicamente por quem sabe interpretar e recortar da realidade e do mundo os elementos que farão parte do todo da obra.

O conhecer

A obra de arte mantém relação intrínseca com o mundo, por isso retoma o conhecimento que obtém desse mundo. Essa ligação entre mundo e arte já foi vista de maneiras diversas em várias épocas. Os filósofos da Grécia Antiga, por exemplo,

entendiam a arte como representação da realidade. Já durante o Romantismo, a arte começou a ser entendida como “imaginação construtiva”, por meio da qual o artista seleciona, transforma e combina, da maneira como acha melhor, os elementos do mundo.

O exprimir

As formas que uma obra de arte pode vir a ter por meio do trabalho técnico são construídas de modo que expressem o estado de espírito do artista ou uma mensagem coletiva, carregada ou não das mais variadas ideologias.

Das expressões que são como o puro grito [ou] pranto até a construção mental de uma figura [artística], [...] a expressão conhece momentos diferenciados. O que fica de comum é apenas aquele pressuposto [...] que prende as formas expressivas aos movimentos da alma e do espírito.

BOSI, Alfredo. *Reflexões sobre a arte*. São Paulo: Ática, 2008. p. 13. (Fragmento).



Homens da etnia africana zulu, dançando.

O impacto da arte

É preciso lembrar que a arte é capaz de provocar em quem a observa reflexões sobre o mundo, sobre a própria pessoa ou a própria arte, além de ser forma de expressão da cultura da época em que foi produzida.

A arte no tempo

A arte sofreu mudanças e foi compreendida de maneiras diferentes nas diversas fases da humanidade. Na Antiguidade Clássica, por exemplo, a arte buscava formas equilibradas e harmoniosas. Já no século XIX, com o Romantismo, é dada mais importância ao mundo subjetivo do homem do que à proporção equilibrada das formas. A partir do século XX, surgiram muitas maneiras de entender a arte, abandonando-se a tentativa de imitação da realidade, em prol de liberdade no trabalho com cores, formas geométricas, texturas, movimentos, luzes etc.

Literatura: a arte plurissignificativa da palavra

A literatura é a arte das palavras, pois o autor, conforme a definição de Alfredo Bosi, pode utilizar suas técnicas, seu conhecimento e sua expressão para criar uma obra. O texto literário assume uma extensão plural de significados, em que o autor seleciona o vocabulário que atende à sua expressão, utiliza diferentes estruturas e molda o texto de forma que o leitor alcance o sublime ato de interpretar. Assim como uma pintura artística, que o artista escolhe o tipo de tinta, de tela, o tema, os formatos e assim por diante.

COMO DEFINIR A ARTE LITERÁRIA

O estudioso Antonio Candido descreve a natureza do texto literário, mostrando ser ele formado por três aspectos: é uma **construção**, uma **forma de expressão** e uma **forma de conhecimento**.

Construção

Observando a maneira como um texto é construído, podemos dizer se ele é literário ou não. Os poemas, romances, contos, textos teatrais etc. são objetos formados por elementos organizados cuidadosamente pelo escritor, que elabora sua obra através da escolha de palavras, imagens, sonoridades de fonemas, tipos de narrador, inversões temporais, entre outros, constituindo-a como estrutura autônoma.

Expressão

Além de constituir-se como construção, o texto literário é notável pela capacidade de expressão, ou seja, pela disposição de comunicar emoções e uma visão de mundo. No entanto, só é possível que essa expressão ocorra se ela vier embasada pela construção formal do texto. Em outras palavras, sentimo-nos tocados pela literatura quando seu conteúdo é expresso por uma forma organizada artisticamente.

Conhecimento

Ao lado da expressão das emoções e de uma visão de mundo, o texto literário também transmite conhecimentos absorvidos pelo leitor de forma consciente. Por meio da leitura, o leitor entra em contato, por exemplo, com posições críticas diferentes e trechos de nossa história.

Em alguns textos literários, é fácil perceber um posicionamento político, religioso ou social do autor. Nessas obras, há crítica à sociedade quando se denunciam seus problemas.

A função do leitor

Muito se fala sobre o texto literário apenas ganhar vida e ser visto como obra de arte a partir do momento que é lido por uma segunda pessoa, além do escritor que concebeu a obra. Isto porque o leitor

tem a função de aceitar as regras do mundo imaginário ali implícito e interpretar as milhares de camadas de significado de um texto literário, entrando neste universo e estabelecendo relações com o mundo e com o conhecimento.

A função de interlocutor exercida pelo leitor de uma obra literária é relevante a ponto de alguns autores explicitarem essa interlocução, incluindo seus leitores em suas obras, seja enunciando-os, seja dedicando-lhes capítulos em suas obras.

A LINGUAGEM LITERÁRIA

Sentido conotativo e denotativo

O bom leitor é capaz de perceber se as palavras lidas são empregadas no sentido conotativo ou denotativo da linguagem. Saber fazer essa diferenciação permite que se apreenda, de maneira mais completa, o significado do texto.

O texto literário costuma empregar várias expressões de maneira conotativa. Esse uso também é comum em tipos textuais e outros gêneros como tirinhas, propagandas, conversas cotidianas, letras de músicas e obras de arte, por exemplo.

PANORAMA DA LITERATURA

A literatura está entre as manifestações artísticas com que lidamos na vida cotidiana, tal como a pintura, a dança, a escultura, a música, o cinema e o desenho. O que a diferencia das demais manifestações é a ferramenta de sua expressão: a palavra. Uma vez que não conta em sua essência com recursos visuais, a literatura cria condições para que o leitor realize o duplo exercício de percepção subjetiva da mensagem criada pelo autor: ler e concretizar. Esse duplo exercício provoca no leitor a construção mental, apenas por meio das palavras, do universo particular e abstrato (envolvendo personagens, ações, ambientes, emoções) criado então pelo autor.

A literatura nasce exatamente da leitura subjetiva da realidade, filtrada pela criatividade e pela sensibilidade de quem produz um texto literário, em um movimento de inspiração. Esse exercício é chamado de captura do suprarrealismo, ou seja, é o exercício de descerrar, de interpretar o que está por trás ou além da realidade que todos veem. Esse feito possibilita que o leitor seja capaz de enxergar além do comum.

Para além de transgredir os limites do comum, um outro papel fundamental da literatura consiste no registro histórico, com vieses artísticos, de toda a trajetória de uma nação ou de um grupo social durante séculos. No caso da literatura brasileira, os autores a seguir possibilitam compreender os mais particulares e diversos recortes e aspectos da história social e psicológica do povo de que fazemos parte. Cronologicamente, temos: alguns

poemas de Gregório de Matos e Carlos Drummond de Andrade, e os romances *Iracema*, de José de Alencar, *O Cortiço*, de Aluísio Azevedo, *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, *O Quinze*, de Rachel de Queirós, *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, *São Bernardo*, de Graciliano Ramos, *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, *Caminhos Cruzados*, de Erico Veríssimo, além de outros.

Para um estudo completo da literatura, deve-se considerar, portanto, duas vertentes. Normalmente identificada como teoria literária, a primeira delas é formada pelos recursos técnicos que estruturam uma obra literária. Nelas, o autor se ancora, conforme a sua necessidade, para a produção de um determinado tipo de composição. Aqui, portanto, tem-se em conta se o material é poema ou texto narrativo, além das particularidades do estilo individual desse autor e das do próprio tema da obra em produção. Já a segunda vertente do estudo literário identifica-se como história da literatura, considerando, portanto, a análise dos estilos de cada época social e histórica, os escritores e as respectivas obras literárias.

GÊNEROS LITERÁRIOS E NÃO LITERÁRIOS

Ao se pensar na construção de um texto literário, o objetivo do autor representa o pontapé inicial. A partir dele, segue-se então a escolha do tipo de linguagem a empregar e outros aspectos formais.

Tendo em conta esses fatores, para que determinado texto seja identificado como obra literária, vários aspectos devem ser considerados. Um deles diz respeito à própria definição de obra literária, que se dá pela análise da linguagem empregada pelo autor. Para o caso de uma abordagem relacionada a recortes histórico-sociais, inclusive científicos, a necessidade de clareza, de forma a não deixar dúvida quanto ao significado de sua mensagem, torna-se imperativa; certamente aqui nos referimos a um texto não literário. Tal exercício nos permite melhor entender, portanto, que textos didáticos, científicos, manuais de instrução, bulas de medicamento, orientações em geral, além de outros tipos, se enquadram no modelo de texto não literário.

No que se refere ao texto literário propriamente dito, uma das características basilares refere-se ao descompromisso com o real e os fatos. Assim, espera-se que esta natureza de texto transite, sobretudo, na realidade filtrada pelo autor, que tem liberdade de (re) criar em maior ou menor grau. Para tanto, mune-se das mais diversas e heterogêneas estratégias: criatividade, originalidade, imaginação, extrapolação do crível e do humanamente possível, linguagem conotativa. Para se avaliar se o texto literário tem qualidade ou não, tem-se em conta, fundamentalmente, a capacidade de seu produtor em recriar o mundo sem torná-lo ilegível.

Portanto, o que caracteriza o texto como literário é a subjetividade, na opacidade em apresentar os fatos, como se propusesse um jogo de identificação com o leitor, como na criação de situações comuns, na citação de referências do universo popular e no uso da terceira pessoa do plural.

GÊNEROS LITERÁRIOS NA GRÉCIA ANTIGA

Tendo como referência a divisão estabelecida ainda na Grécia Antiga (Aristóteles), pode-se classificar os gêneros literários enquanto épico, dramático e lírico.

ÉPICO

Todo e qualquer texto épico é tecido por grandes aventuras, permeado por guerras, conquistas, derrotas etc. Não por acaso, a sua estrutura apresenta-se bem mais extensa do que o habitual. Grande parte desses textos traça o perfil de um herói, de um povo ou de uma nação. A sua estrutura narrativa dá-se sempre a partir da terceira pessoa, com requintes de impessoalidade e quase nenhuma subjetividade. Quanto à linguagem, ela é clássica, no sentido da gramática, da elegância e do equilíbrio, em tom quase constante de exaltação, como pode-se notar no trecho extraído da epopeia *Odisseia*, de Homero.

Chegamos à ilha eólia, onde o Hipótade Éolo morava sobre a ilha digavante, caro aos deuses. Cinge-a o muro brônzeo infrangível, acima a rocha lisa corre. Doze filhos compunham sua prole no solar: metade, mulheres; o restante, moços vigorosos: aos seis fez desposar os seis.

Banqueteavam-se sempre no lar dos pais, vianda lauta ao lado, o paço fúmeo de gordura ressoando no pátio dia adentro.

À noite, recolhiam-se com as consortes estimadas, sob as colchas, em leitos cinzelados. Fomos ter também nessa cidade e em seu magnífico palácio.

HOMERO. Canto 10. In: *Odisseia*.

DRAMÁTICO

Especialmente idealizado e produzido para a representação em palco, na forma de teatro, o gênero dramático traz mais textos em prosa do que em versos. A linguagem então orientada para a peça teatral permite o uso de cenários ou até mesmo ser representada sem nenhum aparato além da interpretação dos artistas — voz, gestual, expressividade. Outro caráter essencial da dramaturgia: o diálogo, como se percebe nesse trecho da obra *Helena*, apresentada por Eurípides (485-406 a.C.), seu autor, durante a edição de 412 a.C. do festival das Dionísias Urbanas, em Atenas.

De uma lista extensa de consagrados escritores de peças teatrais, William Shakespeare é, sem dúvida, o mais famoso. Transitou por vários gêneros, tanto comédias

quanto tragédias: *Romeu e Julieta*; *Hamlet*; *Otelo* etc.

Conheça algumas importantes peças teatrais do teatro grego antigo:

- *Édipo Rei*, de Sófocles
- *Medeia*, de Eurípides
- *Prometeu acorrentado*, de Ésquilo
- *Lisístrata*, de Aristófanes

No Brasil, destacam-se as peças:

- *Toda nudez será castigada*, de Néelson Rodrigues
- *O bem-amado*, de Dias Gomes
- *Auto da compadecida*, de Ariano Suassuna

LÍRICO

Esse gênero literário caracteriza-se fundamentalmente pela subjetividade do autor; por isso, é escrito em primeira pessoa, o que permite, assim, uma certa facilidade em se identificar emoções, angústias, expectativas, bem-estar pessoal, ou seja, o que vai no íntimo do emissor. Neste contexto, fica implícito que o conteúdo tem origem na problemática pessoal, da visão de mundo, da realidade particular do eu lírico, representante do autor.

O termo lírico advém do instrumento musical usado na Grécia Antiga quando se cantava ou se declamava uma poesia: a lira. Não é à toa que a declamação de uma poesia apresenta ritmo e musicalidade.

OUTROS GÊNEROS LITERÁRIOS

A prosa traz uma característica essencial e que a diferencia, por exemplo, da produção em versos: desenvolve uma linguagem mais espontânea, mais próxima da maneira como as pessoas falam no dia a dia. Já na escrita, costuma ocupar a folha de papel de margem a margem, evoluindo de parágrafo em parágrafo. Quando assume a forma de versos, em geral as palavras se distribuem estrategicamente pelo papel, o que denota uma certa preocupação com musicalidade, ritmo e rimas. Assim, muito em parte por esses aspectos, a linguagem em prosa é mais fluente e natural.

CONTO

As palavras de ordem, neste gênero literário, são “menos é mais”. Isso porque, na construção de um conto, as ações são desenvolvidas em torno de um único conflito ou tema, trazendo um número limitado de personagens, em tempo de ação curto. Como o espaço físico e temporal são significativamente restritos — tudo pode acontecer dentro de um único aposento — o contista recorre a essa compactação e rapidez apoiando-se em três recursos: inicia a narrativa a meio caminho do desfecho; emprega intensivamente o diálogo, o que agiliza as ações e desvenda mais rapidamente o perfil psicológico das personagens; prende-se a fatos próximos da verossimilhança, permitindo então ao leitor

que se insira no contexto social e dos fatos do conto por si mesmo.

CRÔNICA

As ações cotidianas também são marca registrada da crônica, permitindo então que o cronista desenvolva reflexões críticas, filosóficas ou humorísticas, no geral, sem grande comprometimento, a respeito da vida que corre no dia a dia. Tal permite que a linguagem seja despojada, comumente coloquial. Muitas vezes é confundida com o conto moderno não só pelo tamanho, mas também porque a crônica merece estudos mais detidos para seu enquadramento. É importante registrar uma diferença significativa entre o conto: na crônica, não deve haver ninguém com caracterização própria de personagem no sentido ficcional, como perfil psicológico, personalidade e participação em ações que caracterizem enredo.

ROMANCE

É produzido a partir de narrativas longas, com enredo de considerável complexidade. Traz muitos personagens, tendo como pano de fundo um recorte temporal maior para se chegar ao seu desfecho; as ações desenvolvem-se por vários e amplos espaços, por células ou núcleos temáticos (conflitos) diversificados, por temas e subtemas — características, portanto, que as diferenciam do conto. Neste gênero, observa-se a recorrente participação de personagens em mais de um núcleo. Isso se dá porque, como um dos temas é o básico, o principal, há convergência das ações no sentido da solução do conflito básico — tema principal. Todos esses elementos criam uma atmosfera de alta complexidade narrativa, tornando então lento o desenvolvimento no romance, e a sua proposta mais reflexiva.

O romance foi introduzido no Brasil com o Romantismo, sendo nossa literatura pródiga nesse gênero, seja quanto à quantidade de autores, seja quanto à qualidade de inúmeros textos.

NOVELA

No espectro entre o romance e o conto — quanto a tamanho, desenvolvimento e complexidade — a novela constrói as suas ações de forma mais ágil que as do romance, pela menor complexidade e menor dose de situações reflexivas. Assim, acaba por apresentar situa-

ções mais dramáticas que o romance, já que se escora no sentido máximo da problemática individual, revelando, às vezes, independência entre conflitos e nem sempre convergência das ações para um mesmo núcleo temático (célula), porque o tema básico, o conflito principal, não é uma constante como no romance. Diversos críticos e professores consideram que a unidade da novela se mantém pela presença da mesma personagem em vários núcleos ou células (conflito, tema).

Alguns exemplos de novelas da literatura brasileira são *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, de Jorge Amado, e *O alienista*, de Machado de Assis.

A principal diferença entre romance, novela e conto é a extensão da narrativa.

Ao analisar uma narrativa, consideram-se alguns elementos:

Enredo	Fatos que formam a narrativa.
Personagens	Aqueles que atuam na narrativa. O personagem principal também é chamado protagonista.
Tempo	Período em que os fatos se desenrolam.
Espaço	Local onde os fatos acontecem.
Conflito	Situação que gera a instabilidade dos fatos narrados.
Clímax	Momento de maior tensão na trama.
Desfecho	Desenlace da narrativa.
Foco narrativo	Em primeira ou terceira pessoa, de acordo com o ponto de vista do narrador.

ROTEIRO DE AULA

LINGUAGEM ARTÍSTICA E LITERATURA

A arte

tem na literatura uma de suas formas de expressão, pois

é composta de três dimensões:

o texto literário

é formada de processos como construção, expressão e conhecimento.

o fazer, o conhecer e o exprimir.

é a arte das palavras, pois o autor, pode utilizar suas técnicas, seu conhecimento e sua expressão para criar uma obra.

cuja linguagem predominante é a conotativa, uma vez que

no texto literário as palavras podem ser desdobras em diferentes sentidos.

ROTEIRO DE AULA

GÊNEROS LITERÁRIOS E NÃO LITERÁRIOS

são

gêneros literários

formas de materialização dos
textos.

gêneros não literários

originados na
Grécia Antiga

o gênero épico, o gênero dra-
mático (tragédia, comédia e
drama) e o gênero lírico.

o conto, a crônica, o
romance e a novela.

textos didáticos, científicos, ma-
nuais de instrução, bulas de medi-
camento, orientações em geral etc.

cujas produções em língua
portuguesa são historica-
mente sistematizadas nas
escolas/estilos

Trovadorismo, Humanismo, Classicismo, Barroco, Arca-
dismo (Neoclassicismo), Romantismo, Realismo, Natu-
ralismo, Parnasianismo, Simbolismo, Pré-Modernismo e
Modernismo.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Enem

Cabeludinho

Quando a Vó me recebeu nas férias, ela me apresentou aos amigos: Este é meu neto. Ele foi estudar no Rio e voltou de ateu. Ela disse que eu voltei de ateu. Aquela preposição deslocada me fantasiava de ateu. Como quem dissesse no Carnaval: aquele menino está fantasiado de palhaço. Minha avó entendia de regências verbais. Ela falava de sério. Mas todo-mundo riu. Porque aquela preposição deslocada podia fazer de uma informação um chiste. E fez. E mais: eu acho que buscar a beleza nas palavras é uma solenidade de amor. E pode ser instrumento de rir. De outra feita, no meio da pelada um menino gritou: Disilimina esse, Cabeludinho. Eu não disiliminei ninguém. Mas aquele verbo novo trouxe um perfume de poesia à nossa quadra. Aprendi nessas férias a brincar de palavras mais do que trabalhar com elas. Comecei a não gostar de palavra engavetada. Aquela que não pode mudar de lugar. Aprendi a gostar mais das palavras pelo que elas entoam do que pelo que elas informam. Por depois ouvi um vaqueiro a cantar com saudade: Ai morena, não me escreve/ que eu não sei a ler. Aquele a preposto ao verbo ler, ao meu ouvir, ampliava a solidão do vaqueiro.

BARROS, Manoel de. *Memórias inventadas: a infância*. São Paulo: Planeta, 2003.

No texto, o autor desenvolve uma reflexão sobre as diferentes possibilidades de uso da língua e os sentidos que esses usos podem produzir, a exemplo das expressões “voltou de ateu”, “disilimina esse” e “eu não sei a ler”. Com essa reflexão, o autor destaca:

- a) os desvios linguísticos cometidos pelos personagens do texto.
- b) a importância de certos fenômenos gramaticais para o conhecimento da língua portuguesa.
- c) a distinção clara entre a norma culta e as outras variedades linguísticas.
- d) o relato fiel de episódios vividos por Cabeludinho durante as suas férias.
- e) a valorização da dimensão lúdica e poética presente nos usos coloquiais da linguagem.

O autor vê a ludicidade e a beleza poética da linguagem prosaica, aproximando-a da linguagem literária. Como é típico da poética de Manoel de Barros, há, nesse texto, a predominância da linguagem que foge da mera funcionalidade. O eu lírico desse poema em prosa mostra que é a “brincadeira” com as possibilidades linguísticas que o atrai, isto é, o lúdico ganha destaque e, portanto, transforma-se em poesia no uso que ele faz da língua.

2. UERJ

Autorretrato falado

Venho de um Cuiabá garimpo e de ruelas entortadas.

Meu pai teve uma venda de bananas no Beco da Marinha, onde nasci.

Me criei no Pantanal de Corumbá, entre bichos do chão, pessoas humildes, aves, árvores e rios.

Aprecio viver em lugares decadentes por gosto de estar entre pedras e lagartos.

Fazer o desprezível ser prezado é coisa que me apraz.

Já publiquei 10 livros de poesia; ao publicá-los me sinto como que desonrado e fujo para o Pantanal onde sou

abençoado a garças.

Me procurei a vida inteira e não me achei – pelo que fui salvo.

Descobri que todos os caminhos levam à ignorância.

Não fui para a sarjeta porque herdei uma fazenda de gado. Os bois me recriam.

Agora eu sou tão ocaso!

Estou na categoria de sofrer do moral, porque só faço coisas inúteis.

No meu morrer tem uma dor de árvore.

BARROS, Manoel de. *Poesia completa*. São Paulo: Leya, 2010.

Uma obra literária pode combinar diferentes gêneros, embora, de modo geral, um deles se mostre dominante. O poema de Manoel de Barros, predominantemente lírico, apresenta características de um outro gênero. Identifique esse gênero.

Apesar de o poema ser lírico, possui traços narrativos, já que conta a história da origem do eu lírico.

3. FGV-SP

Não dá para acreditar, mas Donald Trump também é cultura. Nenhuma outra figura pública tem incentivado mais a leitura e compra de livros em Trumpolândia do que ele. E não são xaropadas de autoajuda, intrigas de espionagem e futricas sobre celebridades, mas obras de comprovada qualidade e urgente serventia, cujas vendas se multiplicaram depois e por causa de sua eleição.

Entre os mais vendidos na Amazon e também em livrarias físicas, nas últimas semanas, figuram três clássicas distopias – 1984 (de George Orwell), *O Complô contra a América* (de Philip Roth) e *It Can't Happen Here* (de Sinclair Lewis) – acompanhadas de um histórico ensaio que, por vias indiretas, as contextualiza: *Origens do Totalitarismo*, de Hannah Arendt.

O pesadelo futurista de Orwell e as análises de Arendt, ambos já com quase 70 anos de circulação e ininterrupta renovação de leitores, são *best-sellers* recorrentes em períodos de perplexidade e surto autoritário como o que a América atravessa.

[...]

Sérgio Augusto, *O Estado de S. Paulo*, 18/02/2017.

Tendo em vista o contexto, é possível, a partir do texto, inferir se a frase “Donald Trump também é cultura” deve ser entendida como elogio ou como ironia? Justifique sua resposta.

A frase deve ser entendida como total ironia, pois a eleição do presiden-

te Donald Trump elevou a procura por obras clássicas que questionam

momentos da história e fazem reflexões necessárias sobre o andamento

de uma sociedade.

4. UFF-RJ – Assinale a opção correta.

- a) O Modernismo relaciona-se com um modo de escrever que pretende discutir a criação literária e produzir a simplicidade e a métrica do pastoralismo.
- b) O Neoclassicismo relaciona-se com um modo de escrever que reproduz a arte barroca tal como ela era.
- c) O Realismo relaciona-se com um modo de escrever que se caracteriza pela musicalidade, pela sinestesia e pelas aliterações.
- d) O Simbolismo relaciona-se com um modo de escrever que apresenta a realidade tal como ela é.
- e) O Romantismo relaciona-se com um modo de escrever que adota a estética da expressão do eu autoral.

Desvinculando-se dos padrões até então tradicionais, o Romantismo utilizou-se de sentimentalismo e subjetivismo para dar forma à estética da expressão do eu autoral.

5. Vunesp (adaptada) – Para responder à questão, leia o seguinte verbete do Dicionário de comunicação, de Carlos Alberto Rabaça e Gustavo Barbosa:

Crônica

Texto jornalístico desenvolvido de forma livre e pessoal, a partir de fatos e acontecimentos da atualidade, com teor literário, político, esportivo, artístico, de amenidades etc. Segundo Muniz Sodré e Maria Helena Ferrari, a crônica é um meio-termo entre o jornalismo e a literatura: “do primeiro, aproveita o interesse pela atualidade informativa, da segunda imita o projeto de ultrapassar os simples fatos”. O ponto comum entre a crônica e a notícia ou a reportagem é que o cronista, assim como o repórter, não prescinde do acontecimento. Mas, ao contrário deste, ele “pára” sobre os fatos, “fazendo com que se destaque no texto o enfoque pessoal (onde entram juízos implícitos e explícitos) do autor”. Por outro lado, o editorial difere da crônica, pelo fato de que, nesta, o juízo de valor se confunde com os próprios fatos expostos, sem o dogmatismo

do editorial, no qual a opinião do autor (representando a opinião da empresa jornalística) constitui o eixo do texto.

Dicionário de comunicação, 1978.

De acordo com o verbete, o editorial representa sempre

- a) o julgamento dos leitores.
- b) a opinião do repórter.
- c) a crítica a um fato político.
- d) a resposta a outros veículos de comunicação.
- e) o ponto de vista da empresa jornalística.

No editorial, o texto escrito manifesta o ponto de vista da própria empresa jornalística.

6. Enem

C5-H16

Segundo quadro

Uma sala da prefeitura. O ambiente é modesto. Durante a mutação, ouve-se um dobrado e vivas a Odorico, “viva o prefeito” etc. Estão em cena Dorotéia, Juju, Dirceu, Dulcinéia, o vigário e Odorico. Este último, à janela, discursa.

ODORICO — Povo sucupirano! Agoramente já investido no cargo de Prefeito, aqui estou para receber a confirmação, a ratificação, a autenticação e por que não dizer a sagração do povo que me elegeu.

Aplausos vêm de fora.

ODORICO — Eu prometi que o meu primeiro ato como prefeito seria ordenar a construção do cemitério.

Aplausos, aos quais se incorporam as personagens em cena.

ODORICO — (Continuando o discurso:) Botando de lado os entretantos e partindo pros finalmente, é uma alegria poder anunciar que praferentemente vocês já poderão morrer descansados, tranquilos e desconstrangidos, na certeza de que vão ser sepultados aqui mesmo, nesta terra morna e cheirosa de Sucupira. E quem votou em mim, basta dizer isso ao padre na hora da extrema-unção, que tem enterro e cova de graça, conforme o prometido.

GOMES, Dias. *O bem-amado*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2012.

O gênero peça teatral tem o entretenimento como uma de suas funções. Outra função relevante do gênero, explícita nesse trecho de *O bem-amado*, é

- a) criticar satiricamente o comportamento de pessoas públicas.
- b) denunciar a escassez de recursos públicos nas prefeituras do interior.
- c) censurar a falta de domínio da língua padrão em eventos sociais.
- d) despertar a preocupação da plateia com a expectativa de vida dos cidadãos.
- e) questionar o apoio irrestrito de agentes públicos aos gestores governamentais.

A crônica aborda situações do cotidiano a partir da perspectiva do autor que pode substancia-la de considerações críticas, filosóficas ou noticiosas, geralmente relacionada ao tempo que está sendo narrado. Portanto, as afirmações I e III são as que melhores se enquadram ao gênero. Diferentemente da afirmação II que afirma se tratar de texto meramente contativo de caráter objetivo.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Enem



ERNESTO NETO. *Dengo*. 2010. MAM-SP, 2010. Disponível em: <<http://espacohumus.com>>. Acesso em: 21 jun. 2018.

A instalação *Dengo* transformou a sala do MAM-SP em um ambiente singular, explorando como principal característica artística a

- participação do público na interação lúdica com a obra.
- distribuição de obstáculos no espaço da exposição.
- representação simbólica de objetos oníricos.
- interpretação subjetiva da lei da gravidade.
- valorização de técnicas de artesanato.

8. Fuvest-SP – Leia este texto, publicado em 1905.

Por toda parte, a verbiagem*, oca, inútil e vã, a retórica [...] pomposa, a erudição míope, o aparato de sabedoria resumem toda a elaboração intelectual. [...] Aceitam-se e proclamam-se os mais altos representantes da intelectualidade: os retóricos inveterados, cuja palavra abundante e preciosa impõe-se como sinal de gênio, embora não se encontrem nos seus longos discursos e muitos volumes nem uma ideia original, nem uma só observação própria. E disto ninguém se escandaliza; o escândalo viria se houvesse originalidade.

Manoel Bomfim, *A América Latina: males de origem*. (Adaptado).

**verbiagem*: falatório longo mas com pouco sentido ou utilidade; verbosagem.

O sentido que se atribui, no texto, à palavra “retórica” é o de “arte da eloquência, arte de bem argumentar; arte da palavra” (Houaiss)? Justifique.

9. Unicamp-SP – Leia, a seguir, um excerto de “Terrorismo Literário”, um manifesto do escritor Ferréz.

A capoeira não vem mais, agora reagimos com a palavra, porque pouca coisa mudou, principalmente para nós. A literatura marginal se faz presente para representar a cultura de um povo composto de minorias, mas em seu todo uma maioria.

A Literatura Marginal, sempre é bom frisar, é uma literatura feita por minorias, sejam elas raciais ou socioeconômicas. Literatura feita à margem dos núcleos centrais do saber e da grande cultura nacional, isto é, de grande poder aquisitivo. Mas alguns dizem que sua principal característica é a linguagem, é o jeito que falamos, que contamos a história, bom, isso fica para os estudiosos.

Cansei de ouvir: – “Mas o que cês tão fazendo é separar a literatura, a do gueto e a do centro”. E nunca cansarei de responder: – “O barato já tá separado há muito tempo, foi feito todo um mundo de teses e de estudos do lado de lá, e do de cá mal terminamos o ensino dito básico”.

Ferréz, “Terrorismo literário”, em Ferréz (Org.), *Literatura marginal: talentos da escrita periférica*. Rio de Janeiro: Agir, 2005, p. 9, 12, 13.

Ferréz defende sua proposta literária como uma

- descoberta de que é preciso reagir com a palavra para que não haja separação entre a grande cultura nacional e a literatura feita por minorias.
- comprovação de que, sendo as minorias de fato uma maioria, não faz sentido distinguir duas literaturas, uma do centro e outra da periferia.
- manifestação de que a literatura marginal tem seu modo próprio de falar e de contar histórias, já reconhecido pelos estudiosos.
- constatação de que é preciso reagir com a palavra e mostrar-se nesse lugar marginal como literatura feita por minorias que juntas formam uma maioria.

10. Enem

No Brasil, a origem do *funk* e do *hip-hop* remonta aos anos 1970, quando da proliferação dos chamados “bailes *black*” nas periferias dos grandes centros urbanos. Embalados pela *black music* americana, milhares de jovens encontravam nos bailes de final de semana uma alternativa de lazer antes inexistente. Em cidades como o Rio de Janeiro ou São Paulo, formavam-se equipes de som que promoviam bailes onde foi se disseminando um estilo que buscava a valorização da cultura negra, tanto na música como nas roupas e nos penteados. No Rio de Janeiro ficou conhecido como “Black Rio”. A indústria fonográfica descobriu o filão e, lançando discos de “equipe” com as músicas de sucesso nos bailes, difundia a moda pelo restante do país.

DAYRELL, J. *A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude*. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

A presença da cultura hip-hop no Brasil caracteriza-se como uma forma de

- lazer gerada pela diversidade de práticas artísticas nas periferias urbanas.
- entretenimento inventada pela indústria fonográfica nacional.
- subversão de sua proposta original já nos primeiros bailes.

- d) afirmação de identidade dos jovens que a praticam.
- e) reprodução da cultura musical norte-americana.

11. Unicamp-SP

BRUNO FONSECA/MUSEU MAZZAROPPI



Bruno Fonseca. Facebook. Disponível em: <www.facebook.com/museumazzaroppi/>. Acesso em: jun. 2018.

Considerando os sentidos produzidos pela tirinha, é correto afirmar que o autor explora o fato de que palavras como “ontem”, “hoje” e “amanhã”:

- a) mudam de sentido dependendo de quem fala.
- b) adquirem sentido no contexto em que são enunciadas.
- c) deslocam-se de um sentido concreto para um abstrato.
- d) evidenciam o sentido fixo dos advérbios de tempo.

12. Enem

O trovador

Sentimentos em mim do asperamente
dos homens das primeiras eras...

As primaveras do sarcasmo
intermitentemente no meu coração arlequinal...
Intermitentemente...

Outras vezes é um doente, um frio
na minha alma doente como um longo som redondo...
Cantabona! Cantabona!
Dlorom...

Sou um tupi tangendo um alaúde!

ANDRADE, Mário de. In: MANFIO, D. Z. (Org.) *Poesias completas de Mário de Andrade*. Belo Horizonte: Itatiaia, 2005.

Cara ao Modernismo, a questão da identidade nacional é recorrente na prosa e na poesia de Mário de Andrade. Em “O trovador”, esse aspecto é:

- a) abordado subliminarmente, por meio de expressões como “coração arlequinal” que, evocando o carnaval, remete à brasilidade.
- b) verificado já no título, que remete aos repentistas nordestinos, estudados por Mário de Andrade em suas viagens e pesquisas folclóricas.
- c) lamentado pelo eu lírico, tanto no uso de expressões como “Sentimentos em mim do asperamente” (v. 1), “frio” (v. 6), “alma doente” (v. 7), como pelo som triste do alaúde “Dlorom” (v. 9).
- d) problematizado na oposição tupi (selvagem) x alaúde (civilizado), apontando a síntese nacional que seria proposta no Manifesto Antropófago, de Oswald de Andrade.
- e) exaltado pelo eu lírico, que evoca os “sentimentos dos homens das primeiras eras” para mostrar o orgulho brasileiro por suas raízes indígenas.

13. Enem

Tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e nasceu a vida. Mas antes da pré-história havia a pré-história da pré-história e havia o nunca e havia o sim. Sempre houve. Não sei o quê, mas sei que o universo jamais começou.

[...]

Enquanto eu tiver perguntas e não houver resposta continuarei a escrever. Como começar pelo início, se as coisas acontecem antes de acontecer? Se antes da pré-pré-história já havia os monstros apocalípticos? Se esta história não existe, passará a existir. Pensar é um ato. Sentir é um fato. Os dois juntos – sou eu que escrevo o que estou escrevendo. [...] Felicidade? Nunca vi palavra mais doída, inventada pelas nordestinas que andam por aí aos montes.

Como eu irei dizer agora, esta história será o resultado de uma visão gradual – há dois anos e meio venho aos poucos descobrindo os porquês. É visão da iminência de. De quê? Quem sabe se mais tarde saberei. Como que estou escrevendo na hora mesma em que sou lido. Só não inicio pelo fim que justificaria o começo – como a morte parece dizer sobre a vida – porque preciso registrar os fatos antecedentes.

LISPECTOR, Clarice. *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. (Fragmento).

A elaboração de uma voz narrativa peculiar acompanha a trajetória literária de Clarice Lispector, culminada com a obra *A hora da estrela*, de 1977, ano da morte da escritora. Nesse fragmento, nota-se essa peculiaridade porque o narrador:

- a) observa os acontecimentos que narra sob uma ótica distante, sendo indiferente aos fatos e às personagens.
- b) relata a história sem ter tido a preocupação de investigar os motivos que levaram aos eventos que a compõem.
- c) revela-se um sujeito que reflete sobre questões existenciais e sobre a construção do discurso.
- d) admite a dificuldade de escrever uma história em razão da complexidade para escolher as palavras exatas.
- e) propõe-se a discutir questões de natureza filosófica e metafísica, incomuns na narrativa de ficção.

14. Enem

Texto I



Hagar. Folha de S. Paulo.

Texto II

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...

Por isso minha aldeia é grande como outra qualquer

Porque sou do tamanho do que vejo

E não do tamanho da minha altura...

Alberto Caeiro

A tira Hagar e o poema de Alberto Caeiro (um dos heterônimos de Fernando Pessoa) expressam, com

linguagens diferentes, uma mesma ideia: a de que a compreensão que temos do mundo é condicionada, essencialmente:

- a) pelo alcance de cada cultura.
- b) pela capacidade visual do observador.
- c) pelo senso de humor de cada um.
- d) pela idade do observador.
- e) pela altura do ponto de observação.

15. Enem

As atrizes

Naturalmente
Ela sorria
Mas não me dava trela
Trocava a roupa
Na minha frente
E ia bailar sem mais aquela
Escolhia qualquer um
Lançava olhares
Debaixo do meu nariz
Dançava colada
Em novos pares
Com um pé atrás
Com um pé a fim
Surgiram outras
Naturalmente
Sem nem olhar a minha cara
Tomavam banho
Na minha frente
Para sair com outro cara
Porém nunca me importei
Com tais amantes
[...]
com tantos filmes
Na minha mente
É natural que toda atriz
Presentemente represente
Muito para mim

BUARQUE, Chico. *Carioca*. Rio de Janeiro: Biscoito Fino, 2006. (Fragmento).

Na Canção, Chico Buarque trabalha uma determinada função da linguagem para marcar a subjetividade do eu lírico ante as atrizes que ele admira. A intensidade dessa admiração está marcada em:

- a) “Naturalmente
Ela sorria
Mas não me dava trela”.
- b) “Tomavam banho
Na minha frente
Para sair com outro cara”.
- c) “Surgiram outras
Naturalmente
Sem nem olhar a minha cara”.

- d) “Escolhia qualquer um
Lançava olhares
Debaixo do meu nariz”.
- e) “É natural que toda atriz
Presentemente represente
Muito para mim”.

16. Vunesp (adaptada) – A questão toma por base uma crônica de Luis Fernando Verissimo.

A invasão

A divisão ciência/humanismo se reflete na maneira como as pessoas, hoje, encaram o computador. Resiste-se ao computador, e a toda a cultura cibernética, como uma forma de ser fiel ao livro e à palavra impressa. Mas o computador não eliminará o papel. Ao contrário do que se pensava há alguns anos, o computador não salvará as florestas. Aumentou o uso do papel em todo o mundo, e não apenas porque a cada novidade eletrônica lançada no mercado corresponde a um manual de instrução, sem falar numa embalagem de papelão e num embrulho para presente. O computador estimula as pessoas a escreverem e imprimirem o que escrevem. Como hoje qualquer um pode ser seu próprio editor, paginador e ilustrador sem largar o mouse, a tentação de passar sua obra para o papel é quase irresistível.

Desconfio que o que salvará o livro será o supérfluo, o que não tem nada a ver com conteúdo ou conveniência. Até que lancem computadores com cheiro sintetizado, nada substituirá o cheiro de papel e tinta nas suas duas categorias inimitáveis, livro novo e livro velho. E nenhuma coleção de gravações ornamentará uma sala com o calor e a dignidade de uma estante de livros. A tudo que falta ao admirável mundo da informática, da cibernética, do virtual e do instantâneo acrescenta-se isso: falta lombada. No fim, o livro deverá sua sobrevida à decoração de interiores.

O Estado de S. Paulo, 31/05/2015.

Com a frase “No fim, o livro deverá sua sobrevida à decoração de interiores” (2º parágrafo), o cronista sugere que

- a) o interesse pela leitura, a longo prazo, tenderá a desaparecer.
- b) o livro se transformará numa antiguidade para colecionar.
- c) os objetos de decoração serão, aos poucos, substituídos por livros.
- d) a decoração de interiores garantirá a sobrevivência do livro.
- e) a decoração de interiores continuará existindo em função dos livros.

17. Enem

Desde dezoito anos que o tal patriotismo lhe absorvia e por ele fizera a tolice de estudar inutilidades. Que lhe importavam os rios? Eram grandes? Pois que fossem... Em que lhe contribuiria para a felicidade saber o nome dos heróis do Brasil? Em nada... O importante é que ele tivesse sido feliz. Foi? Não. Lembrou-se das coisas do tupi, do folk-lore, das suas tentativas agrícolas... Restava disso tudo em sua alma uma satisfação? Nenhuma! Nenhuma!

O tupi encontrou a incredulidade geral, o riso, a mofa, o escárnio; e levou-o à loucura. Uma decepção. E a agricultura? Nada. As terras não eram férteis e ela não era fácil como diziam os livros. Outra decepção. E, quando o seu patriotismo se fizera combatente, o que achava? Decep-

ções. Onde estava a doçura de nossa gente? Pois ele não a viu combater como feras? Pois não a via matar prisioneiros, inúmeros? Outra decepção. A sua vida era uma decepção, uma série, melhor, um encadeamento de decepções.

A pátria que quisera ter era um mito; um fantasma criado por ele no silêncio de seu gabinete.

BARRETO, Lima. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. Disponível em: <www.dominiopublico.gov.br> Acesso em: jun. 2018.

O romance *Triste fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto, foi publicado em 1911. No fragmento destacado, a reação do personagem aos desdobramentos de suas iniciativas patrióticas evidencia que

a) a dedicação de Policarpo Quaresma ao conhecimento da natureza brasileira levou-o a estudar

inutilidades, mas possibilitou-lhe uma visão mais ampla do país.

b) a curiosidade em relação aos heróis da pátria levou-o ao ideal de prosperidade e democracia que o personagem encontra no contexto republicano.

c) a construção de uma pátria a partir de elementos míticos, como a cordialidade do povo, a riqueza do solo e a pureza linguística, conduz à frustração ideológica.

d) a propensão do brasileiro ao riso, ao escárnio, justifica a reação de decepção e desistência de Policarpo Quaresma, que prefere resguardar-se em seu gabinete.

e) a certeza da fertilidade da terra e da produção agrícola incondicional faz parte de um projeto ideológico salvaçãoista, tal como foi difundido na época do autor.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

Contranarciso

em mim
eu vejo o outro
e outro
e outro
enfim dezenas
trens passando
vagões cheios de gente
centenas

o outro
que
há em mim
é você
você
e você

assim como
eu estou em você
eu estou nele
em nós
e só quando
estamos em nós
estamos em paz
mesmo que estejamos a sós

LEMINSKI, Paulo. *Toda poesia*. São Paulo: Cia. das Letras, 2013.

A busca pela identidade constitui uma faceta da tradição literária, redimensionada pelo olhar contemporâneo. No poema, essa nova dimensão revela a

- a)** ausência de traços identitários.
- b)** angústia com a solidão em público.
- c)** valorização da descoberta do “eu” autêntico.
- d)** percepção da empatia como fator de autoconhecimento.
- e)** impossibilidade de vivenciar experiências de pertencimento.

C5-H17

19. Enem

Receita

Tome-se um poeta não cansado,
Uma nuvem de sonho e uma flor,
Três gotas de tristeza, um tom dourado,
Uma veia sangrando de pavor.
Quando a massa já ferve e se retorce
Deita-se a luz dum corpo de mulher,
Duma pitada de morte se reforce,
Que um amor de poeta assim requer.

SARAMAGO, José. *Os poemas possíveis*. Alfragide: Caminho, 1997.

Os gêneros textuais caracterizam-se por serem relativamente estáveis e podem reconfigurar-se em função do propósito comunicativo. Esse texto constitui uma mescla de gêneros, pois

- a)** introduz procedimentos prescritivos na composição do poema.
- b)** explicita as etapas essenciais à preparação de uma receita.
- c)** explora elementos temáticos presentes em uma receita.
- d)** apresenta organização estrutural típica de um poema.
- e)** utiliza linguagem figurada na construção do poema.

C5-H16

20. Enem

Uma noite em 67, de Renato Terra e Ricardo Calil. Editora Planeta, 296 páginas

Mas foi uma noite, aquela noite de sábado 21 de outubro de 1967, que parou o nosso país. Parou pra ver a finalíssima do III Festival da Record, quando um jovem de 24 anos chamado Eduardo Lobo, o Edu Lobo, saiu carregado do Teatro Paramount em São Paulo depois de ganhar o prêmio máximo do festival com Ponteio, que cantou acompanhado da Charmosa e iniciante Marília Medalha.

Foi naquela noite que Chico Buarque entoou sua Roda Viva ao lado do MPB-4 de Magro, o arranjador. Que Caetano Veloso brilhou cantando Alegria, alegria com a plateia ao som das guitarras dos Beat Boys, que Gilberto Gil apresentou a tropicalista Domingo no parque com os Mutantes.

Aquela noite que acabou virando filme, em 2010, nas mãos de Renato Terra e Ricardo Calil, agora virou livro. O livro

C5-H15

que está sendo lançado agora é a história daquela noite, ampliada e em estado que no jargão jornalístico chamamos de matéria bruta. Quem viu o filme vai se deliciar com as histórias – e algumas fofocas – que cada um tem para contar, agora sem os cortes necessários que um filme exige. E quem não viu o filme tem diante de si um livro de histórias, pensando bem, de História.

VILLAS, Alberto. Disponível em: <www.cartacapital.com.br>. Acesso em: 18 jun.2014. (Adaptado).

Considerando os elementos constitutivos dos gêneros textuais circulantes na sociedade, nesse fragmento de resenha predominam

- a) caracterizações de personalidades do contexto musical brasileiro dos anos 1960.
- b) questões polêmicas direcionadas à produção musical brasileira nos anos 1960.
- c) relatos de experiências de artistas sobre os festivais de música de 1967.
- d) explicações sobre o quadro cultural do Brasil durante a década de 1960.
- e) opiniões a respeito de uma obra sobre a cena musical de 1967.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

2

TROVADORISMO E HUMANISMO

- Trovadorismo
- Novelas de cavalaria
- Cantiga de maldizer
- Cantiga de escárnio
- Cantiga de amigo
- Cantiga de amor
- Humanismo
- Poesia palaciana
- Poesia doutrinária

HABILIDADES

- Reconhecer diferentes funções da arte, do trabalho da produção dos artistas em seus meios culturais.
- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

TROVADORISMO

O Trovadorismo surgiu como a primeira manifestação literária da língua portuguesa, coincidindo com a formação do Estado nacional português. Considera-se a *Cantiga da ribeirinha* ou *Cantiga da guarvaia*, de Paio Soares de Taveirós, como marco inicial do movimento em 1189 ou 1198.

Os trovadores eram, em geral, artistas de origem nobre, que escreviam e cantavam as cantigas (poesias cantadas) com o acompanhamento de instrumentos musicais. A reunião em livro dos manuscritos ficou conhecida como “Cancioneiro”. Dos que foram preservados, destacam-se três: *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, *Cancioneiro da Ajuda* e *Cancioneiro da Vaticana*.

- Ai flores, ai flores do verde pino¹,
se sabedes novas do meu amigo?

Ai Deus, e u² é?

Ai flores, ai flores do verde ramo,
se sabedes novas do meu amado?

Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amigo,
aquele que mentiu do que pôs³ conmigo?

Ai Deus, e u é?

Se sabedes novas do meu amado,
aquele que mentiu do que mi há jurado?

Ai Deus, e u é?

- Vós me preguntades polo voss'amigo
e eu bem vos digo que é san'e⁴ vivo.

Ai Deus, e u é?

- Vós me preguntades polo voss'amado
e eu bem vos digo que é viv'e sano.

Ai Deus, e u é?

- E eu bem vos digo que é san'e vivo
e será vosco ant' o prazo saído.

Ai Deus, e u é?

- E eu bem vos digo que é viv'e sano
e será vosc[o] ant' o prazo passado.
Ai Deus, e u é?

D. DINIS. *Ai flores, ai flores do verde pino*. Disponível em:
<<http://cantigas.fcsh.unl.pt/cantiga.asp?cdcant=592&pv=sim>>.
Acesso em: 18 abr. 2018.

1 *pino*: pinheiro

2 *u*: onde

3 *poer*: combinar

4 *sano*: são

De autoria de D. Dinis, esta é uma das mais conhecidas poesias trovadorescas do período. A composição apresenta alguns dos recursos estilísticos que caracterizaram o Trovadorismo, como o tom lírico e confessional, além de cenário idílico e de paralelismo sintático.

O Trovadorismo vai até o ano de 1418, quando da nomeação de Fernão Lopes, funcionário da Coroa, como guarda-mor da Torre do Tombo, em Lisboa, tendo em vista que o cronista viria a ser uma espécie de protagonista de um novo comportamento literário em Portugal.

CONTEXTO HISTÓRICO

O Trovadorismo português foi marcado pelo modelo econômico, social e político conhecido como feudalismo, sistema que consistia em uma hierarquia rígida entre o suserano – que realizava a concessão do feudo – e o vassalo – que prestava serviços em troca de proteção e de terra para plantio. Nesse período, foi intensa também a influência da Igreja Católica Apostólica Romana nos valores e costumes das sociedades europeias medievais. Esse grande poder era personificado na figura do papa e demais sacerdotes, como bispos, cardeais, abades etc.

As origens da lírica trovadoresca remontam às práticas culturais palacianas de Provença, no Sul da França, onde, a partir do século XI surgiu trovadores e jograis que se espalharam por vários países da Europa entre a nobreza europeia. Além disso, o Trovadorismo apresentava influências greco-latina, francesa e inglesa. Esses provençais se misturariam aos jograis e menestréis galego-portugueses.

O mais produtivo período do Trovadorismo português aconteceu do século XIII até o início do século XV, encerrando-se em meados do século XV.

TRAÇOS CARACTERÍSTICOS

A produção poética do Trovadorismo tem intensa conexão com a música e com o contexto social da Europa Ocidental da Idade Média. As letras das cantigas eram criadas com a intenção de serem entoadas ou cantadas com acompanhamento de diversos instrumentos musicais, como a flauta, a viola, o alaúde e o coro vocálico. O conteúdo dessas cantigas registra a relação de suserania e de vassalagem, nesse caso, entre os amantes – assim como no mundo real o camponês devia fidelidade ao seu

senhor feudal, nas cantigas um cavaleiro mantém-se fiel à sua amada, uma senhora da nobreza, por quem o cavaleiro declarava a coita de amor.

Chamadas cantigas, essas composições eram colecionadas em livros chamados cancioneiros, dos quais o *Cancioneiro da Biblioteca Nacional*, o *Cancioneiro da Ajuda* e o *Cancioneiro da Biblioteca Vaticana* são os mais difundidos.

As produções trovadorescas são divididas em líricas e satíricas. O primeiro conjunto, por sua vez, divide-se em cantigas **de amor** e **de amigo**. O segundo grupo, em cantigas **de escárnio** e **de maldizer**.

Cantiga de amor

Esse tipo de cantiga tematiza a confissão amorosa de um homem, geralmente lamentando o sofrimento de amor (coita) diante da indiferença da mulher. O emissor da mensagem é o eu lírico masculino. O amante diviniza a mulher a ponto de estabelecer uma relação de “senhor” para vassalo, caracterizando o amor cortês.

Cantiga de amigo

A despeito de sua autoria ser masculina, no caso das cantigas de amigo a voz que canta é feminina, ou seja, um eu lírico feminino. Com efeito, o autor é um homem que se passa pela mulher desejada ou conquistada.

Em geral, nessas cantigas, a mulher pertence a uma camada social inferior, é menos culta, e lamenta a ausência do “amigo”; em tom de confiança à mãe, amigas ou algum elemento da natureza (animais, ramos, flores, árvores, fontes, lagos etc.), cantando a distância ou a impossibilidade do encontro combinado. O elemento água manifesta em algumas composições – na forma de ondas, do mar, lago ou fonte – uma conotação erótica, indicando que o relacionamento expresso pela cantiga era ou deveria ser íntimo.

Seu conteúdo retrata experiências cotidianas e acontecimentos da sociedade como a *alva* (matutina), *ballia* (dança e esfera social de cortejo), *romaria* (acontecimento religioso), *marinha* (referindo-se ao mar), *mal-maridada* (crises conjugais), *pastorela* (referindo-se ao campo), *serena* (noturna) e *barcarola* (paisagem marítima).

Cantiga de escárnio

Tipo de composição satírica em que se critica alguém por meio da ironia, do sarcasmo e da ridicularização. Apresentado como sátira indireta, o escárnio não é tão incisivo e disfarça a agressividade por intermédio da ambiguidade.

Cantiga de maldizer

Ao contrário das cantigas de escárnio, as cantigas de maldizer expressam uma sátira direta. De forma contundente e clara, por vezes até mencionando o nome da pessoa criticada e utilizando-se de termos grosseiros. Referem-se a comportamentos sócio-políticos, sexuais, rivais no amor, mulheres de hábitos considerados imorais, pessoas comuns, nobres traidores,

compositores incapazes, proprietários presunçosos, profissionais não capacitados etc.

Essas canções satíricas eram apresentadas e circulavam em lugares públicos, tais como feiras, tabernas ou nas periferias urbanas. Isso imprimia a elas um caráter bastante marginal.

CANCIONEIROS

Cancioneiro é uma compilação de composições que alguns autores e, sobretudo, historiadores ou pesquisadores de diversas épocas reuniram e transcreveram. A maior parte das cantigas preservadas se encontra manuscrita em três cancionários:

Cancioneiro da Ajuda — o mais antigo, manuscrito em inícios do século XIV. Em sua maioria, esse manuscrito registra o gênero cantiga de amigo. Hoje, o documento se encontra na Biblioteca do Palácio da Ajuda, em Lisboa.

Cancioneiro da Biblioteca Vaticana — arquivado na Biblioteca Apostólica Vaticana, no Vaticano, foi manuscrito nas primeiras décadas do século XVI, provavelmente a partir de outro manuscrito, e contém 1 200 cópias de cantigas de amor, de amigo, de escárnio e de maldizer.

Cancioneiro da Biblioteca Nacional — também chamado *Cancioneiro Colocci-Brancuti*, é o melhor compilado (nos demais, percebe-se que o processo de registro das cantigas não foi finalizado), com 1 560 cantigas de amor, de amigo, de escárnio e de maldizer. Atualmente, está arquivado na Biblioteca Nacional de Portugal, em Lisboa.

INTÉRPRETES DA POESIA TROVADORESCA

Trovador: responsável pela composição, instrumentação e por cantar as cantigas. Em geral era membro da nobreza.

Segrel: fidalgo menor ou nobre em declínio, compositor e cantor profissional, em geral um andarilho que tirava sua renda de apresentações.

Jogral: raramente compunha, tinha o objetivo de recrear o público realizando o acompanhamento musical, a interpretação de composições alheias ou próprias, e servia aos senhores feudais para distrair a corte ou o exército.

Menestrel: músico poeta de origem popular que se limitava a apresentar as composições alheias em castelos e feudos onde trabalhava.

Cantadeira ou dançarina: acompanhava o jogral, sendo que, muitas vezes, possuía moral duvidosa de acordo com os costumes da nobreza.

NOMENCLATURA

Estrilho ou refrão: verso repetido na íntegra.

Paralelismo: verso repetido com alguma alteração de palavra(s).

Cantiga de maestria: cantiga sem paralelismo.

Palavra: verso.

Cobra, cobla ou talho: estrofe.

Dobre: virtuosismo formal que consistia na repetição vocabular simétrica em que a palavra repetida poderia estar no início, no interior ou no final do verso.

Palavra perdida: verso branco.

Leixa-pren (deixa-prende): último verso da estrofe que se repete no primeiro verso da estrofe seguinte.

Rima derivada: emprego de formas diversas da mesma palavra em posição de rima.

Rima equívoca: repetição da mesma palavra dando-lhe significações diferentes.

PRINCIPAIS AUTORES

D. Dinis (1261-1325) — incentivador da cultura e das artes, esse monarca português configura delicadeza e simplicidade numa gama variada de sentimentos. Autor de uma coleção de 138 cantigas.

João Garcia de Guilhade (1239?-1288?) — compôs abundantemente, conseguindo manter boa qualidade na obra em geral.

Afonso Sanches (1288-1328) — filho bastardo de D. Dinis, foi uma das figuras centrais da corte de seu pai, sendo um dos autores mais profícuos do gênero.

Martim Codax (meados séc. XIII-início séc. XIV) — dado como jogral do século XIII, suas cantigas estão entre poucas que têm letra e música preservadas.

Paio Soares de Taveirós (início do séc. XIII) — autor de *A ribeirinha*, ou Cantiga da Garvaia, que marca o início do Trovadorismo português.

NOVELAS DE CAVALARIA

As canções de gesta foram poemas de origem francesa que circularam, sobretudo, ao longo dos séculos XI e XII e cujo tema era o universo cavaleiresco, em que eram exaltados os grandes feitos dos cavaleiros da Europa medieval. Nessas narrativas, vários perigos são enfrentados bravamente por esses heróis. As novelas de cavalaria descendem diretamente dessas narrativas heroicas.

No momento em que o interesse pela lírica trovadoresca diminuiu, com a maior circulação e produção das novelas de cavalaria nas cortes europeias, sobretudo na Inglaterra, na França, na Espanha e em Portugal, ocorre a retomada dos temas épicos em obras que narram em língua nacional as aventuras por que passam os heróis, em busca de justiça, em nome da honra, acompanhados de seus cavaleiros.

Em um primeiro momento, a circulação das novelas em Portugal e na Espanha ocorreu via tradução de textos de origem inglesa e francesa. Contudo, à medida que essas produções alcançaram imensa receptividade na península Ibérica, ao longo do século XVI, proliferaram as produções que adaptavam para a realidade local os temas de cavalaria.

De acordo com o tema de que tratam, as novelas de cavalaria produzidas entre os séculos XII e XV podem ser agrupadas em três ciclos:

Ciclo clássico: cujos temas retomavam o universo greco-latino.

Ciclo bretão ou arturiano: cujas novelas são inspiradas na figura do rei Arthur e cavaleiros da Távola Redonda.

Ciclo carolíngio ou francês: em que são protagonistas Carlos Magno e os Doze Pares de França.

Em Portugal, o ciclo mais produtivo e que mais circou, sendo mais bem desenvolvido, foi o bretão ou arturiano, representado pelas obras *José de Arimateia* (em que é narrada a origem do Graal, cálice em que José de Arimateia teria colhido o sangue de Jesus Cristo após a crucificação), *História de Merlin* (em que são narradas as profecias do mago da corte do rei Arthur) e *A demanda do Santo Graal* (em que é narrada a busca pelo cálice sagrado por três virtuosos cavaleiros do rei Arthur).

Apesar do tom épico e da reprodução dos temas, as novelas de cavalaria produzidas entre os séculos XII e XV diferenciam-se das canções de gesta, sobretudo, pela individualização do protagonismo em apenas uma personagem, o cavaleiro herói. Além disso, as gestas são em sua origem relatos históricos nos quais vão sendo adicionados e/ou alterados outros elementos, sejam eles fantásticos ou não. As novelas de cavalaria, por sua vez, tinham uma abordagem mais ficcional, em que não há necessariamente uma retomada de dados históricos.

Um dos recursos essenciais para a constituição do gênero novela de cavalaria é a concretização de amores impossíveis. Nesse sentido, a obra *Amadis de Gaula* é um exemplo de convenção do gênero.

HUMANISMO

Humanismo é como nomeamos a produção literária e histórica compreendida entre o fim do século XV e início do século XVI, mais especificamente o período de 1434 a 1527. Visto como segunda época medieval, ele retrata o fim da Idade Média e o início da Idade Moderna. Há três atividades que constituem especialmente este período: a produção historiográfica de Fernão Lopes; a produção poética dos nobres – por isso chamada poesia palaciana –, e a atividade teatral de Gil Vicente.

CONTEXTO HISTÓRICO

Em meados do século XV, a Europa atravessava intensas transformações provocadas, entre outros fatos, pela inclusão da bússola como instrumento de navegação. A expansão marítima aprimorou a construção naval e o comércio desenvolveu-se de maneira a substituir a economia de subsistência. A agricultura tornou-se mais abundante e regular. O crescimento das cidades, sobretudo nas regiões dos portos, se fez inevitável. O comércio intensificou-se, pequenas fábricas artesanais foram instaladas, o mercantilismo provocou mudanças econômicas profundas, incluindo o surgimento da burguesia.

Essas mudanças foram apoiadas pelos chamados humanistas, estudiosos da cultura antiga clássica, fossem ligados à igreja, fossem artistas e historiadores

independentes ou patrocinados por mecenas. Eles trabalharam na divulgação dos novos conceitos, partindo da ideia central de que o homem era senhor do seu próprio destino.

TRAÇOS CARACTERÍSTICOS

Algumas das principais características dessa época incluem acontecimentos técnicos mesclados a uma mudança de perspectiva moral e religiosa que serviu para a promoção de uma nova cultura. A melhoria técnica da imprensa, por exemplo, acelerou o processo de produção e divulgação do livro e democratizou o seu acesso. O homem passou a se interessar mais pelo saber e, por meio da palavra escrita, pôde aproximar-se de novas ideias provenientes de diferentes culturas, como a greco-latina, por exemplo.

A ideia de livre-arbítrio tornou-se central para certos indivíduos, que passaram a questionar as doutrinas e preceitos da Igreja católica, tomando distância do teocentrismo e adequando-se a atitudes antropocêntricas.

No entanto, o Humanismo foi um período transitório entre dois tipos de comportamento. Assim, sua arte foi marcada pelo convívio de elementos espirituais (teocêntricos) e terrenos (antropocêntricos).

PROSA DOUTRINÁRIA

Com o aumento de interesse pela leitura, um expressivo e rápido crescimento da cultura se deu. Com o surgimento das bibliotecas, o aumento das traduções de obras variadas, profanas e religiosas e a revisão de escritos antigos, a nobreza passou a envolver-se com esse novo saber. As crônicas passaram a ser escritas pelos reis, em especial os da dinastia de Avis, a exemplo de D. João I, D. Duarte e D. Pedro.

Tal produção ganha o nome de doutrinária, pois as obras se caracterizavam pela transmissão de ensinamentos das práticas cotidianas e da própria vida, como em *Ensinança de bem cavalgar toda sela* (D. Duarte), *Leal conselheiro* (D. Duarte) e *Livro da montaria* (D. João I).

POESIA PALACIANA

Durante mais ou menos um século (entre 1350 e 1450), a produção de poesia esteve enfraquecida. Em consequência do declínio do reinado de D. Afonso V (1438 – 1481), a corte portuguesa abriu espaço para a prática lírica e poética. Tal forma foi chamada de poesia palaciana ou quatrocentista.

De conteúdo bastante limitado, escrita por nobres e fidalgos, os poemas exprimiam realidades internas ao palácio, sem grande envolvimento histórico. O amor era abordado de modo mais sensual que no Trovadorismo e a mulher era bem menos idealizada. A sátira também tinha espaço na poesia palaciana.

Os versos continuaram sendo compostos em redondilha, com uso do mote – **estrofe, anteposta ao início de um poema** –, mas não mais ligados à música.

ROTEIRO DE AULA

TROVADORISMO

Contexto histórico

Com o fim das grandes invasões na Europa no século XII, as cidades ressurgiram, havendo progresso econômico. Sem função social, os cavaleiros assumiram o papel da vassalagem amorosa, um dos princípios básicos da literatura medieval.

Características principais

Tem íntima ligação com a música, pois a letra era feita para ser cantada. A composição é eminentemente popular, pois apresenta menos riqueza vocabular e uso de refrãos.

Cantiga de amor

Eu lírico masculino exprime o sofrimento pelo amor não correspondido. Em um ambiente palaciano, lamenta a indiferença da mulher de classe superior.

Cantiga de amigo

Eu lírico feminino que lamenta a saudade pela ausência do amigo. Usa como confidentes de suas queixas amigas, parentes ou elementos da natureza (pássaros, flores, ramos, árvores, lagos, rios, ondas do mar, Lua etc.), em cenário bucólico.

Cantiga de escárnio

O trovador critica alguém usando de palavras de duplo sentido, ironia e trocadilhos. É feita de modo indireto, não indicando a pessoa ridicularizada.

ROTEIRO DE AULA

Cantiga de maldizer

O trovador faz uma sátira direta, chegando a indicar o nome da pessoa satirizada, empregando inclusive linguagem de baixo calão.

Principais autores

Dom Dinis, José Garcia de Guilhade, Martim Codax, Paio Soares de Taveirós.

Novelas de cavalaria

Derivadas das canções de gesta francesas, narravam aventuras de cavaleiros em busca de justiça e em nome da honra. Podem ser agrupadas em três ciclos: clássico, bretão ou arturiano e carolíngio ou francês. Em Portugal, o ciclo bretão ou arturiano foi mais difundido, destacando-se três narrativas: *José de Arimateia*, *História de Merlin* e *A demanda do Santo Graal*. Na Europa Ocidental, entretanto, foi mais célebre a novela *Amadis de Gaula*.

ROTEIRO DE AULA

HUMANISMO

Contexto histórico

A economia feudal dava lugar à economia mercantil, com intensificação do comércio.

Características principais

O antropocentrismo é o pensamento mais forte na época, abandonando o espiritualismo e colocando o homem como medida de todas as coisas.

Poesia palaciana

O amor aparece de modo menos idealizado e mais sensual. Como a música não fazia mais parte da composição, passou a haver mais autonomia da linguagem poética.

Prosa doutrinária

Crônicas históricas escritas por reis, transmitia ensinamentos sobre as práticas diárias e a vida.

Principais autores

Gil Vicente e Fernão Lopes.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

- 1. Fuvest-SP** – Interpretando historicamente a relação de vassalagem entre homem amante/mulher amada, ou mulher amante/homem amado, pode-se afirmar que:
- a) o Trovadorismo corresponde ao Renascimento.
 - b) o Trovadorismo corresponde ao movimento humanista.
 - c) o Trovadorismo corresponde ao Feudalismo.
 - d) o Trovadorismo e o Medievalismo só poderiam ser proçençais.
 - e) tanto o Trovadorismo como o Humanismo são expressões da decadência medieval.

O período mais fértil do Trovadorismo português ocorreu por volta do século XIII até o início do século XV, período marcado pelo feudalismo, sistema que consiste em hierarquia rígida entre suserano – que realizava a concessão do feudo – e o vassalo – que prestava serviços em troca de terra e proteção.

- 2. Mack-SP** – Assinale a afirmativa correta com relação ao Trovadorismo.
- a) Um dos temas mais explorados por esse estilo de época é a exaltação do amor sensual entre nobres e mulheres camponesas.
 - b) Desenvolveu-se especialmente no século XV e refletiu a transição da cultura teocêntrica para a cultura antropocêntrica.
 - c) Devido ao grande prestígio que teve durante toda a Idade Média, foi recuperado pelos poetas da Renascença, época em que alcançou níveis estéticos insuperáveis.
 - d) Valorizou recursos formais que tiveram não apenas a função de produzir efeito musical, como também a função de facilitar a memorização, já que as composições eram transmitidas oralmente.
 - e) Tanto no plano temático como no plano expressivo, esse estilo de época absorveu a influência dos padrões estéticos greco-romanos.

O Trovadorismo tem íntima ligação com a música, pois a letra era feita para ser cantada. Nesse sentido, a composição é de caráter popular, buscando a memorização para a transmissão oral.

- 3. Fuvest-SP** – O Trovadorismo, quanto ao tempo em que se instala:
- a) tem concepções clássicas do fazer poético.
 - b) é rígido quanto ao uso da linguagem que, geralmente, é erudita.
 - c) estabeleceu-se num longo período que dura 10 séculos.
 - d) tinha como concepção poética a epopeia, a louvação dos heróis.
 - e) reflete as relações de vassalagem nas cantigas de amor.

As relações de vassalagem entre suserano e vassalo são refletidas nas cantigas de amor. No contexto do feudalismo e do fim das grandes invasões na Europa, os cavaleiros assumiram o papel da vassalagem amorosa, um dos princípios básicos da literatura medieval.

- 4. Uespi** – Sobre o Humanismo, assinale a alternativa incorreta:
- a) Houve a separação entre poesia e música.
 - b) Encontra-se a poesia palaciana que é declamada e ganha em expressão.
 - c) Gil Vicente é o fundador do teatro português.

d) Fernão Lopes é nomeado cronista-mor da Torre do Tombo e este fato é considerado o marco inicial do Humanismo.

- e) O caráter humanista da Idade Média está relacionado ao Teocentrismo, onde Deus é o centro das atenções.

O ser humano passou a crer no livre-arbítrio, questionando os dogmas da igreja católica, afastando-se do teocentrismo e afinando-se com atitudes antropocêntricas. O Humanismo foi período de transição entre as duas atitudes, por isso a arte ficou marcada pela convivência de elementos espiritualistas (teocêntricos) e terrenos (antropocêntricos).

5. Vunesp – Assinale a alternativa incorreta com relação à Literatura Portuguesa:

- a) O ambiente das cantigas de amor é sempre o palácio, com o trovador declarando seu amor por uma dama (tratada de “senhor”; isto é, senhora). Daí o relacionamento respeitoso, cortês, dentro dos mais puros padrões medievais que caracterizam a vassalagem, a servidão amorosa.
- b) O teatro vicentino é basicamente caracterizado pela sátira, criticando o comportamento de todas as camadas sociais: a nobreza, o clero e o povo. Gil Vicente não tem preocupação de fixar tipos psicológicos, e sim a de fixar tipos sociais.
- c) O marco inicial do Romantismo em Portugal é a publicação do poema “Camões”. Todavia, a nova estética literária só viria a se firmar uma década depois com a Questão Coimbrã, quando se aceitou o papel revolucionário da nova poesia e a independência dos novos poetas em relação aos velhos mestres.
- d) Eça de Queirós, em sua obra, dedica-se a montar um vasto painel da sociedade portuguesa, retratada em seus múltiplos aspectos: a cidade provinciana; a influência do clero; a média e a alta burguesia de Lisboa; os intelectuais e a aristocracia.
- e) A mais rica, densa e intrigante faceta da obra de Fernando Pessoa diz respeito ao fenômeno da heteronímia que deu aos poetas Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos biografias, características, traços de personalidade e formação cultural diferentes.

Posteriormente será estudado que a Questão Coimbrã representou o fim do Romantismo e não seu início.

6. Unemat-MT**C5-H16**

Levando-se em consideração que a peça *Auto da Barca do Inferno* é uma sátira típica do teatro vicentino, assinale a alternativa correta.

- a) As personagens do povo têm mais densidade psicológica.
- b) A sátira é demolidora, indiscriminada, não tendo preferência por nenhum tipo social em particular.
- c) O moralismo de Gil Vicente localiza os defeitos e vícios em todas as camadas da sociedade.
- d) Cada cena da peça apresenta a crítica a uma única classe social.
- e) O teatro vicentino foi o primeiro a questionar as fronteiras entre o bem e o mal.

O autor circunavegou por diversas camadas sociais e, assim, teve elementos para tecer satiricamente as críticas incluídas na peça *Auto da Barca do Inferno*, com base no moralismo cristão.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Mack-SP

Ai dona fea! foste-vos queixar
 porque vos nunca louv'em meu trobar
 mais ora quero fazer um cantar
 em que vos loarei toda via
 e vedes como vos quero loar:
 dona fea, velha e sandial!

Assinale a informação correta a respeito do trecho de João Garcia de Guilhade:

- a) é cantiga satírica.
- b) foi o primeiro documento escrito em língua portuguesa (1189).
- c) trata-se de cantiga de amigo.
- d) foi escrita durante o Humanismo (1418-1527).
- e) faz parte do *Auto da Feira*.

8. PUC-RS – O paralelismo, uma técnica de construção literária nas cantigas trovadorescas, consistiu em:

- a) unir duas ou mais cantigas com temas paralelos e recitá-las em simultaneidade.
- b) um conjunto de estrofes ou um par de dísticos em que sempre se procura dizer a mesma ideia.
- c) apresentar as cantigas, nas festas da corte, sempre com o acompanhamento de um coro.
- d) reduzir todo o refrão a um dístico.
- e) pressupor que há sempre dois elementos paralelos que se digladiam verbalmente.

9. Espcex-SP – É correto afirmar sobre o Trovadorismo que

- a) os poemas são produzidos para ser encenados.
- b) as cantigas de escárnio e maldizer têm temáticas amorosas.
- c) nas cantigas de amigo, o eu lírico é sempre feminino.
- d) as cantigas de amigo têm estrutura poética complicada.
- e) as cantigas de amor são de origem nitidamente popular.

10. UM-SP – Nas cantigas de amor,

- a) o trovador expressa um amor à mulher amada, encarnando-a como um objeto acessível a seus anseios.
- b) o trovador velada ou abertamente ironiza personagens da época.
- c) o eu lírico é feminino, expressando a saudade da ausência do amado.
- d) o poeta pratica a vassalagem amorosa, pois, em postura platônica, expressa seu amor à mulher amada.
- e) existe a expressão de um sentimento feminino, apesar de serem escritas por homens.

11. UFRGS-RS – Assinale a alternativa incorreta com respeito ao Trovadorismo em Portugal:

- a) nas cantigas de amigo, o trovador escreve o poema do ponto de vista feminino.
- b) nas cantigas de amor, há o reflexo do relacionamento entre senhor e vassalo na sociedade feudal: distância e extrema submissão.
- c) a influência dos trovadores provençais é nítida nas cantigas de amor galego-portuguesas.

d) durante o trovadorismo, ocorre a separação entre poesia e música.

e) muitas cantigas trovadorescas foram reunidas em livros ou coletâneas que receberam o nome de cancioneiros.

12. Fuvest-SP – Aponte a alternativa correta em relação a Gil Vicente:

- a) Compôs peças de caráter sacro e satírico.
- b) Representa o melhor do teatro clássico português.
- c) Só escreveu peças em português.
- d) Escreveu a novela *Amadis de Gaula*.
- e) Introduziu a lírica trovadoresca em Portugal.

13. UFPI – Sobre Gil Vicente e sua obra, assinale a alternativa correta.

- a) Respeita apenas o poder da Igreja.
- b) Centra suas críticas nos membros das classes baixas.
- c) Conserva a lei das três unidades básicas do teatro clássico.
- d) Identifica suas personagens pela ocupação ou pelo tipo social de cada uma delas.
- e) Evita fazer um confronto entre a Idade Média e o Renascimento Medievalista (Teocentrismo *versus* Antropocentrismo).

14. Fuvest-SP – Caracteriza o teatro de Gil Vicente:

- a) A elaboração requintada dos quadros e cenários apresentados
- b) A busca de conceitos universais
- c) A obra escrita em prosa
- d) A preocupação com o homem e com a religião
- e) A revolta contra o cristianismo

15. UEMA – *Auto da Barca do Inferno* é uma das três peças que compõem a Trilogia das Barcas do teatro vicentino. Gil Vicente é autor do período literário português conhecido como Humanismo.

FIDALGO: Para a outra barca me vou.

– Já ao pé da outra barca –

Oh da barca! Para onde és?

Oh, barqueiros! Não me ouvis?

Respondei-me! Olá! Ó!...

– O Anjo ignora-o –

Por deus, aviado estou!

Quanto a isto é já pior...

Que jericocins, salvarnor!

Pensam que eu sou um grou?

ANJO: Que quereis?

FIDALGO: Que me digais,

Pois morri tão sem aviso,

Se a barca do Paraíso

É esta em que navegais.

ANJO: Esta é. Que desejais?

FIDALGO: Que me deixeis embarcar.

Sou fidalgo de solar,

É bom que me recolhais.

ANJO: Não se embarca tirania,

Neste batel divinal.

FIDALGO: Não sei porque negais entrada

À minha senhoria...

ANJO: Para a vossa fantasia

Muito pequena é esta barca.

FIDALGO: Para senhor de bom nome,

Não há aqui mais cortesia?

Venha a prancha e atavio!

Levai-me desta ribeira!

ANJO: Não vindes cá a pensar

De entrar neste navio.

Aquele ali vai mais vazio.

Ali a cadeira entrará,

O rabo caberá

E todo vosso senhorio.

Ireis ali mais espaçoso,

Vossa fumosa senhoria,

A pensar na vossa tirania

Contra o pobre povo queixoso.

E porque, de generoso,

Desprezaste os pequenos,

Achar-vos-ei tanto menos

Quanto mais foste fumoso.

VICENTE, Gil. *Auto da Barca do Inferno*. São Paulo: FTD, 1997.

Os diálogos entre o anjo e o fidalgo põem em discussão não só os valores de um mundo medieval, mas também do mundo contemporâneo. A atualidade dessa discussão decorre de que o homem de hoje, ainda, assume falsos

posicionamentos semelhantes ao de uma das personagens da cena. Essa atualidade é apresentada, por meio de

- a) limitações retóricas.
- b) alianças subversivas.
- c) falhas na comunicação.
- d) atos de falas impositivas.
- e) comportamentos antidemocráticos.

16. Unemat-MT – Sobre o *Auto da Barca do Inferno*, do escritor português Gil Vicente, assinale a alternativa incorreta.

- a) Personagens como o Onzeneiro, o Fidalgo e o Sapateteiro, representam tipos sociais contra os quais o autor tece sua crítica, em forma de sátira.
- b) O elemento religioso presente no auto é originário da rica tradição do teatro popular medieval.
- c) A concepção de mundo cristã, marcada pela simplicidade e de forte teor popular, aproxima o autor de Gil Vicente do *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna.
- d) O uso de uma linguagem solene, austera e requintada caracteriza a personagem Diabo, diferenciando-a das demais personagens, cuja linguagem é coloquial, irônica e jocosa.
- e) O recurso à alegoria pode ser percebido ao longo de toda a obra, como, por exemplo, na personagem Frade, uma alegoria à corrupção do clero português.

17. PUC-SP – O argumento da peça *Farsa de Inês Pereira*, de Gil Vicente, consiste na demonstração do refrão popular “Mais quero asno que me carregue que cavalo que me derrube”. Identifique a alternativa que não corresponde ao provérbio, na construção da farsa.

- a) A segunda parte do provérbio ilustra a experiência desastrosa do primeiro casamento.
- b) O escudeiro Brás da Mata corresponde ao cavalo, animal nobre, que a derruba.
- c) O segundo casamento exemplifica o primeiro termo, asno que a carrega.
- d) O asno corresponde a Pero Marques, primeiro pretendente e segundo marido de Inês.
- e) Cavalo e asno identificam a mesma personagem em diferentes momentos de sua vida conjugal.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Mack-SP

C5-H15

As narrativas que envolvem as lutas das cruzadas envolvem sempre um herói muito engajado na luta pela cristandade, podendo ser a um só tempo frágil e forte, decidido e terno, furioso e cortes. No entanto, com relação a mulher amada, esse herói é sempre:

- a) pouco dedicado
- b) infiel
- c) devotado
- d) indelicado
- e) ausente e belicoso

19. Enem

C5-H15

Considerando a peça *Auto da Barca do Inferno* como um todo, indique a alternativa que melhor se adapta à proposta do teatro vicentino.

- a) Preso aos valores cristãos, Gil Vicente tem como objetivo alcançar a consciência do homem, lembrando-lhe que tem uma alma para salvar.
- b) As figuras do Anjo e do Diabo, apesar de alegóricas, não estabelecem a divisão maniqueísta do mundo entre o Bem e o Mal.
- c) As personagens comparecem nesta peça de Gil Vicente com o perfil que apresentavam na terra, porém apenas o Onzeneiro e o Parvo portam os instrumentos de sua culpa.
- d) Gil Vicente traça um quadro crítico da sociedade portuguesa da época, porém poupa, por questões ideológicas e políticas, a Igreja e a Nobreza.
- e) Entre as características próprias da dramaturgia de Gil Vicente, destaca-se o fato de ele seguir rigorosamente as normas do teatro clássico.

20. Enem**C5-H15**

Indique a afirmação correta sobre o *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente:

- a) É intrincada a estruturação de suas cenas, que surpreendem o público com a inesperado de cada situação.
- b) O moralismo vicentino localiza os vícios, não nas instituições, mas nos indivíduos que as fazem viciosas.
- c) É complexa a crítica aos costumes da época, já que o autor primeiro a relativizar a distinção entre Bem e o Mal.
- d) A ênfase desta sátira recai sobre as personagens populares mais ridicularizadas e as mais severamente punidas.
- e) A sátira é aqui demolidora e indiscriminada, não fazendo referência a qualquer exemplo de valor positivo.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

CLASSICISMO E QUINHETISMO

CONTEXTO HISTÓRICO DO CLASSICISMO

O Renascimento significou uma mudança profunda no campo das artes, das ciências e da política. O seu surgimento remonta à Itália no século XV, espalhando-se por toda a Europa até o século seguinte, devido à rapidez da divulgação da informação promovida pela invenção da imprensa por Gutenberg. Todo esse cenário de efervescência possibilitou, inclusive, a prática de um trabalho de fundamental importância, desenvolvido pelos humanistas, de recuperação e de tradução dos textos antigos. Tal feito, somado à orientação social dos humanistas, no sentido da valorização do cidadão comum, contribuiu para a gradativa substituição do ensino religioso pelo laico nas universidades, possibilitando, assim, a outras camadas da burguesia emergente ter acesso a tal qualificação, mesmo que a encarassem como meio de destaque social. Outro fator importante nesse período de mudanças de paradigmas foram as descobertas científicas, que contribuíram para a valorização do racionalismo, para a prevalência do equilíbrio formal e para a identificação com a cultura greco-romana, que refletia sobre o lugar do homem em um mundo de forte conotação antropocêntrica, ou seja, a reflexão sobre a centralidade do pensamento filosófico.

Nesse contexto, o Classicismo começou em Portugal em 1527, quando o poeta Sá de Miranda retornou da Itália, onde estudou durante vários anos, e introduziu o verso decassílabo (medida nova) na literatura local em substituição à redondilha maior, conhecida como medida velha.

Contudo, essa novidade durou pouco tempo. Após a anexação de Portugal à Espanha, em 1580, e a morte de Camões, Portugal incorporou, sob influência espanhola, o estilo barroco.

LUÍS VAZ DE CAMÕES

Filho de Simão Vaz e Ana de Sá, Camões nasceu por volta de 1525, não sendo possível precisar se em Lisboa, Coimbra, Santarém ou Alenquer. Depreende-se que obteve boa formação educacional, a julgar pela cultura humanística de sua obra, influenciada pela leitura dos clássicos e renascentistas italianos. Quando jovem, iniciou carreira literária como poeta da corte de D. João III. Membro do Exército da Coroa Portuguesa, Camões esteve, entre outros lugares, no Marrocos (África) no combate contra os celtas.

Teve biografia atribulada, cheia de altos e baixos, o que reforça o seu temperamento aventureiro e indisciplinado. Viveu amores com damas importantes da corte, nem sempre descompromissadas; participou de duelos de espada, brigas de rua. Numa delas, em Ceuta, teria perdido a visão do olho direito. Estudos apontam que ele foi preso tanto em Portugal como no Oriente. Foi durante uma de suas prisões que ele escreveu a sua obra mais conhecida, *Os Lusíadas*, mas por muito pouco não teria perdido os originais desse seu poema épico num naufrágio na foz do rio Mecong. Escapou desse naufrágio, salvou os seus originais, mas teria perdido, por afogamento, Dinamene, sua amante chinesa. Camões morreu pobre e esquecido em 1580. A valorização de sua obra aconteceu pós-morte.

- Contexto histórico
- Luís Vaz de Camões
- Quinhentismo
- Literatura colonial
- Literatura de informação

HABILIDADES

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Reconhecer em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.
- Reconhecer, no texto, estratégias argumentativas empregadas para o convencimento do público, tais como a intimidação, sedução, comoção, chantage, entre outras.

OBRA LÍRICA

O legado da poesia lírica de Camões divide-se em duas vertentes principais: poemas em medida velha (5 e 7 sílabas, ou seja, redondilhas menor e maior) e poemas em medida nova (10 sílabas, isto é, decassílabos). Dessas vertentes, pode-se dizer que os mais famosos e populares poemas líricos de Camões são os sonetos decassílabos, já que é nesta modalidade que o poeta atingiu o ápice de produção, nomeadamente sob o ponto de vista técnico.

A lírica camoniana denuncia a sua forte influência dos humanistas italianos, fundamentalmente do renascentista Francesco Petrarca, a quem Camões imitou em alguns sonetos. Paralelamente, Camões se inspirou em trovas populares para a composição de sua poesia, dando continuidade à lírica dos cancioneiros.

Mote

Descalça vai pera fonte

Lianor, pela verdura;

vai fermosa e não segura.

Volta

Leva na cabeça o pote,

o testo nas mãos de prata,

cinta de fina escarlata,

sainho de chamalote;

traz a vasquinha de cote,

mais branca que a neve pura;

vai fermosa e não segura.

Descobre a touca a garganta,

cabelos d'ouro o trançado,

fita de cor d'encarnado...

Tão linda que o mundo espanta!

Chove nela graça tanta

que dá graça à fermosura;

vai fermosa, e não segura.

CAMÕES, Luís de. *Lúis de Camões - lírica completa*. (Pref. e notas Maria de Lourdes Saraiva). Lisboa: Imprensa Nacional/ Casa da Moeda, 1980.

A transitoriedade e a volatilidade das coisas do mundo estão presentes na lírica camoniana, por meio de acentuada preocupação com as transformações cada vez mais céleres de sua época. Entender e/ou assimilar o desconcerto do mundo, desorganizado e ilógico, era uma tarefa árdua para Camões, o que revelava, por sua vez, o seu espírito inconformado diante dessa inversão de valores.

As dúvidas e as incertezas da existência humana presentes na obra camoniana acabaram por antecipar características de temas barrocos.

OBRA ÉPICA

Até hoje considerado o maior poema épico da língua portuguesa, *Os Lusíadas*, de Camões, narra os feitos da viagem de Vasco da Gama às Índias (1497-1498), estabelecendo, assim, uma das rotas marítimas mais importantes na época. Assim, o surgimento de uma epopeia portuguesa foi estimulado pelo momento histórico das grandes navegações e do renascimento cultural. Camões, certamente, viveu a efervescência dessas ideias.

O poema é dividido em dez cantos e tem 1 102 estrofes, cada qual formado de oito versos decassílabos – modalidade que o consagrou –, apresentando um esquema fixo de rima (abababcc) e resultando em 8 816 versos decassílabos heroicos. Latente nesta obra camoniana, toda essa tipologia de estrofe, conhecida como oitava rima ou oitava real, representa uma estruturação formal inspirada em autores clássicos e humanistas — Virgílio, Ariosto, Matteo Boiardo.

Em *Os Lusíadas*, o herói escolhido pelo autor é o comandante Vasco da Gama. Camões não lhe poupa exaltações, sobretudo em momentos decisivos da narrativa: é corajoso, inteligente e guiado pela fé. Não à toa, o protagonista é a representação da glória portuguesa. Desse modo, a obra celebra os grandes feitos da tradição portuguesa, dando especial destaque aos reis que se dedicaram à política de expansão territorial e católica – uma concepção elitista que, ao deixar de fora o povo português, ignorou todo o sacrifício da população lusitana. Assim, em sua obra, foi sobretudo exaltada a ampliação do império colonial, formado por preceitos cristãos, já que os navegantes seriam movidos pela fé. Com isso, a conquista marítima, enraizada em interesses mercantilistas, adquiriu outros contornos sob a visão camoniana e do estado português, transformou-se, assim, em verdadeira cruzada religiosa.

O caráter da tradição épica predominante na obra pode ser observado no tom marcante e exaltado; embora esteja, por vezes, pontuado por diversas situações líricas. Em termos de conteúdo narrativo, duas histórias entrelaçadas são identificadas: os planos da história dos deuses e o plano da história dos homens correm em paralelo no poema. Com base em crônicas e em relatos de viagem considerados confiáveis na época, Camões, neste último aspecto, trata da viagem em si, não se esquecendo dos percalços inerentes inevitáveis. Já no plano mítico, permanecem os deuses da mitologia a deliberarem sobre a ação dos homens; o enfoque se concentra no debate entre os deuses do Olimpo e em torno da ameaça que poderia significar sucesso dos portugueses na navegação. E foi justamente esta interdependência dos dois planos que permitiu a mistura de elementos renascentistas pagãos com medievais cristãos.

Nestes termos e de acordo com os modelos clássicos, *Os Lusíadas* contemplam as seguintes partes:

- **Proposição** — O autor revela tanto os seus propósitos como o assunto de que vai tratar (estrofes 1 a 3, canto I).

As armas e os barões assinalados,
Que da ocidental praia Lusitana,
Por mares nunca de antes navegados,
Passaram ainda além da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que prometia a força humana,
E entre gente remota edificaram
Novo Reino, que tanto sublimaram;

[...]

CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Introd. e notas de Vitor Ramos. São Paulo: Cultrix/Brasília: INL, 1980.

- **Invocação** — O autor pede ajuda e inspiração às Tágides, ou seja, às ninfas do rio Tejo (estrofes 4 e 5, canto I).

[...]
E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandiloquo e corrente,
Porque de vossas águas, Febo ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene.

[...]

CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Introd. e notas de Vitor Ramos. São Paulo: Cultrix/Brasília: INL, 1980.

- **Dedicatória** — De acordo com a tradição renascentista, Camões dedica a obra ao rei D. Sebastião, por quem sentia estima e admiração (estrofes 6 a 18, canto I).

[...]
A Armada do Gama em Alto Mar
Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naus as velas côncavas inchando;
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As marítimas águas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas

[...]

CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Introd. e notas de Vitor Ramos. São Paulo: Cultrix/Brasília: INL, 1980.

- **Narração** — Descreve a viagem, por consequência, é o trecho de maior extensão (estrofe 19 do canto I à estrofe 144 do canto X).
- **Episódio de Inês de Castro** — Um dos pontos altos do poema, o narrador relata o triste caso amoroso entre o príncipe D. Pedro e sua amante, a castelhana Inês de Castro, considerada, pelo rei D. Afonso IV, uma ameaça à segurança portuguesa. O rei condena-a à morte. A culpa de Inês: o amor por D. Pedro. Tal episódio, com fundamento na história de Portugal, inclui-se na narrativa de Vasco da Gama ao rei de Melinde.

[...]

Passada esta tão próspera vitória,
Tornando Afonso à Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta glória
Quanta soube ganhar na dura guerra,
O caso triste, e dino da memória,
Que do sepulcro os homens desenterra,
Aconteceu da mísera e mesquinha
Que depois de ser morta foi Rainha.

Tu só, tu, puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Deste causa à molesta morte sua,
Como se fora pérfida inimiga.
Se dizem, fero Amor, que a sede tua
Nem com lágrimas tristes se mitiga,
É porque queres, áspero e tirano,
Tuas aras banhar em sangue humano.

Estavas, linda Inês, posta em sossego,
De teus anos colhendo doce fruto,
Naquele engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito,

Nos saudosos campos do Mondego,
De teus fermosos olhos nunca enxuto,
Aos montes ensinando e às ervinhas
O nome que no peito escrito tinhas.

[...]

Tirar Inês ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho que tem preso,
Crendo co' o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo aceso.
Que furor consentiu que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra uma fraca dama delicada?

[...]

CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Introd. e notas de Vitor Ramos. São Paulo: Cultrix/Brasília: INL, 1980.

- **Episódio do velho do Restelo** — Aqui, é revelado a real intenção da viagem: ação de conquista e rapinagem econômica. A revelação ocorre no momento em que a esquadra de Vasco da Gama deixava a praia do Restelo, em Lisboa/Portugal, rumo à Índia. Aqui, um velho levantou-se e fez um discurso que desmascarava a viagem. Muito embora não haja fundamento histórico, esse episódio do velho do Restelo teria sido narrado por Vasco ao rei de Melinde.

— Ó glória de mandar! Ó vã cobiça
 Desta vaidade, a quem chamamos Fama!
 Ó fraudulento gosto, que se atiça
 C'uma aura popular, que honra se chama!
 Que castigo tamanho e que justiça
 Fazes no peito vão que muito te ama!
 Que mortes, que perigos, que tormentas,
 Que crueldades neles experimentas!
 — Dura inquietação d'alma e da vida,
 Fonte de desamparos e adultérios,
 Sagaz consumidora conhecida
 De fazendas, de reinos e de impérios:
 Chamam-te ilustre, chamam-te subida,
 Sendo dina de infames vitupérios;
 Chamam-te Fama e Glória soberana,
 Nomes com quem se o povo néscio engana!

— A que novos desastres determinas
 De levar estes reinos e esta gente?
 Que perigos, que mortes lhe destinás
 Debaixo d'algum nome preminente?
 Que promessas de reinos, e de minas
 D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
 Que famas lhe prometerás? que histórias?
 Que triunfos, que palmas, que vitórias?
 [...]

CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Introd. e notas de Vitor Ramos. São Paulo: Cultrix/Brasília: INL, 1980.

- **Episódio do Gigante Adamastor** — Dando continuidade ao relato ao rei de Melinde, Vasco, o comandante, discorre sobre a passagem pelo cabo das Tormentas, no extremo sul da África, local de muitos perigos e difícil navegação. E é justamente aqui, nesse trecho do poema, que Camões faz referência, alegoricamente, à capacidade lusitana de superar os obstáculos marítimos.

[...]
 Não acabava, quando uma figura
 Se nos mostra no ar, robusta e válida,
 De disforme e grandíssima estatura,
 O rosto carregado, a barba esquálida,
 Os olhos encovados, e a postura
 Medonha e má, e a cor terrena e pálida,
 Cheios de terra e crespos os cabelos,
 A boca negra, os dentes amarelos.
 Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificar-te, que este era o segundo
 De Rodes estranhíssimo Colosso,

Que um dos sete milagres foi do mundo:
 Com um tom de voz nos fala horrendo e grosso,
 Que pareceu sair do mar profundo:
 Arrepiam-se as carnes e o cabelo
 A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo.

E disse: —“Ó gente ousada, mais que quantas
 No mundo cometeram grandes cousas,
 Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,
 E por trabalhos vãos nunca repousas,
 Pois os vedados términos quebrantas,
 E navegar meus longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
 Nunca arados de estranho ou próprio lenho:

—“Pois vens ver os segredos escondidos
 Da natureza e do húmido elemento,
 A nenhum grande humano concedidos
 De nobre ou de imortal merecimento,
 Ouve os danos de mim, que apercebidos
 Estão a teu sobejo atrevimento,
 Por todo o largo mar e pela terra,
 Que ainda há de sojugar com dura guerra.

[...]

CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Introd. e notas de Vitor Ramos. São Paulo: Cultrix/Brasília: INL, 1980.

- **Episódio da ilha dos Amores** — Já no trajeto de volta a Portugal, os heróis lusitanos são presenteados pela deusa Vênus pela conclusão feliz de sua aventura. Traz consigo como prêmio uma ilha repleta de ninfas, lindas e dispostas aos anseios amorosos dos marinheiros. Assim, e indo ao encontro do plano mítico, Vênus metaforicamente alça os navegantes à condição de deuses, visto tratar-se de premiação digna somente de moradores do Olimpo.

[...]
 Porém a deusa Cípria, que ordenada
 Era para favor dos Lusitanos
 Do Padre eterno, e por bom gênio dada,
 Que sempre os guia já de longos anos;
 A glória por trabalhos alcançada,
 Satisfação de bem sofridos danos,
 Lhe andava já ordenando, e pretendia
 Dar-lhe nos mares tristes alegria.

[...]

Isto bem revolvido, determina
 De ter-lhe aparelhada, lá no meio
 Das águas, alguma ínsula divina,
 Ornada de esmaltado e verde arreo;
 Que muitas tem no reino, que confina
 Da mãe primeira com o terreno seio,

Afora as que possui soberanas
Para dentro das portas Herculanias.

Ali quer que as aquáticas donzelas
Esperem os fortíssimos barões,
Todas as que têm título de belas,
Glória dos olhos, dor dos corações,
Com danças e coreias, porque nelas
Influirá secretas afeições,
Para com mais vontade trabalharem
De contentar, a quem se afeiçoaram.
[...]

CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Introd. e notas de Vitor Ramos. São Paulo: Cultrix/Brasília: INL, 1980.

- **Epílogo** — Aqui, a volúpia pela riqueza e pelo luxo que domina a sua pátria torna-se nítida para Camões. Assim, já prevendo-lhe a decadência, torna-se crítico amargo e desalentado de seu povo e da nobreza lusitana. É justamente por esta razão, que o autor exorta, no epílogo do poema, dom Sebastião a continuar a expansão ultramarina, única forma de evitar a futura derrocada portuguesa (estrofes 145 a 156 do canto X).

[...]
Nô mais, Musa, nô mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida,
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.
O favor com que mais se acende o engenho
Não no dá a pátria, não, que está metida
No gosto da cobiça e na rudeza
Dũa austera, apagada e vil tristeza.

E não sei por que influxo de Destino
Não tem um ledor orgulho e geral gosto,
Que os ânimos levanta de contínuo
A ter pera trabalhos ledor o rosto.
Por isso vós, ó Rei, que por divino
Conselho estais no régio sólio posto,
Olhai que sois (e vede as outras gentes)
Senhor só de vassallos excelentes.

[...]
Fazei, Senhor, que nunca os admirados
Alemães, Galos, Ítalos e Ingleses,
Possam dizer que são pera mandados,
Mais que pera mandar, os Portugueses.
Tomai conselho só d'experimentados
Que viram largos anos, largos meses,
Que, posto que em cientes muito cabe.
Mais em particular o experto sabe
[...]

CAMÕES, Luis de. *Os Lusíadas*. Introd. e notas de Vitor Ramos. São Paulo: Cultrix/Brasília: INL, 1980.

OBRA DRAMÁTICA

A dramaturgia camoniana vem recebendo lugar de menor importância no conjunto da produção do poeta,

uma vez que não guardam a expressividade e a força que caracterizaram sua obra lírica e épica. Camões deixou três peças teatrais: *Anfitriões*, *Auto de Filodemo*, *El-rei Seleuco*.

Contexto histórico do Quinhentismo

O Quinhentismo surgiu no período contrarreformista de Portugal, que por sua vez teve início com a abertura das escolas jesuíticas.

É um marco do início das produções escritas brasileiras. Usa-se o termo escritas e não literatura brasileiras simplesmente porque o país ainda era apenas uma das colônias de Portugal.

Coincide com o projeto colonial e são registros (marcas escritas: cartas e/ou crônicas) de viajantes e jesuítas sobre a terra recém-descoberta. Essas obras têm mais valor histórico do que literário, pois relatam os primeiros contatos com a terra brasileira e seus nativos.

Esse período é dividido em literatura de informação e literatura de catequese.

Essa gravura foi extraída do livro de Hans Staden, obra em que ele descreve o período em que esteve no atual Brasil.

Durante esse período, Hans foi preso dos indígenas tupinambás por nove meses e presenciou rituais antropofágicos. Na gravura, o autor aparece ao fundo, de barba.

Relatos como esses motivaram os europeus a moralizar os nativos por meios missões colonizadoras e jesuíticas.

LITERATURA DE INFORMAÇÃO

As impressões tecidas por viajantes e jesuítas tornaram-se então os primeiros registros escritos da história brasileira. Pero Vaz de Caminha (1450-1500), escrivão da expedição de Pedro Álvares Cabral, protagonizou o primeiro documento escrito da nossa história. A carta, enviada ao rei de Portugal, trazia informações sobre a fauna, a flora e a gente da nova terra. Logo, escritores e cronistas recém-chegados faziam questão de registrar as novidades que presenciavam, testemunhavam os costumes locais e o deslumbramento que o novo "paraíso" causava nos colonizadores.

Tais impressões eram consideradas decisivas àquela altura. Isso porque registravam, de forma histórica e informativa, o que representavam os territórios recém-descobertos. Era também uma forma de se tentar convencer cidadãos da metrópole a se mudar para a América a fim de colonizá-la. Assim sendo, a literatura tinha o importante papel de consolidação da conquista.

Neste contexto, os registros entre 1500 e 1601 enquadram-se no período chamado de literatura de informação.

A seguir, leia os trechos da "Carta do descobrimento", de Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal. Nela percebe-se o tom nativista do autor, que exalta as virtudes da terra e do povo presente.

[...]

Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram. Ali não pôde deles haver fala, nem entendimento de proveito, por o mar quebrar na costa. Somente deu-lhes um barrete vermelho e uma carapuça de linho que levava na cabeça e um sombreiro preto. Um deles deu-lhe um sombreiro de penas de ave, compridas, com uma copazinha de penas vermelhas e pardas como de papagaio; e outro deu-lhe um ramal grande de continhas brancas, miúdas, que querem parecer de aljaveira, as quais peças creio que o Capitão manda a Vossa Alteza, e com isto se volveu às naus por ser tarde e não poder haver deles mais fala, por causa do mar.

[...]

Ali andavam entre eles três ou quatro moças bem novinhas e gentis, com cabelos mui pretos e compridos pelas costas e suas vergonhas tão altas, saradinhas e tão limpas das cabeleiras que de as nós muito bem olharmos não se envergonhavam.

[...]

Águas são muitas; infindas. E em tal maneira é graciosa que, querendo-a aproveitar, dar-se-á nela tudo, por bem das águas que tem.

[...]

CAMINHA, Pero Vaz de. *Carta ao rei D. Manuel, dando notícias do descobrimento da terra de Vera Cruz, hoje Brasil, pela armada de Pedro Álvares Cabral*. 1500. Manuscrito. Brasil: Fundação Biblioteca Nacional.

LITERATURA DE CATEQUESE

Nos primeiros anos de colonização, não existia vida cultural no Brasil.

A partir de 1549, com a chegada dos jesuítas e a fundação dos primeiros colégios surgiram os únicos re-dutos de atividade intelectual na colônia.

A missão dos jesuítas era catequizar os indígenas e expandir a fé católica no Novo Mundo.

O principal instrumento de catequização foi o teatro, mas os jesuítas também produziram poemas sem finalidade catequética, com destaque para o padre José de Anchieta.

PRINCIPAIS AUTORES E OBRAS

- Ambrósio Fernandes Brandão, *Diálogos das Grandezas do Brasil*.
- Fernão Cardim, *Do Clima e da Terra do Brasil, Do Princípio e Origem dos Índios do Brasil, Narrativa Epistolar de Uma Viagem e Missão Jesuítica*.
- Frei Vicente do Salvador, *História do Brasil*.
- Gabriel Soares Sousa, *Tratado Descritivo do Brasil*.
- Hans Staden, *Duas Viagens ao Brasil*.
- Jean de Léry, *Viagem à Terra do Brasil*.
- José de Anchieta, *Auto de São Lourenço*.
- Pero de Magalhães Gândavo, *Tratado da Terra do Brasil e História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil*.
- Pero Lopes de Sousa, *Diário de Navegação*.
- Pero Vaz de Caminha, *Carta ao Descobrimento*.

ROTEIRO DE AULA

CLASSICISMO

Contexto histórico

O Renascimento é marcado pela visão de mundo que valoriza a razão e a ação centradas no humano.

Características

São privilegiadas as proporções, a harmonia das formas, o equilíbrio das composições e o olhar racional. O uso de sonetos é muito comum.

Autor

Luís Vaz de Camões.

Os lusíadas

Obra épica que cruza duas histórias — a exaltação da conquista marítima dos portugueses e o debate entre deuses do Olimpo. Apresenta 8 816 versos, todos decassílabos.

ROTEIRO DE AULA

QUINHENTISMO

Contexto histórico

No contexto das Grandes Navegações, teve início com a chegada dos portugueses ao Brasil.

Características gerais

Considerada a primeira escola literária brasileira, tem pouco valor artístico, mas muito valor histórico. Descreve a paisagem, o índio e os primeiros grupos sociais.

Literatura de informação

Cartas e tratados produzidos pelos viajantes e cronistas que estiveram no Brasil. Preocupa-se em descrever a terra e o índio, já demonstrando a intenção de conquistar e explorar.

Literatura de catequese

Poduzida pelos jesuítas com o intuito de catequizar os índios conforme os princípios cristãos. Reuné poemas, relatórios e teatro de cunho pedagógico.

Principais autores

Ambrósio Fernandes Brandão, Fernão Cardim, Frei Vicente do Salvador, Gabriel Soares Sousa, Hans Staden, Jean de Léry, José de Anchieta, Pero de Magalhães Gândavo, Pero Lopes de Sousa e Pero Vaz de Caminha.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. FGV-SP – Assinale a alternativa que completa corretamente a afirmação seguinte:

O movimento desenvolveu-se no apogeu político de Portugal; consiste numa concepção artística baseada na imitação dos modelos clássicos gregos e latinos. Nele, o pensamento lógico predomina sobre a emoção, e a estrutura da composição poética obedece a formas fixas, com a introdução da medida nova, que convive com a medida velha das formas tradicionais.

Trata-se do:

- a) Modernismo.
- b) Barroco.
- c) Romantismo.
- d) Classicismo.
- e) Realismo.

O Classicismo privilegiou o racionalismo, a harmonia das formas, o equilíbrio das composições e a identificação com a cultura greco-romana que revelava tendência antropocêntrica, ou seja, prevalecia a ideia de que o homem era a “medida de todas as coisas”.

2. Unisa-SP – A “literatura Jesuítica” nos primórdios de nossa história:

- a) tem grande valor informativo;
- b) marca nossa maturação clássica;
- c) visa à catequese do índio, à instrução do colono e sua assistência religiosa e moral;
- d) está a serviço do poder real;
- e) tem fortes doses nacionalistas.

A literatura Jesuítica tem como objetivo a catequese e a conversão dos índios à fé cristã. Constitui-se de textos escritos por missionários jesuítas.

3. Fuvest-SP – Camões escreveu obra épica ou lírica? Justifique sua resposta, exemplificando com obras do autor.

Camões escreveu os gêneros épico e lírico, sendo que *Os Lusíadas* é

um poema épico que narra a viagem de Vasco da Gama às Índias (1497-

1498), estabelecendo uma das rotas marítimas mais importantes na

época, além de passar por boa parte da história de Portugal. Já sua

obra lírica se constitui de sonetos decassílabos e está organizada no livro

Rimas, publicado após sua morte.

4. Unifor-CE

C5-H15

No período colonial, verificam-se os seguintes fenômenos de nossa vida literária:

- a) Constituição de um exigente público leitor e surgimento das primeiras editoras nacionais.
- b) Manifestação de sentimentos nacionalistas e consolidação do romance de temática urbana.
- c) Surgimento dos nossos primeiros grandes críticos literários e consolidação de um público de leitores.
- d) Reflexos de princípios estéticos do Barroco e do Arcadismo europeus e manifestação de sentimentos nativistas.
- e) Surgimento dos primeiros manifestos românticos e exploração de temas indianistas.

O período colonial foi marcado por documentos de informação que retrataram os sentimentos nativistas da época, bem como serviu de inspiração para os princípios estéticos de dois movimentos literários que seriam produzidos logo em seguida: o Barroco e o Arcadismo.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

5. UFSM-RS – Sobre a literatura produzida no primeiro século da vida colonial brasileira, é correto afirmar que:

- a) É formada principalmente de poemas narrativos e textos dramáticos que visavam à catequese.
- b) Inicia com *Prosopopeia*, de Bento Teixeira.
- c) É constituída por documentos que informam acerca da terra brasileira e pela literatura jesuítica.
- d) Os textos que a constituem apresentam evidente preocupação artística e pedagógica.
- e) Descreve com fidelidade e sem idealizações a terra e o homem, ao relatar as condições encontradas no Novo Mundo.

Nesse período, o que existia eram os registros de viajantes, chamada de literatura de informação, e a literatura jesuítica que tinha como objetivo a conversão dos índios à fé cristã.

6. UFPA – Quanto às manifestações literárias brasileiras aparecidas durante o período colonial:

- a) refletiam a grandeza da Literatura Portuguesa da época.
- b) não havia obras escritas, existia, pois, como manifestação oral.
- c) eram ainda incipientes, apesar de escritas, pois a metrópole não incentivava este tipo de produção.
- d) o expressivo número de escritores que apareceram obreiam-se com os maiores vultos da literatura universal.
- e) representa o esplendor das tendências literárias do medievalismo português.

Eram, basicamente, textos de caráter informativo e doutrinário.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

Texto para as questões de 7 a 9

[...] o professor e escritor português Helder Macedo, que, no ensaio “Camões e a viagem iniciática”, irá contestar a teoria da castidade do poeta Camões, argumentando que o autor

Luís de Camões, à frente do seu tempo, teria, na verdade, procurado e desenvolvido uma nova filosofia na qual os valores até então inconciliáveis do homem (o corpo e a alma) pudessem, na sua poesia, finalmente se combinar.

‘Isto porque viver na Europa quinhentista não faz necessariamente de Luís de Camões um quinhentista genuíno, no sentido ideológico e não temporal da palavra, não insere obrigatoriamente Camões no pensamento do seu tempo, a coadunar, parcial ou totalmente, com a visão de mundo vigente. E serão estas duas possibilidades, estes inegociáveis estar e não estar camonianos em sua época, que provocarão as dubiedades semânticas que podemos observar com frequência nas leituras críticas de sua poesia.

SOARES, Marcelo Pacheco. Camões & Camões ou Pede o desejo, Camões, que vos leia. In: *Revista Polidisciplinar Eletrônica da Faculdade de Guairacá*. Disponível em: <http://www.revistavoos.com.br/seer/index.php/voos/article/view/46/01_Vol2_VOOS2009_CL20>. Acesso em: jun. 2018.

7. ESPM-SP – Baseando-se no texto, pode-se afirmar que:

- a) o professor e escritor português citado discorda de uma teoria filosófica nova desenvolvida por Camões.
- b) a mulher, no quinhentismo, era vista, contrariando a regra, como um ser idealizado, puro, inalcançável.
- c) Camões produziu obras biográficas cujas fontes de inspirações poéticas eram as figuras femininas.
- d) Camões não seguiu rigidamente os cânones renascentistas da época: o platonismo e o petrarquismo.
- e) paira uma incerteza sobre a genuína influência da filosofia platônica nos clássicos renascentistas Dante e Petrarca.

8. ESPM-SP – Ainda segundo o texto:

- a) Camões não se enquadra cronologicamente no quinhentismo, mas sim ideologicamente.
- b) alvos da crítica literária, as contradições semânticas são frequentes na produção poética camoniana.
- c) Camões produziu uma teoria da castidade, ao defender o amor puro, não material, não carnal.
- d) a busca da conciliação entre matéria e espírito, corpo e alma, é um traço típico da lírica camoniana.
- e) a consciência das tensões entre corpo e alma, “estar” e “não estar”, faz de Camões um poeta à frente de seu tempo.

9. ESPM-SP – Baseando-se estritamente no ponto de vista teorizado no texto acima (e não no sentido amplo da obra camoniana), Camões poderia ser vinculado a uma das definições abaixo, que caracterizam períodos da História da Literatura. Assinale-a:

- a) “Obediente a estritas normas de cortesia – o ‘amor cortês’ –, rendia vassalagem absoluta à dama, prometia servi-la e respeitá-la fielmente, ser discreto embora ciumento, empalidecer na sua presença...”
- b) “visão de mundo centrada na ideia do valor essencial e supremo do Homem, em oposição às teorias que privilegiam a Natureza, a realidade física ou concreta.”
- c) “Entendido ora como liame entre a Renascença e o Barroco, ora como uma tendência autônoma e diferenciada...” “É marcado pela contradição e o conflito e assumiu na vasta área em que se manifestou várias feições.”
- d) “A envolvente estesia verbal ...‘distraía’ a consciência do pecado ou do erro, simbolizado na prática de uma vida não cristã e não católica.”

- e) “...pregavam, na esteira de Horácio, a ‘áurea mediocridade’, ou seja, a dourada mediania existencial, transcorrida sem sobressaltos, sem paixões ou desejos.”

10. Vunesp – Leia o texto e responda:

Tanto de meu estado me acho incerto,
que em vivo ardor tremendo estou
de frio; sem causa, juntamente choro e rio,
o mundo todo abarco e nada aperto.

É tudo quanto sinto, um desconcerto;
da alma um fogo me sai, da vista
um rio; agora espero, agora desconfio,
agora desvario, agora acerto.

Estando em terra chego ao céu
voando, num’hora acho mil anos, e é de jeito
que em mil, anos não posso achar um’hora.

Se me pergunta alguém por que assim ando,
respondo que não sei; porém o
suspeito que só porque vos vi, minha Senhora.

CAMÕES, Luís de. Domínio público.

O soneto acima transcrito é de Luís Camões. Nele se acha uma característica da poesia clássica renascentista. Assinale essa característica, em uma das alternativas:

- a) a suspeita de amor que o poeta declara na conclusão.
- b) o jogo de contradições e perplexidades que atornentam o poeta.
- c) o fato de todos perguntarem ao poeta por que assim anda.
- d) o fato de o poeta não saber responder a quem o interroga.
- e) a utilização de um soneto para relato das suas amarguras.

Leia o soneto do poeta Luís Vaz de Camões (1525?-1580) para responder às questões de 11 a 13.

Sete anos de pastor Jacob servia
Labão, pai de Raquel, serrana bela;
mas não servia ao pai, servia a ela,
e a ela só por prêmio pretendia.

Os dias, na esperança de um só dia,
passava, contentando-se com vê-la;
porém o pai, usando de cautela,
em lugar de Raquel lhe dava Lia.

Vendo o triste pastor que com enganos
lhe fora assi negada a sua pastora,
como se a não tivera merecida,
começa de servir outros sete anos,
dizendo: “Mais servira, se não fora
para tão longo amor tão curta a vida”.

11. Unifesp – Uma das principais figuras exploradas por Camões em sua poesia é a antítese. Neste soneto, tal figura ocorre no verso:

- a) “mas não servia ao pai, servia a ela,”
- b) “passava, contentando-se com vê-la,”
- c) “para tão longo amor tão curta a vida,”
- d) “porém o pai, usando de cautela,”
- e) “lhe fora assi negada a sua pastora,”

12. Unifesp – Do ponto de vista formal, o tipo de verso e o esquema de rimas que caracterizam este soneto camoniano são, respectivamente,

- a) dodecassílabo e ABAB ABAB ABC ABC.
- b) decassílabo e ABAB ABAB CDC DCD.
- c) heptassílabo e ABBA ABBA CDE CDE.
- d) decassílabo e ABBA ABBA CDE CDE.
- e) dodecassílabo e ABBA ABBA CDE CDE.

13. Unifesp – De acordo com a história narrada pelo soneto,

- a) Labão engana Jacob, entregando-lhe a filha Lia, em vez de Raquel.
- b) Labão aceita ceder Lia a Jacob, se este lhe entregar Raquel.
- c) Labão obriga Jacob a trabalhar mais sete anos para obter o amor de Lia.
- d) Jacob descumpre o acordo feito com Labão, negando-lhe a filha Raquel.
- e) Jacob morre antes de completar os sete anos de trabalho, não obtendo o amor de Raquel.

14. Fuvest-SP – Entende-se por literatura informativa no Brasil:

- a) o conjunto de relatos de viajantes e missionários europeus, sobre a natureza e o homem brasileiros.
- b) a história dos jesuítas que aqui estiveram no século XVI.
- c) as obras escritas com a finalidade de catequese do indígena.
- d) os poemas do Padre José de Anchieta.
- e) os sonetos de Gregório de Matos

15. UFSM-RS – O Quinhentismo, enquanto manifestação literária, pode ser definido como uma época em que:

- I. não se pode falar, ainda, na existência de uma literatura brasileira, pois a cultura portuguesa estabelecia

as formas de pensamento e expressão para os escritores na colônia;

- II. se pode falar na existência de uma literatura brasileira porque, ao descreverem o Brasil, os textos mostram um forte instinto de nacionalidade, na medida em que todos os escritores eram nativos da terra;
- III. a produção escrita se prende à descrição da terra e do índio ou a textos escritos pelos jesuítas, ou seja, uma produção informativa e doutrinária.

Está(ão) correta(s):

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas I e III.
- d) Apenas II e III.
- e) Apenas III.

16. UFPA – Quanto ao sentimento nativista das primeiras manifestações literárias feitas no Brasil:

- a) é um sentimento de apego aos valores culturais portugueses, conforme se vê nos poemas de Anchieta.
- b) consiste na propagação da mentalidade colonial portuguesa, sobre o que giram os poemas de Gregório de Matos.
- c) a obra dos cronistas viajantes representa o apogeu deste sentimento.
- d) é um sentimento tênue de apego à terra brasileira que, mais tarde, irá desaguar no nacionalismo do Romantismo.
- e) só se observa nos poetas árcades devido ao seu envolvimento na inconfiabilidade Mineira.

17. Unifor-CE – A obra catequética de José de Anchieta, os sermões do Padre Antônio Vieira e a lírica de Tomás Antônio Gonzaga:

- a) representam gêneros e estilos diversos da literatura do período colonial;
- b) constituem o que se costuma caracterizar como literatura de informação;
- c) constituem obras do mesmo gênero, distribuídas em períodos diversos;
- d) representam os momentos mais altos do estilo barroco;
- e) constituem obras de gêneros diferentes, produzidas no século XVII.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C5-H15

Não mais, Musa, não mais, que a Lira tenho
Destemperada e a voz enrouquecida
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.

CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*.

Os versos acima pertencem a que parte de *Os Lusíadas*?

- a) Proposição.
- b) Invocação.
- c) Dedicatória.
- d) Narração.
- e) Epílogo

19. Enem

C5-H16



MUSEU NACIONAL DA DINAMARCA

ECKHOUT, Albert. *Homem Tapuia*. 1641. Óleo sobre tela; 272 × 161 cm. Ethnographic Collection. The National Museum of Denmark, Copenhagen, Dinamarca.

A feição deles é serem pardos, maneira d'avermelhados, de bons rostos e bons narizes, bem feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma coisa cobrir, nem mostrar suas vergonhas. E estão acerca disso com tanta inocência como têm em mostrar o rosto.

CAMINHA, Pero Vaz de. Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil. Disponível em: <www.cervantesvirtual.com>. Acesso em: ago.2018.

Ao se estabelecer uma relação entre a obra de Eckhout e o trecho do texto de Caminha, conclui-se que:

- a) ambos se identificam pelas características estéticas marcantes, como tristeza e melancolia, do movimento romântico das artes plásticas.
- b) o artista, na pintura, foi fiel ao seu objeto, representando-o de maneira realista, ao passo que o texto é apenas fantasioso.
- c) a pintura e o texto têm uma característica em comum, que é representar o habitante das terras que sofreriam processo colonizador.
- d) o texto e a pintura são baseados no contraste entre a cultura europeia e a cultura indígena.
- e) há forte direcionamento religioso no texto e na pintura, uma vez que o índio representado é objeto da catequização jesuítica.

20. Enem

C6-H20

Napoleão Bonaparte e Adolf Hitler, entre outros, sonharam com a pan-Europa que, com a inclusão de mais dez

países, se tornou uma realidade irreversível. Os antecedentes da União Europeia são assim, alguns mais respeitáveis do que outros. Durante muito tempo depois da tentativa de Carlos Magno de substituir o império romano pelo seu, uma identidade europeia se definia mais pelo que não era do que pelo que era: cristã e não muçulmana, civilizada em vez de bárbara (e, portanto, com o direito de subjugar e europeizar os bárbaros – isto é, o resto do mundo).

Luis Fernando Verissimo. *O mundo é bárbaro*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

Em um processo de colonização, o colonizador vê o nativo como um elemento a ser não apenas fisicamente dominado, mas também como alguém a quem deve impor ideias e convicções. Exemplo disso ocorreu, entre nós, com

- a) a utilização didática do teatro, pelo padre Anchieta, com a finalidade de conversão do gentio.
- b) o empenho com que o poeta Gregório de Matos satirizava os costumes populares da cidade da Bahia.
- c) a influência exercida pelos poetas clássicos sobre os nossos escritores arcádicos.
- d) os romances de José de Alencar, inteiramente tributários da tradição literária portuguesa.
- e) a poesia de Castro Alves, cujo vigor se deveu aos modelos literários dos iluministas franceses.

MATERIAL DE USO
SISTEMA DE ENSINO

4

BARROCO E ARCADISMO

BARROCO

O Barroco ou Seiscentismo ocorreu em um período em que o país não tinha instituições de ensino superior e nem mesmo contava com a impressão de livros ou jornais. O Brasil-colônia se encontrava alienado do restante do mundo, seu único elo era Portugal.

O marco inicial se deu com a publicação, em 1601, de *Prosopopeia*, de Bento Teixeira, obra marcada pelo estilo rebuscado e pela tensão entre divino e profano. A política de colonização se adensava no país, sendo que Salvador, capital do Brasil, constituiu-se em núcleo populacional importante e em centro cultural que, embora tímido, produziu um poeta do porte de Gregório de Matos. A publicação de *Obras*, de Cláudio Manuel da Costa, representa o fim deste movimento e a introdução ao Neoclassicismo ou Arcadismo.

CONTEXTO HISTÓRICO

FATORES HISTÓRICOS QUE INFLUENCIARAM O MOVIMENTO BARROCO

- Reforma Protestante: implementada por Martinho Lutero, pregava a livre leitura da Bíblia e o retorno à simplicidade dos apóstolos.
- Contrarreforma Católica: o Concílio de Trento, realizado de 1545 a 1563, surgiu como resposta à Reforma Protestante com um conjunto de medidas tomadas pela igreja católica para conter seu crescimento no continente europeu. Assim, a autoridade da Igreja de Roma foi vigorosamente reafirmada, depois de perder muitos fiéis. A Santa Inquisição tornou-se instrumento de perseguição aos reformistas, tratados como hereges.

Em seus primórdios, a arte que se desenvolveu com mais força foi a arquitetura. Em nenhuma época se produziu um número tão grande de igrejas e capelas, estátuas de santos e monumentos sepulcrais.

- **Companhia de Jesus:** reconhecida pelo papa em 1540, passa a dominar quase que inteiramente o ensino. Ela exerceu um papel importante na difusão do pensamento católico e tinha a missão de conquistar novas almas para o cristianismo nas terras colonizadas em todo o mundo.
- **Ausência do rei D. Sebastião de Portugal:** valendo-se do sumiço do rei de Portugal e do fato de este não possuir herdeiros, o rei Filipe da Espanha domina militarmente a Península e estabelece a União Ibérica, cuja duração perdurou de 1580 a 1640.
- **Restauração:** Portugal livrava-se da dominação espanhola em 1640, e o trono português era entregue à dinastia de Bragança.
- **Igreja e Estado:** a Igreja se associava ao Estado. Desse modo, a arquitetura barroca, antes só religiosa, surge também na construção de palácios, com o objetivo de causar admiração e poder.

- Barroco
- Tomás Antônio Gonzaga
- Cláudio Manuel da Costa
- José Basílio da Gama
- José de Santa Rita Durão

HABILIDADES

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer no texto estratégias argumentativas empregadas para o convencimento do público, tais como a intimidação, sedução, comoção, chantagem, entre outras.

CARACTERÍSTICAS DO BARROCO

Uma vez que no Barroco os indivíduos passam a se afastar do saber puramente racional e da objetividade, sua imaginação os leva a entender o mundo de maneira mais instável, desenhando-o com contornos não definidos, diferentes daqueles usados no Renascimento. Na arquitetura barroca, as formas romperam com a geometria e entregaram-se a curvas, dobras e saliências, criando imagens contorcidas e arqueadas, que se arremessavam para o alto como se pretendessem alcançar o céu; na literatura barroca as figuras de linguagem tentaram dar conta de uma visão de mundo bifurcada, já que o homem estava em constante conflito existencial, dividido entre a fé e a razão.

LINGUAGEM BARROCA

Textualmente, as contradições do mundo eram interpretadas e expressadas por uma linguagem refinada, que construía discursos complexos e paradoxais, dando expressão à instabilidade e contradição características do período.

Passa também a ser empregada a subjetividade, com o uso de emoção e dramaticidade nas obras, assim como a exploração de figuras de linguagem, que visavam a envolver os interlocutores através do estímulo dos sentidos.

- **Cultismo (ou gongorismo)**, predominantemente presente em poemas, é um estilo de composição inspirado no trabalho do espanhol Luís de Góngora (1561-1627), adepto de uma linguagem técnica e extremamente expressiva. As principais características dessa tendência estética são a linguagem metafórica mais refinada, o gosto pela descrição e a predileção por jogos de palavras e de imagens.
- **Conceptismo (ou quevedismo)**, predominantemente presente em textos prosaicos, é um estilo de composição inspirado no trabalho do também espanhol Francisco Quevedo (1580-1645), que se tornou célebre pela elaboração de textos de reflexão profunda, baseados na construção complexa de textos em que conceitos eram profundamente discutidos através da produção de representações simbólicas. As principais características dessa tendência estética são o maior destaque ao conteúdo, a predileção por jogos argumentativos e o uso de grande sutileza de raciocínio.

PADRE ANTÔNIO VIEIRA

Natural de Lisboa, nasceu em 1608 e morreu em 1697. Chegou à Bahia com os pais ainda criança. Um dos maiores escritores da língua portuguesa e um dos maiores oradores da história europeia. Estreou como pregador em 1633, após dez anos de noviciado na Companhia de Jesus.

Envolveu-se fortemente com a política. Foi embaixador em países como Roma, França e Holanda, além de ser o pregador da corte. Atormentado pela Inquisição, foi sempre fiel às próprias convicções. Em seus últimos anos, ocupou-se da organização dos seus sermões, que constituem cerca de 15 volumes.

OBRA

Padre Vieira falava aos fiéis da Bahia como se pregasse ao mundo, associando fatos triviais a interpretações grandiosas, ecumênicas, humanísticas. O ponto de partida de seus sermões era sempre um texto da Bíblia.

Investia com grande entusiasmo contra os protestantes em favor das ideias contrarreformistas. Fora homem de confiança do rei D. João IV, gozando de enorme prestígio, embora suas posições em auxílio dos cristãos-novos (judeus convertidos ao cristianismo) e dos índios, além do profetismo sebastianista levaram a ortodoxia católica a colocar tal prestígio em risco.

A linguagem, para Vieira, deveria estar a serviço de uma ideia e nunca perder-se no vazio.

Publicou *Sermões*, a partir de 1679, sendo os mais famosos: *Sermão da quarta-feira de cinzas* (1653), *Sermão pelo Bom Sucesso das Armas de Portugal contra as de Holanda* (1640), *Sermão do mandato* (1643), *Sermão da primeira domingo da quaresma* (1653). Deixou aproximadamente 200 sermões e 500 cartas de correspondência pessoal, além de livros, como *História do futuro*.

A seguir, texto do padre Vieira em que pode ser notado seu vigor oratório na pregação das ideias católicas.

E se quisesse Deus que este tão ilustre e tão numeroso auditório saísse hoje tão desenganado da pregação, como vem enganado com o pregador! Ouçamos o Evangelho, e ouçamo-lo todo, que todo é do caso que me levou e trouxe de tão longe.

Ecce exiit qui seminat, seminare. Diz Cristo que “saiu o pregador evangélico a semear” a palavra divina. Bem parece este texto dos livros de Deus. Não só faz menção do semear, mas também faz caso do sair: *Exiit*, porque no dia da messe hão-nos de medir a semente e hão-nos de contar os passos. O Mundo, aos que lavrais com ele, nem vos satisfaz o que dispendeis, nem vos paga o que andais. Deus não é assim. Para quem lavra com Deus até o sair é semear, porque também das passadas colhe fruto. Entre os semeadores do Evangelho há uns que saem a semear, há outros que semeiam sem sair. Os que saem a semear são os que vão pregar à Índia, à China, ao Japão; os que semeiam sem sair, são os que se contentam com pregar na Pátria. Todos terão sua razão, mas tudo tem sua conta. Aos que têm a seara em casa, pagar-lhe-ão a semente; aos que vão buscar a seara tão longe, hão-lhes de medir a semente e hão-lhes de contar os passos. Ah Dia do Juízo! Ah pregadores! Os de cá, achar-vos-eis com mais paço; os de lá, com mais passos: *Exiit seminare.*

VIEIRA, Antônio. Sermão da Sexagésima. In: _____. *Sermões Escolhidos*. v.2. São Paulo: Edameris, 1965.

OUTROS AUTORES DE PORTUGAL

Francisco Rodrigues Lobo (1580-1622): obra com características predominantemente moralistas, como *O Pastor Peregrino* e *Corte na Aldeia*.

Padre Manuel Bernardes (1644-1710): obra composta por uma prosa doutrinário-religiosa, como *Nova floresta* e *Armas da Castidade*.

Antônio José da Silva, o Judeu (1705-1739): poeta e dramaturgo, destacam-se entre suas obras os livros *Guerras do Alecrim e da Manjerona* (1737) e *O Encanto de Medeia* (1735). Seu teatro rompe com modelos clássicos e incorpora a linguagem e o espírito do povo.

GREGÓRIO DE MATOS GUERRA

Pertencente a uma família proprietária de engenhos de açúcar na Bahia, Gregório de Matos Guerra nasceu em 1636, foi educado com os jesuítas na cidade natal e, em 1650, aos 14 anos de idade, seguiu para Coimbra, formando-se em Direito. Casou-se em Portugal e exerceu a profissão de advogado, chegando a ser juiz em Lisboa. Após se tornar viúvo, dedica-se à vida eclesiástica e volta para a Bahia. Ali, envolveu-se na vida boêmia e insubmissa, ridicularizando muita gente em seus versos, o que lhe deu uma má-reputação diante da Igreja e do Estado. Cada vez mais polêmico e ferino em seus poemas, foi perseguido até ser exilado em Angola. Retorna para o Brasil em 1695, morrendo no ano seguinte, no Recife.

OBRAS

Gregório de Matos foi influenciado por Camões e pelos espanhóis Góngora e Quevedo. Seus poemas permaneceram documentados de forma precária, em manuscritos distribuídos pelo autor e transcritos por amigos, sendo impossível precisar tudo o que ele escreveu.

Gregório, com seu espírito inquieto, ressaltava os aspectos negativos da sociedade e das pessoas, tendo como alvo as autoridades, o modo de vida local, a atitude de bajulação dos brasileiros, a corrupção e o relaxamento de costumes. Embora sua obra satírica seja mais conhecida, Gregório dedicou-se, também, à poesia lírica.

POESIA SATÍRICA

Gregório revelou, por meio da sátira, o cotidiano sócio-político brasileiro sob perspectivas diversas e com grande riqueza de detalhes. Sua agressividade cortante e a persistência de suas críticas lhe renderam o apelido de Boca do Inferno. Não poupava nem a aristocracia, nem o clero, nem os políticos ou os primeiros colonizadores. Suas críticas contundentes enfureceram o Santo Ofício que o denunciou como herege e o deportou. Foi um escritor popular, tornando-se porta-voz do povo humilde e das suas dores.

Gregório criticou principalmente a ambição desmedida dos colonos e as transgressões morais.

Sua ironia e impetuosidade teve como objeto de mira tanto os pobres como os ricos, mulatos ou brancos, ateus ou religiosos. Sua obra poética nos dá a oportunidade de vislumbrar um panorama pitoresco da sociedade baiana do XVII. Contraditório, o poeta criticou os políticos, mas também realizou poemas elogiosos a eles, além de escrever textos preconceituosos a judeus, negros e homossexuais.

Os trabalhos mais significativos de sua poesia centram-se nas misérias sociais da Bahia, que ele exprimiu com apaixonada irritação.

POESIA LÍRICO-AMOROSA

Tipicamente descritivos, seus poemas líricos visam dar expressão, sobretudo, à beleza da mulher amada. Reveladas sempre com a angústia característica do período, os poemas são fundamentados na oposição aberta entre o amor espiritual referido a Cristo, purificador e redentor, e o amor carnal, pecaminoso, mas inelutável, segundo se percebe em seus versos.

Aos afetos e lágrimas derramadas na ausência da dama a quem queria bem

Ardor em firme coração nascido;
pranto por belos olhos derramado;
incêndio em mares de água disfarçado;
rio de neve em fogo convertido:

tu, que em um peito abrasas escondido;
tu, que em um rosto corres desatado;
quando fogo, em cristais aprisionado;
quando cristal, em chama derretido.

Se és fogo, como passas brandamente,
se és neve, como queimas com porfia?
Mas ai, que andou amor em ti prudente!

Pois para temperar a tirania,
como quis que aqui fosse a neve ardente,
permitiu parecesse a chama fria.

MATOS, Gregório de. *Obra Poética*. Rio de Janeiro: Record, 1992.

OUTROS AUTORES NO BRASIL

Bento Teixeira — responsável por inaugurar o Barroco no Brasil e ser o primeiro poeta brasileiro a escrever e publicar uma obra. Trata-se do poema épico *Prosopopeia*, publicado em 1601.

Manuel Botelho de Oliveira — autor das obras *A Ilha da Maré* e *Música do Parnaso*.

A S. Maria Madalena aos pés de Cristo

Solicita, procura, reconhece,
com desvelo, com ânsia, com ventura,
sem temor, sem soberba, sem loucura,
a quem ama, a quem crê, por quem padece.

Ajoelha-se, chora, se enternece,
com pranto, com afeto, com ternura,
e se foi indiscreta, falsa, impura,
despe o mal, veste a graça, o bem conhece.

A seu Mestre, a seu Deus, a seu querido,
rega os pés, ais derrama, geme logo,
sem melindre, sem medo, sem sentido.

Por assombro, por fé, por desafoço,
nos seus olhos, na boca, no gemido,
água brota, ar respira, exala fogo.

OLIVEIRA, Manuel Botelho de. *Poesia completa*: Música do Parnaso, Lira Sacra. Introdução, organização e fixação de texto de Adma Muhana. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Frei Manuel de Santa Maria Itaparica — autor de *Descrição da Ilha de Itaparica* e *Eustáquides*.

ARCADISMO

CONTEXTO HISTÓRICO

No século XVIII, a Europa vivia o Iluminismo, que fazia o resgate do saber e do conhecimento, da lógica e da razão e retomava a cultura clássica greco-romana; a América do Norte experimentava o progresso científico com a descoberta da eletricidade. Um dos objetivos da transformação iluminista era combater os privilégios da nobreza, o que motivou a Revolução Francesa.

No que diz respeito a Portugal, o primeiro-ministro do rei dom José I, o marquês de Pombal, agia e manifestava-se de maneira entusiasta em defesa das “luzes”.

No Brasil, as ideias iluministas impulsionaram a renovação artística local, sendo favorecida pela transferência, em 1763, da capital de Salvador para o Rio de Janeiro. A mudança visava a aproximação com Vila Rica, que se destacava como centro econômico da colônia graças à mineração. Como produto da influência gerada pelo Iluminismo europeu, forma-se, no Brasil, a Inconfidência Mineira – tentativa de libertar o país do domínio colonial português.

ARCADISMO EM PORTUGAL

O marco inicial português do Arcadismo, também chamado Neoclassicismo ou Setecentismo, é a fundação da Arcádia Lusitana, em 1756, cuja proposta principal era reunir artistas para debater sobre a arte. No Brasil, o estilo foi inaugurado com a publicação de *Obras*, de Cláudio Manuel da Costa, no ano de 1768.

O pensamento racional e científico do homem no século XVIII e a busca de uma linguagem mais simples e direta, afastaram os árcades do rebuscamento típico do estilo barroco. Com seu vocabulário mais simples e sem grandes preocupações técnicas, o arcadismo chegou a permitir o uso de versos brancos, isto é, sem rimas.

MANUEL MARIA DE BARBOSA DU BOCAGE

Bocage, autor de poesias líricas e satíricas, nasceu em Setúbal no ano de 1765 e morreu em Lisboa em 1805, teve uma vida bastante conturbada e marcada por grandes perdas. Inadequado socialmente, vagou pelas periferias, tavernas e becos, sem dinheiro e na companhia de marginalizados. Seu alvo principal eram os poderosos. Sua morte, com apenas 40 anos, fora tão melancólica quanto sua curta vida.

Poesia satírica

A exploração de uma linguagem sexual é uma de suas principais marcas, compondo seu estilo satírico “pesado”, que expôs as grandes misérias de seu tempo: sua ferocidade não poupou os acadêmicos nem os poderosos.

Poesia lírica

Duas tendências acompanham a produção poética de Bocage. Em uma delas, o árcade pronto a obedecer

aos convencionalismos dessa corrente literária: a entrega extasiada à beleza, tanto das mulheres (Marília, Jônia, Armia, Anarda, Anália), quanto da Natureza, amiga, delicada e tranquila (bucolismo); a paz, a luminosidade, a atmosfera etérea, os amores realizados, o pastoralismo. Adotou, seguindo a linha tradicional neoclássica, o nome pastoril de Elmani Sadino.

Já a outra tendência revela os tormentos de um poeta marcado pelo pessimismo e pela melancolia, cuja obra é carregada de sentimentalismo e arrebatamentos egoístas exagerados. Essas características deram ensejo à interpretação crítica de que Bocage teria antecipado o Romantismo, o que lhe coloca na categoria de poeta pré-romântico.

ARCADISMO NO BRASIL

No Brasil, o Arcadismo tem início com a publicação do livro *Obras*, de Cláudio Manuel da Costa, em 1768. Esse movimento se manifestou, sobretudo, em um grupo de poetas que costumava se reunir em academias para discutir literatura, filosofia, história e política, em Vila Rica, atual Ouro Preto, em Minas Gerais – o que torna o Arcadismo brasileiro também conhecido por Escola Mineira.

Apesar de a Coroa portuguesa controlar a circulação de jornais e livros pelo território brasileiro, assim como a divulgação de notícias acerca das insurgências republicanas nos Estados Unidos e na Europa, essas ocorrências eram discutidas e muitos desses acadêmicos se envolveram no movimento republicano Inconfidência Mineira, também conhecido como Conjuração Mineira.

Além da obra de Cláudio Manuel da Costa, destacaram-se as produções de Tomás Antônio Gonzaga, José Basílio da Gama e José de Santa Rita Durão.

TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA

Nascido no ano de 1744, na cidade de Porto, Tomás Antônio Gonzaga passou parte de sua infância em Portugal, parte no Brasil. Após formar-se em Direito na cidade de Coimbra, retorna a Minas Gerais, mais especificamente Vila Rica, para exercer o cargo de juiz. Envolvido com a Inconfidência Mineira, foi preso durante um período no Rio de Janeiro e após, degredado para Moçambique onde casou por interesses econômicos e faleceu rico no ano de 1810. Tendo o noivado com Maria Doroteia interrompido, a transformou na pastora Marília em seus poemas.

Poesia lírica

Sua produção lírica exprime muito bem o padrão neoclássico, isto é, a coloquialidade dos versos e uma linguagem simples, fácil, comunicativa.

Em sua maior obra no gênero lírico, *Marília de Dirceu*, composto de uma série de liras que tematizam o ideal da vida no campo, Tomás conta a vida de Dirceu, pastor que vive em uma pequena choupana em meio

às ovelhas e usufrui o momento presente ao lado de sua amada Marília.

O poema se divide em três partes: na primeira delas, composto de 33 liras, os refrãos guardam certa semelhança entre si. Na segunda, composto de 38 liras, já não há tantas referências à sua amada e muito provavelmente foi escrita na prisão. A terceira e última parte possui 9 liras além de 13 sonetos, que hoje sabemos, porém, não terem sido escritos por Gonzaga.

Da segunda parte em diante, concluída possivelmente na prisão, a euforia vai dando lugar à melancolia e à tristeza. A morte certa e a perda da mulher amada produz uma poesia sentimental e lacrimajante. Como tais características destoam do Arcadismo convencional, fala-se em uma precipitação da sensibilidade romântica.

Obra satírica

É de autoria de Gonzaga o poema satírico *Cartas chilenas* cujo principal alvo é o autoritarismo e corrupção de Luís da Cunha Meneses, apelidado no poema de "Fanfarrão Minésio". Para não revelar a autoria da obra, Tomás criou o pseudônimo Critilo, cujas cartas estavam destinadas ao amigo mineiro Doroteu, reconhecido pela crítica como sendo Cláudio Manuel da Costa. Os poemas circularam por Vila Rica sem que o autor fosse identificado. Muitos anos depois, confirmou-se a autoria de Tomás Antônio Gonzaga.

CLÁUDIO MANUEL DA COSTA

Cláudio Manuel da Costa nasceu em Minas Gerais em 1729 e morreu, possivelmente assassinado, em 1789. Usava o pseudônimo arcadista de Glauceste Satúrnio.

Escreveu a obra *Vila Rica*, de caráter épico, na qual registra as ações dos bandeirantes no interior mineiro e a fundação de Ouro Preto.

JOSÉ BASÍLIO DA GAMA

Nasceu na cidade de São José do Rio das Mortes, atualmente Tiradentes, Minas Gerais. Formou-se com os jesuítas, chegando ao noviciado. Foi preso em Portugal sob a acusação de aliança política com os jesuítas

que tinham sido expulsos pelo marquês de Pombal. Livrou-se do exílio em Angola ao compor um poema nupcial em homenagem à filha do marquês. Retornando à Portugal, refez sua vida graças ao auxílio de autoridades simpáticas ao próprio marquês de Pombal, a quem dedicou sua obra-prima *O Uruguai*. Morreu em Lisboa em 1795. Seu pseudônimo de pastor era Termindo Sipílio.

FREI JOSÉ DE SANTA RITA DURÃO



Frei José de Santa Rita Durão

José de Santa Rita Durão, nascido em Cata-Preta, Minas Gerais, integrou a Ordem de Santo Agostinho, em Portugal. Pregou um enérgico e violento sermão contra os jesuítas quando estes foram expulsos do Brasil, tendo que fugir para a Itália por conta de conflitos religiosos. Voltou a Portugal para assumir a cátedra de Teologia da Universidade de Coimbra após a queda do marquês de Pombal, e ali iniciou a escrita de seu poema "Caramuru", sua obra mais importante. Morreu no ano de 1784.

ROTEIRO DE AULA

BARROCO

Contexto histórico

Reforma Protestante, Contrarreforma e fim das Grandes Navegações.

A Bahia é o centro econômico e político do Brasil.

Características gerais

Literatura de contrastes e dualismo, contrapondo antropocentrismo e teocentrismo, matéria e espírito, carnal e espiritual, pecado e perdão. Apresenta linguagem rebuscada, de difícil estruturação.

Cultismo

Caracteriza-se pelos jogos de palavras, tendo apelo às imagens e aos sentidos. Apresenta rebuscamento e uso de figuras de linguagem.

Predomina na poesia.

Conceptismo

Caracteriza-se pelos jogos de ideias, tendo apelo aos raciocínios e aos conceitos. Apresenta argumentações e sutilezas lógicas. Predomina na prosa.

Principais autores

Padre Antônio Vieira e Gregório de Matos Guerra.

ROTEIRO DE AULA

ARCADISMO

Contexto histórico

Século das Luzes, com início do movimento iluminista. No Brasil, é a época do ciclo da mineração e da Inconfidência Mineira.

Características gerais

Superação dos conflitos espirituais e apego ao racionalismo, com destaque ao equilíbrio do homem.

Valorização do bucolismo e do pastoralismo

Interesse por cenas campestres, retomada de expressões como *carpe diem* (aproveitar o dia) e *fugere urbem* (fuga da cidade).

Uso de pseudônimos

Alguns autores recorriam a nomes falsos para fazer críticas e participar da Inconfidência Mineira.

Principais autores

Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, José Basílio da Gama e José de Santa Rita Durão.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Mack-SP – É correto afirmar que a poesia barroca brasileira tem como características:

- a) a constante exaltação da pureza e do dualismo.
- b) a valorização do nativismo e a exploração do decadentismo.
- c)** a contraposição entre os valores terrenos e as aspirações espirituais.
- d) o universalismo e a religiosidade desvinculada da Contrarreforma.
- e) o desapego espiritual e o conflito carnal.

A dualidade entre os valores terrenos e as aspirações espirituais, presente em antíteses, metáforas e paradoxos, é uma das principais características do texto barroco.

2. Cefet-MG – Ardoroso defensor da liberdade do homem, lutou contra a escravização do índio e a desumanidade com que eram tratados os escravos. Considerado, pela crítica literária, o maior exemplo de conceptismo em língua portuguesa. Trata-se de

- a) padre José de Anchieta.
- b) Gregório de Matos.
- c)** padre Antônio Vieira.
- d) padre Eusébio de Matos.
- e) Bento Teixeira.

Padre Antônio Vieira é conhecido por seus sermões polêmicos à época, com críticas ao despotismo dos colonos portugueses. Defendia os índios e sua evangelização, condenando os horrores vivenciados por eles nas mãos de colonos.

3. Mack-SP

Ornemos nossas testas com as flores,
e façamos de feno um brando leite;
prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
gozemos do prazer de sãos amores (...)
(...) aproveite-se o tempo, antes que faça
o estrago de roubar ao corpo as forças
e ao semblante a graça.

Tomás Antônio Gonzaga

Quanto ao estilo, os versos

- a) revelam a presença não só de formas mais exageradas de inversão sintática – hipérbatos –, como também de comparações excessivas, resíduos do estilo cultista.
- b) comprovam a predileção pelo verso branco e pela ordem direta da frase, característicos da naturalidade desejada pelos poetas do Arcadismo.
- c)** denotam – pela singeleza do vocabulário, pela sintaxe quase prosaica – a vontade de alcançar a simplicidade da linguagem, em oposição à artificialidade do Barroco.
- d) organizam-se em torno de antíteses, na busca de caracterizar, em atitude pré-romântica, o amor ideal e a pureza do labor da terra.
- e) constroem-se pelo desdobramento contínuo de imagens, compondo um quadro em que a emoção é tratada de modo abstrato, de acordo com a convenção arcáde.

O Arcadismo surgiu como oposição ao Barroco, buscando a simplicidade do vocabulário (ao contrário do rebuscamento barroco).

4. UFPR – Considerando a poesia de Gregório de Matos e o momento literário em que sua obra se insere, avalie as seguintes afirmativas:

- 1. Apresentando a luta do homem no embate entre a carne e o espírito, a terra e o céu, o presente e a eternidade, os poemas religiosos do autor correspondem à sensibilidade da época e encontram paralelo na obra de um seu contemporâneo, Padre Antônio Vieira.
- 2. Os poemas erótico-irônicos são um exemplo da versatilidade do poeta, mas não são representativos da melhor poesia do autor, por não apresentarem a mesma sofisticação e riqueza de recursos poéticos que os poemas líricos ou religiosos apresentam.
- 3. Como bom exemplo da poesia barroca, a poesia do autor incrementa e exagera alguns recursos poéticos, deixando sua linguagem mais rebuscada e enredada pelo uso de figuras de linguagem raras e de resultados tortuosos.
- 4. A presença do elemento mulato nessa poesia resgata para a literatura uma dimensão social problemática da sociedade baiana da época: num país de escravos, o mestiço é um ser em conflito, vítima e algoz em uma sociedade violentamente desigual.

Assinale a alternativa correta.

- a) Somente as afirmativas 1 e 2 são verdadeiras.
- b) Somente as afirmativas 1, 2 e 3 são verdadeiras.
- c)** Somente as afirmativas 1, 3 e 4 são verdadeiras.
- d) Somente as afirmativas 2 e 4 são verdadeiras.
- e) Somente as afirmativas 3 e 4 são verdadeiras.

Gregório de Matos privilegiava a lírica amorosa, em detrimento da erótica, fazendo que a alternativa 2 não seja adequada à interpretação da poética desse autor.

5. UFSCar-SP – Leia os textos e responda à questão.

Texto 1

Eu quero uma casa no campo
do tamanho ideal
pau a pique e sapê
Onde eu possa plantar meus amigos
meus discos
meus livros
e nada mais.

Zé Rodrix e Tavito

Texto 2

Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega a ter mais preço, e mais valia,
Que da cidade o lisonjeiro encanto;
Aqui descansa a louca fantasia;
E o que té agora se tornava em pranto,
Se converta em afetos de alegria.

Cláudio Manuel da Costa

Embora muito distantes entre si na linha do tempo, os textos aproximam-se, pois o ideal que defendem é

- a) o uso da emoção em detrimento da razão, pois esta retira do homem seus melhores sentimentos.

- b) o desejo de enriquecer no campo, aproveitando as riquezas naturais.
- c) a dedicação à produção poética junto à natureza, fonte de inspiração dos poetas.
- d) o aproveitamento do dia presente — o *carpe diem* — pois o tempo passa rapidamente.
- e) o sonho de uma vida mais simples e natural, distante dos centros urbanos.

Esse sonho está claramente expresso nos textos, em versos como “Eu quero uma casa no campo”, no texto 1, e “Se o bem desta choupana pode tanto”, no texto 2.

6. UFSM-RS

C5-H15

O poema épico *O Uruguai*, de Basílio da Gama, é uma:

- a) composição que narra as lutas dos índios de Sete Povos das Missões, no Uruguai, contra o exército espanhol, sediado lá para pôr em prática o Tratado de Madri;

- b) das obras mais importantes do Arcadismo no Brasil, pois foi a precursora das *Obras poéticas* de Cláudio Manuel da Costa;
- c) exaltação à terra brasileira, que o poeta compara ao paraíso, o que pode ser comprovado nas descrições, principalmente do Ceará e da Bahia;
- d) crítica a Diogo Álvares Correia, misto de missionário e colono português, que comanda um dos maiores extermínios de índios da história;
- e) exaltação à índia Lindoia, que morre após Diogo Álvares decidir-se por Moema, que ajudava os espanhóis na luta contra os índios.

O poema épico *O Uruguai*, de Basílio da Gama, foi escrito em 1769. De maneira romancada, procura narrar a expedição mista de portugueses e espanhóis contra as missões jesuíticas nos Sete Povos das Missões, Rio Grande do Sul.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. UFRGS-RS – Com relação ao Barroco brasileiro, assinale a alternativa incorreta.

- a) Os *Sermões*, do padre Antônio Vieira, elaborados numa linguagem conceptista, refletiram as preocupações do autor com problemas brasileiros da época, por exemplo, a escravidão.
- b) Os conflitos éticos vividos pelo homem do Barroco corresponderam, na forma literária, ao uso exagerado de paradoxos e inversões sintáticas.
- c) A poesia barroca foi a confirmação, no plano estético, dos preceitos renascentistas de harmonia e equilíbrio, vigentes na Europa no século XVI, que chegaram ao Brasil no século XVII, adaptados, então, à realidade nacional.
- d) Um dos temas principais do Barroco é a efemeridade da vida, questão que foi tratada no dilema de viver o momento presente e, ao mesmo tempo, preocupar-se com a vida eterna.
- e) A escultura barroca teve, no Brasil, o nome de Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho.

8. Mack-SP – Assinale a alternativa que NÃO CORRESPONDE a uma afirmação correta sobre Gregório de Matos e sua obra.

- a) sua produção poética tem fortes traços de sátira e impessoalidade.
- b) escreveu poesia satírica, religiosa e lírica.
- c) é representante do espírito contraditório de sua época.
- d) constitui, na Bahia, a principal expressão da poesia barroca da Colônia.
- e) sua poesia manifesta a mestiçagem cultural que figurava no Brasil.

9. Mack-SP – Assinale a alternativa que NÃO CORRESPONDE a uma afirmação correta sobre a poesia de Gregório de Matos.

- a) possui um caráter pedagógico, dramatizando excessivamente os vícios para exaltar as virtudes.
- b) é híbrida, mescla o alto e o baixo, o trágico e o cômico, o sério e o burlesco.
- c) é regida, principalmente, pela agudeza, caricaturização, uso de metáforas, ridicularização do sexo e julgamento de valores.

- d) produz inversões e exagerações para as quais a antítese é muito explorada.
- e) reforça ideias estereotipadas, valendo-se do caráter metafórico, para evitar a reflexão dos leitores.

Leia o texto para responder às questões 10 e 11.

Triste Bahia

- 1 Triste Bahia! Ó quão dessemelhante
- 2 Estás e estou do nosso antigo estado!
- 3 Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado,
- 4 Rica te vi eu já, tu a mi abundante.
- 5 A ti trocou-te a máquina mercante,
- 6 Que em tua larga barra tem entrada,
- 7 A mim foi-me trocando, e tem trocado,
- 8 Tanto negócio e tanto negociante.
- 9 Deste em dar tanto açúcar excelente
- 10 Pelas drogas inúteis, que abelhuda
- 11 Simples aceitas do sagaz Brichote.
- 12 Oh se quisera Deus que de repente
- 13 Um dia amanheceras tão sisuda
- 14 Que fora de algodão o teu capote!

Gregório de Matos

Vocabulário:

Brichote – nome que, por desprezo, dava-se antigamente aos estrangeiros.

Capote – capa comprida e larga.

10. Mack-SP – Sobre o soneto “Triste Bahia”, é correto afirmar que:

- a) a condição de miséria da cidade deve-se ao fato de o povo baiano não seguir os conselhos do estrangeiro, do “Brichote” (verso 11).
- b) a utilização das rimas ABBA nos dois primeiros quartetos demonstra o ritmo expressivo do povo baiano.
- c) denuncia a exploração política e a exploração econômica comandadas pela plebe baiana.
- d) no jogo do passado e do presente em “A mim foi-me trocando, e tem trocado” (verso 7) fica explícita a ascensão da economia baiana.
- e) chama a atenção do povo baiano para a lastimosa realidade em que se encontra a cidade da Bahia, como em “Rica te vi eu já” (verso 4).

11. Mack-SP

Está de acordo com a visão que Gregório de Matos tem da Bahia em "Triste Bahia" APENAS o seguinte fragmento do mesmo autor:

a)

"Se basta a vos irar tanto um pecado/A abrandar-vos so-beja um só gemido,/Que a mesma culpa, que vos há ofendido,/Vos tem para o perdão lisonjeado."

b)

"O prudente varão há de ser mudo,/Que é melhor neste mundo, mar de enganoso,/Ser louco c'os demais, que só, sisudo."

c)

"Notável desventura/de um povo néscio, e sandeu,/que não sabe, que o perdeu/Negócio, Ambição, Usura."

d)

"Na confusão do mais horrendo dia,/Painel da noite em tempestade brava,/O fogo com o ar se embaraçava/Da terra e água o ser se confundia."

e)

"À margem de uma fonte, que corria,/Lira doce dos pássaros cantores/A bela ocasião das minhas dores/Dormindo estava ao despertar do dia."

- 12. UEL-PR** – Assinale a letra correspondente à alternativa que preenche corretamente as lacunas do trecho apresentado. Simplificando a linguagem lírica de Cláudio Manuel da Costa, mas evitando igualmente a diluição dos valores poéticos no sentimentalismo, as mais densas, dedicadas a, fizeram de uma figura central do nosso Arcadismo.

- a)** crônicas - Marília - Dirceu
b) crônicas - Gonzaga - Dirceu
c) sátiras - Dirceu - Gonzaga
d) líras - Gonzaga - Dirceu
e) líras - Marília - Gonzaga

13. Mack-SP

Minha bela Marília, tudo passa;
 A sorte deste mundo é mal segura;
 Se vem depois dos males a ventura,
 Vem depois dos prazeres a desgraça.
 Estão os mesmos Deuses
 Sujeitós ao poder ímpio Fado:
 Apolo já fugiu do Céu brilhante,
 Já foi Pastor de gado.

A devorante mão da negra Morte
 Acaba de roubar o bem, que temos;
 Até na triste campã não podemos
 Zombar do braço da inconstante sorte.
 Qual fica no sepulcro,
 Que seus avós ergueram, descansado;
 Qual no campo, e lhe arranca os brancos ossos
 Ferro do torto arado.

Ah! enquanto os Destinos impiedosos
 Não voltam contra nós a face irada,
 Façamos, sim façamos, doce amada,

Os nossos breves dias mais ditosos.
 Um coração, que frouxo
 A grata posse de seu bem difere,
 A si, Marília, a si próprio rouba,
 E a si próprio fere.

Ornemos nossas testas com as flores.
 E façamos de feno um brando leito,
 Prendamo-nos, Marília, em laço estreito,
 Gozemos do prazer de são Amores.
 Sobre as nossas cabeças,
 Sem que o possam deter, o tempo corre;
 E para nós o tempo, que se passa,
 Também, Marília, morre.

Com os anos, Marília, o gosto falta,
 E se entorpece o corpo já cansado;
 triste o velho cordeiro está deitado,
 e o leve filho sempre alegre salta.
 A mesma formosura
 É dote, que só goza a mocidade:
 Rugam-se as faces, o cabelo alveja,
 Mal chega a longa idade

Que havemos de esperar, Marília bela?
 Que vão passando os florescentes dias?
 As glórias, que vêm tarde, já vêm frias;
 E pode enfim mudar-se a nossa estrela.
 Ah! Não, minha Marília,
 Aproveite-se o tempo, antes que faça
 O estrago de roubar ao corpo as forças
 E ao semblante a graça.

Tomás Antônio Gonzaga

Nos versos acima,

- a)** o eu lírico, ao lamentar as transformações notadas em seu corpo e alma pela passagem do tempo, revela-se amoroso homem de meia-idade.
b) que retomam tema e estrutura de uma "canção de amigo", está expresso o estado de alma de quem sente a ausência do ser amado.
c) nomeia-se diretamente a figura ironizada pelo eu lírico, a mulher a quem se poderiam fazer convites amorosos mais ousados.
d) em que se notam diálogo e estrutura paralelística, o ponto de vista dominante é o do amante que vê seus sentimentos antagônicos refletidos na natureza.
e) a natureza é o espaço onde o amado se sente à vontade para expressar diretamente à amada suas inclinações sensuais.
- 14. Vunesp (adaptada)** – Leia atentamente o texto abaixo e assinale a alternativa incorreta:

Se não for muita a tua maldade, sempre hás de confessar que algum agradecimento se deve a um Engenho, que desde os sertões da Capitania das Minas Gerais aspira a brindar-te com o pequeno obséquio destas Obras. Conheço que só entre as delícias do Pindo se podem nutrir aqueles espíritos, que desde o berço se destinaram a tratar as Musas: e talvez nesta certeza imaginou o Poeta desterrado que as Cícladas do mar Egeu se tinham admirado de que ele

pudesse compor entre os horrores das embravecidas ondas. Não permitiu o Céu que alguns influxos, que devi às águas do Mondego, se prosperassem por muito tempo: e destinado a buscar a Pátria, que por espaço de cinco anos havia deixado, aqui entre a grossaria dos seus gênios, que menos pudera eu fazer que entregar-me ao ócio, e sepultar-me na ignorância! Que menos, do que abandonar as fingidas Ninfas destes rios e no centro deles adorar a preciosidade daqueles metais, que têm atraído a este clima os corações de toda a Europa! Não são estas as venturosas praias da Arcádia, onde o som das águas inspirava a harmonia dos versos. Turva, e feia, a corrente destes ribeiros, primeiro que arrebate as ideias de um Poeta, deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra, que lhes tem pervertido as cores.

A desconsolação de não poder substabelecer aqui as delícias do Tejo, do Lima e do Mondego me fez entorpecer o engenho dentro do meu berço, mas nada bastou para deixar de confessar a seu respeito a maior paixão. Esta me persuadiu a invocar muitas vezes e a escrever a Fábula do Ribeirão do Carmo, rio o mais rico desta Capitania, que corre e dava o nome à Cidade Mariana, minha pátria, quando era Vila.

Bem creio que te não faltará que censurar nas minhas Obras, principalmente nas Pastorais onde, preocupado da comua opinião, te não há de agradar a elegância de que são ornadas. Sem te apartares deste mesmo volume, encontrarás alguns lugares que te darão a conhecer como talvez me não é estranho o estilo simples, e que sei avaliar as melhores passagens de Teócrito, Virgílio, Sanazaro e dos nossos Miranda, Bernardes, Lobo, Camões etc. Pudera desculpar-me, dizendo que o gênio me fez propender mais para o sublime: mas, temendo que ainda neste me condenes o muito uso das metáforas, bastará, para te satisfazer, o lembrar-te que a maior parte destas Obras foram compostas ou em Coimbra, ou pouco depois, nos meus primeiros anos, tempo em que Portugal apenas principiava a melhorar de gosto nas belas letras. A lição dos Gregos, Franceses e Italianos, sim, me fizeram conhecer a diferença sensível dos nossos estudos e dos primeiros Mestres da Poesia. É infelicidade que haja de confessar que vejo e aprovo o melhor, mas sigo o contrário na execução.

Contra esta obstinação não há argumento: e sendo empresa dificultosa acomodar semelhante gênero de iguaria ao paladar de todos (porque uns o têm muito entorpecido, e outros demasiadamente delicado) contentar-me-ei com que nestas Obras haja alguma cousa que te agrade, ainda que uma grande parte te desgoste. A experiência do contrário me fará condenar o teu gênio, ou de indiscreto, se tudo aprovas, ou de invejoso, se nada louvas.

Cláudio Manuel da Costa, fragmento do "Prólogo ao Leitor".

- O poeta estabelece uma conexão entre as diferenças ambientais e o seu reflexo na produção literária;
- Cláudio Manuel da Costa manifesta, no texto, a sua formação intelectual europeia, mas que deseja exprimir a realidade tosca de seu país;
- depreende-se do texto uma forma de conflito entre o academicismo Arcade europeu e a realidade brasileira que passaria a ser a nova matéria-prima do poeta;
- apesar dos índices do Arcadismo presentes no texto, há um questionamento do contexto sobre a validade de adotar esse modelo literário no Brasil;
- poeta sofre mediante o fato de não mais poder, na Europa, contemplar as praias da Arcádia de onde retirava suas inspirações poéticas.

15. UFRGS-RS – Assinale a afirmativa incorreta em relação à obra *O Uruguai*, de Basílio da Gama.

- O poema narra a expedição de Gomes Freire de Andrada, Governador do Rio de Janeiro, às missões jesuíticas espanholas da banda oriental do rio Uruguai.
- O Uruguai* segue os padrões estéticos dos poemas épicos da tradição ocidental, como a *Odisseia*, a *Eneida* e *Os Lusíadas*.
- Basílio da Gama expressa uma visão europeia em relação aos indígenas, acentuando seu caráter bárbaro, incapaz de sentimentos nobres e humanitários.
- Nas figuras de Cacambo e Sepé Tiaraju está representado o povo autóctone que defende o solo natal.
- Lindóia, única figura feminina do poema, morre de amor após o desaparecimento de seu amado Cacambo.

16. ITA-SP – As opções a seguir referem-se aos textos A, B, C e D.

Texto A ()

Ah! enquanto os destinos impiedosos
não voltam contra nós a face irada,
 façamos, sim, façamos, doce amada,
 os nossos breves dias mais ditosos.

Texto B ()

Ó não aguardes, que a madura idade
te converte essa flor, essa beleza,
 em terra, em cinza, em pó, em sombra, em nada,

Texto C ()

Nos olhos Caitutu não sofre o pranto,
 E rompe em profundíssimos suspiros,
 Lendo na testa da fronteira gruta
 De sua mão já trêmula gravado
 O alheio crime e a voluntária morte.

Texto D ()

O todo sem a parte não é todo;
 A parte sem o todo não é parte;
 Mas se a parte faz o todo, sendo parte,
 Não se diga que é parte, sendo todo.

Preencha os parênteses anteriores dos textos dados, obedecendo à seguinte convenção:

- Gregório de Matos
- Tomás Antônio Gonzaga
- Basílio da Gama
- Cláudio Manuel da Costa

Preenchidos os parênteses, a sequência correta é:

- II - I - III - I
- IV - I - II - II
- I - II - II - I
- I - IV - III - I
- II - IV - III - IV

17. UFRGS-RS – Considere as seguintes afirmações:

Sua obra foge dos artificialismos pastoris comuns ao Arcadismo, destacando-se nela o poema épico “O Uraguai”, que trata da guerra entre portugueses, espanhóis e indígenas nos Sete Povos das Missões.

É considerado um poeta de transição por realizar uma síntese entre a herança barroca, os ideais arcádicos e as solicitações do sentimento nativista, como acontece na “Fábula do Ribeirão do Carmo” e, posteriormente, no poema épico “Vila Rica”.

Sua produção poética demonstra sintonia com a tradição árcaica da vida simples, apego à vida pastoril e divinização da mulher, sobretudo nas “Liras”, que retratam o seu amor pela noiva Maria Joaquina.

As afirmações referem-se, respectivamente, a

- Thomás Antônio Gonzaga, Basílio da Gama e Cláudio Manuel da Costa.
- Basílio da Gama, Manuel Botelho de Oliveira, Thomás Antônio Gonzaga.
- Frei Santa Rita Durão, Cláudio Manuel da Costa e Thomás Antônio Gonzaga.
- Cláudio Manuel da Costa, Manuel Botelho de Oliveira e Basílio da Gama.
- Basílio da Gama, Cláudio Manuel da Costa e Thomás Antônio Gonzaga.

ESTUDO PARA O ENEM**18. Enem****C5–H15**

Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado – Imitatoribus Christi crucifixi – porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão. A sua cruz foi composta de dois madeiros, e a vossa em um engenho é de três. Também ali não faltaram as canas, porque duas vezes entraram na Paixão: uma vez servindo para o cetro de escárnio, e outra vez para a esponja em que lhe deram o fel. A Paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias. Cristo despido, e vós despídos; Cristo sem comer, e vós famintos; Cristo em tudo maltratado, e vós maltratados em tudo. Os ferros, as prisões, os açoites, as chagas, os nomes afrontosos, de tudo isto se compõe a vossa imitação, que, se for acompanhada de paciência, também terá merecimento de martírio. Só lhe faltava a cruz para a inteira e perfeita semelhança o nome de engenho: mas este mesmo lhe deu Cristo, não com outro, senão com o próprio vocábulo. Torcular se chama o vosso engenho, ou a vossa cruz, e a de Cristo, por boca do mesmo Cristo, se chamou também torcular – *Torcular calcavi solus*¹. – Em todas as invenções e instrumentos de trabalho parece que não achou o Senhor outro que mais parecido fosse com o seu que o vosso. A propriedade e energia desta comparação é porque no instrumento da cruz, e na oficina de toda a Paixão, assim como nas outras em que se espreme o sumo dos frutos, assim foi espremido todo o sangue da humanidade sagrada – *Eo quod sanguis ejus ibi fuit expressus, sicut sanguis uvae in torculari* – diz Lirano – *et hoc in spineae coronae impositione, in flagellatione, in pedum, et manuum confiscione, et in lateris apertione*. – E se então se queixava o Senhor de padecer só: *Torcular calcavi solus* – e de não haver nenhum dos gentios que o acompanhasse em suas penas – *Et de gentibus non est vir mecum*² – vede vós quanto estimará agora que os que ontem foram gentios, conformando-se com a vontade de Deus na sua sorte, lhe façam por imitação tão boa companhia!

[...]

Os dolorosos – ouçam-me agora todos – os dolorosos são os que vós pertencem a vós, como os gozosos aos que, devendo-vos tratar como irmãos, se chamam vossos senhores. Eles mandam, e vós servis; eles dormem, e vós velais; eles descansam, e vós trabalhai; eles gozam o fruto de vossos trabalhos, e o que vós colheis deles é um trabalho sobre outro. Não há trabalhos mais doces que os das vossas oficinas; mas toda essa doçura para quem é? Sois como as abelhas, de quem disse o poeta – *Sic vos non vobis mellificatis, apes*³. – O mesmo passa nas vossas colmeias. As abelhas fabricam

o mel sim, mas não para si. E, posto que os que o logram é com tão diferente fortuna da vossa, se vós, porém, vos souberdes aproveitar dela, e conformá-la com o exemplo e paciência de Cristo, eu vos prometo primeiramente que esses mesmos trabalhos vos sejam muito doces, como foram ao mesmo Senhor – *Dulce lignum, dulces clavos, dulcia ferens pondera* – e que depois – que é o que só importa – assim como agora, imitando a São João, sois companheiros de Cristo nos mistérios dolorosos de sua cruz, assim o sereis nos gloriosos de sua Ressurreição e Ascensão. Não é promessa minha, senão de São Paulo, e texto expresso de fé – *Haeredes quidem Dei, cohæredes autem Christi: si tamen compatimur ut et conglorificemur*⁴: Assim como Deus vos fez herdeiros de suas penas, assim o sereis também de suas glórias, com condição, porém, que não só padeçais o que padeceis, senão que padeçais com o mesmo Senhor, que isso quer dizer com patimur. Não basta só padecer, mas é necessário padecer com Cristo, como São João.

VIEIRA, A. *Sermões*. Tomo XI. Porto: Lello & Irmão, 1951. (Adaptado)

¹ Eu calquei o lagar sozinho (Is. 63,3).

² E das gentes não se acha homem algum comigo (Is. 63,3).

³ Assim vós, abelhas, produzis o mel, porém não para vós (Virgílio.)

⁴ Herdeiros verdadeiramente de Deus, e cordeiros de Cristo, se é que todavia nós padecemos com ele, para que sejamos também com ele glorificados (Rom. 8, 17).

O trecho do sermão do Padre Antônio Vieira estabelece uma relação entre a Paixão de Cristo e

- a atividade dos comerciantes de açúcar nos portos brasileiros.
- a função dos mestres de açúcar durante a safra de cana.
- o sofrimento dos jesuítas na conversão dos ameríndios.
- o papel dos senhores na administração dos engenhos.
- o trabalho dos escravos na produção de açúcar.

19. Enem**C5–H16****Soneto VII**

Onde estou? Este sítio desconheço:
Quem fez tão diferente aquele prado?
Tudo outra natureza tem tomado;
E em contemplá-lo tímido esmoreço.

Uma fonte aqui houve; eu não me esqueço
De estar a ela um dia reclinado:

Ali em vale um monte está mudado:
Quando pode dos anos o progresso!

Árvores aqui vi tão florescentes
Que faziam perpétua a primavera:
Nem troncos vejo agora decadentes.

Eu me engano: a região esta não era;
Mas que venho a estranhar, se estão presentes
Meus males, com que tudo degenera.

COSTA, C. M. *Poemas*. Disponível em
www.dominiopublico.gov.br. Acesso em 7 jul 2012.

No soneto de Cláudio Manuel da Costa, a contemplação da paisagem permite ao eu lírico uma reflexão em que transparece uma

- a) angústia provocada pela sensação de solidão.
- b) resignação diante das mudanças do meio ambiente.
- c) dúvida existencial em face do espaço desconhecido.
- d) intenção de recriar o passado por meio da paisagem.
- e) empatia entre os sofrimentos do eu e a agonia da terra.

20. Enem

C5-H15

Torno a ver-vos, ó montes; o destino
Aqui me torna a pôr nestes outeiros,
Onde um tempo os gabões deixei grosseiros
Pelo traje da Corte, rico e fino.
Aqui estou entre Almendro, entre Corino,
Os meus fiéis, meus doces companheiros,
Vendo correr os míseros vaqueiros
Atrás de seu cansado desatino.

Se o bem desta choupana pode tanto,
Que chega a ter mais preço, e mais valia
Que, da Cidade, o lisonjeiro encanto,

Aqui descanse a louca fantasia,
E o que até agora se tornava em pranto
Se converta em afetos de alegria.

Cláudio Manoel da Costa. In: Domício Proença Filho (org.). *A poesia dos inconfindentes*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2002, p. 78-9.

Considerando o soneto de Cláudio Manoel da Costa e os elementos constitutivos do Arcadismo brasileiro, assinale a opção correta acerca da relação entre o poema e o momento histórico de sua produção.

- a) Os “montes” e “outeiros”, mencionados na primeira estrofe, são imagens relacionadas à metrópole, ou seja, ao lugar onde o poeta se vestiu com traje “rico e fino”.
- b) A oposição entre a Colônia e a Metrópole, como núcleo do poema, revela uma contradição vivenciada pelo poeta, dividido entre a civilidade do mundo urbano da Metrópole e a rusticidade da terra da Colônia.
- c) O bucolismo presente nas imagens do poema é elemento estético do Arcadismo que evidencia a preocupação do poeta árcade em realizar uma representação literária realista da vida nacional.
- d) A relação de vantagem da “choupana” sobre a “Cidade”, na terceira estrofe, é formulação literária que reproduz a condição histórica paradoxalmente vantajosa da Colônia sobre a Metrópole.
- e) A realidade de atraso social, político e econômico do Brasil Colônia está representada esteticamente no poema pela referência, na última estrofe, à transformação do pranto em alegria.

5

- Romantismo
- Romantismo em Portugal
- Almeida Garrett
- Alexandre Herculano
- Camilo Castelo Branco
- Júlio Diniz
- Romantismo no Brasil
- Contexto histórico
- A primeira geração romântica brasileira
- Gonçalves Dias
- Gonçalves de Magalhães

HABILIDADES

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

ROMANTISMO EM PORTUGAL E PRIMEIRO ROMANTISMO NO BRASIL

CONTEXTO HISTÓRICO

Em Portugal, as ideias revolucionárias do romantismo ecoaram no contexto da sociedade portuguesa desde o início do século XIX. Aliado da Inglaterra, o governo português travou diversas guerras com a França até a invasão de Napoleão e a transferência da família real para o Brasil, com chegada em 1808. Nesse clima conturbado, duas linhas políticas se opunham: a monarquia e o liberalismo. Na disputa após a expulsão das tropas napoleônicas, os liberais (entre eles, vários dos escritores românticos) foram perseguidos pelos monarquistas, que se mantiveram no poder.

No Brasil, a vinda da família real transforma a maior colônia de Portugal em capital do império e, com apoio da Inglaterra, constrói o caminho para a independência do país, em 1822. É nesse cenário pós-independência que o Romantismo floresce no Brasil. Os escritores e teóricos vão engajar-se na construção de uma identidade nacional, tematizando a terra, seus habitantes e seus hábitos a fim de afirmar a soberania nacional.

Romantismo em Portugal

A publicação do poema narrativo *Camões*, de Almeida Garrett, em 1825, é considerada o marco inicial do Romantismo em Portugal. A revisitação do passado e exaltação da história nacional farão parte das obras dos autores românticos, seja no diálogo intertextual com outros autores, como faz Garrett em *Camões*, seja na observação e análise geográfica, social e histórica da nação.

Além disso, é perceptível no conjunto de obras que compõem o romantismo português um olhar subjetivo para o mundo: o indivíduo se coloca como centro do universo literário e considera seus sentimentos a maneira mais efetiva de apreensão do mundo que o cerca. A partir dessa perspectiva individual se constrói outra característica dessa produção: a liberdade de expressão.

Os estudiosos dividem o romantismo português em duas gerações. A primeira delas é marcada pelo empenho em implantar o Romantismo no país e, sobretudo, por suas preocupações históricas e políticas ligadas ao nacionalismo. A segunda geração romântica representa a maturidade do movimento e sua eventual superação; são destaques dessa geração as novelas passionais, cujo enredo gira em torno de um amor muitas vezes conturbado por diferentes questões. Nessas novelas, ainda, é comum um pano de fundo social que apresenta a cultura portuguesa e as questões políticas do período, com descrições que depois serão aprofundadas pelos integrantes do movimento Realista.

Almeida Garrett

João Baptista da Silva Leitão, conhecido como Almeida Garrett, nasceu no Porto em 1799 e morreu em Lisboa em 1854. Adotou o nome pelo qual ficou conhecido enquanto cursava Direito em Coimbra. Grande defensor do liberalismo, o autor foi exilado em diferentes momentos de sua vida. No início da década de 1820, após a Revolução Liberal, vai para o exílio na Inglaterra, onde entra em contato com as ideias do movimento Romântico; já em 1824 muda-se para a França, onde escreve *Camões* (1825) e *Dona Branca* (1826), consideradas marcos do início do Romantismo Português.

No poema narrativo *Camões*, o autor remonta à vida do poeta Luís Vaz de Camões, sobretudo os episódios ligados à composição da epopeia *Os Lusíadas*. Suas obras poéticas *Flores sem frutos* e *Folhas caídas* apresentam tom confessional e estão repletas de sentimentos românticos, como sensualidade, saudade e sofrimento. A obra *Viagens na minha terra* (1846) é uma das mais significativas do autor e do romantismo português: trata-se de um relato de viagem de Lisboa a Santarém em que estão implicados dois eixos narrativos.

O primeiro desses eixos representa as impressões de viagem do narrador e várias digressões acerca da filosofia, história e literatura, estabelecendo diálogo intertextual com vários autores célebres, como William Shakespeare, Miguel de Cervantes, Johann Goethe e Homero. Já o segundo eixo é a narração da conturbada história de amor entre Joaninha e Carlos, uma trama que envolve um segredo familiar sobre o pano de fundo da guerra entre Liberais e Monarquistas, em Portugal. Merece destaque ainda o trabalho de Garrett como dramaturgo; seu drama *Frei Luís de Sousa* é considerado uma obra-prima do teatro português e trata de um tema caro à nação lusa: o desaparecimento e retorno de um nobre da guerra de Alcácer-Quibir – onde também desapareceu o rei D. Sebastião.

Santarém é um livro de pedra em que a mais interessante e mais poética parte das nossas crônicas está escrita. Rico de iluminuras, de recortados, de florões, de imagens, de arabescos e arrendados primorosos, o livro era o mais belo e o mais precioso de Portugal [...]. Mas esta Nínive não foi destruída, esta Pompeia não foi submergida por nenhuma catástrofe grandiosa. O povo, de cuja história ela é o livro, ainda existe; mas esse povo caiu em infância, deram-lhe o livro para brincar, rasgou-o, mutilou-o arrancou-lhe folha a folha, e fez papagaios e bonecas, fez carapuços com elas.

GARRETT, Almeida. *Viagens na minha terra*. Lisboa: Portugália Editora, 1963.

Uma das características marcantes da literatura de Garrett é seu declarado nacionalismo. A viagem de Lisboa a Santarém é também uma forma de o narrador construir reflexões diversas acerca de costumes sociais, além de tratar de política, filosofia e literatura. No trecho acima reproduzido, nota-se a contraposição de dois momentos da história portuguesa: a glória dos tempos passados e a crítica ao momento presente e àquilo que o narrador entende como uma incapacidade dos portugueses de valorizar sua tradição e história. Também se nota pelo trecho o sentimentalismo e subjetivismo das descrições e análises – sem que se perca, contudo, todo o distanciamento crítico – próprio da estética romântica.

Alexandre Herculano

O romancista, poeta, historiador e ensaísta Alexandre Herculano de Carvalho Araújo nasceu em Lisboa em 1810 e morreu em 1877. Sua atuação na vida pública

portuguesa é um destaque ao lado de sua carreira de escritor. Assim como Garrett, foi exilado por defender o liberalismo. Seus escritos históricos são, ao lado dos romances, o melhor de sua obra; nestes últimos, Herculano revisita a história de Portugal com elementos medievais para exaltar os heróis nacionais e construir personagens mulheres frágeis e dependentes do heroísmo dos homens. Seu estilo é elegante, numa tentativa de equilibrar alguns excessos sentimentais típicos do romantismo. Suas principais obras são *Eurico, o presbítero*, *O monge de Cister*, *Lendas e narrativas* e *O bobo*.

Conclusão

[...]

Em frente da tosca ponte de pedras brutas lançadas sobre o rio, uma senda estreita e tortuosa atravessava a selva e, passando pela clareira, continuava por meio dos outeiros vizinhos, dirigindo-se, nas suas mil voltas, para as bandas da Galécia. Quatro cavaleiros, a pé e em fio, caminhavam por aquele apertado carreiro. Pelos traços e armas, conhecia-se que eram três cristãos e um sarraceno. Chegados à clareira, este parou de repente e, voltando-se com aspecto carregado para um dos três, disse-lhe:

– Nazareno, ofereceste-nos a salvação, se te seguissemos: fiamo-nos em ti, porque não precisavas de trair-nos. Estávamos nas mãos dos soldados de Pelágio, e foi a um aceno teu que eles cessaram de perseguir-nos. Porém o silêncio tenaz que tens guardado gera em mim graves suspeitas. Quem és tu? Cumpre que sejas sincero, como nós. Sabes que tens diante de ti Muguíte, o amir da cavalaria árabe, Juliano, o conde de Septum, e Opas, o bispo de Ríspalis.

– Sabia-o – respondeu o cavaleiro: – por isso vos trouxe aqui. Queres saber quem sou? Um soldado e um sacerdote de Cristo!

– Aqui!?... – atalhou o amir, levando a mão ao punho da espada e lançando os olhos em roda. – Para que fim?

– A ti, que não eras nosso irmão pelo berço; que tens combatido lealmente conosco, inimigos da tua fé; a ti, que nos oprimes, porque nos venceste com esforço e à luz do dia, foi para te ensinar um caminho que te conduza em salvo às tendas dos teus soldados. É por ali!... A estes, que venderam a terra da pátria, que cuspiram no altar do seu Deus, sem ousarem francamente renegá-lo, que ganharam nas trevas a vitória maldita da sua perfídia, é para lhes ensinar o caminho do inferno... Ide, miseráveis, segui-o!

E quase a um tempo dois pesados golpes de franquisque assinalaram profundamente os elmos de Opas e Juliano. No mesmo momento mais três reluziram.

Um contra três! – Era um combate calado e temeroso. O cavaleiro da cruz parecia desprezar Muguíte: os seus golpes retiniam só nas armaduras dos dois godos. Primeiro o velho Opas, depois Juliano caíram.

Então, recuando, o guerreiro cristão exclamou:

– Meu Deus! Meu Deus! – Possa o sangue do mártir remir o crime do presbítero!

E, largando o franquisque, levou as mãos ao capacete de bronze e arrojou-o para longe de si.

Muguíte, cego de cólera, vibrara a espada: o crânio do seu adversário rangeu, e um jorro de sangue salpicou as faces do sarraceno.

HERCULANO, Alexandre. *Eurico, o presbítero*. São Paulo: Ática, 1988.

Em *Eurico, o presbítero*, Herculano remonta à invasão da Península Ibérica pelos árabes no século VIII. O protagonista que dá nome ao livro é um presbítero sem vocação que compunha canções inspiradas em um amor do passado. Na luta pela expulsão dos mouros, Eurico abandona o hábito e parte em combate. Em determinada passagem, salva a mulher que ainda amava – Hermengarda – que fora raptada e vê-se impelido a amá-la, mas mantém o celibato e os amantes separam-se. O religioso lança-se em missão quase suicida, combatendo os árabes. No último capítulo do romance, do qual se extraiu o trecho acima, torna-se marte e consagra-se como herói que lutou em defesa da pátria e de Cristo. No trecho, também é possível notar o clima medieval nas descrições, nos diálogos e na postura dos cavaleiros medievais em batalha.

Camilo Castelo Branco

Nascido em Lisboa em 1825, Camilo Castelo Branco teve uma vida conturbada até seu suicídio em 1890, em São Miguel de Seide. O autor, órfão na infância, casou-se ainda adolescente – uma relação muito breve. Ele ingressou no curso de Medicina e o abandonou por conta da agitada vida social que cultivava. Teve um relacionamento adúltero que o levou à prisão, além de outras relações e vários escândalos que marcaram sua vida. Sua obra compreende jornalismo, tradução, crítica literária e teatro, além de novelas que o transformaram em um escritor profissional, que dependia de sua produção para sobreviver.

Na prisão em que ficou por pouco mais de um ano, o escritor produziu *Amor de perdição* (1862), um de seus mais consagrados romances. A história de amor entre Simão Botelho e Teresa de Albuquerque é marcada pelo conflito entre as famílias dos dois amantes. O pai de Teresa deseja casá-la com Baltasar Coutinho, mas a filha se recusa e, como castigo, é internada em um convento; então, sua comunicação com o amado Simão se dá por cartas levadas e trazidas por uma mendiga. Em um episódio em que o apaixonado vai encontrar Teresa no convento, encontra o pai dela e Baltasar Coutinho que, em meio à discussão, é ferido mortalmente por Simão.

O desfecho trágico do romance coloca em evidência a força dos sentimentos das personagens: Simão é condenado a um exílio de 10 anos na Ásia, Teresa morre com a partida do navio do amado, que morre em seguida, e Mariana – apaixonada por Simão e dedicada a ele, mesmo sabendo de sua paixão por Teresa – se atira ao mar quando o corpo do herói é lançado às águas. A seguir, reproduzimos um trecho da introdução do romance, onde o narrador da história tem acesso a documentos acerca de Simão Botelho:

Foi para a Índia em 17 de março de 1807.

Não seria fiar demasiadamente na sensibilidade do leitor, se cuidou que o degredo de um moço de dezoito anos lhe há de fazer dó.

Dezoito anos! O arrebol dourado e escarlate da manhã da vida! As louçanias do coração que ainda não sonha em frutos, e todo se embalsama no perfume das flores!

Dezoito anos! O amor daquela idade! A passagem do seio da família, dos braços de mãe, dos beijos das irmãs para as carícias mais doces da virgem, que se lhe abre ao lado como flor da mesma sação e dos mesmos aromas, e à mesma hora da vida! Dezoito anos!... E degredado da pátria, do amor e da família! Nunca mais o céu de Portugal, nem liberdade, nem irmãos, nem mãe, nem reabilitação, nem dignidade, nem um amigo!... É triste!

O leitor decerto se compungiria; e a leitora, se lhe dissessem em menos de uma linha a história daqueles dezoito anos, choraria!

Amou, perdeu-se, e morreu amando.

BRANCO, Camilo Castelo. *Amor de perdição*. São Paulo: Livraria Trio Editor, 1968.

No excerto, além dos arroubos sentimentais que o narrador descreve e procura despertar no leitor, é evidente o leitor implícito do romance, “a leitora” que “choraria”. Esse trecho reflete, em alguma medida, o contexto social da época com a ascensão da burguesia e a formação de um novo público leitor, com destaque para as mulheres.

Júlio Diniz

Nascido em 1839 e morto em 1871, Júlio Diniz – pseudônimo de Joaquim Guilherme Gomes Coelho – aliou a profissão de médico ao ofício de escritor. Sua mãe e irmãos morrem de tuberculose, doença que também contrai e que o leva à morte precoce aos 32 anos. Suas obras literárias têm um tom menos extravagante dos sentimentos, preferindo a simplicidade, além de serem ambientadas em sua maioria nos ambientes rurais nos quais o autor muitas vezes se via obrigado a viver por conta de sua doença. Suas principais obras são: *As pupilas do senhor reitor*, *A morgadinha dos canaviais* e *Uma família inglesa*.

A primeira geração romântica brasileira

A chamada primeira geração do Romantismo no Brasil está imersa no contexto pós-independência – cujas raízes se verificam desde a vinda da família Real – e vai ser caracterizada, sobretudo, por seu viés nacionalista, com valorização de diferentes aspectos da cultura da nação recém-independente: o indianismo, o regionalismo, a história, o folclore e até as especificidades linguísticas do Brasil.

Destes aspectos, a exaltação da natureza e a vertente indianista ganharam destaque nessa primeira geração. Além de serem as características encontradas e tomadas pelos autores do período como definidoras (e especificadoras) da identidade nacional, os

escritores românticos em geral vão acolher as ideias de Jean-Jacques Rousseau a respeito da bondade natural dos seres e da natureza como o local de refúgio. O filósofo que viveu no século XVIII acreditava que o homem nasce naturalmente puro e é corrompido pela civilização. Mesmo os românticos se opondo ao racionalismo do século anterior, as ideias do iluminista foram acolhidas pelos autores do século XIX. Assim, a natureza passa de decorativa a confidente das personagens, muitas vezes refletindo os sentimentos destas. Os principais autores dessa geração romântica são Gonçalves Dias e Gonçalves de Magalhães.

Gonçalves Dias

Antônio Gonçalves Dias nasceu no Maranhão em 1824 e faleceu em 1864 no litoral de seu estado natal. Formado em Direito por Coimbra, volta ao Brasil em 1845 e ajuda a consolidar a escola romântica no país através de sua poesia. Com tom bastante nacionalista, desenvolvendo aspectos da “brasilidade” em suas obras, o autor tematiza o índio e a natureza brasileira. Depois de várias viagens em território nacional, incluindo a Amazônia, escreveu um Dicionário da língua tupi. A sua pesquisa histórica e linguística compõe o arsenal de que se valerá para escrever aquela que Manuel Bandeira chamará de “a mais equilibrada poesia romântica”. Ao lado de José de Alencar, é o grande nome do movimento romântico no Brasil.

Sua produção literária compreende os gêneros lírico e épico. Neste último, constrói a figura do índio como um herói – em substituição ao herói medieval da Europa. Já sua lírica se debruça sobre o amor, a natureza, a pátria, Deus e o índio.

Deprecação

Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velâmen de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz!
Tupã, ó Deus grande! teu rosto descobre:
Bastante sofremos com tua vingança!
Já lágrimas tristes choraram teus filhos,
Teus filhos que choram tão grande mudança.
Anhangá impiedoso nos trouxe de longe
Os homens que o raio manejam cruentos,
Que vivem sem pátria, que vagam sem tino
Trás do ouro correndo, voraces, sedentos.
E a terra em que pisam, e os campos e os rios
Que assaltam, são nossos; tu és nosso Deus:
Por que lhes concedes tão alta pujança,
Se os raios de morte, que vibram, são teus?
Tupã, ó Deus grande! cobriste o teu rosto
Com denso velâmen de penas gentis;
E jazem teus filhos clamando vingança
Dos bens que lhes deste da perda infeliz.
[...]

DIAS, Antônio Gonçalves. *Primeiros cantos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1846. (Adaptado.)

No poema “Deprecação”, o eu lírico se identifica com o índio e dirige um clamor a Tupã, buscando entender o porquê de o deus permitir a invasão dos homens que estão em busca do ouro e que assaltam a terra. Essa identificação com o indígena é uma constante na obra do autor e, na épica, se apresenta através do heroísmo das personagens, representantes de todos os indígenas e, por extensão, de todos os brasileiros. A bondade natural e a honra do indígena, outros traços construídos pelo autor, concedem tom universalista às composições.

No livro *Primeiros Cantos*, de 1846, o poema de abertura é a famosa “Canção do exílio”; o livro, primeira obra de Gonçalves Dias publicada, traz já elementos que identificarão o autor com o nacionalismo característico de sua época. O prólogo da obra introduz adequadamente o volume de poesias:

Não têm unidade de pensamento entre si, porque foram compostas em épocas diversas – debaixo de céu diverso – e sob a influência de impressões momentâneas. Foram compostas nas margens viçosas do Mondego e nos píncaros enegrecidos do Gerez – no Doiro e no Tejo – sobre as vagas do Atlântico, e nas florestas virgens da América. Escrevi-as para mim, e não para os outros; contentar-me-ei, se agradarem; e se não... é sempre certo que tive prazer de as ter composto.

DIAS, Antônio Gonçalves. *Primeiros cantos*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1846. (Adaptado.)

Gonçalves de Magalhães

Considerado o iniciador do Romantismo brasileiro, Domingos José Gonçalves de Magalhães nasceu em 1811, no Rio de Janeiro, e faleceu em 1882, em Roma. Sua obra *Suspiros poéticos e saudades*, de 1836, é um marco da literatura romântica brasileira, sobretudo pelo prefácio intitulado “Lede”, tido como o primeiro manifesto teórico do nosso Romantismo:

Quanto à forma, isto é, a construção, por assim dizer, material das estrofes, e de cada cântico em particular, nenhuma ordem seguimos; exprimindo as ideias como elas se apresentaram, para não destruir o acento da inspiração; além de que a igualdade dos versos, a regularidade das rimas, e a simetria das estâncias produz uma tal monotonia e dá certa feição de concertado artifício que jamais podem agradar. Ora, não se compõe uma orquestra só com sons doces e flautados; cada paixão requer sua linguagem própria, seus sons imitativos, e períodos explicativos.

ARAGUAIA, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Visconde de. *Suspiros poéticos e saudades*. Paris: Morizot, 1859. (Adaptado.)

No trecho extraído do prefácio nota-se, sobretudo, o aspecto formal do movimento romântico pregado por Gonçalves de Magalhães. A ideia de uma linguagem que represente a paixão individual, com acento na inspiração, é própria do movimento romântico que deixava de lado os padrões clássicos, como se percebe no trecho selecionado de um poema da obra.

I

Invocação ao anjo da poesia*A voz de minha alma*

Quando da noite o véu caliginoso
Do mundo me separa,
E da terra os limites encobrando,
Vagar deixa minha alma no infinito,
Como um subtil vapor no aéreo espaço,
Uma angélica voz misteriosa
Em torno de mim soa,
Como o som de uma fruta harmoniosa,
Que em sagradas abóbadas reboa.

Donde vem esta voz? – Não é de virgem,
Que ao prazo dado o bem-amado aguarda,
E mavioso canto aos céus envia;
Esta voz tem mais grata melodia!

Donde vem esta voz? – Não é dos Anjos,
Que leves no ar adejam,
E com hinos alegres se festejam,
Quando uma alma inocente
Deixa do barro a habitação escura,
E na sidérea altura,
Como um astro fulgente
Penetra de Adonai o aposento;
A voz que escuto tem mais triste acento.

[...]

ARAGUAIA, Domingos José Gonçalves de Magalhães, Visconde de.
Suspiros poéticos e saudades. Paris: Morizot, 1859. (Adaptado.)

Apesar da importância do prefácio e de suas obras para o movimento literário, as poesias de Gonçalves de Magalhães carecem de maior profundidade e qualidade literária. Dessa forma, destaca-se no período a poesia de Gonçalves Dias.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMINGOS

ROTEIRO DE AULA

ROMANTISMO EM PORTUGAL

Contexto histórico

Ascensão da burguesia ao poder através de movimentos revolucionários, como a Revolução Francesa. Liberalismo burguês: busca de realização individual. Tendência nacionalista e identificação com a sentimentalidade popular. Em Portugal, as tendências românticas encontram um ambiente revolucionário e propício ao seu desenvolvimento.

Características gerais

Tendência à valorização dos sentimentos e das individualidades. Progressivo afastamento de modelos clássicos em favor de um estilo livre. Tendência ao nacionalismo em oposição ao racionalismo universalista. Subjetivismo e apelo à emoção e sensibilidade. Natureza como elemento expressivo. Maniqueísmo: o herói (bom) e o vilão (mau).

Principais autores e obras

Almeida Garrett – *Camões* e *Viagens na minha terra*;

Alexandre Herculano – *Eurico, o presbítero* e *O monge de Cister*;

Camilo Castelo Branco – *Amor de perdição*, *Amor de salvação*, *Coração, cabeça e estômago*;

Júlio Dinis – *As pupilas do senhor reitor*.

ROTEIRO DE AULA

PRIMEIRO ROMANTISMO NO BRASIL

Contexto histórico

Vinda da família real portuguesa e declaração do Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves. Independência do Brasil em 1822 proclamada por D. Pedro I. Transformações na vida cultural e social do Brasil com a criação de escolas, museus e bibliotecas; estabelecimento de uma imprensa regular que ajuda a consolidar um público leitor e, posteriormente, um sistema literário nacional, engajado na construção da identidade da nação recém-independente.

Características gerais

Nacionalismo, indianismo, regionalismo, antilusitanismo. Literatura que procura construir a identidade nacional. Fuga de padrões clássicos de composição, liberdade de criação e individualismo sentimental sem excessos.

Principais autores e obras

Gonçalves Dias – “Canção do exílio”, *Primeiros Cantos*, I-Juca Pirama.

Gonçalves de Magalhães – *Suspiros poéticos e saudades*.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1.

Quais então as características mais gerais e dominantes do Romantismo? [...] Ressalta-se nele a ruptura do equilíbrio da vida interior, com o triunfo da intuição e da fantasia, as quais alimentam o contraste entre as aspirações e a realidade. [...] O romântico exprime a insatisfação do mundo contemporâneo: inquietude, tristeza, aspiração vaga ou imprecisa, anseio de algo melhor que a realidade [...]. Dá grande ênfase à vida sentimental, tornando-se intimista e egocêntrico, enquanto o coração é a medida mais exata de sua existência.

CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da literatura brasileira*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1968.

O excerto acima apresenta características gerais do movimento Romântico. Relacione ao menos duas características listadas com o contexto histórico em que o movimento se desenvolve.

Quando Candido e Castello se referem ao romântico como um “insatisfeito” em relação ao mundo contemporâneo, é possível remeter à

desilusão pós-revolucionária: as revoluções burguesas prometiam a

liberdade, igualdade e fraternidade; contudo, a ascensão da classe ao

poder não representa a igualdade tal qual se esperava, de modo que

a sociedade continua com divisões de classe, incluindo aí as camadas

mais pobres da população, com as quais o governo burguês não se

preocupa. Além disso, a “ênfase à vida sentimental” se relaciona com

as liberdades individuais pregadas pelo liberalismo em ascensão, além

de representarem uma maneira de atender aos anseios de uma nova

classe leitora que se formava, então.

2. Enem

C5-H15

Texto I

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,

Nossa vida mais amores.

[...]

Minha terra tem primores,
Que tais não encontro eu cá;
Em cismar – sozinho, a noite –
Mais prazer eu encontro lá;
Minha terra tem palmeiras
Onde canta o Sabiá.
Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu’inda aviste as palmeiras
Onde canta o Sabiá.

DIAS, Gonçalves. *Poesia e prosa completas*.
Rio de Janeiro: Aguilar, 1998.

Texto II

Canto de regresso à Pátria
Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá

Minha terra tem mais rosas
E quase tem mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra

Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita
Deus que eu morra
Sem que volte para lá

Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que eu veja a rua 15
E o progresso de São Paulo

ANDRADE, Oswald. *Cadernos de poesia do aluno Oswald*.
São Paulo: Círculo do Livro. s/d

Os textos I e II, escritos em contextos históricos e culturais diversos, enfocam o mesmo motivo poético: a paisagem brasileira entrevista a distância. Analisando-os, conclui-se que:

- a) o ufanismo, atitude de quem se orgulha excessivamente do país em que nasceu, e o tom de que se revestem os dois textos.
- b) a exaltação da natureza é a principal característica do texto B, que valoriza a paisagem tropical realçada no texto A.
- c) o texto B aborda o tema da nação, como o texto A, mas sem perder a visão crítica da realidade brasileira.

- d)** o texto B, em oposição ao texto A, revela distanciamento geográfico do poeta em relação à pátria.
- e)** ambos os textos apresentam ironicamente a paisagem brasileira.

O texto B retoma criticamente o tema da nação presente no texto A. A relação intertextual, por sua vez, carrega as marcas do contexto em que os textos foram produzidos.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

3. UFSCar-SP – Leia o poema “Canto de regresso à pátria”, de Oswald de Andrade.

Minha terra tem palmares
Onde gorjeia o mar
Os passarinhos daqui
Não cantam como os de lá
Minha terra tem mais rosas
E quase que mais amores
Minha terra tem mais ouro
Minha terra tem mais terra
Ouro terra amor e rosas
Eu quero tudo de lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte pra São Paulo
Sem que veja a Rua 15
E o progresso de São Paulo

ANDRADE, Oswald de. *Pau Brasil*.
São Paulo: Globo, 2003.

O poema de Oswald de Andrade é uma paródia de “Canção do exílio”, poema de Gonçalves Dias, cujas primeiras estrofes são:

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

DIAS, Gonçalves. *Poesia e prosa completas*.
Rio de Janeiro: Aguilar, 1998.

Comparando-se os dois textos, é correto afirmar que o poema de Oswald de Andrade:

- a)** aborda uma temática totalmente diferente daquela observada no poema de Gonçalves Dias, uma vez que exalta os benefícios que o progresso trouxe à cidade de São Paulo em comparação com as demais metrópoles brasileiras.
- b)** trata da mesma temática nacionalista que o poema de Gonçalves Dias, embora apresente uma visão mais crítica da história da pátria, o que se percebe na alusão à exploração das riquezas do território brasileiro.

- c)** apresenta a descrição idealizada da natureza brasileira, assim como o poema de Gonçalves Dias, mas com um tom saudosista, o que se nota no emprego de uma linguagem mais erudita e arcaica, como o termo “passarinhos”, em vez de “aves”, por exemplo.
- d)** reproduz um cenário idêntico ao representado no poema de Gonçalves Dias, em que se exalta a beleza da natureza virgem, que ainda não foi explorada pelo homem, o que se observa na presença de termos como ouro, terra e rosas.
- e)** retoma a temática do exílio, explorada no poema de Gonçalves Dias, mas por meio de uma perspectiva diferente, na medida em que a pátria, corrompida pelo progresso, já não é descrita como um lugar para o qual o lírico gostaria de voltar.

Oswald de Andrade, bem como outros autores do Modernismo brasileiro, buscaram inspiração na literatura do romantismo, no entanto a proposta não era imitá-los, mas, a partir deles, compor uma nova arte. Nota-se, portanto, a temática nacionalista, mas acompanhada de um ponto de vista crítico e moderno que não considera apenas a natureza, mas as riquezas e o progresso como parte constituinte do país.

4. UEL-PR – Gonçalves Dias se destaca no panorama da primeira fase romântica pelas suas qualidades superiores de artista. Nele,

- a)** a pátria é retratada de maneira que se tenha um registro fiel da sua fauna e flora, sem interferência da emoção do poeta, como em “Canção do exílio”.
- b)** a persistência de traços do espírito clássico impede o exagero do sentimentalismo, encontrado, por exemplo, em Casimiro de Abreu.
- c)** o indianismo é fiel à verdade da vida indígena, não apresentando a distorção poética observada em outros escritores.
- d)** protótipo do byroniano, convivem lado a lado o humor negro e o extremo idealismo.
- e)** predomina a poesia lírica de recuperação da infância, com acentuado tom saudosista, tão evidente em “Meus oito anos”.

Embora a arte romântica busque superar o racionalismo árcade, traços neoclássicos podem ser encontrados nos autores, sobretudo da primeira geração romântica. Gonçalves Dias, o grande nome da primeira geração romântica, carrega traços neoclássicos que fazem de sua poesia romântica inovadora, mas bem mais contida que a de outros autores, principalmente da segunda geração, que carregam no sentimentalismo, como Casimiro de Abreu e Álvares de Azevedo.

5. ENC-SP – *Amor de perdição* é uma obra tipicamente romântica porque nela Camilo Castelo Branco valoriza:

- a)** o sentimento nativista, presente na recusa de Simão e Teresa em fugirem de Portugal, apesar de perseguidos pela justiça.
- b)** a natureza, como fonte de vida e inspiração, em que Simão se refugia, no final da obra, quando não pode mais ter acesso a Teresa.
- c)** os valores espirituais do Cristianismo, a que Simão se apegava quando é condenado ao degredo.
- d)** o mundo das paixões, o excesso de sentimentos, evidentes no modo violento como Simão assassina Baltazar Coutinho.
- e)** a história de Portugal sob o ponto de vista das grandes famílias que ajudaram a fundar a nação, entre elas os Botelho e os Albuquerque, às quais pertencem Simão e Teresa, respectivamente.

O excesso de sentimentos que leva à morte três das personagens do romance (Simão, Mariana e Teresa) mostra a valorização desses sentimentos realizada por Castelo Branco.

6. Vunesp – Leia o poema de Almeida Garrett.

Quando eu sonhava

Quando eu sonhava, era assim

Que nos meus sonhos a via;

E era assim que me fugia,
Apenas eu despertava,
Essa imagem fugidia
Que nunca pude alcançar.
Agora que estou desperto,
Agora a vejo fixar...
Para quê? — Quando era vaga,
Uma ideia, um pensamento,
Um raio de estrela incerto
No imenso firmamento,
Uma quimera, um vão sonho,
Eu sonhava — mas vivia:
Prazer não sabia o que era,
Mas dor, não na conhecia....

ALMEIDA GARRETT. Folhas caídas. Mem Martins:
Publicações Europa-América, 1987.

Uma temática comum à poesia romântica que pode ser percebida no poema é.

- a) o desejo de fuga da realidade imediata.
- b) a crítica à alienação da literatura tradicional.
- c) a submissão da mulher aos anseios do homem.
- d) a idealização do homem que vive no campo.
- e) a busca de uma identidade nacional autêntica.

Um tema recorrente nos poemas românticos é o sonho como alternativa à realidade. No poema de Garrett, percebe-se logo de início a situação de um eu lírico que contrapõe as percepções da vida enquanto sonhava em contraste ao estar desperto.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Vunesp

Simão, meu esposo. Sei tudo... Está conosco a morte. Olha que te escrevo sem lágrimas. A minha agonia começou há sete meses. Deus é bom, que me poupou ao crime. Ouvi a notícia da tua próxima morte, e então compreendi que estou morrendo hora a hora. Aqui está o nosso fim, Simão! ... Olha as nossas esperanças! quando tu me dizias os teus sonhos de felicidade, e eu te dizia os meus! ... Por que não merecemos nós o que tanta gente tem! ... Assim acabaria tudo, Simão? Não posso crê-lo! A eternidade apresenta-se me tenebrosa, porque a esperança era a luz que me guiava de ti para a fé. Mas não pode findar assim o nosso destino. Vê se podes segurar o último dia da tua vida a uma esperança qualquer. Vernos-emos num outro mundo, Simão? Terei eu merecido a Deus contemplanço? Eu rezo, suplico, mas desfaleço na fé, quando me lembram as últimas agonias do teu martírio.

BRANCO, Camilo Castelo Branco. *Amor de Perdição*. Porto: Porto Editora, 2016.

O texto acima transcrito pertence a uma carta que Teresa de Albuquerque escreve a Simão Botelho, numa novela considerada o melhor exemplo de novelística romântica em Portugal. O texto é, portanto, característico do estilo romântico. Assim sendo, indique alguns segmentos (frases ou palavras) que, no texto, são característicos da escola romântica e justifique sua escolha.

8. UEL-PR

O romance é um gênero literário que veio a se desenvolver no século ____, retratando sobretudo ____; era muito comum publicar-se em partes, nos jornais, na forma de ____.

Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, pela ordem:

- a) XVII – a alta aristocracia – conto.
- b) XVIII – o mundo burguês – folhetim.
- c) XVIII – o mundo burguês – crônica.
- d) XIX – o mundo burguês – folhetim.
- e) XIX – a alta aristocracia – crônica.

9. PUC-RJ – Das alternativas abaixo, assinale aquela que não corresponde às características do Romantismo:

- a) Ocorre a superação das normas literárias construtoras e negação da concepção tradicional de poesia.
- b) Movimento que dá origem a políticas conservadoras, bem como ao socialismo.
- c) O homem manipula e domina a natureza, não mais a obedece.
- d) Desvaloriza a expressividade da alma, ocorrendo a primazia da obra (objeto) sobre o indivíduo (criador).
- e) Insere-se no momento histórico em que o homem adquire a ideia de liberdade.

10. Sistema Dom Bosco – Considerando a “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias, verifique a métrica empregada no poema e justifique o uso dessa métrica baseado nos ideais do movimento conhecido como Romantismo.

Canção do exílio

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o Sabiá;
As aves, que aqui gorjeiam,
Não gorjeiam como lá.
Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas tem mais flores,
Nossos bosques tem mais vida,
Nossa vida mais amores.
[...]

DIAS, Gonçalves. *Poesia e prosa completas*. Rio de Janeiro: Aguilar, 1998.

11. Sistema Dom Bosco – Leia o poema a seguir, de Gonçalves de Magalhães:

A um sabiá

Mimoso Sabiá, terno e canoro,
Alma dos bosques que o Brasil enfeitam,
Como seu mestre as aves te respeitam,

E os homens como o Orfeu do aéreo coro.

Os Amores, e Lília por quem choro,
Teu doce canto por tributo aceitam;
Eles folgam contigo, e se deleitam,
Eu pasmo de te ouvir, e a um Deus adoro.

Tu vives em contínua primavera;
Lília te afaga, Lília ouve teu canto!
A tua feliz sorte, oh, quem m'a dera!
Então o meu penar não fora tanto;
Pois seu peito abrandado já tivera
Co'a voz que ao seio d'alma leva o encanto.

FREIRE, Laudelino (Org.). *Sonetos brasileiros: Século XVII – XX*.
Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cie., 1913

a) identifique traços da primeira geração romântica no poema de Gonçalves de Magalhães.

b) explique por que, apesar de pertencente ao romantismo, não podemos considerar essa uma poesia completamente conectada à estética romântica.

12. Unifesp (adaptada) – Na obra *Romeu e Julieta*, de William Shakespeare, o poeta e dramaturgo Inglês conta a história de dois jovens apaixonados, cujo amor é impedido de concretizar-se pelo fato de pertencerem a famílias inimigas. Impossibilitados de viver o amor, morrem ambos. Na literatura romântica, as personagens que vivem história semelhante à das personagens de Shakespeare são:

- a)** Joaquina e Carlos, em *Viagens na minha terra*, de Almeida Garrett.
- b)** Marília e Dirceu, na obra poética de Tomás Antônio Gonzaga.
- c)** Simão Botelho e Teresa de Albuquerque, em *Amor de perdição*, de Camilo Castelo Branco.
- d)** Brísida Vaz e Frade, em *Auto da barca do inferno*, de Gil Vicente.
- e)** Eurico e Hermengarda, em *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano.

13. Fuvest-SP – Poderíamos sintetizar uma das características do Romantismo pela seguinte aproximação de opostos:

- a)** Aparentemente idealista, foi, na realidade, o primeiro momento do Naturalismo Literário.
- b)** Cultivando o passado, procurou formas de compreender e explicar o presente.
- c)** Pregando a liberdade formal, manteve-se preso aos modelos legados pelos clássicos.
- d)** Embora marcado por tendências liberais, opôs-se ao nacionalismo político.
- e)** Voltado para temas nacionalistas, desinteressou-se do elemento exótico, incompatível com a exaltação da pátria.

14. ITA-SP – Observe as afirmações abaixo:

- I. “eu” romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão. No tempo, recriando a Idade Média Gótica e embruxada. No espaço, fugindo para ermas paragens ou para o Oriente exótico.
- II. A natureza romântica é expressiva. Ao contrário da natureza árcaica, decorativa. Ela significa e revela. Prefere-se a noite ao dia, pois sob a luz do sol o real impõe-se ao indivíduo, mas é na treva que latejam as forças inconscientes da alma: o sonho, a imaginação.
- III. No romantismo, a epopeia, expressão heroica já em crise no séc. XVIII, é substituída pelo poema político e pelo romance histórico, livre das peias de organização interna que marcavam a narrativa em verso. Renascem, por outro lado, formas medievais de estrofação e dá-se o máximo relevo aos metros livres, de cadência popular, as redondilhas maiores e menores, que passam a competir com o nobre decassílabo.

Estão corretas:

- a) todas.
- b) apenas a I.
- c) apenas a I e a II.
- d) apenas a II e a III.
- e) apenas a I e a III.

15. Fuvest-SP – Assinale o que não é correto sobre a poesia romântica:

- a) De modo geral, a mensagem focaliza a pessoa do emissor (“eu”), predominando a função emotiva da linguagem.
- b) A poesia romântica marca uma ruptura com a poética clássica, quando abandona os esquemas métricos regulares e deprecia o soneto.
- c) A poesia romântica retoma os temas do Neoclassicismo, apenas inovando a seleção vocabular, que se torna pessoal.
- d) De maneira geral, acentua-se na poesia romântica o seu caráter intimista, uma vez que a poesia é pensada como “voz do coração” ou expressão de um pensamento divino.
- e) Dos dois procedimentos básicos de operação com a língua, a metáfora: do que decorre a idealização de seus poemas.

16. Vunesp (adaptada) – A questão a seguir toma por base fragmentos de um ensaio do poeta modernista Jorge de Lima (1893-1953)

Todos Cantam sua Terra...

1929

[...] Acha Tristão de Ataíde que a literatura brasileira moderna, apesar de tudo, enxergou qualquer coisa às claras. Pois que deu fé que estava em erro. Que se esquecera do Brasil, que se expressava numa língua que não era a fala do povo, que enveredara por terras de Europa e lá se perdera, com o mundo do Velho Mundo. Trabalho deu a esse movimento literário atual, a que chamam de moderno, trazer a literatura brasileira ao ritmo da nacionalidade, isto é, integrá-la com as nossas realidades reais. Mais ou menos isso falou o grande crítico. Assim como falou do novo erro em que caiu esta literatura atual criando um convencionalismo modernista, uma brasilidade forçada, quase tão errada, quanto a sua imbrasilidade. Em tudo isso está certo Tristão. Houve de fato ausência de Brasil nos antigos, hoje

parece que há Brasil de propósito nos modernos. Porque nós não poderíamos com sinceridade achar Brasil no índio que Alencar isolou do negro, cedendo-lhe as qualidades lusas, batalhando por um abolicionismo literário do índio que nos dá a impressão de que o escravo daqueles tempos não era o preto, era o autóctone. O mesmo se deu com Gonçalves Dias em que o índio entrou com o vestuário de penas pequeno e escasso demais para disfarçar o que havia de Herculano no escritor.

[...]

Da mesma forma que os nossos primeiros literatos cantaram a terra, os nossos poetas e escritores de hoje querem expressar o Brasil numa campanha literária de “custe o que custar”. Surgiram no começo verdadeiros manifestos, verdadeiras paródias ao Casimiro e ao Gonçalves Dias: “Todos dizem a sua terra, também vou dizer a minha”. E do Norte, do Sul, do sertão, do brejo, de todo o país brotaram grupos, programas, proclamações modernistas brasileiras, umas ridículas à beça. Ninguém melhor compreendeu, adivinhou mesmo, previu o que se ia dar, botando o preto no branco, num estudo apenso ao meu primeiro livro de poesia em 1927, do que o meu amigo José Lins do Rego. [...]

Dois anos depois é o mesmo protesto de Tristão de Ataíde: “esse modernismo intencional não vale nada!” Entretanto nós precisamos achar a nossa expressão que é o mesmo que nos achamos. E parece que o primeiro passo para o achamento é procurar trazer o homem brasileiro à sua realidade étnica, política e religiosa. [...]

No seio deste Modernismo já se opera uma reação anti-ANTISINTAXE, anti-ANTIGRAMATICAL em oposição ao desleixo que surgiu em alguns escritos, no começo. Nós não temos um passado literário comprido (como têm os italianos, para citar só um povo), que nos endosse qualquer mudança no presente, pela volta a ele, renascimento dele, pela volta de sua expressão estilística ou substancial. A nossa tradição estilística, de galho deu, na terra boa em que se plantando dá tudo, apenas garranchos.

LIMA, Jorge de. Ensaaios. In: *Poesias completas*. v. 4. Rio de Janeiro: José Aguilar/MEC, 1974.

O movimento romântico brasileiro, ao imitar os padrões do Romantismo europeu, viu-se diante do problema de não encontrar, em nosso passado, heróis equiparáveis aos cavaleiros medievais. Nossos escritores, por isso, movidos pelo sentimento nativista, serviram-se em suas ficções da figura do índio como herói cavaleiresco.

Leia o texto de Jorge de Lima e, a seguir, aponte as razões que levam o escritor a afirmar que não podemos achar Brasil no índio de Gonçalves Dias.

SEGUNDO E TERCEIRO ROMANTISMO NO BRASIL

O segundo Romantismo no Brasil

Uma das marcas do movimento romântico é a expressão da insatisfação com a ideologia burguesa, marcada pela mesquinhez e distante de ideais revolucionários como a igualdade. Essa insatisfação aparece na valorização da subjetividade expressa na literatura excessivamente sentimental, que busca um mundo ideal no sonho e na evasão. Os autores do período sofrem forte influência do poeta inglês Lord Byron, cuja vida foi marcada por polêmicas e cuja obra valoriza, entre outros aspectos, o exílio de si.

O Ultrarromantismo

Em um segundo momento, o Romantismo brasileiro foi dominado por alguns jovens estudantes universitários que absorviam a literatura desenvolvida na Europa e procuravam vivê-la aqui. Essa geração primou por um sentimentalismo exagerado e pelo escapismo, assim como pela insatisfação, pelo tédio e pelo desespero, o que vai torná-la conhecida como geração “ultrarromântica”, geração do mal do século ou byroniana.

A morbidez, portanto, caracterizará os poetas desse período que, no Brasil, manifestam-se literariamente muito associados com os escritores europeus da época. Destacam-se as obras de Álvares de Azevedo e de Casimiro de Abreu, além de Fagundes Varela e de Junqueira Freire em menor grau.

Álvares de Azevedo

Manuel Antônio Álvares de Azevedo nasceu em São Paulo, em 1831, e morreu aos 21 anos de idade, no Rio de Janeiro, em 1852. Sua breve vida fez com que toda sua obra fosse publicada postumamente. Destaca-se, de sua produção, a poesia chamada de “mal-do-século”, com tom bastante melancólico e ultrarromântico, valorizando temas como a morte, a solidão e o tom confessional.

É considerado um autêntico byroniano. Em sua produção razoavelmente vasta para quem viveu tão pouco, há algumas obras de maior relevo. *Lira dos Vinte Anos* é sua obra poética com dois tons em destaque: o confessional e o macabro; *Noite na taverna* reúne contos narrados em primeira pessoa que misturam o real e o imaginário e trazem elementos como incesto, adultério e necrofilia, numa atmosfera mórbida tipicamente byroniana. Além dessas, o misto de narrativa e teatro *Macário* conta a história do jovem cujo nome dá título ao texto e que tem um encontro com satã, com quem discute a linha tênue que separa amor e morte – tema caro aos românticos.

Johann

[...]

Era em Paris, num bilhar. Não sei se o fogo do jogo me arrebatou a, ou se o kirsch e o curaço me queimaram demais as ideias... Jogava contra mim um moço: chamava-se Artur.

Era uma figura loura e mimosa como a de uma donzela. Rosa infantil lhe avermelhava as faces: mas era uma rosa de cor desfeita. Leve buço lhe sombreava o lábio, e pelo oval do rosto uma penugem doirada lhe assomava como a felpa que rebuça o pêssego.

[...]

- Segundo Romantismo no Brasil
- Ultrarromantismo
- Casimiro de Abreu
- Álvares de Azevedo
- Fagundes Varela
- Junqueira Freire
- Terceiro Romantismo no Brasil
- Castro Alves
- Sousândrade

HABILIDADES

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

Soltei a bola. Nessa ocasião o bilhar estremeceu... O moço loiro, voluntariamente ou não, se encostara ao bilhar... A bola desviou-se, mudou de rumo: com o desvio dela perdi... A raiva levou-me de vencida.

Adiantei-me para ele. A meu olhar ardente o mancebo sacudiu os cabelos loiros e sorriu como de escárnio.

Era demais! Caminhei para ele: ressoou uma bofetada. O moço convulso caminhou para mim com um punhal, mas nossos amigos nos sustiveram.

– Isso é briga de marujo. O duelo, eis a luta dos homens de brio.

O moço rasgou nos dentes uma luva e atirou-ma à cara. Era insulto por insulto; lodo por lodo: tinha de ser sangue por sangue.

Meia hora depois tomei-lhe a mão com sangue frio e disse-lhe no ouvido:

– Vossas armas, senhor?

– Saber-las-eis no lugar.

– Vossas testemunhas?

– A noite e minhas armas.

– A hora?

– Já.

– O lugar?

– Vireis comigo... Onde pararmos aí será o lugar...

– Bem, muito bem: estou pronto, vamos.

[...]

Um hotel estava aberto. O moço levou-me para dentro.

– Moro aqui, entrai, disse-me.

Entramos.

– Senhor, disse ele, não há meio de paz entre nós: um bofetão e uma luva atirada as faces de um homem são nódoas que só o sangue lava. É pois um duelo de morte.

– De morte, repeti como um eco.

– Pois bem: tenho no mundo só duas pessoas – minha mãe e... Esperei um pouco.

O moço pediu papel, pena e tinta. Escreveu: as linhas eram poucas. Acabando a carta deu-ma a ler.

– Vede, não é uma traição, disse.

– Artur, creio em vos: não quero ler esse papel.

Repeli o papel. Artur fechou a carta, selou o lacre com um anel que trazia no dedo. Ao ver o anel uma lágrima correu-lhe na face e caiu sobre a carta.

– Senhor, sois um homem de honra. Se eu morrer, tomai esse anel: no meu bolso achareis uma carta: entregareis tudo a... Depois dir-vos-ei a quem...

– Estais pronto? perguntei.

[...]

– É tempo, disse ele.

Caminhamos frente a frente. As pistolas se encostaram nos peitos. As espoletas estalaram, um tiro só estrondou, ele caiu quase morto...

– Tomai, murmurou o moribundo e acenava-me para o bolso.

Atirei-me a ele. Estava afogado em sangue. Estrebuchou três vezes e ficou frio... Tirei-lhe o anel da mão. Meti-lhe a mão no bolso como ele dissera. Achei dois bilhetes.

A noite era escura: não pude lê-los.

Voltei à cidade. À luz baça do primeiro lampião vi os dois bilhetes. O primeiro era a carta para sua mãe. O outro estava aberto, li:

– "A uma hora da noite na rua de... n.º 60, 1.º andar: acharás a porta aberta.

Tua G."

Não tinha outra assinatura.

Eu não soube o que pensar. Tive uma ideia: era uma infâmia.

Fui à entrevista. Era no escuro. Tinha no dedo o anel que trouxera do morto... Sentí uma mãozinha acetinada tomar-me pela mão, subi. A porta fechou-se.

Foi uma noite deliciosa! A amante do loiro era virgem! Pobre Romeu! Pobre Julieta! Parece que essas duas crianças levavam a noite em beijos infantis e em sonhos puros!

(Johann encheu o copo: bebeu-o, mas estremeceu.)

[...]

Abri a janela, levei-a até aí...

Na verdade que sou um maldito! Olá, Archibald, dai-me um outro copo, enchei-o de cognac, enchei-o até a borda! Vede!... sinto frio, muito frio... tremo de calafrios e o suor me corre nas faces! Quero o fogo dos espíritos! a ardência do cérebro ao vapor que tonteia... quero esquecer!

– Que tens, Johann? tiritas como um velho centenário!

– O que tenho? o que tenho? Não o vedes, pois? Era minha irmã!

AZEVEDO, Álvares de. *Macário/Noite na taverna*. São Paulo: Globo, 2007.

O tom sombrio de *Noite na taverna*, embalado por bebidas e jogos, constroem a atmosfera em que seus personagens contam as histórias de tom macabro que compõem o volume e reúnem temas bastante controversos e sombrios, como é o caso do incesto na história de Johann.

Casimiro de Abreu

Casimiro José Marques de Abreu, 1839-1860, é um dos poetas mais populares do Romantismo brasileiro. Sua poesia bastante simples se comparada aos seus contemporâneos foi composta, em sua maioria, durante a estadia do autor em Portugal. Em suas obras, o amor não está ligado à morte, mas à vida e à sensualidade – ainda que inocente. Temas como infância, pátria, saudade, solidão, natureza e amor são as constantes

de sua poesia, de marcado caráter musical. Sem grandes ousadias, o autor ajudou a consolidar e difundir o Romantismo entre nós.

A casa onde viveu o poeta, na infância, foi transformada em Museu e fica na Barra de São João, distrito do município de Casimiro de Abreu, no Rio de Janeiro.

A inocência associada a uma sensualidade apenas insinuada marca o trecho do poema de Casimiro de Abreu. Também neste excerto é possível notar a musicalidade do autor, que constrói o poema no ritmo da valsa – dançada pela mulher amada, no baile – com a marcação de uma sílaba forte e duas não acentuadas. A pureza da mulher que vai se desfraldando à medida que a valsa (e o poema) prossegue são exemplos do tom ameno que a poesia do autor dá ao tema do amor.

Segredos

Eu tenho uns amores – quem é que os não tinha
Nos tempos antigos? – Amar não faz mal;
As almas que sentem paixão como a minha
Que digam, que falem em regra geral.
– A flor dos meus sonhos é moça e bonita
Qual flor entreaberta do dia ao raiar,
Mas onde ela mora, que casa ela habita,
Não quero, não posso, não devo contar!

Seu rosto é formoso, seu talhe elegante,
Seus lábios de rosa, a fala é de mel,
As tranças compridas, qual livre bacante,
O pé de criança, cintura de anel;
– Os olhos rasgados são cor das safiras
Serenos e puros, azuis como o mar;
Se falam sinceros, se pregam mentiras,
Não quero, não posso, não devo contar!

Oh! ontem no baile com ela valsando
Senti as delícias dos anjos do céu!
Na dança ligeira qual silfo voando
Caiu-lhe do rosto seu cândido véu!
– Que noite e que baile! – Seu hálito virgem
Queimava-me as faces no louco valsar,
As falas sentidas que os olhos falavam
Não posso, não quero, não devo contar!

[...]

ABREU, Casimiro de. *As primaveras*. São Paulo: Martins, 2003.

Fagundes Varela

O poeta Luís Nicolau Fagundes Varela, nascido em Rio Claro, em 1841, e morto em Niterói, em 1875, representa já uma transição a ser verificada na poesia romântica brasileira. Estudou direito em São Paulo, onde casou-se com uma mulher de profissão pouco prestigiosa – possivelmente prostituta ou artista circense – com

quem teve um filho. Após a morte do filho, aos três meses de vida, entrega-se ao alcoolismo e à vida boemia da qual tentará se refugiar nos últimos anos de vida.

Sua poesia apresenta duas faces, com traços do mal do século, que o aproxima da segunda geração romântica, e com certa preocupação social, marca da terceira geração romântica no Brasil. Em sua obra estão temas comuns aos ultrarromânticos, como o pessimismo, a solidão e a morte, bem como um tom menos egocêntrico e mais voltado aos problemas sociais e políticos do Brasil, como a defesa do índio, da nacionalidade e a crítica à escravidão.

Ilusão

Sinistro como um fúnebre segredo
passa o vento do Norte murmurando
nos densos pinheirais;
a noite é fria e triste; solitário
atravesso a cavalo a selva escura
entre sombras fatais.
À medida que avanço, os pensamentos
borbulham-me no cérebro, ferventes,
como as ondas do mar,
e me arrastam consigo, alucinado,
à casa da formosa criatura
de meu doido cismar.

Latem os cães; as portas se franqueiam
rangendo sobre os quícios; os criados
acordem pressurosos;
subo ligeiro a longa escadaria,
fazendo retinir minhas esporas
sobre os degraus lustrosos.

No seu vasto salão iluminado,
suavemente repousando o seio
entre sedas e flores,
toda de branco, engrinaldada a fronte,
ela me espera, a linda soberana
de meus santos amores.

Corro a seus braços trêmulo, incendiado
de febre e de paixão... A noite é negra,
ruge o vento no mato;
os pinheiros se inclinam, murmurando:
— Onde vai este pobre cavaleiro
com seu sonho insensato?...

VARELA, Fagundes. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1892.
(Adaptado.)

O indivíduo em descompasso com o mundo busca evadir-se no sonho sem, no entanto, perceber que é ilusório aquilo que acredita estar vivendo. O ambiente

que corrobora com seu estado de espírito é característico do Romantismo e o tom confessional da poesia, bem como o sentimentalismo exacerbado em “febre e paixão”; filiam o poeta à geração mal do século.

Junqueira Freire

O monge beneditino, sacerdote e poeta Luís José Junqueira Freire nasceu em Salvador em 1832 e morreu em 1855 na mesma cidade. Desde a infância, sofreu com uma doença cardíaca que o levaria à morte, aos 23 anos. A vida monástica é marca de seus escritos tanto na revolta que lhe causa – nota-se uma angústia que a vida enclausurada lhe proporcionava – tanto quanto um remorso muito grande pelo pecado a que se via impelido graças ao desejo reprimido pela vida religiosa. Em sua obra nota-se uma revolta contra as regras e o mundo, mas também contra si próprio e suas escolas.

O poeta chega a escrever em favor da composição poética mais clássica, desenvolvida pelos árcades, mas sua obra extrapola essa regularidade e reflete sua complexidade interior. Nota-se, ainda, na obra de Freire, certa tendência à temática social, antimonárquica e liberal. Enquanto a subjetividade o aproxima da geração ultrarromântica, sua capacidade de reflexão social aproxima-o da geração seguinte.

Morte

(Hora de Delírio)

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o termo
De dous fantasmas que a exigência formam,
— Dessa alma vã e desse corpo enfermo.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és o nada,
Tu és a ausência das moções da vida,
Do prazer que nos custa a dor passada.

Pensamento gentil de paz eterna,
Amiga morte, vem. Tu és apenas
A visão mais real das que nos cercam,
Que nos extingues as visões terrenas.

[...]

Miriádas de vermes lá me esperam
Para nascer de meu fermento ainda,
Para nutrir-se e meu suco impuro,
Talvez me espera uma plantinha linda.

Vermes que sobre podridões refervem,
Plantinha que a raiz meus ossos ferra,
Em vós minha alma e sentimento e corpo
Irão em partes agregar-se à terra.

E depois nada mais. Já não há tempo,
Nem vida, nem sentir, nem dor, nem gosto.
Agora o nada, — esse real tão belo
Só nas terrenas vísceras deposto.

FREIRE, Junqueira. Morte. In: Massaud Moisés (org.) *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1984. Adaptado.

Terceiro Romantismo no Brasil

A chamada Terceira Geração da poesia romântica brasileira traz diferenças muito marcadas em relação às duas anteriores. Em primeiro lugar, a geração conhecida como *condoreira* traz, no seu epíteto, o condor, ave representativa daqueles que enxergam além, pois voa mais alto. Os autores dessa geração, portanto, não estarão tão voltados para si e deixarão o egocentrismo de lado para desenvolver uma poesia mais preocupada com questões sociais do país, sobretudo o movimento abolicionista e republicano.

A postura dos poetas em relação aos temas sociais está ligada à urgência de movimentos, no Brasil, sobretudo nas décadas de 1860 e 1870, quando vários intelectuais se engajaram na luta pela abolição da escravatura e pela derrubada da monarquia, defendendo a instauração da república. Essa geração também é influenciada pelos condoreiros europeus, à época ligados às causas da população oprimida e pobre no cenário pós-revolucionário: os camponeses e operários da indústria. Um dos principais nomes do Romantismo é o escritor francês Victor Hugo, autor de *Os miseráveis*, clássico da literatura romântica que se debruça sobre a vida da população mais pobre da sociedade francesa no século XIX.

Em segundo lugar, a terceira geração da poesia romântica, no Brasil, se afasta do idealismo nacional da primeira geração, que entende a formação da identidade nacional a partir da miscigenação entre duas raças: europeus e indígenas. O negro, escravizado, não tinha espaço na construção do ideário nacional; até que autores como Castro Alves, conhecido como “poeta dos escravos”, adotam uma postura crítica em relação à realidade e passam a defender o fim da escravidão no país. Outra característica dos poetas dessa geração é um trato mais real da relação amorosa, numa espécie de maturidade em relação à geração anterior, presa a idealizações.

CASTRO ALVES

Antônio Frederico de Castro Alves, nascido em Curralinho – atual Castro Alves, na BA – em 1847 e morto em Salvador em 1871, ficou conhecido pelo epíteto de “poeta dos escravos”. Trata-se da voz mais importante

da Terceira Geração do Romantismo no Brasil, não apenas pelo tratamento do tema abolicionista, mas pela expressividade de seus versos indignados e ressonantes. Coursou Direito em Recife e em São Paulo, onde discursava em diversas ocasiões contra a escravidão.

Sua obra apresenta certo tom byroniano em alguns momentos, já em outros cultiva a lírica amorosa sensual, a poesia social, a épica e o teatro. Suas obras mais famosas são os livros de poesia lírica e social *Espumas Flutuantes* e *A cachoeira de Paulo Afonso*, a peça *Gonzaga ou a Revolução de Minas* e o épico e clássico *Os escravos*, que contém o poema épico dramático “O navio negreiro”, uma das principais realizações autorais de Castro Alves.

IV

Era um sonho dantesco... o tombadilho

Que das luzernas avermelha o brilho.

Em sangue a se banhar.

Tinir de ferros... estalar de açoite...

Legiões de homens negros como a noite,

Horrendos a dançar...

Negras mulheres, suspendendo às tetas

Magras crianças, cujas bocas pretas

Rega o sangue das mães:

Outras moças, mas nuas e espantadas,

No turbilhão de espectros arrastadas,

Em ânsia e mágoa vãs!

E ri-se a orquestra irônica, estridente...

E da ronda fantástica a serpente

Faz doudas espirais ...

Se o velho arqueja, se no chão resvala,

Ouvem-se gritos... o chicote estala.

E voam mais e mais...

Preso nos elos de uma só cadeia,

A multidão faminta cambaleia,

E chora e dança ali!

Um de raiva delira, outro enlouquece,

Outro, que martírios embrutece,

Cantando, geme e ri!

No entanto o capitão manda a manobra,

E após fitando o céu que se desdobra,

Tão puro sobre o mar,

Diz do fumo entre os densos nevoeiros:

“Vibraí rijo o chicote, marinheiros!

Fazei-os mais dançar!...”

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .

E da ronda fantástica a serpente

Faz doudas espirais...

Qual um sonho dantesco as sombras voam!...

Gritos, ais, maldições, preces ressoam!

E ri-se Satanás!...

ALVES, Castro. *O navio negreiro e Vozes d'África*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013. (Série Prazer de Ler).

O trecho que compõe a quarta parte do poema “Navio negreiro” apresenta o tratamento dado aos escravizados que são obrigados a dançar sob a punição do açoite enquanto o capitão da embarcação deleita-se com a cena. O tom épico agravado pela caracterização de “sonho dantesco” constrói uma cena de horror; a atmosfera criada vale-se das imagens amplas como o mar, o céu e a noite para compor o cenário de profundo sofrimento em que se misturam cores como o vermelho do sangue e o negro da pele dos homens que sofriam os maus-tratos.

SOUSÂNDRADE

Joaquim de Souza Andrade, nascido em Alcântara/MA, em 1832 e morto em 1902 em São Luís/MA, adotou o pseudônimo de Sousândrade e sua obra permaneceu praticamente desconhecida em seu tempo, segundo sua própria previsão de que só seria lida 50 anos depois. Filho de fazendeiros, o autor estudou na França, viajou por diversos países e morou por 14 anos nos Estados Unidos. De volta ao Brasil, envolveu-se na luta republicana e abolicionista; em 1889, com a proclamação da República, foi nomeado prefeito de São Luís.

Seu principal poema, *O Guesa*, foi redescoberto por críticos como Luiz Costa Lima e por poetas-críticos ligados ao concretismo, como Augusto de Campos e Haroldo de Campos, nos anos 1960, quando publicam uma revisão de sua obra. Trata-se de um longo poema narrativo de 12 cantos, alguns dos quais incompletos, e um epílogo que conta a história do herói errante Guesa, que foge de um ritual em que seria sacrificado e erra por América, África e Europa. O herói representaria duas questões: o destino dos povos ameríndios com a chegada dos europeus e a busca pelo lugar do poeta incompreendido que segue errando pelo mundo.

A importância de *O Guesa*, reconhecido tantos anos depois de sua escrita – entre 1857 e 1900 – está no projeto identitário que a obra defende, que diferentemente dos românticos contemporâneos idealiza uma nação americana com forte raiz nos povos nativos. Mas a principal característica da obra, destacada pelos críticos no século XX, é sua inovação estética, cuja peculiaridade rendeu a marginalidade na época de suas publicações; as inovações de sintaxe, os jogos de palavras e os experimentos estéticos aproximam-no dos escritores modernistas.

[...]

Nos áureos tempos, nos jardins da América
 Infante adoração dobrando a crença
 Ante o belo sinal, nuvem ibérica
 Em sua noite a envolveu ruidosa e densa.

Cândidos Incas! Quando já campeiam
 Os heróis vencedores do inocente
 Índio nu; quando os templos s'incendiam,
 Já sem virgens, sem ouro reluzente,

Sem as sombras dos reis filhos de Manco,
 Viu-se... (que tinham feito? e pouco havia

A fazer-se...) num leito puro e branco
 A corrupção, que os braços estendia!

E da existência meiga, afortunada,
 O róseo fio nesse albor ameno
 Foi destruído. Como ensanguentada
 A terra fez sorrir ao céu sereno!

[...]

SOUSÂNDRADE, Joaquim de. *O Guesa*. Londre: Cooke and Halsted, s.d. Disponível em: <<https://digital.bbm.usp.br/handle/bbm/619>>. Acesso em: dez. 2018.

No trecho, retirado do primeiro canto de *O Guesa*, nota-se o retrato do europeu como a “nuvem ibérica” que envolve e corrompe a América – idealizada como o espaço habitado por gente pura e doce.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
 SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

ROTEIRO DE AULA

SEGUNDO ROMANTISMO NO BRASIL

Período histórico

Meados do século XIX, já depois da independência do país e passado o momento inicial que deu à literatura o engajamento nacionalista. Período de transição entre o primeiro e o segundo reinado.

Características gerais

Conhecido como "ultrarromântico" ou geração "mal do século", a segunda geração modernista no Brasil traz como características principais o sentimentalismo exacerbado, a tom confessional, o escapismo, o saudosismo e a soturnidade. Misturam-se sentimentos melancólicos, o tédio e o desejo de morte como fuga para uma realidade bastante desagradável para os poetas. Há, no período, a manifestação de um desagrado intenso com o realidade, sobretudo com os ideais burgueses e os rumos dessa classe no pós-revolução.

Byronismo

Modismo entre os jovens da primeira metade do século XIX, de modo que Byron ditou moda não só na literatura, mas também a sua maneira de os jovens se vestirem e de se postarem diante da sociedade.

O jeito rebelde e altivo do poeta foi imitado pelos jovens rebeldes do ocidente, assim como suas vestimentas pretas e impecáveis tornaram-se marcas da juventude seguidora do byronismo.

Mais que uma influência e moda literária, foi um estado de espírito, uma postura que dominou o século XIX.

Principais autores e obras

Álvares de Azevedo – *Lira dos vinte anos*; *Noite na taverna* e *Macário*;

Casimiro de Abreu – *As primaveras*;

Fagundes Varela – *Noturnas* e *Cântico do Calvário*;

Junqueira Freire – *Inspirações do claustro*.

ROTEIRO DE AULA

TERCEIRO ROMANTISMO NO BRASIL

Período histórico

Segunda metade do século XIX. No Brasil, o período é marcado por lutas em prol da república e da abolição da escravidão. Os autores se engajaram em movimentos políticos e sociais e se afastaram do egocentrismo da geração anterior, e do nacionalismo idealista dos primeiros românticos.

Características gerais

Os autores da época, influenciados pelo romantismo social de Victor Hugo, principal autor do romantismo francês, se voltaram para questões sociais e ficaram conhecidos como "condoreiros", graças ao Condor, ave que voa alto e que, portanto, teria uma visão mais ampla do espaço. A abolição da escravidão, a revisão crítica do colonialismo europeu e a luta republicana marcam a vida e as obras dos autores do período.

Principais autores e obras

Castro Alves – "O navio negreiro" e *Espumas flutuantes*;

Sousândrade – *O Guesa*.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unifesp – Considere as seguintes afirmações.

- I. O texto é um exemplo de poesia carregada de dramaticidade, própria de um poeta-condor, que mostra conhecer bem as lições do “mestre” Victor Hugo.
- II. Trata-se de um poema típico da terceira fase romântica, voltado para auditórios numerosos, em que se destacam a preocupação social e o tom hiperbólico.
- III. É possível reconhecer nesse fragmento de um longo poema de teor abolicionista o gosto romântico por uma poesia de recursos sonoros.

Está **correto** o que se afirma em:

- a) I, apenas.
- b) II, apenas.
- c) III, apenas.
- d) I e II, apenas.
- e) I, II e III.

O texto do poeta Castro Alves é característico da terceira geração romântica, altamente influenciada pela temática social de Victor Hugo; além disso, o poema de tom épico explora recursos de imagem e sonoridade para compor sua dramaticidade.

2. Unifesp – Nesse fragmento do poema,

- a) o poeta se vale do recurso ao paralelismo de construção apenas na primeira estrofe.
- b) o eu poemático aborda o problema da escravidão segundo um jogo de intensas oposições.
- c) os animais evocados – leão, jaguar e serpente – têm, respectivamente, sentidos denotativo, denotativo e metafórico.
- d) o tom geral assumido pelo poeta revela um misto de emoção, vigor e resignação diante da escravidão.
- e) os versos são constituídos alternadamente por sete e oito sílabas poéticas.

O trecho constrói jogo de opostos para abordar o tema da escravidão: liberdade x prisão; sono dormido x sono cortado; vida x morte etc.

3. Fuvest-SP

Teu romantismo bebo, ó minha lua,
A teus raios divinos me abandono,
Torno-me vaporoso ... e só de ver-te
Eu sinto os lábios meus se abrir de sono.

AZEVEDO, Álvares de. Luar de verão. *Lira dos vinte anos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Neste excerto, o eu lírico parece aderir com intensidade aos temas de que fala, mas revela, de imediato, desinteresse e tédio. Essa atitude do eu lírico manifesta a:

- a) ironia romântica.
- b) tendência romântica ao misticismo.
- c) melancolia romântica.
- d) aversão dos românticos à natureza.
- e) fuga romântica para o sonho.

Para expressar a pouca relevância da existência, os românticos, por vezes, se valem da ironia como maneira de tratar dos temas. O eu lírico se declara à lua carregado de ironia, mostrando o tédio de que é tomado ao vê-la.

4. Unifesp – O estilo dos versos de Casimiro de Abreu

Meus oito anos

Oh! que saudades que tenho
Da aurora da minha vida,

Da minha infância querida
Que os anos não trazem mais!
Que amor, que sonhos, que flores,
Naquelas tardes fagueiras
À sombra das bananeiras,
Debaixo dos laranjais!

ABREU, Casimiro de. *As primaveras*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

- a) é brando e gracioso, carregado de musicalidade nas redondilhas maiores.
- b) traduz-se em linguagem grandiosa, por meio das quais estabelece a crítica social.
- c) é preciso e objetivo, deixando em segundo plano o subjetivismo.
- d) reproduz o padrão romântico da morbidez e melancolia.
- e) é rebuscado e altamente subjetivo, o que o aproxima do estilo de Castro Alves.

A musicalidade é uma das características da poesia de Casimiro de Abreu e, no célebre poema “Meus oito anos”, a sonoridade é reforçada pelo ritmo da forma popular da redondilha maior, com versos de sete sílabas poéticas.

5. Enem

C5-H16

Leia o trecho a seguir, parte do poema “Mocidade e morte”, do poeta romântico Castro Alves.

Oh! eu quero viver, beber perfumes
Na flor silvestre, que embalsama os ares;
Ver minh’alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n’ampidão dos mares.
No seio da mulher há tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo há tanta vida...
– Árabe errante, vou dormir à tarde
À sombra fresca da palmeira erguida.
Mas uma voz responde-me sombria:
Terás o sono sob a lájea fria.

ALVES, Castro. *Os melhores poemas de Castro Alves*. Seleção de Lêdo Ivo. São Paulo: Global, 1983.

Esse poema, como o próprio título sugere, aborda o inconformismo do poeta com a antevisão da morte prematura, ainda na juventude. A imagem da morte aparece na palavra

- a) embalsama.
- b) infinito.
- c) ampidão.
- d) dormir.
- e) sono.

A palavra “sono”, no último verso, representa a morte anunciada por uma voz sombria que se opõe aos desejos de vida do eu lírico.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

6. Enem

Soneto

Já da morte o palor me cobre o rosto,
Nos lábios meus o alento desfalece,

Surda agonia o coração fenece,
E devora meu ser mortal desgosto!

Do leito embalde no macio encosto
Tento o sono reter!... já esmorece
O corpo exausto que o repouso esquece...
Eis o estado em que a mágoa me tem posto!

O adeus, o teu adeus, minha saudade,
Fazem que insano do viver me prive
E tenha os olhos meus na escuridade.
Dá-me a esperança com que o ser mantive!
Volve ao amante os olhos por piedade,
Olhos por quem viveu quem já não vive!

AZEVEDO, Álvares de. *Obra completa*.
Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2000.

O núcleo temático do soneto citado é típico da segunda geração romântica, porém configura um lirismo que o projeta para além desse momento específico. O fundamento desse lirismo é

- a) a angústia alimentada pela constatação da irreversibilidade da morte.
- b) a melancolia que frustra a possibilidade de reação diante da perda.**
- c) o descontrolo das emoções provocado pela autopiiedade.
- d) o desejo de morrer como alívio para a desilusão amorosa.
- e) o gosto pela escuridão como solução para o sofrimento.

A perda causa tal dor ao poeta que o impede de agir e reagir. O tema da morte, apesar de característico da segunda geração romântica, ultrapassa-a, por tratar de tema inerente ao ser humano.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. UEM-PR – Considere o texto.

Soneto

Pálida, à luz da lâmpada sombria,
Sobre o leito de flores reclinada,
Como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor ela dormia!

Era a virgem do Mar! na espuma fria
Pela maré das águas embalada!
Era um anjo entre nuvens d'alvorada
Que em sonhos se banhava e se esquecia!

Era mais bela! o seio palpitando...
Negros olhos as pálpebras abrindo...
Formas nuas no leito resvalando...

Não te rias de mim, meu anjo lindo!
Por ti – as noites eu velei chorando,
Por ti – nos sonhos morrerei sorrindo!

AZEVEDO, Álvares de. *Noite na Taverna e Poemas Escolhidos*.
São Paulo: Moderna, 1994, p. 116.

- a) O poema está organizado, em sua estrutura interna, a partir de relações antitéticas, tais como: *o sonho e a realidade* (aspectos físico-sensuais); *o amor e a morte*; *a noite e o amanhecer*, entre outras. Justifique essa contradição que caracteriza a produção poética do autor e, em seguida, transcreva dois versos que apresentam a primeira relação (o sonho e a realidade).

- b) Aponte duas características da segunda geração romântica que estão presentes no poema apresentado, relacionando-as às estrofes do poema.

8. ITA-SP – Com as “Espumas Flutuantes”, ele se impôs como um poeta original, fortemente impressivo, comovente e, pela riqueza verbal, até empolgante. Entretanto, foram suas veementes denúncias contra a nossa “seara vermelha” (alguns poemas: “Adeus, meu canto”,

“A Cruz da Estrada”, “A Cachoeira de Paulo Afonso”) que lhe deram um sentido de presença mais viva na evolução de nossa história, popularizando-o como o mais eloquente, o mais aplaudido e o mais influente dos nossos poetas do abolicionismo e do republicanism.

- a) Gonçalves Dias.
- b) Castro Alves.
- c) Gonçalves de Magalhães.
- d) Tobias Barreto.
- e) Casimiro de Abreu

9. Cefet-MG – Em relação ao Romantismo, pode-se afirmar que:

- I. O poeta romântico deixa-se arrebatar pelo conflito entre o mundo imaginário e o real, expresso num sentimentalismo acentuado.
- II. Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo, Fagundes Varela e Gonçalves de Magalhães pertencem à segunda geração romântica.
- III. O ilogismo leva o autor romântico a instabilidades emocionais que são traduzidas em atitudes contraditórias: entusiasmo e depressão, alegria e tristeza.

Estão corretas as afirmativas:

- a) Apenas I e III.
- b) I, II e III.
- c) Apenas II.
- d) Apenas I e II.
- e) Apenas III.

Leia os fragmentos a seguir e responda às questões 10 e 11.

I.

Pálida, à luz da lâmpada sombria
Sobre o leito de flores reclinada,
como a lua por noite embalsamada,
Entre as nuvens do amor, ela dormia!

II.

Uma noite, eu me lembro... Ela dormia
Numa rede encostada molemente...
Quase aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço no tapete rente.

10. Fuvest-SP – Os dois textos apresentam diferentes concepções da figura da mulher. Aponte nos dois textos situações contrastantes que revelam essas diferentes concepções.

11. Fuvest-SP – Se ambos os textos são românticos, como explicar a diferença no tratamento do tema?

12. UEFS – Os versos do texto I revelam que o sujeito poético

- a) explicita sua vassalagem amorosa, marcada pela submissão e sofrimento diante do ser desejado.
- b) ironiza o amor não correspondido, marcado pelo distanciamento e pela indiferença da pessoa amada.
- c) sugere um convite ousado e fascinante, ao oferecer a eternidade e o êxtase através de uma noite de amor.
- d) aceita a existência de um amor platônico, que se redime diante de um sofrimento amoroso inquietante e angustiante.
- e) admite ao ser amado, em tom de aquiescência, que seu sentimento não é recente, mas garante que é comedido e suave.

13. Unifesp – Leia os versos de Fagundes Varela.

Roem-me atrozes ideias,
A febre me queima as veias,
A vertigem me tortura!...
Oh! por Deus! quero dormir,
Deixem-me os braços abrir
Ao sono da sepultura!
Despem-se as matas frondosas,
Caem as flores mimosas
Da morte na palidez:
Tudo, tudo vai passando,
Mas eu pergunto chorando
— Quando virá minha vez?

VARELA, Fagundes. *Obras completas*. Rio de Janeiro: Garnier, 1892. Adaptado.

Os versos filiam-se ao estilo

- a) árcade, flagrado pela alusão à natureza como forma de fugir dos problemas.
- b) ultrarromântico, influenciado pelo mal do século, e presentificam o pessimismo e a morte.
- c) condoreiro, distanciado da visão egocêntrica, pois estão voltados aos problemas sociais.

- d) parnasiano, cuja busca de perfeição formal é mais relevante que a expressão da emoção.
- e) simbolista, em que o pessimismo e a dor existencial levam o eu lírico à transcendência.

14. Fuvest-SP

Ideias íntimas

Ossian o bardo é triste como a sombra
Que seus cantos povoa. O Lamartine
É monótono e belo como a noite,
Como a lua no mar e o som das ondas...
Mas pranteia uma eterna monodia,
Tem na lira do gênio uma só corda;
Fibra de amor e Deus que um sopro agita:
Se desmaia de amor a Deus se volta,
Se pranteia por Deus de amor suspira.
Basta de Shakespeare. Vem tu agora,
Fantástico alemão, poeta ardente
Que ilumina o clarão das gotas pálidas
Do nobre Johannisberg! Nos teus romances
Meu coração deleita-se... Contudo,
Parece-me que vou perdendo o gosto.
[...]

AZEVEDO, A. *Lira dos vinte anos*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

Considerando-se esse excerto no contexto do poema a que pertence, *Ideias íntimas*, é correto afirmar que, nele,

- a) o eu lírico manifesta tanto seu apreço quanto sua insatisfação em relação aos escritores que evoca.
- b) a dispersão do eu lírico, própria da ironia romântica, exprime-se na métrica irregular dos versos.
- c) o eu lírico rejeita a literatura e os demais poetas porque se identifica inteiramente com a natureza.
- d) a recusa dos autores estrangeiros manifesta o projeto nacionalista típico da segunda geração romântica brasileira.
- e) Lamartine é criticado por sua irreverência para com Deus e a religião, muito respeitados pela segunda geração romântica.

15. UFAM – Só uma das afirmativas abaixo se refere de modo correto a Sousândrade. Assinale-a:

- a) Sua lírica apresenta a tentativa de reconstruir, dez anos depois, a atmosfera de *anticonvencionalidade* que os byronianos haviam instaurado durante o segundo momento da poesia romântica.
- b) Incompreendido por seus contemporâneos, esquecido pela crítica por mais de sessenta anos depois da morte, foi recuperada pelas vanguardas do século XX, principalmente pelos concretistas.
- c) A sensualidade direta, embora ligada a uma psicologia infantil, afastou sua obra das visões mórbidas dos

byronianos, em que pese o fato de a mulher amada continuar a ser a bela adormecida, a donzela pálida.

- d) Mais que um nome literário, permanece nas letras brasileiras como uma personagem paradigmática, carreador para a cultura nacional das ideias que levaram ao realismo e ao naturalismo e, na política, à Primeira República.
- e) Tendo entrado aos dezenove anos para um convento beneditino, dali fugiu três anos depois, o que o levou a identificar o cárcere metafórico com o anseio de liberdade que perpassa sua poesia.

16. UFRGS-RS – Leia as afirmações abaixo, sobre Sousândrade.

- I. Trata-se de um autor maranhense do século XIX, cujo nome verdadeiro é Joaquim de Sousa Andrade, quase desconhecido dos contemporâneos românticos.
- II. *O Guesa* é um longo poema narrativo, composto sobre uma lenda quíchua que narra o sacrifício de um jovem imolado por sacerdotes.
- III. O poema *O Guesa* traz para a Literatura Brasileira temas do capitalismo mundial, entre os quais o da Bolsa de Nova York.

Quais estão corretas?

- a) Apenas I.
- b) Apenas II.
- c) Apenas III.
- d) Apenas I e II.
- e) I, II e III.

17. UEFS-BA – Comparando os aspectos temáticos do texto “Ternura”, de Vinicius de Moraes, com os de “Amar e ser amado”, de Castro Alves, é correto afirmar:

- a) O conceito de amor, nos dois poemas, por fazerem parte de contextos históricos diferentes, é variável, como se observa no poema de Vinicius de Moraes, que revela uma crítica à postura melancólica e idealizadora presente no de Castro Alves.
- b) O poema de Castro Alves constrói a figura do ser amado a partir da proposta ideológica do Romantismo, já o de Vinicius de Moraes desconstrói a imagem da mulher idealizada e pura.
- c) O amor, no primeiro texto, de caráter prosaico, é desconstruído pela experiência concreta, ao contrário do amor recatado apresentando no segundo.
- d) Os versos de Vinicius de Moraes explicitam uma valorização do amor, presente também no poema de Castro Alves, resgatando, assim, características do Romantismo.
- e) Os dois poemas, por meio de vocativos, dialogam com a pessoa amada, colocando-a na condição de um ser inatingível e platônico.

ESTUDO PARA O ENEM

18. Enem

C5-H15

Texto I

Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
Meu Deus! não seja já;
Eu quero ouvir na laranjeira, à tarde,

Cantar o sabiá!
Meu Deus, eu sinto e bem vês que eu morro
Respirando esse ar;
Faz que eu viva, Senhor! dá-me de novo
Os gozos do meu lar!

Dá-me os sítios gentis onde eu brincava
 Lá na quadra infantil;
 Dá que eu veja uma vez o céu da pátria,
 O céu de meu Brasil!
 Se eu tenho de morrer na flor dos anos,
 Meu Deus! Não seja já!
 Eu quero ouvir cantar na laranjeira, à tarde,
 Cantar o sabiá!

ABREU, Casimiro de. *Poetas românticos brasileiros*.
 São Paulo: Scipione, 1993.

Texto II

A ideologia romântica, argamassada ao longo do século XVIII e primeira metade do século XIX, introduziu-se em 1836. Durante quatro decênios, imperaram o “eu”, a anarquia, o liberalismo, o sentimentalismo, o nacionalismo, através da poesia, do romance, do teatro e do jornalismo (que fazia sua aparição nessa época).

MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*.
 São Paulo: Cultrix, 1971. (Fragmento).

De acordo com as considerações de Massaud Moisés no Texto II, o Texto I centra-se

- a) no imperativo do “eu”, reforçando a ideia de que estar longe do Brasil é uma forma de estar bem, já que o país sufoca o eu lírico.
- b) no nacionalismo, reforçado pela distância da pátria e pelo saudosismo em relação à paisagem agradável onde o eu lírico vivera a infância.
- c) na liberdade formal, que se manifesta na opção por versos sem métrica rigorosa e temática voltada para o nacionalismo.
- d) no fazer anárquico, entendida a poesia como negação do passado e da vida, seja pelas opções formais, seja pelos temas.
- e) no sentimentalismo, por meio do qual se reforça a alegria presente em oposição à infância, marcada pela tristeza.

19. Unifesp

C5-H15

Leia os textos para responder à questão.

Texto I

Perante a Morte empalidece e treme,
 Treme perante a Morte, empalidece.
 Coroa-te de lágrimas, esquece
 O Mal cruel que nos abismos geme.

Cruz e Sousa, “Perante a morte”.

Texto II

Tu choraste em presença da morte?
 Na presença de estranhos choraste?
 Não descende o cobarde do forte;
 Pois choraste, meu filho não és!

Gonçalves Dias, “I-Juca Pirama”.

Texto III

Corrente, que do peito destilada,
 Sois por dous belos olhos despedida;

E por carmim correndo dividida,
 Deixais o ser, levais a cor mudada.

Gregório de Matos, “Aos mesmos sentimentos”.

Texto IV

Chora, irmão pequeno, chora,
 Porque chegou o momento da dor.
 A própria dor é uma felicidade...

Mário de Andrade, “Rito do irmão pequeno”.

Texto V

Meu Deus! Meu Deus! Mas que bandeira é esta,
 Que impudente na gávea tripudia?!...
 Silêncio!... Musa! Chora, chora tanto
 Que o pavilhão se lave no teu pranto...

Castro Alves, “O navio negreiro”.

Dois dos cinco textos transcritos expressam sentimentos de incontida revolta diante de situações inaceitáveis. Esse transbordamento sentimental se faz por meio de frases e recursos linguísticos que dão ênfase à função emotiva e à função conativa da linguagem. Esses dois textos são:

- a) I e IV.
- b) II e III.
- c) II e V.
- d) III e IV.
- e) IV e V.

20. Fuvest-SP

C5-H15

Oh! Bendito o que semeia
 Livros... livros à mão cheia...
 E manda o povo pensar!
 O livro caindo n’alma
 É germe – que faz a palma,
 É chuva – que faz o mar.
 Vós, que o templo das ideias
 Largo – abris às multidões,
 P’ra o batismo luminoso
 Das grandes revoluções,
 Agora que o trem de ferro
 Acorda o tigre no cerro
 E espanta os caboclos nus,
 Fazei desse “rei dos ventos”
 – Ginete dos pensamentos,
 – Arauto da grande luz!...

ALVES, Castro. *Espumas utuantes*. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, s.d. p. 184-5..

O tratamento dado aos temas do livro e do trem de ferro, nesses versos de “O livro e a América”, permite afirmar corretamente que, no contexto de *Espumas Flutuantes*,

- a) o poeta romântico assume o ideal do progresso, abandonando as preocupações com a História.
- b) o entusiasmo pelo progresso técnico e cultural determina a superação do encantamento pela natureza.
- c) o entusiasmo pelo progresso cultural se contrapõe ao temor do progresso técnico, que agride a natureza.
- d) o poeta romântico se abre ao progresso e à técnica, em que não vê incompatibilidade com os ciclos naturais
- e) o poeta romântico propõe que literatura e natureza somem forças contra a invasão do progresso técnico.

7

ROMANCE ROMÂNTICO E REALISMO EM PORTUGAL

- Prosa romântica
- O romance no Brasil
- José de Alencar
- Joaquim Manuel de Macedo
- Bernardo Guimarães
- Visconde de Taunay
- Manuel Antônio de Almeida
- Realismo
- Contexto histórico
- A estética realista
- O Realismo em Portugal
- Antero de Quental
- Eça de Queirós

HABILIDADES

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

Prosa romântica

O gênero romance, no sentido concebido atualmente, aparece concomitantemente ao Romantismo. A literatura de meados do século XVIII e parte do século XIX é feita pelo, para e com o povo, especialmente a nova classe ascendente, a burguesia, de modo que o romance passa a ocupar o papel da epopeia e tem como objetivo se constituir como espelho de um povo, a imagem fiel de uma sociedade, o que levou vários estudiosos como Hegel a entender o gênero romance como a “epopeia da era burguesa”.

A sociedade burguesa europeia do séc. XVIII vê ascender, também, uma nova forma, contemporânea à Revolução Industrial, de expressão de seus valores: o romance – objeto literário impresso, feito para leitura privativa – parece condizer com a realidade do momento; suas histórias focam indivíduos (e não mais o “espírito coletivo”, como na epopeia) que ascendem socialmente. A nova forma traz uma linguagem muito mais próxima daquela praticada nas cidades, cada vez maiores nos países, sobretudo europeus. O crescimento do público leitor, com a ascensão da burguesia, a consolidação dos valores burgueses através das revoluções e o retrato dos “heróis” da burguesia – indivíduos em ascensão – fazem do romance a grande expressão literária dos séculos XVIII e XIX, inclusive se mantendo ao longo do século XX e sobrevivendo no século XXI, ainda que tenha se afastado um pouco de seu caráter de “epopeia burguesa”.

O romance no Brasil

O gosto pelo romance chega ao Brasil antes mesmo de uma produção nacional do gênero. Os romances europeus eram importados e faziam sucesso entre o público leitor brasileiro. No Brasil do século XIX, a maior parte dos romances foi publicada em em forma de folhetim, publicação periódica e sequencial em jornais e revistas. Em 1843, é publicado *O filho do pescador*, considerado o primeiro exemplar de prosa romântica nacional. Contudo, em 1844, a publicação em folhetim de *A moreninha* marca a consolidação do gênero entre os leitores brasileiros. Inspirado nas publicações francesas, as tramas seguem um enredo folhetinesco apresentando os fatos em ordem cronológica.

Além de questões da ordem da nova forma, o romance no Brasil, assim como a primeira geração modernista, engajou-se na construção da identidade de um país no pós-independência, ocorrida em 1822. Nesse sentido, ao menos três temáticas foram cultivadas nas décadas subsequentes a 1820, na produção romanesca nacional: o romance indianista-histórico (que tratava da vida primitiva), o romance regionalista (que tratava de aspectos da vida rural) e o romance urbano (voltado para a vida nas cidades – sobretudo o Rio de Janeiro).

Essa divisão temática, aliás, é fruto do trabalho do maior romancista romântico brasileiro, José de Alencar, que, consciente da necessidade de se consolidar uma cultura efetivamente brasileira, dedicou parte de sua vida à literatura, dividindo seus romances nas categorias tratadas a seguir.

JOSÉ DE ALENCAR

José Martiniano de Alencar, nascido em Mecejana, no Ceará, em 1829, foi o maior ficcionista do Romantismo brasileiro. Dedicou-se a consolidar uma literatura autenticamente brasileira que não tivesse ligação com Portugal. Formado em Direito, exerceu atividades no jornalismo e teve uma carreira política efetiva, sendo ministro da Justiça e candidato ao Senado – vaga que lhe foi negada, fazendo com que, pouco tempo depois, abandonasse a carreira política e se dedicasse à literatura. O autor morreu no Rio de Janeiro, em 1877, deixando sua marca na literatura que ele ajudou a construir e consolidar.

Sua vasta obra inclui vinte romances, oito peças de teatro, ensaios literários e políticos; escreveu também algumas poesias e peças de teatro de sucesso, como *O demônio familiar* e *Mãe*. O próprio autor dividiu sua obra da seguinte forma:

Romances históricos: *As minas de prata* (1865); *A guerra dos mascates* (1873); *Alfarrábios* (1873).

Romances indianistas: *O guarani* (1857); *Iracema* (1865); *Ubirajara* (1874).

Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema.

Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.

Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas.

Um dia, ao pino do Sol, ela repousava em um claro da floresta. Banhava-lhe o corpo a sombra da oitica, mais fresca do que o orvalho da noite. Os ramos da acácia silvestre esparziam flores sobre os úmidos cabelos. Escondidos na folhagem os pássaros ameigavam o canto.

Iracema saiu do banho: o aljôfar d'água ainda a roreja, como à doce mangaba que corou em manhã de chuva. Enquanto repousa, empluma das penas do gará as flechas de seu arco, e concerta com o sabiá da mata, pousado no galho próximo, o canto agreste.

A graciosa ará, sua companheira e amiga, brinca junto dela. Às vezes sobe aos ramos da árvore e de lá chama a virgem pelo nome; outras remexe o uru de palha matizada, onde traz a selvagem seus perfumes, o alvos fios do crautá, as agulhas da juçara com que tece a renda, e as tintas de que matiza o algodão.

ALENCAR, José de. *Iracema*: a lenda do Ceará. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2016.

Romances regionalistas: *O gaúcho* (1870); *O tronco do ipê* (1871); *Til* (1872); *O sertanejo* (1875).

Romances urbanos: *Cinco minutos* (1857); *A viuvinha* (1860); *Lucíola* (1862); *Diva* (1864); *A pata da gazela* (1870); *Sonhos d'ouro* (1872); *Senhora* (1875); *Encarnação* (1893, póstumo).

O preço

I

Há anos raiou no céu fluminense uma nova estrela.

Desde o momento de sua ascensão ninguém lhe disputou o cetro; foi proclamada a rainha dos salões.

Tornou-se deusa dos bailes; a musa dos poetas e o ídolo dos noivos em disponibilidade.

Era rica e famosa.

Duas opulências, que se realçavam como a flor em vaso de alabastro; dois esplendores que se refletem, como o raio de sol no prisma do diamante.

Quem não se recorda de Aurélia Camargo, que atravessou o firmamento da corte como brilhante meteoro, e apagou-se de repente no meio do deslumbramento que produzira seu fulgor?

Tinha ela dezoito anos quando apareceu a primeira vez na sociedade. Não a conheciam; e logo buscaram todos com avidéz informações acerca da grande novidade do dia.

ALENCAR, José de. *Senhora*. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2013.

Os trechos extraídos dos romances *Iracema* e *Senhora* mostram duas faces da prosa de Alencar: este, um romance urbano, conta a história de uma mulher que, por vingança, decide comprar o homem que amava através de uma transação monetária. Já o primeiro, *Iracema*, conta a história da “virgem dos lábios de mel”, uma guerreira que se apaixona por um colonizador português e com quem terá um filho que, fruto da miscigenação, será considerado o primeiro brasileiro.

Apesar de serem romances com temáticas e ambientações muito distintas, as obras se aproximam na medida em que seus enredos giram em torno do sentimento amoroso, que guia suas personagens através de aventuras e desventuras. Outro aspecto que aproxima as duas obras é a descrição idealizada da personagem feminina, protagonista em ambos os livros. *Iracema* é a mais bela, destacando-se da natureza, da qual faz parte como o elemento mais singular; já Aurélia Camargo é a estrela e musa inspiradora, cuja beleza ofusca e seduz todos à sua volta. As heroínas e protagonistas da história se relacionam com as personagens e temáticas românticas na medida em que representam indivíduos que seguem seus sentimentos em detrimento do coletivo (como a índia que abandona a própria tribo) ou em detrimento de convenções sociais (como a dama que compra o marido).

JOAQUIM MANUEL DE MACEDO

Nascido em Itaboraí, em 1820, e morto no Rio de Janeiro, em 1882, Macedo formou-se em Medicina mas,

desde cedo, voltou-se para atividades intelectuais e políticas. Escreveu romances, peças teatrais, poesias, biografias, crônicas e relatos de viagens. Destaca-se em sua obra o romance *A moreninha*.

O sarau

Um sarau é o bocado mais delicioso que temos, de te-lhados abaixo. Em um sarau todo o mundo tem que fazer. O diplomata ajusta, com um copo de cham-panha na mão, os mais intrincados negócios; todos murmuram e não há quem deixe de ser murmurado. O velho lembra-se dos minuetes e das cantigas do seu tempo, e o moço goza todos os regalos da sua época; as moças são no sarau como as estrelas no céu; estão no seu elemento: aqui uma, cantando sua-ve cavatina, eleva-se vaidosa nas asas dos aplausos, por entre os quais surde, às vezes, um bravíssimo inopinado, que solta de lá da sala do jogo o parceiro que acaba de ganhar sua partida no écarté, mesmo na ocasião em que a moça se espicha completamente, desafinando um sustenido; daí a pouco vão ou-tras, pelos braços de seus pares, se deslizando pela sala e marchando em seu passeio, mais a compasso que qualquer de nossos batalhões da Guarda Nacio-nal, ao mesmo tempo que conversam sempre sobre objetos inocentes que movem olhaduras e risadi-nhas apreciáveis. Outras criticam de uma gorducha vovó, que ensaca nos bolsos meia bandeja de doces que veio para o chá, e que ela leva aos pequenos que, diz, lhe ficaram em casa. Ali vê-se um ataviado dândi que dirige mil finezas a uma senhora idosa, tendo os olhos pregados na sinhá, que senta-se ao lado. Finalmente, no sarau não é essencial ter cabeça nem boca, porque, para alguns é regra, durante ele, pensar pelos pés e falar pelos olhos.

E o mais é que nós estamos num sarau. Inúmeros batéis conduziram da Corte para a ilha de... senhoras e senhores, recomendáveis por caráter e qualida-des; alegre, numerosa e escolhida sociedade enche a grande casa, que brilha e mostra em toda a parte borbulhar o prazer e o bom gosto.

Entre todas essas elegantes e agradáveis moças, que com aturado empenho se esforçam por ver qual delas vence em graça, encantos e donaires, certo que sobrepuja a travessa Moreninha, princesa daquela festa.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. São Paulo: FTD, 1991.

O enredo folhetinesco de *A moreninha*, bem ao gosto da época, conta a história de um grupo de ami-gos estudantes de Medicina que vão para a ilha da família de um dos colegas e fazem uma aposta de que Augusto, um dos amigos, não seria capaz de se apaixonar. Na ilha, a personagem se encanta por Carolina, a moreninha. Numa trama repleta de desencontros, impedimentos e revelações, as personagens circulam num ambiente frequentado pela burguesia carioca e cujo destaque são os saraus, como aquele descrito no trecho acima, associando o romance ao tipo urbano.

Evidencia-se, ainda, no trecho, a caracterização breve mas idealizada da protagonista do romance, Carolina, a “princesa” da festa.

BERNARDO GUIMARÃES

Bernardo Joaquim da Silva Guimarães (Ouro Preto, 1825-1884) foi considerado um contador de histórias. Registrou em sua obra casos populares da região sul de Goiás e do oeste de Minas Gerais e compôs narrativas que seguiam o estilo dos folhetins. Suas duas obras de maior sucesso, *O seminarista* e *A escrava Isaura*, tematizam questões em voga na época: o celibato e a escravidão. É destaque, no entanto, a ausência de ênfase crítica, sobretudo na história de Isaura, escri-va que possui características próprias das heroínas românticas, tanto física quanto psicologicamente; a personagem comove o público, envolvido pela trama folhetinesca, e deixa de lado a denúncia da escravidão.

Capítulo 1

Era nos primeiros anos do reinado do Sr. D. Pedro II. No fértil e opulento município de Campos de Goita-cases, à margem do Paraíba, a pouca distância da vila de Campos, havia uma linda e magnífica fazenda.

Era um edifício de harmoniosas proporções, vas-to e luxuoso, situado em aprazível vargedo ao sopé de elevadas colinas cobertas de mata em par-te devastada pelo machado do lavrador. Longe em derredor a natureza ostentava-se ainda em toda a sua primitiva e selvática rudeza; mas por perto, em torno da deliciosa vivenda, a mão do homem tinha convertido a bronca selva, que cobria o solo, em jar-dins e pomares deleitosos, em gramais e pingues pastagens, sombreadas aqui e acolá por gameleiras gigantescas, perobas, cedros e copaíbas, que ates-tavam o vigor da antiga floresta. Quase não se via aí muro, cerca, nem valado; jardim, horta, pomar, pastagens, e plantios circunvizinhos eram dividi-dos por viçosas e verdejantes sebes de bambus, pi-teiras, espinheiros e gravatás, que davam ao todo o aspecto do mais aprazível e delicioso vergel.

A casa apresentava a frente às colinas. Entrava-se nela por um lindo alpendre todo enredado de flo-res trepadeiras, ao qual subia-se por uma escada de cantaria de seis a sete degraus. Os fundos eram ocupados por outros edifícios acessórios, senzalas, pátios, currais e celeiros, por trás dos quais se es-tendia o jardim, a horta, e um imenso pomar, que ia perder-se na barranca do grande rio.

GUIMARÃES, Bernardo. *A escrava Isaura*. Porto Alegre: L&PM, 1998.

O trecho inicial do romance de Guimarães descreve a região e a fazenda onde se desenrola a maior parte do enredo de *A escrava Isaura*; a minuciosa descrição corrobora com o caráter regional do romance, situando a paisagem onde a história se passa. Além disso, a sequência do trecho introduz o leitor à protagonista da

história, descrita ao gosto romântico e em consonância com a natureza idealizada, também seguindo padrões da literatura romântica.

VISCONDE DE TAUNAY

Alfredo d'Escragnoille Taunay, conhecido como Visconde de Taunay, nasceu e morreu no Rio de Janeiro, em 1843 e 1899, respectivamente. De carreira militar, agradava-o a possibilidade de viajar e conhecer a diversidade da natureza brasileira, cuja degradação já era criticada por ele no século XIX. De sua obra, destaca-se a sua capacidade de reprodução do aspecto visual das paisagens, principalmente sertanejas. Sua principal obra, *Inocência*, retrata aspectos socioculturais do sertão de Mato Grosso e é considerada uma obra-prima do regionalismo brasileiro, dado o equilíbrio dos diferentes aspectos que formam a obra: o realismo de certas descrições, os valores românticos que envolvem as personagens, a linguagem que mistura norma culta e variações regionais, entre outros aspectos.

[...]

Apesar de bastante descorada e um tanto magra, era Inocência de beleza deslumbrante.

Do seu rosto irradiava singela expressão de encantadora ingenuidade, realçada pela meiguice do olhar sereno que, a custo, parecia coar por entre os cílios sedosos a franjar-lhe as pálpebras, e compridos a ponto de projetarem sombras nas mimosas faces.

Era o nariz fino, um bocadinho arqueado; a boca pequena, e o queixo admiravelmente torneado.

Ao erguer a cabeça para tirar o braço de sob o lençol, descera um nada a camisinha de crivo que vestia, deixando nu um colo de fascinadora alvura, em que ressaltava um ou outro sinal de nascença.

Razões de sobra tinha, pois, o pretensão facultativo para sentir a mão fria e um tanto incerta, e não poder atinar com o pulso de tão gentil cliente.

– Então? perguntou o pai.

– Febre nenhuma, respondeu Cirino, cujos olhos fitavam com mal disfarçada surpresa as feições de Inocência.

– E que temos que fazer?

– Dar-lhe hoje mesmo um sudor de folhas de lanjeira da terra a ver se transpira bastante e, quando for meia-noite, acordar-me para vir administrar uma boa dose de sulfato.

Levantara a doente os olhos e os cravara em Cirino, para seguir com atenção as prescrições que lhe deviam restituir a saúde.

– Não tem fome nenhuma, observou o pai; há quase três dias que só vive de beberagens. É uma ardência contínua; isto até nem parecem maleitas.

– Tanto melhor, replicou o moço; amanhã verá que a febre lhe sai do corpo, e daqui a uma semana sua filha está de pé com certeza. Sou eu que lhe afianço.

– Fale o doutor pela boca de um anjo, disse Pereira com alegria.

– Hão de as cores voltar logo, continuou Cirino.

Ligeiramente enrubescceu Inocência e descansou a cabeça no travesseiro.

TAUNAY, Visconde de. *Inocência*. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

No trecho, a descrição da personagem Inocência segue os padrões românticos, a despeito do estado adentado da moça. A linguagem cheia de expressões coloquiais e bastante contida revela a preocupação do autor com a composição de um retrato regional bastante fiel tanto do ponto de vista da linguagem quanto dos costumes que, no trecho, se configuram na figura paterna dominadora e na subserviência – notada até mesmo na postura da personagem – feminina.

MANUEL ANTÔNIO DE ALMEIDA

Formado em Medicina e em Belas-Artes, Manuel Antônio de Almeida era de origem humilde; nasceu e morreu no Rio de Janeiro (1831-1861). Trabalhou como jornalista, funcionário público e revisor do jornal *Correio Mercantil*, além de ter sido administrador da Tipografia Nacional, onde conheceu Machado de Assis, a quem ajudou. Amante da cultura, Almeida estudou outros idiomas, trabalhou como intérprete e traduziu várias peças de teatro, sobretudo do francês para o português.

Sua obra mais famosa é o romance em dois volumes *Memórias de um sargento de milícias*, publicado originalmente em formato de folhetim no jornal, entre os anos de 1852 e 1853, assinados pelo pseudônimo “Um Brasileiro”. Apesar do pouco sucesso alcançado na época, o romance é hoje considerado uma das principais produções literárias do Romantismo. Seu tom caricatural e o caráter inovador para a época constituem um retrato da classe pobre do Rio de Janeiro da época de dom João VI. A diferença entre sua escrita e a de outros autores da época está justamente em retratar a classe pobre – os demais escritores abordaram as classes mais abastadas da sociedade fluminense. Além disso, em seu romance a personagem principal está distante do ideário romântico de heróis. O protagonista Leonardinho é apresentado com ironia e sarcasmo, aproximando-o do Realismo, o que levou a crítica moderna a classificar o romance como picaresco, que traz uma crítica de costumes com fundo moralizante.

Capítulo 2

Primeiros infortúnios

[...]

O menino assistira a toda essa cena com imperturbável sangue-frio: enquanto a Maria apanhava e o Leonardo esbravejava, aquele ocupava-se tranquilamente em rasgar as folhas dos autos que este tinha largado ao entrar, e em fazer delas uma grande coleção de cartuchos.

Quando, esmorecida a raiva, o Leonardo pôde ver alguma coisa mais do que seu ciúme, reparou então na obra meritória em que se ocupava o pequeno. Enfurece-se de novo: suspendeu o menino pelas orelhas, fê-lo dar no ar uma meia-volta, ergue o pé direito, assenta-lhe em cheio sobre os glúteos atirando-o sentado a quatro braças de distância.

És filho de uma pisadela e de um beliscão; mereces que um pontapé te acabe a casta.

O menino suportou tudo com coragem de mártir, apenas abriu ligeiramente a boca quando foi levantado pelas orelhas: mal caiu, ergueu-se, embarafustou pela porta fora, e em três pulos estava dentro da loja do padrinho, e atracando-se-lhe às pernas. O padrinho erguia nesse momento por cima da cabeça do freguês a bacia de barbear que lhe tirara dos queixos: com o choque que sofreu a bacia inclinou-se, e o freguês recebeu um batismo de água de sabão.

— Ora, mestre, esta não está má!...

— Senhor, balbuciou este... a culpa é deste endiabrado... O que é que tens, menino?

O pequeno nada disse; dirigiu apenas os olhos espantados para defronte, apontando com a mão trêmula nessa direção.

O compadre olhou também, aplicou a atenção, e ouviu então os soluços da Maria.

— Ham! resmungou; já sei o que há de ser... eu bem dizia... ora ai está!...

E desculpando-se com o freguês saiu da loja e foi acudir ao que se passava.

Por estas palavras vê-se que ele suspeitara alguma coisa; e saiba o leitor que suspeitara a verdade.

Espiar a vida alheia, inquirir dos escravos o que se passava no interior das casas, era naquele tempo coisa tão comum e enraizada nos costumes, que ainda hoje, depois de passados tantos anos, restam grandes vestígios desse belo hábito. Sentado pois no fundo da loja, afixando por disfarce os instrumentos do ofício, o compadre presenciara os passeios do sargento por perto da rótula de Leonardo, as visitas extemporâneas do colega deste, e finalmente os intentos do capitão do navio. Por isso contava ele mais dia menos dia com o que acabava de suceder.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2013.

A primeira frase do livro diz “Era no tempo do rei”. O trecho acima é destaque do segundo capítulo e traz alguns elementos fundamentais do romance: a descrição das personagens a partir de suas ocupações sociais, como é o caso do compadre, que é chamado de “Barbeiro”; Leonardo é conhecido como Leonardo-Pataca dada sua posição de meirinho em desprestígio; a mãe do menino é Maria da hortaliça, cujo nome remete à sua ocupação de quitandeira nas praças de Lisboa.

Além disso, nota-se a história pouco idealizada de uma classe social intermediária que ajudava a compor o cenário carioca do século XIX: homens livres e pobres que, tendo a liberdade como diferença primeira em relação aos escravizados, tampouco pertenciam às classes abastadas. Essa classe social também ajuda no retrato dos costumes do período joanino, que Manuel Antônio de Almeida registrou de forma significativa; no trecho acima um dos costumes retratados é o hábito de “espiar a vida alheia”; se preciso inquirindo os escravizados acerca do que se passava no interior das casas, hábito do qual o narrador afirma ainda haver vestígios em seu tempo (por volta dos anos 1850).

Realismo

A segunda metade do século XIX foi marcada por avanços em diferentes países europeus.

Nesse contexto, o idealismo romântico passou a ser deixado de lado em favor de uma arte que se propusesse a analisar, compreender, criticar e transformar a realidade. Trata-se de uma concepção de arte marcada pela prevalência da ciência enquanto forma de apreensão do real, sem lugar para a emoção. O pensamento positivista, elaborado por Auguste Comte, pregava o pensamento científico como superior ao metafísico e, portanto, compreendia o homem como um produto de leis físicas e sociais; já a corrente científica liderada por Darwin agravava a visão do homem como fruto não só dessas leis, mas como uma espécie cuja seleção natural é produtora das transformações.

A ESTÉTICA REALISTA

A publicação, em 1857, de *Madame Bovary*, romance de Gustave Flaubert, é um marco para a literatura realista. A obra, que levou em torno de cinco anos para ser escrita, traz um retrato analítico (e crítico) da burguesia – e do falso moralismo do casamento. A personagem principal, Emma Bovary, é educada nos termos do romantismo ilusório e casa-se com um médico medíocre; em seguida, casada, é seduzida por uma série de amantes e, por fim, comete suicídio. A obra de Flaubert foi recebida com bastante impacto na sociedade francesa; o autor sofreu um processo, sendo acusado de ofensa à moral e à religião. O adultério, a maneira como a personagem se dirige a Deus em determinado momento, o suicídio por dívidas e a falta de arrependimento foram usados como argumentos pela acusação. O autor foi absolvido, e sua obra – publicada em fascículos, primeiramente – tornou-se livro.

O Realismo posiciona-se de forma compromissada com o presente, propondo uma observação objetiva e exata do mundo. Os escritores do período consideraram possível a tematização do cotidiano, por isso seus personagens são muito próximos das pessoas comuns, com problemas reais e vidas medianas. A

linguagem, por sua vez, reflete essa tendência aproximativa com a realidade, de modo que ela é trabalhada para ser informativa, denotativa e com construção sintática simples.

O REALISMO EM PORTUGAL

A partir de 1850, com a consolidação do liberalismo, Portugal conheceu um período de estabilidade política e maior contato cultural com o restante da Europa. Na literatura, contudo, havia um conservadorismo liderado por Castilho, poeta árcade, já idoso nos idos de 1850 e que era tido como um mestre por parte dos autores que reunia em torno de si. Por seu prestígio, Castilho era uma espécie de guia do gosto literário da época, mas passou a ser contrariado por um grupo de escritores de Coimbra, os quais ele julgava como exibicionistas e obscurantistas. Liderados por Antero de Quental, os estudantes de Coimbra passaram a se reunir em torno de um projeto de modernização do país, abrangendo cultura e artes.

A QUESTÃO COIMBRÃ

Em Portugal, o surgimento de um grupo de intelectuais conhecidos como Geração de 70 foi significativo para um embate de ideias e concepções literárias entre realistas e românticos; esse embate gerou uma polêmica literária travada através de jornais e conhecida como Questão Coimbrã. Já no Brasil, as ideias realistas encontraram, sobretudo a partir da década de 1970, uma crise do sistema político e econômico. Tomavam força, então, os movimentos abolicionista e republicano, que culminaram na Lei Áurea e na Proclamação da República.

A Questão Coimbrã, como ficou conhecida a polêmica literária entre Castilho e o grupo liderado por Antero de Quental, foi selada pela carta-manifesto assinada por este último e publicada sob o título de "Bom senso e bom gosto". O jovem estudante criticava o cerceamento da liberdade de expressão e o caráter reacionário do velho poeta ao impor sua visão de literatura e praticar o apadrinhamento de alguns em detrimento de outros. O grupo de Quental ficou conhecido como Geração de 70 e passou a realizar conferências no Casino Lisbonense, nas quais eram propostas reformas na sociedade portuguesa para que ela pudesse se equiparar às das grandes nações desenvolvidas da Europa.

O caráter revolucionário das conferências levou o governo a proibi-las, mas o Realismo acabou se tornando o cânone do período, reunindo em torno de sua estética grande número de autores e obras, dos quais se destacam os poetas Antero de Quental e Cesário Verde, além de um dos maiores nomes da ficção em língua portuguesa: Eça de Queirós.

Antero de Quental

Antero de Quental (1843-1891) é considerado um dos grandes sonetistas da literatura portuguesa. Seus primeiros poemas mostram uma tendência mística, mas

pouco depois já apresentava forte racionalismo e radicalismo político. Aproximou-se de movimentos sociais, viveu em Paris e Nova Iorque e regressou a Lisboa, onde se envolveu com movimentos operários. Seus últimos anos de vida foram marcados por uma crise existencial e, em 1891, cometeu suicídio. Sua poesia reflete muito de sua biografia: início de tom romântico, maturidade ideológico-filosófica e posterior reflexão metafísica e pessimismo.

Tese e antítese

I

Já não sei o que vale a nova ideia,
Quando a vejo nas ruas desgrenhada,
Torva no aspecto, à luz da barricada,
Como bacante após lúbrica ceia!

Sanguinolento o olhar se lhe incendeia...

Aspira fumo e fogo embriagada...

A deusa de alma vasta e sossegada

Ei-la presa das fúrias de Medeia!

Um século irritado e truculento

Chama à epilepsia pensamento,

Verbo ao estampido de pelouro e obus...

Mas a ideia é num mundo inalterável,

Num cristalino céu, que vive estável...

Tu, pensamento, não és fogo, és luz!

GONÇALVES, Maria Madalena. *Poesias de Antero de Quental*. Lisboa: Seara Nova e Editorial Comunicação, 1981.

O título da série de poemas que recupera a dialética de Hegel – tese, antítese e síntese – já insinua o tom de reflexão crítica que esse soneto, o primeiro da série, carrega. A crítica a um mundo de ideais se percebe na valorização do pensamento "és luz" e, por extensão de sentido, ao racionalismo que os realistas valorizariam. Trata-se, portanto, de um posicionamento do autor em relação aos excessos egocêntricos e uma valorização da "ideia inalterável", entendida como aquela que se pode provar a partir do pensamento científico.

Eça de Queirós

Eça de Queirós (1845-1900), é um dos mais importantes autores de ficção da literatura portuguesa. Tendo cursado direito em Coimbra, manteve-se afastado da Questão Coimbrã, mas foi ativo nas conferências do Casino Lisbonense. Tendo seguido carreira na diplomacia, foi cônsul em Havana, morou em Newcastle-on-Tyne, na Grã-Bretanha, e morreu em Paris. Sua vasta obra inclui contos, textos jornalísticos e romances, pelos quais ficou mais conhecido. Sua primeira obra de maior importância foi publicada em 1875: *O crime do padre Amaro*; nela, tece uma crítica violenta à sociedade portuguesa, denunciando a hipocrisia burguesa e a corrupção do clero. O tom de crítica é mantido em *O primo Basílio*,

que relata um adultério e focaliza a média burguesia de Lisboa. Outro grande romance é *Os Maias*, com foco na aristocracia portuguesa e em seus modos de vida, tecendo uma feroz crítica ao espírito romântico e ao sentimento burguês presente nessa classe social. Na última década de vida, suas obras adquiriram tom menos combativo, chegando a crítica a considerar essa abordagem um abandono dos ideais realistas. São, dessa época, *A ilustre casa de Ramires* e *A cidade e as serras*.

Capítulo 1

[...]

Luísa espreguiçou-se. Que seca ter de se ir vestir! Desejaria estar numa banheira de mármore cor-de-rosa, em água tépida, perfumada, e adormecer! O numa rede de seda, com as janelas cerradas, embalar-se, ouvindo música! Sacudiu a chinelinha; esteve a olhar muito amorosamente o seu pé pequeno, branco como leite, com veias azuis, pensando numa infinidade de coisinhas: — em meias de seda que queria comprar, no farnel que faria a Jorge para a jornada, em três guardanapos que a lavadeira perdera...

Tornou a espreguiçar-se. E saltando na ponta do pé descalço, foi buscar ao aparador por detrás de uma compota um livro um pouco enxovalhado, veio estender-se na voltaire, quase deitada, e, com o gesto acariciador e amoroso dos dedos sobre a orelha, começou a ler, toda interessada.

Era a *Dama das camélias*. Lia muitos romances; tinha uma assinatura, na Baixa, ao mês. Em solteira, aos dezoito anos entusiasmara-se por Walter Scott e pela Escócia; desejara então viver num daqueles castelos escoceses, que têm sobre as ogivas os brasões do clã, mobilados com arcas góticas e troféus de armas, forrados de largas tapeçarias, onde estão bordadas lendas heroicas, que o vento do lago agita e faz vi-

ver; e amara Ervandalo, Morton e Ivanhoé, ternos e graves, tendo sobre o gorro a pena de águia, presa ao lado pelo cardo de Escócia de esmeraldas e diamantes. Mas agora era o moderno que a cativava: Paris, as suas mobílias, as suas sentimentalidades. Ria-se dos trovadores, exaltara-se por Mr. de Camors; e os homens ideais apareciam-lhe de gravata branca, nas ombreiras das salas de baile, com um magnetismo no olhar, devorados de paixão, tendo palavras sublimes.

Havia uma semana que se interessava por Margarida Gautier; o seu amor infeliz dava-lhe uma melancolia enevoada; via-a alta e magra, com o seu longo xale de caxemira, os olhos negros cheios de avidez da paixão e dos ardores da tísica; nos nomes mesmo do livro — Júlia Duprat, Armando, Prudência, achava o sabor poético de uma vida intensamente amorosa; e todo aquele destino se agitava, como numa música triste, com ceias, noites delirantes, aflições de dinheiro, e dias de melancolia no fundo de um cupê quando nas avenidas do Bois, sob um céu pardo e elegante, silenciosamente caem as primeiras neves.

QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

A descrição de Luísa revela uma análise da personagem que deixa de lado a idealização, muito comum no Romantismo, e aproxima-se do tom crítico: a personagem, entediada quando o marido vai dedicar-se às atividades exteriores (no ideal burguês, a mulher administraria a casa e a família), entrega-se a devaneios de moça romântica e sonhadora que passa seu tempo a ler romances. Essas características levarão Luísa a cometer adultério em busca de aventuras românticas com seu primo, Basílio; desse modo, o autor critica o modo de vida burguês, a falsa moral do casamento e a influência negativa das histórias românticas, ampliada pela fraqueza moral da burguesia.

ROTEIRO DE AULA

PROSA ROMÂNTICA NO BRASIL

Período histórico

O gênero romance se desenvolve, sobretudo, a partir do

século XVIII, a Europa passa pelas revoluções Industrial e Francesa, que permitem à burguesia ascender ao poder. A revolução cultural do romantismo vê nascer uma nova forma literária: o romance, entendido pela crítica literária como a "epopeia burguesa", pois reflete não só os ideais da burguesia, como também sua linguagem cotidiana e seus heróis.

Principais autores

José de Alencar, Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo de Guimarães, Visconde de Taunay e Manuel Antônio de Almeida.

José de Alencar, adota um projeto literário que

visa constituir um retrato do Brasil a partir de diferentes perspectivas.

José de Alencar propôs classificar seus romances em: indianista, que

voltava-se para o passado brasileiro e ajuda a construir a memória dos habitantes originais do território, além do processo de miscigenação em torno do qual se forma a identidade brasileira;

histórico, que

também volta-se para o passado brasileiro e ajuda a construir a memória nacional a partir dos feitos dos povos em batalhas e conquistas;

regionalista, que

retrata diferentes regiões do território, com destaque para o interior de São Paulo e de regiões como Goiás e Minas Gerais, e também a região sul;

urbano, que

constrói um retrato da sociedade urbana brasileira, concentrada, sobretudo, na cidade do Rio de Janeiro, capital do reino e, posteriormente, do Império brasileiro - trata-se de um retrato majoritário das classes abastadas da sociedade brasileira, com poucos relatos das outras classes sociais.

ROTEIRO DE AULA

REALISMO EM PORTUGAL

O Realismo em Portugal ocorre em um momento em que

a Segunda Revolução Industrial introduz novas tecnologias como o telégrafo, o telefone, além de ampliar a produção industrial, valer-se do uso do petróleo, da eletricidade, do aço e de novos métodos de escoamento da produção.

Entram em voga nesse momento ideias

científicas, econômicas, filosóficas e políticas que influenciam os modos de ver o mundo.

O cientificismo, inspirado pelo Positivismo, prega

a validação científica como requisito para análise de qualquer fenômeno, inclusive social; nesse sentido, aliás, o contexto é de pressão social, pela consolidação do poder da burguesia e pela restrição de direitos que se acreditavam universais no período revolucionário.

São características gerais da literatura realista

a objetividade crítica, a análise e a proposta de intervenção na sociedade, a linguagem direta e bastante descritiva, dado seu papel na análise da realidade social e da personalidade das personagens retratadas. Histórias que incluem características boas e ruins das personagens e de suas ações, não idealizadas, sendo retratadas em seus cotidianos e comportamentos reais.

São os principais autores e obras do Realismo português:

Antero de Quental, com *Odes modernas e sonetos*, e Eça de Queirós, cujas obras mais difundidas são *O crime do padre Amaro*, *O primo Basílio*, *Os Maias*, *A ilustre casa de Ramires* e *A cidade e as serras*.

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Unicamp-SP – No excerto abaixo, o romance *Iracema* é aproximado da narrativa bíblica:

Em *Iracema*, (...) a paisagem do Ceará fornece o cenário edênico para uma adaptação do mito da Gênese. Alencar aproveitou até o máximo as similaridades entre as tradições indígenas e a mitologia bíblica (...). Seu romance indianista (...) resumia a narrativa do casamento inter-racial, porém (...) dentro de um quadro estrutural pseudo-histórico mais sofisticado, derivado de todo um complexo de mitos bíblicos, desde a Queda Edênica ao nascimento de um novo redentor.

TREECE, David. *Exilados, aliados, rebeldes: o movimento indianista, a política indigenista e o Estado-Nação imperial*. São Paulo: Nankin/Edusp, 2008. p. 226, 258-259.

Partindo desse comentário, responda às questões:

a) Que associação se pode estabelecer entre os protagonistas do romance e o mito da Queda com a consequente expulsão do Paraíso?

O mito da Queda é fundamental na tradição judaico-cristã e diz respeito

ao momento em que Adão e Eva, ao comerem o fruto proibido, são

expulsos do paraíso e veem seus descendentes – a humanidade – con-

denados a sofrimentos diversos. A narrativa de *Iracema* recupera vários

elementos desse mito: a bebida da jurema, uma bebida alucinógena,

aproxima-se da ideia de fruto proibido; a perda da inocência do casal

bíblico aparece aqui na relação sexual entre Iracema e Martim, quan-

do aquela deixa de ser a “virgem de Tupã”; a expulsão do paraíso se

reflete na partida de Iracema para o território inimigo dos Pitiguaras;

além disso, o sofrimento a que é submetida no fim do romance, com

o parto e a solidão se assemelham aos sofrimentos legados pelo deus

cristão à humanidade.

b) Qual personagem poderia ser associada ao “novo redentor”? Por quê?

O “novo redentor”, aquele que vem ao mundo para salvá-lo do pecado

original é representado no romance por Moacir, o filho de Iracema e

Martim que, mestiço, dará origem a um novo povo, os brasileiros, que

substituiriam os índios.

2. Unicamp-SP

Manuel Antônio deseja contar de que maneira se vivia no Rio popularesco de D. João VI; as famílias mal organizadas, os vadios, as procissões, as festas e as danças, a polícia; o mecanismo dos empenhos, influências, compadrios, punições que determinavam certa forma de consciência e se manifestavam por certos tipos de comportamento [...]. O livro aparece, pois, como sequência de situações.

CÂNDIDO, Antônio. *Formação da Literatura Brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

Podemos entender a “sequência de situações” a que se refere Antônio Cândido como uma série de pequenos relatos no interior de *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.

a) Quem dá unidade, na obra, a essa sequência de relatos aparentemente soltos?

O relato da vida de Leonardo, filho de Pataca e Maria da Hortaliça, é o

que une os fatos aparentemente soltos na narração do livro de Manuel

Antônio de Almeida.

b) Cite um desses relatos e mostre como ele se articula com a linha mestra do romance.

Entre diversos relatos, pode-se destacar a carnavalização da religiosi-

dade, o caráter profano e sensual do padre, a exclusão de Leonardo

da escola, a corrupção do sistema jurídico, a promoção de Leonardo a

sargento de milícias. Todos esses fatos estão relacionados a diferentes

aspectos da vida do protagonista, como as suas travessuras durante

uma procissão religiosa, o ciúme de Leonardo Pataca em relação ao

padre, as peripécias do protagonista que o levam a ser expulso do

colégio, preso e depois liberto graças a interesses pessoais do major.

3. FEI-SP – Leia atentamente:

- I. A Segunda Revolução Industrial, o cientificismo, o progresso tecnológico, o socialismo utópico, a filosofia positivista de Auguste Comte, o evolucionismo formam o contexto sociopolítico-econômico-filosófico-científico em que se desenvolveu a estética realista.
- II. O escritor realista acerca-se dos objetos e das pessoas de um modo pessoal, apoiando-se na intuição e nos sentimentos.
- III. Os maiores representantes da estética realista em Portugal foram: Antero de Quental e Eça de Queirós.
- IV. Poderíamos citar como característica da estética realista: o individualismo, a linguagem erudita e a visão fantasiosa da sociedade.

Verificamos que, em relação ao Realismo, estão corretas:

- a) apenas I e II.
- b) apenas I e III.
- c) apenas II e IV.
- d) apenas II e III.
- e) apenas III e IV.

As diferentes teorias como o Evolucionismo e o Positivismo formam o contexto histórico-social em que se desenvolve o Realismo, cujos principais nomes, em Portugal, são Antero de Quental e Eça de Queirós.

4. Fuvest-SP

C5-H16

Era este um homem todo em proporções infinitesimais, baixinho, magrinho, de carinha estreita e chupada, e excessivamente calvo; usava de óculos, tinha pretensões de latinista, e dava bolos nos discípulos por dá cá aquela palha. Por isso era um dos mais acreditados na cidade. O barbeiro entrou acompanhado pelo afilhado, que ficou um pouco escabriado à vista do aspecto da escola, que nunca tinha imaginado.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Penguin Classics/ Companhia das Letras, 2013.

Observando-se, neste trecho, os elementos descritivos, o vocabulário e, especialmente, a lógica da exposição, verifica-se que a posição do narrador frente aos fatos narrados caracteriza-se pela atitude:

- a) crítica, em que os costumes são analisados e submetidos a julgamento.
- b) lírico-satírica, apontando para um juízo moral pressuposto.
- c) cômico-irônica, com abstenção de juízo moral definitivo.
- d) analítica, em que o narrador onisciente prioriza seu afastamento do narrado.
- e) imitativa ou de identificação, que suprime a distância entre o narrador e o narrado.

Antônio Cândido classifica as *Memórias* como um romance sem culpa. O narrador onisciente do romance faz todos os personagens alternarem entre os pólos da ordem e da desordem, não escapando nem mesmo o temível Major Vidigal. Nesse contexto, o narrador descreve ironicamente o mestre-escola, associando sua respeitabilidade a uma retórica pomposa em excesso, aproximando-se do tom humorístico, sem, contudo, realizar julgamento moral.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

5. Fuvest-SP – Ao criticar *O primo Basílio*, Machado de Assis afirmou:

A Luísa é um caráter negativo, e no meio da ação ideada pelo autor, é antes um títere que uma pessoa moral.

ASSIS, Machado. Eça de Queirós: *O primo Basílio*. In: _____. *Crítica*. v. 3. Org. por Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1986.

Títere é um boneco mecânico, acionado por meio de cordéis controlados por um manipulador. Nesse sentido, as personagens que, principalmente, manipulam Luísa, determinando-lhe o modo de agir, são:

- a) Basílio e Juliana
- b) Jorge e Justina
- c) Jorge, Conselheiro Acácio e Juliana
- d) Basílio, Leopoldina e Conselheiro Acácio
- e) Jorge e Leopoldina

Em *O primo Basílio*, Luísa se mostra fraca moral e psicologicamente, cometendo o adultério seduzida por Basílio e, depois, sofrendo a chantagem manipuladora de Juliana, a empregada da casa.

6. Sistema Dom Bosco

[...] o Realismo é a anatomia do caráter. É a crítica do homem. É a arte que nos pinta a nossos próprios olhos – para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que houver de mau na nossa sociedade.

QUEIRÓS, Eça de. A literatura nova (o realismo como nova expressão de arte). Conferência de 12 de junho de 1871. In: REIS, Carlos. *As conferências do Casino*. Lisboa: Alfa, 1990.

Considerando o texto acima, podemos afirmar que o Realismo revela:

- I. senso do contemporâneo. Encara o presente do mesmo modo o Romantismo se volta para o passado ou para o futuro.
- II. o retrato da vida pelo método da documentação, em que a seleção e a síntese operam buscando um sentido para o encadeamento dos fatos.
- III. técnica minuciosa, dando a impressão de lentidão, de marcha quieta e gradativa pelos meandros dos conflitos, dos êxitos e dos fracassos.

Assinale:

- a) se as afirmativas II e III forem corretas;
- b) se as três afirmativas forem corretas;
- c) se apenas a afirmativa III for correta;
- d) se as afirmativas I e II forem corretas;
- e) se as três afirmativas forem incorretas.

Todas as alternativas se referem ao movimento realista: o olhar para o presente, o retrato documental da vida e a descrição minuciosa com intuito analítico.

tristeza e à solidão dada a superficialidade e ao interesse com que elas se estabelecem. Trata-se de um romance urbano de Alencar.

- e) tematiza o adultério e a prostituição feminina, representados pelo interesse financeiro como forma de se ascender socialmente. Essa obra explora tanto aspectos do regionalismo nacional como os valores da vida urbana.

14. FGV-SP

Texto I

Ser valentão foi em algum tempo ofício no Rio de Janeiro; havia homens que viviam disso: davam pancada por dinheiro, e iam a qualquer parte armar de propósito uma desordem, contanto que se lhes pagasse, fosse qual fosse o resultado.

Texto II

Mas a mantilha era o traje mais conveniente aos costumes da época; sendo as ações dos outros o principal cuidado de quase todos, era muito necessário ver sem ser visto. A mantilha para as mulheres estava na razão das rótulas para as casas; eram o observatório da vida alheia.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2013.

Assinale a alternativa que diz respeito a aspectos dos fragmentos acima, das *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida.

- Predominância do sentimentalismo romântico.
- Elementos que têm valor documental para o estudo da vida da corte no tempo do Império.
- Contraste entre o comportamento do protagonista e as personagens populares.
- Referência aos trajes como expressão da piedade e do recato das mulheres.
- Presença de tipos populares articulados à descrição de costumes da cidade.

15. FMTM-MG

Daqui em diante trataremos o nosso memorando pelo seu nome de batismo: não nos ocorre se já dissemos que ele tinha o nome do pai; mas se o não dissemos, fique agora dito. E para que se possa saber quando falamos do pai e quando do filho, daremos a este o nome de Leonardo, e acrescentaremos o apelido de Pataca, já muito vulgarizado nesse tempo, quando quisermos tratar daquele. Leonardo havia pois chegado à época em que os rapazes começam a notar que o seu coração palpita mais forte e mais apressado, em certas ocasiões, quando se encontra com certa pessoa, com quem, sem saber por que, se sonha umas poucas de noites seguidas, e cujo nome se acode continuamente a fazer cócegas nos lábios. Já dissemos que D. Maria tinha agora em casa sua sobrinha; o compadre, como a própria D. Maria lhe pedira, continuou a visitá-la, e nessas visitas passavam longo tempo em conversas particulares. Leonardo acompanhava sempre o seu padrinho e fazia diabruras pela casa enquanto estava em idade disso, e, depois que lhes perdeu o gosto, sentava-se em um canto e dormia de aborrecimento. Disso resultou que detestava profundamente as visitas e que só se sujeitava a elas obrigado pelo padrinho. Depois [...] D. Maria chamou por sua sobrinha, e esta apareceu. Leonardo lançou-lhe os olhos, e a custo conteve o riso. Era a sobrinha de D. Maria já muito desenvolvida, porém que, tendo perdi-

do as graças de menina, ainda não tinha adquirido a beleza de moça; era alta, magra, pálida: andava com o queixo enterrado no peito, trazia as pálpebras sempre baixas, e olhava a furto; tinha os braços finos e compridos; o cabelo, cortado, dava-lhe apenas até o pescoço, e como andava mal penteada e trazia a cabeça sempre baixa, uma grande porção lhe caía sobre a testa e olhos, como uma viseira. Durante alguns dias umas poucas de vezes Leonardo falou na sobrinha da D. Maria; e apenas o padrinho lhe anunciou que teriam de fazer a visita do costume, sem saber por que, pulou de contente, e, ao contrário dos outros dias, foi o primeiro a vestir-se e dar-se por pronto.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2013.

Considere as seguintes afirmações sobre *Memórias de um sargento de milícias*:

- Essa obra é precursora do Realismo; compõe um retrato mais crítico e objetivo da realidade e foge das convenções românticas;
- A composição de personagens privilegia figuras comuns da sociedade em convívio no ambiente urbano;
- O romance expõe tipos populares, não idealizados, mas apresentados com traços caricaturais;
- O narrador do texto adota tom coloquial e, com humor, abre mão de modelos heroicos no tratamento da trama e das personagens.

Deve-se concluir que estão corretas as afirmações

- I e III, apenas.
- II e IV, apenas.
- I, II e III, apenas.
- II, III e IV, apenas.
- I, II, III e IV.

16. Fuvest-SP

Já a tarde caía quando recolhemos muito lentamente. E toda essa adorável paz do céu, realmente celestial, e dos campos, onde cada folhinha conservava uma quietação contemplativa, na luz docemente desmaiada, pousando sobre as coisas com um liso e leve afago, penetrava tão profundamente Jacinto, que eu o senti, no silêncio em que caíramos, suspirar de puro alívio.

Depois, muito gravemente:

– Tu dizes que na Natureza não há pensamento...

– Outra vez! Olha que maçada! Eu...

– Mas é por estar nela suprimido o pensamento que lhe está poupado o sofrimento! Nós, desgraçados, não podemos suprimir o pensamento, mas certamente o podemos disciplinar e impedir que ele se estonteie e se esfalte, como na fomalha das cidades, ideando gozos que nunca se realizam, aspirando a certezas que nunca se atingem!... E é o que aconselham estas colinas e estas árvores à nossa alma, que vela e se agita – que viva na paz de um sonho vago e nada apeteça, nada tema, contra nada se insurja, e deixe o mundo rolar, não esperando dele senão um rumor de harmonia, que a embale e lhe favoreça o dormir dentro da mão de Deus. Hem, não te parece, Zé Fernandes?

– Talvez. Mas é necessário então viver num mosteiro, com o temperamento de S. Bruno, ou ter cento e quarenta contos de renda e o despalte de certos Jacintos...

QUEIRÓS, Eça de. *A cidade e as serras*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008

depois que nasceu, mamou duas horas seguidas sem largar o peito. E este nascimento é certamente de tudo o que temos dito o que mais nos interessa, porque o menino de quem falamos é o herói desta história.

ALMEIDA, Manuel Antônio de. *Memórias de um sargento de milícias*. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2013.

Considerando o romance *Memórias de um sargento de milícias* como um todo, indique a alternativa que contém informações que NÃO são pertinentes a essa obra.

- a) É classificado como romance folhetinesco, e foi publicado em capítulos no jornal carioca *Correio Mercantil* entre 1852 e 1853.
- b) Segundo alguns críticos, pode ser considerado precursor do movimento realista, por causa da forma como caracteriza o cotidiano dos personagens, moradores dos bairros populares do Rio de Janeiro.
- c) É considerado como o romance da malandragem, narrado em terceira pessoa e inteiramente aclimatado no tempo em que D. João VI governou o Brasil.
- d) É considerado um romance picaresco, por causa das ações de seu herói principal, e plenamente identifi-

cado com o ideário romântico vigente na literatura da época.

- e) Prende-se ao Romantismo brasileiro, ainda que apresente certo descompasso com os padrões e o tom da estética romântica.

20. Sistema Dom Bosco

C5-H16

O cônego Dias era muito conhecido em Leiria. Ultimamente engordara, o ventre saliente enchia-lhe a batina; e a sua cabecinha grisalha, as olheiras papudas, o beijo espesso faziam lembrar velhas anedotas de frades lascivos e glutões.

QUEIRÓS, Eça de. *O crime do padre Amaro*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2000.

No trecho selecionado, estão presentes importantes características da literatura de Eça de Queirós. Essas características são:

- a) o idealismo, a linguagem coloquial e o tom sarcástico.
- b) o psicologismo, a linguagem prolixa e o tom retórico.
- c) o criticismo, a linguagem concisa e o tom reflexivo.
- d) o elitismo, a linguagem rebuscada e o tom aristocrático.
- e) o anticlericalismo, a linguagem mordaz e o tom descritivo.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

8

REALISMO NO BRASIL E NATURALISMO

- Realismo no Brasil
- Contexto histórico
- Machado de Assis
- Adolfo Caminha
- Naturalismo
- Aluísio Azevedo
- Raul Pompeia

HABILIDADES

- Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.
- Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.
- Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.
- Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

A segunda metade do século XIX trouxe à tona algumas contradições sobre as quais se sustentava a orientação política e econômica do Brasil. De um lado, uma elite escravocrata insistia na diferenciação racial a sustentar a produção primordialmente agrícola nacional. De outro lado, as pressões externas, sobretudo da Inglaterra, para o fim da escravidão orientavam as ações governamentais brasileiras a fim de consolidar o projeto liberalista inglês, que necessitava de mercado e produção de matéria-prima.

O Brasil foi o último país das Américas a pôr fim à escravidão.

Pouco mais de um ano após a abolição, o país vê proclamada a República, que retira do poder a monarquia (e o monarca Pedro II) e instaura um regime de caráter militar e sem participação popular. No período, as elites cafeicultoras do Sudeste brasileiro investiram em atrativos para mão de obra imigrante – sobretudo europeia e asiática, de modo a substituir os escravos que, a partir de 1850, passaram a ter um altíssimo custo e, em 1889, deixaram de existir enquanto mão de obra sem remuneração. Todas essas mudanças compõem o cenário de um país em transformação e cujos problemas seriam matéria da produção literária do período.

ADOLFO CAMINHA

Adolfo Caminha, nascido em Aracati (CE) em 1867 e morto em 1897 no Rio de Janeiro, é um dos nomes mais relevantes do Realismo/Naturalismo brasileiro. Não se eximindo de polêmicas, o autor foi defensor da abolição e apoiou o movimento republicano. Na Marinha, instituição à qual serviu por alguns anos, teve a oportunidade de discursar durante um evento, na presença de D. Pedro II; na ocasião, bradou contra o Império e a escravidão.

Caminha saiu da Marinha depois de um escândalo amoroso: a mulher com quem passou a viver deixou o marido por ele. Trabalhou no Tesouro Federal e conciliava seus compromissos com a atividade literária; publicou poemas, crônicas e contos, além dos romances *A normalista* (1893), *Bom-crioulo* (1895) e *Tentação* (1896). Fundou a *Revista Moderna*, em 1891, e a *Padaria Espiritual*, em 1892, uma organização que acreditava na educação como ferramenta de transformação do país e que publicava o jornal *O pão*.

Inda estava longe, bem longe a vitória do abolicionismo, quando Bom-Crioulo, então simplesmente Amaro, veio, ninguém sabe donde, metido em roupas d’algodãozinho, trouxa ao ombro, grande chapéu de palha na cabeça e alpercatas de couro cru. Menor (teria dezoito anos), ignorando as dificuldades por que passa todo homem de cor em um meio escravocrata e profundamente superficial como era a Corte – ingênuo e resoluto, abalou sem ao menos pensar nas consequências da fuga.

Nesse tempo o “negro fugido” aterrava as populações de um modo fantástico. Dava-se caça ao escravo como aos animais, de espora e garrucha, mato a dentro, saltando precipícios, atravessando rios a nado, galgando montanhas... Logo que o fato era denunciado – aqui-del-rei! – enchiam-se as florestas de tropel, saíam estafetas pelo sertão num clamor estranho, medindo pegadas, açulando cães, rompendo cafezais. Até fechavam-se as portas com medo... Jornais traziam na terceira página a figura de um “moleque” em fuga, trouxa ao ombro, e, por baixo, o anúncio, quase sempre em tipo cheio, minucioso, explícito, com todos os detalhes, indicando estatura, idade, lesões, vícios, e outros característicos do fugitivo. Além disso o “proprietário” gratificava generosamente a quem prendesse o escravo.

Conseguindo, porém, escapar à vigilância dos interessados, e depois de curtir uma noite, a mais escura de sua vida, numa espécie de jaula com grades de ferro, Amaro, que só temia regressar à “fazenda”, voltar ao seio da escravidão, estremeceu diante de um rio muito largo e muito calmo, onde havia barcos vogando em todos os sentidos, à vela, outros deitando fumaça, e lá em cima, beirando a água, um morro alto, em ponta, varando as nuvens, como ele nunca tinha visto.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-crioulo*. São Paulo: Ática, 1999.

O trecho extraído de *Bom-crioulo* mostra a fuga de Amaro da fazenda e sua chegada à Marinha, onde será incorporado à tripulação aprendiz. Sob as ações do personagem está o pano de fundo histórico que aproxima a obra do Realismo, sobretudo nas condições do negro na sociedade brasileira, descritas pelo narrador. É notável ainda uma proximidade da obra de Caminha com o Naturalismo, que ainda será estudado, mas que tem como característica o cientificismo de suas proposições. As descrições de perversões e aspectos atribuídos à raça estão presentes em *Bom-crioulo*, aproximando a obra do Determinismo.

MACHADO DE ASSIS

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1808) foi reconhecido como o maior escritor brasileiro de seu tempo e é um dos mais importantes autores da literatura brasileira e ocidental. Sua obra tem despertado cada vez mais interesse de leitores e pesquisadores estrangeiros, além de serem parte fundamental do currículo escolar brasileiro, ajudando a formar gerações de leitores. De origem humilde, Machado era mestiço e foi apadrinhado pelos donos da chácara onde vivia sua família. Trabalhou como tipógrafo e jornalista e fez carreira no funcionalismo público, desenvolvendo paralelamente carreira literária com contribuições para jornais e revistas. Foi o fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras e conquistou em vida o sucesso e o reconhecimento literário, além do respeito de toda a intelectualidade do país por sua obra e sua trajetória de vida. Casou-se com Carolina Xavier de Novaes, com quem – conta-se – viveu uma feliz união; a morte de Carolina em 1904 abalou profundamente o autor, que escreve, em carta a seu amigo Joaquim Nabuco:

Foi-se a melhor parte da minha vida, e aqui estou só no mundo.

ARANHA, Graça (Org.). *Machado de Assis e Joaquim Nabuco: correspondência*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras/Topbooks, 2003.

Obra

Tendo desenvolvido um estilo muito próprio, Machado de Assis é conhecido pela genialidade de sua obra. O chamado *estilo machadiano* mostra a capacidade do escritor em dialogar com a arte de seu tempo, isto é, a

seguir as tendências da arte realista, sem que isso represente amarras a Machado, que expande sua perspectiva e desenvolve um realismo com características particulares.

Em suas narrativas, encontram-se a crítica social e a análise do comportamento humano, muito características de seu tempo, bem como uma busca pela verdade, aspectos encontrados nas obras de autores como Eça de Queirós, Zola e Flaubert. Importante destacar, no entanto, que o autor muitas vezes relativiza aquilo que em outras produções é tido como verdade absoluta. Esse questionamento da verdade, dos conceitos científicos e filosóficos é uma marca de Machado.

Outra marca de seu estilo é a presença destacada do narrador, que na produção de outros escritores aparecia escondido sob o relato aparentemente isento e objetivo em busca da verdade do fato narrado. Encontra-se, em suas obras, ainda, o frequente uso de digressões, que interrompem a progressão narrativa e muitas vezes abrem espaço para comentários a respeito da construção da própria narrativa, com comentários metalinguísticos que caracterizam a obra do autor.

Também vale destacar do autor sua capacidade analítica, tanto da sociedade da época quanto da psicologia humana. Além disso, temos seu estilo elegantemente contido, seja na produção do humor, seja no relato de certos absurdos; Machado de Assis faz isso sempre com sutileza, deixando muitas vezes à interpretação de um leitor atento a efetivação desses efeitos. Por fim, é frequente em sua obra o estilo melancólico e irônico.

A produção literária de Machado, que inclui crônicas, contos e poesias, além de textos de crítica, tem seus romances divididos em duas fases – a primeira, de inspiração romântica; e a segunda, realista, inaugurada com a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881).

Memórias póstumas de Brás Cubas

O primeiro livro considerado realista de Machado de Assis ousa na forma e no tema. A história de um defunto que decide contar suas memórias depois de morto é repleta de referências intertextuais e seu narrador, o rico Brás Cubas, mostra-se desapegado de convenções sociais por estar morto, contando sua vida com distanciamento crítico e irônico. Entre os fatos narrados estão os amores de Brás, tanto da adolescência quanto da vida adulta; seu desejo de alcançar a fama e a glória; e sua aspiração à vida literária e à política.

Óbito do Autor

Alguns tempos hesitei se devia abrir estas memórias pelo princípio ou pelo fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram a adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente um autor defunto, mas um defunto autor, para quem a campa foi outro berço; a segunda é que o escrito ficaria assim mais galante e mais novo. Moisés, que também contou a sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo; diferença radical entre este livro e o Pentateuco.

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos. Onze amigos! Verdade é que não houve cartas nem anúncios. Acresce que chovia – peneirava – uma chuvinha miúda, triste e constante, tão constante e tão triste, que levou um daqueles fiéis da última hora a intercalar esta engenhosa ideia no discurso que proferiu à beira de minha cova: –

“Vós, que o conhecestes, meus senhores, vós podeis dizer comigo que a natureza parece estar chorando a perda irreparável de um dos mais belos caracteres que tem honrado a humanidade. Este ar sombrio, estas gotas do céu, aquelas nuvens escuras que cobrem o azul como um crepe funéreo, tudo isso é a dor crua e má que lhe rói à natureza as mais íntimas entranhas; tudo isso é um sublime louvor ao nosso ilustre finado”.

Bom e fiel amigo! Não, não me arrependo das vinte apólices que lhe deixei [...].

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

O capítulo inicial do livro apresenta seu narrador como um “defunto autor”, que resolve escrever depois de morto as suas memórias. Para fazê-lo, questiona-se se devia contar primeiro a morte ou o nascimento e decide pela última para não ceder ao “uso vulgar” e, também, para diferenciar sua obra do Pentateuco – os cinco livros que abrem a Bíblia. Destaca-se, disso, que essa é a diferença radical entre as *Memórias* e o texto bíblico, como se o restante fosse semelhante; anuncia-se aí a primeira de muitas ironias com as quais Brás Cubas recheia suas memórias. Outra delas surge logo no final do trecho citado, em que é narrada a providencial chuva a colaborar com o discurso de um amigo, durante enterro, sendo o texto encerrado com o tom irônico de quem sabe que o amigo foi agraciado por parte da herança e, provavelmente por isso, emendou um discurso tão elogioso à figura medíocre que só possível enxergar em Brás Cubas ao longo da narrativa.

Quincas Borba

Publicada em 1891, *Quincas Borba* é uma obra narrada em terceira pessoa e conta a história do professor Rubião, que recebe a herança do filósofo Quincas Borba e a incumbência de tomar conta de seu cão – cujo nome é o mesmo do filósofo – e, além de divulgar a filosofia conhecida como Humanitismo. O mineiro Rubião muda-se de Barbacena para o Rio de Janeiro, onde se apaixona por uma mulher casada que, junto ao marido, passa a enganá-lo para usufruir de seu dinheiro. No fim da vida, falido e louco, retorna a Barbacena e, com o cão, vive nas ruas sendo objeto de chacota. No final do romance é acolhido por alguém que o reconhece e morre acreditando ser Napoleão 3^o; embora o narrador se convalesça de Rubião, não poupa a verdade, ainda que pudesse ser dolorosa,

como ocorre no trecho abaixo, em que a “coroação” do velho professor é descrita sem pompa:

[...] poucos dias depois morreu... Não morreu súbito nem vencido. Antes de principiar a agonia que foi curta, pôs a coroa na cabeça, uma coroa que não era, ao menos, um chapéu velho ou uma bacia, onde os espectadores palpassem a ilusão. Não, senhor; ele pegou em nada, levantou nada e cingiu nada; só ele via a insígnia imperial, pesada de ouro, rútilas brilhantes e outras pedras preciosas.

ASSIS, Machado de. *Quincas Borba*. São Paulo: Penguin Classics/Companhia das Letras, 2012.

Dom Casmurro

A história do advogado e ex-seminarista Bento Santiago, o Bentinho, foi publicada em 1900. Narrada em primeira pessoa, a obra é um *flashback* da velhice à adolescência para contar sobre o romance entre Bentinho e sua vizinha, impedido por fatos explícitos – como uma promessa da mãe que obrigaria o menino a ser padre – e fatos implícitos – como a diferença social existente entre o narrador e Capitu, a vizinha.

Livre da promessa da mãe, Bento se casa com Capitu e tem um filho com ela. O casal é feliz e amigo de outro casal: Escobar, antigo colega de seminário, e sua esposa Sancha. Escobar morre e, durante o enterro, Bento começa a julgar estranho o comportamento de Capitu diante do morto, concluindo, assim, que se tratava de um olhar e um comportamento apaixonados. Esse episódio desperta sérias crises de ciúme no narrador, alimentadas, de acordo com o próprio, por uma semelhança física latente entre Ezequiel, o filho do casal, e Escobar, o amigo morto. O casal se separa em decorrência disso; Capitu e o filho vão para Europa, e lá ela morre. O filho ainda volta ao Brasil uma última vez e visita o pai, que constata a semelhança deste com Escobar. Ezequiel morre no exterior e Bento, sozinho e velho, ganha o apelido de “Casmurro” e põe-se a escrever o livro de sua vida.

Não houve lepra

Não houve lepra, mas há febres por todas essas terras humanas, sejam velhas ou novas. Onze meses depois, Ezequiel morreu de uma febre tifoide, e foi enterrado nas imediações de Jerusalém, onde os dois amigos da universidade lhe levantaram um túmulo com esta inscrição, tirada do profeta Ezequiel, em grego: Tu eras perfeito nos teus caminhos. Mandaram-me ambos os textos, grego e latino, o desenho da sepultura, a conta das despesas e o resto do dinheiro que ele levava; pagaria o triplo para não tornar a vê-lo.

Como quisesses verificar o texto, consultei a minha Vulgata, achei que era exato, mas tinha ainda um complemento: “Tu eras perfeito nos teus caminhos, desde o dia da tua criação”. Parei e perguntei calado: “Quando seria o dia da criação de Ezequiel?”. Ninguém me respondeu. Eis aí mais um mistério para juntar aos tantos deste mundo. Apesar de tudo, jantei bem e fui ao teatro.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2016. (Série Prazer de ler ; n. 7)

Neste trecho que narra a morte de Ezequiel, o pai recebe a notícia e, não muito interessado, consulta a citação do profeta Ezequiel usada pelos amigos no túmulo do rapaz. A citação gera uma dúvida em Bento que, sem respostas, demonstra seu completo descaso em relação ao filho – para ele a prova máxima da traição. Segundo o narrador, “pagaria o triplo para não tornar a vê-lo”; assim ele janta “bem” e vai ao teatro, sem se importar com a notícia da morte de Ezequiel. Esse trecho mostra bem o caráter ambivalente de Bento, personagem em que convivem, ao mesmo tempo, o menino inocente e apaixonado que obedece aos desígnios da mãe e o velho casmurro que pouco se importa com a família que construiu e por quem, tem convicção, foi traído.

NATURALISMO

O Naturalismo é comumente associado ao Realismo, por serem de fato contemporâneos, mas, também, porque o primeiro pode ser considerado um aprofundamento científico do último. A arte naturalista é uma espécie de radicalização da arte realista; o grande nome do período é Émile Zola, autor francês que agrava o realismo de Flaubert e defende uma fiel representação da realidade social, incluindo nisso temas até então evitados na literatura, como os fenômenos patológicos e a vida sexual. Em 1867, Zola publica a obra *Thérèse Raquin*, considerada um marco do Naturalismo. Além disso, Zola teoriza o chamado “romance experimental”, defendendo a ideia do romance como forma de documentar a realidade e, muitas vezes, defender teses acerca dos tipos retratados.

Um aspecto importante do Naturalismo é seu aprofundamento científico. Teorias como o Positivismo e o Evolucionismo marcam a estética realista, mas, no Naturalismo, ganham lugar de destaque. A partir disso, vai-se entender o homem como um produto do meio em que vive, isto é, de leis físicas e sociais. Os naturalistas, portanto, são entendidos muitas vezes como aqueles que se aprofundam mais na análise do ser humano, considerando aí seu lado patológico e seu destino imutável enquanto espécie. Nesse contexto, entram aspectos dos desequilíbrios humanos, como a obediência a instintos animais, o condicionamento ao meio em que vive, a subjugação a fatores hereditários, tudo isso formando um determinismo sobre o comportamento das personagens. Pode-se afirmar, pois, que o Naturalismo trata o homem como um caso clinicamente estudado e que apresenta distúrbios de comportamento; daí a preferência dos autores desse estilo por situações agravadas, como o adultério, a criminalidade, os problemas ligados ao sexo e os ambientes desequilibrados.

ALUÍSIO AZEVEDO

Nascido em São Luís, em 1857, e morto em Buenos Aires, em 1913, Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo é um dos principais nomes do Naturalismo no Brasil.

Sua obra *O mulato*, de 1881, é considerada o marco inicial do Naturalismo no país. A obra causou polêmica à época por apresentar sérias críticas a questões de preconceito racial na sociedade brasileira do período. Ele publicou, ainda, duas obras de cunho naturalista e que o consagraram como escritor de relevo no painel do Realismo-Naturalismo brasileiro: *Casa de pensão*, de 1884, e *O cortiço*, de 1890. Além disso, a sua obra inclui folhetins românticos publicados em jornais da época, além de contos e textos de teatro.

Considerada sua melhor obra naturalista, *O cortiço* é uma análise comportamental do proletariado urbano em formação vivendo em um ambiente coletivo, isto é, o cortiço. As personagens do romance não são individualizadas, mas, antes, tomadas como parte de um coletivo sob análise e sobre o qual o meio possui grande influência. O local, aliás, é o grande elemento da obra; o cortiço passa a ser uma espécie de microcosmo do Rio de Janeiro de fins do século XIX, com o surgimento de uma nova classe social.

A história narra a trajetória de João Romão, imigrante português que é dono de um terreno e de uma pedreira. Junta-se a Bertoleza, uma ex-escrava que o ajuda num armazém sediado no local. Aos poucos, Romão constrói as casas de baixo custo que vão formar o cortiço e incomodar grandemente o vizinho Miranda, com quem João Romão manterá uma rivalidade.

Eram cinco horas da manhã e o cortiço acordava, abrindo, não os olhos, mas a sua infinidade de portas e janelas alinhadas.

Um acordar alegre e farto de quem dormiu de uma assentada sete horas de chumbo. Como que se sentiam ainda na indolência de neblina as derradeiras notas da última guitarra da noite antecedente, dissolvendo-se à luz loura e tenra da aurora, que nem um suspiro de saudade perdido em terra alheia. [...]

Daí a pouco, em volta das bicas era um zunzum crescente; uma aglomeração tumultuosa de machos e fêmeas. Uns, após outros, lavavam a cara, incomodamente, debaixo do fio de água que escorria da altura de uns cinco palmos. O chão inundava-se. As mulheres precisavam já prender as saias entre as coxas para não as molhar; via-se-lhes a tostada nudez dos braços e do pescoço, que elas despiam, suspendendo o cabelo todo para o alto do casco; os homens, esses não se preocupavam em não molhar o pêlo, ao contrário metiam a cabeça bem debaixo da água e esfregavam com força as ventas e as barbas, fossando e fungando contra as palmas da mão. As portas das latrinas não descansavam, era um abrir e fechar de cada instante, um entrar e sair sem tréguas. Não se demoravam lá dentro e vinham ainda amarrando as calças ou as saias; as crianças não se davam ao trabalho de lá ir, despachavam-se ali mesmo, no capinzal dos fundos, por detrás da estalagem ou no recanto das hortas.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1973.

Como características frequentes do Naturalismo e da obra da qual se extraiu o trecho acima, destaca-se o *coletivo* – note que no trecho fala-se sempre no conjunto de pessoas moradoras do cortiço e seus hábitos ao acordar – e a *zoomorfização* das personagens e de seus comportamentos – como se nota na onomatopeia “zunzum crescente”; na referência ao “pelo”, em lugar de cabelo, bem como no excerto “esfregavam com força as ventas e as barbas”. A análise minuciosa do comportamento coletivo presente na descrição da manhã no cortiço demonstra o caráter científico-analítico da obra que, ao longo de seu desenvolvimento, apresenta a defesa de pontos de vista científicos, sobretudo acerca do determinismo do meio.

RAUL POMPEIA

Nascido em Angra dos Reis, em 1863, Raul D'Ávila Pompeia teve a vida marcada por algumas polêmicas. Suicidou-se no Rio de Janeiro em 1895. O autor publicou alguns romances, contos e poesias, mas o ponto auto de sua obra é o romance *O Ateneu*, uma “crônica de saudades”; conforme o próprio autor denominara. Trata-se de uma recriação literária de sua experiência como aluno interno no liceu dirigido por Abílio César Borges.

A obra tem o foco narrativo centrado em Sérgio, um adolescente em formação que se vê frequentemente em conflito com as imposições da direção do internato onde estuda. O ambiente de educação convencional é marcado por questões como homossexualidade, hostilidades, revoltas, corrupção, entre outras. O registro dos acontecimentos oscila entre o caricatural e o lírico. O diretor do internato, Aristarco Argolo de Ramos, administra com mão de ferro a escola em que abundam a hipocrisia e a falsidade. A narrativa, uma justaposição de quadros narrativos, se encerra com um incêndio provocado por um dos estudantes.

Note-se, no trecho, a descrição das características dos colegas de classe a partir de um olhar não idealizado. As características físicas e psicológicas parecem levantadas de modo a exemplificar o ambiente em que afloram tais tipos; nesse sentido, o romance de Pompeia aproxima-se do Naturalismo, sobretudo porque o colégio Ateneu é o espaço coletivo e força motriz dos acontecimentos narrados. Misto de Realismo e Naturalismo, *O Ateneu* é uma obra singular no panorama da literatura brasileira de fins do século XIX, uma vez que reúne características dos dois movimentos em voga em sua época, além de outros elementos como as descrições expressionistas de certas personagens. Ao mesmo tempo, tem um tom impressionista na narração de experiências vividas pelo protagonista, compondo um ritmo impreciso e subjetivo ao romance.

“Vais encontrar o mundo, disse-me meu pai, à porta do Ateneu. Coragem para a luta.”

Os companheiros de classe eram cerca de vinte; uma variedade de tipos que me divertia. O Gualtério, miúdo, redondo de costas, cabelos revoltos, motilidade brusca e caretas de símio – palhaço dos outros, como dizia o professor; o Nascimento, o bicanca, alongado por um modelo geral de pelicano, nariz esbelto, curvo e largo como uma foice; o Álvares, moreno, cenho carregado, cabeleira espessa e intonsa de vate de taverna, violento e estúpido, que Mânlio atormentava, designando-o para o mister das plataformas de bonde, com a chapa numerada dos recebedores, mais leve de carregar que a responsabilidade dos estudos; o Almeidinha, claro, translúcido, rosto de menina, faces de um rosa doentio, que se levantava para ir à pedra com um vagar lânguido de convalescente; o Maurílio, nervoso, insofrido, fortíssimo em tabuada: cinco vezes três, vezes dois, nove fora, vezes sete?... Lá estava Maurílio, trêmulo, sacudindo no ar o dedinho esperto... olhos fúlgidos, rosto moreno, marcado por uma pinta na testa; o Negrão, de ventas acesas, lábios inquietos, fisionomia agreste de cabra, canhoto e anguloso, incapaz de ficar sentado três minutos, sempre à mesa do professor e sempre enxotado, debulhando um risinho de pouca-vergonha, fazendo agrados ao mestre, chamando-lhe bonzinho, aventurando a todo ensejo uma tentativa de abraço que Mânlio repelia, precavido de confianças; Batista Carlos, raça de bugre, válido, de má cara, coçando-se muito, como se o incomodasse a roupa no corpo, alheio às coisas da aula, como se não tivesse nada com aquilo, espreitando apenas o professor para aproveitar as distrações e ferir a orelha aos vizinhos com uma seta de papel dobrado. Às vezes a seta do bugre ricochetava até à mesa de Mânlio. Sensação; suspendiam-se os trabalhos; rigoroso inquerito. Em vão, que os artistas temiam-no e ele era matreiro e sonso para disfarçar.

Dignos de nota havia ainda o Cruz, tímido, enfiado, sempre de orelha em pé, olhar covarde de quem foi criado a pancadas, aferrado aos livros, forte em doutrina cristã, fácil como um despertador para desfechar as lições de cor, perro como uma cravelha para ceder uma ideia por conta própria; o Sanches, finalmente, grande, um pouco mais moço que o venerando Rebelo, primeiro da classe, muito inteligente, vencido apenas por Maurílio, na especialidade dos nove fora vezes tanto, cuidadoso dos exercícios, êmulo do Cruz na doutrina, sem competidor na análise, no desenho linear, na cosmografia.

O resto, uma cambadinha indistinta, adormentados nos últimos bancos, confundidos na sombra preguiçosa do fundo da sala.

ROTEIRO DE AULA

REALISMO NO BRASIL

O Realismo no Brasil ocorreu na

segunda metade do século XIX,

representando criticamente

a dinâmica da sociedade sobretudo urbana do Brasil nesse período.

As principais características do movimento são

a objetividade crítica; análise e proposta de intervenção na sociedade; linguagem objetiva, sendo direta e bastante descritiva, dado seu papel na análise da realidade social e da personalidade das personagens retratadas; histórias que incluem características boas e ruins das personagens e de suas ações, que passam a ser retratada por seus cotidianos e comportamentos reais.

São os principais autores e suas obras

Adolfo Caminha – Circula entre o Realismo e o Naturalismo. Suas principais obras são *A normalista* (1893), *Bom-crioulo* (1895) e *Tentação* (1896); Machado de Assis – Considerado um dos maiores (senão o maior) escritor brasileiro de todos os tempos, sua obra inclui vasta produção de contos, considerados obras-primas em língua portuguesa, crônicas, críticas e seus principais romances: *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), *Quincas Borba* (1891) e *Dom Casmurro* (1900).

ROTEIRO DE AULA

NATURALISMO

O contexto de desenvolvimento do Naturalismo é o mesmo do

Realismo:

a segunda metade do século XIX, com a consolidação do capitalismo como sistema econômico e as lutas

operárias como consequência.

Ocorre, paralelamente, intenso desenvolvimento

científico;

com o aprofundamento de

teorias que influenciarão os autores naturalistas.

São características gerais do Naturalismo

o aprofundamento de características do Realismo, como a objetividade crítica da linguagem e as descrições e análises, que são aproveitadas pelos naturalistas para a discussão de questões científicas como o determinismo do meio, a evolução das espécies e as patologias humanas.

É comum aos textos do movimento a associação com tratados científicos, sendo denominados, por isso, romances

experimentais ou romances de tese.

Nas obras ocorre a zoomorfização, uma vez que as personagens

são aproximadas de seus instintos selvagens, sendo frequente a, a descrição de comportamentos entendidos como pouco civilizados, além do apelo erotizado de suas ações.

Os principais autores e obras são

Aluísio Azevedo: *O mulato* (1881), *Casa de pensão* (1884), *O cortiço* (1890). Raul Pompeia: *O Ateneu* (1888).

EXERCÍCIOS DE APLICAÇÃO

1. Sistema dom Bosco – Leia as seguintes afirmativas a respeito de Machado de Assis:

- I. Sua produção ficcional costuma fixar quadros regionais, repletos de descrições sobre a natureza e de personagens típicos.
- II. Alguns de seus romances apresentam protagonistas narrando, em primeira pessoa, lembranças do passado.
- III. Nos contos, os universos narrados apresentam seres estranhos em um ambiente sobrenatural, caracterizando o realismo mágico dessas narrativas.

Está(ão) correta(s)

- a) apenas I.
- b) apenas II.**
- c) apenas III.
- d) apenas II e III.
- e) I, II e III.

A proposição I não se refere a Machado de Assis, mas a algum autor romântico. Já a proposição III não é verdadeira porque, nos contos, Machado eleva a um grau máximo sua postura realista.

Texto para as questões de 2 e 3

A valsa é uma deliciosa cousa. Valsamos; não nego que, ao aconchegar ao meu corpo aquele corpo flexível e magnífico, tive uma singular sensação, uma sensação de homem roubado. [...]

Cerca de três semanas depois recebi um convite dele [Lobo Neves, marido de Virgília] para uma reunião íntima. Fui; Virgília recebeu-me com esta graciosa palavra: - O senhor hoje há de valsar comigo. Em verdade, eu tinha fama e era valsista emérito; não admira que ela me preferisse. Valsamos uma vez, e mais outra vez. Um livro perdeu Francesca; cá foi a valsa que nos perdeu. Creio que nessa noite apertei-lhe a mão com muita força, e ela deixou-a ficar, como esquecida, e eu a abraçá-la, e todos com os olhos em nós, e nos outros que também se abraçavam e giravam ... Um delírio.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Cotia: Ateliê Editorial, 2001.

O amor luxurioso entre Francesca da Rimini e Paolo Malatesta obriga Dante Alighieri a colocá-los no Inferno, em sua *Divina Comédia*. O livro que os perdeu é a narrativa do amor adúltero de Lancelote do Lago e Ginebra, mulher do Rei Artur – uma novela de cavalaria pertencente ao ciclo bretão.

2. Sistema Dom Bosco – Assinale a alternativa correta sobre o fragmento de *Memórias póstumas de Brás Cubas* citado:

- a) Pelo trecho destacado em "eu tinha fama e era valsista emérito", subentende-se que o narrador acredita que nem sempre a reputação de uma pessoa é merecida.**
- b) O narrador cita uma singular sensação, mas contraria o que diz ao caracterizar de maneira banal essa sensação "incomum": "uma sensação de homem roubado".
- c) O emprego da dupla negação "não nego" revela que o narrador não quer admitir que a valsa lhe dava prazer.
- d) A frase "não admira que ela me preferisse" expressa a causa do fato anteriormente mencionado.
- e) A frase "como esquecida" equivale a "porque estava esquecida". **Ao confirmar ser justa sua fama, o narrador deixa subentendido que nem toda fama é justificada.**

3. Sistema Dom Bosco – Um livro perdeu Francesca; cá foi a valsa que nos perdeu.

Considerando o contexto, assinale a alternativa correta a respeito da frase acima.

- a) Ao citar Francesca, o narrador insinua que, na sua relação com Virgília, o delírio se resumiria a uma noite de valsas.
- b) O leitor que não souber quem foi Francesca não saberá o que ocasionou a perdição dessa personagem, nem perceberá o paralelismo gramatical estabelecido, no período, entre um livro e a valsa.
- c) Equivale a: Se um livro poderia perder Francesca, aqui a valsa poderia chegar a nos perder.
- d) A partir de referência a situação similar, o narrador prenuncia a relação de adultério que viverá.**
- e) A aproximação de livro e valsa é sugerida com o objetivo de mostrar que "perdeu" tem sentido distinto em cada uma das frases.

O narrador, ao comparar Virgília a Francesca, anuncia seu futuro: um livro perdeu Francesca, tornando-a amante de Paolo. A valsa perdeu Virgília, tornando-a amante de Brás Cubas.

4. Unifesp – O caráter naturalista nessa obra de Aluísio Azevedo oferece, de maneira figurada, um retrato de nosso país, no final do século XIX. Põe em evidência a competição dos mais fortes, entre si, e estes, esmagando as camadas de baixo, compostas de brancos pobres, mestiços e escravos africanos. No ambiente de degradação de um cortiço, o autor expõe um quadro tenso de misérias materiais e humanas. No fragmento, há várias outras características do Naturalismo. Aponte a alternativa em que as duas características apresentadas são corretas.

- a) Exploração do comportamento anormal e dos instintos baixos; enfoque da vida e dos fatos sociais contemporâneos ao escritor.**
- b) Visão subjetivista dada pelo foco narrativo; tensão conflitiva entre o ser humano e o meio ambiente.
- c) Preferência pelos temas do passado, propiciando uma visão objetiva dos fatos; crítica aos valores burgueses e predileção pelos mais pobres.
- d) A onisciência do narrador imprime-lhe o papel de criador, e se confunde com a ideia de Deus; utilização de preciosismos vocabulares, para enfatizar o distanciamento entre a enunciação e os fatos enunciados.
- e) Exploração de um tema em que o ser humano é vitado pelo mais forte; predominância de elementos anticientíficos, para ajustar a narração ao ambiente degradante dos personagens.

A partir do incêndio no cortiço, o narrador descreve as ações envolvidas de desespero e clamor. Os trechos "entra-e-sai de marimbondos defronte"; "numa balbúrdia de doidos" e "pragas arrancadas pela dor e pelo desespero" demonstram a exploração dos instintos baixos e o determinismo social.

5. Unifesp – Releia o fragmento de *O cortiço*, com especial atenção aos dois trechos a seguir.

[...] Ninguém se conhecia naquela zumba de gritos sem nexo, e choro de crianças esmagadas, e pragas arrancadas pela dor e pelo desespero. [...] E começou a aparecer água. Quem a trouxe? Ninguém sabia dizê-lo; mas viam-se baldes e baldes que se despejavam sobre as chamas.

No fragmento, rico em efeitos descritivos e soluções literárias que configuram imagens plásticas no espírito do leitor, Aluísio Azevedo apresenta características psicológicas de comportamento comunitário. Aponte a alternativa que explicita o que os dois trechos têm em comum.

- a) Preocupação de um em relação à tragédia do outro, no primeiro trecho, e preocupação de poucos em relação à tragédia comum, no segundo trecho.
- b) Desprezo de uns pelos outros, no primeiro trecho, e desprezo de todos por si próprios, no segundo trecho.
- c) Angústia de um não poder ajudar o outro, no primeiro trecho, e angústia de não se conhecer o outro, por quem se é ajudado, no segundo trecho.
- d) Desespero que se expressa por murmúrios, no primeiro trecho, e desespero que se expressa por apatia, no segundo trecho.
- e) Anonimato da confusão e do “salve-se quem puder”, no primeiro trecho, e anonimato da cooperação e do “todos por todos”, no segundo trecho.

Ambos os trechos apresentam a questão do anonimato. No primeiro trecho, com a confusão do incêndio no cortiço e o desespero dos moradores, o que prevalece é a questão da sobrevivência, propiciada pelo individualismo. Já no segundo trecho analisado, percebe-se um anonimato entre os indivíduos por parte da cooperação.

6. FGV-RJ

C5-H15

Raul Pompeia é consagrado na literatura brasileira pela obra *O Ateneu*, de largo senso psicológico e preciosidade de estilo. A temática da obra, a par do seu valor literário, é um depoimento que ilustra:

- a) as discussões e os conflitos entre os escritores do Ateneu Literário do Rio de Janeiro, nos fins do Império.
- b) a vida social e os hábitos quotidianos da aristocracia imperial, pouco antes da República.
- c) a vida escolar no Império Brasileiro, tendo o sistema de internato como modelo educacional de elite na época.
- d) a influência da cultura clássica e dos valores greco-romanos na formação da personalidade dos intelectuais brasileiros da época.
- e) os hábitos e o comportamento urbano da classe média em ascensão no Rio de Janeiro, após a Proclamação da República.

O internato era o modelo educacional da elite do Segundo Império. A força motriz da obra encontra-se, justamente, no retrato desse espaço coletivo que é representativo da vida escolar do período.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

EXERCÍCIOS PROPOSTOS

7. Unicamp-SP – Leia a passagem abaixo de *Dom Casmurro*:

Se eu não olhasse para Ezequiel, é provável que não estivesse aqui escrevendo este livro, porque o meu primeiro ímpeto foi correr ao café e bebê-lo. Cheguei a pegar na xícara, mas o pequeno beijava-me a mão, como de costume, e a vista dele, como o gesto, deu-me outro impulso que me custa dizer aqui; mas vá lá, diga-se tudo. Chamem-me embora assassino; não serei eu que os desdiga ou contradiga; o meu segundo impulso foi criminoso. Inclinei-me e perguntei a Ezequiel se já tomara café.

ASSIS, Machado de. *Dom Casmurro*. In: _____. *Obra Completa*. V. 1. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1979. p. 936.

- a) Explique o “primeiro ímpeto” mencionado pelo narrador.

- b) Por que o narrador admite que seu “segundo impulso” foi criminoso?

- c) O episódio da xícara de café está diretamente relacionado com a redação do livro de memórias de Bento Santiago. Por quê?

8. Fuvest-SP – Tendo em vista as diferenças entre *O primo Basílio* e *Memórias póstumas de Brás Cubas*, conclui-se corretamente que esses romances podem ser classificados igualmente como realistas apenas na medida em que ambos:

- aplicam, na sua elaboração, os princípios teóricos da Escola Realista, criada na França por Émile Zola.
- se constituem como romances de tese, procurando demonstrar cientificamente seus pontos de vista sobre a sociedade.
- se opõem às idealizações românticas e observam de modo crítico a sociedade e os interesses individuais.
- operam uma crítica cerrada das leituras romanescas, que consideram responsáveis pelas falhas da educação da mulher.
- têm como objetivos principais criticar as mazelas da sociedade e propor soluções para erradicá-las.

9. PUC-PR – O crítico Haroldo de Campos afirmou que a personagem principal de *Dom Casmurro* não é Capitu, mas é o Capítulo. Baseando-se nessa afirmação, assinale a alternativa que lhe parecer correta.

- O crítico faz apenas o jogo de palavras: uma personagem não pode ser menos importante que a estrutura do romance.
- O jogo de palavras objetiva chamar a atenção para a técnica de dividir a narrativa em longos capítulos, imprimindo em cada um deles múltiplos sentidos e muitos acontecimentos.
- Como os capítulos foram organizados pelo narrador, que é Bento Santiago, marido de Capitu, o crítico pretende valorizar mais o protagonista masculino que sua mulher.
- Substituir Capitu pelo Capítulo significa que, para o crítico, a composição do romance tem uma fragmentação diferente da usual, com movimentos narrativos de regressão, de analogia e meditação que se transformam em fonte indispensável para a compreensão dos sentidos do romance.
- Os capítulos de *Dom Casmurro* foram divididos de maneira incomum se comparados aos romances de sua época, pois são numerados, têm títulos individuais e metafóricos, além de terminarem repentinamente sem uma conclusão clara. Por isso, tornam-se mais importantes que a personagem.

10. Unicamp-SP

Quase sempre levava-lhe presentes [...] e perguntava-lhe se precisava de roupa ou de calçado. Mas um belo dia, apresentou-se tão ébrio, que a diretora lhe negou a entrada. [...] Tempos depois, Senhorinha entregou à mãe uma conta de seis meses de pensão do colégio, com uma carta em que a diretora negava-se a conservar a menina [...]. Foi à procura do marido; [...] Jerônimo apareceu afi nal, com um ar triste de vicioso envergonhado que não tem ânimo de deixar o vício [...].

– Eu não vim cá por passeio! prosseguiu Piedade entre lágrimas! Vim cá para saber da conta do colégio!...

– Pague-a você!, que tem lá o dinheiro que lhe deixei! Eu é que não tenho nenhum! [...]

E as duas, mãe e filha, desapareceram; enquanto Jerônimo [...] monologava, furioso [...]. A mulata então aproximou-se dele, por detrás; segurou-lhe a cabeça entre as mãos e beijou-o na boca... Jerônimo voltou-se para a amante... E

abraçaram-se com ímpeto, como se o breve tempo rouba-do pelas visitas fosse uma interrupção nos seus amores.

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1983.

O cortiço não dava ideia do seu antigo caráter. [...] e, com imenso pasmo, viram que a venda, a sebosa bodega, onde João Romão se fez gente, ia também entrar em obras. [...] levantaria um sobrado, mais alto que o do Miranda [...]. E a crioula? Como havia de ser? [...] Como poderia agora mandá-la passear assim, de um momento para outro, se o demônio da crioula o acompanhava já havia tanto tempo e toda a gente na estalagem sabia disso? [...] Mas, só com lembrar-se da sua união com aquela brasileirinha fina e aristocrática, um largo quadro de vitórias rasgava-se defronte da desensofrida avidez de sua vaidade. [...] caber-lhe-ia mais tarde tudo o que o Miranda possuía...

AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Ática, 1983.

a) Considerando-se a pirâmide social representada na obra, em que medida as personagens Rita Baiana e Bertoleza, referidas nos excertos, poderiam ser aproximadas?

b) Levando em conta a relação das personagens com o meio, compare o final das trajetórias dos portugueses Jerônimo e João Romão.

11. Fuvest-SP – Considere o seguinte excerto de *O cortiço*, de Aluísio Azevedo, e responda ao que se pede.

[...] desde que Jerônimo propendeu para ela, fascinando-a com a sua tranqüila seriedade de animal bom e forte, o

invariavelmente ao primeiro umbral ou parede que encontra; a cavalo, se sofria o animal para trocar duas palavras com um conhecido, cai logo sobre um dos estribos, descansando sobre a espenda da sela.

19. Enem

C5-H16

A pêndula

Saí dali a saborear o beijo. Não pude dormir; estirei-me na cama, é certo, mas foi o mesmo que nada. Ouvi as horas todas da noite. Usualmente, quando eu perdia o sono, o bater da pêndula fazia-me muito mal; esse tic-tac soturno, vagaroso e seco, parecia dizer a cada golpe que eu ia ter um instante menos de vida. Imaginava então um velho diabo, sentado entre dous sacos, o da vida e o da morte, a tirar as moedas da vida para dá-las à morte, e a contá-las assim:

- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...
- Outra de menos...

O mais singular é que, se o relógio parava, eu dava-lhe corda, para que ele não deixasse de bater nunca, e eu pudesse contar todos os meus instantes perdidos. Invenções há, que se transformam ou acabam; as mesmas instituições morrem; o relógio é definitivo e perpétuo. O derradeiro homem, ao despedir-se do sol frio e gasto, há-de ter um relógio na algibeira, para saber a hora exata em que morre. Naquela noite não padeci essa triste sensação de enfado, mas outra, e deleitosa. As fantasias tumultuavam-me cá dentro, vinham umas sobre outras, à semelhança de devotas que se abalroam para ver o anjo-cantor das procissões. Não ouvia os instantes perdidos, mas os minutos ganhos.

ASSIS, Machado de. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1992. (Fragmento)

O capítulo apresenta o instante em que Brás Cubas revive a sensação do beijo trocado com Virgília, casada com Lobo Neves. Nesse contexto, a metáfora do relógio desconstrói certos paradigmas românticos, porque:

- a) o narrador e Virgília não têm percepção do tempo em seus encontros adúlteros.
- b) como “defunto autor”, Brás Cubas reconhece a inutilidade de tentar acompanhar o fluxo do tempo.
- c) na contagem das horas, o narrador metaforiza o desejo de triunfar e acumular riquezas.
- d) o relógio representa a materialização do tempo e re-direciona o comportamento idealista de Brás Cubas.
- e) o narrador compara a duração do sabor do beijo à perpetuidade do relógio.

20. Fuvest-SP

C5-H15

Os momentos históricos em que se desenvolvem os enredos de *Viagens na minha terra*, *Memórias de um sargento de milícias* e *Memórias póstumas de Brás Cubas* (quanto a este último, em particular no que se refere à primeira juventude do narrador) são, todos, determinados de modo decisivo por um antecedente histórico comum – menos ou mais imediato, conforme o caso. Trata-se de:

- a) invasão de Portugal pelas tropas napoleônicas.
- b) turbulência social causada pelas revoltas regenciais.
- c) volta de D. Pedro I a Portugal.
- d) proclamação da independência do Brasil.
- e) antecipação da maioria de D. Pedro II.

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

GRAMÁTICA



MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

APRESENTAÇÃO

Embora os aspectos gramaticais não sejam a essência do trabalho com a língua portuguesa, é necessário o diálogo com os tópicos gramaticais, pois a língua é uso (contexto), mas também é sistema (gramática). Nesta coleção, a abordagem da língua portuguesa, portanto, não se restringe à sua sistematização, havendo também sua explanação histórica, a apresentação de conceitos essenciais ao trabalho com as linguagens, assim como uma produtiva conceituação dos gêneros textuais e dos tipos de texto, além do trabalho com as variantes da língua, entendendo-as como decorrentes da relação entre linguagem e cultura, em conformidade com a abordagem pedagógica mais consistente. Merece destaque também a seleção de atividades que trabalham as competências e habilidades mais recorrentes no Enem e em vestibulares de todo o país, preparando os estudantes para um dos momentos mais importantes de sua trajetória acadêmica.

CONTEÚDO

GRAMÁTICA

Volume	Módulo	Conteúdo
1	1	História da língua portuguesa
	2	Linguagem verbal e não verbal e níveis de linguagem
	3	Denotação, conotação, variação e norma
	4	Monitoramento e inadequação linguística e semântica
	5	Funções da linguagem e fonologia
	6	Estrutura e formação das palavras
	7	Substantivos e adjetivos
	8	Artigo, numeral e pronomes pessoais
	9	Pronomes adjuntos e relativos e estrutura verbal
	10	Flexões verbais e classificação dos verbos
	11	A formação dos tempos verbais e advérbios
	12	Preposição, interjeição e conjunção
	13	Frase, oração e período – termos essenciais da oração
	14	Termos integrantes e termos acessórios
	15	Orações coordenadas e orações subordinadas substantivas
	16	Orações subordinadas adjetivas e orações subordinadas adverbiais

1 HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, procura-se entender um pouco sobre as origens da língua portuguesa, levando em consideração a relação com o latim, a fixação enquanto língua de um Estado e, finalmente, o processo que proporcionou a sua fixação na América, na Ásia e na África.

Além disso, retomam-se os conceitos de linguagem e língua, assim como sua especificação e função comunicativa, além da diferenciação de possíveis ambiguidades de interpretação entre esses instrumentos e a fala. São também estabelecidas a relação dos falantes com essas ferramentas de comunicação, seu uso na modalidade escrita e a ocorrência de vertentes decorrentes de questões sociais, culturais e políticas, como a norma-padrão.

Exercícios propostos

7. F – F – F – V

Em sua petição, Policarpo Quaresma chama de “proprietários da língua” os portugueses; afinal, o Brasil foi colonizado por Portugal e, como resultado de tal processo, foi instituído o português como língua oficial, daí a afirmação da personagem de que “a língua portuguesa é emprestada ao Brasil”.

8. A

De acordo com o texto, a redução do número de línguas indígenas trouxe consequências graves para a preservação do patrimônio linguístico e cultural, já que a redução daquelas significa a perda da herança cultural de um povo. É o que comprova o seguinte trecho: “A política linguística principal do Estado sempre foi a de reduzir o número de línguas, num processo de glotocídio (eliminação de línguas) por meio do deslocamento linguístico, isto é, de sua substituição pela língua portuguesa. Somente na primeira metade do século XX segundo Darcy Ribeiro, 67 línguas indígenas desapareceram no Brasil — mais de uma por ano, portanto. Das cerca de 1 078 línguas indígenas faladas em 1 500, ficamos com aproximadamente 180 em 2 000 (um decréscimo de 85%), e várias destas 180 encontram-se em estado avançado de desaparecimento”.

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

9. E

As duas variedades da língua geral decorreram da distribuição espacial das línguas indígenas, que era anterior à chegada dos portugueses, como comprova o seguinte trecho: “O resultado desse processo foi a formação de uma língua geral, desdobrada em duas variedades: o abanheenga, ao sul, e o nheengatu, ao norte”.

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

10. C

De acordo com o professor Leonel, os idiomas indígenas estão ameaçados de extinção por causa do contato com falantes de outras línguas e a imposição de outro idioma, como comprova o seguinte trecho: “Nosso povo se rendeu às pessoas brancas pelas dificuldades de sobrevivência. O contato com a língua portuguesa foi exterminando e dificultando a prática da nossa língua. Há poucos falantes, e com vergonha de falar. A língua é muito *preconceituada* entre nós mesmos”.

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

11. E

A diversidade linguística e cultural da formação brasileira interfere, sim, na língua portuguesa, como comprova o seguinte trecho do texto: “A chegada da família real produziu um efeito de representação da unidade. A língua portuguesa, assim, se torna símbolo importante da união nacional, mas nem por isso deixou de exprimir a diversidade da nossa formação”.

12. B

A canção Assum preto se utiliza de diversos recursos de variedade regional de linguagem. No entanto, uma única alternativa segue a mesma regra, substituindo a letra L pela R, no caso as palavras “tarvez” e “sorto”.

13. E

No registro formal, a frase “bata na porta” deveria ser reescrita para “bata à porta”, já que o verbo bater é regido pela preposição “a”. Neste sentido, o registro coloquial da língua não segue a norma-padrão.

14. A

A palavra “legal” tem caráter polissêmico, apresentando acepção tanto de “relativo a lei jurídica” e “lícito” quanto “bom”, “amável” e “interessante”.

15. D

Alvissareiro diz respeito ao “que leva ou dá boas-novas, que anuncia ou prenuncia acontecimento feliz”, portanto, tem significado distante atribuído ao repórter, que, segundo o autor, não seria um portador de boas notícias, mas seu antônimo.

16. B

A afirmação I está incorreta, uma vez que o texto não aponta “uma teoria única e singular”, como pode ser verificado no trecho “gerando uma pluralidade de teorias que buscam compreendê-la e explicá-la” (2º parágrafo). A afirmação III também se apresenta incorreta uma vez que a natureza multifacetada da linguagem não se deve ao fato de recortes científicos e abstrações, mas ao contrário que “essa realidade multifacetada sofra cortes e abstrações” (2º parágrafo). Portanto, apenas a afirmação II está correta de acordo com o excerto: “a linguagem ... ao submeter-se ao tratamento científico ... pode ser entendida a partir de diferentes perspectivas...” (2º parágrafo).

17. B

A afirmação I se coaduna com o texto, visto que a linguagem humana “passou a ser objeto de investigação científica, a partir do início do século XX” (1º parágrafo). A afirmativa II aborda a ideia presente no 2º parágrafo do texto. A assertiva III é a única incorreta, pois se contrapõe ao texto ao desconsiderar a linguagem como um elemento possível de observação e de análise.

Estudo para o Enem

18. B

A preservação do nheengatu significa o reconhecimento de que a construção da cultura amazônica se deve, em grande parte, à expressão em línguas de origem indígena, como comprova o seguinte trecho do texto: “No coração da Floresta Amazônica é falada uma língua que participou intensamente da história da maior região do Brasil.

Trata-se da língua geral, também conhecida como nheengatu ou tupi moderno. A língua geral foi ali mais falada que o próprio português, inclusive por não índios, até o ano de 1877”.

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

19. C

De acordo com Yeda Pessoa de Castro, as pesquisas linguísticas sobre a constituição do português no Brasil são relevantes porque registram a participação dos falares africanos na formação do português brasileiro: “Durante três séculos, a maior parte dos habitantes do Brasil falava línguas africanas, sobretudo línguas angolanas, e as falas dessas regiões prevaleceram sobre o português. [...] Eu introduzi nessa discussão a prevalência e a participação dos falantes africanos, sobretudo das línguas níger-congo, que são cerca de 1 530 línguas. As mais faladas no Brasil foram as do Golfo do Benim e da região banto, sobretudo do Congo e de Angola”.

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

20. A

A vida na metrópole aparece representada no poema de Mário de Andrade pela contraposição entre solidão e a multidão, haja vista o fato de o eu lírico descrever não ser mais ninguém, apesar de representar que o bonde estava cheio.

Competência – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

Habilidade – Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.

Comentários sobre o módulo

O módulo versa sobre conceito de língua, linguagem, linguagem verbal, linguagem não verbal e linguagem mista.

Passando pelo registro formal, que compreende as linguagens mais técnicas, objetivas e elaboradas, predominantes no registro escrito, até a linguagem informal, despreocupada com regras e coloquialista. Temos entre esses dois campos uma linguagem híbrida chamada de registro híbrido da língua.

Os fragmentos de textos apresentados servem de referências iniciais para introdução ao tema, que poderá ser desenvolvido de maneira ampla, com leitura de textos escritos em diferentes níveis de registro, para que o aluno possa aprimorar suas habilidades de reconhecimento e diferenciação dos estilos linguísticos.

Exercícios propostos

7. B

A afirmativa I está correta, pois o Abaporu calça as sandálias Havaianas, marca identificada na tira da sandália e também acima do *slogan* “Todo mundo usa”, integrante, portanto, da propaganda. A afirmativa III também está correta, pois, de fato, Abaporu, nome originado do tupi-guarani (“aba”, homem + “pora”, gente + “ú”, comer), significa “homem que come gente”, ou seja, um canibal ou antropófago, e inspirou Oswald de Andrade, marido de Tarsila do Amaral, a pintora da tela, a criar o Movimento Antropofágico, que consistia na deglutição da cultura estrangeira, incorporando-a na realidade brasileira para dar origem a uma nova, transformada e representativa da cultura brasileira.

8. C

Na imagem, Kuczynskiego procura provocar uma reflexão sobre o trabalho infantil, ao representar duas realidades extremamente distantes frente à frente.

Competência – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

Habilidade – Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.

9. A

No quadro de José Leonilson, a linguagem é mista, pois compreende elementos verbais (como números e palavras) e não verbais (a figura humana) simultaneamente.

10. A

Na charge, a criança afirma que não era exatamente aquele o carrinho que queria ganhar e o leitor, quando observa o carrinho, logo percebe que é um carrinho, uma carriola, utilizado para carregar materiais pesados, como terra, tijolos, cimento, por exemplo. Assim, obviamente, não se trata de um carrinho de brinquedo, que é o que uma criança costuma ganhar, mas um objeto de trabalho, permitindo inferir que, em nosso país, há escravidão, uma vez que ainda se verifica a manutenção do trabalho infantil.

11. D

Na charge de Fabiano dos Santos, verifica-se uma incongruência entre o que o indiozinho ouviu sobre a civilização, já que a expressão do pai é de embaraço. Assim, o processo civilizatório não contribuiu para o crescimento humano, uma vez que promoveu a destruição ambiental, como comprovam as águas do rio poluídas pela rede de esgoto e a fumaça emitida pelas fábricas, além da ausência de mata ciliar.

12. O pronome “você” está sendo usado de maneira generalizante, referindo-se a qualquer pessoa (às pessoas em geral). Esse uso é típico da linguagem oral, coloquial.

13. A

Na oração “A terra é mui graciosa”, o advérbio “muito” sofreu uma apócope. Embora essa apócope seja considerada como “arcaísmo”, algumas pessoas ainda a utilizam. Já na oração “Tem macaco até demais”, é possível observarmos o emprego do verbo “ter” no lugar do verbo “haver” e também o uso da locução adverbial “até demais”, exemplos de registros em linguagem coloquial da língua portuguesa.

14. A

É fundamental que as variações linguísticas sejam respeitadas e compreendidas, já que dizem respeito a um organismo vivo, que é a língua. Esta, por sua vez, jamais deve ser utilizada como instrumento de opressão, pois cada variante exerce uma função dentro de um grupo social. Respeitar as variações linguísticas é um dos princípios da cidadania.

15. E

De fato, bagunça e cara são vocábulos de natureza coloquial. O primeiro poderia ser substituído por confusão, desordem ou desarranjo. E o segundo poderia ser trocado por face, aspecto, semblante.

16. D

Formas variantes são formas duplas ou múltiplas, equivalentes, no que diz respeito à escrita das palavras. Essa alternativa possui as formas variantes aceitas e corretamente grafadas.

17. B

O tom humorístico do texto utilizado na questão 17 é construído a partir do conceito de uma das variações linguísticas: a situacional. Ela corresponde às diferentes formas que o falante escolhe para se comunicar, dependendo da situação de comunicação. É a situação que determina, por exemplo, o vocabulário a ser empregado: com quem estamos falando? Em que evento estamos? Em que lugar?

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

Estudo para o Enem

18. E

Na propaganda, o apelo é para que a população contribua com ações a favor de portadores do vírus HIV. Para isso, utiliza em letras garrafais os dizeres “Eu perdi o emprego porque tenho gripe”, algo que não justifica uma demissão, para demonstrar o absurdo que é excluir os soropositivos das atividades cotidianas, como revela a indagação “E se o mundo tratasse os outros doentes como trata os soropositivos?”. Finalmente, o emprego do verbo no modo imperativo, em “Ajude”, indica a função apelativa e, portanto, o objetivo de convencer o leitor a contribuir com as ações do grupo Vhiver.

Competência – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

Habilidade – Reconhecer, em textos de diferentes gêneros, recursos verbais e não verbais utilizados com a finalidade de criar e mudar comportamentos e hábitos.

19. A

A questão aborda a variação histórica da língua portuguesa. Toda língua natural modifica-se com o tempo: mudam o modo de falar, a maneira de estruturar as frases, o vocabulário e, muitas vezes, o significado das palavras.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.

20. B

Nesta questão, aborda-se a variação geográfica. Ela corresponde às diferenças observadas na comparação entre o uso linguístico em diversas regiões do país ou quando comparamos os usos dos diferentes países de língua portuguesa.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.

3 DENOTAÇÃO, CONOTAÇÃO, VARIAÇÃO E NORMA

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, a linguagem é apresentada como instrumento de interação entre sujeitos socialmente organizados, uma vez que possibilita o diálogo e a circulação de saberes, seja na forma oral, seja na forma escrita. No processo de enunciação, as palavras podem ser empregadas em sentido denotativo (ou literal), que corresponde à expressão do enunciado, e conotativo (ou figurado), em que o enunciado adquire novo significado.

Em um país de dimensões continentais e de amplas diferenças sociais, não poderia faltar também uma grande variação da linguagem em seus mais diversos matizes. Para tal, apresentamos, neste módulo, os conceitos de cultura, linguagem e língua para, em seguida, tratar da variação linguística em sua diversidade histórica, regional, social e situacional, exemplificando cada uma delas e apontando as suas principais características

Exercícios propostos

7. B

A expressão “garimpeiros do mar” foi empregada em sentido conotativo, referindo-se a pessoas que mergulham com a intenção de encontrar objetos de valor no fundo do mar.

8. E

Na frase “Você é um barril de alegria”, verifica-se uma metáfora, o que indica que há emprego do sentido conotativo: de tão feliz, a pessoa é associada a um “barril de alegria”, ou seja, é alguém muito, muito alegre.

9. D

Na tirinha, a palavra “gordura” foi empregada em sentido conotativo, já que se vale da ironia para sinalizar os problemas advindos do relacionamento: os excessos das expectativas precisam ser exterminados, como a gordura que é lipoaspirada.

10. A

A palavra “patrão”, no verso “Tá bem patrão de avião, né? Por que não?”, tem sentido conotativo, significando que a pessoa é financeiramente rica e tem a possibilidade de viajar ou possuir uma aeronave.

11. A

A afirmação I está correta, pois a palavra “campo” foi empregada conotativamente no segundo quadro, mas a menina parece não ter compreendido e continuou a perguntar. A afirmação III está correta, pois a palavra “campo” foi empregada conotativamente pelo homem, mas entendida pela menina em sentido denotativo. A afirmação IV está correta, pois a ambiguidade é gerada pela

possibilidade de sentidos suscitada pelo emprego da palavra “campo”, que pode significar “oportunidade” ou “vasto terreno”.

12. A correção da língua é um artificialismo – continuei episcopalmente. – O natural é a incorreção. Note que a gramática só se atreve a intrrometer-se quando/opinar sobre o que escrevemos. Quando falamos, afasta-se para longe, de cabeça baixa/recolhendo-se.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Relacionar as variedades linguísticas a situações específicas de uso social.

13. D

A letra possui um tom bastante crítico e denunciador das imensas desigualdades sociais em que o autor está inserido, que é um traço marcante da variedade linguística presente nas letras de rap.

14. E

Trata-se de um recurso de linguagem de variação situacional ou diafásica, absolutamente presente no mundo contemporâneo.

15. D

Upei = adaptado da expressão em inglês *upload* (carregar ou subir uma informação ou arquivo para a rede mundial de computadores). Este é um exemplo típico de variação situacional ou diafásica.

16. E

Deferir é o ato de conceder ou outorgar. Já o verbo diferir pode ter o sentido de diferenciar, distinguir, como também de prolongar. Essa alternativa não integra um eixo de variação linguística.

17. E

Trata-se claramente de um registro de variação linguística informal e fortemente marcado pelo regionalismo de moradores de áreas rurais, também expresso no título: “O poeta da roça”.

Estudo para o Enem

18. D

No texto, as palavras “epístola”, “terráquea” e “etnologia” associam-se respectivamente pelo sentido a “carta”, “Terra” e “povo”, haja vista que estão dentro do mesmo campo de sentido e até mesmo

sinônimas, como é o caso de “epístola” e “carta”.

Competência – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

Habilidade – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

19. E

A expressão “rebolando as ancas” é tipicamente uma variação linguística popular para “gingando os quadris”. Usa-se essa forma de registro para evidenciar um tom coloquial e informal.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.

20. C

O texto reflete as variações regionais que a língua portuguesa possui e que a tornam particularmente riquíssima em suas veredas linguísticas.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

4 MONITORAMENTO E INADEQUAÇÃO LINGUÍSTICA E SEMÂNTICA

Comentários sobre o módulo

Neste módulo, são apresentados os conceitos de monitoramento e inadequação linguística. Há monitoramento sempre que o locutor controla o que fala ou escreve, adaptando o seu discurso à situação e ao interlocutor. A inadequação, por sua vez, ocorre quando o locutor se recusa a adequar o registro linguístico à situação, gerando ruídos na comunicação.

Estudamos sobre a origem dos diferentes significados atribuídos a unidades linguísticas. Referimos-nos, deste modo, tanto aos sentidos denotativos e conotativos de palavras e de expressões, como aos aspectos semânticos, que envolvem vocábulos homônimos, parônimos, sinônimos, antônimos e polissêmicos.

Exercícios propostos

7. D

O uso de expressões informais é uma estratégia para que a colunista estabeleça mais proximidade com o leitor, como comprovam, por exemplo, as seguintes passagens: “Sou chamada de feminazi e de reaçã, o que me faz ter certeza que estou no caminho certo”, “A pele está flácida e talvez eu pareça um buldogue sacolejando as pelancas do rosto quando corro”, “Joelho operado, queda de cabelo e uma pancinha que tá osso perder, na academia”, “Tudo anotadinho”, “Pode arranjar outro xingamento, esse não cola”.

8. E

O texto contrapõe de modo irônico a simplicidade da população sueca à linguagem rebuscada empregada no relato, como comprova a seguinte passagem: “Nestas longínquas comarcas, os mui distintos parlamentares, ministros e prefeitos viajam de trem ou de ônibus para o trabalho, em sua labuta para adoçar as mazelas do povo. De ônibus, Eminências! E muitos castelos há pelos quatro cantos deste próspero reino, mas aos egrégios representantes do povo é oferecido abrigo apenas em pífias habitações de um cômodo, indignas dos ilustríssimos defensores dos direitos dos cidadãos e da democracia”.

9. D

O tom informal do texto está presente no trecho “se o padrão vem da fala dos bacanas”, sendo “bacanas” aqueles privilegiados socioeconomicamente.

10. B

No trecho “O respeito aos direitos autorais na era da internet é questão vital porque o mercado de CDs só faz encolher”, a expressão “faz encolher” é próxima do contexto oral informal e, para que assim não fosse, poderia ser substituída, por exemplo, por “diminui”.

11. D

Ao manifestar-se quanto ao que seja “correto” ou “incorreto” no uso da língua portuguesa, o autor revela sua preocupação em ponderar sobre a validade de diferentes usos da língua, em diferentes contextos, haja vista o uso do substantivo “varreção, em vez de “varreção”, estar adequado ao contexto e não à norma-padrão.

12. D

O trecho “não prepara os alunos” é formal, já que não apresenta nenhuma marca linguística de coloquialidade, como gíria, por exemplo.

13. D

A última frase fala do pão de hoje no contexto de amanhã como sendo ainda o pão de hoje.

14. D

Sugestão de resposta – No trecho, “contradição” é usada com o sentido de “oposição de opiniões”, que ocorre entre as ideias do adulto e do velho.

15. a) Trata-se do duplo sentido do verbo afinar: referindo-se a “ajustar a altura dos sons” e “tornar fino”, oposto de grosso.

b) No primeiro quadro, apresenta-se o afinador, profissional que afina pianos, como sugere o instrumento que ele traz na mão. No segundo quadro, fica claro que o proprietário do piano confunde a função do afinador com a de alguém capaz de tornar o piano fino, isto é, de tamanho reduzido. No terceiro quadro, vê-se o resultado da revolta do profissional, que quebra o piano na cabeça do proprietário do piano.

16. D

Em III, “apropriadas” não é utilizada no sentido de “adequadas”, mas de “tomadas de posse”.

17. a) Um dos sentidos, usado em âmbito internacional, é o de reunião encerrada festivamente, com descontração; outro sentido é o de ausência de seriedade, usado principalmente no cenário nacional.

b) Nesse contexto, “acabar em pizza” confere amplitude / abrangência global ao provedor, porque, não importando a origem da notícia, ela será sempre divulgada.

Estudo para o Enem

18. C

O uso da norma-padrão, na carta comercial, atribui formalismo à relação comunicativa, o que é próprio desse gênero textual. As marcas da for-

malidade são expressas pelo uso dos pronomes “Sr.”, “Prezado Senhor” e por, no conteúdo, utilizar termos como “manifestamos nossa apreciação”, “contribuições feitas pelos membros da equipe”, “grande valia”, “transmitir-lhes nossos cumprimentos” e “atenciosamente”.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. C

O efeito de humor da tirinha é conferido pela confusão da personagem com os dois diferentes sentidos de indicador: (1) um dos dedos da mão e (2) índice estatístico.

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela

constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

20. A

No primeiro quadro, o termo “saúde” significa órgão público e “tim-tim por tim-tim” refere-se a “exatamente tudo, minuciosamente”; no segundo quadro, essas palavras têm outro sentido: “saúde” e “tim-tim” (som de taças brindando) aparecem como saudação.

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

MATERIAL DE USO ESCOLAR DO
SISTEMA DE ENSINO DE

5 FUNÇÕES DA LINGUAGEM E FONOLOGIA

Comentários sobre o módulo

Ao longo deste módulo, estudamos sobre a origem dos diferentes significados atribuídos a unidades linguísticas. Referimos-nos, deste modo, tanto aos sentidos denotativos e conotativos de palavras e de expressões, como aos aspectos semânticos, que envolvem vocábulos homônimos, parônimos, sinônimos, antônimos e polissêmicos.

Pelos conceitos de Fonética, que estuda os aspectos fisiológicos da formação do som, e de Fonema, que é o estudo mais voltado para aplicação gramatical do som.

Adentramos nos variados elementos da Fonologia para aprofundar a compreensão das regras que determinam seu funcionamento. Esse estudo é fundamental para a correta aplicação da gramática e do registro culto da língua, sobretudo quando o assunto requer a memorização de uma grande variedade de regras de acentuação.

Exercícios propostos

7. E

No cartaz, há a imagem de uma torneira com o texto escrito formando um pingo, evidenciando a necessidade de o leitor se conscientizar da necessidade de economizar água: “Consciência líquida. Ação solidificada”. Para tanto, foram utilizados dados numéricos que ressaltam a quantidade de água doce própria para o consumo humano: apenas 0,01% da água doce.

8. D

No cartaz, verifica-se o objetivo da campanha da OAB, que é convidar o leitor a doar livros para proporcionar a reintegração social de jovens infratores: “A OAB-GO convida você a doar livros educacionais ou literários, gibis, revistas, instrumentos musicais para o Centro de Internação para Adolescentes, Centro de Internação Provisória e Centro de Apoio a Medida Socioeducativas. Doando, você divide o seu conhecimento e ainda ajuda um jovem cidadão a escrever uma nova história”.

9. C

No texto, há predominância da função referencial, pois a finalidade é transmitir ao leitor a informação de que a China “entrou para valer na corrida espacial do futuro”, por meio de uma linguagem empregada clara e objetiva.

10. C

Verifica-se, no texto, a predominância da função referencial, pois o destaque é dado ao assunto, ou seja, ao referencial, objetivando informar o leitor sobre o desenvolvimento da linguagem dos bebês: “Embora a linguagem ainda não

esteja conectada no seu cérebro, o bebê tem várias artimanhas genéticas que lhe permitem aprender desde o dia de seu nascimento”.

11. C

No poema de Manuel Bandeira, a função da linguagem predominante é a metalinguística, pois o eu lírico reflete sobre a criação poética: “Estou farto do lirismo comedido / do lirismo bem comportado [...] / Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo de um vocábulo”.

12. C

V – As vírgulas estão sendo usadas para isolar os vocativos, como em: “Procê, Rosinha” ou “Procê, Chico”.

V – O encontro de “nh” da palavra pamonha forma um dígrafo.

F – O verbo “foi” não está conjugado no pretérito imperfeito.

F – As palavras “flor” e “pamonha” não são antônimas.

13. E

A letra “i” representa uma vogal em av-i-so. A letra “u” representa uma semivogal em es-tou-rar, e a letra “i” representa outra semivogal em fei-xe. Por último, a letra “i” representa uma vogal em sa-i-da.

14. D

A resposta já implica na justificativa.

15. A

Ditongos nasais são encontros entre uma vogal e uma semivogal, pronunciadas de forma nasalada, como em “ascensão”. Nas terminações -em e -am ocorrem ditongos nasais decrescentes. Apesar de e e m serem, respectivamente, vogal e consoante, assim como A e M, quando estão em sequência, essas letras são pronunciadas como um ditongo, como em: parabéns; “falavam”.

16. C

Pelo recente Acordo Ortográfico, o prefixo supra-, como regra, acopla-se diretamente à palavra seguinte, sem intermediação de hífen (supra + regional = suprarregional).

17. A

A resposta III não faz a análise correta sobre Fonologia, uma vez que as diferenças entre os fonemas não são necessariamente intencionais.

Estudo para o Enem

18. C

O texto de M. Garcia é uma resenha, já que apresenta uma apreciação crítica a respeito do livro *A fórmula secreta*, para que o leitor possa decidir se se interessa ou não pela obra. É o que comprova a seguinte passagem: “A fórmula secreta apresenta-se como uma ótima opção para conhecer um pouco mais sobre a história da matemática e acompanhar um dos debates científicos mais inflamados do século XVI no campo. Mais do que isso, é uma obra de fácil leitura e uma boa mostra de que é possível abordar temas como álgebra de forma interessante, inteligente e acessível ao grande público”

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Analisar a função da linguagem predominante nos textos em situações específicas de interlocução.

19. C

Apenas esse grupo está corretamente acentuado de acordo com o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa:

Também: são acentuadas graficamente todas as palavras oxítonas terminadas em -em ou -ens.

Possível: paroxítonas terminadas em consoantes são acentuadas.

Êxito: todas as proparoxítonas são acentuadas.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. D

Os dígrafos vocálicos são formados por uma vogal seguida pelas letras M ou N, representando fonemas vocálicos nasalados, como em *empreender*.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO

6 ESTRUTURA E FORMAÇÃO DAS PALAVRAS

Comentários sobre o módulo

Para iniciar o estudo de palavras e suas classificações é necessário entender como elas são formadas, isto é, sua estrutura. Inserir a morfologia em sala como parte integrante da vida das pessoas torna muito mais fácil a assimilação das funcionalidades dos morfemas.

Os processos de formação de palavras mais produtivos em língua portuguesa são abordados, com especificação de conceitos que geram muita discussão, como a diferença entre flexão e derivação, assim como ocorrência de parassíntese.

Exercícios propostos

7. B

De acordo com os significados apresentados, a alternativa cujas palavras as traduzem é a B.

Eneágono: Significa nove ângulos

Oligarquia: Etimologia grega “oligarkhía”, que significa governo de poucos.

Eufonia: Significa sucessão harmoniosa de sons ou som agradável.

Cefalalgia: Significa dor de cabeça.

8. E

Explicável: de explicar

Sabedor: de saber

Sufrimento: de sofrer

Contemplação: de contemplar

9. B

Enquanto o radical de “luz” e “luzeiro” é “luz”, o radical de “alumiar” é “lume”.

10. D

Ambos os prefixo “im-”, de “impune”, e “a-”, de “acéfalo”, são morfemas que negam o sentido expresso nas bases que os seguem, criando novas palavras.

11. E

“In-”, em “intocável”, “an-”, em “anarquia” e “in-”, em “ingerência” indicam negação dos sentidos expressos nas bases.

12. B

O único caso em que “sub-” indica posteridade é subsequente, certamente reforçado pelo radical “sequente”.

13. C

A palavra “impraticabilidade” é formada pelo processo de derivação parassintética, pois resulta do acréscimo simultâneo de prefixo e sufixo à palavra primitiva “-im” + “praticar” + “-dade”. Semelhante

processo ocorre com as palavras “amanhecer” (“-a” + “manhã” + “-ecer”) e “enfraquecer” (“-en” + “fraco” + “-ecer”).

14. A

A palavra “somenos” é formada pelo processo de composição por justaposição, já que os termos “só” e “menos” são unidos sem perda ou supressão de fonemas. No poema, revela o caráter irrelevante assumido pelo sujeito poético: “Eu / que não me sei / não me venho / por ser / busco apenas ser somenos / no viver”.

15. E

A palavra “desagradável” é formada pelo processo de derivação prefixal e sufixal, já que ao verbo “agradar” são acrescentados o prefixo “-des” e o sufixo “-vel”.

16. C

“Desiguais” é um adjetivo formado pelo processo de derivação prefixal, pois ao substantivo “iguais” é acrescido o prefixo “-des”, que tem sentido de negação. “Pressupostos” é uma palavra formada pelo processo de derivação prefixal, pois é acrescido o prefixo “-pre”, que indica anterioridade. “Planejamento” é um substantivo formado pelo processo de derivação sufixal, pois ao verbo “planejar” é acrescido o sufixo “-mento”. “Totalitarismos” é uma palavra formada pelo processo de derivação sufixal, em que o sufixo “-ismos” designa movimentos ideológicos.

17. E

As palavras “gradualmente”, “animado” e “eufórico” são formadas pelo processo de derivação sufixal, pois recebem, respectivamente, os sufixos “-mente”, “-ado” e “-ico”.

Estudo para o Enem

18. E

O prefixo “tres-”, na palavra “tresvariando”, intensifica a condição de “variar”, empregada com sentido de “estar fora da razão”, “estar louca”.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. A

A palavra “sambódromo” é um hibridismo, já que sua formação advém da associação de termos de línguas diferentes, no caso, do quimbundo e do grego. Trata-se de um processo revelador do dinamismo da língua, já que do diálogo entre diversas culturas resulta a criação de novas palavras.

Competência – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

Habilidade – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

20. B

Tanto “infovias” quanto “fujimorização” são neologismos, destacadas entre aspas pelo uso incomum.

Competência – Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas.

Habilidade – Relacionar, em diferentes textos, opiniões, temas, assuntos e recursos linguísticos.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

7 SUBSTANTIVOS E ADJETIVOS

Comentários sobre o módulo

Retomar a classe gramatical dos substantivos de forma mais profunda é essencial para que posteriormente fiquem claras as funções morfossintáticas e também a ortografia de palavras, principalmente quando é preciso flexionar em número substantivos compostos e saber o vocabulário de substantivos coletivos.

Também é trabalhada a classe de palavras adjetivo, com destaque para sua classificação quanto à forma, semântica, função sintática e exão. É também trabalhada a variação em grau dos adjetivos, a relação entre adjetivação e publicidade, assim como são apresentadas as locuções adjetivas e os adjetivos pátrios (ou gentílicos)

Exercícios propostos

7. D

A flexão de substantivo composto, neste caso ocorre somente no segundo termo, pois o primeiro é invariável.

8. E

Em casas-grandes, ambos os termos são flexionados pois o substantivo é formado por um substantivo e um adjetivo.

Flores-de-cuba segue a regra de flexão de substantivo ligado por preposição explícita, de modo que apenas o primeiro termo é colocado no plural.

Para arco-íris, a regra é não alterar a forma do substantivo, pois são palavras invariáveis.

Beija-flores segue a regra de flexão do segundo termo do substantivo, pois o primeiro é um verbo.

9. B

No caso do substantivo composto, os dois termos são flexionados pelo plural.

10. D

Substantivos como estes alteram seu significado ao sofrerem flexão de gênero.

11. E

O substantivo abstrato “carinho” não é uma forma de flexão de grau diminutivo.

12. a) água pluvial

b) exageros passionais.

c) atitudes infantis.

d) soro antiofídico.

Os adjetivos pluvial, passionais, infantis e antiofídico correspondem, respectivamente, às locuções adjetivas das quatro alternativas. No caso da alternativa c, a resposta poderia ser, também, atitudes pueris.

13. C

Apenas na alternativa c os superlativos citados correspondem, respectivamente, a todos os adjetivos do enunciado sem erro de grafia.

14. C

A primeira sequência se refere ao substantivo que forma a locução referente, respectivamente, ao adjetivo da segunda sequência apenas na alternativa C.

15. D

Pela interpretação, chega-se aos sentidos dados na alternativa d. Em “meninos pobres”, pobres é a característica dos meninos; em “pobres meninos”, pobres sugere uma impressão do autor sobre os meninos (dignos de compaixão).

16. D

Apenas na alternativa dos dois adjetivos não variam em sua forma masculina e feminina: o cientista hindu ou a garota hindu / homem célebre ou mulher célebre.

17. D

É característica do superlativo absoluto analítico haver um advérbio como “muito” anteposto ao substantivo, tal qual ocorre na frase apresentada.

Estudo para o Enem

18. C

O substantivo “casebre” é a forma flexionada no diminutivo de “casa”.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. B

Os superlativos citados em b são, pela norma culta, referentes aos adjetivos célebre, cruel, doce, negro e nobre, consecutivamente.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. A

Na frase apresentada, beleza e verdade são características atribuídas a um mesmo ser, frases, estabelecendo gradação de superioridade.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de signi-

ficação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

8 ARTIGO, NUMERAL E PRONOMES PESSOAIS

Comentários sobre o módulo

São trabalhadas as classes de palavras artigo e numeral, com destaque para suas definições e diferenciação, quebrando possíveis ambiguidades, no caso dos numerais cardinais e os artigos indefinidos.

Os pronomes pessoais, destacando sua função referenciadora, assim como seu uso na enunciação para de nir hierarquia entre os interlocutores, como ocorre com os pronomes de tratamento.

Ainda ocorre de nição de usos dos pronomes oblíquos àtonos, ponto bastante retomado nas discussões sobre uso da língua versus gramática normativa.

Exercícios propostos

7. B

Apenas a alternativa d segue a norma determinada para os ordinais prescritos, respectivamente.

8. a) O artigo definido “o” e o artigo indefinido “uma”.

b) O artigo definido determina, particulariza o termo homem, enquanto o indefinido generaliza o termo mulher.

9. A

Todos os termos da alternativa a são do gênero masculino e estão no singular. Assim, o artigo seria “o”.

10. A

Só a alternativa a apresenta o número ordinal escrito por extenso corretamente.

11. D

A palavra “ambos” substitui “os dois” (artigo + número cardinal) ou é usada conjuntamente com essa expressão, como recurso de ênfase. Ex.: Os dois convidados chegaram cedo. Ambos os dois me trouxeram presentes!

12. D

São multiplicativos porque indicam aumentos proporcionais de quantidade, números múltiplos de outros, multiplicação.

13. D

A alternativa “d” é a única correta quanto à colocação pronominal, visto que gerúndio com “em” (Em + tratando) pede pronome proclítico, ou seja, antes do verbo.

14. B

Estão corretas as formas “põe-no” e “retém-nas” porque os verbos terminam em som nasal; “dedu-la” está correto porque os pronomes o, a, os, as assumem as formas lo, la, los, las com verbos que terminam em -z, -s ou -r.

15. E

Nos três casos, a próclise é obrigatória: com a conjunção “se”; com a palavra negativa “não” e com o “que” (exceto quando é substantivo).

16. A

A alternativa a é a única que atende à regra de colocação pronominal com futuro do pretérito, que impede o uso das ênclises ocorridas nas outras alternativas (havia-me e iria-te).

17. D

A frase correta é “Logo que os vir, fá-los ei cientes de que não podemos contratá-los” porque: com “que” é obrigatório o uso de próclise e “vir” é a conjugação correta do verbo “ver” no subjuntivo; “Fá-los-ei” porque é indicada a mesóclise para o futuro do presente e “los” por se tratar de objeto direto”; “podemos contratá-los” aplica corretamente a ênclise indicada para locução com infinitivo, embora também estaria correto o verbo antes do auxiliar “podemos”.

Estudo para o Enem

18. E

É comum o uso do artigo indefinido antes de numeral para expressar aproximação.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. C

Na alternativa c a frase faz uso do artigo definido para particularizar, referir-se a dois conhecidos, o Antônio e o João, especificamente.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. A

Está bem colocado porque a próclise é obrigatória com palavras de sentido negativo como “não”.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

9 PRONOMES ADJUNTOS E RELATIVOS E ESTRUTURA VERBAL

Comentários sobre o módulo

A compreensão e correta utilização do pronome dinamiza a língua, permitindo-nos expressar de forma clara e coerente nossas ideias. Fundamental deve ser a diferenciação e emprego dos pronomes núcleo (pessoais e relativos) que ocupam o lugar do substantivo na oração e dos pronomes adjuntos (possessivos, demonstrativos, indefinidos e interrogativos), que adjetivam o substantivo, sem o substituir.

Compreender corretamente a definição e a estrutura formadora dos verbos nos permite aprofundar ainda mais o entendimento da riqueza presente em uma língua. Ao analisarmos as partes que constituem os verbos, somos conduzidos a uma melhor compreensão das origens dessa classe gramatical, garantindo o conhecimento efetivo acerca do assunto.

Para ir além

FOCHI, Eliana M. A classe dos pronomes relativos: uma descrição. *Alfa*, 35: 105-122, 1991. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3864/3557>>.

Acesso em: dez. 2018.

LIMA, Luiz S. Emprego dos demonstrativos este, esse, aquele na carta de Pero Vaz de Caminha. *Confluência*. Rio de Janeiro, 1: 59-6, 1991. Disponível em:

<<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/3228.pdf>>.

Acesso em: dez. 2018.

LONGO, Beatriz Nunes de Oliveira *et alii*. A relativização no português culto. *Alfa*, 38: 165-180, 1994. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3962/3637>>.

Acesso em: dez. 2018.

SIKANSKI, Nilmara S. Interrogativos Q- do português brasileiro moderno: quadro geral. *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, 34: 119-30, 1998. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637056/4778>>.

Acesso em: dez. 2018.

Sobre o emprego de pronomes relativos, confira:

VERISSIMO, Luis Fernando. Inimigos. In: *Novas comédias da vida privada*. Disponível em:

<www.tudonalingua.com/news/cronicas-de-humor-de-luis-fernando-verissimo/>.

Acesso em: 18 jul. 2018.

ANDRADE, Carlos Drummond de. Quadrilha. In: Reunião. Disponível em:

<www.escritas.org/pt/t/1514/quadrilha>.

Acesso em: 18 jul. 2018.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de. A dimensão textual do verbo. *Estudos Linguísticos*, 2: 125-140, 1980. Disponível em:

<http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1303869109_12.castilho_ataliba.pdf>.

Acesso em: dez. 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. A natureza do verbo e sua descrição em língua portuguesa. *Estudos Linguísticos*, 1: 187-218, 1978. Disponível em:

<http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1302700604_18.orlandi_eni.pdf>.

Acesso em: dez. 2018.

Exercícios propostos

7. A

O pronome “isto” no primeiro quadrinho faz referência à comida oferecida para Hagar. Tal entendimento decorre da interpretação do texto verbal e do texto não verbal (a direção do olhar do Hagar). Assim, a afirmação da alternativa A está **incorreta**.

8. C

“Des-” é um prefixo do verbo encadear, formando o novo verbo desencadeando.

9. A

Após o emprego do pronome cujo, e seus variantes, não se usa artigo em hipótese alguma.

10. A

a) o pronome **muitas** é um pronome indefinido, pois se refere a uma ideia de tempo (horas) de forma vaga e imprecisa.

Já os pronomes das orações restantes são classificados em:

b) **aqueles**: pronome demonstrativo

c) **nossa**: pronome possessivo

d) **tais**: pronome demonstrativo

e) **lhe**: pronome pessoal do caso oblíquo

11. D

O pronome relativo deve necessariamente retomar um termo nominal nuclear que o antecede. Assim,

é pronome relativo “que” os números: 2 (retoma “vida”), 3 (retoma o demonstrativo “o”) e 4 (retoma “a mesma”).

12. B

Trata-se do verbo “entrar”, que pertence à 1ª conjugação, flexionado na 1ª pessoa do plural do presente do subjuntivo, como se percebe pela ocorrência da desinência “-e-”.

13. D

Ambos os pronomes “que” são pronomes relativos, empregados para retomar o termo antecedente a eles na oração. O termo de número (1) retoma o professor Florestan Fernandes e o de número (2) refere-se ao professor Mário Schenberg. Assim, esta é a única alternativa incorreta.

14. A

Anunciaram possui desinência de número (plural) e pessoal (3ª pessoa do plural) e está conjugado no pretérito perfeito do indicativo: anunciaram, falaram, cantaram etc.

15. C

As palavras destacadas sofreram processo de substantivação, com inclusão de sufixo:

Janta (derivado do verbo jantar), embarque (derivado do verbo embarcar), grito (derivado do verbo gritar), caça (derivado do verbo caçar).

16. B

Apenas a alternativa B contendo “este” (pronome demonstrativo empregado quando o objeto de quem se fala está próximo do emissor, no caso, o livro) e “que” (pronome relativo, utilizado para retomar o termo antecedente “ogro”) está correta.

17. C

O radical é a base. Nele está expresso o significado do verbo. As desinências são os elementos que junto com o radical promovem as conjugações. Desinências modo-temporais quando indicam os modos (indicativo) e os tempos (imperfeito). Desinências número-pessoais quando indicam número (plural) e pessoa (1ª pessoa plural)

Estudo para o Enem

18. C

Dissemin-a-ra (radical + vogal temática + desinência modo-temporal)

A desinência de número e pessoa, na 1ª e na 3ª pessoa do singular é zero.

Correto, eu/ele disseminara.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. C

“muitas” é o pronome relativo indefinido variável empregado no primeiro parágrafo. Sua utilização é indicada quando o emissor faz referência a uma quantidade imprecisa ou vaga de seres (pessoas ou coisas). Deve ser levada em conta a intenção do autor de falar sobre um comportamento geral das pessoas, gerando um texto bem impessoal.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. A

O sufixo “-ear” é empregado para formar verbos a partir de substantivos, como é o caso de clarear (claro + ear) e passear (passeio + ear).

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Identificar, em textos de diferentes gêneros, as marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro.

10 FLEXÕES VERBAIS E CLASSIFICAÇÃO DOS VERBOS

Comentários sobre o módulo

O emprego dos verbos faz parte do cotidiano de todos os falantes de uma determinada língua e, muito por essa abundância de uso, se faz necessário conhecer as regras de utilização, sobretudo no que diz respeito à flexão dos verbos, que é um assunto de grande riqueza e amplitude.

Fundamental é a compreensão da classificação dos verbos para a construção de orações bem elaboradas, mas, para além disso, essencial para a compreensão e decodificação de textos dos mais diversos níveis de linguagem.

Para ir além

ARRAIS, Telmo C. Tempo e aspecto, tempo e modalidade: de volta ao futuro. *Alfa*, 35: 111-117, 1991. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3855/3551>>.

Acesso em: dez. 2018.

CAMPOS, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos. O gerúndio românico. *Alfa*, 18-19: 383-402, 1972-1973. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3521/3294>>.

Acesso em: dez. 2018.

CASTILHO, Ataliba T. de. Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa. *Alfa*, 12: 7-136, 1967. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3311/3038>>.

Acesso em: dez. 2018.

LOBATO, Lúcia. Sobre a forma do particípio do português e o estatuto dos traços formais. *DELTA*, 15(1): 1999. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-4450199900100005&lng=en&nrm=iso>.

Acesso em: dez. 2018.

RAGEL, Egon. A propósito das sequências verbais de infinitivo na norma culta de São Paulo. *Estudos Linguísticos*, 2: 152-164, 1979. Disponível em:

<http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1303869386_14.rangel_egon.pdf>.

Acesso em: dez. 2018.

ARRAIS, Telmo C. "As construções causativas em português". *Alfa*, 29: 41-58, 1985. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3753/3476>>.

NEVES, Maria Helena de Moura. "Padrões comuns para alguns verbos irregulares em português". *Estudos Linguísticos*, 3: 257-275, 1980. Disponível em:

<http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1303992897_20.neves_maria.pdf>.

Exercícios propostos

7. C

Para a segunda pessoa do singular (tu), a forma verbal no presente é "levantas", enquanto que a forma para o imperativo é "levanta". Assim, ao trocar o pronome "se" por "te", teríamos o termo "levanta-te", que estaria no imperativo. Além disso, a forma verbal "bebe" corresponde tanto ao presente do indicativo para a 3ª pessoa do singular, quanto ao imperativo para a 2ª pessoa do singular. Mudando para o pronome "te" e, portanto, para a 2ª pessoa, esse verbo passaria a estar também na 2ª pessoa do imperativo, mantendo a coesão verbal.

8. C

O verbo irregular "ir", flexionado na primeira pessoa "vou", indica ideia de ação habitual do eu lírico, ou seja, que é realizada com certa frequência. Já o verbo regular "existir" no poema expressa um estado contínuo, que perdura ao tempo.

9. A

Analisando os verbos das tirinhas:

"Pode" – verbo auxiliar de entrar, 3ª pessoa do singular, presente do indicativo;

"Entrar" – infinitivo (ar) pessoal (pessoal porque o auxiliar está indicando a pessoa);

"Sou" – 1ª pessoa do singular, presente do indicativo;

"Marca" – 3ª pessoa do singular, presente do indicativo;

"Pode" – verbo auxiliar dever, 3ª pessoa do singular, presente do indicativo;

"Ver" – infinitivo (er) pessoal (pessoal porque o auxiliar esta indicando a pessoa);

"Estou" – 1ª pessoa do singular, presente do indicativo.

"Entrar" e "ver" estão no infinitivo.

10. A

O uso do verbo no pretérito perfeito do indicativo ("foi") serve, comumente, para revelar uma ação ocorrida num momento determinado do passado, diferente do pretérito imperfeito ("era"), que indica uma

ação ocorrida durante certo período de tempo. Assim, enquanto o pretérito perfeito pode representar “um estado de coisas que durava”, o “pretérito perfeito” indica uma “mudança sem retorno”, algo pontual.

11. E

Mutação: ato ou efeito de mudar(-se); alteração, modificação. Mutação é o nome dado para o efeito ou ação de mudar, alterar ou transformar algo; uma metamorfose ou evolução.

Mudança: uma mudança ou transformação pressupõe uma alteração de um estado, modelo ou situação anterior, para um estado, modelo ou situação futuros, Mudar de ponto de vista, como diz o texto, alteração para um estado futuro. O correto seria: “uma possibilidade de mudança”.

12. E

Verbos que não admitem ser auxiliares na locução: deixar, mandar, fazer, sentir, ouvir e ver.

Já os verbos causativos (mandar, fazer, deixar) e sensitivos (ver, ouvir, sentir) não formam locução verbal.

13. D

Em negrito os verbos em pretérito perfeito e sublinhados, os verbos em pretérito imperfeito.

“estavam almoçando quando a porta se **abriu**, Pietro! Era um ingrato, era tudo o que você quiser, mas **era** filho. **Foi** uma festa. Tanto tempo, como é que viera sem avisar! Como estava grande! Pois fazem seis anos já!”

14. A

Os verbos “saber” e “poder” são irregulares porque sofrem alterações em seu radical quando conjugados, a começar pelo presente do indicativo.

15. B

A forma verbal “anseia” está flexionada 3ª pessoa do singular do presente do indicativo. Contudo, trata-se de uma forma verbal irregular, o que faz que haja alternância do som vocálico de “-i-” para “-e-”, que, apesar de ser a flexão correta, gera estranheza, assim como ocorre com “intermedeia”.

16. C

Voz Passiva analítica: contém, pelo menos, um verbo auxiliar junto com um verbo principal no particípio.

Voz passiva sintética ou pronominal: contém verbo juntamente com partícula apassivadora (se).

Na alternativa “C” a partícula “se” é utilizada como conjunção e não como partícula apassivadora do sujeito.

17. D

Para muitos linguistas e estudiosos, recomenda-se o uso das formas regulares dos verbos com “ter” e “haver”, e as formas irregulares com

“ser” e “estar”. Assim, as proposições não estão totalmente de acordo com a norma culta.

Estudo para o Enem

18. C

Segundo Mario Eduardo Viaro, a extinção de algumas palavras surge por dois motivos: imposições de regras ditadas pela gramática normativa e associação do termo a grupos sociais onde há pouca escolaridade ou refinamento cultural. Assim, é correta a opção [C], pois infere-se que o autor considera que o abandono de determinados vocábulos está associado a preconceitos socioculturais.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. B

Verbos regulares são verbos que se encaixam em modelos fixos de conjugação verbal, não provocando alterações nos radicais e nas terminações quando conjugados. Neste caso, o verbo “abre” está conjugado na 2ª pessoa do singular (tu abre...) do imperativo (indicando uma ordem).

A flexão no modo subjuntivo indica uma ação cuja possibilidade é incerta e duvidosa, como no caso de “chegarem”, conjugado no tempo futuro.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. D

No discurso direto, o verbo “entrasse” (pretérito imperfeito do subjuntivo) e a locução verbal “tinha visto” (pretérito mais que perfeito composto do indicativo) seriam substituídos pelo imperativo afirmativo (“entre”) e pretérito perfeito do indicativo (“viu”).

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

11 A FORMAÇÃO DOS TEMPOS VERBAIS E ADVÉRBIOS

Comentários sobre o módulo

A formação dos tempos verbais possui enorme relevância na construção de enunciados escritos com clareza, objetividade e precisão. Compreender a correlação entre os tempos verbais nos permite assimilar a harmonia e a coerência que se dá entre as formas verbais expressas numa frase, numa sequência de frases e, conseqüentemente, num período propriamente dito.

O uso dos advérbios e locuções adverbiais é amplamente enraizado na nossa linguagem falada e escrita. Assim, ao estudarmos essa classe de palavras, nos damos conta da imensa importância de compreender as regras que norteiam sua classificação e emprego, de acordo com a norma culta.

Para ir além

CAMPOS, Odette Gertrudes Luiza Altmann de Souza Campos; GALEMBECK, Paulo de Tarso. Tempos verbais: uma abordagem funcionalista. *Alfa*, 38: 57-75, 1994. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3956/3631>>.

Acesso em: dez. 2018.

COAN, Márluce; BACK, Angela Cristina Di Palma Back. Identidades aspecto-temporais do pretérito imperfeito do subjuntivo. *Caderno de Estudos Linguísticos*. Campinas, 56(2): 259-272, 2014. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8641478/8995>>.

Acesso em: dez. 2018.

SCHERRE, Maria Marta Pereira et al. Reflexões sobre o imperativo em português. *Alfa*, 23 (especial): 193-241, 2007. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/30511/21106>>.

Acesso em: dez. 2018.

Poema "O gato"

Esse poema de Vinicius de Moraes possui o emprego de advérbios e locuções adverbiais de tempo, como *logo*, *de novo*, *depois* e *súbito*.

Letra da canção "Você só mente"

Nesta composição genial de Noel Rosa, regravada por Flauer, percebemos o jogo de palavras com sufixo "-mente", que é muito característico dos advérbios. Veja se consegue identificar os advérbios empregados nessa música.

BASÍLIO, Margarida. Morfológica e Castilhamente: um Estudo das Construções X-mente no Português do Brasil. *Delta*, 14 (especial): 17-28, 1998. Disponível em:

<www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300003&lng=en&nrm=iso>.

Acesso em: dez. 2018.

BOMFIM, Eneida. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988. (Série Princípios)

CINTRA, Geraldo. -mente: sufixo adverbial?. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, 5: 73-83, 1983. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636627/4346>>.

Acesso em: dez. 2018.

MARTELOTTA, Mário E. T.; SILVA, Edna I. da S. Gramaticalização dos usos do vocábulo "mal". *Revista da ANPOLL*. São Paulo, 3: 165-174, 1997. Disponível em:

<<https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/263/276>>.

Acesso em: dez. 2018.

Exercícios propostos

7. E

Como a correlação verbal é a coerência que deve haver entre as formas verbais empregadas em um período, ocorre entre as formas.

"Registrava" – Pretérito imperfeito do modo indicativo
→ "Voltaria" – Futuro do pretérito do modo indicativo.

8. A

Predominam no texto verbos no pretérito perfeito, "Robert Louis Stevenson saiu de casa e fez a longa caminhada até a praia no momento exato em que o sol se punha.", e imperfeito do indicativo, "Por causa das árvores, da varanda não se avistava o mar, que, duzentos metros abaixo, penetrava as extremidades de dois vales cobertos de mata; [...]".

9. E

Um dos usos previstos do presente do indicativo é o "presente histórico": conjuga-se o verbo no presente, porém sua temporalidade é pretérita, caso apresentado no trecho em questão.

10. A

Desde a infância: locução adverbial de tempo (temporal), pois foi na infância do autor que, segundo ele, conviveu com tais criaturas [...].

11. C

O verbo "abordar" flexionado no pretérito mais-que-perfeito do indicativo é "abordaram". Esse mesmo verbo, quando flexionado no pretérito mais-que-perfeito composto do indicativo assume a forma "tinham abordado", como ocorre na frase apresentada.

12. A

- I. Correta. Apesar de haver relações de anterioridade entre os verbos apresentados (“O menino puxava a sua mão e reclamava da vagareza da menina. Deviam chegar até a baixa noite a Encantado, e o menino sabia que ele era responsável pela menina”), o narrador os emprega no pretérito imperfeito do Indicativo, optando por uma ação durativa que se aproxima do momento presente, da fala.
- II. Correta. No trecho apresentado, as ações no pretérito perfeito do Indicativo (“No caminho a menina pegou uma pedra e atirou-a longe, o mais que pôde”) indicam anterioridade em relação às ações apontadas por verbos no pretérito imperfeito do Indicativo (“O menino puxava a sua mão e reclamava da vagareza da menina. Deviam chegar até a baixa noite a Encantado, e o menino sabia que ele era responsável pela menina”), optando por uma ação durativa que se aproxima do momento da fala.
- III. Correta. Nas duas construções, o verbo “deve” é auxiliar, uma vez que a ideia mais importante é indicada pelo verbo principal (respectivamente “chegar” e “manter”). A conjugação, no entanto, agrega informações essenciais ao enunciado: no primeiro caso, o presente do Indicativo aponta para a certeza do ato de “chegar”; no segundo, o futuro do pretérito do Indicativo aponta para uma possibilidade de “manter a disciplina”.

13. A

As formas verbais destacadas no último período estão conjugadas no Presente do Indicativo, porém indicam ações futuras, mantendo a coerência com as informações apresentadas anteriormente.

14. E

Apenas na alternativa E a palavra “meio” tem valor de advérbio. Nas demais, temos: a) valor de substantivo; b) valor de adjetivo; c) valor de adjetivo; d) valor de substantivo.

15. B

Dentre todas as alternativas, a frase “sem dúvida” é a que melhor substitui, sem mudar o sentido do texto.

Locuções adverbiais de afirmação: por certo, com certeza, sem dúvida.

16. C

Locução adverbial de afirmação: sim, certamente, realmente, decerto, efetivamente, certo, decididamente, deveras e indubitavelmente.

No sentido do texto, a locução “No duro” possui o valor semântico de afirmação/certamente.

17. C

Apenas a afirmação (IV) está incorreta, já que a locução adverbial “de preferência” não indica que a qualidade de vida será melhor para aqueles que viverem mais.

Estudo para o Enem

18. A

A locução destacada é adverbial concessiva, de modo que se marca a relação opositiva entre as orações por meio da coexistência de suas respectivas ideias.

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

19. D

“Às vezes”, neste caso sinônimo de “eventualmente” é um advérbio de tempo, indicando eventualidade; por sua vez, “até mesmo” remete à gradação, indicando que o quesito emocional seria um possível grau afetado pela aposentadoria.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. D

Na descrição, o autor contrapõe passado e presente, indicando como era o trapiche outrora, e como é no momento em que os meninos o habitam. Para isso, faz uso do pretérito imperfeito e do presente do indicativo. Exemplo: “A água passava [pretérito imperfeito do indicativo] por baixo da ponte sob a qual muitas crianças repousam [presente do indicativo] agora”.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

12 PREPOSIÇÃO, INTERJEIÇÃO E CONJUNÇÃO

Comentários sobre o módulo

O uso das preposições está relacionado à nossa competência linguística. Dessa forma, conhecê-las e empregá-las corretamente é, sobretudo, papel decisivo na construção de nossos discursos falados e escritos, dentro da norma culta.

Parte essencial na construção de um texto coerente e coeso, as conjunções estão presentes tanto no texto falado como no escrito. Por meio delas podemos ligar ideias, antes independentes, a um contexto de significado mais amplo e diversificado.

Para ir além

BERGO, Vittorio. Uma interjeição singular. *Confluência*. Rio de Janeiro: 5, 66-69, 1993. Disponível em:

<<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/2956.pdf>>.

Acesso em: dez. 2018.

BORBA, Francisco da Silva. Sintagmas preposicionadas em português. *Alfa*, 24: 49-58, 1980. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3612/3381>>.

Acesso em: dez. 2018.

CAVALIERE, Ricardo. A interjeição à luz da semântica argumentativa. *Confluência*. Rio de Janeiro: 27, 31-48, 2004. Disponível em:

<<http://lp.bibliopolis.info/confluencia/pdf/1092.pdf>>.

Acesso em: dez. 2018.

PERINI-SANTOS, Pedro. Análise cognitiva da preposição de no português do Brasil. *DELTA*, 27(1): 37-62, 2011. Disponível em:

<<https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/19914/14810>>.

Acesso em: dez. 2018.

POGGIO, Rosauta Maria Galvão Fagundes. *Processos de gramaticalização de preposições do latim ao português – uma abordagem funcionalista*. Salvador: EdUFBA, 2002.

A página *Ciberdúvidas*, do Instituto Universitário de Lisboa, disponibiliza tabela de termos admitidos pela norma gramatical da língua portuguesa em que ocorrem contrações recorrentes de preposição; contrações de preposição de uso mais restrito e contrações de preposição não atestadas e não aceitas pela norma. Disponível em:

<<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/contracoes-preposicao-pronomedeterminante-pronome-pronome/27390>>.

Acesso em: dez. 2018.

A canção “Piruetas”, composta por Chico Buarque, que fez parte do filme *Os saltimbancos trapalhões* (1981), possui o emprego de várias interjeições. Confira a letra. Disponível em:

<www.chicobuarque.com.br/letras/piruetas_81.htm>.

Acesso em: dez. 2018.

Confira a explicação de Thais Nicoleti sobre o uso do “porque” como conjunção, diferenciando-o dos outros “porquês”. Disponível em:

<http://lciacorreaa.blogspot.com/2012/02/curiosidade_17.html>

Acesso em: dez. 2018.

Confira o trabalho poético com as conjunções adversativas presentes na canção “Morre-se assim”, interpretada por Caetano Veloso e Jorge Mautner.

CAMACHO, Roberto Gomes; PEZATTI, Erotilde Goireti. Repetição e coordenação. *DELTA*, 14 (especial): 77-96, 1998. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300007&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>

Acesso em: dez. 2018.

_____. Usos discursivos da conjunção aditiva. *Estudos Linguísticos* (XXVI anais de seminários do GEL). Campinas, 26: 246-253, 1997. Disponível em:

<www.gel.org.br/arquivo/anais/1308834060_39.camacho_roberto2.pdf>.

Acesso em: dez. 2018.

GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e argumentação*. Campinas: Pontes, 1987.

NEVES, Maria Helena de M. O coordenador interfrasal mas: invariância e variantes. *Alfa*, 28: 21-42, 1984. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3665/3434>>.

Acesso em: dez. 2018.

OLIVEIRA, Helênio F. Os conectores da disjunção. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, 28: 45-58, 1995. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636694/4413>>.

Acesso em: dez. 2018.

URBANO, Hudinilson. O seu trabalho está bom, mas.... *DELTA*, 14 (especial), 267-276, 1998. Disponível em:

<www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300018&lng=en&nrm=iso>.

Acesso em: dez. 2018.

VOGT, Carlos. Indicações para uma análise semântica argumental das conjunções porque, pois e já que. *Alfa*, 22-23: 139-155, 1976-1977. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3590/3359>>.

Acesso em: dez. 2018.

Exercícios propostos

7. E

No contexto, o conectivo “enquanto” estabelece ideia de comparação entre o “bobo” e “esperto”.

8. D

A preposição “com” expressa ideia de presença ou pertencimento. Passear com os amigos equivale a dizer: na companhia dos amigos.

Já a preposição “de” refere-se ao assunto sobre o qual não falaram no passeio. Poderia ser substituído por: “não falamos sobre política”.

9. C

A conjunção do enunciado é classificada como integrante, uma vez que a oração principal é sintaticamente incompleta; seu objeto direto é formado pela oração subordinada substantiva “que as pesquisas nesse sentido devam ser interrompidas”.

10. E

A preposição “com” é empregada no sentido de posse e não de companhia. “Pessoas com deficiência” poderia ser substituído por “pessoas que possuem deficiência”.

11. B

A conjunção “e” apresenta noção de adição.

12. C

Para saber se uma preposição tem valor de finalidade, você pode substituí-la por “a fim de”, “com a finalidade de”. Tal como no exemplo que segue: O otimista encontra nele os elementos a fim de alavancar o futuro.

O otimista encontra nele os elementos com a finalidade de alavancar o futuro.

13. A

Ocorre a preposição essencial “de” em “É um estrondo de trovões ameaçadores!”.

14. A

Sendo originalmente um advérbio, a palavra “diante” forma locução prepositiva com a preposição “de”, regendo no trecho a estrutura “... os primeiros choques de realidade”. Ao ser substituída pela palavra sinônima “perante”, sendo esta já uma preposição, pode simplesmente ser justaposta à estrutura “... os primeiros choques de realidade”, ocorrendo, assim, substituição de “dos” por “os”.

15. A

O trecho destacado, iniciado pela conjunção subordinativa “se”, estabelece relação de condição com o trecho que o sucede.

16. E

Apesar de o uso comum das expressões dar a impressão de que são idênticas, isso não ocorre. Enquanto “trazer à tona” tem sentido de “revelar”, “trazer à baila” indica que algo, não necessariamente oculto, foi posto em discussão.

17. A

“àquela” é formada pela contração da preposição a + o pronome demonstrativo de 3ª pessoa, exionado no plural, “aquelas”. A substituição pode ocorrer sem prejuízo de sentido, uma vez que preposição e pronome não cumprem a mesma função sintática: aquela cumpre a função gramatical de reger o núcleo nominal, enquanto este classifica o núcleo, localizando espacial e temporalmente os elementos a que faz referência.

Estudo para o Enem

18. C

A conjunção “embora” é concessiva, assim, pode ser substituída por outra de mesmo valor semântico, como “ainda que”.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. A

A oração iniciada pela conjunção subordinativa “Como...”, passível de ser substituída por “porque” ou “visto que”, apresenta sentido de causa.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. C

Uma vez que o telegrama foi enviado em 28.09 e levou cinco dias para chegar ao destino, o filho recebeu a mensagem em 02.10. Saliente-se que no mês de setembro há trinta dias.

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

13 FRASE, ORAÇÃO E PERÍODO – TERMOS ESSENCIAIS DA ORAÇÃO

Comentários sobre o módulo

Apresentamos as definições e principais classificações de frase, oração e período, como forma de iniciar a compreensão do aluno sobre as relações sintáticas na oração.

Apresentamos as definições e principais classificações de sujeito e predicado, como forma de favorecer a compreensão do aluno sobre as relações sintáticas na oração.

Para ir além

AZEREDO, José Carlos de. *Iniciação à sintaxe do português*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 38. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

CARONE, Flávia de Barros. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1988. (Série Fundamentos).

CEGALLA, Domingos Paschoal. *Novíssima gramática da língua portuguesa*. 48. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2008.

IGNÁCIO, Sebastião Expedito. A frase portuguesa: uma visão lógico-semântica e sua estruturação sintática. *Alfa*, 30-31: 15-35, 1987. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3775/3490>>.

Acesso em: dez. 2018.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. São Paulo: Ática, 1986.

SAUTCHUK, Inês. *Práticas de morfossintaxe*. Barueri: Manole, 2004.

GALVES, Charlotte. Tópicos, sujeitos, pronomes e concordância no português brasileiro. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, 34: 19-32, 1998. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8637048/4770>>.

Acesso em: dez. 2018.

IGNÁCIO, Sebastião Expedito. A frase portuguesa: uma visão lógico-semântica e sua estruturação sintática. *Alfa*, 30-31: 15-35, 1987. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3775/3490>>.

Acesso em: dez. 2018.

KATO, Mary Aizawa. Tópico e sujeito: duas categorias na sintaxe?. *Caderno de Estudos Linguísticos*, Campinas, 17: 109-131, 1989. Disponível em:

<<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8636803/4524>>.

Acesso em: dez. 2018.

Exercícios propostos

7. A

No primeiro parágrafo, não ocorre verbo, sendo as frases, dessa forma, caracterizadas como

nominais. Mesmo assim, o trecho tem caráter descritivo e até narrativo.

8. A

No período “As criaturas que me serviram durante anos eram bichos”, o verbo “serviram” é parte da oração “As criaturas que me serviram durante anos” e, assim, deve-se fazer a seguinte pergunta para descobrir o sujeito: “Quem me serviu durante anos?”. A resposta será: “As criaturas”.

9. D

Embora o texto seja opinativo, ou seja, marcado pela expressão da opinião do autor, sua estrutura se dá a partir de frases declarativas, que informam ou constata um fato, como, por exemplo, “As redes sociais provocam mudanças de fundo no modo como as nossas relações ocorrem, intervindo significativamente no nosso comportamento social e político”.

10. A

As afirmações I e IV estão corretas. O período que compõe o penúltimo parágrafo (“Ou será que é tão divertido passar dois dias na Ilha de Caras fotografando junto a todos os produtos dos patrocinadores?”) leva o leitor a refletir se, efetivamente, o *glamour* que costuma ser associado à vida de modelos é real e, portanto, promove a valorização do simples e da vida comum.

11. A

Na oração “Sobre coisa nenhuma se põem os filósofos de acordo”, a expressão “os filósofos” é o sujeito, pois é a ele que se refere o verbo: “Quem não se põe de acordo sobre coisa nenhuma?”. Responde-se: “os filósofos” = sujeito. Na oração “A natureza das coisas e dos eventos não nos parece facilmente inteligível”, a expressão em destaque, “A natureza das coisas e dos eventos” também é sujeito, já que, diante da pergunta “Quem não nos parece facilmente inteligível”, responde-se: “A natureza das coisas e dos eventos”.

12. C

Na frase “Na adolescência, queremos ser diferentes da família e iguais aos colegas e amigos de tribo”, o sujeito é oculto ou desinencial, pois, diante da pergunta “Quem quer ser diferente da família na adolescência?”, responde-se: “nós”. Isso porque o verbo está conjugado na 1ª pessoa do singular: “queremos”.

13. B

A pergunta “Valerá a pena um projeto de civilização que deve constituir o desenvolvimento

humano em várias dimensões simultâneas e interativas?” é retórica, pois sua resposta já está dada na estrutura do texto, que argumenta pela importância da unificação dos “desafios econômicos, sociais, políticos, ecológicos, culturais e coparticipativos direcionados por princípios éticos e por razões de sustentabilidade”.

14. A

Na oração “Chovem propagandas de produtos comerciais”, o sujeito é “propagandas de produtos comerciais”, já que o verbo “chover”, nesse caso, não se refere a um fenômeno da natureza, mas à quantidade de “propagandas e produtos comerciais” presentes no mercado.

15. E

As afirmações II, III e IV estão corretas: II) Na oração “O direito à saúde é reconhecido formalmente como um direito humano”, o sujeito é simples: “O direito à saúde”, tendo como núcleo “saúde”; III) No período “Por isso, acredita-se que o respeito e a proteção ao direito à vida e à saúde sejam obrigações morais e legais simples”, o verbo introduz uma oração subordinada substantiva subjetiva: “que o respeito e a proteção ao direito à vida e à saúde sejam obrigações morais e legais simples”. Trata-se de um sujeito oracional. No período “Além disso, é importante lembrar que a efetivação do direito à saúde possui relação íntima com a realização de outros direitos humanos, que abrangem outras dimensões da vida humana”, “que” é pronome relativo e, portanto, refere-se ao termo anterior, que, no caso, é “outros direitos humanos”: “outros direitos humanos abrangem outras dimensões da vida humana”.

16. C

A recorrência da interrogação revela a angústia da personagem perante uma situação embaraçosa, em que não sabe como proceder: “Ou não? Que é que eu faço, Santo Antônio? Deixo a porca lá, ou trago-a para aqui, sob sua proteção?”.

17. No verso 24 (“Aqui se curva o filho respeitoso”), o termo que exerce função de sujeito é “o filho respeitoso”, pois, diante da pergunta “Quem aqui se curva?”, responde-se: “o filho respeitoso”. No verso 29 (“Dos braços de uma cruz pende o mistério”), o sujeito é “o mistério”, já que, diante da pergunta “Quem pende dos braços de uma cruz?”, responde-se: “o mistério”. Nos dois casos, os enunciados estão em ordem inversa, significando que os sujeitos estão pospostos aos respectivos predicados.

Estudo para o Enem

18. E

No fragmento “Supõe-se que fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado”, a forma verbal “fizesse” tem seu sujeito oculto, fazendo referência ao vocábulo *grippe*, que significa agarrar. Caso o fragmento fosse reescrito com o sujeito explícito, teríamos: “Supõe-se que o vocábulo “*grippe*” fizesse referência ao modo violento como o vírus se apossa do organismo infectado”.

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

19. B

A pergunta “Valerá a pena um projeto de civilização que deve constituir o desenvolvimento humano em várias dimensões simultâneas e interativas?” é retórica, pois sua resposta já está dada na estrutura do texto, que argumenta pela importância da unificação dos “desafios econômicos, sociais, políticos, ecológicos, culturais e coparticipativos direcionados por princípios éticos e por razões de sustentabilidade”.

Competência – Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade – Identificar os elementos que concorrem para a progressão temática e para a organização e estruturação de textos de diferentes gêneros e tipos.

20. C

A frase “Seja do tipo que cuida da saúde”, contida no cartaz, é imperativa e, como tal, visa convencer o homem da necessidade de procurar a unidade de saúde para cuidar de si.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

14 TERMOS INTEGRANTES E TERMOS ACESSÓRIOS

Comentários sobre o módulo

Abordamos a transitividade verbal, classificando-se os verbos como significativos (intransitivos, transitivos diretos, transitivos indiretos e transitivos diretos e indiretos) e não significativos (de ligação). Em seguida, apresentam-se os termos integrantes da oração, constituídos pelos complementos verbais (objeto direto e objeto indireto), pelo complemento nominal e pelo agente da passiva, com o objetivo de favorecer a compreensão do aluno sobre as relações sintáticas.

Apresentamos os termos acessórios da oração, constituídos por adjunto adnominal, adjunto adverbial, aposto e vocativo, com o objetivo de promover a compreensão do aluno sobre as relações sintáticas.

Para ir além

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DILLINGER, Mike. Interpretação do objeto direto em português. *Estudos Linguísticos*, 19: 330-337, 1990. Disponível em:

<www.gel.org.br/arquivo/anais/1306261909_47.dillinger_mike.pdf>.

Acesso em: dez. 2018.

DILLINGER, Mike. Interpretação do objeto indireto em português. *Estudos Linguísticos*, 20: 410-417, 1991. Disponível em:

<www.gel.org.br/arquivo/anais/1307031638_60.dillinger_mike.pdf>.

Acesso em: dez. 2018.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

GONÇALVES, Carlos Alexandre V. A dicotomia adjunto/complemento (ad)nominal rediscutida. *Estudos Linguísticos*, 22: 800-807, 1993. Disponível em:

<http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1307972640_22.golcalves_carlos.pdf>.

Acesso em: dez. 2018.

_____. Complemento nominal e adjunto adnominal: uma abordagem gerativo-transformacional. *Estudos Linguísticos*, 20: 800-807, 1991. Disponível em:

<http://www.gel.org.br/arquivo/anais/1307364325_76.goncalves_carlos2.pdf>.

Acesso em: dez. 2018.

MORAES, Lygia C. D. Da conversação à gramática: a natureza do aposto. *Alfa*, 44: 247-260, 2000. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/4208/3803>>.

Acesso em: dez. 2018.

Exercícios propostos

7. C

“Tenda” é objeto direto, pois complementa o verbo “armar” (“armou”), que não exige preposição.

8. D

Na oração “Cheguei, querida”, o termo “querida” é um vocativo, pois indica um chamamento, uma invocação.

9. B

“Da rosa” é objeto indireto, pois complementa o verbo “desistir” (“desisto”), que é transitivo indireto e, portanto, exige preposição.

10. C

No fragmento, “ao estabelecimento de um sem número de tipos e personagens” é complemento nominal, pois complementa o substantivo “enjo”. No período “A vontade de encontrar o irmão aumentava a cada dia”, “de encontrar o irmão” também é complemento nominal, uma vez que complementa o substantivo “vontade”.

11. A

No trecho “Mas, meu senhor, veja que ir por terra com esse magote de meninos é uma morte!”, “meu senhor” é vocativo, pois indica um chamamento, uma invocação.

12. B

No quadrinho, a personagem afirma “Pai, não tô achando a entrada USB...”, ou seja, usa a voz ativa. Passando para a voz passiva, tem-se “A entrada USB não é encontrada pelo menino”. Logo, a alternativa que melhor corresponde a tal transposição é “O carinho foi analisado atentamente pelo garoto, mas o menino não conseguiu encontrar a entrada USB”.

13. A

O verbo “visitar” exige um objeto direto, uma vez que não exige preposição: “visitar o quê?” → “as instalações”.

14. A

Na fala “Este ano prometo ser mais tolerante com as pessoas”, “Este ano” é um adjunto ad-

verbal de tempo, pois indica uma circunstância de tempo. O verbo na 1ª pessoa do singular – “prometo” – indica que sujeito é oculto ou elíptico: “eu”.

15. A

“Num átimo” indica uma circunstância de tempo, “de todo” revela a intensidade do “cessar”; “à vontade, calma e decididamente” apresentam o modo como “ele entrou a falar”. Assim, tem-se, respectivamente, adjuntos adverbiais de: tempo – intensidade – modo – modo – modo.

16. Além dos mencionados no enunciado, dois outros termos que indicam circunstância temporal, reforçando o caráter narrativo do poema são: “então” e “depois”; uma vez que são circunstâncias ligadas a verbos de ação (“levantei”, “deitei”). Outros indicadores de tempo (como “já”, “da noite”) não estão ligados à ação narrativa, mas à descrição.

17. C

Em “pseudoeducação que não conduz ao entendimento do mundo”, o conectivo “do” introduz o complemento nominal “do mundo”, que complementa o substantivo “entendimento”.

Estudo para o Enem

18. D

A oração “Os habitantes desta terra já tiraram todos os poderes do rei” está na voz ativa. Passando-a para a voz passiva, tem-se “Todos os poderes do rei foram tirados pelos habitantes desta terra”: o sujeito passa a ser o agente da passiva (“os habitantes desta terra” → “pelos habitantes desta terra”) e o verbo, conjugado no pretérito perfeito, continua em tal tempo (“tiraram” → “foram tirados”).

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. A

Em “É fácil dizer que uma pessoa que bebe muito”, “muito” é um adjunto adverbial, pois indica o quanto a pessoa bebe. De igual modo, no trecho “Quando, exatamente em que ponto é que o rosa se transforma em vermelho”, “exatamente” é um adjunto adverbial, pois indica o ponto específico em que o rosa se transforma em vermelho.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. C

A assertiva I está correta, pois “esses elementos”; no 2º parágrafo, retomam os termos “língua, religião e alta cultura”; como comprova o seguinte trecho: “Língua, religião e alta cultura são os únicos componentes de uma nação que podem sobreviver quando ela chega ao término da sua duração histórica. [...] Por isso, esses elementos, os mais distantes de todo interesse econômico, são as únicas garantias do êxito no campo material e prático”. A assertiva III também está correta, pois “pavlovianamente”; no 8º parágrafo, é um termo utilizado pelo autor para se referir a Pavlov, psicólogo russo, sendo sintaticamente classificado como adjunto adverbial de modo, já que indica como Pavlov pensava.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

15 ORAÇÕES COORDENADAS E ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS

Comentários sobre o módulo

Apresentamos o período composto por coordenação, que pode ser composto de orações coordenadas sindéticas e assindéticas, conforme haja ou não conjunção. Em seguida, foi dada a classificação das orações coordenadas sindéticas, que podem ser aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas ou explicativas. Objetiva-se que o aluno consiga reconhecer os valores das conjunções em diferentes contextos para que, com isso, possa realizar a adequada interpretação textual.

Foi abordado o período composto por subordinação, especialmente as orações subordinadas substantivas, que, ligadas por uma conjunção integrante, podem ser subjetivas, objetivas diretas, objetivas indiretas, completivas nominais, predicativas e apositivas. Objetiva-se que o aluno consiga reconhecer o valor sintático das orações subordinadas em relação à oração principal, para que, com isso, possa realizar a adequada interpretação textual.

Para ir além

CAMACHO, Roberto Gomes; PEZATTI, Erotilde Goteti. Repetição e coordenação. *DELTA*, 14 (especial): 77-96, 1998. Disponível em:

<www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44501998000300007&lng=en&nrm=iso>.

Acesso em: dez. 2018.

_____. O papel da repetição na coordenada aditiva. *Estudos Linguísticos*, 27: 540-545, 1998. Disponível em:

<www.gel.org.br/arquivo/anais/1308859330_87.camacho_roberto.pdf>.

Acesso em: dez. 2018.

CARONE, Flávia de Barros. *Subordinação e coordenação: confrontos e contrastes*. São Paulo: Ática, 2000.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

Exercícios propostos

7. A

No período “Acredita-se que a banana faz bem à saúde”, “que a banana faz bem à saúde” é uma oração subordinada substantiva subjetiva, pois exerce a função de sujeito da oração principal

(note-se: o verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular acompanhado de “se”). No período “Ofereceram a viagem a quem venceu o concurso”, “a quem venceu o concurso” é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, pois exerce a função de objeto indireto da oração principal (note-se a pergunta ao verbo: “Ofereceram a viagem a quem?” → “a quem venceu o concurso”). No período “Impediram o fiscal de que recebesse a propina combinada”, “de que recebesse a propina combinada” é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, pois exerce a função de objeto indireto da oração principal (note-se a pergunta ao verbo: “Impediram o fiscal de quê?” → “de que recebesse a propina combinada”). No período “Os patrocinadores tinham a convicção de que os lucros seriam compensadores”, “de que os lucros seriam compensadores” é uma oração subordinada substantiva completiva nominal, pois exerce a função de complemento nominal da oração principal (note-se a pergunta ao substantivo: “Os patrocinadores tinham a convicção de quê?” → “de que os lucros seriam compensadores”).

8. C

As locuções conjuntivas “não só” e “como também” têm valor aditivo, pois acrescentam informações. São exemplos de conjunções aditivas: “e”, “mas também”, “bem como”.

9. B

A oração “que esperamos algum sinal” é subordinada substantiva subjetiva, pois exerce a função de sujeito da oração principal, que é “Às vezes parece”. Note-se que o verbo da oração principal está na 3ª pessoa do singular, o que facilita a identificação da oração subordinada substantiva subjetiva.

10. B

No período “Nunca houve tanta gente acima do peso – nem tanto preconceito contra gordos”, a conjunção “nem” indica acréscimo a algo expresso anteriormente e introduz uma oração coordenada sindética aditiva. É de se notar que há uma elipse do verbo “haver” (“houve”).

11. D

No parágrafo, a conjunção “e” foi utilizada duas vezes, dando a ideia, respectivamente, de adição e adversidade: “Pelo contrário, quanto mais dividida, mais ela aumenta. E (= mas também, como também, bem como) há mais vantagens na amizade: é uma das poucas coisas que não custam nada E (= mas, porém, contudo, todavia,

entretanto, no entanto) valem muito, embora não sejam vendáveis”.

12. A

A oração “em que o amo estava nesse dia mais folgazão que nunca” é uma oração subordinada substantiva objetiva indireta, pois exerce a função de objeto indireto da oração principal, que é “O próprio criado reparou”. Note-se a pergunta ao verbo: “O próprio criado reparou em quê?” → “que o amo estava nesse dia mais folgazão que nunca”.

13. A

Na verdade, a oração “de que existe vida inteligente” é subordinada substantiva completiva nominal, pois exerce a função de complemento nominal da oração principal, que é “Às vezes eu acho que o sinal mais evidente”. Note-se a pergunta ao substantivo “sinal”: “Às vezes eu acho [...] o sinal mais evidente de quê?” → “de que existe vida inteligente em algum lugar do universo”.

14. A

O argumento predominante é o mesmo em “Lauro Maia era um excelente compositor, mas era indisciplinado” e “Embora fosse um excelente compositor, Lauro Maia era indisciplinado”. Em ambos os períodos, verifica-se que, primeiro, foi ressaltado o aspecto positivo (o fato de ser “um excelente compositor”) e somente depois o aspecto negativo (o fato de ser “indisciplinado”).

15. C

A oração “que muita gente consiga ser indiferente” é subordinada substantiva subjetiva, pois exerce a função de sujeito da oração principal, que é “É possível”. Note-se que há um verbo de ligação no início da oração principal, o que facilita a identificação da oração subordinada substantiva subjetiva.

16. D

Quando o período é composto de coordenação, como “é uma lira, mas sem cordas”, verifica-se um defeito em relação à afirmação de que “é uma lira”. Se esse mesmo período fosse simples – “é uma lira sem cordas”, não há como estabelecer valores, ou seja, é impossível detectar que o fato de não ter cordas é uma depreciação à lira.

17. “Está errado, mas tem de ser assim”, há um período composto por coordenação, em que a segunda oração exprime um fato que se opõe ao que se declara na oração coordenada anterior, estabelecendo um sentido contrastante.

Estudo para o Enem

18. A

A oração “mas uma mãe é uma mãe” orienta a quebra da expectativa ao final, já que introduz um argumento para que o garoto permaneça sem fazer nada.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. E

A oração “que o camelo parecia seu chefe” é subordinada substantiva objetiva direta, pois exerce a função de objeto da oração principal, que é “um disse” (note-se a pergunta ao verbo: “um disse o quê?” → “que o camelo parecia seu chefe”). De igual modo, “que faltavam fotografias” é uma oração subordinada substantiva objetiva direta, pois exerce a função de objeto direto da oração principal, que é “O encarregado descobriu” (note-se a pergunta ao verbo: “O encarregado descobriu o quê?” → “que faltavam fotografias”).

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. E

A oração “que sejamos sábios” introduz um complemento direto, sendo classificada como subordinada substantiva objetiva direta, pois exerce a função de objeto direto da oração principal, que é “A ‘reverência pela vida’ exige” (note-se a pergunta ao verbo: “A ‘reverência pela vida’ exige o quê?” → “que sejamos sábios”).

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

16 ORAÇÕES SUBORDINADAS ADJETIVAS E ORAÇÕES SUBORDINADAS ADVERBIAIS

Comentários sobre o módulo

Foi abordado o período composto por subordinação, especialmente as orações subordinadas adjetivas, que, ligadas por um pronome relativo, podem ser explicativas ou restritivas. Objetiva-se que o aluno consiga reconhecer o valor sintático das orações subordinadas em relação à oração principal, para que, com isso, possa realizar a adequada interpretação textual.

Foi abordado o período composto por subordinação, especialmente as orações subordinadas adverbiais, que podem ser causais, comparativas, concessivas, condicionais, conformativas, consecutivas, finais proporcionais e temporais. Objetiva-se que o aluno consiga reconhecer o valor sintático das orações subordinadas em relação à oração principal, para que, com isso, possa realizar a adequada interpretação textual.

Para ir além

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

KATO, Mary. Orações relativas: variação universal e variação individual no português. *Estudos Linguísticos*: 5, 1-16, 1981. Disponível em:

<www.gel.org.br/arquivo/anais/1304359241_1.kato_mary.pdf>.

Acesso em: dez. 2018.

LONGO, Beatriz Nunes de Oliveira. Orações relativas no português. *Estudos Linguísticos*: 23(2), 876-880, 1994. Disponível em:

<www.gel.org.br/arquivo/anais/1304359241_1.kato_mary.pdf>.

Acesso em: dez. 2018.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2002.

MORAIS, Clóvis B. de. *Alguns tipos de orações subordinadas adverbiais*. Alfa, 18-19: 157-232, 1972-1973. Disponível em:

<<https://periodicos.fclar.unesp.br/alfa/article/view/3513/3286>>.

Acesso em: dez. 2018.

Exercícios propostos

7. C

A oração “que nos Estados Unidos custa 54 mil reais” é subordinada adjetiva explicativa, pois há um

pronome relativo (“que” = “o qual” → “Dodge Durango SUV”), está separada por vírgula e, portanto, indica uma explicação.

8. D

Nas duas ocorrências, “para” indica finalidade: 1) o objetivo de Santo Agostinho pregar é o encarecimento da fealdade do escândalo; 2) o objetivo de eu pregar aos peixes é mostrar a feiura e a abominação do homem. Nos dois casos, “para” pode ser substituído, sem alteração de sentido, por “a fim de”.

9. B

A oração “que definirá os gastos dos municípios e Estados com os serviços de saúde” faz parte do período “A regulamentação da emenda constitucional 29 (EC29), que definirá os gastos dos municípios e Estados com os serviços de saúde, trouxe à tona um fantasma do brasileiro, o retorno da CPMF (ainda que com outra sigla), e um debate sobre o financiamento do setor”. Trata-se de uma oração subordinada adjetiva explicativa, pois há um pronome relativo (“que” = “a qual” → “a regulamentação da emenda constitucional 29 (EC29)”), está separada por vírgula e, portanto, indica uma explicação do propósito da emenda.

10. D

A oração “para que menos florestas sejam queimadas” é subordinada adverbial final, pois exprime a finalidade ou o objetivo do ato de acender uma vela. A locução conjuntiva “para que” pode ser substituída, sem alteração de sentido, por “a fim de que”.

11. C

A oração “de quem não tem pressa” é subordinada adjetiva restritiva, pois “quem” é pronome relativo (“de quem” = “daquele que” = “daquele o qual”) e não há separação por vírgula.

12. C

A oração “que podem ajudar no combate ao aquecimento global”, presente no período “Um grupo de cientistas da Universidade de Columbia, nos Estados Unidos, anunciou ter criado árvores artificiais que podem ajudar no combate ao aquecimento global, já que absorvem CO₂ da atmosfera quase mil vezes mais rapidamente do que árvores de verdade”, é subordinada adjetiva restritiva, pois há um pronome relativo (“que” = “as quais” → “árvores artificiais”), não estando separada por vírgula.

13. D

No período “Paulinho conta que cresceu comendo o trivial”, a oração “que cresceu comendo o trivial” é subordinada substantiva objetiva direta, ou seja, exerce a função de objeto direto da oração principal. Não indica, pois, consequência.

14. A

A oração “que não se reconhece” é subordinada adjetiva restritiva, pois há um pronome relativo (“que” = “o qual” → “racismo”), não estando separada por vírgula. A oração “de que caricaturar carinhosamente” é subordinada substantiva completiva nominal, pois, além de haver conjunção integrante (“que”), complementa o sentido do substantivo “ideia”.

15. B

No período “Anteontem, cerca de 21 horas, na rua Arlinda, no Méier, o sapateiro Augusto Ramos, de 28 anos, casado com a senhora Deolinda Brito Ramos, 23 anos de idade, aproveitou-se de um momento em que sua consorte erguia os braços para segurar uma lâmpada para abraçá-la alegremente, dando-lhe beijos na garganta e na face, culminando em um beijo na orelha esquerda”, “para segurar uma lâmpada” é uma oração subordinada adverbial final, pois indica a finalidade de a senhora Deolinda Brito erguer os braços. No período “Se um repórter redigir essa notícia e a levar a um secretário de redação, será chamado de louço”, a oração “se um repórter redigir essa notícia” é subordinada adverbial condicional, pois exprime a condição para a realização ou não do acontecimento da oração principal (“se” = “caso”, desde que”).

16. E

Com base no fragmento, pode-se afirmar que: I - “nem todas as células produzem novos galhos”, o que se confirma com a oração subordinada adjetiva restritiva “que dão origem a novos galhos”; II - “algumas gemas se localizam nas extremidades dos galhos”, o que se confirma com a oração subordinada adjetiva restritiva “que ficam nas extremidades dos galhos”; III - “todas as gemas internas nascem em outros pontos do galho”, o que se confirma com a oração subordinada adjetiva explicativa “que nascem em outros locais”.

17. B

A oração “Ao tentarmos discutir a questão dos direitos do cidadão” tem o mesmo sentido de “Quando tentamos discutir a questão dos direitos do cidadão” ou ainda “Sempre que tentamos discutir a questão dos direitos do cidadão”. Trata-se, pois, de uma oração subordinada adverbial temporal, exprimindo uma circunstância de tempo em relação à oração principal.

Estudo para o Enem

18. C

No período “Acontecendo de o cientista provocar um dano em um local específico no cérebro, o rato deixa de fazer essa vocalização e a brincadeira vira briga séria”, a oração “acontecendo de o cientista provocar um dano em um local específico no cérebro” estabelece uma relação de condição com a oração seguinte, podendo ser reescrita de várias formas, como, por exemplo, “se acontecer de o cientista provocar um dano em um local específico no cérebro”. “Se”, nesse caso, tem valor equivalente a “caso”, “uma vez que”.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

19. B

A oração “que conseguiu entender a função de diversos nutrientes” faz parte do período “É claro que essa especialização da ciência, que conseguiu entender a função de diversos nutrientes, trouxe muitos ganhos à humanidade”. Trata-se de uma oração subordinada adjetiva explicativa, pois “que” é pronome relativo (“que” = “a qual” → “especialização da ciência”) e a oração está separada por vírgulas.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

20. D

A expressão “apesar de todas as acusações” estabelece uma relação de concessão com a oração com que está ligada, tendo valor equivalente a “embora”, “ainda que”, “mesmo que”, por exemplo.

Competência – Compreender e usar a língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade.

Habilidade – Reconhecer os usos da norma padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

RESPOSTAS E COMENTÁRIOS

LITERATURA

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



APRESENTAÇÃO

LITERATURA

As mudanças nos principais processos de seleção e no Enem têm mostrado que a preparação para o ingresso na universidade exige muito mais do que um bom material didático. Além de dominar competências trabalhadas no ensino médio, os alunos precisam conhecer a diversidade de contextos sociais, tecnológicos, ambientais e políticos. Desenvolver habilidades para obter autonomia e entender criticamente a realidade e os acontecimentos que os cercam são critérios básicos para o prosseguimento do estudo em nível superior. Os exames seletivos de muitas universidades do país avaliam também a associação entre competências e habilidades de diferentes áreas de conhecimento, a fim de confirmar se os candidatos as desenvolveram. Por isso, os estudantes que concluíram ou que estão em vias de concluir o ensino médio devem ser capazes de dominar linguagens, construir argumentações e elaborar respostas aos diversos questionamentos.

De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (DCNEM), orientadoras das avaliações do Enem, o encaminhamento pedagógico e metodológico para esse segmento deve envolver temáticas diversas, por meio do diálogo entre os conteúdos dos diferentes componentes curriculares de uma ou mais áreas do conhecimento, com propostas curriculares que contemplem as dimensões do trabalho, da ciência, da tecnologia e da cultura como eixos integradores entre os conhecimentos de distintas naturezas; o trabalho como princípio educativo; a pesquisa como princípio pedagógico; os direitos humanos como princípio norteador; a sustentabilidade socioambiental como meta universal.

Pensando nisso, foi elaborada esta coleção integrada para pré-vestibular extensivo e terceiro, abrangendo as áreas de conhecimento com projeto editorial exclusivo e adequado às recentes mudanças. O material contempla assim todos os conteúdos exigidos nos concursos vestibulares de todo o país e no Enem, enriquecidos com variada coletânea de questões, quadro de respostas e roteiro de aula integrado a cada módulo, com indicação das respectivas competências e habilidades da Matriz de Referência do Enem. Com propostas metodológicas de ensino voltadas à preparação dos alunos para o ingresso no ensino superior, a coleção abrange todos os conteúdos do ensino médio, organizados e estruturados em módulos, com desenvolvimento teórico associado a exemplos e exercícios que facilitam a aprendizagem. Os alunos também se deparam com organização e sistematização teóricas seguidas de exercícios em níveis gradativos de dificuldade, o que facilita a fixação dos conceitos e o desenvolvimento de habilidades específicas associadas ao conteúdo trabalhado. Como apoio ao professor, em cada módulo as questões do material estão resolvidas e além de sugestões de leitura e de outros recursos de aprofundamento dos conteúdos.

CONTEÚDO

LITERATURA

Volume	Módulo	Conteúdo
1	1	Linguagem artística, literatura, gêneros literários e não literários
	2	Trovadorismo e Humanismo
	3	Classicismo e Quinhentismo
	4	Barroco e arcadismo
	5	Romantismo em Portugal e Primeiro Romantismo no Brasil
	6	Segundo e Terceiro Romantismo no Brasil
	7	Romance romântico e Realismo em Portugal
	8	Realismo no Brasil e Naturalismo

Comentários sobre o módulo

Definir e conceituar o que é arte é um tanto quanto subjetivo, por isso é necessário que a exposição das teorias e definições venham sempre com exemplos e discussão em sala de aula. A partir do momento que o aluno compreende o que é arte, para definir e analisar o conceito de literatura o sentido passa a ser mais completo. Trabalhar com a linguagem conotativa e analisar os diversos significados de um texto literário ilustra de forma mais objetiva o que é bastante subjetivo.

Ainda nesse módulo são apresentados dois grandes modos de estudar a literatura: a atenção na análise e interpretação do texto literário em relação ao contexto histórico de produção; o diálogo com outras obras a partir dos elementos intrínsecos da forma textual. Apresenta-se, para isso, um quadro com um panorama das literaturas em língua portuguesa seguida da exposição acerca dos grandes gêneros (épico, lírico e dramático) e de gêneros narrativos modernos.

Para ir além

Livros

LAJOLO, Marisa. *Literatura – ontem, hoje, amanhã*. São Paulo: Editora UNESP, 2018.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2014.

GOTLIB, Nádia Battella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 2006.

LODGE, David. *A arte da ficção*. Porto Alegre: L&PM, 2010

Filmes

Com Amor, Van Gogh, de Dorota Kobiela e Hugh Welchman (2017)

Frida, de Julie Taymor (2002)

Lixo extraordinário, de Lucy Walker, João Jardim e Karen Harley (2010)

Nise – o coração da loucura, Roberto Berliner (2015)

Os amores de Picasso, de James Ivory (196)

Pina, de Wim Wenders (2011)

The square – a arte da discórdia, de Ruben Östlund (2017)

Sites

<http://www.mac.usp.br/mac/> (Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo)

<https://masp.org.br/> (Museu de Arte de São Paulo)

<http://mam.org.br/> (Museu de Arte Moderna de São Paulo)

<http://pinacoteca.org.br/> (Pinacoteca de São Paulo)

<https://www.louvre.fr/> (Musée du Louvre)

<https://www.moma.org/> (The Museum of Modern Art)

Exercícios propostos

7. A

A instalação *Dengo*, do artista plástico Ernesto Neto, permite a interação da obra com o público, como mostra na fotografia, em que há pessoas se movimentando entre as peças constituintes da instalação.

8. Não. O termo “retórica” foi inserido em um contexto de vocábulos pejorativos, como “verbiagem”; “oca”; “inútil”; “vã”. Portanto, não seguiria o sentido aplicado pelo Houaiss. Neste texto, a palavra assume o significado de discurso com acessórios inúteis, afetado e com conteúdo vazio.

9. D

Férrez declara no início do texto que ocorreu uma mudança no instrumento de resistência contra a opressão das minorias diante do opressor. Antes era a capoeira, embate que utiliza o corpo, que foi substituída pela literatura marginal, embate que utiliza a palavra. E, por meio dos textos literários, as minorias sociais mostram a sua voz e o universo cultural a que pertencem.

10. D

Para o autor, a presença da cultura *hip-hop* no Brasil caracteriza-se como uma forma de afirmação de identidade dos jovens que a praticam. Para tanto, o autor apresenta argumentos como a formação de equipes de som que promoviam bailes, em que foi sendo disseminado o estilo que passou a valorizar a cultura negra, que passou a se afirmar em elementos como música, roupa e penteados.

11. B

As palavras “ontem”; “hoje e “amanhã” são marcações temporais, em que o autor explora o fato de que, para serem compreendidas devidamente, dependem da compreensão dos interlocutores no ato da conversa, pois elas podem ser relativizadas.

12. D

O Manifesto Antropófago propunha “devorar” a cultura e as técnicas importadas e fomentar sua reelaboração com autonomia, a fim de transformar o produto importado em exportável.

13. C

Nota-se reflexão sobre questões existenciais em “Tudo no mundo começou com um sim.”; e sobre construção do discurso em “Só não inicio pelo fim que justificaria o começo”, por exemplo.

14. A

Na tirinha acima, podemos observar visões de mundo diferentes, vinculadas ao conhecimento de cada um – o garoto amplia a visão ao ler, e o adulto vê apenas com os olhos.

15. E

Por meio da função emotiva o autor recorre ao caráter pessoal do texto para transmitir emoções e sentimentos, o que pode ser verificado no verso “muito para mim”. A função emotiva tem o objetivo de emocionar e está centrada no emissor.

16. D

O autor sugere, ironicamente, que os livros serão apenas objetos de decoração.

17. C

O trecho “Onde estava a doçura desta gente? [...] inúmeros? Outra decepção” exemplifica esses ideais e a frustração do personagem.

Estudo para o Enem

18. D

O eu lírico do poema identifica-se ao perceber a diversidade à sua volta, diferentemente da referência presente no título - o Narciso mitológico. Essa identificação ocorre por meio da empatia que potencializa a percepção de si.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional.

19. A

O poema “Receita” de José Saramago se utiliza de técnicas do gênero não literário em sua composição, portanto lança mão de procedimentos prescritivos como se estivesse a elaborar uma receita.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

20. E

A resenha caracteriza-se pelo caráter de opinião textual. No excerto, o autor elabora parecer sobre o Festival de Música a partir do livro *Uma Noite em 67*, de Renato Terra e Ricardo Calil.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

Comentários sobre o módulo

O módulo inicia os estudos sobre a história das literaturas em língua portuguesa com as matrizes medievais da lírica e da narrativa portuguesa cujos expedientes serão amplamente atualizados nos séculos posteriores. Espera-se que, ao fim das aulas dedicadas ao tema, o aluno possa identificar a partir de vocabulário e expedientes poéticos específicos as diferentes espécies das cantigas galego-portuguesas, além de reconhecer os agentes do seu contexto de produção; e que identifique em Amadis de Gaula o exemplo português de novela de cavalaria medieval.

Retratando o período inicial da Idade Moderna, este módulo tem como objetivo introduzir o aluno no estudo dos registros históricos portugueses com exemplo do primeiro cronista Fernão Lopes. Após considerar o início do aumento da produção escrita em Portugal com o que se convencional chamar “prosa doutrinária”, dois gêneros cionais são estudados: a poesia produzida nas cortes e a dramaturgia de Gil Vicente, pai do teatro português.

Para ir além

Livros

CAPELÃO, André. *Tratado do amor cortês*. Tradução de Ivone Benedetti Castilho. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

ECO, Umberto. *O nome da rosa*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro: Record, 2009.

LE GOFF, Jacques. *A Idade Média explicada aos meus filhos*. Tradução de Hortencia Lencastre. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

ALIGHIERI, Dante. *A divina comédia*. Tradução Italo Eugenio Mauro. São Paulo: Editora 34, 2016.

BERARDINELLI, Cleonice. *Gil Vicente – autos*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2012

Filmes

Excalibur, de John Boorman (1981).

Lancelot – O primeiro cavaleiro, de Jerry Zucker (1995).

O nome da rosa, Jean-Jacques Annaud (1986).

Tristão e Isolda, de Kevin Reynolds (2006).

Sites

<http://www.leme-medieval.com.br/> (Laboratório de Estudos Medievais)

<http://cantigas.fcsh.unl.pt/index.asp> (Base de dados “Cantigas Medievais Galego Portuguesas” do Projeto Littera da Universidade Nova de Lisboa)

Exercícios propostos

7. A

Trata-se de cantiga satírica em que trovador critica alguém por meio de palavras de duplo sentido, ironia, trocadilhos.

8. B

Entre os recursos formais mais utilizados pelos trovadores encontra-se o paralelismo, que consiste em verso repetido com alguma alteração de palavras visando expressar uma mesma ideia, de modo a criar uma estrutura musical mais acessível ao leitor ou ouvinte.

9. C

De modo geral nas cantigas de amigo, o eu lírico feminino lamenta a saudade pela ausência do amigo.

10. D

O eu lírico masculino emprega a vassalagem amorosa, exprimindo o sofrimento pelo amor não correspondido.

11. D

O Trovadorismo corresponde à ligação íntima entre poesia e música, os quais os versos são cantos e acompanhados por instrumentos musicais.

12. A

Gil Vicente se destacou por peças de caráter religioso, além de farsas e comédias.

13. D

Gil Vicente expôs as mazelas populares que conhecia bem, já que também vinha de origem popular. Por meio de comédias e sátiras, abordou hábitos e costumes populares, buscando retratar os personagens pela ocupação ou tipo social.

14. D

Gil Vicente escreveu peças de conteúdo moralista, com base em referências cristãs e na relação do homem com a religião católica.

15. E

A personagem Fidalgo pensa merecer privilégios por *status* social, como se sua salvação estivesse garantida pelo simples fato de ser de origem nobre. Comportamento que reforça sua postura antidemocrática ainda em vida.

16. D

Ao contrário do que é afirmado na alternativa D, o Diabo usa de linguagem coloquial, irônica e jocosa, nada solene.

17. E

O cavalo corresponde ao escudeiro Brás da Mata e o asno a Pero Marques, portanto são personagens diferentes da vida conjugal de Inês Pereira.

Estudo para o Enem

18. C

O amante diviniza a mulher a ponto de estabelecer relação de “senhor” para vassalo, caracterizando o amor cortês, portanto de completa devoção à mulher amada, o que remete às cantigas de amor.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

19. A

Gil Vicente, teatrólogo inserido no Humanismo, ainda mantém forte ligação com os valores medievais, sobretudo os cristãos. Dessa forma, busca a moralização do homem para que este encontre a salvação de sua alma.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando

textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

20. B

Gil Vicente frequentou a corte portuguesa, portanto suas obras de caráter moralista satirizaram os costumes e vícios dos indivíduos da sociedade portuguesa, resguardado, desta forma, as instituições.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO DO
SISTEMA DE ENSINO DOMINUS

3 CLASSICISMO E QUINHENTISMO

Comentários sobre o módulo

Estudo do retorno dos valores racionais nas artes e no pensamento representado pelo Renascimento. Neste módulo, o aluno será iniciado nos estudos camonianos com exemplos tanto da lírica, sobretudo dos sonetos, quanto da produção épica com a síntese das partes e episódios importantes de *Os Lusíadas*.

Contextualiza as primeiras manifestações literárias ocorridas ao longo do primeiro século da colonização portuguesa. Análise de trecho da “carta do descobrimento” de Pero Vaz de Caminha como exemplo do primeiro documento da literatura de informação. Exemplo de poema de temática religiosa de José de Anchieta.

Para ir além

Livros

AMORA, Antônio Soares (org.). *Presença da Literatura Portuguesa – Era Clássica*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2006.

BERARDINELLI, Cleonice. *Estudos camonianos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GÂNDAVO, Pero Magalhães. *História da província Santa Cruz*. São Paulo: Hedra, 2008.

MESGRAVIS, Laima. *História do Brasil colonial*. São Paulo: Contexto, 2015.

Filmes

Giordano Bruno, de Giuliano Montaldo (1973)

Sites

http://purl.pt/index/geral/aut/PT/10642_P1.html
(Obras de Camões digitalizadas pela Biblioteca Nacional de Portugal)

Exercícios propostos

7. D

A resposta pode ser confirmada no trecho “Entretanto, se estes dois poetas [Dante e Petrarca] aprovacionam o seu fazer poético de um caráter platônico indubitável...a mesma certeza não se pode ter em relação ao poeta português”. A poesia camoniana extrapola, portanto, as temáticas platônicas, típicas da mentalidade renascentista.

8. E

O autor defende que Camões estaria à frente de seu tempo por ter “procurado e desenvolvido uma nova filosofia na qual os valores até então inconciliáveis do homem (o corpo e a alma) pudessem, na sua poesia, finalmente se combinar”; afirma, ainda, que Camões não está inserido no pensamento do seu tempo em razão dos “inegociáveis estar e não estar camonianos em sua

época que provocarão as dubiedades semânticas que podemos observar com frequência nas leituras críticas de sua poesia”.

9. C

Apesar da influência Renascentista, Camões antecipou o dualismo barroco – corpo e alma – por meio de uma visão pessoal para representar o amor e outros temas.

10. A

As antíteses entre “vivo ardor” e “tremendo estou de frio”; “choro e rio” e “o mundo todo abarco e nada aperto” evidenciam desconcerto e perplexidade que atormentam o poeta em razão da amada “Se me pergunta alguém por que assim ando,/ respondo que não sei; porém o/ suspeito que só porque vos vi, minha Senhora”.

11. C

A antítese é empregada no verso “para tão longo o amor tão curta a vida”; realizada por meio das palavras “longo” e “curta”.

12. D

Trata-se de versos decassílabos, que pode ser verificado na seguinte escansão:

La	bão,	paí	de	Ra	quel	se	rra	na	be	(la)
1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	

As rimas funcionam em ABBA ABBA CDE CDE, constituída de quartetos e tercetos: servia/bela/ela/pretendia; dia/vê-la/cautela/Lia; enganos/pastora/merecida; anos/fora/vida

Camões realizou poemas em medida nova (10 sílabas, isto é, decassílabos), modalidade em que o poeta atingiu o ponto poético mais alto.

13. A

O fato de Labão enganar Jacob fica explícito nos versos “porém o pai, usando de cautela,/ em lugar de Raquel lhe dava Lia”. Assim como no livro “Gênesis” do texto bíblico, Jacob é ludibriado pelo sogro que lhe entrega a filha primogênita após sete anos de servidão.

14. A

Os primeiros textos produzidos no Brasil tratavam de informações sobre a fauna, a flora e os nativos, escritos por viajantes e missionários.

15. C

O contexto histórico do Quinhentismo é o Brasil do período do descobrimento; reúne textos de portugueses sobre a nova terra e o contato dos jesuítas com os índios.

16. D

Há tênue apego na produção do período de descobrimento do Brasil porque os autores eram portugueses. Com a produção literária de brasileiros, cresce o sentimento de nação.

17. A

As três obras representam, respectivamente, o Quinhentismo, o Barroco e o Arcadismo, presentes no período colonial.

Estudo para o Enem

18. E

Percebe-se no texto o tom amargo e desalentado de Camões, característico do epílogo, como no verso “Cantar a gente surda e endurecida”.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

19. C

Ambas obras registram de forma bastante descritiva os habitantes da terra em processo de colonização, com a especificidade de uma das obras ser uma imagem e a outra ser o texto, mas ambas cumprem a mesma função, apresentar os nativos da região a ser colonizada.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

20. A

Anchieta era teatrólogo, além de padre jesuíta, por isso utilizou de seus conhecimentos para atingir objetivos doutrinários.

Competência: Compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação.

Habilidade: Reconhecer a importância do patrimônio linguístico para a preservação da memória e da identidade nacional.

Comentários sobre o módulo

O estudo das duas maiores figuras da literatura produzida em vernáculo: a prosa exemplar do Padre Antônio Vieira e as múltiplas faces da lírica de Gregório de Matos, que atualiza a tradição da sátira, da lírica amorosa, acrescentando importante repertório de poemas religiosos e elogiosos.

Estudo da produção neoclássica como oposição ao estilo barroco e do contexto de revoluções tanto na Europa quanto no Brasil. Neste módulo, são exploradas diferentes vertentes poéticas que reverberam a tradição das literaturas em língua portuguesa: a sátira de Bocage e de Gonzaga, a lírica deste e de Cláudio Manuel da Costa; assim como as primeiras experiências narrativas da história nacional nos poemas épicos de Basílio da Gama e Santa Rita Durão

Para ir além

Livros

ÁVILA, Affonso. *Barroco – teoria e análise*. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BOSI, Alfredo (org.). *Essencial Padre Antônio Vieira*. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

CALDERÓN DE LA BARCA. *A vida é sonho*. Tradução de Renata Pallottini. São Paulo: Hedra, 2007.

CAMPOS, Haroldo. *O sequestro do Barroco na Formação da Literatura Brasileira – o caso Gregório de Mattos*. São Paulo: Iluminuras, 2000.

CIDADE, Hernâni. *A poesia lírica cultista e conceitualista*. Lisboa: Seara Nova, 1968.

HANSEN, João Adolfo. *A sátira e o engenho*. Cotia/Campinas: Ateliê/Editora da Unicamp, 2004.

MACHADO, Lourival Gomes. *Barroco Mineiro*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

Filmes

Gregório de Mattos, de Ana Carolina (2003)

Palavra e utopia, de Manoel de Oliveira (2000)

Caravaggio, de Derek Jaman (1986)

Os sermões – A história de Antônio Vieira, de Júlio Bressane (1989)

Caramuru: a invenção do Brasil, de Guel Arraes (2001)

O Aleijadinho – Paixão glória e suplício, Geraldo dos Santos Pereira (2000)

Sites

<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa8614/aleijadinho>

Exercícios propostos

7. C

Ao contrário do que afirma a aliterativa C, o Barroco ou Seiscentismo não é uma continuidade dos

valores estéticos renascentistas, mas sim sua subversão, instaurando formas complexas tanto na linguagem rebuscada quanto nas próprias ideias e valores paradoxais.

8. A

Os poemas satíricos de Gregório de Matos não têm caráter impessoal, uma vez que visam, justamente, criticar certos personagens da sociedade brasileira.

9. E

A poesia de Gregório de Matos Guerra, crítica e ferina, busca despertar no leitor a reflexão sobre seus textos.

10. E

O poema satírico trata da decadência de Salvador presentes nos versos, “Rica te vi eu já, tu a mi abundante”; “Pobre te vejo a ti, tu a mi empenhado”

11. C

Os versos “povo néscio, e sandeu” e “Negócio, Ambição, Usura” depreendem a ruína financeira provocado pelo “Negócio”; crítica semelhante está presente no poema Triste Bahia.

12. D

Tomás Antônio Gonzaga, o Dirceu, escreveu diversas poesias líricas dirigidas à sua amada Marília.

13. E

Os versos “Ornemos nossas testas com as flores,/ e façamos de feno um brando leito” descrevem o locus amoenus da natureza, em que o amado se expressa para a amada.

14. E

O texto não estabelece uma visão nostálgica da Europa, pelo contrário coloca um autor preocupado com a realidade de seu povo e sua terra, presente na passagem “Turva e feia, a corrente destes ribeiros, primeiro que arrebate as ideias de um Poeta, deixa ponderar a ambiciosa fadiga de minerar a terra, que lhes tem pervertido as cores”

15. C

O poema épico O Uruguai retrata o massacre indígena pelos indígenas, sugerindo que aqueles defendiam os direitos dos índios a fim de tomarem o poder e tornarem-se eles mesmos seus senhores. Portanto, Basílio da Gama adota perspectiva de valorização da cultura indígena, portanto não apresenta uma “visão europeia” sobre os indígenas.

16. A

O texto A aborda a temática do *carpe diem*, característica da obra de Tomás Antônio Gonzaga. Os textos B e D são de autoria de Gregório de Matos o que pode ser reconhecido pelas antíteses. O texto C é de Basílio da Gama, da obra *O Uruguai*.

17. E

Nas afirmações são citadas tanto características quanto obras importantes dos três poetas árcades.

Estudo para o Enem

18. E

O texto de Padre Antônio Vieira, que historicamente atuou na defesa dos escravos, concatena o sofrimento de Cristo crucificado e as condições de trabalho e maus tratos dirigidos aos escravos pelos senhores de engenho, durante o período colonial. Os excertos “A Paixão de Cristo parte foi de noite sem dormir, parte foi de dia sem descansar, e tais são as vossas noites e os vossos dias” e “Em um engenho sois imitadores de Cristo crucificado porque padeceis em um modo muito semelhante o que o mesmo Senhor padeceu na sua cruz e em toda a sua paixão”.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

19. E

O texto de Claudio Manuel Costa consta das principais do Arcadismo: o *fugere urbem*, o bucolismo e *locus amoenus*, presentes no retorno ao campo e vontade de tranquilidade presente no verso “Árvores aqui vi florescentes”. Contudo, a realidade se contrapõe, pois, o eu lírico relata ter encontrado um lugar diferente daquele guardado em sua memória.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

20. B

O poema cultiva o ideal da vida campestre, o *fugere urbem* e o *locus amoenus*, sendo que o eu lírico evoca a nostalgia da vida tranquila da Colônia em oposição a Metrôpole presente nos versos “Se o bem desta choupana pode tanto,/ Que chega a ter mais preço, e mais valia/ Que, da Cidade”.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

5 ROMANTISMO EM PORTUGAL E PRIMEIRO ROMANTISMO NO BRASIL

Comentários sobre o módulo

Apresentamos a estética romântica, partindo do contexto histórico de Revoluções Industrial e Francesa, e ascensão da burguesia para mostrar que as revoluções que transformaram os modos de vida e derrubaram o Antigo Regime influenciaram também o surgimento de uma nova estética, de um novo conceito de arte, baseado na originalidade e na individualidade do sujeito. Seguiu uma apresentação breve de importantes nomes do romantismo para, em seguida, mostrar as mudanças porque Portugal também passava e que compuseram solo fértil para o florescimento da arte romântica; apresentam-se ainda os principais autores e obras do Romantismo português: Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Camilo Castelo Branco e Júlio Dinis.

Apresentamos que apresenta a introdução e o desenvolvimento da estética romântica no Brasil, onde o contexto histórico de pós-independência engajou os autores num projeto de literatura nacional que elevou o índio à categoria de herói e buscou construir a partir dos modelos europeus uma identidade para o país recém-independente. O principal representante desse período é Gonçalves Dias, autor da famosa “Canção do Exílio”, além da importância de Gonçalves de Magalhães, cuja obra Suspiros poéticos e saudades traz no prefácio uma espécie de manifesto do Romantismo brasileiro.

Para ir além

AMORA, Antônio Soares. *O Romantismo: 1833/1838 – 1878-1881*. São Paulo: Cultrix, 1967.

FRANÇA, José-Augusto. *O Romantismo em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 1993.

GUINSBURG, Jaime (Org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2013. (Coleção Stylus, volume 3)

LOURENÇO, Eduardo. “Da literatura como interpretação de Portugal” IN: _____. *O labirinto da saudade*. Lisboa: Tinta da China, 2016.

REIS, Carlos; PIRES, Maria da Natividade (Orgs.). *História crítica da literatura portuguesa – O Romantismo*. Lisboa: Verbo Editorial, 2010.

SAFRANSKI, Rüdiger. *Romantismo, uma questão alemã*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012.

SARAIVA, Antônio José; LOPES, Óscar. *História da Literatura Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 2017.

WATT, Ian. *A ascensão do romance*. São Paulo: Companhia de Bolso, 2010.

BANDEIRA, Manuel. “Românticos” IN: _____. *Apresentação da poesia brasileira – seguida de uma antologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2009.

CANDIDO, Antonio. *O romantismo no Brasil*. São Paulo: Humanitas, 2013.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira – momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017. (Especialmente, na segunda parte, os capítulos 1, “O indivíduo e a pátria”; e 2, “Os primeiros românticos”)

CITELLI, Adilson. *Romantismo*. São Paulo: Ática, 2007. (Série Princípios)

COHN, Sergio (org.). *Poesia.br*. Rio de Janeiro: Azougue, 2012. (Livro 3 – Romantismo)

MACHADO, Ubiratan. *A vida literária no Brasil durante o Romantismo*. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2010.

MERQUIOR, João Guilherme. “O poema do lá” IN: _____. *Razão do poema*. São Paulo: É Realizações, 2013.

RICUPERO, Bernardo. *O Romantismo e a ideia de Nação o Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

SECCHIN, Antonio Carlos (Org.). *Romantismo*. São Paulo: Global, 2007. (Coleção Roteiro da Poesia Brasileira, 3)

SQUEFF, Letícia. *O Brasil nas letras de um pintor – Manuel de Araújo Porto Alegre (1806-1879)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2004.

Filmes

1808 – A corte no Brasil, reportagem em 12 episódios de Sandra Moreyra e Mônica Sanches (2007-2008)

Carlota Joaquina, princesa do Brasil, de Carla Camurati (1995)

Independência ou morte, de Carlos Coimbra (1972)

Sites

Página da Academia Brasileira de Letras com dados biobibliográficos de Gonçalves Dias. Disponível em:

<www.academia.org.br/academicos/goncalves-dias>

Acesso em: dez. 2018.

Página da Academia Brasileira de Letras com dados biobibliográficos de Gonçalves de Magalhães. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/academicos/goncalves-de-magalhaes>>

Acesso em: dez. 2018.

Exercícios propostos

- “Ouvi a notícia da tua próxima morte, e então compreendi que estou morrendo hora a hora.” A morte é tema romântico e está associada a um sentimentalismo exacerbado que, se não realizado, aproxima os amantes da morte, tal sentimentalismo é possível de se perceber também em: “Por que não merecemos nós o que tanta gente tem!”, quando a autora da carta questiona a infelicidade que se abate sobre os amantes. Além disso, a personagem busca a realização do sentimento em um plano espiritual, no pós-morte: “Vernos-emos num outro mundo, Simão? Terei eu merecido a Deus contemplante?”

8. B

O poema é nacionalista e idealiza a pátria da qual o poeta está saudoso. Seus versos emotivos revelam seu amor pela terra natal.

9. D

O Romantismo, ao contrário do que a alternativa coloca, é baseado na expressividade da alma do autor, na inspiração desse que, como criador, tem primazia sobre a obra.

10. A presença dos versos livres e brancos, além da proposição de interrogações sem a intenção argumentativa própria do arcadismo e do barroco, é uma marca da estética romântica no poema.

Professor, esse é um bom momento para retomar com os alunos o conceito de métrica e versificação. A “Canção do exílio” é composta basicamente por redondilhas maiores, conforme se vê na escansão de sua primeira estrofe. A chamada “medida velha” tinha origem popular, nas cantigas medievais; quando o Romantismo se volta para os sentimentos e temas populares, aplicando uma linguagem que também se aproxima do idioma corrente, seus autores, ao empregar a forma da redondilha, também remontam à tradição popular da poesia medieval.

Mi/nha/ te/rra/ tem/ pal/mei/ras,

On/de/ can/ta o/ Sa/bi/á;/

A/s a/ves/ que a/qui/ gor/jei/am,

Não/ gor/jei/am/ co/mo/lá./

11. a) O poema de Magalhães traz uma exaltação da natureza e a referência ao país como local dessa natureza exuberante; marca-se, assim, um traço da primeira geração romântica no Brasil, conhecida por seu nacionalismo.

b) Apesar de romântico, é possível verificar no poema traços marcantes do neoclassicismo, como a referência a entidades greco-latinas, como os “Amores”, “Orfeu” e “Lília”, além da forma do soneto, muito cultivada pelos árcades.

12. A

Embora a literatura romântica tenha ficado marcada por excessos no sentido da emoção e expressividade, Gonçalves Dias conserva equilíbrio na expressão; além disso, sua poesia é repleta de elementos nacionais como a referência à natureza e ao indígena.

13. A

O amor ideal e a vida regida por esse sentimento são marcas dos personagens românticos.

14. A

O sujeito romântico se encontra em conflito com as forças sociais vigentes e busca a evasão no tempo e no espaço. Além disso, a natureza reflete os sentimentos e conflitos desses sujeitos, ela passa a ter função expressiva no texto. Por fim, o romance é chamado de epopeia burguesa pela crítica literária. Esse conteúdo, aliado à liberdade formal pregada pelos românticos, distancia-os dos modelos clássicos vigentes há vários séculos.

15. B

Inspirado pelas revoluções e por algum instinto nacionalista nos países europeus, o Romantismo encontra solo fértil no Brasil recém-independente; os intelectuais valem-se do momento político para constituir uma literatura que fosse retrato da terra.

16. Levando em conta a construção que Gonçalves Dias faz do índio brasileiro, pode-se afirmar que Jorge de Lima não considera possível encontrar “Brasil no índio de Gonçalves Dias” porque o autor constrói essa personagem de modo romântico, idealizado, cujo caráter reproduzia os heróis medievais, falava a língua dos portugueses e seguia os valores dos cristãos

17. Gonçalves Dias coloca a natureza como elemento essencial dos sentimentos e das ideias que expressa na poesia. Além disso, a fusão entre “ideia” e “paixão” mostra a fuga do racionalismo exacerbado e uma valorização dos sentimentos. Outra característica que se pode notar é a fuga das convenções métricas, muito cultivadas pelos árcades.

Estudo para o Enem

18. B

A família e o casamento são um dos pilares da burguesia, de modo que nas ficções românticas há a defesa do casamento e a pureza sexual é uma das características presentes em grande parte das obras.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

19. A

O nacionalismo dos românticos brasileiros passa por uma idealização do indígena e pelo desenvolvimento da poética conhecida como “indianista”.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Reconhecer a presença de valores sociais e humanos atualizáveis e permanentes no patrimônio literário nacional.

20. D

A natureza deixa de ser meramente descritiva, conforme os preceitos árcades, e passa a confidente e espelho das emoções do eu lírico.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

6 SEGUNDO E TERCEIRO ROMANTISMO NO BRASIL

Comentários sobre o módulo

Apresentamos a segunda geração romântica brasileira, conhecida como geração ultrarromântica ou "mal do século"; caracterizada pelos excessos subjetivistas e marcada por influências europeias, sobretudo, do poeta inglês George Gordon Byron, o Lord Byron essa geração apresenta um gosto pelo soturno, pelo macabro e desenvolve notável escapismo, buscando saída para uma realidade que se mostra tediosa e opressora ao mesmo tempo. No Brasil, os principais nomes dessa geração foram Casimiro de Abreu, Fagundes Varela, Junqueira Freire e, principalmente, Álvares de Azevedo, autor de *Lira dos vinte anos*, *Noite na taverna* e *Macário*.

Apresentamos a terceira geração romântica brasileira, conhecida como geração "condoreira", nome associado ao condor – ave que atingindo pontos altos com seu voo consegue enxergar mais longe; diferente da geração anterior, mais egocêntrica, a geração condoreira se preocupará com questões sociais, escrevendo uma poesia combativa cuja inspiração vem do francês Victor Hugo, principal nome do romantismo na França. No Brasil, os autores Castro Alves e Sousândrade são inseridos nessa geração, embora seja maior o destaque de Castro Alves, conhecido como "poeta dos escravos" e autor do eloquente poema "O navio negreiro".

Para ir além

ANDRADE, Mário de. "Amor e medo." IN: _____. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.

CAMILO, Vagner. *Risos entre pares*. São Paulo: Edusp, 1997.

CANDIDO, Antonio. "A educação pela noite." IN: _____. *A educação pela noite*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

_____. "Cavalcada ambígua." IN: _____. *Na sala de aula* – caderno de análise literária. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2018.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira* – momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017. (Especialmente, na segunda parte, o capítulo 4, "Avatares do egotismo")

COHN, Sergio (org.). *Poesia.br*. Rio de Janeiro: Azougue, 2012. (Livro 3 – Romantismo)

CUNHA, Cilaine Alves. *O belo e o disforme* – Álvares de Azevedo e a ironia romântica. São Paulo: EDUSP, 1998.

TREECE, David. *Exilados, aliados, rebeldes* – o movimento indianista, a política indigenista e o Estado-nação imperial. São Paulo: Nankin/Edusp, 2008.

Drácula de Bram Stoker, de Francis Ford Coppola (1992)

Don Juan DeMarco, de Jeremy Leven (1994)

Página da Academia Brasileira de Letras com dados biobibliográficos de Álvares de Azevedo. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/academicos/alvares-de-azevedo>>

Acesso em: dez. 2018.

Página da Academia Brasileira de Letras com dados biobibliográficos de Casimiro de Abreu. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/academicos/casimiro-deabreu>>

Acesso em: dez. 2018.

Página da Academia Brasileira de Letras com dados biobibliográficos de Fagundes Varela. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/academicos/fagundesvarela>>

Acesso em: dez. 2018.

Página da Academia Brasileira de Letras com dados biobibliográficos de Junqueira Freire. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/academicos/junqueirafreire>>

Acesso em: dez. 2018.

ANDRADE, Mário de. "Castro Alves." IN: _____. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira* – momentos decisivos. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017. (Especialmente, na segunda parte, o capítulo 6, "A expansão do lirismo")

PEIXOTO, Afrânio. *Castro Alves* – o poema e o poeta. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1942. Obra disponível para *download* em:

<<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/112/castro-alves-o-poeta-e-o-poema>>

Acesso em: dez. 2018.

SILVA, Alberto da Costa e. *Castro Alves* – um poeta sempre jovem. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

Os miseráveis, minissérie europeia dirigida por Josée Dayan (2000)

Página da Academia Brasileira de Letras com dados biobibliográficos de Castro Alves. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/academicos/castro-alves/>>

Acesso em: dez. 2018.

Exercícios propostos

7. a) As antíteses apontadas no poema opõem dois planos cuja contradição marca a segunda geração romântica: a realidade e o sonho. A segunda geração enxerga na realidade o tédio e o desagrado, de modo que busca no sonho e no plano da idealização a fuga para seu mal-estar. Em Álvares de Azevedo, a oposição entre sonho e realidade pode ser vista nos versos "Era um anjo entre nuvens d'alvorada" e "Não te rias de mim, meu anjo lindo"; o substantivo "anjo", usado para caracterizar no primeiro verso e como vocativo no segundo mostram a oposição entre a idealização do sonho e a realidade em que a mulher se ri do eu lírico.

b) No poema de Álvares de Azevedo, encontra-se a idealização da mulher, encontrada sobretudo nos dois quartetos, em que o eu lírico descreve a beleza idílica da amada. Além disso, o amor impossível de ser

concretizado no plano do real também aparece nos dois tercetos quando, ao acordar, a mulher idealizada e inatingível ri do eu lírico, que afirma que morrerá sorrindo pela amada.

8. B

O poeta Castro Alves, autor de *Espumas flutuantes* e *Os escravos*, defendeu a abolição da escravidão e a proclamação da república. Suas obras carregam o tom eloquente com que ficou conhecido pela composição de “Navio negreiro”:

9. A

O conflito entre o mundo exterior e o interior dá vazão a este último, expresso pelo excesso de sentimentos do poeta romântico. Além disso, as instabilidades emocionais aparecem no jogo de opostos do qual se destaca *sonho* × *realidade*. Isso confirma as afirmativas I e III. Já na II, o poeta Gonçalves de Magalhães pertence à primeira geração romântica.

10. No texto I, a mulher é descrita de forma idealizada, com forma quase divina que “entre as nuvens do amor” dorme. Já no texto dois, a descrição da mulher é muito mais real, mostrando que a mulher dorme numa rede e descrevendo o modo como ali se encontra.

11. Ambos os poemas são românticos, embora o primeiro trecho, extraído da obra de Álvares de Azevedo, esteja filiado à segunda geração romântica, além de ser um poema característico de seu autor, que tem na mulher a figura idealizada com quem o sentimento só pode ser efetivado em sonho. O segundo excerto, de Castro Alves, traz uma concepção mais real da mulher; seu autor, pertencente à terceira geração romântica – ainda a ser estudada – combina elementos ultrarromânticos, como a noite e o sono, e elementos mais realistas, como a descrição sensual e mais objetiva da mulher que dorme.

12. E

O poeta declara o sentimento antigo (“embora o meu amor seja uma velha canção nos teus ouvidos”), mas afirma que não há exageros no sentimento (“não traz o exaspero das lágrimas nem a fascinação das promessas”).

13. B

O eu lírico do poema tematiza a evasão pela morte idealizando-a. Assim, relaciona-se com os temas centrais da chamada geração “mal do século”, cuja marca é a insatisfação com a vida e a valorização da morte como fuga à realidade.

14. A

O eu lírico cita suas inspirações, mas também questiona seu valor o tempo todo. A ironia e a autoironia são marcas dos poemas de *Lira dos vinte anos*, de Álvares de Azevedo.

15. B

Sousândrade previu que sua obra *O Guesa* só seria lida de fato 50 anos depois, e foi o que aconteceu uma vez que em sua época ela não foi compreendida e, com as vanguardas e o concretismo, nos anos 1960, foi recuperada e valorizada.

16. E

Joaquim de Sousa Andrade, poeta maranhense que assinava com o pseudônimo de Sousândrade, escreveu, entre outras obras *O Guesa*, grande poema narrativo que parte de uma lenda andina e reflete sobre grandes problemas de sua época, como a fatalidade do colonialismo europeu para os povos ameríndios e questões mais amplas como o capitalismo.

17. D

Ambos os poemas valorizam e idealizam o amor. Apesar de mais comedido, Vinicius de Moraes, em seu poema, consagra a ideia de um amor puro que, em Castro Alves, se realiza no sonho. Além de Vinicius, vários outros poetas do modernismo brasileiro vão apresentar relação intertextual com os autores de nosso Romantismo.

Estudo para o Enem

18. B

O nacionalismo de Casimiro de Abreu, presente no poema, estabelece clara relação com a “Canção do exílio”, de Gonçalves Dias. O poema de Casimiro de Abreu, contudo, ganha o tom saudosista que marca a produção do poeta da segunda geração.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

19. C

O tom eloquente, as frases interrogativas acompanhadas de frases exclamativas que expressam sentimentos são responsáveis pela identificação clara da função emotiva e da conativa nos excertos II e V.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

20.D

Ao aproximar metaforicamente o livro ao “germe” e à “chuva”; e, ao fazer o trem de ferro acordar o “tigre” e espantar “os caboclos nus”; o poeta relaciona as imagens do progresso e da técnica às sugestões da natureza e não vê qualquer incompatibilidade entre esses dois universos, que outros românticos concebiam antagônicos e inconciliáveis.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando

textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

7 ROMANCE ROMÂNTICO E REALISMO EM PORTUGAL

Comentários sobre o módulo

Apresentamos a prosa desenvolvida no Romantismo, estilo de grande destaque graças ao surgimento de uma forma nova, o romance; chamado pelos especialistas de epopeia burguesa, o romance ascende junto com uma nova ordem que se consolida a partir da derrubada do antigo regime – com as revoluções burguesas Francesa e Industrial. A nova forma literária ganha força e se consolida nos países ocidentais; no Brasil, o romance ganha público sem que ainda se tenha uma significativa produção nacional do gênero, graças à importação das obras, sobretudo francesas. Entre nós, foi cultivado por autores românticos como Joaquim Manuel de Macedo, Bernardo de Guimarães, Visconde de Taunay, Manuel Antônio de Almeida e, ainda, pela referência em romance romântico no Brasil, José de Alencar.

Foi apresentada a estética realista contextualizada na segunda metade do século XIX, sendo relacionada à Segunda Revolução Industrial e ao avanço de ideias científicas e filosóficas como o Positivismo. Em Portugal, o atraso socioeconômico em relação ao resto da Europa encontrou solo fértil para o desenvolvimento dos propósitos realistas que, encabeçados por um grupo de estudantes de Coimbra, estabeleceu uma polêmica literária conhecida como Questão Coimbrã e também propôs uma série de conferências com vistas a tratar do modelo realista de arte e propor caminhos sociais e culturais para a superação do atraso ibérico ante os outros países do continente. A arte realista foi bastante combativa e seus principais representantes foram Antero de Quental e Eça de Queirós, considerado este um dos grandes nomes da prosa em língua portuguesa.

Para ir além

ANDRADE, Mário de. “Memórias de um Sargento de Milícias”. IN: _____. *Aspectos da literatura brasileira*. São Paulo: Martins, 1974.

CANDIDO, Antonio. “Dialética da malandragem”. IN: _____. *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2015.

_____. *Formação da Literatura Brasileira – momentos decisivos*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017. (Especialmente, na segunda parte, os capítulos 3, “O aparecimento da ficção”; 5, “O triunfo do romance”; e 7, “A corte e a província”)

MARCO, Valéria de. *O império da cortesã – Lucíola: um perfil de Alencar*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

_____. *A perda das ilusões – o romance histórico de José de Alencar*. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

PONTIERI, Regina. *A voragem do olhar*. São Paulo: Perspectiva, 1988.

SANT’ANNA, Afonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. São Paulo: Editora da UNESP, 2012.

SCHWARZ, Roberto. *Ao vencedor as batatas: forma literária e processo social nos inícios do romance brasileiro*. São Paulo: Editora 34, 2012.

A dama das camélias, de George Cukor (1936)

A moreninha, de Glauco Mirko Laurelli (1977)

Inocência, de Walter Lima Jr. (1983)

Iracema, a virgem dos lábios de mel, de Carlos Coimbra (1979)

Lucíola, o anjo pecador, de Alfredo Sternheim (1975)

O guarani, de Norma Bengell (1996)

Página da Academia Brasileira de Letras com dados biobibliográficos de Bernardo Guimarães. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/academicos/bernardo-guimaraes>>

Acesso em: dez. 2018.

Página da Academia Brasileira de Letras com dados biobibliográficos de Joaquim Manuel de Macedo. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/academicos/joaquim-manuel-de-macedo>>

Acesso em: dez. 2018.

Página da Academia Brasileira de Letras com dados biobibliográficos de José de Alencar. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/academicos/jose-de-alencar>>

Acesso em: dez. 2018.

Página da Academia Brasileira de Letras com dados biobibliográficos de Manuel Antônio de Almeida. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/academicos/manuel-antonio-de-almeida>>

Acesso em: dez. 2018.

Página da Academia Brasileira de Letras com dados biobibliográficos de Visconde de Taunay. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/academicos/visconde-de-taunay>>

Acesso em: dez. 2018.

Resenha em vídeo de *Iracema*. Disponível em:

<<https://www.bbm.usp.br/taxonomy/term/55>>

Acesso em: dez. 2018.

CANDIDO, Antonio. Entre campo e cidade. In: _____. *Tese e antítese*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

MOISÉS, Massaud (Org.). *Presença da literatura portuguesa – Romantismo-Realismo*. Rio de Janeiro: Difel, 2006.

PACHECO, João. *O realismo – 1870-1900*. São Paulo: Cultrix, 1963.

RIBEIRO, Maria Aparecida. (Org.). *História crítica da literatura portuguesa* – Realismo e Naturalismo. Lisboa: Verbo Editorial, 1999.

Anna Karenina, de Clarence Brown (1935)

Anna Karenina, de Joe Wright (2012)

Madame Bovary, de Jean Renoir (1934)

Madame Bovary, de Claude Chabrol (1991)

O crime do padre Amaro, de Carlos Carrera (2002)

O primo Basílio, adaptação televisiva de Gilberto Braga dirigida por Daniel Filho para o romance homônimo de Eça de Queirós (seriado de 1988)

Os Maias, adaptação televisiva de Maria Adelaide Amaral dirigida por Luís Fernando Carvalho para o romance homônimo de Eça de Queirós (seriado de 2001)

Página especial da Biblioteca Nacional de Portugal sobre Eça de Queirós. Disponível em:

<<http://purl.pt/93/1/>>

Acesso em: dez. 2018

Resenha em vídeo de *A cidade e as serras*. Disponível em:

<www.bbm.usp.br/taxonomy/term/51>

Acesso em: dez. 2018.

Exercícios propostos

7. a) No texto 1, há idealização do sentimento amoroso e da mulher amada, além de valorização da fantasia e da imaginação; desse modo, o amor tem poder sobre as personagens. Já no texto 2, o tema ganha tom crítico e irônico, apontando o desencanto e o desencontro entre as personagens.

b) 1o movimento: do verso 1 ao verso 3; 2o movimento: do verso 4 ao verso 7.

8. D

O grande público consumidor de prosa romântica era formado por mulheres e estudantes; além disso, o romance se populariza no formato de folhetim e passa a ser produzido para o consumo – de jornais e posteriormente dos próprios romances.

9. D

A classe intermediária retratada no romance de Almeida procura se valer das mais diversas artimanhas para sobreviver e ganhar dinheiro, uma vez que não pertencem às classes mais abastadas da sociedade carioca ali retratada.

10. Tendo em vista que o Realismo explora substancialmente a questão do ser humano, concebido como alguém passível de falhas, de fracassos, o que se nota é um esforço no sentido de tratar os temas

de forma objetiva, concedendo ao leitor a possibilidade de interpretação, de elaboração das próprias conclusões que se atribui mediante os fatos ocorridos, diferentemente do Romantismo, em que uma interpretação subjetiva das questões era oferecida ao leitor.

11. Em *O fim do dia de trabalho*, Jules Breton, em consonância com as ideias realistas, retrata uma cena do cotidiano dos trabalhadores que, no horário de fim do expediente, caminham aparentemente deixando o local de trabalho. Esse retrato do cotidiano real e não idealizado de classes sociais menos favorecidas, como os camponeses, aproxima-se da proposta realista.

12. D

Todas as alternativas apresentam informações corretas acerca do romance, exceto a que afirma a originalidade e a sagacidade do Conselheiro Acácio. Na obra, essa personagem é representada justamente por sua mediocridade intelectual e sua convencionalidade conveniente.

13. A

As personagens do romance urbano *Senhora*, apesar de idealizadas pelo tom romântico da obra, demonstram o jogo de interesses que marca as relações sociais nas altas classes cariocas do século XIX.

14. E

Uma das características do romance de Manuel Antônio de Almeida é a descrição de costumes da sociedade do Rio de Janeiro no início do século XIX. Para ajudar a compor seu retrato, o autor se vale de descrições de hábitos e tipos populares, conforme a alternativa E.

15. E

O romance de Almeida foge às convenções românticas ao privilegiar os tipos populares e deixar de lado idealizações próprias do período. Além disso, a personagem protagonista aproxima-se do que se classifica como anti-herói.

16. C

O conservadorismo se percebe na intenção justificadora que se atribui à natureza, contemplada pelas personagens. Contudo, há ironia com que o diálogo se desenvolve na medida em que Zé Fernandes fala sobre o que é preciso ter para se aceitar bem a condição a que é imposta pela natureza, qual seja, a vida monástica ou a riqueza sem preocupação direta com o trabalho.

17. *O primo Basílio*, *Os Maias* e *O crime do padre Amaro* analisam a pequena e média burguesias de Lisboa, bem como as influências do clero.

Estudo para o Enem

18. B

O Romantismo literário, no Brasil, se manifesta de diferentes formas e reúne sob seu julgo autores os mais diversos. O *Memórias de um sargento de milícias*, embora muitas vezes seja considerada obra de antecipação do Realismo, se localiza historicamente dentro desse movimento literário e, a seu modo, constrói uma história que reúne elementos muito comuns no Romantismo, ao mesmo tempo que inova com outros aspectos.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

19. D

Embora seja considerado por alguns críticos um romance picaresco, não se pode afirmar que o herói principal e suas ações estão plenamente identificados com o ideário romântico; ao contrário, o romance afasta-se desse ideário, criando uma espécie de anti-herói.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

20. E

Ao descrever o cômico Dias, além do óbvio tom descritivo, nota-se uma abordagem bastante crítica e uma linguagem quase violenta que denotam, ainda, o sentido anticlerical de uma obra como *O crime do padre Amaro*; mas esses aspectos não se restringem somente a essa obra, estão presentes na literatura de Eça como um todo.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

MATERIAL DE USO EDUCACIONAL
SISTEMA DE ENSINO

8 REALISMO NO BRASIL E NATURALISMO

Comentários sobre o módulo

Apresentamos o Realismo e seu desenvolvimento no Brasil a partir do contexto histórico encontrado no país, a saber: as diversas leis que gradativamente foram minando o sistema escravista, até a assinatura da Lei Áurea, em 1888, bem como a proclamação da República, em 1889. A efervescência política abre espaço para análise social da realidade brasileira a partir de modelos franceses e portugueses. Adolfo Caminha é um dos autores que, situado entre o realismo e o naturalismo, tem obra que trata de temas caros à época como o preconceito racial, além de um olhar bastante determinista, inspirado pelos preceitos filosóficos em voga, então. Ainda aqui se apresenta a obra do maior romancista brasileiro e um dos grandes nomes da literatura mundial: Machado de Assis, cuja obra tem qualidades únicas às quais a crítica literária se refere como “estilo machadiano” e que compõem um dos patrimônios literários mais importantes em língua portuguesa.

Apresentamos o Naturalismo como uma proposição estética de caráter cientificista que, com o Realismo, se desenvolveu ao longo da segunda metade do século XIX. Tem características específicas como o olhar para o coletivo, para as classes mais baixas e o olhar científico, inspirado por Émile Zola, com a construção de romances experimentais, através dos quais se analisaria objetivamente a realidade social e se poderiam defender teses acerca do que era observado. No Brasil, Aluísio Azevedo é figura central no Naturalismo, e sua obra *O cortiço* é construída nos moldes naturalistas; outro nome que figura entre o Realismo e o Naturalismo é Raul Pompeia, autor de *O Ateneu*.

Para ir além

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis – o enigma do olhar*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

_____. *Brás Cubas em três versões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CALDWELL, Helen. *O Otelo brasileiro de Machado de Assis: um estudo de Dom Casmurro*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

FAORO, Raymundo. *Machado de Assis – a pirâmide e o trapézio*. São Paulo: Globo, 2001. É possível ler a edição de 1974 na íntegra em

<<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/414/machado-de-assis-a-piramide-e-o-trapezio>>.

GLEDSOON, John. *Machado de Assis: ficção e história*. 2ª. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2003.

_____. *Machado de Assis: impostura e realismo – uma reinterpretação de Dom Casmurro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

_____. *Por um novo Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Machado de Assis – estudo crítico e biográfico*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1936. É possível ler esta edição do livro na íntegra em

<<http://www.brasiliana.com.br/brasiliana/colecao/obras/208/machado-de-assis-estudo-critico-e-biografico>>.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção (1870-1920)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1950.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. São Paulo: Editora da UNESP, 2012.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Editora 34, 2012.

_____. *Duas Meninas*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.

TEIXEIRA, Ivan. *Apresentação de Machado de Assis*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Todos baseados em obras de Machado de Assis:

A causa secreta, de Sergio Bianchi (1994)

Brás Cubas, de Júlio Bressane (1985)

Capitu, de Paulo César Saraceni (1969)

Memórias póstumas, de André Klotzel (2001)

Quanto vale ou é por quilo?, de Sergio Bianchi (2005)

Página da Academia Brasileira de Letras com dados biobibliográficos de Machado de Assis e muitos outros conteúdos, como iconografia, vídeos de eventos sobre o autor. Disponível em:

<<http://www.academia.org.br/academicos/machado-de-assis/>>

Acesso em: dez. 2018.

Página do Ministério da Educação com, entre outros conteúdos, a obra completa de Machado de Assis para download. Disponível em:

<<http://machado.mec.gov.br/>>

Acesso em: dez. 2018.

Site da revista eletrônica Machado de Assis em linha, especializada em estudos sobre o autor. Disponível em:

<<http://machadodeassis.fflch.usp.br/>>

Acesso em: dez. 2018.

Resenha em vídeo de Memórias póstumas de Brás Cubas. Disponível em:

<<https://www.bbm.usp.br/taxonomy/term/56>>

Acesso em: dez. 2018

BOSI, Alfredo. *O Ateneu, opacidade e destruição*. in: _____. *Céu, inferno*. São Paulo: Editora 34, 2010.

CANDIDO, Antonio. De cotiço a cortiço. in: _____. *O discurso e a cidade*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2015.

GUINSBURG, Jaime; FARIA, João Roberto. (Orgs.). *O Naturalismo*. São Paulo: Perspectiva, 2016. (Coleção Stylus, volume 14)

MÉRIAN, Jean-Yves. *Aluísio Azevedo (1857-1913) – o verdadeiro Brasil do século XIX*. Rio de Janeiro/Brasília: Espaço e Tempo/INL, 1988.

PERRONE-MOISÉS, Leyla (Org.). *O Ateneu: retórica e paixão*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

SANT'ANNA, Afonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. São Paulo: Editora da Unesp, 2012.

SODRÉ, Nelson Werneck. *O Naturalismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965.

SÜSSEKIND, Flora. *Tal Brasil, qual romance?* Rio de Janeiro: Achiamé, 1984.

ZOLA, Émile. *O romance experimental e o Naturalismo no teatro*. Tradução de Ítalo Caroni e Célia Berrettini. São Paulo: Perspectiva, 1982.

A vida de Émile Zola, de William Dieterle (1937)

Germinal, de Claude Berri (1993)

Naná, de Dorothy Arzner e George Fitzmaurice (1934)

Naná, de Jean Renoir (1926)

O cortiço, de Francisco Ramalho Jr. (1978)

Thérèse Raquin, de Marcel Carné (1953)

Página da Academia Brasileira de Letras com dados bibliográficos de Aluísio Azevedo. Disponível em:

<www.academia.org.br/academicos/aluísio-azevedo>

Acesso em: dez. 2018.

Página da Academia Brasileira de Letras com dados bibliográficos de Aluísio Azevedo. Disponível em:

<www.academia.org.br/academicos/raul-pompeia>

Acesso em: dez. 2018.

Resenha em vídeo de *O cortiço*. Disponível em:

<www.bbm.usp.br/taxonomy/term/49>

Acesso em: dez. 2018.

Exercícios propostos

7. a) O primeiro ímpeto de Bentinho, na ocasião, foi tomar a xícara de café com veneno, pondo fim à própria vida.

b) Seu impulso criminoso, num segundo momento, foi o de dar a beber a seu filho a xícara de café envenenado, o que seria o assassinato de Ezequiel.

c) O racionalismo irônico de Bento o impede de tomar atitudes extremas. Portanto, limita-se à redação do livro como forma de purgar o sentimento de mágoa que tem por Capitu e pelo amigo Escobar. Nesse sentido, a cena contida

no fragmento compõe a motivação central das memórias de Bento Santiago.

8. C

Na medida em que descrevem cenários e personagens (com mais ou menos profundidade neste ou naquele), tanto Machado quanto Eça afastam-se das idealizações românticas e tem um olhar crítico para a sociedade de sua época.

9. D

A personagem de Capitu é fundamental para o romance. No entanto, a forma como o narrador Bento Santiago organiza sua história, sobretudo na relação com os capítulos, trazem elementos fundamentais para a compreensão da obra.

10. a) Ambas as personagens têm origem mestiça, são pobres e objetos sexuais, pertencendo à base da pirâmide social, constituída no romance pela grande massa de brasileiros (mestiços, negros alforriados, brancos pobres) explorados por portugueses como João Romão e Miranda, que vieram “fazer dinheiro” no Brasil; além disso, as duas estabelecem relações com homens portugueses, Bertoleza com João Romão e Rita com Jerônimo.

b) O romance, em linhas gerais, apresenta duas categorias de portugueses: os que sucumbem ao meio e, desse modo, fracassam, e os que vencem o meio e prosperam. A partir dessa perspectiva, o primeiro excerto narra o infortúnio/fracasso do português Jerônimo, honesto e pai zeloso, mas que se deixara levar pelas pressões/tentações do meio; enquanto o segundo excerto narra o “sucesso” do ambicioso vendeiro João Romão, que, vencendo o meio, enriquece e ascende socialmente através do oportunismo e da exploração, sobretudo da crioula Bertoleza. Trata-se, assim, de duas trajetórias opostas do ponto de vida da ascensão social.

11. a) O trecho destaca o determinismo, segundo o qual o homem é fruto do meio, da raça e do momento histórico. Isso leva a uma concepção racista e, no trecho, pressupõe uma incorporação, pela mestiça (Rita Baiana), dessa forma de ideologia.

b) “Cedendo às imposições mesológicas” revela outro aspecto da estética naturalista, pela qual o homem cede às imposições do meio. Jerônimo abraçava-se, isto é, deixa-se levar pelo ambiente em que vive.

12. E

Eulália representaria apenas uma necessidade de Brás de ter filhos e se casar. Como ela morre de uma epidemia, Brás afirma ter se despedido dela com tristeza, mas ao mesmo tempo sem lágrimas, ou seja, não se pode afirmar que tenha

sido o momento mais triste de sua vida. Além disso, na conclusão do romance, Brás revela-se frio e racionalista, o que não lhe permite que se compadeça da morte de ninguém.

13. B

Brás Cubas não hesita em dizer que suas opiniões não tinham profundidade alguma, e inclusive atribui a origem delas a uma terceira pessoa, tão sem opiniões quanto ele.

14. C

O relato memorialista do narrador em primeira pessoa expõe os problemas do renomado colégio Ateneu, parte deles representada pela figura de seu diretor, Aristarco, em quem se concentram características negativas e caricaturais, como a retórica esvaziada e a hipocrisia.

15. D

A ordem mostra que a descrição de João Romão, no primeiro trecho, contém crítica ao capitalismo selvagem. No segundo trecho, a força do sexo é apresentada pela descrição viva da personagem comparada a determinados aspectos da natureza. Já no terceiro trecho, encontra-se uma descrição relativamente minuciosa de um tipo, com muitos detalhes.

16. D

O aprofundamento psicológico dos personagens foi mais explorado pela escola realista. No Naturalismo, a preocupação maior estava em explicar questões sociais e biológicas dos personagens por meio do determinismo.

17. O cortiço é um romance de tese em que se procura provar que as doutrinas filosóficas do século XIX são verdadeiras em relação à sociedade em que se vive: o homem é produto da raça (genética), do momento (circunstância histórica) e do meio (ambiente) em que vive.

Estudo para o Enem

18. A

O trecho retirado de *O cortiço* apresenta a zoomorfização e um comportamento que se aproxima dos instintos animais dos seres humanos, até mesmo pelo tom sexual da cena; todos

esses aspectos filiam o trecho e o romance a que pertence ao Naturalismo.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

19. D

A descrição das batidas do relógio demonstra a preocupação com o tempo e sua materialização, redirecionando bruscamente o comportamento idealista e sonhador de Brás Cubas, que se penaliza e sofre com o passar das horas e instantes a menos de vida e, conseqüentemente, de amor.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Relacionar informações sobre concepções artísticas e procedimentos de construção do texto literário.

20. A

A vinda da família real portuguesa ao Brasil em decorrência da invasão napoleônica na península Ibérica marca decisivamente as obras citadas.

Competência: Analisar, interpretar e aplicar recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações, de acordo com as condições de produção e recepção.

Habilidade: Estabelecer relações entre o texto literário e o momento de sua produção, situando aspectos do contexto histórico, social e político.

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO

MATERIAL DE USO EXCLUSIVO
SISTEMA DE ENSINO DOM BOSCO



Pearson

PRÉ-VESTIBULAR
SEMIEXTENSIVO

1



www.dombosco.com.br



701625363